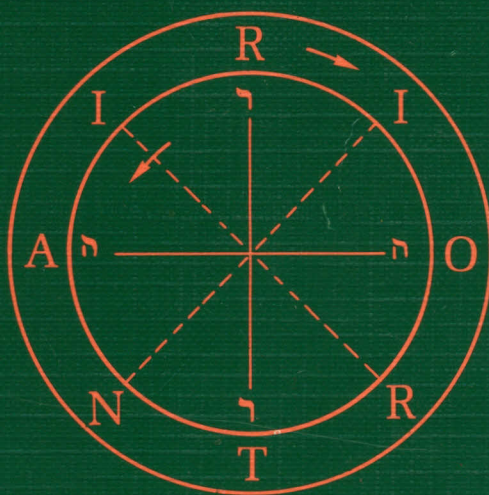


G. O. MEBES

OS
ARCANOS MAIORES
DO TARÔ



Seu simbolismo, suas iniciações e seus passos
para a realização espiritual.

PENSAMENTO

G. O. MEBES

OS ARCANOS MAIORES DO TARÔ

Curso de Enciclopédia do Ocultismo

Tradução do original russo
de
Marta Pécher



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

ÍNDICE

Introdução	5
Prefácio do livro Russo	7
Lâmina e Arcano I	13
Lâmina e Arcano II	21
Lâmina e Arcano III	33
Lâmina e Arcano IV	42
Lâmina e Arcano V	61
Lâmina e Arcano VI	99
Lâmina e Arcano VII	109
Lâmina e Arcano VIII	130
Lâmina e Arcano IX	141
Lâmina e Arcano X	157
Lâmina e Arcano XI	219
Lâmina e Arcano XII	247
Lâmina e Arcano XIII	261
Lâmina e Arcano XIV	281
Lâmina e Arcano XV	285
Lâmina e Arcano XVI	317
Lâmina e Arcano XVII	329
Lâmina e Arcano XVIII	337
Lâmina e Arcano XIX	351
Lâmina e Arcano XX	363
Lâmina e Arcano XXI	368
Lâmina e Arcano XXII	376
Vantagens adquiridas pelo domínio dos Arcanos	382
Anexo	387

INTRODUÇÃO

Uma amiga me trouxe, um dia, um velho livro russo, intitulado "Enciclopédia do Ocultismo" e editado em Shanghai, na China, em 1937, pelo Centro Russo de Ocultismo. Interessada nos assuntos espiritualistas, ela o comprara por acaso.

A obra continha os ensinamentos de um misterioso "Mestre", sem revelar o nome do autor ou dar outras informações a seu respeito.

Lido o livro, achei-o extremamente interessante e fiquei impressionada pela autoridade que emanava das palavras do "Mestre". Não era a "certeza nascida da ignorância", tão freqüente nos escritos e palestras espiritualistas, mas parecia ser bem o resultado da experiência própria e do profundo saber.

Receando que o texto, tão valioso, possa perder-se pela destruição do livro, já em mau estado, comecei imediatamente o trabalho de sua tradução, procurando, ao mesmo tempo, descobrir quem seria o misterioso "Mestre".

Depois de muita busca, consegui entrar em contato com pessoas ligadas, por laços de amizade ou mesmo de família, com os antigos discípulos do "Mestre", e até trocar correspondência com um de seus discípulos diretos, vivendo então no Chile, e hoje já falecido.

A obra apresenta a transcrição de uma série de aulas ministradas nos anos 1911-12, em São Petersburgo (naquele tempo capital da Rússia) por G. O. Mebes, mais conhecido como "GOM".

Mebes, professor de matemática e de francês em dois dos melhores liceus da capital, era também chefe da Maçonaria, do Martinismo e da Rosacruz da Rússia, bem como fundador e dirigente da Escola Iniciática do Esoterismo Ocidental. Em 1912, Mebes autorizou os alunos a publicar uma parte de suas aulas, principalmente para o uso da Escola. O livro apareceu numa edição muito limitada, tendo se esgotado rapidamente.

Após a revolução russa, quando as autoridades começaram a perseguir todo movimento religioso, a atividade espiritualista de Mebes tornou-se clandestina mas continuou até 1926, ano em que foi preso e deportado a um "gulag", nas ilhas do Mar Branco. Faleceu poucos anos depois.

Alguns livros, no entanto, foram salvos e levados para além das fronteiras russas. Considerado já como obra clássica do ocultismo, o livro foi reeditado na China, em poucos exemplares ainda. Um destes chegou ao Brasil e, após o falecimento do seu detentor, foi vendido.

O título original russo "Enciclopédia do Ocultismo" poderá surpreender, todavia ele se explica pelo fato que os 22 Arcanos Maiores do Tarô encerram a gama total do ocultismo. Toda e qualquer manifestação no mundo por nós habitado apresenta uma faceta de um destes 22 Arcanos. Os mesmos abrangem a totalidade da vida da nossa Humanidade atual, decaída. Somente pelo nosso próprio esforço podemos ultrapassar esse círculo limitador e entrar no campo dos Arcanos Menores*, regentes da Humanidade primordial, não decaída.



A todos que colaboraram na publicação deste livro e, especialmente, a Fanny Ligeti, Simone Deceuninck, Maria Luíza de Andrade Simões, Dr. Sandor Pethö e José António Arantes meus mais sinceros agradecimentos.

A tradutora
Marta Pécher

* Os ensinamentos oriundos da mesma Escola, porém tratando dos Arcanos Menores, foram editados em São Paulo, em fins de 1978, sob o título: "As Grandes Iniciações segundo os Arcanos Menores do Tarô".

PREFÁCIO DO LIVRO RUSSO

Este livro é apenas um esboço do panorama da imensa sabedoria que vimos se desenrolar diante de nós durante as noites a nós consagradas pelo Mestre.

Transmitimos a **ESSÊNCIA** das lições correta e exatamente; todavia, foi preciso abreviar bastante a exposição oral e viva, como também suprimir os exemplos fornecidos pela vida e que ilustraram, de modo claro e sutil, os ensinamentos e idéias expostas. Portanto, é necessário meditar sobre o texto para poder usufruir tudo aquilo que foi dado pronto durante as aulas.

Transmitimos também todas as indicações elementares sobre o modo de proceder, para que o estudante possa desenvolver em si mesmo a intuição e o poder de realização.

Aquele que estudar esta Enciclopédia, aplicando a si próprio as diretrizes nela contidas, poderá sem temor lidar com os ramos **ESPECIAIS** de cada um dos três graus da Iniciação do Ocultismo, os quais, de modo breve, podem ser chamados ciclos **CABALÍSTICO**, **MÁGICO** e **HERMÉTICO**.

É possível que, na medida em que não se oponha isso à obrigação de manter o segredo por parte dos iniciados, possamos no futuro editar esses cursos iniciáticos especiais. No momento, a comunicação dessas informações seria prematura e mesmo prejudicial.

De acordo com a tradição, os sacerdotes de Memphis, prevendo a queda da civilização egípcia, ocultaram seus conhecimentos sob a forma de um baralho que, hoje em dia, é conhecido pelo nome de Tarô e o legaram aos profanos, sabendo que, devido ao hábito do jogo, tais conhecimentos chegariam à posteridade.

Na existência de um homem inteligente dois fatores possuem importância primordial: o grau de CONSCIÊNCIA DA VIDA e o grau de PODER DE REALIZAÇÃO. A aspiração, à assim chamada "INICIAÇÃO" é, na sua essência, a busca de um ou outro destes elementos e, mais freqüentemente, dos dois.

A iniciação está baseada no domínio dos ARCANOS ou MISTÉRIOS. Aqui convém explicar a diferença de significado dos três termos: "Secretum", "Arcanum" e "Mysterium".

SECRETUM é aquilo que alguns seres humanos, seguindo uma fantasia ou motivo da vida cotidiana, decidiram esconder dos outros.

ARCANUM é um mistério cujo conhecimento é indispensável para compreender um grupo determinado de fatos, leis ou princípios. Sem o conhecimento do "Arcanum", nada pode ser feito no momento que surge a necessidade de tal compreensão. "Arcanum" é um mistério acessível a uma inteligência suficientemente diligente nessa esfera. No seu sentido amplo, o termo "Arcanum" inclui toda a ciência teórica, referente a qualquer atividade prática em determinado campo.

MYSTERIUM é todo um sistema harmonioso de arcanos e segredos, sintetizado por uma determinada escola e constituindo a base de sua cosmovisão e o critério de sua atividade.

Hoje é importante para nós o termo ARCANUM.

Um arcano pode ser expresso oralmente, mediante a escrita de uma linguagem comum, ou ainda, *simbolizado*. Os antigos centros iniciáticos utilizavam a terceira forma de transmissão, isto é, a simbólica.

Podemos distinguir três tipos de simbolismo:

1. O simbolismo das *cores*, utilizado principalmente na iniciação da *raça negra*.
2. O simbolismo dos *quadros e figuras geométricas*, constituindo o acervo da *raça vermelha*.
3. O simbolismo dos *números*, característico da *raça branca*.

A nós chegou o grandioso monumento do simbolismo das escolas egípcias em que os três tipos de apresentações simbólicas se juntam em um *baralho*, mais conhecido como "TARÔ DOS BOÊMIOS" e composto de 78 cartas *coloridas*. Estas cartas representam os chamados ARCANOS. Constan de 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores.

A cada carta, de um ou outro modo, corresponde um valor numérico. De acordo com a tradição, essas figuras eram colocadas nas paredes de galerias subterrâneas, onde o neófito penetrava após ter passado por uma série completa de provas. O Tarô é considerado um esquema da cosmovisão dos Iniciados da antigüidade.

É certo que cada povo tem sua própria visão do mundo expressa pelo seu idioma. Se ele faz uso da escrita, os elementos da linguagem são também apresentados no *alfabeto*.

Conseqüentemente, o Tarô pode ser considerado como um *alfabeto iniciático*. As cartas-lâminas representam as letras desse alfabeto. Os detalhes das lâminas e os matizes de suas cores, constituem comentários complementares a essas letras.

Os 22 Arcanos Maiores correspondem aos 22 hieróglifos do alfabeto hebraico. A cada letra desse alfabeto é atribuído um valor numérico definido e é nessa ordem numérica que vamos analisar os Arcanos, tendo em mente a divisa da raça branca: "Tudo por número, medida e peso".

LÂMINA I

FUNDO: Turbilhões de cor azul-lilás, mais condensados na parte inferior.

No primeiro plano, uma mesa em forma de cubo de brancura ofuscante, apresenta de frente uma de suas faces. Sobre essa mesa, no primeiro plano, uma moeda; logo atrás, uma espada, cujo cabo em forma de cruz, acha-se à direita. A lâmina da espada tem uma acanaladura pelo meio. Ainda na mesa, à direita, há um cálice de cristal com pé reto.

Atrás do cubo acha-se uma figura masculina, de pé, materializada dos turbilhões do fundo. Ao redor da figura, como passagem para o fundo, uma aura luminosa. A parte inferior do corpo está oculta pela mesa, mais ou menos até os quadris. Acima da cabeça, uma radiação em branco e ouro forma o símbolo do infinito. A testa é cingida por uma fita de ouro. Dessa fita, e somente atrás, desce um tecido branco que cobre a nuca, mas deixando à mostra as orelhas. A parte visível do corpo está desnuda, apenas com um cinto de ouro e franjas brancas. O rosto e o talhe possuem as características dos sete planetas sem que haja predominância de qualquer um deles. O olhar dirige-se para a frente. O braço esquerdo do homem está levantado e empunha uma vara de nogueira, onde ainda se vêem os vestígios de quatro galhos cortados. Seu braço direito cai mansamente; os dedos da mão pairam por cima da mesa.

O quadro, no seu conjunto, dá uma impressão profundamente real, embora não concretizada demasiadamente.

NOTA: As lâminas, em geral, apresentam o reflexo da realidade, tal como aparece num espelho; portanto, p. ex. o braço direito da figura é, efetivamente, seu braço esquerdo. As descrições, neste sentido, sempre se referem à figura da imagem.

ARCANO I —  — ALEPH

Dirigindo nossa atenção para a construção do símbolo Aleph, vemos nela uma alusão à trindade, apresentada na forma de duas partes, ligadas por uma terceira.

A lâmina correspondente do Tarô representa um homem de pé, cujo braço esquerdo erguido empunha uma vara. O seu braço direito está abaixado e a mão aponta para a terra. Em linhas gerais, a imagem lembra o próprio símbolo Aleph. Acima da cabeça do homem vemos o signo do infinito. Uma fita de ouro cinge a cabeça e um cinto, também de ouro, a cintura. Na sua frente, uma mesa em forma de cubo e nela se acham três objetos: um cálice, uma espada e uma moeda. Deste modo, além da indicação da triplicidade (o próprio corpo do homem neutraliza os dois braços orientados em direções opostas), a lâmina nos mostra quatro objetos misteriosos. Vamos, em primeiro lugar, estudar a posição oposta dos braços:

Em todos os campos de conhecimento encontram-se *binários*, ou seja, o conjunto de duas polaridades opostas. Os metafísicos falam de essência e substância — dois objetivos a serem estudados — opondo-se um ao outro. A ciência fala dos princípios, opondo-se aos fatos. Um outro exemplo de binário freqüentemente mencionado é o espírito-matéria. Na vida diária encontramos os binários:

vida — morte
 consciência — poder de realização
 bem — mal

Os campos mais especializados da ciência nos oferecem vários binários, tais como: luz-sombra, calor-frio, etc.

Nos assuntos especializados, na maioria dos casos, é fácil achar a *neutralização dos binários*, ou seja, o *terceiro termo*, o *médio*, que constitui a passagem de um dos elementos extremos ao outro, estabelecendo assim uma escala tríplice, formada por três graus da mesma manifestação. Conseqüentemente, os *dois*, por meio do *terceiro se unem numa unidade*. Entre a luz e a sombra se coloca a penumbra, obtendo-se assim graus de iluminação ou, se preferirem,

graus de escurecimento. Entre o calor e o frio, existem as temperaturas intermediárias. Entre uma classificação alta e outra baixa, temos a média. Entre as correntes positiva e negativa — o estado neutro. O antagonismo sexual: marido — mulher, neutraliza-se pelo nascimento da criança e os *três elementos se unem formando um só*: a família. E assim por diante.

Notemos que o termo médio possui o que podemos chamar de construção dual, ou seja, características semelhantes aos dois termos extremos.

Nem todos os binários, porém, podem ser facilmente neutralizados. Podemos neutralizar satisfatoriamente o binário essência-substância pelo termo NATUREZA. Mas, não será fácil neutralizar os binários:

espírito	—	matéria
vida	—	morte
bem	—	mal

ou mesmo o nosso binário:

consciência	—	poder realizador
-------------	---	------------------

Definiremos o termo INICIAÇÃO como sendo o poder de neutralizar os dois últimos binários mencionados. Esta ciência fazia parte dos antigos *Grandes Mistérios*.

Os *Pequenos Mistérios* abarcavam um conjunto de conhecimentos que se integravam no que, hoje em dia, chamamos de instrução geral.

A neutralização do binário *espírito-matéria* é objeto da *Iniciação Teórica*. Os *três grandes binários* restantes — da *Iniciação Prática*.

Passemos agora às idéias gerais referentes à escala unitária em forma de três degraus. Notemos o princípio hierárquico que rege a construção do escalamento ternário. O degrau superior, sendo da mais alta hierarquia, mas *idêntico em essência* aos outros degraus é como se fosse simplesmente refletido nesses degraus, porém gradualmente diminuído de intensidade. Deduz-se que o poder subalterno distingue-se do poder superior apenas pela amplitude e intensidade de competência, e não pelo caráter da mesma. Conseqüentemente, um chefe comum de alguns subalternos, responsáveis por tarefas diferentes, deve possuir em si a síntese das competências dessas diversas especializações. Notemos também a idéia de continuidade da passagem entre um e outro degrau. Marcamos apenas três, mas, na maioria dos exemplos citados, a passagem de um degrau para outro é fluídica e ininterrupta.

Do estudo dos ternários deduzimos que sua gênese pode ser dual. Podemos começar pelos extremos, como o fizemos, e chegar ao médio. Chamaremos esta gênese de tipo geral de ternário (figura 1). O signo “+” corresponde ao pólo positivo, isto é, àquele princípio do binário que consideramos expansivo, masculino. O signo “—” corresponde ao pólo negativo, atrativo, feminino do binário. A letra “N” representa o termo do meio, o neutro, o andrógino.

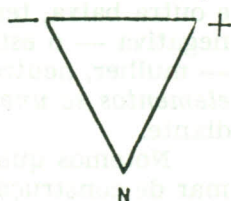


Figura 1

Em muitos casos podemos também começar pelo termo do meio e, pela sua divisão, determinar seus polos. A eletricidade neutra, pelo processo de fricção de superfície, separa-se em eletricidade positiva “+” e negativa “—”. Nada nos impede de ver na penumbra uma sombra parcialmente iluminada pela luz. A criança apresenta por um lado características absorventes, assimilando diversos elementos, alimentando-se e crescendo. Por outro lado, ela demonstra uma atividade, uma expansão, que se estende aos objetos exteriores. Nela, as duas características estão unidas podendo, no entanto, figurar separadamente em nosso pensamento. Em tais casos teremos um outro tipo de ternário, ao qual daremos o nome de “*TERNÁRIO DO GRANDE ARCANO*”. (figura 2).

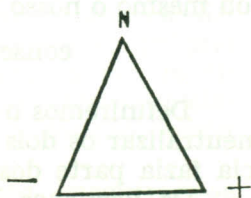


Figura 2

Deixaremos por enquanto as idéias e passaremos ao método de obtê-las.

Hoje, usando algumas analogias, nos aproximamos do assim chamado *Simbolismo*. Mas, o que é simbolismo? É um método de analogia aplicado a um caso particular.

Vejamos o ternário: Luz — Penumbra — Sombra.

Sob estes elementos colocamos outros ternários, e também sob os elementos extremos outros binários não neutralizados.

Exemplo:

Luz	—	Penumbra	—	Sombra
Alta	—	Média	—	Baixa
Essência	—	Natureza	—	Substância
Espírito		—		Matéria
Vida		—		Morte

Se compararmos os 3 ternários com os 2 binários, poderemos chegar aos termos neutros dos últimos, por analogia, porque os 3 ternários, cujos termos neutralizadores são conhecidos, nos sugerem a idéia. Tal caso seria um exemplo do *Poder de Realização do Símbolo* no mundo metafísico-lógico.

Como vemos, na quarta linha não conseguimos neutralizar o binário "espírito-matéria". O poder "realizador" do símbolo não se manifestou ainda aqui. Apenas chegamos a uma possibilidade de comparação condicional: se assemelharmos o espírito à luz, e a matéria à sombra, então, o termo procurado é análogo à "penumbra". Isto já é alguma coisa.

Voltemos ao estudo da lâmina do primeiro Arcano Maior. A figura representa um homem, isto é, um ser individual e significa que o *Arcano da Unicidade* é, ao mesmo tempo, o *Arcano da Individualidade*.

Se alguns elementos chegarem a ser *unificados*, o grupo passará então a viver *uma vida individual*.

Cada célula é viva. Se várias células se unem num grupo e formam um órgão, esse órgão passará a viver uma vida individual. Os órgãos, agrupando-se, formam um organismo, o qual, por sua vez, vive também uma vida individual. Todos os reinos orgânicos do planeta, incluindo o mineral, juntos, formam uma manifestação individual e viva chamada planeta. Um grupo de planetas constitui um sistema planetário, e assim por diante até o infinito.

Em geral, uma célula se considera independente e luta com outras células por interesse próprio, ignorando a vida do órgão e do organismo do qual faz parte. Para ela este é um ambiente em que evolui sua pequena vida própria.

Um sábio acadêmico, assemelhando-se a essa célula, é do mesmo modo irreverente para com a Terra e o sistema solar, negando-lhes vida individual e considerando-os apenas como o ambiente inanimado no qual se desenrola sua própria e benéfica atividade. A Terra, por sua vez, encara a vida do sábio com o mesmo desprezo que este manifesta em relação às suas células que se renovam.

O Arcano I nos ensina que essas individualizações existem, e que não somente um grupo de átomos se individualiza, em nome da vida, na forma de molécula, mas que até uma corporação formada por um grupo casual de homens, se individualiza e, por isso mesmo, passa a viver uma vida corporativa, tratando com desprezo os pequenos interesses particulares de cada um de seus membros.

Essa idéia universal foi expressa por Cristo no seguinte texto: "Onde houver dois ou três reunidos em Meu Nome, Eu

estarei entre eles” (Mat. XVIII/20). Fora do Logos não há vida realizada, portanto, a expressão “em Meu nome” significa “em nome da vida”.

Voltando à lâmina I, notamos que ela representa *um Homem de pé*, postura que corresponde ao elemento *positivo*. Isto nos servirá de indicação para o título do Arcano. Os esoteristas chamam-no de “Magus” (Mago); na linguagem comum, seu nome em francês é “Le Bateleur”, ou seja, um prestidigitador popular que atua nas feiras. Para nós ele representa um *ser individual ativo*.

Se, no universo, admitirmos três elementos básicos: o Arquétipo, o Homem e a Natureza, poderemos estabelecer um ternário teosófico e dar ao Arcano um título em cada um destes três planos:

1. No plano do Arquétipo (aspecto ativo) — “Divina Essentia”
2. No plano da Humanidade (aspecto ativo) — “Vir”, o Homem
3. No plano da Natureza (aspecto ativo) — “Natura Naturans” (na terminologia de Espinosa).

Neste breve curso, estudaremos o que significa o Homem do nosso Arcano e sua característica individual, manifestada através de sua atividade.

Na atividade do Homem percebemos, antes de mais nada, o grande binário:

Espírito — Matéria

O homem, espiritualmente, vive no *plano das idéias*. Por outro lado, ele se expressa no plano *físico, material*, isto é, na região onde as percepções se realizam pela reação dos sentidos aos objetos que chamamos de objetos *concretos ou materiais*.

O nosso primeiro esforço no caminho da auto-iniciação, será procurar neutralizar o binário acima mencionado. O que pode ligar o espírito com a matéria? O que poderá constituir para nós a passagem do plano das idéias para o plano dos objetos concretizados? Responderemos: O plano no qual a *Energia* determina as *Formas*.

Eis aqui o esquema do nosso ternário escalonado:

Espírito	—	Energia	—	Matéria
Idéias	—	Formas	—	Objetos Materiais

Chamaremos esse plano intermediário de “Astral” e, aos extremos, daremos os nomes de “Mental” e “Físico”.

A passagem do *Mental* ao *Astral* se faz pelo processo de agrupamento, confronto e adição, ou, expressando-nos mais exatamente, pelo *processo de condensação progressiva das idéias*, regido pela grande Lei da Individualização das Coletividades, acima exposta.

Se, a uma idéia geral de polígono, acrescentamos a idéia de igualdade de seus elementos lineares e angulares, concebemos uma idéia nova mais condensada, mais precisa, de um *polígono regular*. Ligando a última idéia com a idéia do número quatro, aparecerá a imagem de um quadrado, imagem que já pode ser considerada como fazendo parte das formas.

De modo semelhante, podemos passar do plano *Astral* para o *Físico*. Um disco metálico fixo sobre um eixo não riscará um diamante, mas se ao mesmo disco imprimimos um rápido movimento circular ou, em outras palavras, aumentamos a quantidade de sua *energia* cinética, ou ainda, concentramos nele novas propriedades astrais — então passará a riscar o diamante.

Assim, pela condensação do astral, podem ser modificadas as propriedades puramente *físicas*, neste caso, a dureza da periferia do disco. A passagem do astral para o físico realizou-se, embora apenas parcialmente.

Se alguém se concentrar no desejo de que uma pessoa que se encontra em outro aposento, execute um determinado movimento, essa concentração consistirá numa condensação de *idéias em imagens*, isto é, *formas*. Mantendo na imaginação essas formas, ou, em outras palavras, *condensando o astral*, conseguiremos que o movimento desejado seja executado. Haverá uma manifestação acessível aos sentidos, pertencendo, portanto, ao plano físico. De novo teremos a realização da mencionada passagem.

Pode-se objetar que, no primeiro exemplo, o disco imóvel já possuía um certo grau de dureza — uma propriedade física — e que, pela condensação do astral, esse grau de dureza apenas foi aumentado; que, no segundo exemplo, o magnetizador não apenas utilizou sua imaginação, mas, também, controlou sua respiração de acordo com regras definidas e talvez mesmo executou um ou outro movimento com o corpo, momentâneo ou contínuo, rítmico ou não.

A essas objeções podemos responder com o aforismo alquímico: “Para fazer ouro, é preciso *ter* ouro”. Esta é a lei que rege a maioria dos processos que têm lugar no campo das manifestações realizadas.

Não é exigido de nós que recriemos o Universo e nem sabe-

mos quanto tempo seria preciso para isso. É suficiente que tomemos um *ponto* de apoio nas realizações já prontas. Somos parecidos com o homem que joga pequenos cristais dentro de uma solução saturada para provocar uma rápida cristalização geral dessa mesma solução. A maioria das operações mágicas, realizadas, possui a mesma característica: uma escolha adequada dos pontos de apoio.

Não possuímos a compreensão do mecanismo da coagulação. Sabemos apenas como utilizar a “máquina” que já existe. Podemos, pelo esforço intenso e perseverante do intelecto e da vontade, chegar a escolher entre as máquinas, a mais simples e eficaz, mas, a construção da mesma, não é assunto nosso. Para isto, como aprenderemos mais tarde, há entidades especiais, conhecidas sob o nome de ANJOS (dentro dos limites do plano mental), SPRITUS DIRECTORES (no plano astral) e ELEMENTAIS (no plano físico). A cada um cabe uma função.

Assim, vamos procurar distinguir em todo o Universo e em cada um dos elementos que o compõem, mesmo que seja aproximadamente, as esferas dos três planos: mental, astral e físico. Elas se interpenetram, mas podem ser estudadas separadamente.

No HOMEM, conseqüentemente, discernimos três elementos componentes: “MENS” ou espírito, “ANIMA” ou alma, chamada também *corpo astral* ou *astrosoma* e, finalmente, “CORPUS” ou corpo físico. Caso o homem se dedique ao trabalho intelectual, diremos que Mens e Anima nele estão mais ativos do que o Corpus. Caso prevaleça a vida passional ou o trabalho da pura imaginação, ativo ou passivo, a preponderância pertence a Anima e assim por diante.

A Mens humana, coagulando-se, determina a sua Anima; esta, coagulando-se por sua vez e tomando um ponto de apoio no plano físico, nos elementos materializados — mesmo que seja de forma sutil — fornecidos pelos pais, cria para si um corpo físico, tanto para a vida intra-uterina como para a vida externa.

De acordo com a forma já planificada, a alma sustenta as funções do corpo físico, reparando seus eventuais danos.

Falar de como a Mens dirige as funções da alma, e como também ela procura, eventualmente, repará-la, seria ainda cedo demais.

Terminando o presente capítulo, desejamos acrescentar ainda que nada nos impede de substituir a nossa tosca divisão ternária do Universo e do Homem, por outra, mais detalhada, na qual os planos já enumerados dividir-se-ão em *subplanos*. Em breve o faremos.

LÂMINA II

No fundo, sustentada por uma barra de ouro, uma grande cortina de veludo de cor violeta-escuro desce até o chão. A barra se acha colocada entre duas colunas de estilo egípcio, feitas de grandes blocos de pedra assentadas sobre sólidas bases. Uma das colunas, a da direita, é vermelha e a da esquerda, de cor azul-escuro. Três degraus de arenito bege-cinza descem a partir do nível onde se elevam as colunas.

Entre as colunas, à altura do degrau superior, se acha um cubo no qual está sentada uma mulher. Uma faixa cinge sua testa e se prolonga por um véu semitransparente, cobrindo o rosto até o queixo. Dos ombros, cai um manto-túnica de seda, de cor violeta, disposto de forma a deixar descobertos o peito e a metade do corpo da mulher. Entre os seios, uma cruz solar de ouro. O manto envolve totalmente a parte inferior do corpo, escondendo até seu contorno.

A mulher segura um rolo de papiro, meio desdobrado, porém não se pode distinguir o que nele está escrito. Sobre a cabeça podemos ver um adorno egípcio constituído pelos chifres de uma vaca que formam um crescente lunar. Entre os chifres, um disco de prata opaca: a lua cheia .

O quadro se apresenta bem arejado, mas com pouca luz que parece vir pela frente.

As manifestações superiores do homem, na sua vida terrestre, são o intelecto e a vontade. A harmonia resulta da neutralização desse binário.

Voltemos ao ternário: Espírito — Astral — Matéria.

É muito importante que, tanto o espírito como o astrosoma e o corpo do homem sejam sãos.

A mônada mental humana é, em sí, sadia, devido a sua origem elevada de que falaremos mais adiante. Contudo, é indispensável que ela seja ativa no homem. Sendo assim, ele possui *consciência* a qual poderia ser identificada com o grau de suas aspirações espirituais.

Um astrosoma sadio fornece o elemento chamado *Harmonia da Alma* (é o terceiro elemento do binário consciência — poder). Essa harmonia garante a expressão da totalidade passional do homem, totalidade essa que, na linguagem comum, se chama *Personalidade*.

Se alguém nos informa “*como*” e “*o que*” deseja, conheceremos então o seu “*eu*”.

Um corpo sadio assegura uma transmissão correta dos impulsos da vontade do homem; equilibra a esfera das *necessidades físicas* e traz o elemento do *poder realizador*.

O que é conveniente estudar em primeiro lugar? O corpo físico, o astral ou o espírito?

Do corpo e suas funções tratam outras especializações. As manifestações do espírito e suas aspirações não são desconhecidas aos pensadores e pessoas atraídas pela filosofia. A nossa tarefa, presentemente, será estudar o astrosoma e, conseqüentemente, o mundo astral como seu ambiente.

Da mesma forma que precisávamos primeiramente compreender o que é o homem, como *unidade ativa*, o passo seguinte deve ser procurar *conhecer o mundo astral*.

O Arcano II está associado ao signo Beth do alfabeto hebraico e ao número dois. Ao Arcano I corresponde o hieróglifo *HOMEM*; ao Arcano II corresponde a *BOCA HUMANA*.

O nome erudito da segunda lâmina do Tarô é GNOSIS (conhecimento). Os ocultistas chamam-na, às vezes, *A PORTA DO SANTUÁRIO*. O nome comum é *A PAPISA*.

A lâmina apresenta no segundo plano duas colunas: a vermelha, geralmente com o signo do sol, se chama JAQUIM; a outra, de cor azul-escuro (às vezes preta), decorada com o signo da lua, tem o nome de BOAZ. A meia-lua existente entre as colunas corresponde ao ESPAÇO MÉDIO da linguagem maçônica. Na lâmina, esse espaço está oculto por uma cortina. No primeiro plano vemos uma mulher sentada num assento cúbico. O símbolo do infinito, acima da cabeça do homem da lâmina precedente, é substituído aqui pelo adorno — chifres e lua cheia — sobre a cabeça da mulher. Seu rosto está coberto por um véu semi-transparente e a figura inteira envolta em ampla vestimenta. No regaço, ela segura um rolo de papiro (às vezes um livro) meio encoberto pelas pregas da vestimenta. No peito, uma cruz, cujos braços são de igual comprimento.

Os nomes do Arcano II, nos planos de: Arquétipo, Homem e Natureza são, respectivamente: “*Divina Substantia*”, “*Femina*” e “*Natura Naturata*”.

Trataremos de estudar esse Arcano.

1. Seu valor numérico indica que a Unidade deve ser dividida em dois e polarizada cada vez que deseje participar do processo da vida.
2. A própria figura da letra Beth, assim como as duas colunas, mostram claramente o método que prevalece nas deduções da ciência oculta. Lembremos a grande Lei da Analogia, cuja fórmula, nos versos da Tábua Esmeraldina, é, na sua tradução latina, expressa como segue:

“Quod est inferius est sicut quod est superius,
Et quod est superius est sicut quod est inferius
Ad perpetuandã miracula rei unius”

Ou seja: “O que está em baixo é semelhante (análogo — não igual) ao que está em cima, e o que está em cima é semelhante ao que está em baixo para perfazer as maravilhas da coisa única”.

Notemos que a parte superior da letra Beth é apenas semelhante à inferior, e que a coluna da direita é apenas semelhante à coluna da esquerda, mas não são iguais. Essa indicação do método para adquirir o conhecimento, junto com a representação da “Porta do Santuário” na lâmina, justificam o nome “GNOSIS” dada ao Arcano II.

3. Os chifres indicam o princípio binário. Também as colunas mostram o princípio binário, mas, entre elas, está sentada uma mulher — um ser individual —

que deve neutralizar esse binário. A mulher é o símbolo da passividade e ainda mais quando está *sentada*. Essa postura demonstra um estado de expectativa, de meditação e receptividade que deve possuir aquele desejoso de estudar. Além disso, a lâmina nos diz que os segredos da ciência são acessíveis somente a uma inteligência penetrante — eles estão meio ocultos por um véu. Os resultados das investigações científicas dos sábios são registrados nos escritos; as leis da Natureza — no seu livro vivo. Entretanto assimilar o conhecimento neles contido, só é possível sob as pregas da vestimenta ou manto que nos isola da agitação mundana, dos condicionamentos e outras influências prejudiciais. O hieróglifo do Arcano — a Boca Humana — simboliza um refúgio, um lugar onde é possível se abrigar, um edifício ou templo consagrado ao estudo. As duas mandíbulas que são parecidas, mas não iguais, ilustram a Lei da Analogia acima exposta.

4. O Arcano mostra a importância do estudo aprofundado do binário: princípio masculino — princípio feminino.

No Arcano I, notamos acima da cabeça do homem o símbolo unitário do infinito: ∞

No Arcano II, encontramos os chifres, ou seja, um elemento mais tangível. A mãe é mais materializada do que o pai. O passivo é sempre mais concretizado do que o ativo. O elemento sutil, ativo, fecunda o elemento passivo, mais tangível. Entretanto, o passivo deve ser condensado à medida exata do ativo, e deve lhe convir. Qual a finalidade da existência desses dois elementos?

A finalidade é o próprio ato de fecundação. No Arcano II ele é simbolizado pela cruz sobre o peito da mulher. A parte vertical da cruz é o "PHALLUS", a horizontal é "CTEIS". Essa cruz solar tem exatamente o mesmo significado que o "STAUROS" do simbolismo gnostico (figura 3) ou "LINGAM" do simbolismo índu (figura 4). Os mesmos princípios serão apresentados de um modo mais filosófico no Arcano X por "IOD" como princípio masculino e "HE" como feminino. O Arcano II pertence ao

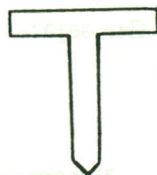


Figura 3



Figura 4

princípio feminino. A lua, presente na lâmina, indica também o princípio da maternidade. A lua — correspondência astrológica desse Arcano — é a Mãe Universal. Assim, o Arcano II nos lembra o binário e indica claramente sua fecundidade.

Vejamos, de forma resumida, as fases básicas dessa fecundidade. Tomemos da mecânica o exemplo de duas forças iguais, mas de direções opostas que, aplicadas a um ponto material, condicionam o equilíbrio desse ponto.

Esse tosco esquema de um binário nos ajudará a compreender que, em geral, as manifestações são produtivas devido à existência de uma oposição; sem ela permanecem improdutivas.

Que utilidade haveria em propagar a caridade num ambiente perfeitamente caridoso? Para que irritar uma pessoa se ela absolutamente não reage a essa provocação? Que resultado daria a tentativa de apoiar-se sobre algo que não apresenta nenhuma resistência e cede ao menor contato?

É preciso sempre levar em consideração essa regra quando queremos realizar algum “modus vivendi”, quer dizer um equilíbrio, seja qual for o campo de sua aplicação.

A linha que delimita o campo positivo e o negativo no binário e que os equilibra, pode ser deslocada, de acordo com as circunstâncias, mas o equilíbrio do momento é sempre regido pelo esquema acima exposto. Uma ação ou um comportamento que neutraliza o grande binário do bem e do mal, pode, em qualquer momento, cair no campo do bem ou do mal; em cada uma dessas eventualidades, o binário terá que ser neutralizado através de uma ação ou um comportamento diferente. Em determinadas condições pode ser indicado limitar-nos simplesmente a não prejudicar uma pessoa e, poderemos, cinco minutos mais tarde, sentir que a nossa consciência nos *obriga* a auxiliá-la através de uma determinada ação benéfica e elevada. A linha divisória, equilibrante, deslocou-se, mas o princípio de neutralização não mudou.

Passemos agora a uma outra fase da aplicação do binário. A primeira fase chamaremos condicionalmente de estática; a segunda, de dinâmica. Apliquemos *duas forças* iguais e paralelas, agindo, porém, em direções opostas, em dois pontos de um corpo sólido. Com isto evocaremos a idéia de um movimento rotativo. É exatamente o que queríamos obter; aliás, queremos obter ainda mais: a idéia de um *movimento tempestuoso*, de um *turbilhão*. A seguir, imaginemos esse movimento aplicado à matéria astral: os impetuosos vórtices astrais provocados pelo poderoso esforço de vontade e imagina-

ção, formando turbilhões que se espalham e crescem como trombas e são regidos pelas mesmas leis. Não é permitido revelar o segredo da formação geral dessas trombas, mas podemos aludir a um caso particular em que o homem, instintivamente, cria esses turbilhões, os quais formam coagulos individualizados de matéria e podem ser claramente percebidos, provando assim seu poder realizador; esse trabalho está ligado ao assunto da neutralização do binário *Vida-Morte*.

Mencionamos também outro binário iniciático: *Espírito-Matéria* neutralizado pelo *astral* como plano médio. Quais são os meios para conhecer esse plano?

Existem geralmente dois métodos para obter esse conhecimento:

1. O método indutivo, pelo contato com os habitantes desse plano e o registro dos resultados dessas relações.
2. O método dedutivo, partindo da definição do plano astral.

Considerando o grau de desenvolvimento oculto de nossos estudantes, apenas o segundo método lhes é acessível. Vamos segui-lo:

O plano astral, por definição, é adjacente aos planos mental e físico. Deve, portanto, possuir marcas ou reflexos dos elementos das regiões que lhe são limítrofes ou próximas, em ambos os planos.

As coletividades de idéias já condensadas e tipicamente agrupadas possuem um reflexo no plano astral. São as assim chamadas ASTRO-IDÉIAS, isto é, idéias que já estão assumindo uma forma.

As ASTRO-IDÉIAS podem ser captadas por metafísicos e cientistas, naqueles momentos do seu trabalho mental em que surge o problema de envolver numa forma uma idéia já acalentada.

Acontece freqüentemente que a mesma ASTRO-IDÉIA é captada por diversas mentes, dos subplanos próximos um do outro, e é então que podemos ver o aparecimento simultâneo de dois ou mais sistemas, muito parecidos, mas não iguais em sua forma. Como exemplo temos o aparecimento do cálculo infinitesimal, introduzindo de um lado por Leibnitz — cálculo diferencial — e de outro por Newton — método das fluxões.

Os acontecimentos e as ações realizadas no plano físico, refletem-se no plano astral como num espelho, através dos subplanos superiores — os mais sutis — do plano físico. Esses reflexos se fixam de forma duradoura, formando os assim chamados *CLICHÊS ASTRALS* dos acontecimentos do plano

físico. A esfera astral não está sujeita às leis limitadas do espaço de três dimensões, nem do tempo de uma dimensão. Ali podem ser encontrados não apenas os clichês de acontecimentos passados, mas também, de acontecimentos futuros. Podemos objetar que os acontecimento futuros dependem, até certo ponto, dos impulsos volitivos e do livre arbítrio dos indivíduos. Sim, está certo. Cada desejo, cada medida tomada no plano físico pode, em parte, modificar os clichês do futuro e pode até apagá-los; no entanto, quanto mais alto for o subplano astral no qual se encontra o clichê do futuro acontecimento, menos possibilidade haverá de ser ele modificado, e mais infalível será a sua predição. Aqui existe um grande mistério: o do livre arbítrio; é o mesmo mistério que rege em geral a criação dos turbilhões astrais. Devido a isto, a exposição deste assunto pode parecer nebulosa e apresentar contradições; todavia, elas são apenas aparentes.

Se os cientistas são — digamos — “caçadores” de astroidéias relativas à ciência, todos os “clarividentes” e diversos adivinhos do futuro são “caçadores” dos clichês astrais. Tais clichês podem ser captados por eles durante o transe, sono ou outros estados onde há preponderância da atividade astral no ser humano.

Os clichês que mais se destacam e mais atraem a atenção são os que mostram anomalias ou acontecimentos de caráter grandioso. Os clichês de grandes crimes, catástrofes, como também de acontecimentos felizes de âmbito mundial, se percebem com mais facilidade. No caso da pessoa possuir um certo grau de sensibilidade, esses clichês poderão até ser percebidos no estado de vigília.

Vamos supor agora o caso de alguém conceber um desejo mau de uma forma bastante comum. Essa pessoa ainda não realizou o tal desejo no plano físico, mas já esboçou o quadro astral de sua má intenção. Assim fazendo, ela coagulou o astral e, ajudada pela grande lei de individualização das coagulações, criou um *ente*. O ente criado é um astrosoma tipicamente formado, que não possui corpo físico; no entanto, possui algo semelhante a uma mônada mental — a própria idéia do desejo concebido. Este ente, de acordo com a natureza limitada de sua “mônada”, pode atuar apenas dentro da esfera da idéia que o criou. Sobre quem estender-se-á sua influência? Antes de tudo, sobre seu “pai”, o criador do quadro. A partir desse momento, a LARVA (nome dado a um tal ente) não deixará de instigar seu autor, para que não esqueça o seu desejo, para que renove o impulso que a criou e com isso a fortalece. Também poderá essa larva exercer sua influência sobre um outro ser humano, pronto para desejar as

mesmas coisas e de uma forma parecida. Será o caso em que se diz que a larva de Fulano apegou-se a Sicrano. Como libertar-se dessas larvas, próprias e alheias?

Recomendamos três métodos:

1. Um esforço consciente da vontade, o desejo firme de não submeter-se à larva, de vencê-la e rejeitá-la; de agir como um pintor que olhasse com grande desprezo uma pornografia por ele pintada.
2. A concentração do pensamento e da imaginação sobre outro assunto ou outro desejo; uma forte absorção neste segundo assunto impedirá a ligação com o primeiro. A oração é a forma mais aconselhável. Cada oração é um ato de concentração e, invertendo o processo, podemos dizer que cada concentração pode ser definida como oração, seja ela dedicada a Deus, a si mesmo ou ao diabo, de acordo com a natureza da concentração. (Pel'o nome de "diabo" entendemos a deturpação, até o último limite, do esquema dos Princípios Superiores através de reflexos e refrações deformados ao ponto de transformar esse esquema numa síntese de completa anarquia). Este método pode ser comparado ao fato de virarmos as costas para um quadro que fere nossa sensibilidade e contemplar outro, mais belo.
3. A destruição das larvas com a espada mágica, utilizando o poder realizador e o apoio do plano físico. A espada deve possuir uma lâmina metálica, fixada a um cabo isolante de madeira, de ebonite, etc., ou então, ser separada da mão do operador por uma luva isolante de seda, de lã, de pele, etc. O poder da *espada mágica* está no fato de que os turbilhões astrais mudam de caráter quando próximos a uma lâmina ou ponta metálica, e isto de forma tão violenta que, caso a lâmina toque o nó ganglionar da larva, provocará a sua completa destruição. Na utilização deste método, a larva deve ser procurada na chamada "aura" (atmosfera de emanções astrais que envolve o corpo) do sujeito vitimado por ela. Esse processo assemelha-se à destruição de um quadro indesejável, rasgando inteiramente a tela na qual foi pintado.

Vamos supor agora que um homem inteligente e capaz de concentração, conceba, pelo contrário, um pensamento bom, esboçando para o mesmo uma forma. Encontrando outras pessoas que pensam de modo igual, conversa com elas a respeito de sua idéia e, juntos, elaboram a forma que lhe deve ser

dada. Cria-se assim uma coletividade humana que pensa na mesma idéia e lhe confere a mesma forma. Os contornos de uma determinada figura ficam delineados e cada um dos participantes desse trabalho, passando "o lápis" nesses contornos, torna a figura cada vez mais clara e visível. A idéia comum dessas pessoas provoca o nascimento de um astrosoma, chamado EGRÉGORA de uma coletividade.

Essa egrégora, como todo astrosoma, protege, restabelece e estimula o corpo físico da coletividade, ou seja, cuida de todos os recursos físicos de seus membros que possam ser úteis para a realização da idéia. A egrégora de uma sociedade de beneficência, por exemplo, incitará seus membros a trabalhar e fazer contribuições de toda espécie, ajudará no sentido de aumentar o número de sócios, de substituir por novos membros aqueles que se afastam, etc. As egrégoras das coletividades que são inimigas no plano físico, lutam entre si no plano astral. Se, no plano físico, os inimigos da coletividade destróem os corpos físicos de seus membros, os astrosomas das vítimas vêm reforçar sua egrégora no plano astral. Lembremos o caso da perseguição aos adeptos da cristandade primitiva pelos judeus e pagãos, que terminou com o triunfo da egrégora cristã.

Voltaremos ainda a falar das egrégoras no estudo do Arcano X.

No momento em que o homem chega ao fim de uma de suas encarnações, seu corpo se desagrega. De acordo com as leis da Natureza, todos os elementos que compunham esse corpo, incluindo a força vital do sangue e mesmo a energia das manifestações nervosas, voltam com maior ou menor demora ao seio da Natureza, para serem utilizados em outras formações. Todavia, o ser humano, composto então de mônada espiritual e do astrosoma, continua a sua existência. Nessa fase, ele é chamado de ELEMENTAR. O mais inferior dos planos em que ele pode processar a sua evolução é o plano astral. Pode às vezes, manifestar-se no plano físico. Porém, essas manifestações são condicionadas ao mediunismo de determinadas pessoas. Eventualmente, pode "emprestar" a essas pessoas elementos dos subplanos intermediários entre o físico e o astral, ou seja, subplanos inferiores do astral e subplanos superiores, mais sutis, do físico.

Para corroborar este processo é necessário também, ou a passividade temporária do médium, ou a vontade concentrada de um mago, ou ainda a vontade coletiva de uma corrente mágica (como, por exemplo, a que impera durante as sessões espíritas), ou ainda o poder e a direção de uma egrégora ou outra entidade semelhante. Contudo, os contatos com o plano

físico constituem casos particulares. Geralmente, a vida normal do elementar consiste em examinar e meditar sobre os clichês astrais e conviver com outras entidades do mesmo plano. São elas suas companheiras de estudo, de sofrimento relativo ao autojulgamento, de preparativos para as encarnações futuras. Entre os encontros passageiros que se realizam no plano astral, muito interessantes são os contatos com os *astrosomas exteriorizados* dos seres humanos vivos.

Um homem encarnado pode, consciente ou inconscientemente, concentrar sua atividade na esfera astral, de tal modo que suas funções físicas chegam a reduzir-se ao mínimo.

É preciso saber que o astrosoma não se limita a formar o corpo humano no ventre materno e a dirigir seu desenvolvimento depois do nascimento, mas também sustenta a sua forma, rege a substituição das células, repara os danos e, quando chega a hora da desagregação do corpo, dirige também este processo. Logo nos primeiros tempos após a morte física, o elementar se dedica ao processo de desagregação do seu corpo físico e do fantasma dos fluidos nervosos. Podemos dizer que o astrosoma é Brahma, Vishnu e Shiva para seu corpo material.

A atividade do astrosoma, relativa a seu corpo físico, é particularmente intensa durante o sono, pois então a MENS não utiliza os serviços do astrosoma como instrumento de transmissão, e o mesmo pode ocupar-se com o trabalho "corriqueiro", isto é, com os assuntos de nutrição, de tratamento dos órgãos, etc. Nos casos em que o astrosoma tem pouco a fazer, por exemplo, quando o organismo se acha em estado de letargia, catalepsia, estados chamados de transe, etc., o astrosoma está quase livre e pode se manifestar com bastante energia em relação aos objetos externos; pode se dedicar à cura de um corpo alheio (nesse caso o corpo astral do curador se exterioriza em direção ao doente); pode, assim, tomando a energia fluídica de um médium, ou mesmo do seu próprio corpo físico, revelar-se à distância por manifestações mecânicas, pancadas, transporte de objetos, toques em alguém, efeitos de luz, aparecimento da imagem de sua própria pessoa longe do lugar onde se acha seu corpo físico, etc. Essa manifestação da energia astral humana, distante do seu corpo físico, é devida à *saída em corpo astral* ou *exteriorização do astral*. Já que as emoções pertencem à atividade astral, a exteriorização pode acontecer *inconscientemente* nos casos de grande medo, grande infortúnio ou também nos estados particulares de sono, de letargia ou catalepsia. Os magos e feiticeiros podem exteriorizar-se *conscientemente*, quando querem manifestar sua atividade à distância.

Sendo que cada "Iod" tem seu "He", cada manifestação de energia positiva, à distância, será acompanhada de uma manifestação de energia negativa, isto é, de estado de receptividade e percepção à distância, nos respectivos subplanos astrais.

A exteriorização perceptiva é praticada para examinar o clichê astral de um acontecimento terrestre, para captar uma astroidéia, para resolver um complicado problema teórico, para conhecer pela experiência o ensinamento recebido teoricamente, etc.

A MENS humana durante esse tempo não trabalha muito; sua atividade é bipartida. Ela acompanha por um lado o corpo astral, abastecendo-o com um determinado grau de impulsos volitivos em sua jornada; por outro, ela participa parcialmente na tarefa de vigiar o corpo físico que, durante a exteriorização do astrosoma, fica exposto a vários perigos reais de que faremos mais adiante. Essa vigília da MENS, garante, até certo ponto, uma rápida volta do astrosoma ao corpo físico em caso de perigo iminente.

Em relação ao papel do corpo astral do homem, vale a pena fazer duas observações:

1. Se o corpo físico é danificado na ausência do corpo astral, isto é, no momento da exteriorização, a dor será menos aguda e a reparação do dano mais rápida. Por exemplo, se, no momento em que uma pessoa é ferida fisicamente, ela consegue se exteriorizar, mesmo que seja parcialmente, o sistema dos turbilhões astrais será pouco atingido e o astral, reintegrando seu corpo físico, reparará melhor e mais rapidamente o dano. Essa capacidade do astrosoma explica as demonstrações dos faquires que transpassam com facas várias partes do corpo, as quais logo ficam curadas, devido a atividade enérgica do astrosoma que volta ao corpo após um curto afastamento.
2. Se, pelo contrário, o sistema de turbilhões astrais for ferido (por exemplo por uma espada mágica) durante a exteriorização do astrosoma, isto é, quando não usava o corpo físico como ponto de apoio, a ferida será perigosa para o corpo astral e afetará suas manifestações inferiores, entre as quais a sustentação e proteção do corpo físico. Mesmo se apenas um nó gânglionar secundário for atingido, o dano que sofreu o astrosoma provocará, após a sua volta, a formação de uma ferida naquela parte do corpo físi-

co que estava protegida pela atividade do sistema ganglionar atingido. Quanto mais baixo o subplano em que o astrosoma se exteriorizou, tanto mais sentida será a ferida.

Resta dizer algumas palavras sobre os “*ELEMENTAIS*” que os manuais de estudo ocultista incluem geralmente entre os habitantes do plano astral. *Eles não são entidades astrais.*

Os elementais possuem:

1. Uma *mônada mental*, dirigida a uma atividade involutiva específica.
2. Um *astrosoma* que dá forma a essa atividade.
3. Um *corpo físico*, invisível em circunstâncias normais devido a sua homogeneidade com o ambiente no qual os elementais atuam.

Os elementais regem e dirigem as manifestações químicas e físicas, diversos processos fisiológicos, etc.

Quando o corpo desses elementais é predominantemente gasoso, eles são chamados *Silfos*; quando é aquoso, *Ondinas*, e quando sólido, *Gnomos*. Se o corpo deles é mais sutil e, pela sua consistência se assemelha mais àquilo que chamamos de *éter universal*, são então denominados *Salamandras*.

Existem também criaturas que possuem somente a *mônada mental* e um corpo astral. Trabalham na corrente involutiva, no plano astral, de modo semelhante ao do trabalho dos elementais, dentro dos elementos físicos. Essas criaturas são chamadas SPIRITUS DIRECTORES ou seja, espíritos dirigentes do astral.

Há ainda outras entidades, puramente mentais; trabalham na corrente involutiva do plano mental e são chamadas ANJOS.

LÂMINA III

Fundo: Espaço azul de um céu de alvorada. Na área inferior da lâmina, parte da superfície convexa do globo terrestre, sobre o qual está fixado um coagulato cinzento, cúbico, semitransparente. Sobre esse cubo, podemos ver 3/4 partes de uma figura de mulher em posição reclinada. Do lado direito, o quadro está de tal modo iluminado por uma luz ofuscante de cor ouro-alaranjada, que, desse lado desaparecem os contornos da figura que parece apoiar-se sobre a luz.

A cabeça da mulher é de puro tipo venusiano. Seus cabelos castanhos estão soltos. O rosto expressa uma dor cheia de felicidade, como se vê às vezes no rosto de mulheres que estão dando à luz. Está vestida com uma túnica de um verde suave que desce dos ombros, cobre uma parte do cubo e termina no chão. Sua mão esquerda segura um broquel, de forma triangular e ângulos arredondados, cuja ponta está dirigida para a terra. No broquel, vemos uma águia em vôo tendo no bico uma cruz de braços iguais. O broquel cobre a parte inferior do corpo da mulher, até os joelhos, escondendo quase que inteiramente o seu estado de gravidez. No seu braço direito, erguido, — um cetro de ouro com o símbolo do planeta Vênus na ponta. Os pés da mulher se apoiam num crescente lunar, cujas pontas estão viradas para cima. Os suaves raios lunares prateados, inundam o ângulo esquerdo inferior do quadro.

Acima da cabeça da mulher, doze estrelas estão dispostas em forma de corôa. Algumas se destacam apenas dos raios solares. Outras, mais afastadas do espaço iluminado, brilham no fundo azul.

O quadro inteiro é mais colorido e luminoso do que gráfico; porém todas as cores são suaves, sem contrastes bruscos.

O signo do alfabeto hebraico que corresponde a este Arcano é GHIMEL e seu número é três. Seu hieróglifo é *uma mão que pega*, disposta de tal modo que forma um canal, podendo absorver qualquer coisa. Da concepção do canal, passamos à idéia da vagina que constitui a última etapa no processo do nascimento.

Daí vêm os três nomes do Arcano, conforme o ternário teosófico: “Divina Natura”, “Partus”, “Generatio”.

A idéia de criação está estreitamente ligada ao elemento do amor ou, no sentido mais amplo, ao da atração. A gravitação universal, o amor comum, a compaixão, o amor impessoal, — todas estas manifestações são expressões particulares desse princípio geral.

A deusa da atração é Vênus, e um dos nomes eruditos desse Arcano é “Venus Urania”, ou seja, Vênus do Universo, Vênus Cósmica. Outro nome erudito é “Physis” — a Natureza. Seu nome comum é “Imperatriz”.

O Arcano III, que por seu número evoca a idéia do ternário, tem por símbolo geométrico um triângulo que, conforme o caráter do ternário, será ascendente ou descendente.

A lâmina mostra uma mulher sentada, coroada de 12 estrelas, que simbolizam os 12 signos zodiacais. Há uma estreita ligação entre o nascimento no plano físico e as 12 fases da energia solar recebida pela Terra. Essas fases correspondem à presença progressiva do Sol nos 12 signos zodiacais. É por causa disso que, no ocultismo, o termo “zodiaco” alude ao plano físico, a uma característica física.

A mulher da lâmina “está envolvida em sol e se contorce nas dores do parto”. O significado do Arcano III é revelado pela apresentação do processo do nascimento. Os raios solares, envolvendo a mulher, fazem lembrar que o sol — o centro da gravitação — é o exemplo do amor planetário do nosso sistema. Ele é o centro emanante da vida e, portanto, da criação.

Na mão direita, a mulher segura um cetro com o símbolo de Vênus. Isto significa que ela reina permanentemente pelo amor, sobre tudo que nasceu e o que nascerá. A correspon-

dência astrológica do Arcano III é Vênus, cujo símbolo apresenta uma síntese de outros dois: o Sol — emanação criativa, positiva; e o mundo dos elementos, ou seja, a totalidade das influências do ambiente — como aprenderemos mais adiante. O símbolo de Vênus pode ser interpretado da seguinte maneira: as emanações construtivas, graças ao amor, vencem as dificuldades do ambiente.

Na mão esquerda, a mulher segura um escudo onde figura uma águia; isto significa que o princípio da criação abarca as esferas mais elevadas. A águia segura no bico uma cruz de braços iguais, indicação de que o nascimento é uma consequência natural da união do princípio ativo com o princípio passivo (ver Arcano II).

A mulher, novamente apresenta-se sentada numa pedra cúbica colocada sobre um globo (explicaremos isto mais adiante) e sob os seus pés está a lua, que simboliza aqui a matéria do mundo sublunar, como esfera mais baixa da criação. Às vezes encontramos uma alteração desse quadro: ao invés de estar envolvida pelo sol, a mulher possui asas. As asas mostram que a “Isis Terrestris” provém da “Isis Celestis”.

Qual será o significado deste Arcano?

Antes de mais nada, é dado pela fórmula gnóstica: “Nada se cria, tudo nasce”. Ou seja, há sempre um Iod que fecunda um He, e, com isso, determina o nascimento do terceiro elemento, Vau (ver Arcano VI). O pai, a mãe e o filho; o ativo e o passivo neutralizados pelo andrógino.

O Arcano III proclama a Lei do Ternário como sendo geral e universal. Para melhor compreensão disso, faremos uma breve análise de alguns ternários típicos. Começaremos pelo ternário teosófico:

Arquétipo — Homem — Natureza.

Podemos ver nele o esquema teológico da Trindade Divina:

Deus em Deus, ou Deus Pai.

Deus manifestando-se na Humanidade, ou Deus Filho.

Deus manifestando-se na Natureza, ou Deus Espírito Santo.

Falando dessa tríplice manifestação do Deus Único, em que o termo do meio neutraliza os dois extremos — pois a Humanidade religa a Natureza com o Arquétipo — aproveitaremos para mencionar os três modos de busca de Deus pelas almas. Há almas que procuram Deus Pai pelos caminhos metafísicos; há almas que procuram Deus Filho dentro do seu

coração e, em nome dessa procura, formam grupos humanos; finalmente, há almas que procuram Deus pela contemplação da Natureza e aceitação de suas leis imutáveis; são os que buscam o Espírito Santo. Debateremos isto mais detalhadamente nos Mistérios da Cabala.

Tomemos agora o mesmo ternário: Arquétipo — Homem — Natureza, em seu sentido da vida do Universo.

Imaginemos o Arquétipo como algo totalmente harmônico, andrógino, onisciente, bem-aventurado, possuindo a capacidade total de ação e consequentemente, podendo limitar a esfera de sua atividade. Este Princípio Superior, usando a expressão comum, divide-se em manifestações ativa e passiva, dando, com isso, o esquema do triângulo ascendente.

Paralelamente a essa concepção do Arquétipo, concebemos a Humanidade como um único organismo, formado por células que na terra se chamam “homens”, e talvez possuam um nome diferente em outros planetas. Admitindo a existência de tais células em diversos mundos cósmicos, sóis, planetas, etc., aos quais pertencem, obteremos a idéia geral do Homem Universal, vivendo a vida de uma entidade coletiva e possuindo vontade própria, de acordo com a grande Lei de Individualização.

Podemos conceber também a Natureza como uma totalidade, composta de elementos que consideramos individualizados ou não, de acordo com a nossa visão do mundo. Imagine-mos essa totalidade como sendo dinamizada pela Lei em ação, isto é, pela Lei de Causa e Efeito.

Assim, no triângulo analisado por nós, a Humanidade e a Natureza corresponderão, respectivamente, aos polos positivo e negativo (no sentido relativo e não absoluto) da manifestação do Arquétipo.

Tomemos um outro exemplo, o ternário: *Passado — Presente — Futuro*. O presente é o momento que delimita os campos do passado e do futuro. Sem apontar o momento chamado “Presente”, essa divisão não poderia ser feita. É interessante notar que, na língua russa, o termo “presente” tem dois significados: um quer dizer “o real”, e outro se refere ao período presente dentro da concepção do tempo. O presente contém em si o passado e o futuro. O passado corresponde ao aspecto passivo, cristalizado, ele já não pode ser mudado; o futuro corresponde ao aspecto ativo.

Aproximando os dois ternários, diremos que o presente, por analogia, corresponde ao Arquétipo; o futuro — à Humanidade e o passado — à Natureza. Prosseguiremos dizendo que a Humanidade determina o futuro, pelo livre arbítrio de sua vontade coletiva; que a Natureza, regida pelo passado,

determina suas manifestações, chamadas “Destino”. Seu instrumento é uma fatalidade inexorável, cristalizada e, portanto, passiva.

O Arquétipo é andrógino. Esse caráter de Harmonia Superior é refletido no grande luminário universal que se chama Providência. A Providência, portanto, é neutra, andrógina e desempenha o papel da Luz, iluminando os campos dos outros dois elementos.

Cada processo de “nascimento” ou de emanação, seja qual for, deve ser *REAL* para a própria pessoa que faz nascer ou que emana. Caso contrário, o “nascido” ou “emanado”, não poderá tornar-se real no plano correspondente de manifestações vitais. Uma fórmula de sugestão, para ter força, deve ser emitida sempre no presente: “estais fazendo isso ou aquilo”, e nunca “fizestes” ou “fareis”. Uma tese imutável, seja ela metafísica ou científica, é sempre enunciada no presente. Ninguém sentirá a força de uma sensação apresentada como passada ou futura.

Voltando ao nosso ternário, afirmaremos com Fabre d'Olivet que a história do mundo se desenrola conforme o triângulo místico (figura 5).

A Providência com sua Luz, ilumina o Presente. A Vontade Humana cria o futuro. Porém em suas realizações, ela é *limitada* pela Fatalidade, conseqüência inexorável do Passado.

Se a Vontade Humana se une à influência iluminadora da Providência, as duas se tornam mais fortes que a Fatalidade, e durante esse tempo a história do mundo tem um *caráter evolutivo*.

Se a Humanidade fecha os olhos à Luz da Providência e, sozinha, entra na luta com a Fatalidade, o resultado geral não pode ser previsto. Tudo dependerá do lado em que haverá mais força.

Caso a Vontade Humana, conscientemente, lute com a Fatalidade e a Providência unidas, ela será vencida e seus esforços não trarão resultados.

Se, finalmente, a Vontade Humana segue a Fatalidade, desrespeitando as indicações da Providência, as realizações, naquele período da história do mundo, serão visíveis e poderosas, mas, a Humanidade estará se afastando da Harmonia Universal e, no futuro, será obrigada a corrigir seu erro. Em tal época, a história do mundo é *involutiva*.



Figura 5

Procuremos aplicar agora o triângulo místico de Fabre d'Olivet à vida de uma alma particular durante uma de suas encarnações. Neste caso, o triângulo será o da figura 6.

A Providência, na vida de um ser humano, é representada pela Consciência, que é totalmente neutra: nem leva, nem impede ir em qualquer direção; apenas ilumina o caminho, mostrando como neutralizar, no momento *presente* o binário *bem-mal*.

A vontade do homem determina o *futuro*, mas suas possibilidades são limitadas por aquilo que se chama "Karma". O Karma é como um balanço geral das encarnações anteriores da alma.

O ser humano nasce, pela primeira vez, em circunstâncias favoráveis para adquirir a sabedoria. Ele nasce, como se diz, com karma limpo, e falha. Na segunda encarnação, além do esforço em adquirir sabedoria, ele terá que limpar seu karma, o que já não se fará sem luta e sofrimento. Naturalmente, nesse segundo nascimento, a consequência dos erros da encarnação precedente, manifestar-se-á como condições de vida menos favoráveis. As encarnações subseqüentes tornam o karma mais leve ou mais pesado, até que ele fique definitivamente limpo.

Um karma pesado, que não pode ser pago exclusivamente com os esforços conscientes da vontade, é pago em parte pelo sofrimento. Os sofrimentos de um homem, condenado pelo karma, são às vezes tão grandes que bastam para saldar uma parte da sua dívida, mesmo quando ele permanece totalmente passivo e mesmo seja conscientemente mal-intencionado durante determinada encarnação.

Eis aqui as possíveis combinações das influências do Triângulo Místico, aplicado à vida de um ser humano particular:

1. A vontade em harmonia com a consciência e lutando contra o karma. Resultado: purificação do karma.
2. A vontade concordando com o karma, mas opondo-se às indicações da consciência. Isto corresponde ao oportunismo egoísta e resulta em sucessos visíveis na vida, embora com aumento da carga kármica.
3. A luta da vontade contra o karma, sem consultar a consciência. O resultado geral não pode ser previsto, pois dependerá das respectivas forças em ação.

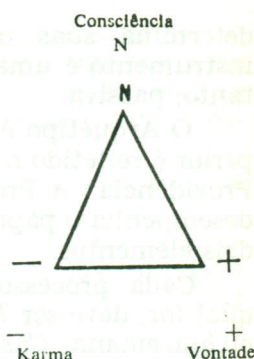


Figura 6

4. A vontade contra o karma e a consciência reunidos. Resultado: fracasso na vida e aumento do karma.

Os ternários escalonados, parecidos com os que foram analisados neste Arcano, isto é, os que apresentam os três graus básicos da mesma manifestação, chamaremos de *ternários absolutos*. A esses vamos assemelhar outros ternários — condicionais — que chamaremos de *ternários análogos*, ligando cada um deles condicional ou simbolicamente a um determinado ternário absoluto.

Tomemos dois exemplos de tais ternários: o primeiro, pertencente ao campo da Natureza, e o segundo ao do simbolismo ritual.

Analisemos o corpo humano, dividindo-o em cabeça, região torácica e região abdominal. Por analogia, a cabeça corresponderá ao plano mental, pois as manifestações mentais do homem encarnado tem uma certa ligação com as funções do cérebro; o tórax corresponderá ao plano astral, mesmo considerando apenas o papel principal atribuído aos exercícios respiratórios no tratamento físico dos candidatos ao trabalho astral; o abdôme corresponderá ao plano físico, pois as funções dos órgãos da alimentação estão naturalmente ligadas à renovação das células do corpo.

Será este um ternário análogo. Podemos também dar-lhe uma forma um pouco diferente: a atividade da cabeça rege a distribuição dos fluidos nervosos; a do tórax rege a renovação da força vital do sangue; e atividade do abdôme, a restauração dos tecidos (circulação da linfa).

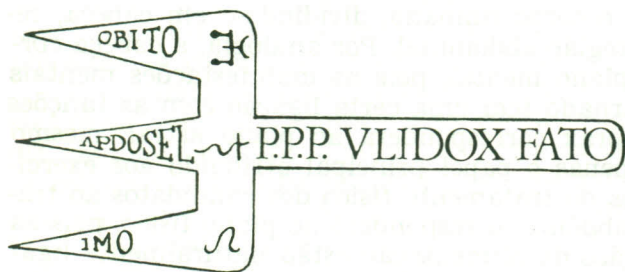
Querendo verificar praticamente esta construção artificial, analisaremos separadamente a cabeça — a analogia do plano mental — procurando nela os três subplanos do plano mental: os olhos representarão a mentalidade; segundo o olhar concluímos superficialmente sobre a atividade intelectual do indivíduo. O nariz representará a parte astral da cabeça; de acordo com a formação do mesmo, tiram-se freqüentemente conclusões superficiais a respeito da patologia da região torácica da pessoa. A boca representará o plano físico; ela será um enviado da região abdominal, cujos distúrbios podem ser percebidos através da observação dos lábios, da língua, etc. Essa subdivisão confirma o fato de nosso ternário não ser inteiramente arbitrário, e sim possuir uma base *natural-simbólica*.

Daremos agora um exemplo de ternário *artificial-simbólico*, explicando o esquema do famoso tridente de PARACELSO (Tridens Paracelsi), apresentado na figura 7.

Os dentes são de metal: ferro, aço, estanho, etc. O cabo é cilíndrico e feito de material isolante: madeira, ebonite ou outro. O instrumento, do ponto de vista prático, representa uma espada mágica de três pontas.

Vamos analisar as inscrições que figuram nas extremidades dos dentes, os signos desenhados na base dos mesmos e a inscrição de ouro no cabo. Começemos pelas primeiras:

No dente superior está gravada a palavra “Obito”, cujo significado é: obedece, submetete-te, cede, sê atento. Essa inscrição se relaciona com o lado passivo da vida física ou, melhor, com o lado passivo de todas as manifestações nos três planos, durante a encarnação física.



TRIDENTE
DE
PARACELSO

Figura 7

No dente inferior lemos: “Imo”. Mais exatamente, deveria ser “Immo”; essa palavra significa: “ao contrário”, “em oposição”; seu sentido aqui é: resiste, sê ativo.

No dente do meio da figura a inscrição “ApdoseL” que deve ser dividida da seguinte maneira: AP — DO — SEL. “AP” deve ser substituído pelas letras gregas alpha (A) e rho (P) que são as primeiras letras da palavra grega “arche” que significa: começo — elemento superior — mens. A sílaba “DO” deve ser lida da direita para a esquerda “OD”. Este é o nome do astral positivamente polarizado. Portanto, significa o astrosoma no campo das manifestações masculinas positivas. “SEL” — do latino sal — símbolo do plano físico, simboliza o próprio plano físico.

Assim os três dentes, pelas inscrições, afirmam que o homem é um *ser ativo*, tríplice (mens-anima-corpus) que deve equilibrar o binário “submissão” e “oposição” e deve navegar entre essas duas correntes. Este ternário é relacionado com o campo da atividade do ser humano.

Passemos ao segundo ternário de signos: o primeiro signo assemelha-se ao caranguejo. Na astrologia, esse signo zodiacal (caranguejo-câncer) é o domicílio da lua, cuja influência planetária transmite o princípio passivo ao dente passivo.

A serpente que, no lugar da cabeça tem o signo de Júpiter, é o símbolo do turbilhão astral, pelo qual a autoridade do homem — simbolizado pelo signo de Júpiter — é transmitida ao astral do mundo.

O terceiro símbolo é uma ligeira alteração do signo zodiacal de Leão, domicílio do sol, princípio ativo, transmitindo sua influência para o ativo dente inferior.

Como podemos ver, o segundo ternário apresenta o *plano das formas* que agem como transmissores da influência para os dentes.

O cabo está enfeitado com a inscrição em ouro: P. P. P. VLIDOXFATO onde o triplo P deve ser invertido para que possa representar a figura do triplo lingam — a fecundação em três planos. “V” é o algarismo para o número cinco, que corresponde ao pentagrama, símbolo da vontade humana. “LI” são as letras iniciais da palavra “Libertate”; “VLI” significa, portanto “pentagrammatica libertate” ou seja, “pela liberdade da vontade humana”. “DOX” significa “doxa”, estar ciente, aquilo que nos dá o elemento da consciência. “FATO” significa “pela fatalidade”, “pelo destino”, “pelo karma”.

Assim, o cabo nos diz que cada ser humano tem o direito de tentar produzir nos três planos, graças à existência das forças colocadas por nós nas pontas do triângulo místico de Fabre d’Olivet. Este ternário se refere ao caráter mental, mesmo metafísico, de nossos direitos absolutos nos três planos.

O tridente, no seu conjunto, simboliza: nos dois planos superiores (o cabo e a região dos signos astrológicos) o ser humano em geral; no plano físico simboliza o ser masculino, pois o dente do meio indica atividade. Praticamente, o instrumento serve de espada mágica na mão de um ser humano masculino. Num formato muito reduzido, é aplicado no tratamento da impotência masculina.

Com isto, temos um exemplo de um sistema de três ternários no campo do simbolismo.

LÂMINA IV

Fundo: Duas paredes angulares, brancas, inteiramente decoradas com swásticas de cor azul safira. Não se avista o teto. Um assoalho feito de pedras quadradas, de cor cinza. Sobre o mesmo, um cubo branco que mostra, de frente, uma de suas faces, na qual figura a imagem de uma águia voando da esquerda para a direita. Do pescoço da ave, pende a Cruz do Hierofante. Ao lado direito do cubo, um homem, visto de perfil, está nele se apoiando displicentemente. A perna que se acha no segundo plano está dobrada com o joelho projetado para a frente e sua parte interna encostada na outra perna, formando com ela uma cruz. O homem está ligeiramente inclinado, o braço esquerdo estendido, segura um cetro com o símbolo de Vênus, feito de ouro. Dentro do círculo deste símbolo há um outro — o de Júpiter — feito de prata.

O homem veste uma túnica azul safira que o cobre desde os ombros até os joelhos. Os pés estão calçados com sandálias douradas, presas por uma tira que se cruza na perna. O rosto ostenta uma barba de corte assírio. Na cabeça, uma tríplice tiara de ouro, de tipo egípcio. A figura, no seu conjunto, é de acentuado tipo jupiteriano, expressando poder e autoridade.

As linhas do quadro são claras e bem destacadas. Nada há de indeterminado, vago ou tortuoso. A luz vem pela esquerda, de baixo para cima.

ARCANO IV — 7 — DALETH

O signo do alfabeto hebraico que corresponde ao Arcano IV é Daleth. O seu valor numérico: 4. O hieróglifo do Arcano é o *Seio*; daí a idéia de alimentar e ser alimentado. A alimentação fortalece a criatura e a capacita para agir e adquirir autoridade no seu ambiente.

A lâmina do Arcano apresenta um homem coroadado com uma *tríplice tiara*. Isto significa que o princípio de autoridade existe nos três planos e que essa autoridade, para ser real em qualquer campo, deve se estender aos três planos desse campo.

Na mão esquerda, o homem segura um cetro, encimado pelo signo de Vênus, ou o signo de Júpiter. O primeiro significa que é indispensável saber criar entes complexos, individualizados e terminados. O segundo indica simplesmente a correspondência astrológica do Arcano — o planeta Júpiter — com todas as características do deus Júpiter da Mitologia.

A posição dos braços e dos ombros do homem da lâmina deveria formar um triângulo ascendente. Em muitos baralhos do Tarô essa particularidade foi omitida.

A perna esquerda está cruzada com a direita de modo a formar uma cruz de braços iguais. Atrás da figura há uma pedra cúbica na qual está representada uma águia, trazendo no pescoço o emblema chamado "Cruz do Grande Hierofante (figura 8). O homem apoia a mão direita na face superior no cubo.

Vejamos a explicação desses símbolos:

Uma pedra cúbica, *uniformemente talhada e lisa*, é o símbolo de tudo o que foi trabalhado e terminado, recebendo uma forma definitiva. Indica que a autoridade se manifesta pelas formas, previamente bem elaboradas. Cada lado do cubo, evidentemente, apresenta um quadrado — um dos símbolos geométricos deste Arcano.



Figura 8

A imagem da águia sobre a pedra, demonstra a necessidade de uma grande elevação de pensamento para aquele que

pretende dar às coisas uma forma acabada. É preciso que ele seja, digamos, um engenheiro e não apenas um operário no seu trabalho.

Essa idéia está confirmada pela presença, no Arcano, da Cruz do Grande Hierofante. A linha vertical da cruz simboliza um canal que conduz à ponta inferior, a influência dos três planos do Universo, representados por três travessas horizontais. Para completar a forma, para polir a pedra, é preciso não apenas captar a idéia da coisa nas alturas, mas, também, fazê-la passar pelas fases mental, astral e física de sua realização.

Falta ainda explicar a cruz formada pelas pernas do homem. Essa cruz de braços iguais será o segundo símbolo deste Arcano, sendo que o primeiro é uma pedra cúbica, um dos nomes ("Petra Cubica") do Arcano.

Na linguagem comum o nome do Arcano é o "IMPERADOR" por causa do cetro e da coroa. Na esfera do ternário teosófico, os títulos do Arcano serão os seguintes:

"Forma" — no plano do Arquétipo

"Auctoritas" (autoridade) — no plano do Homem

"Adaptatio (adaptação) — no plano da Natureza.

Passemos agora à interpretação do *quaternário*, representado pelos quatro braços da cruz. Este quaternário simboliza, antes de mais nada, um esquema geral de todo processo dinâmico, completo, no Universo.

Tais processos caracterizam-se gnosticamente do seguinte modo:

O princípio ativo, masculino, expansivo — Iod — fecunda o princípio passivo, feminino, atrativo, He. Desta união nasce o princípio neutro, andrógino, Vau, que transmite ao plano inferior tudo o que recebeu do superior. Logo que este esquema se realiza, aparece a idéia da família, ou seja, a idéia de um ciclo completado de manifestação. Admitir a existência deste núcleo, é como traçar uma linha de contorno ao redor da vida interna dessa família e constatar que na vida externa, esse núcleo familiar, embora composto, atua como uma unidade independente.

Quando desejamos expressar o fato de que o ciclo Iod-He-Vau foi concluído, colocamos, após as três letras, uma quarta: o segundo He, passivo, que confirma o fato do ciclo *ter sido encerrado*. Tal quaternário do ciclo elementar corresponde ao terceiro grande nome de Deus: *Iod-He-Vau-He*.

A Cabala atribui a este nome uma força milagrosa quando corretamente pronunciado.

É muito provável que, em casos especialmente solenes, o hierofante o pronunciasse três vêzes; a primeira, lendo-o literalmente: Iod-He-Vau-He. A segunda, dividindo-o em duas partes, ou seja: “Iod”, que corresponde ao princípio masculino e “Heva”, correspondendo ao princípio feminino; assim resultava “Iod-Heva” ou “Iodheva”. Na terceira vez, a palavra inteira era lida etimologicamente. É muito provável que sua pronuncia fosse “Ieve” ou “Iave”, mas, de qualquer modo, não “Jehova”, como pensavam alguns autores do século XVIII, baseando-se na pontuação condicional do texto hebraico, referente não a esse nome, mas a outro que o substituiu na leitura em voz alta.

Deste modo o Hierofante apontava em primeiro lugar o esquema completo do ciclo elementar; depois, o androginato da humanidade e, finalmente, a unicidade e a Lei Unitária em geral.

Para que os profanos não pudessem ouvir o nome sagrado, as palavras do Hierofante eram abafadas pelo som de alguns instrumentos musicais de percussão.

O ciclo Iod-He-Vau-He se distribui na cruz do quaternário conforme figura 9, lendo-se a mesma palavra em ambas as direções do movimento giratório. As flechas indicam a direção certa. A leitura do terceiro Nome Divino, mas em sentido inverso, resulta na palavra “Havaioth”, considerada como símbolo de *anarquia* (o reino do diabo). Esta palavra se obtém quando o movimento giratório inicia-se numa das pontas da linha horizontal, ao invés de o fazer na ponta superior da linha vertical.

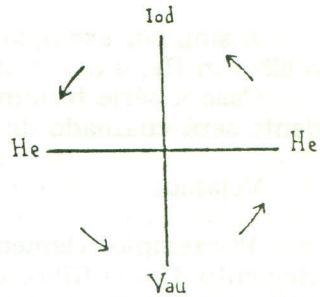


Figura 9

Imaginemos agora que a nossa unidade composta, a nossa família, representada pelo segundo He do Nome Sagrado, exerce uma influência sobre algum elemento do mundo *exterior*, isto é, que o nosso ciclo elementar, pela sua completação, condicionou um novo ciclo. Neste caso, o símbolo passivo He já não mais corresponde ao quarto elemento. Este He, de um modo misterioso, mas em conformidade com a Lei, transformou-se no Iod do ciclo seguinte. A nossa cruz, como se tivesse girado 90°, torna-se um círculo; este movimento se chama: o girar do quaternário no Círculo Herético.

Não cabe aqui descrever a natureza deste processo. Vamos nos limitar a constatar o fato da transformação do segundo He em um novo Iod. Este novo Iod procura ou forma para si um novo He, que lhe convém, e o fecunda. Daí nasce um novo Vau, que conduz a um segundo ciclo. Caso este ciclo seja o final, estará delimitado pelo símbolo He. Se passar a ser ativo, o He será substituído por Iod, podendo esse processo repetir-se até o infinito.

Se comparamos a série de elementos obtidos nos processos cíclicos sucessivos a uma série de números naturais, poderemos verificar que nesta última série, todos os múltiplos de três corresponderão a Vau; todos os números que, conforme o esquema de três, ocupam o lugar do número um corresponderão a Iod, e todos os que ocupam o lugar do 2 corresponderão ao He. Exemplo:

Iod	He	Vau	Iod	He	Vau	Iod	He	Vau	Iod	He	Vau
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Iod	He	Vau	Iod	He	Vau						
13	14	15	16	17	18,	etc.					

Assim, por exemplo, o 58º elemento da série será um Iod, o 62º um He, e o 75º um Vau.

Caso a série termine com 58º elemento, o He correspondente será chamado de segundo He (elemento final).

Vejamos:

1º exemplo: elemento 1 — o pai; elemento 2 — a mãe; elemento 3 — o filho; elemento 4 a influência de toda a família sobre o elemento 5 que será, por exemplo, uma outra família. Essa influência dá nascimento ao elemento 6 — os interesses comuns das duas famílias. Unidos por esses interesses, o grupo das duas famílias (elemento 7) age sobre um outro grupo de família (elemento 8), criando uma solidariedade entre os dois grupos (elemento 9).

É este o esquema da formação de uma comunidade em geral, e de um Estado em particular.

Passemos a outro exemplo:

Um gênio (1) fecunda a mente de um sábio (2) que vive num mundo de abstrações. O sábio gestando e transmitindo a idéia, cria a possibilidade de formação do elemento andrógino (3), ou seja, um ser humano realizador. Este, por um lado, recebe passivamente o alimento fornecido pelo sábio e,

por outro lado, age no mundo de acordo com o ensinamento recebido. Caso seu comportamento seja mais passivo (He), todo o ciclo caracterizar-se-á como *inteligência passiva*. Caso seja ativo e se torne um Iod do ciclo seguinte (4), fecundando o meio ambiente capaz de assimilar o novo impulso cultural (5), este ciclo receberá o nome de *inteligência ativa*.

Temos pois, aqui, o esquema do processo de transmissão cultural, a partir do ponto de intuição científica e filosófica. Podemos aplicar o mesmo esquema ao campo da estética.

Terceiro exemplo:

A *manhã* (1) prepara e planifica a atividade do *dia* (2); o fruto dessa atividade aparece de *noite* (3) e, através da misteriosa passagem pela noite, torna-se o ponto de partida para os planos e preparativos da *manhã seguinte* (4).

O semear da *primavera* (1) incubado pelas condições do *verão* (2), propicia a colheita *outonal* (3) e o período *hibernal* determina o grau da atividade na *primavera seguinte* (4).

Aplicando tudo isso ao esquema do girar do quaternário dentro do círculo, teremos os seguintes dados: a trajetória do deslocamento do primeiro quadrante (1-Iod); a trajetória do segundo quadrante (2-primeiro He); a trajetória do terceiro quadrante (3-Vau) e a determinação do centro. Com isso, teremos a determinação da circunferência, sem a qual não poderíamos ter certeza de que o quarto elemento (o segundo He), após ter girado 90°, fosse cair no lugar do Iod do ciclo seguinte.

Cada ciclo de Iniciação comporta três etapas, correspondendo aos três quadrantes do círculo hermético.

Nos três graus simbólicos da legítima Maçonaria ética de Ashmol e Fludd, o elemento Iod é representado pelo grau de aprendiz. Nesse grau, o Maçom se esforça para conhecer-se a si mesmo o mais possível e para se aperfeiçoar, e só então se dá conta das trevas da ignorância ética em que vive o homem comum. Esse grau, ativo, exige um trabalho árduo e cansativo. O próprio ritual da iniciação do grau de Aprendiz é rico em alusões simbólicas aos erros, aos desvios de conduta e às penosas provações da vida.

O elemento He, na iniciação maçônica, corresponde ao segundo grau, o de Companheiro, cujo campo de aplicação é ampliado. O Companheiro desfruta os aspectos agradáveis de relações fraternais com seus "irmãos de armas" que, como

ele próprio, ultrapassaram o penoso estágio de Aprendiz. O ritual do grau simboliza o prazer do conhecimento em geral, e em particular todas as doçuras da amizade, da ajuda mútua, da proteção dos instrutores experimentados.

O elemento Vau corresponde ao terceiro grau, o de Mestre, já conhecedor da *vida* no ambiente maçônico e que terá agora de se familiarizar com a idéia da *morte*, com todas as suas implicações. A Loja dos Mestres representa uma síntese de toda a família maçônica. Se a considerarmos como unidade fechada, ela corresponderá ao segundo He. Se a considerarmos do ponto de vista da influência que exerce no seu meio-ambiente, corresponderá a um novo Iod.

Voltando à numeração dos elementos do ciclo dinâmico, chamamos a atenção para a possibilidade de analisar ciclos de 9 elementos e não de três como fizemos antes. O lugar de um elemento no ciclo de nove se determina pela menor subtração positiva, segundo o módulo de nove. Assim o 58º elemento da série será o 4º elemento do seu ciclo de nove, ou seja, o Iod da segunda família daquele ciclo de nove; o 78º elemento da série será o sexto elemento do seu ciclo de nove, ou seja o Vau da segunda família do mesmo ciclo. Podemos obter estes resultados de um modo mais rápido, somando os algarismos do número, segundo um método aritmético bem conhecido:

$$58: 5 + 8 = 13; 1 + 3 = 4$$

$$78: 7 + 8 = 15; 1 + 5 = 6$$

Esse cálculo que se chama “extrair a raiz teosófica do número”, nos será muito útil no futuro. Para completar a nossa exposição, acrescentaremos ainda que, se aplicarmos a qualquer número do ciclo de três a *adição teosófica*, isto é, a adição de todos os números naturais, incluindo o próprio número em questão, obteremos os seguintes resultados:

1. Se o número correspondia a 0 (ou a 3, o que é o mesmo), no módulo de 3, a soma teosófica corresponderá também ao 0 do módulo 3. *O ternário permanecerá ternário.*
2. Se o número correspondia a 1, no módulo de 3, sua soma teosófica corresponderá a 1, segundo o módulo de 3. *A unidade permanece unidade.*
3. Se o número correspondia a 2, no módulo de 3, sua soma teosófica corresponderá a 3 (ou a 0, o que é o mesmo), segundo o módulo de 3. *O binário, após a síntese, não mais permanece binário, mas, neutraliza-se em ternário.*

Esses teoremas podem ser demonstrados facilmente, de um modo geral. Aqui, nos limitaremos a três exemplos particulares, segundo a fórmula $S_n = \frac{a_1 + a_n}{2} \times n$ sobre a soma dos termos de uma progressão aritmética.

$$1. 1 + 2 \dots + 6 = \frac{7 \times 6}{2} = 21 \succ 3 \quad (\text{mod. } 3)$$

$$2. 1 + 2 \dots + 16 = \frac{17 \times 16}{2} = 136 \succ 10 \succ 1 \quad (\text{mod. } 3)$$

$$3. 1 + 2 \dots + 20 = \frac{21 \times 20}{2} = 210 \succ 3 \quad (\text{mod. } 3)$$

O 6 era *Ternário*, o 16, *Mónada* e o 20, *Binário*.

Tendo analisado o Quaternário como esquema geral de processos dinâmicos elementares, passaremos agora ao simbolismo da cruz de braços iguais, como esquema de manifestação ativa e passiva do Homem no plano astral.

A barra vertical da cruz, que religa o Iod e o Vau, está dividida em duas partes pelo ponto central. A de cima — Iod — predomina sobre a de baixo — Vau — pois, o Iod é mais ativo que o Vau. A parte superior é considerada como campo de ações positivas do ser humano — o campo do Bem — e a parte inferior, como campo de ações negativas, a região do Mal.

Um Iniciado, em cada momento da vida, deve discernir entre esses dois campos, permanecendo sempre no ponto neutro. *Isto é conhecer o bem e o mal das ações.*

A barra horizontal da cruz divide-se também em duas partes, ambas correspondendo à receptividade, à esfera passiva do homem. O braço da direita pertence ao segundo He que pode transformar-se em Iod; ele é, portanto, mais ativo, domina o braço esquerdo e corresponde à esfera da receptividade *favorável*. O braço esquerdo representa a esfera da receptividade *desfavorável*. Um Iniciado possui a capacidade de delimitar, em qualquer momento da vida, nitidamente, essas duas regiões, ou seja, possui o conhecimento do ponto neutro.

Em resumo, baseando-se nessa nova análise da cruz, podemos dizer que, para dominar o Arcano da autoridade, o homem deve não somente considerar o bem e o mal de suas ações, mas, também saber utilizar todas as influências externas, tanto as boas como as más. Ele saberá utilizar tanto a ira quanto um sentimento de gratidão, como estímulos de ação; tanto a ternura como a decepção, como meios de aquietação. A base da autoridade do homem é sua capacidade de se manter no centro da cruz hermética, em sintonia com todos os seus elementos, mas permanecendo dono de suas esferas.

Dessa análise passemos agora às analogias tradicionais dos elementos do Quaternário:

O elemento Iod está ligado ao que a tradição chama de "Ar"; o primeiro H, à "Terra"; o Vau, à "Água" e o segundo He, ao "Fogo". Na antiguidade, esses quatro termos eram chamados de "Elementos do Quaternário".

Mencionaremos correspondências mais razoáveis em vários planos.

No plano metafísico, o "Ar" corresponde ao tempo; a "Água", ao espaço; a "Terra", ao princípio da estagnação, à inércia da matéria; o "Fogo", ao estado cinético da matéria.

No plano moral, o "Ar" indica que cada iniciado deve *ousar*; a "Água" que deve *saber*; a "Terra" que deve *calar* e o "Fogo" que deve ser capaz de *querer*. A última correspondência está ligada à apresentação do quaternário das figuras simbólicas, ou seja, dos "animais sagrados": a Águia ousa, o Homem sabe, o Touro cala e o Leão é feroso em seus desejos.

Os hermetistas contemporâneos simbolizam essas quatro manifestações pelos emblemas em forma de cruzes formadas por calhas, nas quais as horizontais correspondem a receptividade no dado momento e as verticais ao impulso do agir (figura 10).

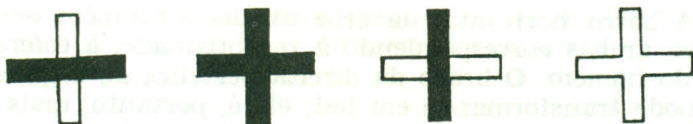


Figura 10

Quem *ousa*, abafa em si o sentido do perigo (a calha escura horizontal) e *age* (a calha clara vertical). Quem está satisfeito com seus conhecimentos, nem estuda, nem age (as

calhas escuras). Quem *cala* não se manifesta (calha vertical escura), mas toma conhecimento de tudo (a calha horizontal clara). Quem *quer*, é ao mesmo tempo ativo e receptivo — evidentemente — pois sabe também o que quer (as calhas claras).

No plano físico, os quatro elementos correspondem aos quatro estados da matéria: terra, sólido; água, líquido; ar, gasoso; fogo, irradiante.

Aproximando todas essas explicações da análise do quaternário das atividades e receptividades humanas, compreenderemos melhor a tese clássica do Ocultismo que afirma ser o corpo humano composto de todos os quatro elementos, e o próprio homem um ser sintético, que aprende a conhecer os quatro campos dos braços da cruz.

Os *elementais* são submetidos à autoridade de um homem equilibrado. Não possuem discernimento entre o bem e o mal; eles não se acham no ponto central da cruz, vivem apenas nos braços. Os silfos vivem no ar, as ondinas na água, os gnomos na terra e as salamandras no fogo. Seus corpos são feitos da matéria do mesmo elemento em que habitam e em que *se fundem*. portanto, não podem ser vistos com olhos físicos, nem escutados com ouvidos físicos, etc., a não ser que se manifestem por um empréstimo mediúnicos de uma outra substância. Neste caso, um contato com esses elementais pode ser estabelecido através dos sentidos físicos. Os elementais dirigem os pormenores daquilo que chamamos manifestações físicas e químicas.

Daremos algumas breves indicações sobre a distribuição dos elementos alquímicos do quaternário Iod-He-Vau-He. Ao termo "Ar" corresponde, na alquimia, o solvente universal "Azoth", cujo símbolo é um caduceu, com três circunvoluções encimado por asas de águia. Ao termo "Água", corresponde o "Mercúrio" que pode ser obtido do mercúrio comum; seu símbolo é ☿ . O Azoth, freqüentemente, é também chamado "Mercúrio dos Sábios" ou "Mercúrio dos Filósofos"; todavia, devemos compreender que este "Mercúrio" não pode ser obtido do mercúrio metálico. Ao termo "Terra" corresponde o elemento "Sal". Seu símbolo é ⊖ . Ao termo "Fogo" corresponde o elemento "Enxofre", cujo símbolo é ♁

O enxofre e o sal alquímicos não devem ser confundidos com as substâncias do mesmo nome da química comum.

Na alquimia estes nomes indicam dois princípios atributivos dos corpos que podem ser neutralizados, seja pelo mercúrio metalógeno (no processo involutivo), seja pelo mercúrio dos sábios (no processo evolutivo).

No Hermetismo Ético, que é a analogia da alquimia no plano astral, ao elemento "Sal" corresponde a *perseverança* na procura do aperfeiçoamento; ao elemento "Enxofre", o *ardor da oração* ou de outro modo de concentração; ao elemento "Mercúrio", o estado de *estar ciente*; ao elemento "Azoth", a *sensibilidade sutil* e a compreensão inata das condições do trabalho.

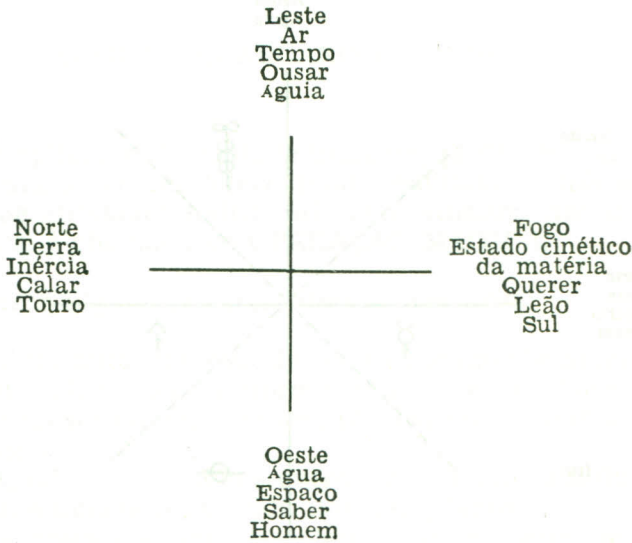
O Hermetismo Ético e a alquimia são aspectos particulares de uma obra geral, conhecida como "*Grande Obra*" e simbolizada pelo Arcano XIX. Esse empreendimento pode ser definido como sendo um processo de transmutação de um ambiente ou de uma matéria determinada, do seu estado mais rude ao mais sutil que ela possa atingir, sem ultrapassar, todavia, os limites do seu próprio meio, isto é, conservando as mesmas qualificações gerais do plano ao qual pertence.

A alquimia ocupa-se com a "*Grande Obra*" de transmutar os metais comuns ou mesmo qualquer escória material em metal mais nobre; o ouro. A finalidade do Hermetismo Ético é transformar um homem eticamente inferior em um outro, diferente, aperfeiçoado que, guardando as características gerais de um ser humano encarnado, realize em si mesmo a síntese das qualidades de uma alma evoluída.

É evidente que cada transmutação deste tipo se baseia no princípio da unicidade básica da substância em que se processa a transmutação. Em outras palavras: se uma escória qualquer pode ser transformada em ouro, é porque todos os corpos materiais apresentam diversos modos de coagulação da *substância básica única*. Na transformação de um homem inferior em um homem superior, a composição básica permanece a mesma, a diferença está somente no modo de agrupamento de seus elementos astrais que, em cada um, é diferente e varia até o infinito. Aquilo que está em desordem num homem inferior, está perfeitamente ordenado no homem superior.

Temos ainda a importante questão de distribuição dos pontos cardeais entre os elementos Iod-He-Vau-He. O leste

corresponde a Iod; o sul ao segundo He; o oeste a Vau e o norte ao primeiro He. (figura 11)



QUATERNÁRIO DE EZEQUIEL

Figura 11

Este esquema está baseado no aparente movimento solar de 24 horas, que se efetua no sentido que chamamos “contrário”. Se dispusermos os animais sagrados como o temos feito até agora, isto é:

Águia	— Leste	— Ar
Touro	— Norte	— Terra
Homem	— Oeste	— Água
Leão	— Sul	— Fogo

teremos, visto como se fosse num espelho, o reflexo do esquema dado nos 1.º e 10.º capítulos do livro do profeta Ezequiel. As aplicações do quaternário de Ezequiel desempenham um papel importante nas operações da invocação (movimento giratório chamado por nós “reto”, isto é, em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio) e de conjuração (no sentido dos ponteiros do relógio).

QUATERNÁRIO DO APÓSTOLO SÃO JOÃO

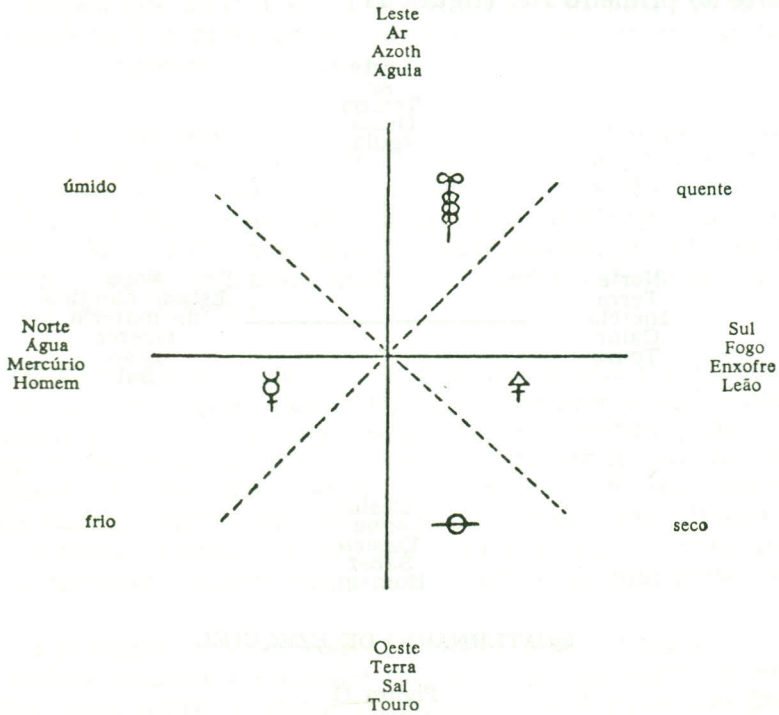


Figura 12

Outro esquema dado pelo Apóstolo São João, no 4.º capítulo do Apocalipse, apresenta o reflexo de uma imagem semelhante que, no entanto, se diferencia da primeira pela inversão de lugar de dois elementos. Nela, o Touro — Terra, corresponde ao Oeste; e o Homem — Água, ao Norte.

Este segundo esquema possibilita a introdução de certos termos estranhos relativos a qualificações atributivas:

“Úmido”, “Seco”, “Quente” e “Frio”.

Assim o Ar seria úmido e quente; a Água, úmida e fria; a Terra, fria e seca; o Fogo, seco e quente. Essas qualificações são muito usadas em astrologia e alquimia.

O GRANDE ARCANO DA MAGIA

Cada aplicação da vontade humana, particular ou coletiva que, para obter um determinado resultado, utiliza a colaboração de entidades individualizadas atuando nos dois ou três planos, é chamada de OPERAÇÃO MÁGICA.

Daremos alguns exemplos dessas operações:

1. Uma auto-sugestão de algo nitidamente determinado. Neste caso, o processo atua sobre o próprio mago (um ser vivendo nos três planos) ou sobre uma parte de suas células.
2. Qualquer sugestão a outro ser humano: a influência, novamente é exercida nos três planos.
3. A aceleração ou desaceleração de qualquer processo nos elementos: a influência age sobre os elementais; portanto, também nos três planos.
4. A evocação de um elementar (ser biplânico) que, com a ajuda de um empréstimo mediúnicos, pode manifestar-se no terceiro plano.
5. A procura ou a atração de um clichê astral (a influência abarca dois planos) ou a exteriorização do elementar do próprio mago, isto é, a influência sobre seu próprio elementar, o que pode ser considerado também como ação sobre dois planos, etc.

Caso a operação mágica seja dirigida às entidades de três planos, sua eficácia dependerá da preponderância das capacidades do operador sobre as das entidades às quais a dita operação é dirigida.

Caso a operação atue sobre as entidades de dois planos, como, por exemplo, egrégoras, larvas, etc., então, mesmo que as forças de ambos os lados sejam iguais nos dois planos, o resultado desejado poderá ser conseguido pelo simples fato do operador possuir o reforço do terceiro plano — o físico. Nesse caso diremos que, para realizar a operação, o operador se apoiou no plano físico. O ponto de apoio físico pode ser o corpo do próprio operador, o corpo de outros seres ou objetos materiais externos.

Da nossa definição de operação mágica, podemos concluir que ela deve ser composta, obrigatoriamente, de três elementos:

1. O mental, ou seja, a idéia da operação, apoiada por um ato da vontade.
2. O astral, que é a forma, isto é, a estrutura interna da operação.
3. O físico, constituído pelos pontos de apoio da operação acima mencionados, ou seja, os símbolos utilizados, os recursos do próprio corpo do operador, o corpo das entidades de três planos que o ajudam na operação, etc.

De acordo com o que temos aprendido sobre a *unicidade* da substância básica, todos os elementos mentais, astrais ou físicos da atuação mágica, devem ser considerados como manifestações *particulares*, isto é, como fazendo parte, respectivamente, de um único elemento mental (o axioma metafísico), de um único elemento astral (o turbilhão universal), ou de um único elemento físico (o ponto de apoio no plano físico).

Além disso, o princípio mental deve dar nascimento à formação astral, e esta, pela sua condensação, determinará inevitavelmente a manifestação física.

Esta atuação, em sua totalidade, ou seja, o axioma metafísico, o turbilhão astral e a manifestação física, constitui o GRANDE ARCANO DA MAGIA.

O Grande Arcano, sendo a chave do maior poder humano, nunca é revelado ao discípulo pelo instrutor, pelas seguintes razões:

1. Se o discípulo, por si mesmo, não alcançou o Grande Arcano em toda a sua plenitude, é porque num dos planos, seu desenvolvimento é incompleto. Não se pode garantir, portanto, que a revelação do Arcano não constituirá um perigo para o próprio Iniciador.
2. O caráter do Grande Arcano é subjetivo em sua compreensão e sua aplicação. Como aprenderemos mais adiante, as Mônadas espirituais dos seres humanos já possuem em si as características específicas na sua qualidade de células do Homem Coletivo Universal. Podemos dizer que elas possuem colorações e tonalidades diferentes. Os astrosomas também são diferentes e submetidos a diferentes influências planetárias. Nem mesmo os corpos são iguais. Sendo

assim, uma transmissão esquemática do Grande Arcano, embora acompanhada de comentários do instrutor, não dispensará o discípulo de um trabalho árduo e prolongado para adaptar o esquema dado pelo instrutor às suas particularidades individuais e às condições da sua própria vida nos três planos.

Conseqüentemente, o que dissermos sobre o Grande Arcano, será apenas um desenrolar lógico da sua definição.

O Grande Arcano, como toda operação mágica, deve possuir na sua composição a parte mental. O operador deve *compreender e determinar a operação* da forma mais completa. Em outras palavras, deve orientar-se perfeitamente a respeito do caráter de cada entidade, deve conhecer sua proveniência, deve conhecer mentalmente “seus pais”, isto é, precisa compreender o “matrimônio” de cada Iod com cada He no plano mental. A chave para essa compreensão está oculta de um modo estático na Grande Lei do Ternário.

Essa Lei é simbolizada pelo triângulo ascendente (figura 13) que constitui a parte superior do esquema que alude à construção do Grande Arcano da Magia.

A parte mental do Arcano, ou seja, o “matrimônio” dos determinados Iod e He, dará nascimento a sua parte astral — o mistério do turbilhão básico, o Vau, o “filho” do “matrimônio”. Como já explicamos no Arcano II, esse turbilhão é bipolarizado. Além disso, ele determina a passagem do mental ao físico e vice-versa. Nele reside o mistério geral da involução e evolução. Graficamente, é apresentado na figura 14, e o número que lhe corresponde é 2, enquanto o número da parte metafísica é 3.

Os turbilhões astrais do tipo geral, ao condensarem-se, devem conduzir suavemente à esfera dos elementos, ou seja, ao mundo físico, misteriosamente ligado à compreensão do Arcano IV.

A realização do poder sobre os elementos, corresponde ao segundo He do processo dinâmico do Grande Arcano da Magia. No plano físico ele é representado pelo valet, isto é, a atividade da nossa família Iod-He-Vau. Nessa parte, sintetizada e simbolizada pela figura 15, temos o domínio sobre os elementos (*a cruz de braços iguais, com o mistério de sua rotação dentro do círculo hermético*) e o resultado da aplicação



Figura 13



Figura 14



Figura 15

deste domínio — uma das faces da pedra cúbica, o quadrado. A essa figura corresponde o número 4.

O esquema geral do Grande Arcano é apresentado graficamente pelo conjunto dos três símbolos (figura 16). Tornamos a repetir: sua parte superior é o Ternário do Grande Arcano Metafísico. A parte central, o binário da “Rota” astral (o turbilhão). A parte inferior, o quaternário da “Rota” elementar, ou o mistério da realização, o mistério do ponto de apoio.

A realização da parte superior depende do grau da encarnação no ser humano da sua Mônada Espiritual, a qual, desde sempre, possui o conhecimento do matrimônio místico Iod-He.

Para realização da parte intermediária, o homem deve criar em si, astralmente, o *androginato* Vau.

Para realizar a parte inferior, a física, é preciso, além da criação do androginato astral, saber qual o instrumento que servirá como ponto de apoio físico da operação e conhecer a passagem deste ponto de apoio ao turbilhão astral.

Um método puramente lógico pode ajudar-nos a achar este instrumento. Tentemos fazer desaparecer, mentalmente, uma parte do Universo, dando ao que sobrar as qualidades atributivas da totalidade anterior. Apliquemos a esse novo universo, este novo macrocosmo, o Grande Arcano. Veremos que o instrumento dessa aplicação não mudará. Continuando a diminuir assim o Universo, chegaremos a contraí-lo até que se limite ao próprio operador. Este é uma réplica do mundo — o microcosmo — e a ele podemos também aplicar o Grande Arcano. Agora, o único instrumento que o operador pode utilizar para agir sobre seu próprio microcosmo, é seu corpo físico. Este será, portanto, o grande “Atanor” do Arcano da Magia.

O conhecimento da parte inferior da operação, no entanto, não é suficiente. Ela é apenas o andar térreo da construção. Temos um bom exemplo disso na história do Rei Édipo. No seu caminho, encontra ele a Esfinge que lhe pergunta quem pela manhã anda com *quatro*, durante o dia com *dois* e à noite com *três* pés. O enigma simboliza o realizador do Grande Arcano. Analisemos o assunto:



Figura 16

A Esfinge representa uma síntese dos quatro animais sagrados. Tem o rosto humano, as garras de leão, as asas de águia e os quadris de touro. Essas criaturas, pelos seus atributos, condicionam o acesso ao mundo astral, através dos quatro elementos que representam. A esfinge é o astral. Ela é uma sentinela vigilante da pirâmide. A base da pirâmide é constituída pelo quadrado dos elementos; todavia, seus lados triangulares, delimitados pelas arestas, simbolizam os triângulos mentais evolutivos que, no seu ápice, se fundem em *unicidade*. O plano mental é protegido, guardado pelo astral.

Qual foi a resposta de Édipo? Respondeu que se trata do corpo humano, o qual na infância anda com quatro, na juventude e idade adulta, com dois pés, e na velhice acrescenta um terceiro — o bastão no qual se apóia. Édipo adivinhou apenas a parte física do enigma e, com isso, adquiriu poder somente sobre o corpo da esfinge, que depois destruiu, proclamando-se seu vencedor.

O futuro provou que ele não tinha resolvido o binário astral do Arcano. A parte negativamente polarizada do turbilhão o arrastou aos horrores do parricídio e do incesto. O domínio sobre o plano físico unicamente, não bastou para impedir o acontecido.

A iniciação do plano astral lhe foi dada pelo *sofrimento*, e, no plano mental, alcançou a paz através do mistério do Amor Universal, da abnegação e da dedicação de sua filha Antígona.

Bem significativo é o fato da Iniciação astral lhe chegar na idade madura e a mental, na velhice.

Voltando à representação gráfica do Grande Arcano, é costume completá-la com três palavras por extenso ou por suas siglas:

TARO ou ROTA

 INRI

A primeira palavra é composta pelo primeiro ideograma dos três alfabetos: o hebreu (Aleph), o grego (Alpha) e o la-

tino (A), que se assemelham, e das últimas letras dos mesmos alfabetos, a saber: Z (do latino), Omega (do grego) e Tau (do hebreu). Essa palavra simboliza a *Síntese Universal* e é a divisa da *Escola Alquímica*.

A segunda palavra — Taro — é o nome do baralho dos Boêmios, composto de 78 arcanos, e equivale às palavras Rota, Tora (ou Torah), Otar, Arot (ou Aroth). Representa a tradição que, por um mal-entendido, foi chamada de “oriental”.

A quarta palavra — INRI — no plano mental é lida: “Iesus Nazarenus Rex Iudeorum”, a inscrição latina na cruz do Salvador. No plano astral, é lida: “Igne Natura Renovatur Integra” (a Natureza inteira é renovada pelo fogo). Aqui, o termo “fogo” é entendido conforme as explicações dadas neste Arcano. A palavra INRI era o lema da Escola Rosacruziana.

A presença simultânea dessas palavras na representação gráfica do Grande Arcano, ao lado do Nome Divino Iod-He-Vau-He, que é a chave da Cabala hebraica, indica que, tanto os cabalistas (Iod-He-Vau-He), como os Alquimistas (Azoth), tanto a tradição dos Boêmios (Tarô) quanto o Iluminismo Cristão (INRI), procuram a mesma realização, têm a mesma e única aspiração, um alvo único. Todos esses caminhos acham-se incluídos no Grande Arcano.



LÂMINA V

Interior de um templo egípcio. Vemos duas colunas, das quais a da esquerda está parcialmente iluminada por manchas luminosas, e a da direita se percebe, apenas, na penumbra.

Em segundo plano, 5 degraus conduzem a uma plataforma onde está sentado um homem, ligeiramente inclinado para frente. Sua vestimenta branca, sacerdotal é cingida por um simples cinto, também branco. Na cabeça, um adorno — à semelhança do Arcano II — porém os chifres têm 5 ramificações. O homem segura na sua mão direita um bastão comprido que se apóia no chão e, acima da cabeça do homem, termina por uma grande Cruz de Hierofante. A mão esquerda se estende para a frente com autoridade, e os dedos estão curvados num gesto de bênção.

No chão, de grandes pedras retangulares cinzentas, estão ajoelhadas, de frente para o homem, duas figuras masculinas. A da esquerda é clara e esguia, com cabelos lisos de cor castanha, caídos sobre os ombros. A da direita, mais escura e encorpada, tem cabelos pretos.

A luz vem do lado esquerdo, mas não são raios, e sim uma luz que forma, no chão, 5 manchas claras.

O mais importante é a impressão de autoridade e poder de vontade que emana do Hierofante e da submissão perceptível nas duas figuras.

Os contornos e as linhas são suaves.

O Arcano V corresponde à letra He do alfabeto hebraico, cujo valor numérico é 5. A correspondência hieroglífica é a *respiração*.

A respiração é a *base dos processos vitais* do organismo. Daí sua interpretação como sendo “a vida”, o que está de acordo com a correspondência astrológica do Arcano, que é o signo zodiacal do Carneiro. O sol permanece neste signo no primeiro mês da *primavera* que é — pode se dizer — o elemento “Iod” do ciclo solar anual. Este período *prepara a vida* do ano, é a sua *primeira respiração vital*.

Duas perguntas podem surgir:

1. Se no esquema Iod-He-Vau-He, o He corresponde ao Princípio Feminino, o que haverá de comum *entre o Princípio Feminino e a vida*?
2. O Arcano II — Beth — sendo interpretado como Princípio Feminino, porque a mesma interpretação é aplicada ao Arcano V e qual é a diferença de nuance entre os dois?

Responderemos à primeira pergunta fazendo uma pequena incursão no campo da teosofia cristã, tanto na mais moderna (séculos XVI, XVII e XVIII), como na mais antiga (séculos XIV e XV).

Se a cada ciclo dinâmico do tipo Iod-He-Vau-He sucede um ciclo semelhante, cujo Iod é uma transformação do segundo He do ciclo precedente, então, invertendo o sentido, podemos considerar que o Iod de nosso ciclo inicial é uma transformação do segundo He de algum ciclo anterior. A procura dos elementos deste ciclo anterior corresponderá ao movimento de *elevantar-se na corrente das causas*, conduzindo-nos ao conhecimento de um Iod mais antigo. Poderemos assim recuar várias vezes.

O primeiro ciclo de uma série de causas ou, falando de um modo mais pictórico, a Primeira Família do tipo quaternário, não pode ser considerada como absolutamente indepen-

dente, isto é, sem antecedentes, na série dos processos dinâmicos. O Princípio de Todos os Princípios não pode ser um "Iod", pois o elemento ativo "Iod" é movido pelo *desejo*, pela *necessidade* de fecundar, enquanto que o Princípio de Todos os Princípios deve possuir o atributo de Toda Plenitude, deve ser neutro, andrógino, contendo em Si todos os elementos dos processos dinâmicos que for capaz de criar.

Para simbolizar este Princípio, colocaremos um ponto sobre o Iod, escrevendo o esquema do Primeiro Quaternário da esfera transcendental: Ponto-Iod-He-Vau-He. Este ponto corresponderá ao Supremo Inalcançável, ao Infinitamente Uno, ao Idealmente Luminoso, ao Irradiante Princípio AIN-SOPH dos Hebreus ou ao Grande Nirvana dos Hindus. Este Princípio Inacessível que está além de qualquer especulação lógica, manifestou-Se pelo Elemento Masculino Iod, elemento fecundante, expansivo, radiante que pode ser chamado de AMOR UNIVERSAL.

O Amor Universal delimitou em si o aspecto passivo, atrativo — o Princípio Feminino — que tem uma certa qualidade de sombra chamada "RESTRICITIO" que é a VIDA UNIVERSAL.

O Amor Universal fecundou a Vida Universal e da união destes Princípios — o mais alto Iod e o mais alto He — nasceu o elemento Vau da Primeira Família: o LOGOS. As emanações primordiais deste último Elemento constituem o segundo He da Primeira Família, que forma a passagem ao mundo transcendente "Olam ha Aziluth" da Segunda Família.

Eis porque a VIDA é considerada um *elemento feminino*.

Nos escritos do abade Tritêmio (1462-1516) que nos transmitem as teorias Rosacrucianas da época, o elemento Iod da Primeira Família é chamado "Fogo Supra-Essencial"; o elemento He, "Ar Supra-Essencial", e o Logos, "Luz Supra-Essencial". Como vemos, o Ar — a respiração — está identificado com o Elemento Feminino He.

Podemos deduzir dessa terminologia que, na interpretação Rosacruciana do dogma da Trindade Divina, o Fogo corresponde à Primeira Pessoa da Trindade; o Ar, à Terceira, e a Luz, à Segunda. O Mundo Aziluth dos cabalistas é chamado por Tritêmio "Spiritus Mundi" — o Espírito do Universo.

Creemos ter respondido à primeira pergunta e passamos agora à segunda.

O Arcano Beth simboliza o princípio feminino como algo que existe em correspondência ao princípio masculino; algo que pode ser estudado (Gnosis-conhecimento), algo indispensável no início para que se possa desenrolar a série dos Arca-

nos subseqüentes. Pode-se dizer que o Arcano He é o Arcano Beth, já envolvido numa forma. O He é mais concretizado do que o Beth. O Beth delinea o campo do princípio feminino; o He preenche este campo com algo já existente como forma. Beth tem como hieróglifo A BOCA; He, A RESPIRAÇÃO saindo dessa boca.

Em geral quanto mais elevado for o número do Arcano, mais concreto, mais determinado será seu significado.

Após essas duas explicações, passemos à análise aritmética do Arcano.

$$5 = 1 + 4 \quad \text{ou} \quad 5 = 4 + 1$$

e

$$5 = 3 + 2 \quad \text{ou} \quad 5 = 2 + 3$$

As duas primeiras decomposições do 5 nos dão os títulos do Arcano em três campos do Ternário Teosófico.

No plano do Arquétipo, o "1" significa a Essência Divina, é o "4", o indispensável princípio da forma. O elemento de irradiação da Essência Divina indica a predominância dada ao pólo positivo na avaliação das formas das manifestações mentais. As formas não-deturpadas por um reflexo ou refração incorretos, tornam-se sinônimos do *Bem*; as formas deturpadas, sinônimos do *Mal*. O Arcano, no plano do Arquétipo, simboliza a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, com a prevalência dada conscientemente ao Bem. Seu título, neste plano, é "Magnetismus Universalis (Sciencia Boni et Mali).

No plano do Homem, o "1" interpreta-se como elemento ativo, fecundante: "Vir", e o "4" como elementos cuja síntese constitui o corpo humano; ou então, como "Auctoritas", o mistério do domínio ético do centro da cruz do Quaternário. Em ambos os casos, aos quatro princípios do mundo externo — os elementos — acrescenta-se misteriosamente o quinto que dirige a transmutação dos quatro, assim tornando possível a realização da "Grande Obra".

Na alquimia, este quinto princípio se chama "*Quintessência*", a palavra que é o segundo título do Arcano.

Encontraremos o título do Arcano no plano da Natureza se, através das manifestações externas dos quatro elementos do Arcano IV, soubermos perceber o quinto, o elemento "Natura Naturans" (ver Arcano I), somado aos quatro. Aquele que, pela contemplação da Natureza e meditação profunda, perceber a Unidade atrás do véu das quatro influências externas, alcançará a Religião Natural. Assim, o título do Arcano V no plano da Natureza será "Religio".

Se na decomposição

$5 = 1 + 4$, sob o número 4, entendemos o mundo dos elementos, e sob o número 1, o Princípio Superior, consciente, como foi explicado, então a soma $1 + 4$ simbolizará o homem, dominador dos elementos, que tem sob controle os impulsos de sua natureza elementar.

Colocando o 4 em primeiro e o 1 em segundo lugar, teremos o contrário, ou seja, a fórmula de um homem impulsivo, cujas manifestações dependem das influências externas na sua natureza física.

Passemos agora ao segundo esquema da divisão do número 5 em seus componentes.

$5 = 3 + 2$, significa que o Arcano V é composto de princípios superior e médio do Grande Arcano da Magia, isto é, do ternário metafísico (3) e do binário astral (2). Assim apresentado, o Arcano simboliza a manifestação nos dois planos superiores, de alguma entidade, cujo conhecimento metafísico rege o mecanismo astral. São capazes de tal atuação em dois planos os seguintes seres:

1. Um *mago branco*, enquanto estiver fazendo um trabalho no plano astral, mesmo tomando um ponto de apoio no plano físico.
2. Um *elementar* do tipo positivo (por exemplo a "mens") e a alma humana, unidas, estudando com finalidade evolutiva os clichês, durante o intervalo entre duas encarnações).
3. As *Egrégoras* do tipo positivo (evolutivas).
4. Os "*Spiritus Directores*" que formam um "policia-mento" superior no plano astral, etc.

A decomposição oposta: $5 = 2 + 3$ simboliza o encobrimento da Verdade Absoluta da Lei Trinitária pelas miragens de falsos clichês astrais, movidos pelos turbilhões involutivos. Essa decomposição corresponde às manifestações de entidades tenebrosas, tais como:

1. Um *mago negro*, trabalhando no astral.
2. Um *elementar* do tipo negativo, por exemplo a "mens" e a alma humana, unidas, procurando clichês deturpados, durante o intervalo entre duas encarnações, a fim de se reencarnarem, não para reparar seu karma, mas para poder voltar de novo aos gozos físicos. Essas entidades se contentam também em satisfazer seus desejos de qualquer outro modo, mesmo que seja através de recursos mediúnicos.

3. *As Egrégoras* do tipo negativo (involutivas).
4. *As larvas*, etc.

As duas decomposições estudadas ($3 + 2$) e ($2 + 3$) são respectivamente ilustradas pelas posições: evolutiva (figura 17) e involutiva ou invertida (figura 18) de um símbolo geométrico de um enorme significado teórico e valor realizador — o *PENTAGRAMA*.



Figura 17
Pentagrama evolutivo



Figura 18
Pentagrama involutivo
ou invertido

No pentagrama evolutivo ($3 + 2$), é costume inserir a figura humana, cuja cabeça, braços e pernas se colocam nas pontas do pentagrama. No pentagrama invertido ($2 + 3$), é fácil inserir uma cabeça de bode, colocando nas pontas os chifres, as orelhas e a barba. Este bode simboliza o diabo, o “pai da mentira” presonificando assim os clichês de manifestações verdadeiras, mas deformadas até o ponto de não serem mais reconhecíveis.

Antes de prosseguir com o pentagrama, estudaremos a lâmina do Arcano.

Seu nome erudito é “Magister Arcanorum” (Mestre dos Arcanos), ou seja, o Grande Hierofante. O nome comum é “O Papa”.

A imagem apresenta um homem sentado. Na sua cabeça vemos os chifres de Isis, e, entre eles, a lua cheia. O binário dos chifres é dominado pelo ternário da Cruz do Grande Hierofante (ver o Arcano IV), fixada na ponta do bastão que o homem segura na mão direita. O bastão é bastante comprido para que a cruz se coloque bem acima da cabeça ligeiramente inclinada no Hierofante.

A mão esquerda do Hierofante se estende sobre as cabeças de duas figuras ajoelhadas diante dele. Em alguns quadros, o gesto da mão é de benção, em outros é o do silêncio.

Em ambos os casos, o gesto expressa uma manifestação da *vontade*. Das duas figuras ajoelhadas, uma é mais clara, outra mais escura.

O Hierofante está sentado, como a mulher do Arcano II, entre as colunas Jaquim e Boaz, com a tradicional cortina entre as duas. Aqui, como lá, o binário das colunas é neutralizado por uma personalidade, mas no Arcano V a figura é masculina. O homem está *sentado*, o que expressa o estado passivo, *receptivo ao ensinamento dos binários*, mas ele é um ser masculino, isto é, um ser ativo, *adaptando este ensinamento à vida*. Além disso, seu gesto expressa a vontade.

Este elemento da *vontade iluminada pelo conhecimento*, este elemento de *poder ativo* (e não inerte) é a característica principal do Arcano V e do seu símbolo gráfico: o *Pentagrama*.

O ambiente inteiro sugere a Iniciação. As figuras ajoelhadas dão a entender que o pentagrama — o Mago — junto com as forças da Luz está triunfando sobre as forças das trevas, obrigando-as a servir finalidades elevadas. Ele conhece a grande ignorância temporária desses elementos e, conseqüentemente, sua fraqueza. Isso lhe permite usá-los para o bem, facilitando-lhes, deste modo, a futura expiação de seus erros.

Cabem agora as seguintes perguntas: como será o homem cujo astrosoma, vivificado pela "mens", tem a capacidade de desempenhar as funções do pentagrama? Como criar em si este pentagrama?

Uma sucinta enumeração das provações, às quais são submetidos os que procuram a Iniciação, nos dará a resposta à primeira pergunta.

A segunda, podemos responder esboçando o plano geral do treinamento físico, astral e mental do mago. Nós o faremos em breve.

A Iniciação é de dois tipos básicos: o da magia branca e o da magia negra, de acordo com as finalidades a que serve. Isto é, criar um ser humano:

1. Aspirando ao bem pela dedicação ao bem e desprezando as próprias comodidades ou incômodos;
2. Gostando do mal pela própria atração ao mal, mesmo que isto traga prejuízo; gostando da mentira, por causa da atração pela mentira e das trevas, devido a atração pelas trevas.

Nos dois tipos de Iniciação, os primeiros estágios são semelhantes. O neófito deve provar a sua composição 1 + 4, isto é, demonstrar que não se perturba com perigos e surpresas vindos dos elementos; provar que não é covarde no plano

físico, que não perde a cabeça. Neste estágio passa pelas provas tradicionais do fogo que precisa atravessar corajosamente, sem medo de queimaduras; da água que precisa atravessar nadando, sem se impressionar, mesmo se a corrente for muito violenta; do ar, ficando dependurado, sem medo e sem tonturas; da terra, em cujas profundezas deve penetrar sem receio de ser esmagado pelas abóbadas tenebrosas dos subterrâneos.

As provas pertencentes ao segundo estágio de provações são, novamente, semelhantes nos dois tipos de Iniciação. São provações *astrais* relativas ao *medo*, à *paixão* e à *consciência*. O neófito é provado através do medo que possa sentir diante dos clichês astrais horríveis e mesmo agressivos que lhe são apresentados. Ao mesmo tempo, sua sensibilidade é artificial e temporariamente aumentada.

A segunda provação — a da paixão — visa verificar se o neófito é capaz de controlar seu desejo sexual, mesmo que as condições sejam as mais propícias para sua satisfação. Essa provação se divide geralmente em duas partes:

1. Saber opor-se a uma tentação que se aproxima;
2. Saber não tirar proveito de uma vitória, obtida pelo próprio esforço em vencer a indiferença da pessoa do sexo oposto.

A terceira provação — a da consciência — consiste em dar prova da sua capacidade em realizar um determinado trabalho, cumprir uma missão, guardar um segredo ou simplesmente não desistir de uma decisão, apesar de enormes tentações e da plena garantia de impunidade.

Embora essas provações sejam iguais em sua forma, nos dois tipos de escolas — as da magia branca e as da magia negra — elas não são iguais na sua essência e na sua finalidade. O mago branco não deve temer os mais horríveis clichês, pois terá de atravessar o mundo dos mesmos para chegar aos Princípios Luminosos; o mago negro, também não deve temê-los, pois, terá de ficar em contato permanente com as manifestações horríveis e repugnantes.

O mago branco deve conseguir ser firme em sua castidade para que possa ter certeza de que não irá sucumbir quando aparecer a tentação; o mago negro deve apenas compreender que o controle de si mesmo, em determinados momentos da vida, lhe dá vantagens sobre os que não o possuem. O mago branco deve sempre cumprir os seus deveres e obrigações aceitas para tornar-se firme a serviço do bem. O mago negro, deve apenas compreender que, tendo treinado sua firmeza na

execução de um plano determinado, poderá prejudicar muito mais do que agindo ao acaso e quando se apresente uma oportunidade favorável.

Os magos negros passam às vezes por uma prova adicional de dedicação ao mal, a qual não descreveremos aqui

Falemos agora do pentagrama artificial — a figura simbólica — ou o grande *Signo do Microcosmo*. A palavra “microcosmo” significa, literalmente, “o mundo em miniatura”. É o nome dado ao ser humano, no qual, de acordo com a Lei da Analogia, existe a plena síntese das correspondências dos elementos que compõem o mundo externo ou (do grego) “*Macrocosmo*”.

O pentagrama é um dos chamados símbolos mágicos que já foram mencionados no começo do nosso curso.

Se, por exemplo, tomarmos duas séries correspondentes de letras do alfabeto, começando a primeira série com a letra A, e a segunda com a letra M:

1. A, B, C, D,
2. M, N, O, P,

o M poderá então servir como símbolo do A e vice-versa: o A como símbolo do M; o N como símbolo do B e vice-versa: o B como símbolo do N, etc.

Já tivemos a oportunidade de afirmar que os símbolos, no plano mental, possuem um poder de realização, pois, a atuação nesse plano consiste na criação de idéias e a analogia é um poderoso método inventivo, assim como o são também a indução e a dedução.

Como exemplo tomemos a álgebra, em que as manipulações dos símbolos facilitam grandemente a dedução de idéias.

Para compreender claramente a *influência de um símbolo sobre as entidades astrais*, precisamos notar o quanto as nossas emoções mudam às vezes sob a influência de uma forma associada — de um ou outro modo — a uma determinada manifestação emocional. Uma exclamação, uma imagem ou um objeto associado à emoção do medo, vivida no passado, pode por si só provocar o medo. O grito ameaçador de uma criatura fraca e completamente inofensiva pode afugentar o inimigo, caso este já tenha ouvido um grito semelhante provindo de uma outra criatura forte e perigosa.

As emoções pertencem, na sua totalidade, ao mundo astral, e é por causa disto que os símbolos empregados por muito tempo pelas escolas mágicas ou de uso comum entre os membros de uma determinada Egrégora, adquiriram um grande poder no mundo astral.

Os que conhecem a importância do símbolo da Cruz nas relações entre Cristãos, decerto não ficariam surpreendidos em ouvir que este símbolo exerce uma influência sobre os elementais. Todavia, para os elementais, a associação emocional é diferente: a Cruz representa para eles a composição sintética do Homem, sua atividade externa, e lhes recorda que o Homem reina sobre os elementos e, portanto, também sobre eles mesmos.

Assim como na Terra, no decorrer do tempo, diversas organizações perdem sua influência e popularidade, assim também, no mundo astral, os símbolos, bem como as formas associadas a determinadas emoções, passam por uma evolução *lenta, porém contínua*. Seria muita ingenuidade pensar que todos os símbolos dos antigos egípcios, guardam, até a nossa época, a mesma força mágica e que, invariavelmente, provocam as mesmas manifestações.

É claro que não perderam inteiramente seu poder, mas, a não ser que sejam completados e adaptados, não surtirão os mesmos efeitos que na antiguidade. A falange de Felipe de Macedônia não seria capaz, hoje, de amedrontar um batalhão de fuzileiros, mas poderia muito bem dispersar um grupo de marginais nas ruas, mesmo quando armados de facas e paus.

Há símbolos que são qualificados como simples, isto é, que não se pode ou não se costuma decompor. Por exemplo: o *ponto*, como símbolo de unicidade; o *círculo*, como símbolo de algo completo ou unificado, e mesmo o *triângulo*, como *símbolo do ternário* de um tipo determinado, etc.

Ao contrário, símbolos compostos são formados por vários símbolos simples. Uma sílaba será um símbolo simples. Várias sílabas, pronunciadas seguidamente, constituirão um símbolo composto.

Um símbolo gráfico, composto de símbolos simples, a formarem uma associação harmoniosa de manifestações emocionais, associação essa ligada por analogia a uma concepção metafísica, sintética — tal símbolo será chamado de *PANTÁ-CULO*.

No simbolismo do som, o pantáculo corresponde a um conjunto de sílabas unidas numa *palavra* ou mesmo numa *frase inteira*.

Tomemos o pentagrama como exemplo de um pantáculo. Ele é, naturalmente, uma síntese, pois, pode ser decomposto em 2 + 3 ou em 1 + 4.

No plano mental — plano das idéias — a este pantáculo corresponde a idéia do Livre Arbítrio. No plano físico, entre os seres dotados desse privilégio, a manifestação mais desta-

cada é o ser humano. O astrosoma do ser humano é portador do *pentagrama* e sua "mens" expressa, de modo característico, a vontade.

Tivemos já outro bom exemplo: o de três pantáculos unidos em um só, ou seja, a figura examinada há pouco e que representa o esquema gráfico do Grande Arcano. O nome Iod-He-Vau-He, tal como o escrevemos, deve também ser considerado como pantáculo simbolizando um ciclo de processo dinâmico.

No campo das manifestações sonoras, tanto as fórmulas simples como as compostas, dividem-se em dois tipos: os *Mantrans* e os *Setrans*. As fórmulas *mântricas* são as que se destinam a agir sobre o astrosoma de uma entidade diversa do próprio operador, mesmo se essa entidade for parte integrante do "eu" coletivo do operador. Assim, uma fórmula destinada a agir sobre um outro ser humano, sobre um elementar, sobre um elemental, etc., será um *MANTRAM*. Uma fórmula que o operador usará para agir sobre, por exemplo, *seu próprio fígado*, para melhorar seu funcionamento, terá o mesmo nome.

Os *Setrans*, ao contrário dos mantrans, são destinados a fortalecer a totalidade do astrosoma do próprio operador, a regularizar as funções do sistema inteiro dos nós ganglionares deste astrosoma, a fim de facilitar o processo de transmissão das manifestações *da Vontade*, do plano mental para o físico. Os setrans, usando a linguagem comum, dão ao operador a *segurança* que lhe é indispensável a fim de efetuar com êxito uma operação mágica.

Voltemos mais uma vez ao *pentagrama*. Adiaremos até o Arcano VII o assunto dos materiais que devem servir para a confecção de um pentagrama artificial, a ser utilizado durante as operações mágicas, e também as explicações dos signos e símbolos complementares, às vezes colocados nele.

Agora, queremos chamar a atenção para um fato bastante importante e que confere ao pentagrama uma proeminência sobre os outros pantáculos. É necessário ressaltar que as entidades astrais, sendo biplânicas, possuem apenas órgãos astrais e, portanto, conhecem apenas os astrosomas e não as manifestações físicas dos seres ou objetos com as quais entram em contato. Uma entidade astral pode entrar em relação com o mundo físico *só temporariamente* e com a ajuda do chamado *empréstimo de fluídos mediúnicos*, isto é, através de uma apropriação temporária da força vital dos princípios materiais, mais sutis, das pessoas chamadas *médiuns*. O mesmo pode ser também conseguido com a ajuda de alguma matéria orgânica ou dos componentes de organismos que vivem no plano físico como, por exemplo, da

seiva das plantas, da saliva, do sangue, do semen, do leite, do suor, etc. Em determinados casos, este empréstimo pode ser efetuado até durante o processo da evaporação da água ou da queima de produtos orgânicos, tais como resina, ervas secas, etc.

No caso de empréstimo mediúnicos de fluídos, a entidade astral fabrica para si mesma, temporariamente, órgãos físicos, e durante este tempo ela é capaz de ver, ouvir, cheirar, etc., assim como nós o fazemos.

Sem a ajuda de princípios mediúnicos, uma entidade astral não poderá ver, por exemplo, uma mesa; todavia, ela percebe o astrosoma dessa mesa, ou seja seu *princípio formal*, que constitui a base da aparência física da mesa; ela não pode ouvir as palavras pronunciadas, mas percebe o *princípio formal* que construiu a frase, etc. Podemos dizer que essa entidade:

1. Está ciente da quantidade de energia dispendida no dar à mesa uma forma, ou para que uma determinada frase fosse pronunciada.
2. Registra todas as transformações de energia surgidas durante esses processos, sua ordem e seu esquema exato.

Estes são os princípios da chamada *vista puramente astral* que, para ser mais exato, deveria chamar-se *receptividade astral*.

Procuremos imaginar agora uma entidade astral, olhando com sua vista puramente astral, para um ser humano. Essa entidade perceberá apenas um determinado esquema de manifestações energéticas.

A magia afirma este esquema ser muito parecido ao esquema de manifestações energéticas, emanadas por um pentagrama elaborado com sete metais, e este último difere pouco do esquema das manifestações emanadas por um pentagrama feito com ouro puro.

Alguns autores aconselham o uso de um pentagrama de luz, produzido por um equipamento elétrico.

Considerando tudo isto, chega-se a conclusão de que o pentagrama tem o poder não apenas de evocar a idéia do Livre Arbitrio, mas também de criar a ilusão da *presença de um ser humano ativo*. Além de ser um símbolo, o pentagrama pode servir também de espantalho.

Quanto mais o homem é ativo, quanto mais sua vontade é firme e determinada, tanto mais o esquema de suas ma-

nifestações energéticas se assemelha ao de um pentagrama, ritualmente consagrado por um mago, isto é, devidamente magnetizado por seus fluídos.

Levando em consideração tudo que foi exposto, tomamos a liberdade de chamar *pentagramas* a todas as entidades que pertencem às nossas categorias de $3 + 2$ e $2 + 3$.

Assim, quando falarmos, por exemplo, de uma luta astral entre dois homens, ou entre um homem e um elementar ou mesmo uma Egrégora, chamá-la-emos de luta entre dois pentagramas.

Seria oportuno mencionar aqui as vantagens que determinam a vitória de uma ou outra parte.

Se duas entidades lutam no astral, é preciso considerar força astral, ou seja, soma da atividade e receptividade de cada uma. Caso as duas forças sejam iguais, aquela parte que possui um ponto de apoio mais sólido no terceiro plano — o físico — será favorecida. Assim, um mago cuja força astral é igual à de um elementar, será, sem dúvida, o vencedor, pelo fato de possuir um corpo físico. Se, naquele momento, o mago falecer, perderá a vantagem e as forças ficarão iguais.

Um Espírito Planetário, que se ache afastado de seu planeta, poderia ser vencido. No entanto, isto não é possível quando seu astrosoma tiver apoio no corpo físico do planeta. A influência do Espírito de Saturno ou do Espírito de Júpiter sobre a Terra pode ser superada por uma cerimônia terrestre, mas nenhuma cerimônia mágica na superfície terrestre poderá vencer o Espírito da Terra.

Um mago, em seu corpo físico, isto é, quando seu astrosoma está apoiado por este corpo, é mais poderoso do que durante uma saída astral, quando o astrosoma mantém apenas uma fraca ligação com o seu corpo físico.

Se a força astral de dois magos encarnados for igual, o vencedor será aquele cujo sistema nervoso é mais forte. No caso de se igualarem também nesse ponto, vencerá aquele que tiver mais força vital no sangue. Sendo esta última também igual, vencerá aquele cujos órgãos físicos se achem em melhores condições.

Tudo o que acabamos de dizer explica o uso freqüente do pentagrama no simbolismo mágico e maçônico e a importância dada a esse símbolo pelos magos.

A *Estrela Flamejante* com a qual travamos conhecimento na Loja Maçônica de Companheiros é um pentagrama com a letra "G" no centro. Para um mestre, essa letra significa "GOD" (Deus, em inglês). Para os graus intermediários significa "GNOSIS" (palavra grega, sinônima de conhecimen-

to). Para os graus superiores chamados de Herméticos significa "GENERATIO" (geração, produção, palavra latina).

Estudando o uso do pentagrama na maçonaria, onde o encontramos no simbolismo de diversos graus, não devemos nos apressar em tirar conclusões, nem ficar desconfiados quando o vemos invertido (2 + 3). Neste caso, essa apresentação não corresponde à magia negra, pois tem um sentido puramente metafísico e alude às transformações que se processam no decorrer do tempo. Podemos explicá-la assim: no início, há os binários (2), mas, com o tempo, a meditação e o estudo, os binários ficam neutralizados pelos termos do meio, havendo então os ternários.

Até mesmo na interpretação da decomposição 1 + 4, existem vários pontos de vista.

Nem sempre o "4" simboliza o material e o "1" o espiritual-astral. No Grande Clichê Astral Redentor Iod-He-Shin-Vau-He (Iehoshua ou Ieshua) as letras Iod-He-Vau-He simbolizam a Vontade Divina, o Verbo, o Logos, como órgão dessa Vontade. O símbolo Shin (valor numérico 300, ver Arcano XXI) simboliza o mecanismo da involução, da materialização, isto é, a Encarnação do Verbo. Neste caso, a ponta superior do pentagrama simboliza o Instrumento Material com que a Vontade Divina opera no plano físico. Este é o clichê do mais poderoso dos pentagramas em todo o plano astral. No plano mental, correspondem-lhe os dogmas da Encarnação e da Redenção, professados pelas Escolas Rosacru-cianas dos séculos XVI ao XVIII.

Caso o Iod-He-Vau-He, no mesmo símbolo, não represente a Vontade Divina, mas apenas seu fraco reflexo, isto é, a vontade de um ser humano particular, o símbolo Iod-He-Shin-Vau-He corresponderá então a um simples pentagrama humano (figura 19).



Figura 19

Passemos agora à segunda pergunta: como criar em nós mesmos este pentagrama humano, este núcleo astral?

Para isto, é indispensável um rigoroso trabalho mental, um treinamento astral e físico.

Quando alguém resolve construir em si mesmo o pentagrama, aparecem sempre várias dificuldades, já que a pessoa terá de criar em si mesma, não apenas novas manifestações, mas também deverá corrigir as conseqüências de sua

educação inadequada, educação essa, tanto recebida de outros, como resultante de seus próprios esforços.

A tarefa de recriar uma personalidade pode ser dividida em duas partes:

1. Formar em si um ser volitivo, consciente.
 2. Reeducar o ser impulsivo, o ser que age, em todos os campos, sob a influência de reflexos e responde aos impactos externos por estas ou aquelas manifestações banais: que grita quando sente dor, que foge quando há perigo, que responde a um golpe por outro golpe, e por um sorriso a uma adulação.
- Este ser impulsivo deve se transformar em um instrumento adequado para a realização da vontade consciente do homem. Determinados reflexos deverão ser reforçados, outros suprimidos.

Tratemos agora, mais detalhadamente, da tarefa de criar em si um *homem de vontade*.

Suponhamos que, dentro de um pentagrama de ponta para cima, inscrevemos uma figura humana; a ponta superior do pentagrama, pela lei de analogia, corresponderá à parte central da frente, e esta, por sua vez, corresponderá à região do pensamento.

Antes de tudo, vamos tentar compreender um pouco o processo de meditação que é o ato de pensar consciente e voluntariamente.

Fazem parte da meditação:

1. A filtração das recepções sensoriais pelos órgãos correspondentes.
2. A fixação das idéias (pela memória).
3. A confrontação de idéias.

De acordo com isto, podemos indicar as seguintes regras gerais para facilitar a meditação:

1. Evitar dar, às perguntas, respostas automáticas, ditadas unicamente pela memória, sem a participação de outros elementos que fazem parte da meditação.
2. Evitar discussões que, geralmente, conduzem ao confronto de formas apenas (dialética), e não de idéias. A enorme maioria das discussões tem, como ponto de partida:

- a) Um entendimento diferente dos termos usados; neste caso, a discussão gira ao redor de um mal-entendido.

- b) Uma diferença básica dos dogmas da cosmovisão; neste caso, a discussão é inútil.
3. Exercitar-se em perceber o invisível no visível: o astrosoma e a "mens" no invólucro físico. Ver os contornos do corpo humano, não é suficiente. É preciso penetrar nas correspondências astrais da forma física, na dinâmica das manifestações do astrosoma (a aura), e mesmo nas características da mônada mental da pessoa. Para analisar uma obra de arte não basta limitar-se à sua aparência; é necessário penetrar na essência de sua forma e até mesmo na idéia que a criou.
 4. Procurar por toda parte as analogias naturais, como fizemos com respeito ao corpo humano, estudando o Arcano III, e interpretar essas analogias do modo mais amplo possível.
 5. Aproveitar as oportunidades de penetrar nas leis que regem a harmonia e a perfeição da forma nas obras de arte; visitar os museus, ouvir boa música e, de modo geral, não se afastar do mundo da arte.

Essas indicações para o desenvolvimento da capacidade de meditar, são apenas muito gerais.

Seria útil compreender também um pouco mais o mecanismo da meditação. Começaremos pela análise da chamada *concentração* do pensamento.

Imaginemos que, voluntariamente, limitamos o campo da nossa atenção a um número determinado de objetos — isto será concentração do pensamento sobre esses objetos. Tomemos como exemplo um homem que está escrevendo um artigo. Seus pensamentos dirigem-se-ão a três assuntos: a idéia do artigo, a forma de se expressar e a nitidez de sua letra manuscrita. Ele decidiu firmemente não permitir acesso a outros pensamentos, não ouvir barulhos externos, não dar atenção ao estado do organismo, ao ambiente, à passagem do tempo.

Outro exemplo seria concentrar-nos sobre uma determinada pessoa assim como na imagem ou pensamento que essa pessoa deseja nos transmitir. Nossos pensamentos se limitariam então a essas duas idéias exclusivamente.

Um terceiro exemplo: concentrar-nos sobre a idade presumível de uma pessoa.

Um quarto exemplo: procurar concentrar-nos sobre a ausência total de qualquer assunto em nossa mente. Isto será chamado de *concentração passiva*, que é o oposto da concentração praticada nos três exemplos acima: a *concentração ativa*.

Vamos, de forma sucinta, indicar alguns modos de exercitar-se nas concentrações ativa e passiva.

Concentremos os nossos pensamentos sobre um órgão ou algum lugar de nosso corpo, imaginando seu estado harmonioso. Isto constitui não apenas um bom exercício de concentração, mas também, a possibilidade de sanar a desarmonia ou o enfraquecimento das funções desse órgão. Se, pelo contrário, nos concentrarmos na imagem ou no desejo de desarmonia do mesmo órgão, obteremos o resultado oposto. Temos aqui a explicação do aparecimento dos "estigmas" nas pessoas que se concentram sobre a idéia de feridas numa ou noutra parte do corpo, como por exemplo os místicos-extáticos, que durante a Semana Santa se concentram nas chagas do Cristo Crucificado.

Para as pessoas muito impulsivas é aconselhável concentrar-se em qualquer objeto, mesmo insignificante, mas tomando a decisão de controlar durante esse tempo os movimentos musculares de tipo reflexivo, como, por exemplo, virar a cabeça ao ouvir um barulho, etc. Estes tipos de exercícios são de caráter preparatório.

Um terceiro tipo de exercícios de concentração, bastante importante e recomendado em literatura apropriada, é a realização de uma viagem imaginária. Para fazê-la, podemos, ou procurar lembrar-nos, com todos os pormenores, de uma viagem realmente feita no passado ou inventá-la, na sua totalidade ou em parte, vivendo quase concretamente os menores detalhes, os movimentos executados, as impressões recebidas, e esquecendo completamente o ambiente real. O exercício poderia ser realizado em 20 ou 30 minutos, com a ajuda do despertador.

Um quarto tipo de exercícios será a concentração sobre um objeto que nos pertença, procurando penetrar com nossa mente na sua forma básica, sua construção, sua origem e a idéia de sua finalidade. O exercício pode demorar até 30 minutos.

Um quinto tipo é imaginar claramente e com minúcia um objeto que não vemos e compará-lo depois com o visto. Exercício de 30 minutos.

Depois de praticar os exercícios ora mencionados, poderemos passar ao sexto tipo.

Procuremos criar em nossa imaginação a forma geral de um objeto inexistente ou nunca visto por nós e, dessa forma geral, passar aos detalhes. Daí, pelo caminho inverso — passando dos pormenores ao geral e à idéia inicial — verificar a construção lógica e a exatidão da nossa criação. Exercício de até 40 minutos.

Após este estágio, é bom exercitar-se em passar rápida e claramente de uma concentração ativa sobre um assunto, a uma concentração ativa sobre outro assunto escolhido. Se o conseguirmos, será uma prova de considerável força de concentração. É evidente que, quanto menos cômodas e adequadas forem as condições em que se pratique a concentração, tanto mais valor terá o resultado.

Passemos agora aos tipos de exercícios de concentração passiva. Muitos acham-na mais difícil do que a ativa. Como condições que possam facilitá-la nas primeiras experiências podemos arrolar as seguintes: a escuridão, a ausência de tudo que atrai a atenção, a posição deitada, o enfraquecimento do processo respiratório, o fechamento dos olhos, o tapar dos ouvidos, etc. Achando-se nestas condições, a pessoa procura concentrar-se ativamente sobre uma forma simétrica, como por exemplo um círculo ou um disco de determinada dimensão, imóvel ou girando sobre um fundo de infinito. As cores do disco e do fundo podem ser escolhidas à vontade. Seguidamente, as dimensões da figura irão diminuindo progressivamente até ficarem reduzidas a um ponto. Finalmente, por um ato da vontade, fazemos com que desapareça até o ponto, permanecendo apenas a idéia do fundo. A isto se chama conseguir condicionalmente uma concentração passiva no campo da receptividade astral.

Depois, nos exercícios posteriores, tentaremos suprimir o fundo, também, ou seja, alcançar uma ausência total de imaginação voluntária em qualquer campo. Neste estado de passividade e de vazio, uma causa externa (por exemplo, uma vontade alheia) poderá introduzir algo que o estudante receberá como idéia, como uma figura geométrica, como uma percepção acústica, tátil, gustativa ou olfativa. Em tal caso, a pessoa deve saber que o recebido provém de uma fonte ativa alheia e não da própria imaginação.

Os modos de exercícios preparatórios podem variar ao infinito e os esquemas dados acima constituem apenas exemplos.

Os exercícios de concentração passiva não devem demorar mais do que 10 minutos e, nas primeiras vezes, não mais de 3 até 5 minutos.

As concentrações ativa e passiva são formas típicas de meditação para um ocultista. Elas podem ser utilizadas de diversos modos.

A maneira mais característica de concentração com uma finalidade prática é uma concentração ativa sobre uma questão e, em seguida, uma concentração passiva. Essa concen-

tração passiva é um meio de receber a resposta sobre o assunto da concentração ativa. Aqui, é preciso distinguir três casos:

1. A pergunta é formulada de tal modo que a resposta se relaciona somente com o plano mental. Exemplo: não conseguimos estabelecer uma corrente de deduções lógicas que conduza à solução de um problema filosófico, matemático ou outro, isto é, nessa corrente faltam-nos alguns elos, seja devido a uma falha de memória, seja por incerteza a respeito do método escolhido. Neste caso, a concentração ativa permitir-nos-á ver claramente os elos da corrente que já possuímos, incentivando em nós um vivo desejo de descobrir os que faltam. A concentração passiva será feita logo depois, como um simples descanso. No entanto, depois desse descanso, verificaremos que as lacunas se preenchem de repente de um modo muito claro. Este processo, dificilmente explicável, é chamado de **visão intelectual**.
2. A pergunta é de caráter astral, isto é, uma pergunta que pode receber resposta através de uma forma visual ou acústica. Essa resposta é geralmente recebida durante o processo da concentração passiva, aparecendo a forma sobre o fundo mencionado anteriormente, ou mediante percepção sonora.
3. A pergunta tem caráter físico. Assinalamos que essa terminologia é apenas condicional. Podemos considerar uma pergunta como sendo de caráter físico quando puder ser respondida através de uma percepção tátil, olfativa ou gustativa. Geralmente, essa resposta surge quando ainda se está em concentração ativa ou então no limiar da passiva, tornando desnecessária a permanência nesta última. Exemplo: queremos recordar o perfume correspondente a um nome determinado; o gosto de algum produto alimentício, ou ainda, a impressão tátil da superfície de um tecido, etc. Em todos estes casos trata-se de questões de caráter físico.

Podemos ver que a interpretação das terminologias “mental”, “astral” e “física” que usamos é bastante livre e foi introduzida exclusivamente pelo costume de criar **ternários análogos**.

Entre outras aplicações específicas da concentração, mencionaremos a **psicometria** no estado de vigília (existe também a psicometria mediúcnica ou sonambúlica).

A ciência oculta contemporânea caracteriza esse tipo de exercício como sendo manifestação do sexto sentido, o ódico ou astral. Já demos aqui o nome de "receptividade astral" a essa manifestação.

As autoridades no ramo são unânimes em recomendar às pessoas treinadas para a psicometria que reduzam ao mínimo, durante as sessões, a receptividade dos órgãos dos cinco sentidos físicos. Para nós, essa recomendação sublinha simplesmente a importância para um psicometrista, de saber se concentrar passivamente.

O próprio processo decorre do modo seguinte: o psicometrista, antes da sessão, se concentra ativamente sobre o desejo de que seu astrosoma contacte os astrosomas de determinados objetos. Logo depois, pega esses objetos, um após outro e toca com eles a testa (localização dos centros ódicos do cérebro), o coração ou o plexo solar (a escolha do lugar depende do temperamento do sujeito e de dados empíricos). Fazendo isto, o psicometrista entra cada vez mais em concentração passiva, durante a qual recebe uma imagem visual (em cores ou não), menos freqüentemente uma percepção acústica e, mais raramente ainda, uma percepção tátil, ligadas à história ou formação do objeto, às pessoas ou outros objetos que se acham em ligação astral com o objeto psicometrizado, etc. O psicometrista verá, por exemplo, a manufatura onde foi confeccionado o envelope que aperta contra a testa, ou ficará a par do assunto da carta nele contida, ou então verá o rosto da pessoa que a escreveu, ou ainda os acontecimentos da vida dessa pessoa. Poderá ver também a repartição do correio onde a carta foi selada, ou outras imagens conexas. Caso o objeto seja uma moeda antiga, poderá ver um clichê histórico interessante. Um fragmento de mineral, uma concha, um objeto petrificado, podem fornecer clichês geológicos.

A duração da concentração passiva sobre cada objeto deveria ser, em geral, de uns 5 minutos; contudo, caso o objeto comece a fornecer mais do que um único clichê, poderá ser prolongada por 20 ou mesmo 30 minutos, especialmente quando os clichês apresentam um interesse científico ou outro. Os clichês freqüentemente aparecem numa ordem cronológica invertida.

Os primeiros exercícios de uma pessoa que não seja sensível por natureza, mas deseje desenvolver capacidades psicométricas, podem ser escolhidos de acordo com as preferências dessa pessoa; todavia, recomendamos começar com exercícios nos quais a pessoa deva responder a uma pergunta formulada anteriormente; por exemplo: "Temos sete cartas se-

ladas e sabemos que foram escritas, cada uma, por uma pessoa diferente. Quem é o autor de cada uma dessas cartas?”. Ou então: “Temos 4 saquinhos contendo cada qual um mineral diferente e inodoro. Quais são esses minerais?”

A **diagnose de moléstias** internas, feita por pessoas muito sensitivas e providas de um canal acústico externo bastante largo, pertence também ao campo da psicometria.

Geralmente, essas pessoas atuam da seguinte maneira: o sensitivo pede ao paciente para introduzir seu dedo mínimo no ouvido do próprio sensitivo; depois de alguns minutos, este fornece informações detalhadas relativas ao estado dos órgãos internos do paciente.

Para examinar as **auras**, as emanações astrais de pessoas ou objetos, suas cores, as dimensões das camadas coloridas, etc., aplica-se primeiramente uma curta concentração ativa — o desejo de ver a aura — e em seguida, uma concentração passiva, mais prolongada, durante a qual a aura se torna visível. Muitas pessoas conseguem ver a aura sem fechar os olhos. A capacidade para discernir sua camada mais densa é provavelmente devida ao aperfeiçoamento da visão física e também à capacidade de poder se concentrar na observação de uma região determinada. Todavia, a aura é observada mais freqüentemente de olhos fechados, ou seja, percebida pelo sexto sentido.

Contudo, para um ocultista, a aplicação mais importante da concentração é a **oração** consciente. No processo de oração, a concentração ativa é dirigida as entidades de diversos planos e subplanos, de acordo com o nível evolutivo da pessoa que ora e o motivo da sua oração. Essa concentração ativa é seguida por outra passiva, a qual determina o grau de satisfação que a pessoa experimenta como conseqüência de sua oração, assim como o caráter e a intensidade dos Influxos Superiores por ela recebidos.

Faltam ainda algumas breves indicações a respeito dos processos de **auto-sugestão** e da criação de **pensamentos-força** ou **idéias-força**.

Descreveremos o processo de auto-sugestão em seu esquema mais simples, aceito por diversas escolas alemãs, reservando para o Arcano X, o seu estudo mais amplo.

Ao praticar a auto-sugestão, é preciso escolher os momentos naturalmente tranqüilos, como, por exemplo, a noite, depois dos afazeres do dia, deitados, mas em pleno estado de vigília, ou também na hora de adormecer, quando perdemos a noção do meio-ambiente, mas temos ainda o controle sobre nossos pensamentos e gestos. Nessas condições, precisamos

elaborar a nossa auto-sugestão segundo o esquema ternário: “mens”, astral e plano físico.

Suponhamos que se trata de sugerir a nós mesmos o desembaraço e a ausência de distração durante o exame do dia seguinte. Essa idéia já constitui a “mens” da auto-sugestão. A seguir, essa “mens” deverá ser revestida de matéria astral; por exemplo: formulamos uma frase adequada, tal como “sou diligente, sinto-me livre, estou perfeitamente disposto a refletir sobre as perguntas do examinador e a responder sem timidez nem nervosismo”. Tendo formado essa frase repetimo-la duas ou três vezes em voz baixa, sem abrir os olhos; em seguida, umas quatro vezes sussurrando-a apenas, e mais duas vezes, de novo em voz baixa. Durante esse exercício imaginamos claramente a cena do exame, o ambiente (real ou imaginário), a sala, os examinadores e a nossa atitude descontraindo diante deles. Além de imaginar a cena, devemos chegar a vivê-la, a sentir o estado em que desejamos nos encontrar. Devemos fazer surgir em nós aquela alegria e satisfação internas que condicionam a auto-afirmação e propiciam o sucesso. Desta forma, teremos todos os elementos astrais da auto-sugestão e até mesmo um pequeno empréstimo tirado do plano físico — as vibrações sonoras da meia-voz. Todavia, procuraremos imaginar o plano físico mais intensamente pela pronúncia da nossa frase **em voz alta** (umas duas vezes) com os olhos abertos e acompanhando-a com os gestos que nos sejam costumeiros quando estamos confiantes e alegres. Com isto, o ciclo da sugestão estará completo.

Mencionaremos ainda duas condições importantes para o êxito da sugestão:

1. Todas as frases, imagens, etc., devem se referir a **tempo presente** (ver Arcano III).
2. Na auto-sugestão, a fé do operador não é indispensável para o êxito da operação como em outro tipo qualquer de sugestão. Quando procuramos sugerir algo a uma outra pessoa, é muito importante não se ter dúvidas quanto ao êxito. Na auto-sugestão, executando tudo conscientemente, poderemos conseguir um bom resultado mesmo duvidando dele. Isto se explica pelo fato da nossa vontade se harmonizar mais facilmente com nosso próprio astral do que com o astral de uma entidade alheia. Utilizando esse método de auto-sugestão, podemos conseguir muitos bons resultados como, por exemplo, curas, vitória sobre maus hábitos, fortalecimento geral do organismo, da memória, etc.

Passemos agora à **criação de idéias-força**. O esquema é o seguinte: desejamos criar uma entidade (astral) que deverá atuar sobre nós ou sobre uma outra pessoa num sentido determinado, mesmo que seja apenas “quero que meu tio seja menos nervoso”. Essa idéia, mesmo não formulada com palavras, constituirá a “mens” da entidade. Para criar seu astral, permaneceremos em pé e, sem mudar de lugar, trataremos de retrair vigorosamente todos os músculos das extremidades. Em seguida, nos concentraremos no pensamento de transmitir à entidade que criamos, toda a energia de nossos músculos, relaxando-os simultaneamente até o estado de flacidez. A energia que foi armazenada (mas não utilizada) para um trabalho mecânico, ficará em grande parte à disposição da entidade criada, isto é, formará seu astrosoma. Podemos facilitar a formação de uma fina camada física dessa entidade, colocando na proximidade um copo de leite tirado na hora, de mel ou de sangue fresco. A força vital desses produtos desempenhará o papel do princípio mediúnicos.

O olhar, com suas emanções (fluídicas, ódicas, magnéticas), corresponde à ponta superior do pentagrama humano. Trataremos disso brevemente, já que no Arcano X teremos que voltar a todos os assuntos mencionados aqui e relativos à atuação através dos olhos, das mãos e das pernas.

A forma elementar de ação através dos olhos é chamada de **olhar central**. É a fixação com os dois olhos na parte central da testa, acima da base do nariz, do indivíduo com o qual fazemos a experiência.

Uma tal fixação, acompanhada de uma concentração ativa sobre o que desejamos e duma imagem bem nítida de todos os movimentos que o indivíduo deve executar, das emoções que deve sentir ou dos pensamentos que deve ter, pode levá-lo a realizar o nosso intento; isso caso não esteja concentrado ativamente numa outra direção.

Além do olhar central sobre a testa, é usado também o olhar central sobre a nuca e nas costas, entre os omoplatas. O lugar sobre o qual incide o olhar central não pode estar coberto por nenhum material isolante, tal como seda, lã, peles, etc.

A distância mais indicada para se obter um bom resultado com um homem de sensibilidade média será: para a testa — até 50 passos; para as costas e a nuca — até 4 ou 5 passos.

Além de saber aplicar o olhar central, é indispensável saber dominar com nossos olhos o olhar da outra pessoa, no

caso em que seja necessário combater o olhar central de um pentagrama alheio.

Na luta de dois pentagramas, na fixação mútua dos olhos, os seguintes fatores, na ordem de sua importância, determinam a vitória: o poder místico, o poder astral, a força nervosa, a força vital do sangue e a saúde funcional e orgânica do corpo.

Quando não há necessidade de lutar com o olhar central alheio, e caso queiramos submeter-nos a ele, então abaixamos os olhos e concentramo-nos passivamente.

O olhar central possui maior influência sobre uma pessoa adormecida ou hipnotizada.

Na técnica do olhar central, devemos, em primeiro lugar, determinar exatamente o **ponto de encontro dos eixos óticos**; depois, manter a firmeza do olhar, sem pestanejar, sem lacrimejar, sem provocar congestão das pálpebras etc. Para fortalecer as pálpebras e os invólucros externos do órgão da visão, os oculistas recomendam banhos oculares, duchas, compressas com infusões de diversas ervas, etc. Aos que não possuem, por natureza, um olhar penetrante, são recomendados exercícios de fixação de um ponto preto do tamanho de uma pequena moeda, colocado na parede, à altura dos olhos da pessoa e numa distância de 3 a 4 metros. No começo é preciso fixar o olhar bem perpendicularmente à superfície na qual esteja traçado este ponto. Tendo dominado esse exercício, pode-se passar ao segundo, que será feito afastando-se e olhando o ponto de um ângulo diferente e, no estágio seguinte, andando pelo quarto, sem todavia afastar o olhar desse mesmo ponto. Também é conveniente exercitar-se em transferir rapidamente o olhar — sem diminuir sua intensidade — de um ponto a outro.

Depois desses exercícios, a literatura ocultista recomenda a prática de fixar o olhar central sobre a própria imagem num espelho, e o exercício de fixar o olhar, também num espelho, sobre os próprios olhos.

A duração para os exercícios do olhar central não é delimitada, dependendo das capacidades naturais ou adquiridas do sujeito.

No olhar central dirigido para a testa de alguém, o observador deve fixar, em seu campo visual, todos os pormenores do rosto da pessoa, sem nenhuma movimentação do foco visual. A concentração durante o olhar central, deve, se possível, somar-se a convicção — sem nenhuma inquietude ou dúvida — de que o desejo realizar-se-á.

Passemos agora ao magnetismo das mãos.

A literatura clássica sobre o magnetismo, confirmada pelas constatações dos sensitivos videntes, afirma que as emanções fluídicas das extremidades do corpo, quando observadas no escuro, tomam a forma de brotos de plantas. Afirma também que, da mão direita de um homem cujos fluidos sejam normalmente polarizados, emana um magnetismo positivo, isto é, uma energia capaz, a pequena distância entre a mão e a bússola, de repelir a agulha magnética que chamamos de boreal e que indica aproximadamente o norte. Consequentemente, se consideramos o magnetismo boreal como positivo, podemos afirmar que, da mão direita de um homem emana este magnetismo (o positivo +), considerando, todavia, diversas limitações. Do mesmo modo, da mão esquerda de um homem, emana, em geral, o magnetismo negativo (—). Tratando-se de uma mulher, na polarização normal dos fluidos o magnetismo de suas mãos é invertido, isto é, positivo para a mão esquerda e negativo para a mão direita.

Para verificar essas leis e medir a intensidade e regularidade das polarizações nas pessoas, existe um instrumento chamado magnetômetro. Uma agulha estática é pendurada como em um galvanoscópio; a ponta da agulha, oscilando, indica o grau de intensidade do magnetismo.

Neste Arcano não falaremos da utilização do magnetismo das extremidades para a cura e outras finalidades; acrescentaremos apenas que a polarização normal do pé esquerdo é similar à polarização da mão direita e vice-versa, e também que a força magnética dos pés é utilizada de forma diferente da das mãos. Se, por um ato da vontade, sustamos, por exemplo, as emanções negativas do pé direito, esta força ficará disponível, podendo ser transferida, por exemplo, à mão esquerda, aumentando com isto seu magnetismo, o que será indicado pelo magnetômetro.

O magnetismo normal de um pentagrama masculino pode ser apresentado, tal como é na realidade (figura 20) ou tal como é visto num espelho (figura 21), sendo este último sistema usado amiúde em ocultismo.



Figura 20



Figura 21

O pentagrama feminino, normal, corresponderá, consequentemente, à figura 21. Todavia, tanto os homens como as mulheres podem ter uma polarização oposta à usual do seu sexo. As alterações da polarização podem ser constantes ou temporárias, provocadas pelos estados da alma, estados físicos e mesmo por um esforço volitivo consciente. Um pentagrama fraco muda também sua magnetização sob influência da proximidade ou contato (passes, imposição das mãos, etc.) de um pentagrama forte, da mesma maneira que um ímã fraco modifica a sua magnetização quando entra num campo de indução de outro, mais forte.

Queremos acrescentar ainda, a respeito do treinamento de um homem consciente, que se a meditação pode ser comparada a um meio de receber o alimento espiritual, existe também um poderoso “estimulante” a facilitar essa recepção: é o AMOR, em todas as suas formas de manifestação.

O amor físico dilata o círculo do egoísmo de um homem primitivo, transformando o egoísmo pessoal em egoísmo familiar. Os laços de amizade entre as famílias vizinhas transformam o egoísmo familiar em tribal e, mais tarde, em nacional, chamado de patriotismo. As afinidades mentais ou artísticas, metafísicas ou astrais atraem mutuamente as pessoas que se agrupam em círculos ou escolas. O mais elevado, o Amor Universal para com tudo o que vive, que se manifesta no Arquétipo, na Humanidade e na Natureza, é o mais poderoso dos estímulos no processo da meditação criativa, evolutiva e redentora, que vem a ser o instrumento principal das realizações Herméticas.

Um ser humano encarnado pode ser estudado como sendo composto de:

1. O homem consciente, volitivo, capaz de meditar e, em geral, capaz daquilo a que chamamos criatividade.
2. O homem impulsivo, regido por um comportamento reflexo, não burilado, manifestando-se de um modo estereotipado e quase automático.
3. O ser físico — o corpo humano — que pode ser considerado como o instrumento à disposição dos dois primeiros.

A tarefa de estudar o ser físico pertence ao campo da anatomia e fisiologia com suas numerosas subdivisões. Do nosso lado, apenas lembraremos o ternário análogo: cabeça — peito — abdome, sublinhando que a qualidade e a quantidade de fluídos nervosos dependem da qualidade e quantidade da força vital do sangue, e essa força, por sua vez, está

sob a dependência direta dos sucos nutritivos, elaborados pelo processo digestivo.

Trataremos agora brevemente do homem impulsivo e de seu relacionamento com o homem consciente.

O homem impulsivo, pela essência de sua definição, é passivo. Reage apenas aos impactos exteriores, e isto, segundo as leis definidas e imutáveis. De acordo com os Arcanos básicos, ele é também triplo, pois é composto:

- a) do Homem inferior, sensorial, que vive através de seus instintos e necessidades físicas.
- b) do Homem médio, emocional, que tem paixões e vive expressando seus desejos, o que não deve ser confundido com o querer consciente.
- c) do Homem impulsivo-intelectual, raciocinador e calculista.

O trabalho do homem consciente consiste em equilibrar as atitudes reflexas do impulsivo e, às vezes, transformá-las em seus opostos.

Vejamos exemplos de comportamento desses três tipos de homem impulsivo:

O homem sensorial retrairá sua mão de um objeto que queima, de modo reflexivo e abrupto; o homem consciente poderá controlar esse reflexo e mesmo, se for preciso, desempenhar o papel de Múcio Scevola.

O homem emocional, comum, responderá com um sorriso a uma adulação; o homem consciente pode reprimir o sorriso e mesmo transformá-lo numa careta.

O homem impulsivo-intelectual, respondendo a uma pergunta jurídica citar, automaticamente, uma lei e sua aplicação usual; o homem consciente, a par dessa lei, analisará o caso particular e a conveniência ou não de aplicar a lei em questão.

O homem impulsivo-intelectual constitui uma fase perigosíssima do desenvolvimento humano. É um partidário da rotina, um inimigo de novas hipóteses; é o patrono dessas pessoas intelectualizadas que aplicam automaticamente métodos e fórmulas usuais a casos aos quais os mesmos não se aplicam.

Cada uma dessas três fases do homem impulsivo pode levá-lo aos excessos e vícios específicos, caso o elemento consciente não se opuser a isto no devido tempo.

A fase inferior pode conduzir a vícios de caráter material, sendo o mais comum o alcoolismo.

A fase média pode levar a uma outra série de vícios, entre os quais o mais típico é a libertinagem; entendemos com isto a libertinagem astral, multiplicando pela imaginação as formas de manifestações passionais.

Finalmente, o homem impulsivo-intelectual está sujeito aos vícios promovidos por sua mente calculista. Um protótipo desses é o jogo.

Para evitar digressões no subsequente estudo dos Arcanos, responderemos de imediato a diversas possíveis perguntas:

1ª pergunta: Pode um homem consciente perder, de um modo passageiro, o controle de seu corpo físico?

Resposta: Pode, nos seguintes casos:

- a) ausência das funções do homem consciente e presença das do homem impulsivo (sono, letargia, etc.)
- b) deterioração da célula nervosa de algum órgão sensorial ou de um centro motor, e também no caso de ruptura de um nervo;
- c) distúrbio da circulação ou da produção do fluído nervoso (aquilo que a medicina chama de distúrbio funcional do sistema nervoso)

Todas essas circunstâncias podem significar um impedimento para o homem consciente, de exercer o controle sobre o impulsivo, e isto pode manifestar-se: no campo instintivo, pela falta de bom senso; no campo anímico, pela falta de harmonia; e, no campo intelectual, pela falta de perspicácia.

2ª pergunta: Quais são as anormalidades da imaginação humana que podem se manifestar?

Resposta: Para responder a essa pergunta devemos considerar o fato de que as formas criadas pela nossa imaginação, além de dependerem do nosso astrosoma, dependem ainda de outros dois fatores:

- a) As percepções dos nossos sentidos
- b) A lógica reguladora da nossa "mens"

Caso a "mens" não participe adequadamente do processo da criação das formas, então a

imaginação se transformará na chamada “fantasia”.

Se os transmissores nervosos dos órgãos dos sentidos reagem de forma anormal aos impactos externos ou se, erradamente, aparecem reações sem nenhuma intervenção de impacto externo — teremos então a “alucinação”.

3ª Pergunta: Qual é a ação do álcool sobre o ser humano, nas diversas fases de embriaguez?

Resposta: Podemos discernir três fases decorrentes da ingestão de uma quantidade elevada de álcool:

1. Apenas o homem acaba de beber, o álcool absorvido aumenta o dinamismo do sangue. Os gânglios e plexos nervosos, que constituem uma reserva da força nervosa, gastam-se mais intensamente. Isto causa um aumento da atividade mental e da atividade no corpo físico.
2. O corpo absorve mais fluídos nervosos do que a “mens”. Os impulsos não mais são controlados pela parte consciente do homem; aparecem gestos e palavras inadequados, a pessoa cambaleia, etc.
3. A reserva da força nervosa que foi gasta deve ser restaurada pelo astrosoma que se dedica totalmente ao organismo, não podendo fornecer mais nada de sua energia astral à consciência. Segue-se, portanto, o sono profundo, característico do homem fortemente embriagado.

4ª Pergunta: O que é hipnose em relação à nossa divisão do ser humano?

Resposta: No processo hipnótico, o hipnotizador irrita fortemente ou exaure os centros nervosos que regem os órgãos dos sentidos, e com isto, separa a parte impulsiva da parte consciente da pessoa. Substituindo esta última pela sua própria consciência e vontade, o hipnotizador pode dirigir a personalidade impulsiva do hipnotizado. Estamos considerando apenas os métodos mecânicos para se obter resultados hipnóticos, sem qualquer ação magnética (da qual falaremos mais tarde). Os métodos mecânicos consistem em irritar ou cansar a vista com ob-

jetos brilhantes colocados sobre um fundo escuro, ou com espelhos rotativos. A audição é irritada pelas batidas de um gongo ou cansada pela repetição de sons monótonos; o resultado pode também ser obtido por um susto. Sendo a ação de um homem consciente sobre o impulsivo, extensiva não apenas ao tempo presente, mas também ao futuro, o hipnotizador pode sugerir ações e percepções futuras.

5ª Pergunta: Como compreender a loucura?

Resposta: É preciso diferenciar dois tipos de loucura:

1. Por razões físicas
2. Por razões astrais

A loucura, por suas manifestações, pode assemelhar-se ao estado permanente de embriaguez, na sua segunda fase. No louco, os impulsos predominam e, além disso, cada louco, de acordo com o distúrbio de determinados centros nervosos, apresenta manifestações de um tipo específico. Os casos de loucura, naturalmente, podem ser provocados por um distúrbio orgânico ou funcional do sistema nervoso. Porém, é possível também que, devido a causa puramente astral, a atividade de determinados centros tenha sido acelerada demais, prejudicando os outros. Não esqueçamos que o corpo humano foi realizado pelo astrosoma que continua regendo-o. A "mens" se manifesta por meio do astrosoma. Imaginemos o fato de uma entidade astral alheia ter-se juntado a um astrosoma, procurando interferir na regência do corpo. Teremos anormalidades nas manifestações dos planos astral e físico.

Haverá talvez um empecilho ou impossibilidade de uma manifestação normal da mente, pela paralisação parcial das funções do astrosoma.

Também pode acontecer que ao astrosoma se agregue uma larva, própria ou estranha. Isto resultará numa renitente encarnação lárvica, provocando no doente a predominância de um vício típico daquela larva.

Em tais casos, a larva, no começo, predispõe a vítima para um determinado vício; mais tarde, tendo esgotado todos os recursos do corpo,

naquele campo, e querendo libertar-se, na maioria dos casos procura destruir o corpo ao qual ficou fortemente ligada pela longa permanência nele. A morte do corpo a libertará, dando-lhe a possibilidade de separar-se do astrosoma e entrar num outro corpo para, novamente, sugar seus recursos. É possível também que num corpo humano se encarne um elementar depravado e lute com o astrosoma do doente, causando as alterações dos períodos de loucura e de lucidez.

Mas quando e como pode acontecer tudo isto? Quando o homem fica por demais passivo e não protege suficientemente seu corpo contra a agressão de uma "astralidade" estranha. Uma larva pode facilmente entrar não apenas num homem adormecido, mas também, num homem desanimado pelos fracassos da vida na qual não vê finalidade alguma, e mesmo num homem mais ativo, porém, que esteja escravizado pelo vício característico dessa larva. Também, um elementar pode encarnar-se com relativa facilidade no corpo de um homem durante a exteriorização consciente ou inconsciente do seu astrosoma.

A exteriorização inconsciente é mais freqüente do que geralmente se julga. Um susto, um infortúnio imprevisto, uma situação sem saída, qualquer coisa que nos leve a adiar momentaneamente a vida no plano físico, facilita o processo de exteriorização. Uma grande alegria repentina pode provocar o mesmo efeito, embora de modo diferente. A alma humana, no momento em que experimenta uma grande felicidade, fica de tal forma imbuída pela gratidão aos princípios astrais causadores de tal evento que, atraída inconscientemente por esses princípios pode chegar a exteriorizar-se.

Às vezes o astrosoma exteriorizado, ao voltar ao corpo, consegue expulsar o visitante indesejável que na sua ausência se apoderou do seu corpo (loucura temporária); outras vezes, o astrosoma não consegue essa reintegração e, no seu corpo, atua a entidade que dele se apoderou (loucura permanente ou, na melhor das hipóteses, mudança de caráter da personali-

de; nestes casos, a presença de um astrosoma estranho e, portanto, não adequado, prejudica e destrói o corpo). Finalmente, pode-se dar o caso do astrosoma voltar ao corpo sem, contudo, conseguir expulsar o outro astrosoma; haverá então a coexistência de dois astrosomas num só corpo e, conseqüentemente, uma constante luta entre eles (loucura intermitente).

Respondidas essas cinco perguntas, podemos agora voltar ao assunto do homem impulsivo nas suas três fases de desenvolvimento.

Estudemos as normas de vida mais adequadas a fim de conseguir a subordinação do ser impulsivo ao ser consciente, e para a realização dos alvos evolutivos deste último.

Essas normas de vida são naturalmente distintas para as três fases. Começemos pelas normas adequadas a um ser **instintivo-impulsivo (sensorial)**, onde a maior importância deve ser dada ao **regime alimentar**.

Em primeiro lugar é preciso compreender os efeitos normais da abstenção dos alimentos. Uma abstenção temporária dos alimentos possibilita um descanso aos órgãos da digestão e, devido a isto, coloca à disposição dos órgãos superiores maior quantidade de fluídos nervosos, possibilitando uma atividade espiritual mais intensa. O excesso alimentar produz o efeito contrário — predispõe o homem à estagnação espiritual. Naturalmente, uma abstenção por demais prolongada da nutrição debilita o organismo. A freqüência e o horário da alimentação devem ser adaptados às condições particulares.

Quanto ao modo de se alimentar, podemos dizer que o regime vegetariano, constante, é aconselhável apenas nos países tropicais e sub-tropicais. Os magos das regiões temperadas o adotam somente como preparação para uma atuação que requer um certo apaziguamento dos centros anímicos, sem uma pronunciada diminuição das funções dos centros instintivos. Uma alimentação composta unicamente de vegetais mantém a instintividade, e a alimentação animal — o anímico. Nos países tropicais, o anímico é suficientemente nutrido astralmente pela intensidade das emanações solares.

A dieta vegetariana que os magos adotam antes de uma atuação, prolonga-se geralmente por 40 dias, e o regime vegetariano rigoroso (frutas e verduras cozidas sem sal) — não mais do que 7 dias.

Na alimentação animal é aconselhável uma certa cautela. A carne está com freqüência ligada fluidicamente a um

mau astral, isto é, ao fantasma (a parte inferior do astrosoma) que rege, após a morte física do animal, as funções de decomposição e de reintegração à natureza dos elementos do corpo físico. O animal abatido morre amedrontado, nervoso, revoltado. Para evitar a encarnação em nós desse mau astral, é preciso, antes de ingerir a carne, pronunciar mentalmente algum "setram" para fortalecer nossa auto-defesa, ou um "mantram", para expulsar o mau astral.

As razões do chamado "vegetarianismo sentimental" não são reais. O vampirismo é uma lei básica geral na subsistência dos seres, pois não apenas na alimentação, mas também no processo da respiração, aniquilamos outras vidas.

Quanto aos esforços de realizar o auto-aperfeiçoamento através do ascetismo, **em qualquer campo que seja**, baseando-se no fato de que os Grandes Instrutores eram ascetas, responderemos o seguinte: o homem que atingiu um alto nível de perfeição, dedicando-se quase inteiramente ao trabalho espiritual, pode não necessitar mais do que um punhado de arroz por dia para a sua sobrevivência. No entanto, o processo não pode ser invertido, pois a restrição dos alimentos, desacompanhada da necessária imersão na espiritualidade, nenhum proveito trará.

Um anacoreta que leva uma vida contemplativa, não precisa de fosfatos para nutrir o cérebro, mas um intelectual, um professor que da cátedra expõe seus conhecimentos, um estudante ou um escritor os necessitam.

Para completar o assunto do regime de um homem instintivo, é preciso salientar que, além da alimentação, ele pode necessitar, às vezes, de estimulantes. Aos que levam uma vida metódica, a alimentação por si só é suficiente, mas aqueles em cujas vidas são inevitáveis intensos gastos periódicos da energia nervosa, podem, de quando em vez, empregar estimulantes que dinamizam o sangue e provocam uma absorção suplementar da energia armazenada nos plexos e gânglios.

Os estimulantes materiais são o café, o chá, o álcool, o haxixe, o ópio, a morfina, etc.

O café e o chá apresentam por si um típico binário. O café corresponde ao pólo negativo desse binário, já que aumenta especialmente a receptividade. As fases de ação do café são as seguintes: inicialmente, facilita a digestão, apoderando-se de fluídos para acelerar o processo; depois de duas ou três horas, facilita um empréstimo secundário em proveito da receptividade intelectual; a reação posterior ao efeito do café — ou seja, a queda da receptividade — se processa ao redor de 5 horas após ter sido ingerido.

O chá é o pólo positivo do binário; torna a digestão mais lenta e durante essa redução do ritmo digestivo, favorece a atividade intelectual, devido à não utilização da energia nervosa para a digestão. A reação posterior ao chá é um afastamento prolongado dos fluídos da esfera intelectual para os órgãos digestivos a fim de reparar os efeitos do atraso. A insônia, devida a um chá forte, não constitui uma reação, e sim uma fase de sua ação; a pessoa não deseja dormir mas pensar. A reação ocorre mais tarde.

O binário mencionado pode ser neutralizado pelo álcool, cuja ação curta porém forte, eleva tanto a receptividade como a atividade. O álcool pode ser utilizado antes dos momentos em que precisamos de rapidez de compreensão e de sagacidade nas réplicas. Fora estes casos, não devemos contrair o hábito de ingeri-lo. Da reação ao álcool já falamos anteriormente.

Tudo o que foi dito se refere exclusivamente ao homem ainda não acostumado com o uso dos estimulantes mencionados.

O ópio e a morfina diminuem a sensibilidade ao desgaste dos fluídos nervosos, dando com isto a ilusão de infatigabilidade; o mesmo pode ser dito da cocaína. A ação do haxixe é menos estudada; sob seu efeito sente-se menos a ligação do astral com o corpo físico e tem-se freqüentemente a ilusão de exteriorização do astrosoma, enquanto que o ópio e a morfina facilitam uma real exteriorização. Mais adiante, voltaremos ainda a estes assuntos, como também à ação do éter sulfúrico.

Passemos agora às **normas de vida do homem anímico**. O processo de **respiração** apresentará aqui a analogia da alimentação, e os **aromas** — a analogia dos estimulantes.

Os exercícios respiratórios dos ocultistas visam três alvos:

1. A regularização do processo de acidificação (oxigenação) do sangue, o que renova a provisão da força vital.
2. O domínio do ritmo respiratório por meio da vontade, decorrendo disto o controle das funções do coração.
3. Uma redução do desgaste desnecessário de ácido carbônico.

O primeiro é realizado por uma inspiração suave e profunda e uma retenção suficiente da respiração; o terceiro — parcialmente pela retenção e parcialmente pela lenta expiração; o segundo — pela distribuição adequada do conjunto das fases do processo respiratório.

Daremos um curto esquema geral dos exercícios iniciais de respiração:

Cuidando de não estar com o estômago carregado, a pessoa deita em posição quase horizontal, ficando a cabeça e os ombros um pouco mais altos do que o restante do corpo, as pernas estendidas, os braços também estendidos ao longo do corpo e os músculos relaxados. O local deve ser bem arejado, mas não frio. A ausência de qualquer preocupação ou inquietação e uma certeza cabal de que nada interromperá o praticante no seu exercício, são fatores muito importantes. A transgressão da última regra pode ter uma influência nefasta sobre o destino das pessoas que interrompem o exercício e sobre o próprio sujeito.

Preenchidas essas condições, a pessoa fecha a boca e inspira o ar pelas duas narinas, o mais lentamente possível, mas sem forçar o ritmo natural, e até elevação do tórax e do abdome; tudo isto sem que se chegue a provocar alguma dor. A fase da inspiração é seguida pela fase de retenção, e esta, pela lenta expulsão do ar pelas duas narinas. Tendo expelido todo o ar, faz-se uma pequena pausa entre o fim da última expiração e o começo de uma nova inspiração. Essa será a fase de interrupção da atividade dos órgãos respiratórios.

Teoricamente, seria desejável que as três primeiras fases fossem de igual duração e o mais prolongadas possível. Na prática, o resultado é um pouco diferente, pois a duração comparativa da fase da inspiração corresponde à capacidade do indivíduo de vampirizar o meio-ambiente; a fase de retenção — à capacidade de utilizar adequadamente as energias adquiridas, e a fase de interrupção — à capacidade de concentração passiva. Esta última, para um mago, não deve ser prolongada demais.

Essas são as razões pelas quais é recomendado o seguinte: concentrar-se durante a inspiração sobre a apropriação de alguma energia ou capacidade; durante a retenção — sobre sua assimilação, ou seja, sua adaptação a nossa própria pessoa; durante a expiração — sobre sua utilização adequada. A pausa final é dedicada a uma concentração passiva.

As durações absolutas e relativas das fases, como já foi dito, são determinadas pelas características particulares do astrosoma do sujeito. Podemos, todavia, indicar uma duração aproximativa para um sujeito médio: no começo dos exercícios — 10 segundos para cada fase ativa e cerca de 2 segundos para a fase passiva, a quarta; após alguns meses de exercícios — 25 segundos para cada fase ativa e aproximadamente 3 segundos para a passiva, a última.

Recomendamos praticar os exercícios duas ou três vezes ao dia. No começo, serão de 5 minutos; com o decorrer do tempo — até 25 minutos cada vez.

O método acima é amiúde chamado de **ocidental**. Muitos o consideram perigoso, pois se não for unido a uma meditação ativa e do tipo evolutivo, pode ocasionar a assimilação de princípios negativos do meio-ambiente, ou seja, elementos que vivificam pensamentos ou sentimentos egoístas. Por isso, muitos ocultistas o substituem pelo método chamado **oriental**, propondo, nas mesmas condições, fazer os exercícios respiratórios do modo seguinte: o ar é inspirado primeiramente pela narina esquerda unicamente, apertando para isto a narina direita com o polegar da mão direita. Em seguida, durante a retenção, apertam-se as duas narinas com os dois polegares. Expira-se através da narina direita, a esquerda permanecendo apertada; após uma curta pausa, inspira-se pela narina direita, de novo se retém o ar com as duas narinas apertadas, expira-se através da esquerda; inspira-se com a esquerda, seguindo sucessivamente o processo anterior.

Esse método é muito útil, mesmo para as pessoas que praticam o primeiro, pois pode ser aplicado temporariamente num caso de coriza, quando não se pode fazer uso do primeiro método.

Uma vez começado, o curso de exercícios respiratórios não deve ser interrompido devido a coriza ou laringite e nem mesmo a uma ligeira bronquite. Nos estados febris, os exercícios se tornam difíceis e, nos casos de bronquite aguda ou congestão pulmonar, não se deve nem cogitar em fazê-los.

Tratando-se de exercícios respiratórios, mencionaremos também o **exercício do plexo solar** chamado, às vezes, de “massagem do plexo”. Neste exercício alternam-se pressões sobre o diafragma, empurrando-o para baixo e para cima. Deve ser feito com muito cuidado, meticulosamente, sem nenhuma precipitação, precindindo-se totalmente do mesmo quando indisposto ou num estado de perturbação emocional. Consiste no seguinte:

Na mesma posição indicada para os exercícios respiratórios, inspiramos o ar, obrigatoriamente através das duas narinas, enchendo somente o tórax e mantendo murcho o abdôme. Em seguida, apenas pelo esforço dos músculos torácicos, isto é, sem expirar, obtemos uma diminuição suave do volume torácico e, simultaneamente, a elevação do abdome. Depois, fazendo trabalhar apenas os músculos abdominais, contraímos o abdome, provocando a elevação do peito; em seguida, recolhemos novamente o tórax, etc. Após 5 ou 6 des-

sas fases duplas — elevação do tórax e do abdome — terminamos o exercício na fase de elevação do tórax e deixamos o ar sair lentamente pelas narinas. Todos esses itens constituem um só ciclo de exercícios do plexo. É preciso executar uns cinco ciclos.

Então poderemos dar o exercício por terminado. Não é aconselhável fazer mais do que um exercício diariamente, nem tampouco iniciá-los antes de ter adquirido uma certa prática de exercícios respiratórios, pois a expansão e a retração do tórax ou do abdome levam mais ou menos 3 segundos e, portanto, um ciclo de exercícios dura mais do que meio minuto, o que pressupõe uma certa prática em reter o ar durante esse tempo. O exercício completo terá uma duração de três e meio a quatro minutos.

No começo podemos nos limitar a 2 ou 3 ciclos, e mesmo fazer pausas de 1 a 2 minutos entre cada ciclo, preenchendo-as com exercícios respiratórios costumeiros. Se, algumas horas após o exercício do plexo, a pessoa sentir dores nervosas no estômago, deve aconselhar-se com seu instrutor, pois pode ter ocorrido alguma irregularidade na técnica do exercício, ou ser o mesmo ainda prematuro.

Os exercícios do plexo, ou mais exatamente de toda a região vizinha ao diafragma, têm como finalidade atrair o fluxo sanguíneo ao plexo solar para nutri-lo mais intensamente e também fortificar os músculos da região. Todos estes requisitos constituem importantes pontos de apoio para a vontade humana em suas realizações astrais inferiores.

Se os exercícios respiratórios, no treinamento de um homem anímico-impulsivo desempenham o papel de alimento, os aromas, como já foi dito, exercerão o papel de estimulantes.

Não iremos enumerar aqui todos os aromas usados na magia; mencionaremos apenas três dos mais típicos que formam um ternário análogo ao ternário dos planos do ser humano:

1. O incenso — pólo positivo do ternário — provoca estados místicos (facilita oração, etc.)
2. O almíscar — termo médio do ternário — age na esfera anímica (amor, etc.)
3. O fumo do tabaco — pólo negativo do ternário — provoca, nas pessoas não acostumadas, um período muito curto de excitação, ao qual se segue uma reação de caráter puramente instintivo — o sono.

Quando o tabaco é constantemente usado, importa estar atento às suas influências colaterais, determinadas pela forma de fumar e as qualidades do tabaco. As pessoas que trabalham intelectualmente, Papus recomenda cigarros de tabaco suave e aromático; às pessoas que levam uma vida anímica, como por exemplo, os folgazões — charutos; aos trabalhadores braçais, operários, etc. — o cachimbo.

Passemos agora a indicar brevemente as **normas de vida de um homem intelectual**. Ao papel da alimentação corresponderão aqui **influências do ambiente**. As recomendações são as seguintes:

1. Rodear-se, na medida do possível, de um ambiente que não provoque tensões e não abafe as reações normais, impulsivas, em relação à estética. Evitar a companhia de pessoas demasiadamente feias, assim como as formas desagradavelmente assimétricas e as cores desarmoniosas; rodear-se, pelo contrário, de objetos estéticos.
2. Exercitar-se e chegar a conservar, automaticamente, o autocontrole nos momentos de perigo e inquietação, e mesmo, desenvolver uma capacidade puramente instintiva de como fazê-lo.
3. Não sublinhar, com reação impulsivo-intelectual, seus desgostos em matéria de tato, paladar ou olfato. Caso não se goste, por exemplo, do cheiro de alho, limitar-se a reação astral correspondente, sem expressá-la com gestos ou palavras, só ao ouvir a palavra “alho”.

Para o homem intelectual-impulsivo, o papel do estimulante será desempenhado também por uma **música adequada**. Neste caso, teremos igualmente um ternário análogo, pois cada tipo de música atua como estimulante em um dos subplanos.

Durante uma campanha militar, uma vigorosa marcha militar pode influenciar a coragem física dos soldados, através das reações impulsivo-intelectuais. Um homem anímico será estimulado, também através da reação impulsivo-intelectual, pelos sons de uma valsa ou talvez, por uma música de ópera. Uma natureza puramente intelectual precisará, como estimulante, de música de câmara.

Terminando o assunto de treinamento do homem impulsivo, chamamos mais uma vez a atenção sobre o quanto é relativa a sub-divisão do ser humano em ternários, por nós utilizada. Permitimo-nos adotar essa divisão apenas como exemplo de como utilizar os ternários análogos que muito facilitam a construção de qualquer esquema.

LÂMINA VI

O fundo: uma paisagem rochosa.

Do lado esquerdo, uma encosta, em que um suave e agradável caminho serpenteia por um gramado florido.

Do lado direito, numa rampa abrupta de rochas nuas, vislumbra-se uma senda, quase invisível.

Na bifurcação desses dois caminhos, um moço, com vestimenta sacerdotal branca e cabelos castanhos caindo até os ombros, segura, pelas mãos, duas mulheres que se acham ao seu lado.

A moça da esquerda está vestida com uma rica túnica colorida, em que predominam as tonalidades marrom e verde escuro. O cabelo solto é vermelho-cobre; o rosto é bonito, porém de traços irregulares; ligeiramente inclinada para trás, com o corpo estendido, convida o moço a descer em direção ao vale.

A moça da direita está inteiramente coberta por uma túnica dourada; o rosto é severo, os traços regulares; sua mão esquerda, indica a senda rochosa. O mancebo olha para a frente.

No céu, acima de sua cabeça, paira um gênio com um arco retesado cuja flecha está apontada para a moça da esquerda.

O céu é transparente. Há bastante ar e perspectiva.

O signo correspondente ao Arcano VI é Vau, que já conhecemos através da palavra Iod-He-Vau-He.

Os hieróglifos deste Arcano são: o **olho** e o **ouvido**, isto é, dois órgãos mais importantes que facilitam o contato com o mundo externo.

Quais são as conseqüências desse contato?

É evidente que, aos impactos externos, corresponderão determinados conceitos subjetivos. O que é interno possui a capacidade receptiva para aquilo que é externo. Ao macrocosmo corresponde, em cada um de nós, o microscomo, nosso universo em miniatura. Temos aqui, novamente, a lei das analogias, a lei das imagens refletidas.

O pantáculo do Arcano VI é formado por dois triângulos entrelaçados, sendo que um é a imagem refletida do outro. Os nomes dados a esse pantáculo são: Estrela de Salomão, Selo de Salomão, Face direita do grande pantáculo de Salomão, Hexagrama místico, Signo do macrocosmo. No centro da figura acha-se o “Stauros” que simboliza o processo de fecundação: a linha vertical (atividade) fecunda a linha horizontal (passividade). Isto significa que o triângulo ascendente deve ser considerado como o original, e o descendente, como o reflexo do primeiro.

Esse pantáculo (figura 22) apesar de sua simplicidade — e talvez devido à mesma — contém quase a totalidade do significado do Arcano VI, e permite tantas interpretações diferentes, que o conhecimento de apenas parte das mesmas, já prova um sólido grau de iniciação.

Procuraremos indicar algumas de suas interpretações:

1. O triângulo ascendente pode ser considerado como triângulo de Jesus, simbolizando o processo evolutivo da nos-



Fig. 22

sa redenção. Conseqüentemente, o triângulo descendente será considerado como o triângulo de Maria, o elemento que participou do processo involutivo da Encarnação. O “Stauros” aponta a Redenção como alvo, e a Encarnação como meio.

2. Analisando o pantáculo como signo do Macrocosmo, ou seja, como o esquema geral do desenrolar dos fenômenos na Natureza, chamaremos o triângulo ascendente — Triângulo do Fogo, símbolo dos processos evolutivos, sutilizantes, renovadores, purificadores. O triângulo descendente receberá o nome de Triângulo da Água, que simboliza os processos involutivos, condensadores que multiplicam e complicam as manifestações, criando a rotina estagnante. O “Stauros” nos indica que a existência de tudo que é denso, inerte e complicado, é apenas reflexo de tudo o que é radiante, sutil e simples, pois a matéria existe graças ao Espírito, e não o inverso.
3. Dentro do triângulo ascendente, podemos delinear o rosto radiante do Ancião de barba branca. Dentro do triângulo descendente, delinearemos uma outra figura humana, já não tão radiante, porém, mais densa e de barba preta. Assim teremos a representação do grande esquema dos dois Andróginos universalmente poderosos: o Macroprosopo ou Deus da barba branca, e seu reflexo o Microprosopo, ou Deus de barba preta. Na tradução literal do grego, Macroprosopo significa “de rosto comprido”, e Microprosopo, “de rosto curto” ou “rosto estreito”. O “Stauros” nos mostra que a figura de barba branca fecunda a de barba preta, derramando nela a bem-aventurança da graça. Qual é, teoricamente, o papel desses Andróginos no esquema geral do processo dinâmico? Procuremos orientar-nos pela escala ascendente do processo. Já aprendemos que cada Iod é uma transformação do segundo He do ciclo tetragramático anterior. Procuremos, portanto, retroceder ao primeiro Iod. Esse Iod não pode ser a Causa Prima dos ciclos dinâmicos, isto é, ele não pode ser o Elo Inicial do Mundo das Emanações, pois este Elo Inicial deve possuir, em si, a capacidade de gerar os elos inferiores, isto é, possuir em si o atributo do androginato. Simbolizaremos este Elo Primordial, Bi-polar, pelo ponto que antecede o primeiro Iod; assim, o primeiro ciclo tetragramático escrever-se-á assim: • Iod-He-Vau-He (Ponto, Iod, He, Vau, He). O Ponto inicial corresponderá ao Andrógino Superior, o Ancião dos Dias, o Macroprosopo, do qual emanam o Pai (Iod) e a Mãe (He), que completa o Pai. A união dos dois gera o Microprosopo — Vau. Este último cria para si, na

qualidade de Esposa ou Noiva (Sponsa) um segundo He, no qual se manifestará a atividade da Família inteira. O caminho do homem para o Macroprosopo é através do êxtase, enquanto que o caminho para o Microprosopo, pode ser achado mediante o coração de cada um de nós.

Astrologicamente, o Arcano VI corresponde ao signo zodiacal do Touro, simplesmente porque o signo do Touro segue o do Carneiro.

Os títulos do Arcano, nos planos do Ternário Teosófico são os seguintes:

1. No plano das manifestações do Arquétipo, o Selo de Salomão indica a grande Lei da Analogia — “Methodus Analogiae”.
2. No plano da atividade do Homem este pantáculo representa o conceito daquilo que chamamos o Livre Arbítrio — “Pentagrammatica Libertas”.
3. No plano da vida da Natureza, associamos as analogias com o meio ambiente no qual se manifestam e que as une ou as separa, como preferirmos. Nesse plano, o título do Arcano é “Medium” (meio-ambiente).

Analisemos separadamente o significado desses três nomes:

O primeiro título — “Methodus Analogiae” — corresponde à divisão aritmética do seu número “6” em dois algarismos idênticos, ou seja, $6 = 3 + 3$, e significa que uma manifestação (Arcano III) exige uma outra manifestação análoga, um outro “3”. Isto constitui a essência do Arcano VI. Esse primeiro título do Arcano é ilustrado ainda melhor pelas “Palavras dos Mistérios de Hermes” (Verba Secretorum Hermetis) que constituem os primeiros dos chamados “Versos Esmeraldinos” do Código Hermético dos antigos egípcios. O texto latino é o seguinte:

“Verum sine mendacio, certum et verissimum:
quod est inferius est sicut quod est superius,
et quod est superius est sicut quod est inferius,
ad perpetranda miracula rei unius”.

Na tradução portuguesa significa: “É verdadeiro e não falso (isto é: absolutamente verídico no plano mental), certo (isto é: transmitido exatamente quanto à forma, sem deformação dos clichês astrais) e completamente verídico (isto é, tão evidente que permite no plano físico, uma verificação pelos órgãos dos sentidos, que é o método de São Tomé) que o inferior é análogo ao superior e o superior é análogo ao inferior, para consumação das maravilhas da totali-

dade única (ou, melhor ainda: para a possibilidade de penetrar nas maravilhas da totalidade una)".

Esse texto quase dispensa comentários; começa com a enunciação da Lei dos Três Planos e termina pela fórmula clássica da Lei da Analogia.

Amplas são as conclusões que podemos tirar desse texto. Estudando a organização do nosso corpo, podemos compreender a organização do sistema solar. Analisado o Ternário Teosófico, perceberemos o ternário em nosso corpo. Já falamos da divisão do corpo em três partes.

O segundo título — "Libertas" — abarca as seguintes decomposições:

$$6 = 4 + 2 \quad e \quad 6 = 2 + 4$$

O Arcano VI é o resultado a que chegamos somando o Arcano II (Gnosis — o conhecimento do caráter dos caminhos diante da nossa escolha) e o Arcano IV (a autoridade, ou seja, o direito da livre escolha).

Esses dois modos de somar representam a imagem completa do dilema do bem e do mal, do sutil e do denso, do verdadeiro e do falso, do temporário e do eterno, do ativo e do passivo, etc. que tão freqüentemente — podemos até dizer a cada momento — se apresentam na vida humana. A escolha é livre: os dois triângulos estão presentes no diagrama do Arcano VI; todavia, o Stauros indica que o impulso para a escolha do triângulo é dado pela Atividade Superior que fecunda a nossa passividade.

O tema está bem ilustrado na lâmina do Arcano. O indivíduo, prestes a usar o seu direito humano de livre escolha, é representado por um jovem. Sua mocidade indica que cada escolha, obrigatoriamente, deverá ser feita no seu devido tempo. Na lâmina, ao triângulo evolutivo corresponde uma moça, de aparência modesta, vestida simplesmente, que, na bifurcação do caminho, convida o moço a escolher a senda direita. A lâmina é apresentada como o reflexo num espelho; a senda da direita é aquela que está à direita de quem olha para a lâmina.

Ao triângulo involutivo corresponde uma bela moça, vistosa e luxuosamente vestida, que atrai o moço para a senda da esquerda. O papel do Stauros é representado pelo gênio da justiça pairando nas nuvens e apontando uma flecha punitiva em direção da mulher da esquerda que simboliza o vício.

O nome erudito do Arcano é "Bifurcatio" (bifurcação do caminho); seu nome comum é "O Namorado", o que se explica pela atitude desajeitada e indecisa do jovem.

Falta-nos elucidar qual é o fator determinante que, sistematicamente, leva o homem à escolha acertada quando os caminhos se separam. Esse fator é a **harmonia da alma**; é a recompensa daquele que se esforça sempre por escolher o caminho espiritualmente certo e que realiza a sua escolha. A harmonia da alma manifesta-se pelo equilíbrio e equanimidade do ser humano, assim como, pelo desenvolvimento igual e paralelo de sua atividade e de sua receptividade. Um homem capaz de captar clichês, em qualquer campo, mas que não possua o poder realizador correspondente, será uma pessoa infeliz e desarmoniosa. Por outro lado, se tem poder realizador em algum campo, mas nele não sabe se orientar, por não ser bastante receptivo e, portanto, esclarecido, tampouco terá harmonia.

Podemos considerar a harmonia como uma neutralização do binário Adão-Eva, ou Atividade-Receptividade, dentro de próprio Homem astral. Essa polaridade do binário é neutralizada pela síntese dos extremos.

Vamos ainda tratar do problema do livre arbítrio e do "quantum" dessa liberdade nos diversos planos e subplanos da existência.

De um lado, temos os deterministas exagerados. De outro, os partidários fanáticos do livre arbítrio absoluto. Podemos dizer, entretanto, que em cada subplano da existência, nossa escolha está condicionada, em parte, pela escravização kármica (as leis da Natureza são o karma do Universo) e, em parte, pelo livre arbítrio do homem que pode optar pela sua evolução ou involução.

Imaginemos toda a superfície do triângulo descendente da figura 23, como sendo o campo exclusivo de caminhos involutivos que diante de nós se apresentam, e a superfície do triângulo ascendente — o campo de caminhos evolutivos. Entrelaçamos os dois triângulos, formando o Selo de Salomão, e preenchemos a figu-

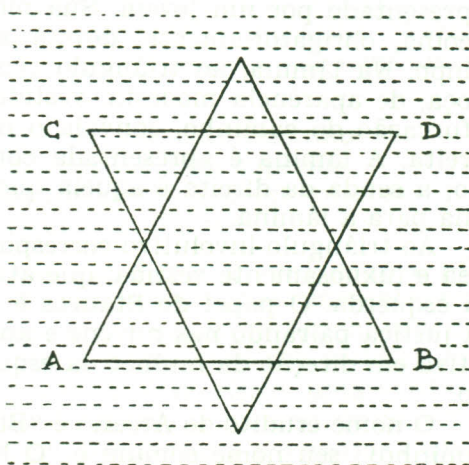


Figura 23

ra com linhas horizontais e paralelas que, simbolicamente, corresponderão aos diversos subplanos da existência do ser humano.

Vemos que nas camadas inferiores haverá apenas caminhos involutivos. Nesse estágio, o nosso corpo nos prende como um torno às nossas manifestações instintivas. À medida em que vamos galgando os subplanos inferiores, a possibilidade de escolha entre os caminhos involutivos torna-se maior. Alcançando o nível AB, encontramos repentinamente, para escolha, também os caminhos evolutivos. Na parte média do pantáculo, as possibilidades para os dois tipos de caminhos tornam-se iguais. Esta parte corresponde às regiões éticas centrais do grande binário do Bem e do Mal. Aqui, a influência dos Princípios Superiores, representados pelo signo de Stauros, torna-se decisiva. A partir do nível CD, que já corresponde ao plano mental, as possibilidades se modificam novamente e, de repente, nos achamos no dilema de escolher apenas entre os caminhos evolutivos. Além da linha CD, o campo da escolha entre os caminhos evolutivos se torna cada vez mais limitado e, finalmente, passando aos subplanos espirituais superiores, já perto do vértice, a possibilidade de escolha desaparece, pois a corrente que nos conduz forçosamente ao Princípio Primordial exclui qualquer alternativa. A quem se dedicar a uma profunda meditação sobre este esquema, podem ser desvendados os grandes mistérios do Binário.

Analisemos agora o terceiro título: "Medium", que corresponde às decomposições:

$$6 = 5 + 1 \quad e \quad 6 = 1 + 5$$

A decomposição $5 + 1$ (vida + vontade), corresponde à influência da vida, modulando o indivíduo, o qual, no futuro, expressará sua vontade. Essa decomposição nos dá o esquema da atividade do Macroprosopo na Natureza.

A decomposição $1 + 5$ (vontade + vida) ressalta que a vontade do Único é suficiente para criar a vida em todas as suas fases e em todos os planos. É o esquema das emanções do Macroprosopo criando a Natureza. Na continuação do texto já mencionado dos Versos Esmeraldinos, e que citamos a seguir, encontramos o melhor quadro geral dos processos da Natureza:

"Et sicut omnes res fuerunt ab uno, mediatione unius, sic omnes res natae fuerunt ab hac una re, adaptatione"

Na tradução literal isto seria: “E assim como todas as coisas provieram do princípio único pelo Uno, assim também todas as coisas nascidas provieram da adaptação da única substância”.

Em tradução livre seria: “Assim como todos os princípios foram emanados pelo princípio único, pela sua própria natureza, assim tudo que nasceu se formou da substância única, por meio de adaptação (coagulação ou rarefação) da mesma”.

No exposto, temos a síntese dos princípios de emanar e de reger as formas, mediante dois processos cujos nomes estão escritos ao longo dos músculos dos braços do “Andrógino” de Henrici Khunrathi (Amphitheatrum, 1602), e que é um dos dez pantáculos mais edificantes deixados por esse grande hermetista.

O pantáculo em questão simboliza a **substância astral**, com seus recursos, e os campos onde essas possibilidades podem ser aplicadas. No braço levantado do Andrógino vemos a palavra “Solve” (dissolve); no braço abaixado — “Coagula” (coagula). É um catecismo deixado pela sabedoria antiga e sua arte de exercer domínio sobre o astral.

Finalizando a nossa análise do Selo de Salomão, acrescentaremos que as cores normalmente usadas no pantáculo são: azul para o fundo, dourado (fogo) para o triângulo ascendente, prateado (água) para o triângulo descendente; dourado (atividade) para a barra vertical do Stauros, e prateado (passividade) para a barra horizontal. Nos pantáculos mais recentes, que simbolizam algo mais particular e nos quais o Selo de Salomão está incluído, encontramos certas divergências desse esquema de cores, o que será explicado no seu devido tempo.

Tratando-se de “Adaptatio”, isto é, **adaptações e preparações**, diremos algumas palavras a respeito da **homeopatia**, como adaptação do VI Arcano.

Os remédios podem agir de três modos: **mecânico, químico e dinâmico**.

Como exemplo de ação **mecânica**, citaremos o uso do mercúrio líquido no caso de anastrosia (reversão intestinal); de “ferrum oxidatum” para aumentar o movimento peristáltico dos intestinos; dos lubrificantes, como por exemplo o óleo de rícino, etc.

Uma ação **química** é esperada da maioria dos remédios alopáticos, dos produtos desinfetantes, dos produtos que restauram uma reação química enfraquecida do organismo, etc.

Uma ação dinâmica é esperada dos produtos homeopáticos, tais como a beladona, acônito, arsênico, estricnina, etc. que não são desdenhados também pelos alopatas.

A explicação da ação dinâmica foi dada de forma um pouco nebulosa para os profanos, porém bem clara para os iniciados, por Paracelso (Philippus Theophrastus Bombast Paracelsus — dictus 1491 - 1541) em sua "Filosofia Oculta".

As deduções de Paracelso se caracterizam por seus "a priori". Elas se baseiam nas correspondências planetárias e zodiacais.

Mais tarde, o Dr. Hahnemann, chamado "o pai da homeopatia" pesquisou o mesmo assunto "a posteriori", utilizando um rigoroso sistema experimental. As conclusões de Hahnemann" podem ser encontradas em suas obras: "Organon", "Fragmenta de viribus" (1805) e "Reine Arzneimittellehre" (1811).

O tratamento homeopático se baseia em três conceitos:

1. Subjetivamente, a doença é percebida através da **síntese de seus sintomas**.
2. Um produto que, em determinadas condições, provoca no organismo **sadio** um determinado sintoma de doença, pode, em condições diferentes, ajudar a eliminar o mesmo sintoma do organismo **doente** (a lei da semelhança).
3. As doses que eliminam o sintoma de um organismo doente, são bem mais fracas do que as doses que provocam o mesmo sintoma num organismo **sadio** (a lei das pequenas doses).

O primeiro tópico provocou uma grande oposição das autoridades médicas que acusaram os homeopatas de eliminar os sintomas em lugar de combater a doença. Após tudo que já dissemos sobre o plano físico e o caráter ilusório de suas manifestações, achamos desnecessário explicar aos ocultistas a falta de fundamento dessa acusação.

A segunda lei formulada por Hahnemann "**similia similibus curantur**" (o semelhante é curado por semelhante) nos mostra com clareza que a ação dinâmica do remédio sobre o organismo está baseada no **estabelecimento de uma correspondência entre o astral do remédio e o astrosoma do paciente**. A ação do remédio, segundo os casos, é diferente. Isto não é para estranhar se tomarmos em conta que também até no plano mental, um mesmo alimento — o estudo, por exemplo — age de forma diferente, de acordo com as doses usadas e segundo o estado mental, particular da pessoa.

Lembremos a bem conhecida sentença, talvez unilateral, mas nem por isso menos certa:

“Um pouco de ciência nos afasta de Deus, uma ciência profunda nos leva de volta a Ele”.

A lei das pequenas doses na homeopatia recorda o princípio do **ponto de apoio** na magia.

Devemos acrescentar que Hahnemann recomenda escolher, entre todos os produtos, o “simillimum” (o mais semelhante), ou seja, aquele que corresponda ao maior número dos sintomas principais da doença. Devemos também considerar o fato do quadro sintomático geral da doença ser sempre apenas aproximativo.

Do ponto de vista oculto é notável que os homeopatas dão muita importância ao processo prolongado de **agitar** as soluções e **triturar** os pós, na hora de preparar as “dinamizações” dos remédios. Isto prova que eles consideram o estado energético (elétrico, calórico, etc.) do produto como um som que deve ser introduzido na escala básica do produto homeopático, para criar a harmonia necessária.

LÂMINA VII

Base do quadro — uma parte da esfera terrestre onde se movimenta uma carruagem de forma cúbica, puxada por duas esfinges aladas; a da esquerda é preta; a da direita, branca. As esfinges puxam em direções contrárias, porém olhando uma para a outra. A carruagem é de ouro e suas rodas são guardadas por aros de ouro que possuem olhos no lugar das cabeças de pregos. Na parte dianteira e quadrada da carruagem, vemos um Lingam cinzelado; acima, e também cinzelado, um disco solar alado, ladeado por duas pequenas serpentes. Acima da carruagem, um baldaquim azul, ornado com pentagramas de ouro, está fixado por quatro colunas. A coluna do primeiro plano, ao lado da esfinge branca, é de ouro; a outra, ao lado da esfinge preta, é de prata. A coluna em diagonal à de ouro é de cor lilás; em diagonal à de prata — vermelha.

De pé na carruagem está o Vencedor. Os traços do seu rosto são iguais ao do homem da lâmina I (Aleph), mas todas as influências planetárias são mais acentuadas. A cabeça é cingida por uma coroa de sete pontas, ornada com três pentagramas. A vestimenta consiste numa couraça de escamas de peixe, enfeitada no centro por três esquadros; nos ombros dois crescentes lunares: o da direita é claro; o da esquerda — escuro. A mão esquerda segura um bastão terminado por uma esfera onde se apoia um cubo, e este, por sua vez, serve de apoio a uma pirâmide triangular. Na mão direita — uma espada com a ponta dirigida para baixo.

O Vencedor está iluminado, de frente, por um forte raio solar que, ao deslocar-se para a direita, passa gradativamente pelas cores amarelo e vermelho, e para a esquerda, pelas cores prata, verde e azul; essas cores constituem o fundo do quadro.

Excetuando o jogo das cores, está tudo bem delineado e claramente destacado.

Antes de passar à análise do Arcano VII, é preciso notar que os seis primeiros Arcanos formam um esquema construtivo que conduz ao sétimo, como elo final dessa série.

Todos os autores que escreveram sobre o assunto, preconizam a adaptação da figura 24, que atribui aos Arcanos o papel dos elementos do ciclo dinâmico Iod-He-Vau-He.

Como exemplo, apliquemos esse sistema a uma série de títulos dos Arcanos no campo do Homem e suas manifestações, deixando que os estudantes repitam o mesmo exercício com as séries dos outros dois campos.

O marido (1) fecunda a mulher (2), determinando com isto o nascimento do filho (3) que, nutrido física e astralmente, adquire uma autoridade (4) para atuar em nome de toda a família, no plano astral isto é, no plano das manifestações essenciais (5). Aí, ele encontra o dilema do bem e do mal (6), escolhe o bem e desfruta a vitória (7).

	Iod	He
	+	-
Iod	1	4
He	2	5
Vau	3	6
He	4	7

Figura 24

Chamamos sua atenção para o seguinte:

1. Sob certo aspecto, cada elemento de uma série de Arcanos é passivo em relação ao elemento anterior, e é ativo em relação ao elemento subsequente.
2. Cada elemento da segunda coluna é passivo em relação ao elemento do mesmo nível, da primeira coluna. Assim, a autoridade (4) é o campo (passivo) que pode ser explorado pelo homem ou o pai (1, ativo); a vida (5) é um elemento que a mãe (2) pode cultivar; a escolha dos caminhos (6) é um campo passivo, no qual atuará o elemento que foi criado (3, ativo); a vitória (7) é uma manifestação (passivo) ao alcance da autoridade (4, ativo).

Isso tudo possibilita a construção de outro esquema, equivalente ao primeiro e proposto por Papus (figura 25) onde os vértices do triângulo pontilhado, constituem um reflexo dos vértices do triângulo de linhas plenas; são seus polos negativos, suas “esposas” por assim dizer. Esse esquema de dois triângulos se tornará mais claro na medida em que estudarmos outras manifestações do Arcano VII, cujo número colocaremos no meio da figura.

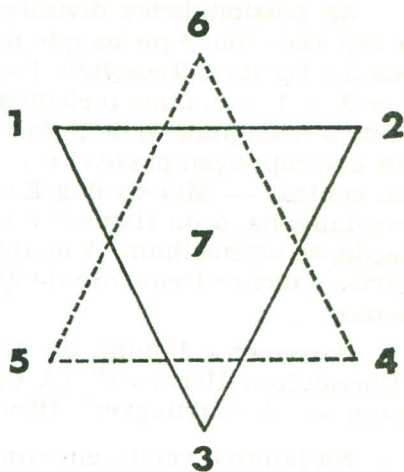


Figura 25

Passemos ao próprio Arcano:

Ao Arcano VII corresponde a letra hebraica Zain e o signo zodiacal de Gêmeos. Seu hieroglifo é uma flecha, lançada com certa pontaria e que, seguindo uma linha reta, atingirá o alvo.

Os títulos do Arcano são fornecidos por três decomposições aritméticas de ordem evolutiva.

A decomposição: $7 = 3 + 4$, ou seja, a predominância do Espírito (3, “Natura Divina”, Arcano III) sobre a forma (4, Arcano IV) determina o título “Spiritus dominat formam”, no campo das manifestações do Arquétipo. A mesma decomposição, mas na ordem inversa: $7 = 4 + 3$, nos dará o oposto da divisa acima e corresponderá ao obscurantismo e aos artifícios da magia negra.

No plano do Homem, iremos nos orientar pela decomposição $7 = 1 + 6$, isto é: Vontade + Provação, pela bifurcação dos caminhos, nos levam à Vitória.

O título do Arcano, neste plano, será, portanto, “Vitória”. A fórmula $7 = 6 + 1$ expressa, pelo contrário, o fracasso da provação e equivale a derrota.

No plano da Natureza, o título é dado por uma decomposição bastante interessante: $7 = 5 + 2$, que expressa o domínio dos princípios pentagramáticos (tradição, costumes, “religio”) sobre “Natura Naturata” (Arcano II), ou seja, sobre a criação da Natureza. Esta predominância traduz-se em lei de propriedade, daí o título “Jus Proprietatis”.

As possibilidades divisórias aritméticas do Arcano não se esgotam com aquelas que nos deram seus títulos nos campos do Ternário Teosófico. Podemos também decompô-lo em $7 = 3 + 1 + 3$, onde o elemento da vontade (1) oscila entre os dois triângulos: o do Arquétipo e o da Natureza. Uma outra decomposição possível é $7 = 2 + 3 + 2$, na qual o ternário central — Mundo das Emanações — rege os dois binários-Lingans, o do Homem e o da Natureza que, pela fecundação, se assemelham. A análise dessas decomposições secundárias é menos freqüente do que a das outras, acima mencionadas.

Passemos à lâmina do Arcano VII. Seu título erudito é “Curriculum Hermetis” (A Carruagem de Hermes) e o comum — “A Carruagem”, título sugerido pela imagem.

Na lâmina, vemos em cima um baldaquim azul, todo entremeado de pentagramas de ouro maciço, simbolizando os subplanos superiores do astral, com seus habitantes — os Pentagramas — cujo poder é superior ao do homem e que, por vezes, o protegem.

O baldaquim é sustentado por quatro colunas, simbolizando as virtudes herméticas: ousar, calar, saber e querer. Entre essas colunas se desenrolam as atividades do Mago-Vencedor, que está sob o baldaquim. Na sua cabeça — uma coroa de ouro com três pentagramas que significam a penetração, consciente e volitiva, nos mistérios dos três planos do Universo. Sua veste é uma couraça do Conhecimento e da Vitória, protegendo-o contra os perigos que para o profano podem ser destruidores.

No ombro esquerdo do Vencedor vemos um crescente de lua, branco, que simboliza o poder “Solve”, ou seja, o poder de realizações evolutivas e sutilizantes. No ombro direito — um crescente de lua, escuro, ou o poder “Coagula” — a possibilidade de tornar densas as formas e realizá-las nos subplanos inferiores.

Os três ângulos retos na couraça indicam os métodos pelos quais o Vencedor sabe se proteger contra as agressões. São: a exatidão do pensamento lógico, o envolvimento do pensamento numa forma adequada e a circunspeção e infalibilidade nas realizações do plano físico.

A mão esquerda do Vencedor empunha um bastão encimado por uma esfera na qual se apoia um quadrado que, por sua vez, sustenta um triângulo equilátero, isto é, o Espírito domina a forma a qual, por sua vez, se apoia na esfera terres-

tre (o plano físico). Na sua mão direita vemos a Espada da Vitória, ou seja:

- a) uma arma no plano físico,
- b) uma palavra convincente nos subplanos intermediários,
- c) uma apresentação figurada dessa palavra no plano astral,
- d) uma penetração do pensamento no plano mental.

E onde se situou o Vencedor para festejar a sua Vitória?

Numa carruagem de **forma cúbica** (sua própria realização, Arcano IV).

E qual foi o método usado para a construção dessa carruagem?

Achamos a resposta nos dois símbolos, na parte dianteira da carruagem. O primeiro é um ornamento egípcio: uma esfera (Iod) da qual partem dois prolongamentos em forma serpentina (os dois He) e que está sustentada por duas asas abertas (Vau). Isto é, evidentemente, o ciclo dinâmico Iod-He-Vau-He. Mais em baixo, vemos um outro símbolo — o Lिंगam — aludindo ao segundo modo de ler o Grande Nome — Iodheva ou Iodhava — (princípio masculino + princípio feminino).

A carruagem é puxada por duas esfinges: o par simbólico do binário astral, que corresponde ao termo médio (2) do esquema do Grande Arcano. A esfinge da esquerda é preta, a da direita — branca. As esfinges olham uma para a outra, mas puxam em direções contrárias (as duas polaridades de um turbilhão astral). Elas correm sobre a superfície de um grande globo — é o quaternário da Rota Elementar do Grande Arcano.

As rodas da carruagem são guarnecidas com aros de ouro, e as cabeças de pregos substituídas por olhos. As rodas simbolizam os vórtices astrais que transportam o turbilhão; os olhos significam que as células dessas formações astrais possuem uma individualidade e conceitos próprios.

“Essas rodas eram tão altas, que metiam medo, e as quatro tinham as suas cambas cheias de olhos ao redor” (Ezequiel 1-18).

Como podemos constatar, a imagem da lâmina é muito sintética, assim como é sintético o caráter desse Arcano que finaliza o primeiro septenário Maior do Tarô.

Da lâmina, passemos ao pantáculo do Arcano VII. Os ocultistas da antiguidade e da Idade Média correlacionavam o Arcano VII com a estrela de sete pontas (figura 26).

Os ocultistas modernos frequentemente usam o pantáculo da figura 27. A nenhum dos dois pantáculos é atribuído uma força realizadora; são apenas símbolos. Ambos podem inverter-se, simbolizando então a magia negra e correspondendo à decomposição $7 = 4 + 3$, ou seja, "procure subjugar o ternário das manifestações espirituais, criando a confusão e a complicação das formas, para tornar mais difícil a compreensão da essência do Universo e, com isso, dominar as vítimas do obscurantismo assim espalhado".

Nas cerimônias iniciáticas, nas provações relacionadas com o medo das manifestações astrais, onde surgem clichês astrais, verdadeiros ou simulados, o caminho do neófito é trilhado sobre pequenos tapetes representando a estrela de sete pontas: na posição evolutiva (figura 26) para os magos brancos e involutiva, isto é, invertida, para os magos negros.

Passemos agora ao estudo de outros septenários importantes, para voltarmos ao pantáculo mais adiante.

Começemos pelo **grande septenário das causas secundárias**.

No Arcano III discutimos dos diversos ternários que pertencem ao tipo de triângulo ascendente, e que podem ser englobados num conceito geral de **ternário das causas primárias**. Um adepto do unitarismo, imbuído de teorias ocultistas e que se propõe estudar do **ponto de vista puramente científico as manifestações do Princípio Primordial** que delineam o Mundo da Emanação, constataria naquele Mundo a existência de "Tres Causae Primae" (Três Causas Primárias):

1. O elemento Neutro
2. O elemento Ser (+)
3. O elemento Saber (—)

3 pontas em cima



4 pontas em baixo
Figura 26

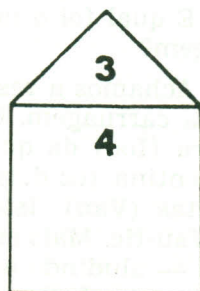


Figura 27

Assim, o conceito do Mundo da Emanação, em seu plano superior, se expressará como idéia de Manifestação, bipolarizada na idéia daquilo que é capaz de adquirir o conhecimento, e daquilo que pode ser conhecido. A última idéia (—), naturalmente, limitará o campo de manifestação da precedente (+).

Se quisermos obter uma representação espacial, simbólica, do Mundo da Emanação, teremos de revestir a idéia da Manifestação, com a totalidade do manifestado, abarcando tanto a nós mesmos, como ao Universo com seus incontáveis sistemas solares. Essa totalidade se dividirá simbolicamente, de um lado, em nossa ânsia de conhecimento (+) astronômico, e, de outro lado, em tudo o que está por conhecer (—).

As três Causas Primordiais manifestam-se no plano anímico por uma série de reflexos que as Escolas antigas procuravam ordenar num sistema sétuplo das chamadas Causas Secundárias (“Septem Causae Secundae”).

Simbolicamente, essas Causas podem facilmente ser identificadas com o que os antigos chamavam de manifestações planetárias do nosso sistema solar. As observações de muitos séculos, e talvez de muitos milênios, se somaram à essência desse simbolismo, estabelecendo umas correlações entre as posições angulares dos planetas na abóboda celeste e a qualidade de sua influência sobre o campo anímico da vida terrestre.

Explicaremos agora o que entendemos por “planeta” e “vida planetária”.

O estudo dos sete coagulatos que chamamos de corpo de Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua, faz parte das ciências da astronomia e da astrofísica. Muitos outros ramos da ciência estudam zelosamente o oitavo coagulato — o corpo da Terra. A manifestação física de cada um desses coagulatos, acrescentaremos outros dois conceitos: um, correspondendo ao plano astral e outro, ao plano mental. Na Terra, por exemplo, além do seu corpo visível no plano físico, procuraremos, no plano astral — o seu Gênio e o seu Astrosoma; e no plano mental — o seu Espírito e o seu Anjo.

O Espírito da Terra é a síntese dos impulsos espirituais da Humanidade terrestre em relação à Terra. No momento presente, o Espírito da Terra corresponde à síntese das nossas aspirações em prol do desenvolvimento e aperfeiçoamento da Terra.

O Anjo da Terra é a oposição que, devido ao karma da Terra, essas aspirações encontram no plano mental. O Espí-

rito é evolutivo, o Anjo — involutivo. Quando o binário: Espírito-Anjo da Terra for neutralizado pela “harmonização” de seus elementos, o alvo evolutivo da Terra será atingido, em princípio.

O Gênio da Terra é a síntese das formas através das quais o Espírito realiza seus desígnios evolutivos; é a síntese de todas as formas e métodos relacionados com essas formas que a Humanidade adota no seu sistema de tratar o planeta para adaptá-lo às suas finalidades. O Astrosoma da Terra é o turbilhão astral geral, a síntese de todos os turbilhões menores. O Astrosoma, no seu próprio plano, isto é, o astral, luta contra o Gênio, colaborando com as finalidades do Anjo. A neutralização do binário Gênio-Astrosoma permitiria à Terra atingir o alvo da sua evolução no plano das formas, sem entretanto causar a mesma realização no plano denso. A última depende da neutralização do binário: corpo da Humanidade-corpo da Terra.

A neutralização do binário superior traz, em princípio, aquilo que é chamado de “Reino de Deus” (sobre a Terra). A do segundo binário traz o “Reino de Deus” no campo da forma; a do terceiro — para o mundo denso.

Em cada um dos sete “planetas” ocorre algo análogo. Cada um possui igualmente seu Espírito e seu Anjo, Gênio e Astrosoma, como também seu próprio tipo de “Humanidade” (seja no mundo animal, vegetal ou mineral, conforme o grau de desenvolvimento do planeta).

Para nós, a vida planetária, geral, mesmo se fosse compreensível, não poderia ser expressa por meio de esquemas terrestres usuais, pois somente aqueles elementos da vida planetária geral que são refletidos nas formas da vida terrestre nos são acessíveis. A astrologia, a Cabala, a magia, etc. abrangem apenas a influência do Espírito, do Gênio, etc. deste ou de outro planeta, tal como se manifesta na Terra, mas não penetram, nem na sua essência, nem na sua natureza. O mesmo acontece em nossa vida diária: formamos uma opinião sobre as pessoas conhecidas conforme se manifestam em relação a nós; pouco sabemos sobre a sua vida íntima.

São essas características incompletas que correlacionamos, por analogia, às Causas Secundárias, dando a estas últimas os nomes planetários.

É preciso lembrar que as principais Egrégoras Mitológicas, hoje em dia chamadas “Divindades da Antiguidade” estavam em ligação astral estreita com as entidades planetárias, e em conformidade com suas manifestações em épocas determinadas. Isso fortalecia as divindades. Todavia, as Entidades Planetárias evoluíam, e as divindades eram mais esta-

cionárias. O elo que existia entre ambas enfraquecia gradativamente. Quando o grande asceta e ocultista, conhecido na história como Juliano, o Apóstata, fez uma evocação das Egrégoras Mitológicas, estavam elas tão enfraquecidas que se apresentaram diante do grande mago como “pálidos, magros e doentes deuses da antiguidade”.

Após essa preparação, passemos às influências planetárias e suas correspondências.

Distribuiremos as Sete Causas Secundárias (que, como foi explicado acima, são reflexos das três Causas Primárias), num esquema de três colunas (figura 28).

-	N	+
♂ <i>Marte</i>	○ <i>Sol</i>	♀ <i>Vênus</i>
♄ <i>Saturno</i>	♁♀ <i>Mercúrio</i>	♃ <i>Júpiter</i>
	☾ <i>Lua</i>	

Figura 28

Aos planetas da coluna da direita (+) daremos o qualificativo de “bons”; aos planetas da coluna da esquerda (-) o qualificativo de “maus”. Diremos que o sol é “sintético”; que Mercúrio “se adapta”; que a Lua é “passiva”. O Sol em relação à Lua, será um elemento masculino, fecundando-a com a ajuda de Mercúrio. Marte e Vênus “se aproximam” através do Sol sintético, pois neste existem os elementos dos dois planetas; do mesmo modo “aproximam-se” Saturno e Júpiter. De Marte, Apolo (Sol), Saturno e Júpiter, diremos que são **planetas masculinos**; Vênus e Lua — femininos (conforme uma apresentação puramente mitológica). A Mercúrio atribui-se o androginato, o que concorda com seu papel de mediador na fecundação.

Distribuiremos agora as sete Causas Secundárias com as suas analogias principais num quadro geral (Quadro 1). Sua explicação necessita comentários que daremos, coluna por coluna:

COMENTÁRIOS DO QUADRO 1.

Coluna 1. Os símbolos planetários se compõem, em sua forma inicial, das seguintes figuras básicas:

- a) ☉ o signo do Sol, simbolizando as emanações da energia vital, os fluidos nutritivos;
- b) ☾ signo da Lua, símbolo da receptividade, da intuição, da capacidade de refletir o recebido;
- c) + signo dos elementos e de suas influências.

Analisemos a composição dos signos planetários na ordem em que se acham na primeira coluna.








No símbolo de Saturno ☿, o signo dos elementos é colocado acima do da Lua o que significa que, sob a influência de Saturno, os elementos, isto é, o meio-ambiente predomina sobre a intuição.

No símbolo de Júpiter ♃, temos os mesmos símbolos básicos, porém na ordem inversa, ou seja, o predomínio da intuição em relação à influência do meio-ambiente.

No símbolo de Marte ♂, além do símbolo do Sol, há uma flecha indicando o aumento dos fluidos vitais e dando-lhes uma impetuosidade marciana característica. A flecha, em geral, indica o elemento do fogo nos signos zodiacais.

O símbolo de Vênus ♀ mostra que, sob a sua influência, as forças vitais predominam sobre o meio-ambiente.

O símbolo de Mercúrio ☿ indica a influência desse planeta, em primeiro lugar, sobre a receptividade do sujeito, depois, sobre o elemento vital, e por último, sobre o ambiente. Se aplicarmos essa influência ao sistema de ensino, a maior importância será dada às capacidades do aluno, depois à qualidade da escola, e por último, às condições em que o ensinamento é transmitido.

1 PLANETAS	2 ANJOS	3 NÚMEROS E SÍMBOLOS	4 CORES	5 AROMATOS	6 METAIS	7 PEDRAS	8 SACRAMENTOS	9 PERÍODOS DE VIDA	10 11 Atributo no Talismã		12 DIAS DA SEMANA	13 ATRIBUTOS
									lado direito	lado reverso		
SATURNO 	Oriphiel Jehudiel Zaphkiel	3 Cobra	Preto	Enxofre	Chumbo	Calcedônia	Extrema Unção	Velhice	Foice	Cabeça de bode ou de touro	Sábado	Frio e Seco
JÚPITER 	Zadkiel Sealtiel	4	Azul	Açafrão	Estanho	Safira Berilo	Eucaristia	Maturidade	Corôa	Cabeça de Águia	Quinta	Quente e Úmido
MARTE 	Samael Barrachiel	5	Vermelho	Pimenta Gingibre Hortelã	Ferro	Ametista Diamante Jaspe	Penitência Confissão	Juventude	Espada	Cabeça de Leão	Terça	Quente e Seco
S O L 	Michael	6 Turbilhão	Amarelo	Sândalo Vermelho	Ouro	Crisolita Pedra Solar	Sacerdócio	Infância	Círculo	Homem	Domingo	Quente e Seco
VÊNUS 	Anael Uriel	Figuras Geométricas Regulares	Verde	Verbena Almiscar	Cobre	Lazurita	Matrimônio	Juventude	G	Pomba	Sexta	Quente e Úmido
MERCÚRIO 	Raphael	8 Caduceu	Multicolor	Aroeira	Mercúrio	Esmeralda Ágata	Crisma	Metanóia	Caduceu alado	Cabeça de Cão	Quarta	Adapta-se
L U A 	Gabriel	9	Branco	Alôes Sândalo branco Ambar Cânfora	Prata	Cristal Pérola Coral branco	Batismo	Adolescência	Signo da Lua	Taça	Segunda	Frio e Úmido

Alguns autores introduzem o símbolo \oplus como sendo o da Terra. É um triste símbolo, pois mostra que na vida terrestre, a influência das condições predomina sobre os princípios vitais, astrais. Não o comentaremos.

Coluna 2. Enumeraremos somente os nomes mais usuais dos anjos. A diversidade dos termos para designar o anjo de um mesmo planeta é devida, parcialmente, ao paralelismo da nomenclatura hebraica, caldaica e síria e, parcialmente, à introdução de uma nomenclatura posterior, da Escola Gnóstica. Nessa coluna, pelo termo “anjo” entendemos o que corresponde à totalidade do aspecto mental de um planeta (ou seja, seu Espírito + seu Anjo), sentido nas manifestações da vida terrestre. Para uma melhor compreensão do quadro daremos as características de cada influência planetária no campo mental e astral da vida terrestre. Daremos também sua influência sobre as manifestações no plano físico. Estas últimas decorrem do encontro e interpenetração das influências mentais e astrais planetárias, com as correspondentes manifestações terrestres, podendo ser chamadas, **com restrições, de influências do planeta no plano físico.** Seguiremos a mesma ordem anterior dos planetas.

A influência de **Saturno**, no mental, ensina a imutabilidade das leis lógicas; no astral, essa influência oprime, pois recorda a severidade do karma; no plano físico, ela propicia as experiências da vida, provoca os estados melancólicos e acentua a cautela que, as vezes, leva até a avareza.

A influência de **Júpiter**, no mental, ensina que em tudo há necessidade de sistema e método; no astral — cria e sustenta o princípio da autoridade; no físico — desenvolve os talentos administrativos, justiça, afabilidade e a tendência a proteger o fraco.

Marte, no mental, ativa e acelera todos os processos; no astral — incrementa a coragem e a decisão, o que, no plano físico se expressa como ações impulsivas (freqüentemente ira) e violentas.

A influência do **Sol**, no mental, transmite abundantemente todos os influxos ativos que, no astral, criam o desejo de lhes dar forma e de compartilhar com outros essa criatividade. No físico, o Sol é o doador de tendências artísticas, generosidade, desprezo por tudo que é vulgar, ou seja, por que carece de manifestação original.

Vênus, em todos os planos, representa o princípio de atração. No astral, este princípio se manifesta nas várias formas de amor, e no plano físico — como produtividade nos mais diversos campos.

Mercúrio, no mental, confere adaptabilidade às idéias; no astral — a flexibilidade nos desejos, facilita todas as transformações; no plano físico, patrocina as mudanças e qualquer tipo de especulação.

Lua, “a mãe do mundo”, dá receptividade aos fluxos mentais; no astral, concede a intuição. No plano físico, sua influência se manifesta pela susceptibilidade às diversas influências; pelos mais variados estados de ânimo, pela capacidade de clarividência.

Coluna 3. A coluna dos algarismos foi introduzida para completar o quadro. Os símbolos e algarismos dessa coluna, são às vezes usados nas Escolas modernas para ocultar o significado dos símbolos planetários. A explicação é que o 3 se assemelha ao símbolo de Saturno e a uma serpente ondulante, símbolo deste planeta; o 4 lembra o símbolo de Júpiter; o 5 — o símbolo de Marte, mal escrito; o 6, escrito com fantasia lembra um turbilhão, nos quais o sol é tão generoso. As belas figuras geométricas, regulares, podem ser consagradas a Vênus; o 8 lembra o Caduceu de Mercúrio; e o 9 — o crescente, mal desenhado, da Lua.

Coluna 4. As cores dos planetas, além do seu valor condicional, no preparo de um ritual planetário, permitem também acertar o planeta que rege uma determinada manifestação, pois as emanações áuricas, sutis, das entidades planetárias, parcialmente materializadas, possuem essa tonalidade como cor básica.

Coluna 5. A coluna dos arômatas indica qual o aroma que, de preferência, deve ser usado durante uma cerimônia mágica planetária. Quanto ao incenso, seu perfume é uma síntese que pode substituir qualquer um dos arômatas enumerados. Sob a influência de incenso, a disposição interna do operador assume um caráter mais místico (devido a isso, o incenso não é usado nas cerimônias planetárias de magia negra). As substâncias odoríferas usadas durante as cerimônias, são queimadas diretamente ou postas a arder em braseiros. Os aromas vegetais, tanto podem ser utilizados em forma de extrato alcoólico, como em forma de plantas desidratadas; a última é preferível.

Coluna 6. Os metais planetários são indicados não somente como material para a preparação dos paramentos utilizados durante o ritual, mas também para o preparo de talismãs e pantáculos planetários.

Apontemos a diferença entre um pantáculo e um talismã.

Tanto um como outro, se as dimensões o permitem, pode ser usado junto ao corpo. Um talismã é um condensador da energia planetária que já existe na pessoa. Se, por exemplo, uma pessoa carece da energia de Júpiter, não convém que ela use um talismã consagrado a esse planeta. O pantáculo, ao contrário do talismã, pelo poder de sua consagração, atrai os fluidos do planeta determinado e assim, de um modo artificial, cria uma ligação com os elementos egregóricos desse planeta. No exemplo que acabamos de citar, por não haver um laço natural com Júpiter, a pessoa pode usar um pantáculo desse planeta, para assim receber sua influência, caso seja desejada.

Será oportuno indicar brevemente o modo de preparar um pentagrama a ser usado pelo mago durante a atuação. A qualidade inerente ao pentagrama é seu caráter sintético. É este o motivo pelo qual, no plano físico, deve ser composto de uma liga dos sete metais planetários. No plano astral, a cerimônia de sua consagração deve estabelecer contato com todas as sete influências

planetárias. O pentagrama é, portanto, consagrado mediante seis cerimônias mágicas menores e uma maior. A última é feita sob a influência do planeta predominante no astral de seu futuro portador. As seis cerimônias menores, que precedem a maior, são dedicadas, uma por uma, aos seis planetas restantes. No pentagrama, além da soma das influências planetárias, devem ser ressaltadas as polaridades, tanto da natureza humana como as do caminho evolutivo, neutralizadas pela própria pessoa do mago. Colocam-se, portanto, no pentagrama:

1. Os signos Iod e He, simbolizando o androginato humano;
2. Os signos Alpha e Omega, correspondendo ao conhecimento tanto da Fonte Primordial do homem, ou seja, da sua origem, como da sua meta — a Reintegração;
3. Os signos Aleph e Thau, por corresponderem respectivamente ao primeiro e ao último dos Arcanos Maiores do Tarô, conjunto que encerra toda a filosofia oculta.
4. As designações "Chesed" e "Pachad", ou seja, Misericórdia e Severidade, isto é, dois elementos que, neutralizados, criam a harmonia no campo da evolução ética do ser humano.

A última cerimônia — a maior — da consagração do pentagrama, deve ter um caráter sintético também em relação aos chamados elementos herméticos. Nessa cerimônia o mago ocupa o lugar central da cruz dos elementos. O pentagrama deve receber o sopro (Ar), ser aspergido com Água consagrada, secado pelo Fogo em que ardem as substâncias odoríferas e ser colocado sobre a Terra. Cada uma dessas manipulações é executada cinco vezes, juntamente com a enunciação das letras: Iod (Leste), He (Norte), Vau (Oeste), He (Sul) e Shin (centro da cruz). Um elemento indispensável na consagração final do pentagrama é o pronunciamento em voz baixa da grande palavra sintética tradicional — Azoth (ver Arcano IV).

Caso não seja possível fazer o pentagrama com a liga dos sete metais, podemos nos limitar ao androginato, isto é, aos dois metais nobres: ouro

e prata, ou mesmo somente ao ouro. Podemos, também, pintar em ouro um pentagrama desenhado num pergaminho virgem e usá-lo como se fosse feito de metal.

Coluna 7. As pedras enumeradas nessa coluna eram utilizadas no passado para preparar os talismãs gnósticos, conhecidos sob o nome de "Abraxas". Nesses talismãs gravava-se: para Saturno — um ancião coxo, ou uma serpente enrolada ao redor de uma pedra solar; para Júpiter — uma águia, segurando um pentagrama no bico ou nas garras; para Marte — um dragão mordendo o punho de uma espada; para o Sol — uma serpente com cabeça de leão; para Vênus — o lingam; para Mercúrio — um Caduceu hermético com três circunvoluções (símbolo de Azoth) ou um cinecéfalo (homem com cabeça de cão); para a Lua — uma pomba cortada por dois crescentes lunares.

Coluna 8. A coluna das **correspondências sacramentais** aceitas pela maioria dos representantes da Egrégora Episcopal Cristã, é uma conseqüência direta do conhecimento de determinadas influências esotéricas, por parte de certos Pais da Igreja.

A **Extrema-Unção** que transmite a Graça para que o astrosoma possa ser purificado dos clichês de transgressões que — por alguma razão — subsistiram ao sacramento da penitência, é consagrada a Saturno, pois esses clichês se relacionam com os fatores kármicos.

A **Eucaristia** é o sacramento que, recebido pela primeira vez por um ser batizado, lhe concede a **autoridade** no campo de princípios cristãos evolutivos, renovando-a cada vez; esse sacramento, naturalmente, corresponde a Júpiter.

A **Penitência**, que exige daquele que o faz, um **grande esforço** interno, é relacionada com Marte.

O **Sacerdócio**, que confere ao seu possuidor o dom de **espalhar** os raios de luz da Cristandade, se relaciona com o Sol.

O **Matrimônio**, resultado de uma **atração** mútua dos conjuges, pertence a Vênus.

O **Crisma**, que confere a capacidade de raciocinar no campo do dogma e moralidade cristãos,

preparando a pessoa para seguir os ideais cristãos — pertence a Mercúrio.

O **Batismo**, ritual ligado ao elemento água, representa naturalmente a influência lunar.

É preciso notar que o ritual do batismo, tal como é praticado na Igreja Ortodoxa, simboliza de modo exato a primeira saída no astral da pessoa que está sendo iniciada. Esta saída é efetuada sob a proteção, ou mesmo na companhia do Instrutor e dos futuros companheiros do iniciando. Penetrando na esfera da influência do astrosoma terrestre, o iniciando encontra e deve vencer as reações involutivas de seus clichês obscuros, alcançar o astral puro, e voltando ao corpo, começar uma nova vida de Iniciado. O fluxo da corrente circular do astrosoma terrestre é simbolizado pela água da qual o batizado emerge renovado. Durante o ritual, o papel do instrutor é desempenhado pelo oficiante do batismo, e o papel dos futuros companheiros no plano astral — pelos padrinhos.

Coluna 9. Os períodos da vida são fáceis de relacionar com as influências planetárias.

A **infância**, o período em que o mais importante é o recebimento regular das forças vitais — relaciona-se com o Sol.

A **puberdade**, quando mais se desenvolve a receptividade ao meio-ambiente — com a Lua.

A **juventude**, quando maior é o poder de atração e a tendência às ações impulsivas — com Vênus e Marte.

A **passagem da juventude para a maturidade**, caracterizada pela capacidade de adaptação — com Mercúrio.

A **idade adulta**, que introduz na vida métodos e sistemas — com Júpiter.

A **velhice**, regida pela lógica e pela prudência — com Saturno.

Coluna 10. Do lado direito dos usuais talismãs planetários mágicos deve figurar a imagem simbólica do microcosmo (o pentagrama) e em baixo do mesmo — um dos atributos enumerados na coluna 10.

Coluna 11. O reverso do talismã deve apresentar o signo do macrocosmo (a estrela de Salomão) e, em baixo, um dos atributos da coluna 11. O metal utilizado para a confecção do talismã deve correspon-

der ao planeta ao qual o talismã será consagrado. Para Mercúrio usa-se o amálgama com algum outro metal que não esteja em oposição com a configuração planetária, sob a qual nasceu o futuro portador do talismã.

Coluna 12. Para achar os planetas que regem os dias da semana, adotamos o sistema seguinte. Colocamos os planetas nesta ordem: Saturno — Júpiter — Marte — Sol — Vênus — Mercúrio — Lua. Então partindo do Sol, ao qual é consagrado o Domingo, omitimos dois planetas, o que nos dará — para Segunda-feira — a Lua. Continuando o mesmo método a partir da Lua e recomeçando a linha de novo, teremos Marte para a Terça-feira, Mercúrio para Quarta e assim por diante.

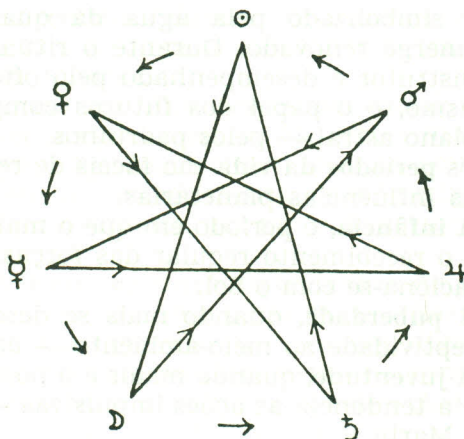


Figura 29

Podemos também ilustrar este esquema colocando os planetas nos vértices de uma estrela de sete pontas — símbolo do setenário (figura 29). A ordem circular em direção às flechas, corresponde à seqüência dos planetas, acima apresentada. Acompanhando as retas em cada ponta da estrela, em direção às flechas, e começando pelo Sol (Domingo), teremos, em cada vértice da estrela, o dia consecutivo da semana e o planeta que o rege.

Essas correspondências entre os planetas e os dias se justificam principalmente pelas reivindicações egregóricas de todas as escolas medie-

vais, o que lhes deu uma força considerável no astral. Para cada cerimônia mágica planetária, é recomendado escolher o dia da semana regido pelo planeta ao qual é consagrada a cerimônia. Em algumas línguas latinas, os nomes dos dias da semana confirmam etimologicamente as correspondências planetárias do quadro acima.

Coluna 13. Na coluna intitulada "atributos dos planetas" damos as características do astral inferior de cada planeta, servindo-nos para isto da linguagem condicional hermética.

Não explicaremos aqui as razões dessa terminologia, daremos apenas os atributos dos quatro elementos herméticos. O atributo correspondendo ao grau de umidade tem dois polos: úmido e seco; o atributo correspondente ao grau de calor, tem também dois polos: quente e frio. As

QUATERNARIO DO APÓSTOLO SÃO JOÃO

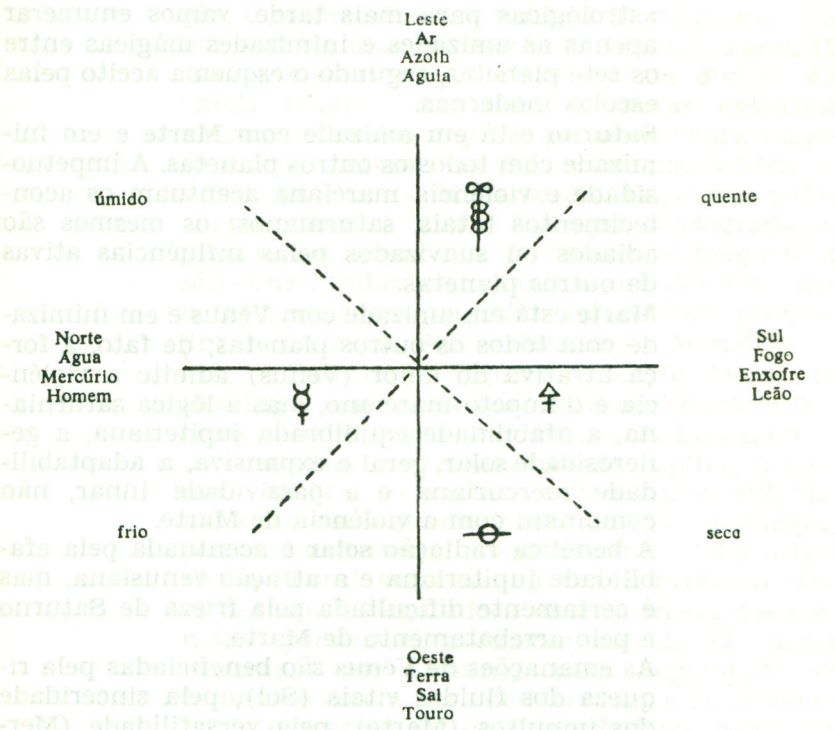


Figura 30

qualidades atribuídas aos elementos são as seguintes: ar — quente e úmido; água — úmida e fria; terra — fria e seca; fogo — seco e quente. Isto permite conjugar o quaternário dos elementos com o dos atributos desses elementos, como é o caso no quaternário do Apóstolo João (figura 30). Resta-nos dizer algumas palavras sobre as chamadas “amizades” e “inimizades” dos planetas e também explicar o método de calcular as horas planetárias para os dias da semana.

Na astrologia, quando se fala em “amizade” de um planeta com outro, é entendido o fortalecimento das boas influências ou a diminuição das más influências de um planeta sobre o outro.

Na magia, o conceito das amizades e inimizades é um pouco diferente, pois cada fortalecimento da influência, seja boa ou má, de um planeta sobre outro, é considerado “amizade”, e cada enfraquecimento da influência — “inimizade”. Deixando a análise das amizades e inimizades astrológicas para mais tarde, vamos enumerar apenas as amizades e inimizades mágicas entre os sete planetas, segundo o esquema aceito pelas escolas modernas.

Saturno está em amizade com Marte e em inimizade com todos os outros planetas. A impetuosidade e violência marciana acentuam os acontecimentos fatais, saturnianos; os mesmos são adiados ou suavizados pelas influências ativas de outros planetas.

Marte está em amizade com Vênus e em inimizade com todos os outros planetas; de fato, a força atrativa do amor (Vênus) admite a violência e o ímpeto marciano, mas a lógica saturniana, a afabilidade equilibrada jupiteriana, a generosidade solar, geral e expansiva, a adaptabilidade mercuriana e a passividade lunar, não combinam com a violência de Marte.

A benéfica radiação solar é acentuada pela afabilidade jupiteriana e a atração venusiana, mas é certamente dificultada pela frieza de Saturno e pelo arrebatamento de Marte.

As emanções de Vênus são beneficiadas pela riqueza dos fluidos vitais (Sol), pela sinceridade dos impulsos (Marte), pela versatilidade (Mercúrio) e pela receptividade (Lua). Mas

elas não suportam a fria lógica de Saturno. Quanto ao experimentado administrador — Júpiter — não se pode dizer que ele não combine com Vênus, mas temos de admitir que sempre procura introduzir seus métodos e regulamentos e, por causa disto, não ganhou nem sua simpatia, nem sua antipatia.

Mercúrio se adapta a todas as influências, e a **Lua**, a todas recebe passivamente.

Passemos ao **cálculo das horas planetárias**. É indispensável que as cerimônias planetárias mágicas sejam executadas não apenas no dia consagrado ao planeta, mas também na hora adequada.

As 24 horas mágicas começam com o momento do despontar local do Sol e se dividem em duas partes: o “**dia mágico**” (até o pôr do sol) e a “**noite mágica**” (desde o pôr do Sol até o nascer do mesmo, no dia seguinte). Tanto o “**dia**” como a “**noite**”, conforme a localização e estação, têm uma duração variável. Dividimos o “**dia mágico**” em doze partes iguais, obtendo assim 12 “**horas diárias mágicas**”; a mesma divisão da “**noite mágica**” nos dará 12 horas noturnas mágicas”. No Domingo, a primeira “**hora mágica diária**” pertence ao Sol, na Segunda-feira — a Lua; na Terça — a Marte, etc. Em outras palavras, a primeira “**hora**” é sempre consagrada ao planeta que rege o dia. As “**horas**” subseqüentes são consagradas, cada uma, a um dos sete planetas que seguem na ordem estabelecida no quadro 1, ou seja: Sol — Vênus — Mercúrio — Lua — Saturno — Júpiter — Marte. Assim, no Domingo, a segunda hora será de Vênus, a terceira — de Mercúrio, a quarta — da Lua, a quinta — de Saturno, a sexta — de Júpiter, a sétima — de Marte e a oitava novamente do Sol, etc. até a décima segunda “**hora**” que, aos domingos, pertence a Saturno, e que termina o “**dia mágico**”. A “**hora**” seguinte, ou seja, a primeira “**hora noturna**” (seguindo a mesma ordem dos planetas) pertencerá a Júpiter, etc. As 12 “**horas noturnas**” (de Domingo para Segunda-feira) terminam com a hora de Mercúrio, e no momento do nascer do Sol da Segunda-feira, começa a hora da Lua.

LAMINA VIII

No fundo, o azul do céu. Dos lados, duas colunas coríntias, ultrapassando o quadro; a da esquerda do quadro é de prata; a da direita, de ouro. O piso é de mármore.

Entre as colunas, um pouco à frente, está sentada uma mulher vestida com túnica grega, branca e ornada com uma larga fita azul. Seus traços clássicos são de uma Hera grega. O penteado é helênico e uma fita de ouro prende os seus cabelos. Sobre os olhos, uma venda de tecido branco, semi-transparente. No peito, uma corrente e uma cruz solar, de ouro. Na sua mão direita, (a imagem é refletida), uma espada com a ponta dirigida para baixo. A espada se encontra do lado da coluna de prata. Na mão esquerda, estendida para frente, um balanço de ouro, cujo travessão tem a forma de um disco alado. O ponteiro da balança está no meio e os dois pratos na mesma altura.

No quadro há muito ar, muita luz; Suas linhas estão bem destacadas.

ARCANO VIII —  — CHETH

A letra hebraica correspondendo ao Arcano VIII é CHETH ou HETH, cujo valor numérico é 8; sua correspondência astrológica, o signo zodiacal de Câncer.

O hieróglifo desse Arcano é um campo, simbolizando tudo o que pode ser submetido a cultivo. É a região passiva à qual deve ser dirigida a atividade do Vencedor do Arcano VII.

A Lâmina do Arcano VIII apresenta, no fundo, duas colunas; entre elas, mais a frente, uma figura feminina, sentada: Thémis. A fronte da figura é cingida por uma fita de ouro; os olhos estão vendados. Sobre seu peito, presa a uma corrente, há uma cruz solar. Na sua mão esquerda Thémis segura uma balança; na sua mão direita, uma espada. Supõe-se que a figura esteja sentada numa pedra cúbica, embora as pregas de sua vestimenta a cubram e ocultem.

Procuraremos interpretar o quadro.

A figura é **feminina**; o Arcano, representa, portanto, algo já existente, já materializado. No quadro encontramos três vezes o binário, sempre equilibrado por um terceiro elemento. A primeira indicação do binário são as colunas (como as do Arcano II) neutralizadas por Thémis, sentada no meio. A interpretação desse binário é um pouco diferente da do Arcano II. Sucintamente seria a seguinte: vendo Jaquim, e estando Thémis no meio, podemos deduzir que, do outro lado, acha-se Boaz. Em outras palavras: se percebemos uma das duas forças que compõem o par e, existindo o turbilhão astral, na formação do qual entra a força percebida, necessariamente temos que admitir a existência da segunda força, complementar, paralela e igual à primeira, mas dirigida em sentido oposto. Conhecendo o clichê do presente e do passado, podemos imaginar o do futuro.

Se aceitarmos a existência de uma manifestação superior, andrógina do Divino, e tivermos constatado algumas de Suas manifestações ativas e expansivas, fazendo parte do que **“adquire conhecimento”**, então, poderemos ter certeza de que existem outras manifestações complementares, de caráter passivo, atrativo, pertencendo ao **“que pode ser conhecido”**. Se há justiça (—) e existe a possibilidade de harmonia (neu-

tro) da alma, com certeza existe também a misericórdia (+). Existindo o conceito da ascensão (+) e do nível plano (n), deve existir também o conceito da descida (—).

Essas fórmulas explicam o título do Arcano VIII no plano do Arquétipo “Libratio”, ou seja, a lei do equilíbrio da grande balança metafísica em que um dos pratos está carregado com o valor positivo do Grande Arcano, e o outro, com o seu valor negativo. O ponteiro simboliza o ápice andrógino do Triângulo Ascendente.

A espada na mão de Thémis explica-nos o Arcano no campo Humano do ternário teosófico. A espada nos faz lembrar que existe a lei de Thémis, mesmo quando condicionada pelas épocas, lugares e ambientes e que a transgressão dessa “Lex” (—), trará um castigo (+), devido à ação do princípio equilibrante (n). A palavra “Lex” é o nome dado a normas condicionais, submetidas à evolução dentro do tempo e do espaço, mas inevitáveis em cada momento dado. Assim, “Lex” será o segundo título do Arcano.

Na outra mão Thémis segura uma balança — um outro binário — com seu elemento neutralizador: o ponteiro. Reportemos esse símbolo ao campo da Natureza. Se alguém romper o equilíbrio da balança, provocará forçosamente uma reação visando o restabelecimento do equilíbrio. Se alguém puser um peso de dois quilos no prato esquerdo, deverá, para equilibrar a balança, carregar o prato direito com outros dois quilos. Isto significa que, se alguém, por procedimento errado, manchou seu karma e desequilibrou o balanço na contabilidade individual de suas encarnações, deverá limpar essa mancha e restabelecer o equilíbrio quando, de novo, encontrar a página por ele manchada. O terceiro nome do Arcano será, portanto, “Karma”. A própria lâmina é chamada “Thémis” ou “Justiça”.

Passemos à avaliação das decomposições aritméticas do Arcano.

Começemos pelas decomposições em dois algarismos.

$$8 = 1 + 7$$

O 1, ou o primeiro Arcano, representa as manifestações conscientes e a aplicação dos princípios andróginos equilibrados. O Arcano 7 é o da vitória. Portanto, $1 + 7$ significa a aplicação da vitória. De fato, o primeiro dever, a primeira preocupação do vencedor deve consistir no estabelecimento da ordem, da justiça e da legalidade no terreno conquistado. A justiça é a “esposa” da vitória; o Arcano VIII é a “esposa”

do Arcano VII. Mas, onde aplica o mago o fruto da vitória mental? Naturalmente, no **plano astral**, durante a atuação astral. Aí deve lembrar bem a lei do “Libratio” levando sempre em consideração as influências anímicas opostas.

Decidimos, por exemplo, sugerir a um paciente uma determinada ação; com isto é dado o impulso **mental**. No entanto, se nós mesmos desejarmos ardentemente que o paciente execute o sugerido, isto é, se estivermos **astralmente** interessados nisto, criamos um empecilho à formação da segunda força indispensável para provocar um turbilhão, que deve servir de instrumento à execução da sugestão. Além disso, a essa segunda força, poderão se juntar outros fluxos volitivos, complicando-a e obrigando-nos a reforçar a nossa sugestão. Para que tudo isso seja evitado, é preciso contrabalançar o **nosso desejo** por uma **ausência de desejo**, equivalente em força; é indispensável convencermos **animicamente** que a realização da sugestão nos é indiferente, permanecendo, ao mesmo tempo, **mentalmente** convencidos que se realizará. Então, de fato, a sugestão realizar-se-á de um modo impressionante. Em geral, conseguimos melhor aquilo em que os nossos interesses anímicos pessoais não interferem. É esta a razão pela qual obtemos mais facilmente algo para outrem, do que para nós mesmos.

As mesmas regras se aplicam ao castigo. Para que alguém possa punir com justiça e rapidez, deve estar imbuído de misericórdia. Em geral, um ser ignorante e fraco se atira na luta, quando emocionalmente envolvido, diminuindo assim suas possibilidades de vencer; um ser forte, controlado, sabe esperar e escolher para a luta, o momento mais favorável.

Já que falamos de justiça, é natural sabermos até que ponto e de que forma um ocultista pode permitir-se castigar seu semelhante.

O clichê astral do castigo é formado automaticamente e segundo o Arcano VIII, portanto, para um ocultista pode se tratar apenas da avaliação mental do delito de seu semelhante. Essa avaliação, em geral, formará o eixo de um turbilhão. Ao astral caberá o restante. No entanto, não devemos esquecer que a lei do karma — o pólo negativo do triângulo de Fabre d'Olivet — foi estabelecida uma vez para sempre e atuará mesmo sem nenhuma participação da nossa parte. Por isso, um ocultista esclarecido sabe que ele tem direito a uma censura mental das ações de seu semelhante apenas na medida em que ele próprio participe no trabalho das Emanações do Princípio Primordial. Em outras palavras, só um teurgo tem o direito de censurar e, mesmo assim, so-

mente na medida exata em que ele realmente for um teurgo.

A teurgia, mesmo temporária, exige uma cosmovisão muito clara e uma grande pureza interna. Sendo assim, é raro que uma participação num castigo esteja de acordo com a Lei.

Os castigos mágicos lícitos aos adeptos do Iluminismo Cristão, chamam-se coletivamente "**Reprobatio**" (desaprovação). Há três graus de "reprobatio": desaprovação simples, aflição pela ação de seu semelhante e repreensão.

A desaprovação — o primeiro grau — pode ser assim formulada: "embora sejas meu irmão, não quero compartilhar contigo os clichês de tuas ações. Não estamos juntos". O Cristo permitiu que seus discípulos aplicassem esse grau de desaprovação só nos casos mais extremos. Sua fórmula simbólica é: "sacudimos a poeira de nossos pés".

O próprio Cristo, em casos raros, aplicava o segundo grau, o grau de luto, de aflição por causa das ações alheias: "melhor seria que este homem não tivesse nascido"...

O terceiro grau — a repreensão — impressiona pela violência e inexorabilidade de suas conseqüências. Os casos da aplicação da última podem ser constatados na história de Moisés, que usava amplamente os métodos teúrgicos. Não será demais lembrar os episódios de Koré, Dathan e Abiran (Números, 16).

Em épocas mais recentes, podemos citar o célebre anátema do Grão-Mestre da Ordem dos Templários, Jacques de Molay (Iacobus Bungundos Molay) que, já nas chamas da fogueira, lançou uma intimação aos seus perseguidores, o papa Clemente V e o rei da França, Felipe o Belo, para comparecerem perante o julgamento divino, o primeiro, no mais tardar num prazo de 50 dias; e o segundo, de um ano. As duas profecias de morte se realizaram antes do prazo estipulado.

De tudo o que acaba de ser dito, podemos compreender o perigo do "amaldiçoamento". Todavia, o grau da força nem sempre é o mesmo. Um pai, por exemplo, amaldiçoando seu filho, apoia-se geralmente apenas na sua autoridade (Arcano IV) paterna, sem ingerência de outros Arcanos. A ação da Lei "Reprobatio", baseada no Arcano VIII, exige a passagem do operador pelos Arcanos VI e VII, isto é, a realização interna, prévia, da vitória hermética.

Uma outra ordem de decomposição do algarismo 8 nos mesmos componentes, seria:

$$8 = 7 + 1$$

É o predomínio da vitória pessoal sobre a manifestação da vontade equilibrada, ou seja, uma inércia consciente e voluntária do vencedor.

Passemos à decomposição

$$8 = 2 + 6$$

isto é: gnose ou conhecimento (2) mais a lei de reação do mundo (6). Esta é a fórmula do trabalho de um obreiro esclarecido, no campo dos binários estático e dinâmico. Podemos nos perguntar de que modo a lei da reação ampliará o horizonte desse obreiro. Ela lhe inculcará a prudência, alertando-o para a existência de **golpes de retorno**.

Imaginemos alguém operando magicamente, ou seja, criando e dirigindo um turbilhão astral a uma outra pessoa, com um fim determinado. O esquema dessa operação mágica é o seguinte: um turbilhão é criado pelo operador do modo mais eficiente possível e dirigido a uma determinada pessoa. Atingindo seu alvo, o turbilhão causa uma manifestação física, cujo clichê juntar-se-á ao karma do operador, no sentido positivo ou negativo. As vezes porém, o turbilhão, apesar de sua existência, não produz efeito. Isto pode acontecer em três casos:

1. Quando a pessoa visada preveniu-se conscientemente contra a agressão mágica, criando um anti-turbilhão, cujo subplano inferior é do mesmo nível, ou mais elevado, do que o da agressão. Isto se chama **rejeição ativa da agressão**.
2. Quando a pessoa visada, no momento do toque energético do turbilhão, está forte e conscientemente concentrada num assunto ou projeto mais importante e melhor estabelecido no astral do que o da agressão. Se, por exemplo, a pessoa a ser destruída estiver compenetrada de um grandioso plano de construção ou destruição de coletividades inteiras, em comparação ao qual o ódio pessoal é insignificante em todos os subplanos astrais, o turbilhão não poderá atingi-la.
3. Quando, no momento da agressão, o aspecto mais ativo do pentagrama atacado paira nos subplanos bem mais elevados do que o plano superior do turbilhão agressor. Assim, a agressão visando a situação material não surtirá efeito contra um ser que vive além da esfera dos assuntos materiais; nem haverá efeito quando se deseja um fracasso no trabalho de um homem que está totalmente ocupado com pesquisas científicas, desprezando todas as

vantagens de sua própria carreira, ou ainda quando se envia as larvas de ódio a um homem que reza por seus inimigos, etc.

Em todos os três casos o turbilhão não atingirá a pessoa visada. Todavia, a formação e a existência desse turbilhão terá acarretado um certo desequilíbrio, embora restrito, no mundo astral e o equilíbrio terá de ser de novo restabelecido, através da criação de um clichê correspondente. Se a agressão astral não conseguiu atingir a pessoa a quem foi destinada, ela dirigirá-se-á, forçosamente, a uma outra entidade cujo astrosoma se assemelhe mais à essência do turbilhão astral criado. Uma tal entidade, primeiramente, será o operador, ele mesmo, pois utilizou seus próprios fluidos na formação do turbilhão. Assim, receberá o que se chama, na magia, "o golpe de retorno".

Suponhamos que alguém, pelos procedimentos mágicos, queira provocar o amor. Se o turbilhão for rejeitado, o próprio operador se apaixonará. Se alguém quis provocar a doença e não obteve êxito, ele mesmo adoecerá, etc. Para se proteger contra os golpes de retorno, os magos negros escolhem sempre um outro ser, um substituto, dirigindo o turbilhão astral contra os dois, mas envolvendo o primeiro de um modo mais pronunciado, durante a operação mágica. Geralmente é escolhido um substituto bastante passivo e que não apresente probabilidade de rejeitar o ataque.

A decomposição inversa, ou seja,

$$8 = 6 + 2$$

corresponde ao caso em que o conhecimento (2) fica subordinado a escolha do caminho (6). Em outras palavras, é a consciência do perigo de que o conhecimento poderá ser posto tanto a serviço da evolução como também da involução.

Passemos a decomposição

$$8 = 3 + 5$$

Aqui, a metafísica, ou seja, o mundo elevado dos ternários (3) é introduzida na vida cotidiana e domina o campo dos impulsos da vontade pessoal (5). Podemos nos perguntar como a metafísica se introduz na vida. **Transformando as idéias maduras em formas** e, por analogia, **realizando no plano concreto, as formas maduras**. Um homem que deseja merecer o qualificativo de "íntegro" (8) e que construiu, em linhas gerais, a sua concepção do mundo, não tem direito

de não elaborá-la num sistema filosófico ordenado. Se ele não o faz, criará em si uma tensão mental daninha. É, como se alguém tivesse elaborado o esquema de um grandioso mecanismo, perfeitamente adaptado a uma determinada finalidade, e não fizesse nenhum esforço a fim de realizá-lo.

Essa mesma decomposição é embaraçosa aos partidários do chamado amor platônico, pois se limitem às manifestações astrais do campo anímico, esquecendo-se de que não encarnaram em vão e que, portanto, não devem se recusar a tomar decisão no plano físico. Este plano fornece a oportunidade de purificar o karma. Se, no plano físico, um ser humano se acha colocado numa bifurcação dos caminhos, não é para permanecer indeciso, adiando a escolha para uma futura encarnação, mas sim, para escolher consciente e deliberadamente o **caminho certo**. É como se tais pessoas, tendo pronunciado o Iod e o He, temessem pronunciar o Vau, pois sentem que o resultado — o segundo He — poderia ser insatisfatório. A conduta de tais pessoas é tipicamente indecisa e covarde quando aparecem algumas divergências nos partidos ou grupos. Se oferecermos, onde quer que seja, a nossa simpatia, esta deve ser oferecida em todos os três planos. Se odiamos, então é preferível odiar em todos os três planos.

As pessoas que, no plano mental, possuem uma convicção determinada, e no plano astral o clichê bem formado dessa convicção e, no entanto, mantêm a “neutralidade” no plano físico, são chamadas por Cristo de “mornos”, para diferenciá-los dos “quentes” e dos “frios”. Pode haver facilmente uma mútua inversão de um “quente” e um “frio” mas nada se poderá fazer com um ser sempre amorfo, sempre medroso, um “morno”. Isto era bem compreendido pelos Maçons dos últimos três séculos (XVII, XVIII, XIX). Durante a iniciação para o trigésimo grau Escocês, o superior dos graus Herméticos, exigia-se do futuro Cavaleiro Kadosh que, antes de pronunciar o juramento, matasse um traidor da Maçonaria, para provar até que ponto ele odiava os inimigos da Maçonaria. O candidato a essa iniciação não sabia que ele traspassava o coração de um carneiro, cujo peito havia sido completamente tosqueado e imaginava sinceramente estar cumprindo as ordens do grande Aerópago, matando um irmão-traidor. Tais simulacros de assassinato, naturalmente, formavam no astral uma mancha sobre o karma coletivo da corrente maçônica e escureciam sua Egrégora, mas isto era aceito, pois considerava-se indispensável poder discernir um “quente” de um “morno”.

A decomposição contrária:

$$8 = 5 + 3$$

pode ser bem ilustrada pelo modo de proceder das pessoas que adaptam sua lógica e sua metafísica às suas manifestações anímicas pessoais. “Eu gosto dele, portanto, ele serve para isto ou aquilo” — este é o raciocínio de um homem do tipo $8 = 5 + 3$. Os demais comentários são desnecessários.

Passemos à decomposição

$$8 = 4 + 4,$$

a mais típica do Arcano que estamos estudando. O 4 contrapõe-se ao 4, isto é, a forma à forma; a autoridade à autoridade; a adaptação (adaptatio) à adaptação. Ofendendo alguém (uma forma) teremos que pedir desculpa (outra forma); criou-se um governo revolucionário (uma autoridade), uma ditadura se lhe contrapõe (uma outra autoridade); alguém preparou uma artimanha para contornar ou infringir a lei (uma adaptação), a polícia agirá de um modo adequado a fim de prender o culpado (outra adaptação). É uma fórmula geral do karma e também da relativa justiça humana. Na magia predomina a contraposição das formas; na política, a contraposição das autoridades; no campo econômico, a contraposição da adaptabilidade, ou seja, oferta e procura.

Tendo terminado a análise aritmética do Arcano, passemos aos seus **pantáculos** mais usados. São dois. O primeiro se chama de “Roda de Ezequiel” ou “Roda de Pitágoras” (conforme os símbolos usados) e o segundo é conhecido sob o nome de “Pantáculo Realizador”.

A “Roda de Ezequiel, tal como é usada nas Escolas Rosacruccianas, é apresentada na figura 31. A cruz de linhas contínuas dá o esquema do quaternário Iod-He-Vau-He, ou seja, de um dos ciclos dinâmicos. A cruz de linhas pontilhadas representa o anagrama de uma das três seguintes proposições:

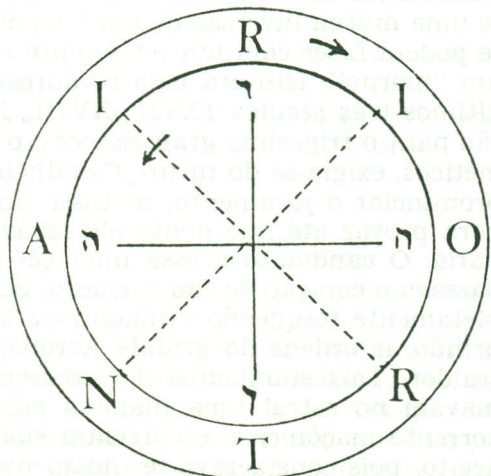


Figura 31

**igne Natura Renovatur Integra
Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum
In Nobis Regnat Iesus.**

Já encontramos a primeira proposição, que declara ser “Fogo” um elemento purificador e renovador, indicando com isso o meio de movimentar a “Roda” e passar de um ciclo ao outro, nos processos criativos.

A segunda proposição aponta a importância do sacrifício redentor do Cristo no movimento evolutivo da “Roda”.

A terceira proposição — a divisa dos primeiros Rosacru- cianos — traduz-se literalmente, assim: “em nós reina Jesus” e, naturalmente, não deve ser entendida no sentido de iso- lamento orgulhoso dos iniciados em relação aos profanos, mas como uma indicação do dever de cada um de procurar o Cristo dentro do seu coração e, por meio dessa procura, mo- vimentar o quaternário dos elementos na direção evolutiva.

A inscrição circular R O T A aponta o sentido em que se iniciam os ciclos Iod-He-Vau-He, e que se faz do R ao O, de tal modo que o Iod tome o lugar do segundo He do ciclo precedente. Em outras palavras, o movimento se faz **na di- reção da busca das causas**.

A figura se apresenta na forma de um feixe de 8 linhas retas e sugere a idéia de uma roda girando dentro de outra roda (ver Ezequiel, capítulo I e X). Segundo Ezequiel, “a cor da roda é semelhante à cor do topázio”.

A “Roda de Pitágoras” (figura 32) se diferencia da anterior pelo seguinte:

1. Em lugar das le- tras Iod-He-Vau-He e INRI há estrelas de cinco pontas.

2. Não há indica- ções do sentido do mo- vimento.

3. Dentro da roda há signos complemen- tares que simbolizam as sete causas secun- dárias (os planetas), assim como, duas letras gregas (alpha e ome- ga), cujo significado

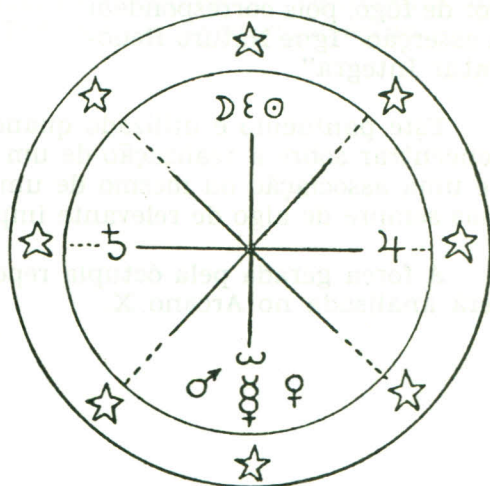


Figura 32

é idêntico ao do Lingam, ou seja, a fecundação do princípio passivo pelo ativo.

A figura formada pela intersecção de linhas contínuas, no centro do pantáculo, corresponde ao plano físico, que se apresenta como se fosse uma pequena ilha circundada pelas águas do astral (círculo interno) que, por sua vez, são insignificantes em comparação com a imensidade do mental (círculo externo). Uma análise mais concreta do pantáculo, conduzir-nos-á ao campo da astronomia. O círculo externo simbolizaria o universo estelar; o círculo interno, o nosso sistema solar, e o feixe central de linhas contínuas, a vida elementar em nosso pequeno planeta.

O “Pantáculo Realizador” (figura 33) se apresenta assim: o fundo é preto (o astral inferior); o quadrado externo é prateado e representa uma moldura já preparada de antemão, passiva, dentro da qual algo deverá ser realizado. O quadrado interno é dourado (os esforços ativos que devem conduzir à realização). As letras que oito vezes repetem o Grande Nome, devem ser da cor de fogo, pois correspondem à asserção “Igne Natura Renovatur Integra”.

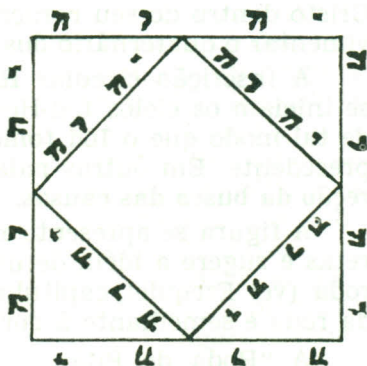


Figura 33

Este pantáculo é utilizado quando há necessidade de se concentrar sobre a realização de um projeto, de uma tarefa, de uma associação ou mesmo de um assunto mais abstrato, mas sempre de algo de relevante importância.

A força gerada pela óctupla repetição de Iod-He-Vau-He será analisada no Arcano X.

LAMINA IX

Noite escura. O céu está mais claro, recamado de pequenas estrelas, mas sem lua. Na escuridão, destaca-se uma figura humana: um ancião, coberto por um grosseiro manto formando três dobras e cobrindo toda a figura.

Com sua mão direita (a imagem não é refletida), estendida e meio coberta pelas dobras do manto, o velho segura um lampião no qual ardem três chamas. A luz do lampião clareia o rosto de barba branca, de fisionomia grave, porém bondosa.

Sua testa, orelhas e cabelos estão cobertos por um capuz. Na sua mão esquerda, um bastão de pastor no qual a luz do lampião permite ver três nós de madeira.

No chão, junto aos pés do velho, uma pequena cobra, fugindo.

A tonalidade do quadro é muito escura, entretanto, nada ele tem de lúgubre. Toda a luz provém do lampião.

O signo do Arcano IX é Teth, seu valor numérico 9; sua correspondência astrológica, o signo zodiacal do Leão.

O hieróglifo do Arcano é um telhado, como símbolo de proteção, de abrigo, de isolamento das influências nefastas.

A lâmina representa um ancião a caminhar, segurando na mão direita um lampião, com **três pavios acesos**. Uma ampla vestimenta com capuz envolve o velho, formando **três dobras** que cobrem parcialmente o lampião. Com a mão esquerda, o ancião se apoia num bastão em que estão bem visíveis **três nódulos**.

As três chamas da lanterna indicam, obviamente, a **iniciação nos três planos**. O manto com suas dobras, do mesmo modo, indica claramente o **isolamento** nos mesmos **três planos**. O bastão, com seus três nós, simboliza o **triplo apoio**.

A idade do peregrino é uma indicação de que somente um homem que superou as tempestades das paixões, a procura da felicidade pessoal e as ambições da vida terrestre, pode dedicar-se aos aspectos da vida, simbolizados na lâmina. O caminhar indica que a presença dos elementos apresentados na lâmina impede todo o estado estacionário.

O nome comum do Arcano é "**O Eremita**". O nome erudito, "**Lux Occulta**" ou "**Lux in Occulto**".

Passemos à análise aritmética.

Na decomposição em 2 algarismos, temos primeiramente:

$$9 = 1 + 8$$

ou seja, uma unidade individualizada, equilibrada (1) que procura manifestar-se no meio-ambiente, conforme a Lei (8). Se o plano dessa manifestação for o do Arquétipo, então o ser humano encontra aí a idéia e a imagem dos Gênios Protetores, que o ajudam a descobrir em si seu próprio Ser Superior. Daí vem o primeiro título do Arcano: "**Protectores**".

Se a manifestação é procurada no plano do Homem, acarretará a compreensão de si mesmo, o seu próprio conhecimento astral e a harmonização da alma. Esse processo do trabalho evolutivo chama-se **Iniciação** ou, também, **Auto-Ini-**

ciação. Neste último caso, o “Protetor” é encontrado dentro de si mesmo. Assim, o segundo título do Arcano será “**Initiatio**”.

Finalmente, se o plano da manifestação desejada é o da Natureza, isto é, o plano físico, então o ser humano aprende a enfrentar o deus dos materialistas, chamado “o Acaso” e orientar-se na vida pela teoria da probabilidade que dita, freqüentemente, vários graus de prudência. Daí o terceiro título: “**Prudentia**”.

A inversão da primeira decomposição nos dará

$$9 = 8 + 1$$

Aqui, a legalidade (8) do meio-ambiente pesa sobre uma personalidade cristalizada, porém sadia (1) e a limita. Essa personalidade é incapaz de contornar com prudência as exigências do seu meio, através de um isolamento interno, e elevar-se além dos ditames do seu ambiente. Esta é a fórmula das personalidades talentosas mas abafadas por seu ambiente ou sua época, e portanto, não influenciando o processo da evolução da Humanidade.

A segunda decomposição em dois algarismos dá

$$9 = 2 + 7$$

ou seja, a soma da ciência (2) e do Vencedor (7). Quem é o Vencedor? Aquele que passou pelos estágios dos sete primeiros Arcanos metafísicos. E qual será essa ciência? A ciência do Vencedor tem dois aspectos:

1. O aspecto feminino, passivo, receptivo, chamado “**Divinatio**” (adivinhação) que é a capacidade de “ler” no plano do Arquétipo, do Homem ou da Natureza. Um êxtase profético, uma repentina iluminação e inspiração espiritual, levando à criação de um culto religioso com suas regras morais, será um bom exemplo da adivinhação no plano do Arquétipo. A adivinhação no plano do Homem consistirá na sensibilidade às manifestações astrais alheias (a capacidade de ver as auras, a apreensão imediata de um caráter, do desenvolvimento moral de uma pessoa, de suas capacidades emanativas ódicas, etc.). Consistirá também na lucidez da interpretação mediante sistemas como o da quiromância, frenologia, fisiognomonía, etc. A adivinhação no plano da Natureza dará uma interpretação percuciente através da astrologia, da geomancia e suas subdivisões: a cartomancia, hidromancia, piromancia e outros meios de “ver” nos elementos da Natureza.

2. O aspecto masculino, positivo da ciência do Vencedor consiste no controle do astral, no saber dirigir e utilizar sua energia pessoal em forma de magnetização, de telepatia, de exteriorização do astrosoma e no estabelecer um contato desejado com quaisquer entidades astrais, por meio da magia cerimonial e suas fórmulas.

Muitas pessoas são atraídas para essas ciências do Vencedor, ciências tão vastas e ricas em suas aplicações e, no entanto, às vezes perigosas e até destruidoras para seu possuidor.

Podemos nos perguntar se um "Vencedor" (7), não querendo se expor aos perigos dessa ciência (2), pode, voluntariamente, renunciar à atividade e receptividade no campo de sua vitória. Pode, sim. Isso corresponderá à decomposição:

$$9 = 7 + 2.$$

Passemos à decomposição

$$9 = 3 + 6$$

Aí, a metafísica (3) é colocada antes da escolha do caminho (6); ela, por assim dizer, **determina** essa escolha.

O que — perguntaremos — fora da metafísica pode influenciar essa escolha? A impulsividade. Não falaremos dos instintos (o homem físico, impulsivo), nem das paixões (o homem astral, impulsivo); este assunto já foi discutido e não apresenta problemas. Falaremos de um homem intelectual, impulsivo, com suas **superstições**, seus **preconceitos** e **condicionamentos**. As superstições são o maior impedimento à Iniciação. Ocupemo-nos delas.

O que são superstições? São os vestígios, **impulsivamente** admitidos de forma que, outrora, quando a pessoa em questão criava clichês astrais e entidades volitivas, eram necessárias e úteis, mas que, devido ao progresso dessa pessoa, se tornaram um grande peso a dificultar ou mesmo impedir as manifestações autênticas, próprias e adequadas a seu estágio evolutivo atual.

Podemos deduzir do que foi dito, que todas as superstições pertencem ao plano astral; porém, segundo o campo a que se referem, podem ser classificadas em místicas, em propriamente astrais, e em físicas.

Se uma pessoa enfrenta condições de vida onde não haja a menor possibilidade de manter a higiene, e, no entanto, rigorosamente se apegar a algum hábito higiênico adquirido,

ela pode ser considerada supersticiosa no plano físico. O mesmo pode ser dito de um homem que, suficientemente evoluído para criar, pela meditação, condições propícias para poder orar fora de um templo feito de alvenaria, se queixe que a ausência do mesmo impossibilita-lhe a oração. Como exemplo de superstição astral pode servir o caso de um mago que, embora tenha desenvolvido tanto seu poder, que suas idéias, automaticamente, se envolvam em astrosomas, ache, no entanto, que não pode atuar sem pronunciar tal ou qual fórmula ou empregar tal ou qual simbolismo. Um outro exemplo, ridículo, porém comum, é o do homem que considera a segunda-feira ou o número 13 maléficos, sem ter tido disto nenhuma confirmação na experiência de sua vida.

Há numerosos exemplos de superstições místicas. Conhecemos muitas pessoas que estão firmemente convictas de que não há salvação fora de determinadas prescrições secundárias de tal ou qual religião. Por outro lado, há também pessoas que não se importam com as diferenças básicas de certos credos, se estes admitem um dogma que lhes é particularmente caro, como, por exemplo, o dogma da Redenção pela Encarnação. Encontramos também aqueles a exigirem apenas que a religião admita a Reintegração humana pelo caminho da evolução.

Naturalmente, um homem pertencendo à terceira categoria achará supersticioso um outro que lhe seja culturalmente semelhante, mas pertencente à segunda, e um homem da segunda categoria qualificará de supersticioso alguém que pertença à primeira.

Podemos assim deduzir que nenhuma superstição pode ser qualificada de absoluta. Para avaliar a superstição de uma pessoa é indispensável ter uma compreensão da mentalidade, do astral e do estado físico da mesma. A falta de tal compreensão sempre provocou perseguições aos Centros Iniciáticos, pois eram acusados de propagar diferentes dogmas, manter diversos códigos éticos e determinar diferentes deveres, o que, na realidade, estava de acordo com o grau iniciático de seus membros.

Para terminar, sugerimos um tema bastante importante para ser meditado: se adquirimos uma ascendência sobre uma pessoa que nos seja equivalente quanto a desenvolvimento mental, astral e físico, isso é quase sempre devido às suas superstições, preconceitos ou condicionamentos. Os preconceitos no campo social e os condicionamentos da vida diária desempenham papel idêntico à superstição, no campo dogmático.

A decomposição inversa, ou seja,

$$9 = 6 + 3$$

significa, naturalmente, que a escolha do caminho (6) determina a metafísica posterior (3). Essa fórmula evoca, por associação, o caso de um homem que escolheu (muitas vezes sem estar suficientemente consciente) uma senda ou uma atividade determinada e, mais tarde, procura justificativas metafísicas a fim de assegurar o respeito de si mesmo ou para resguardar sua dignidade perante outros.

A quarta decomposição:

$$9 = 4 + 5$$

é interpretada como o fato de elevar-se do plano dos elementos (4) ao plano astral (5). Isso significa que, no preparar-se para as iniciações, devem ser utilizados todos os dados que possam ser fornecidos pelo estudo no plano físico. O mago, geralmente, dá muito valor à sua ciência astral, mas não se limita somente a ela. Ele a complementa com tudo o que pode ser estudado no plano físico: a química, a física, a anatomia, a fisiologia, etc. Não vacila em adiar uma cerimônia mágica, se a mesma pode ser realizada mais tarde com maior êxito. Não atuará quando se sinta doente. Conscientemente, aplica à sua vida as medidas higiênicas de pureza física (banhos, alimentação com produtos frescos, abstenção de toda comida e bebida artificiais). Sabe perfeitamente que um cansaço excessivo provocado pelo trabalho é tanto prejudicial quanto a preguiça. Se é sensível às condições climáticas, escolherá cuidadosamente o lugar certo para viver e, por último, sempre e em toda parte, ele se comportará conforme a teoria da probabilidade (o que chamamos "ser prudente no plano físico").

A decomposição inversa:

$$9 = 5 + 4$$

nos dá a fórmula aplicável inteligentemente apenas em casos excepcionais, isolados, e que geralmente trazem resultados de curta duração. Essa fórmula significa que, à vontade individual (5) é dada a primazia sobre a influência dos elementos (4), e às vezes, em oposição aos mesmos. Pode ser aplicada nos casos em que, para prosseguir no trabalho planejado, precisamos, num determinado momento, de um reforço enérgico. Importa que este empenho seja feito naquele exato momento, apesar das dificuldades físicas e das condições pou-

co favoráveis no plano dos elementos. Sendo isso **necessário**, ativamos o Marte de nosso astral, embora essa operação nos custe grande perda de forças vitais ou de recursos materiais.

No Arcano IX, apesar da grande importância das decomposições em dois algarismos, a ênfase deve ser dada à decomposição simétrica em três

$$9 = 3 + 3 + 3$$

Se as decomposições em dois definem a iniciação e apontam os meios para alcançá-la, a decomposição em três determina os graus hierárquicos da própria iniciação.

Na escala iniciática discernimos **três ciclos**, e em **cada um deles**, três subdivisões, ou seja, **três graus**.

Ao ciclo inferior, sob certas condições, chamaremos de físico pois, em geral, o iniciando (candidato à iniciação) apresenta-se no seu corpo físico à cerimônia da iniciação, e a própria cerimônia se faz num lugar determinado e de três dimensões, sendo conduzida por um iniciador encarnado.

Na composição da iniciação física entram três elementos: o mental (conteúdo dos chamados “Cadernos de Iniciação” ou da fórmula de iniciação, oralmente transmitida); o astral (influência fluídica, magnética, transmitida pelo iniciador ao iniciando e o simbolismo da iniciação) e o físico (a totalidade das manipulações que acompanham o ato da iniciação).

O ciclo chamado por nós “físico” contém três graus:

- 1.º o inferior, permite ao candidato travar conhecimento com a síntese dos ensinamentos teogônicos, androgônicos e cosmogônicos da Escola, tonificada pelo esquema do grande drama da queda humana e da metodologia da reabilitação do Homem.
- 2.º confia ao iniciando conhecimentos teóricos sobre o plano astral, permitindo-lhe avaliá-lo corretamente e ensinando-lhe como agir neste plano, sem deixar o corpo físico (uma parte da psicurgia⁺ e toda a magia cerimonial).
- 3.º introduz o iniciando no campo do Amor Universal, pelo caminho do Hermetismo Ético.

É preciso acrescentar que todos esses três graus podem ser também alcançados sem a participação de um iniciador encarnado. Basta para isto possuir um determinado desen-

* do grego: “psikhe” — alma; e “ergon”, obra.

volvimento intelectual e ético (o que, em parte, depende do número das encarnações prévias) e ter uma certa proteção astral. Naturalmente, é claro que uma aspiração firme e inabalável à iniciação seja indispensável.

Assim, sob certas condições, na iniciação deste ciclo, a presença de um outro ser humano, fora do próprio iniciando, não é obrigatória. Em outras palavras, a contemplação inteligente da Natureza, acompanhada de meditação, e paralelamente, de um progressivo auto-conhecimento, são suficientes. Por causa disso, às vezes, é dito que o ciclo físico da iniciação nos é dado pela Natureza — o terceiro elo do ternário teosófico.

A influência fluídica, astral, do iniciador sobre o iniciando consiste numa atuação da vontade do iniciador sobre o corpo astral do discípulo, para incentivar neste o desejo de auto-transformação na direção iniciática, conduzindo-o a alcançar um certo grau de intuição e de atividade, que resulta em harmonia da alma.

Quanto ao simbolismo e particularidades ritualísticas da iniciação, estes elementos são determinados pelo espírito específico de cada Escola e da época; às vezes, também pelas preferências individuais dos iniciadores.

Podemos passar agora ao **segundo ciclo** da iniciação que chamaremos de **astral**, pois, neste ciclo é indispensável que o iniciando se exteriorize e que seu astrosoma entre em contato com algum iniciador ou iniciadores. O caráter desses contatos é puramente energético e, pela sua natureza, está além das limitações do tempo e do espaço de três dimensões. O iniciador pode ser, como o próprio iniciando, um homem encarnado, mas exteriorizado, ou um **elementar humano**, isto é, um ser de dois planos, não mais possuindo corpo físico, mas dotado de personalidade astral. Isso nos permite dizer que o segundo ciclo da iniciação é dado pelo Homem Astral Universal.

É claro que não se deve falar aqui da natureza dessa iniciação nem do seu ritual. Podemos, no entanto, fazer notar uma circunstância bastante importante: a saída astral probatória e tradicional, Rosacruziana, do discípulo, em companhia “dos que por lá passaram antes dele”, deve ser realizada durante o período seguinte ao terceiro grau (o superior) do ciclo físico, e que precede o primeiro grau (o inferior) do ciclo astral. Essa saída astral é belamente simbolizada no plano físico pelo ritual de consagração do 18.º grau da Maçonaria Escocesa (por seu cerimonial), e pelo Batismo Cristo (pela sua significação ideológica).

Passando ao ciclo que chamamos “**mental**”, iremos caracterizá-lo como uma reunião da entidade humana com aquele fluxo mental ao qual, pelo seu tipo de Mônada, ela pertence. Aqui não há mais a personalidade astral do instrutor, realizando o ato da iniciação. Aqui, simplesmente, o Homem Universal Coletivo recebe em seu corpo uma célula que lhe pertencia de direito desde o começo da eternidade, uma célula que se purificou da lama da queda e que retorna ao seu lugar, enriquecida pela sabedoria adquirida.

Naturalmente, da natureza ou do ritual da iniciação do ciclo mental nada pode ser dito; podemos, todavia, aludir que ela se torna possível graças à existência do processo das emanções do Arquétipo, processo que causou o princípio da existência do Homem Coletivo Uno em sua pureza primordial.

Diz-se que o ser humano se apresenta para essa iniciação em seu corpo mental, isto é, o invólucro sutilmente astralizado da mônada espiritual. Esse invólucro é próprio da mônada — uma das células do Homem Coletivo — mesmo no nível de seu relacionamento orgânico com outras células.

Se, como foi dito, entre o ciclo físico e o ciclo astral da iniciação se faz necessário o “Batismo Astral” Rosacruziano, entre o ciclo astral (seu grau superior) e o ciclo mental (seu grau inferior) é indispensável a realização do processo chamado “Reintegração” Rosacruziana.

Os “Irmãos Reintegrados” da Cruz-Rosa são os elementares que, talvez mesmo tendo conservado seu invólucro astral médio, sabem desfazer-se dele, do mesmo modo como os seres humanos, encarnados, se desfazem de seu corpo físico, para se exteriorizar em seu corpo astral. Um Irmão Reintegrado faz como que adormecer, por algum tempo, o seu astrosoma médio, renunciando voluntariamente às manifestações energéticas e limitando sua atividade às manifestações mentais, próprias de uma célula do Adão Primordial. O Irmão Reintegrado o faz de um modo semelhante ao nosso, quando, durante a exteriorização, renunciamos voluntariamente à receptividade sensorial, a fim de nos libertarmos da limitação do tempo e do espaço de três dimensões.

Nós, durante nossas exteriorizações, para atuar no plano físico através das manifestações mediúnicas, utilizamos o astral inferior e os corpos físicos de outras pessoas. Um Irmão Reintegrado da Cruz-Rosa pode, na exteriorização mental, tomar emprestadas as formas do astral médio, com a finalidade de criar clichês astrais evolutivos fora da esfera da sua própria faixa astral. Ele pode, por exemplo, efetuar uma iniciação de caráter astral, de alguma Corrente que não pertença à sua própria faixa Egregórica no astral médio.

Pode um homem encarnado receber uma iniciação mental? A resposta é: sim! Uma exteriorização no corpo mental é possível durante a catalepsia do corpo físico junto com a maioria do astrosoma. É o êxtase. No entanto, esse estado dura relativamente pouco no homem encarnado, e há muita dificuldade em trazer ao mundo físico, sem que sua essência seja deturpada, as migalhas do processo mental da Reintegração.

Os homens que alcançaram o Batismo Mental são chamados Instrutores. Tanto os profanos como os iniciados os diferenciam inconscientemente da humanidade comum e consideram-nos como Enviados de um Plano Superior, exigindo deles uma vida inteiramente consagrada ao bem dos seus semelhantes, uma vida de abnegação e altruísmo. Os homens negam mentalmente a um Enviado encarnado as exigências do corpo físico e a existência nele dos elementos astrais inferiores, esquecendo que, levado por uma aspiração sublime, assumiu voluntariamente todas as limitações desses veículos que, para ele mesmo, não mais são necessários.

Mais uma pequena observação: o ciclo mental de iniciação realiza-se por si mesmo, dentro do ser humano. Aqui não pode haver questão de desejar ou aceitar algo, pois, no processo de Reintegração, o Pentagrama perde seu caráter pessoal. Os desejos e paixões desaparecem, cedendo lugar ao trabalho de uma das células do Homem Coletivo Universal, participando conscientemente nos seus impulsos volitivos, num determinado campo particular do seu organismo.

Na iniciação astral, o iniciando tem direito não apenas de querer, mas mesmo de exigir a iniciação, pela mesma lei pela qual o losango, devido a sua forma, tem de ser incluído nos paralelogramas. Aqui, a vontade do iniciador deve submeter-se à lógica do iniciando.

A matéria é diferente no ciclo físico da iniciação. Neste, nem sempre é fácil avaliar o grau de evolução do candidato. A intuição do instrutor, dependendo do momento, pode ser maior ou menor, e também, na ocasião, ele pode ser absorvido por algum assunto importante, alheio à iniciação da determinada pessoa. Apesar disso, é melhor que a proposta para iniciação parta do instrutor. Caso este último avalie erradamente o candidato, a recusa do mesmo evitará o prejuízo que poderia causar uma iniciação prematura e, conseqüentemente, evitaria uma mancha kármica para o iniciador.

Reiteramos, portanto, que não só é possível, mas mesmo desejável a realização da iniciação sem instrutor, onde o papel do último se limitaria simplesmente a confirmar a iniciação.

Naturalmente, a iniciação astral é mais importante do que a física, pois, seu cultivo prepara o processo da Reintegração. Seria bom, no entanto, dizer algumas palavras a respeito do valor do ciclo físico de iniciação.

Precisamos levar em conta que pode haver um período ou mesmo uma época inteira na qual, devido à perseguição das correntes iniciáticas e a luta contra o ensinamento esotérico, já não haveria ninguém treinado e capaz de alcançar mesmo os graus astrais inferiores. É certo que uma tal época passará e que, de novo, aparecerão os iniciados. Todavia, a ausência prolongada de instrutores e escolas esotéricas, o esquecimento dos símbolos e dos sistemas de trabalho, dificultarão bastante a tarefa desses novos iniciados e limitarão sua influência sobre a sociedade que lhes seja contemporânea. Eles precisarão elaborar novamente os métodos de treinamento dos discípulos, o simbolismo que permite o ensino escalonado, as regras da disciplina iniciática, etc.

Se, ao contrário, a “grande corrente de transmissão da Tradição”, existe ininterruptamente, mesmo que seja apenas nos limites do ciclo físico da iniciação, haverá sempre um grupo de “conservadores da Tradição”, nem sempre profundamente versados no ocultismo, mas constituindo um elo de ligação entre a manifestação maçônica, exotérica e a manifestação profundamente esotérica da Humanidade.

É por causa disso que todos os historiadores e adeptos do esoterismo sempre deram e dão um grande valor ao ciclo físico da iniciação, às características específicas de seus respectivos graus e ao sistema de transmissão da iniciação, por sucessão.

Na segunda metade do século XVIII (1760) apareceu uma corrente que, segundo o nome de seu fundador — Martines de Pasqually (ou Pasqualis) deveria chamar-se Martinesismo, mas ficou conhecida como Martinismo, devido aos escritos do filósofo-teurgo Claude de Saint-Martin.

A Escola de Martines de Pasqually formou uma poderosa corrente mágica, de um Rosacruzianismo ligeiramente modernizado. Por isso, falaremos dela no Arcano XI.

Quanto a Louis-Claude de St. Martin, ele instituiu um sistema insólito para sua época (e um pouco contraditório face as opiniões de seu mestre Pasqualis), de “iniciação livre” que permitia a transmissão, por sucessão, de três elementos (mental, astral e físico) do ciclo físico da iniciação, independentemente de lojas, irmandades, círculos ou outros tipos de confraternização maçônicas existentes.

Na iniciação de Claude de St. Martin havia apenas um grau: S.: I.: (“Supérieur Inconnu”, ou seja, Supe-

rior Desconhecido), conferido às pessoas bastante evoluídas e de destaque intelectual do tipo chamado "Homens de Aspiração". As duas inovações posteriores da Ordem dos Martinistas, os graus A :: (Associado) e I :: (Iniciado) eram apenas subgraus preparatórios, subgraus dos discípulos, facilitando uma escolha cuidadosa e bem meditada dos futuros S. J. .

Claude de St. Martin dividia a humanidade em quatro categorias:

1. Homens da correnteza ou as pessoas pouco individualizadas e sem força de vontade, seguindo cegamente a moda do momento e os fluxos da época, geralmente ridículos para os pensadores-filósofos e os trabalhadores conscientes no campo político-social e de vanguarda.
2. Homens de Aspiração ou os que buscam a Verdade Absoluta e trabalham consciente e perseverantemente para seu auto-aperfeiçoamento, mediante a contemplação da Natureza, da penetração em seu próprio coração e do estudo de fontes da Tradição.
3. Homens Novos ou os que, tendo alcançado um determinado grau de desenvolvimento astral, não mais estão, por isso, sujeitos aos mesmos erros que um Homem de Aspiração, mesmo o mais sincero, no julgar a si mesmo ou ao seu próximo.
4. Homens de Espírito ou os que ultrapassaram totalmente a atração do plano físico e que se libertaram, com isto, da escravidão da esfera anímica, alcançando a plena consciência de sua alta origem na Esfera das Emanações.

É fácil ver que o "Homem de Aspiração" corresponde, em nossa terminologia, ao iniciado do grau inferior do ciclo físico, pois este já sabe de onde veio e para onde vai, isto é, já possui certo entendimento da Queda e da Reintegração Humana.

O "Homem Novo", conhecendo já o astral, entra no segundo grau do mesmo ciclo físico, e o "Homem Espírito", que submeteu-se a uma transformação elementar Hermética, no terceiro.

Voltemos ainda à decomposição aritmética do nosso Arcano e analisemos uma outra fórmula:

$$9 = 3 + 2 + 4$$

Não é difícil lê-la: a iniciação (9) conduz ao Grande Arcano, ou seja: sua parte mental (3), astral (2) e elementar (4). É interessante notar que uma pequena alteração dessa

distribuição dá um esquema do método geral do treinamento no processo de auto-iniciação. Escrevemos $9 = 2 + 3 + 4$, colocando os algarismos componentes na sua ordem de grandeza. O número 2 é o número da polaridade; a idéia da polaridade está estreitamente ligada à idéia de atração, de magnetização, etc. Teremos nisso a primeira receita: pela aspiração poderosa de um verdadeiro Homem de Aspiração, por sua prece ardente, o ambiente se **magnetiza**, e deste, ele atrairá a si os elementos individualizados que podem facilitar sua iniciação. Dentre os elementos assim atraídos, os que são superiores, tornar-se-ão seus protetores, e os inferiores serão acessíveis ao seu vampirismo, isto é, poderão ser por ele assimilados. O número 3, que simboliza o ternário equilibrado, andrógino por sua composição, mas podendo manifestar-se tanto no campo ativo como no passivo, indica a necessidade da chamada **condensação**, dentro de nós, de tudo o que já foi atraído e assimilado. Este processo se realiza por meio de aumentar ou diminuir, alternativamente e conforme o caso, a atividade ou a passividade potencial do sujeito, ou melhor, de seu astrosoma, com a finalidade de estabelecer um **estado harmonioso** que será o terceiro elemento no mencionado binário das potencialidades. Depois disto, vem o número 4. Este é o símbolo da ROTA elementar, o símbolo das aplicações no plano denso. É o delineamento do trabalho construtivo do adepto que soube evoluir suficientemente pelo processo de aprofundar-se em si mesmo e pelo treinamento de sua personalidade. Isto corresponde ao que os maçons, no ritual do grau de mestre, tão adequadamente chamam de "viagem para espalhar a Luz", assemelhando o mestre ao sol que se levanta, culmina, se põe e continua seu caminho abaixo do horizonte, para recomençar, no dia seguinte, um novo ciclo de movimento, uma nova fase quádrupla da Rota diária de 24 horas. Esse "4" é uma alusão à fase emanacional de desenvolvimento mágico do futuro **Instrutor**.

Voltemos à lâmina do nosso Arcano, para meditar quanto a seus elementos.

A **lanterna** do ancião é geralmente chamada de **Luz de Hermes Trismegisto**. Hermes é a personificação de sistema harmonioso, unindo a sabedoria metafísica, o conhecimento do astral e a ciência no plano físico, sistema que floresceu nos santuários do Egito antigo.

Essa lanterna é indispensável ao iniciado e ela expressa a tese: "Não despreza a ciência profana do mundo físico, estuda com assiduidade o plano astral, e eleva-te pelo mental ao nível transcendente e transcendental. Tu és tri-plânico, estuda todos os três planos."

O **manto** que isola o ancião chama-se o **manto de Apolônio de Tyana**, o famoso Instrutor da Escola de Alexandria. É o símbolo da **autodeterminação** da Mônada no plano mental, do **autoconhecimento** no plano astral e da **solidão** no plano físico. Determinar-se no plano mental, significa tornar-se claramente consciente de seu papel de célula do organismo mental do Homem Universal Coletivo, e de todas as nuances coloridas desse papel. O autoconhecimento astral — caminho típico do desenvolvimento de Apolônio — é o aprofundar-se no próprio astrosoma, fazer sua análise severa, uma classificação escrupulosa de seus recursos, efetuar uma reorientação — se assim podemos dizer — de seus ímãs moleculares e, finalmente, realizar uma síntese geral, bem assimilada. Os biógrafos de Apolônio apresentam bastante bem esse trabalho, contando que o grande Mago, envolto num manto de lã, se concentrava na contemplação do próprio umbigo.

Passemos a considerar o significado da solidão. O que significa ser solitário? É a capacidade de trabalhar, de meditar sem permitir a intromissão de influências energéticas de outros pentagramas. Pode-se ser solitário em meio duma multidão. No entanto, nos primeiros estágios de desenvolvimento, muitos necessitam uma vida de anacoreta, um isolamento efetivo, no plano físico. Este proceder tem seus bons e maus aspectos. A boa faceta da vida de eremita consiste no seguinte: no plano mental, a oração fica mais fácil; no plano astral, há a possibilidade de **purificação pelo silêncio prolongado**, uma das recomendações da Escola Pitagórica; no plano físico, não há perda de tempo com as preocupações da vida cotidiana. Os aspectos negativos da vida de eremita são estes: no plano mental, a impossibilidade de observar o progresso de seus companheiros no campo metafísico; no plano astral, uma certa ausência de apoio da corrente de pessoas unidas pela mesma tônica evolutiva. Isso aumenta o perigo, nos momentos de passividade, de cair temporariamente sob a influência do astral inferior. Essa influência, no plano físico, freqüentemente toma a forma de manifestações sexuais, chamadas de **íncubos e súcubos**. Os elementares e mesmo os feiticeiros exteriorizados, tendo feito um empréstimo mediúnicos do próprio eremita ou do reino orgânico que o circunda, podem materializar-se em estado suficientemente condensado, para realizar o “coito” com o eremita (o súcubo da entidade astral) ou com a eremita (o íncubo da entidade astral). Os íncubos e súcubos causam naturalmente um grande dano pelo enfraquecimento físico que provocam na sua vítima, e também porque preparam condições que, no futuro,

poderão facilitar ao eremita a criação, por vontade própria, e sob diversos pretextos, de qualquer tipo de larvas.

Existe uma alternativa que, afastando os maus aspectos da vida de eremita, ao mesmo tempo preserva os bons. Em outras palavras, uma alternativa que procura neutralizar o binário: vida de eremita — vida em sociedade. Foram feitas tentativas, ainda em prática, correspondentes ao meio termo: a convivência monástica. O sucesso do trabalho nessas instituições variava e varia grandemente, dependendo da época, do ambiente, dos membros e dos dirigentes das comunidades, da sua disciplina e outras condições.

O bastão do ancião, como símbolo de prudência, quase dispensa comentários; o essencial já foi dito anteriormente.

Concluindo a análise do Arcano IX, esboçaremos um curto programa de esforços que facilitam a auto-iniciação e preparam a iniciação propriamente dita.

Enumeraremos nove fases destes esforços, salientando que, geralmente, se realizam de modo paralelo e não consecutivo.

1. Superar em si a covardia física.
2. Superar em si a indecisão física.
3. Superar os arrependimentos a respeito do que foi feito e não pode ser mudado.
4. Lutar, ao máximo, contra as superstições.
5. Lutar, ao máximo, contra os preconceitos.
6. Lutar, ao máximo, com os condicionamentos.
7. Manter em boa ordem a saúde e o ambiente externo.
8. Realizar, também, a ordem astral, tanto em si (harmonia da alma) como fora de si, isto é, adquirir o conhecimento empírico das entidades do plano astral e suas manifestações, classificando-as adequadamente.
9. Realizar uma ordem mental, ou seja, alcançar a pureza, a clareza e a certeza em sua cosmovisão, como também a plena consciência de sua proveniência emanacional do Arquétipo.

O pantáculo do Arcano é feito segundo o esquema $9 = 3 + 6$. Sendo assim, pode consistir simplesmente em duas partes superiores do esquema do Grande Arcano (ver figura 16).

Houve, todavia, tentativas de introduzir uma outra configuração: um conjunto de nove pontos (figura 33), em que a distribuição dos três pontos superiores forma um triângulo evolutivo. Este projeta dois reflexos em forma de triângulos de tipo involutivo, e formados por seis pontos restantes.

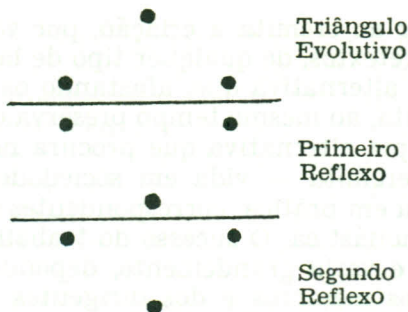


Figura 33

O esquema expressa a idéia de que os planos inferiores são produzidos pelo Superior.

LÂMINA X

O fundo está formado pela parte interior de uma esfera multicolorida e iridescente.

Em baixo um mar, cor de chumbo, ondulante, mas sem espuma. No centro, onde a interferência das ondas forma uma concavidade, eleva-se uma barra de suporte, ao redor da qual, na sua parte inferior, enroscam-se duas serpentes, cor de prata, formando um caduceu com duas circunvoluções.

Na parte média do bastão está fixado o eixo de uma roda, de cor indefinida. Circunscritos pela roda, estão dois triângulos: um ascendente e claro; outro, descendente e escuro, formando um hexagrama.

Do lado direito, a roda leva para cima um ser de corpo humano e cabeça de cão, Hermanubis; na mão direita, levantada, ele segura um caduceu de ouro, de Hermes.

Do lado esquerdo, a roda leva, cabeça para baixo, um outro ser, de cor vermelho-escura, quase preta, com corpo de crocodilo e cabeça humana com feições deformadas pela maldade: Tifon. Sua pata esquerda segura um bidente dirigido para baixo. A cauda, de um verde-esmeralda, enrola-se ao redor do círculo.

Em cima da roda, há um estrado fixo sobre o qual, a face para frente, repousa uma esfinge alada. Suas feições são calmas, severas, sem traços de paixão alguma. Com sua pata esquerda, a esfinge segura uma espada, cuja ponta é dirigida para cima.

O signo do Arcano X, no alfabeto hebraico é Iod; seu valor numérico, 10, e a correspondência astrológica — o signo zodiacal de Virgem.

O hieróglifo do Arcano é o **dedo indicador**. O indicador é utilizado para um gesto de comando. Se compararmos o homem ao microcosmo considerando-o como um sistema fechado, então o gesto de comando do dedo indicador corresponderá a uma manifestação de dentro para fora deste sistema fechado. Essa significação do Arcano X é ainda mais claramente caracterizada pela forma fálica da letra Iod. Falus, ainda mais do que o dedo indicador, simboliza a manifestação mencionada.

A lâmina do Arcano é chamada “Esfinge” ou “Rota Fortunae” (A Roda da Fortuna). Na sua parte superior ela apresenta uma esfinge, armada de espada e repousando sobre um estrado fixo. Um pouco mais abaixo, vemos o hexagrama de Salomão — o signo do Macrocosmo — que gira junto com a roda, cujo círculo o circunscreve. A parte inferior do sustentáculo, sobre o qual se apoia o eixo da roda, forma um caduceu. Do lado direito da imagem (que é refletida) a roda leva para cima, em direção à Esfinge, um cinecéfalo — Hermanubis, segurando, na mão direita, um caduceu com três circunvoluções. Do lado esquerdo, a mesma roda leva para baixo um ser com corpo de crocodilo e cabeça humana — Tyfon — segurando na sua pata esquerda um bidente (às vezes um tridente), dirigido para baixo.

O que significa, em linhas gerais, essa representação?

Ela apresenta um sistema fechado, capaz de transformações internas.

Este sistema é encimado pela Esfinge, isto é, o lema — ousar, calar, saber, querer — que aponta o meio para chegar à atividade criadora e ao aperfeiçoamento do astrosoma. O moinho da vida, dominado pelo quadrado dessas quatro di-

retrizes, gira ininterruptamente, levando alguns para cima e causando a queda de outros. Os que se elevam (como Hermanubis), portadores do signo do Grande Solvente "Azoth" (o Caduceu), guardam ainda a cabeça de cão, símbolo do seu estado anterior e inferior, vestígios da impulsividade incontrollada, dos instintos animalescos. Os que caem das alturas, como Tifão, ainda escravos dos binários não-neutralizados, conservam, todavia, o símbolo da grandeza já alcançada: a cabeça humana, isto é, os elementos de nobreza, de justiça, de fidelidade — coexistindo com o aviltamento (o corpo de crocodilo), causado pela degradação dos princípios humanos.

O "Moinho das Transformações" mói e leva, todos nós, implacavelmente e, no entanto, neste processo geral existe uma clara e metódica motivação Superior.

Não importa que a lâmina nos apresente apenas o aspecto astral; nossa imaginação pode acrescentar-lhe tanto o aspecto mental, como o físico.

O primeiro título do Arcano X é "Testamentum", pois é aquilo que se costuma chamar "testamento", que nos liga ao Arquétipo e seus elevados impulsos. É através do "Testamento" que fluem os princípios mentais.

No plano do Homem, ou melhor, no plano de sua manifestação, a "Grande Roda do Tarô" leva à Humanidade aquilo que a nossa raça chama "Cabala", isto é, sistema que serve de instrumento controlador para a construção, por nós, de formas astrais. Essa palavra "Cabala" será o segundo título do Arcano.

No campo da Natureza, lidamos com a implacável Roda da Fortuna, chamada também "Moinho do Mundo". Essa Roda tudo mói, tudo assimila, tudo adapta, tudo eleva ou abaixa. Nela, como em toda roda, nada permanece imóvel, exceto seu eixo. Este eixo simboliza a existência da ilusão chamada "Matéria". Assim, o terceiro título do Arcano é "Fortuna", pois esta nos é dada pela Natureza, de acordo com as leis apresentadas no Arcano X.

Nos diversos cursos de ocultismo encontramos amiúde outros títulos deste Arcano, como: "Regnum Dei", "Ordo", etc. Estes nomes correspondem, aproximadamente, às mesmas idéias numa forma menos definida. A concepção "Regnum Dei", ou seja, "Reino de Deus", qualquer que seja o pla-

no de sua manifestação, significa o período de máxima bem-aventurança, harmonia e adaptação funcional. O reino de Deus para um planeta, será a época de seu maior florescimento no sentido mencionado. O Reino de Deus para uma criatura humana, será a época de maior harmonia para a totalidade de sua receptividade e atividade. Naturalmente, é preciso lembrar que a época do "Reino de Deus" para um organismo inteiro, pode não coincidir com a mesma época do "Reino" para um ou outro de seus órgãos particulares. O momento deste "Reino" para todo o nosso sistema solar, por exemplo, pode não coincidir com o momento análogo do "Reino" para o planeta Marte.

A fé de que o "Reino de Deus" advirá um dia, pode ser definida como o reflexo do "Testamento" no espelho da esperança.

"Ordo", quer dizer "ordem". Efetivamente a Cabala é uma síntese superior de todos os sistemas ordenados, a regerem todas as manifestações astrais que nos são acessíveis. Como podemos ver, os últimos dois títulos, em seu sentido, não divergem dos primeiros.

Passemos à análise aritmética do Arcano.

$$10 = 1 + 9$$

O único não se manifesta por si, mas por **nove clichês**, isto é, por nove reflexos ou nove refrações, cuja totalidade o caracteriza. Expressando-se de modo escolástico, diremos que somente podemos assimilar o objeto **através de seus nove atributos**.

$$10 = 9 + 1$$

estes nove atributos são sintetizados numa décima manifestação, assim como as características de uma planta são sintetizadas em sua semente.

Essas duas fórmulas aritméticas, de ordem inversa, podem ser juntamente expressas pela seguinte formulação: a verdadeira natureza do objeto está velada pela cortina de seus atributos, e estes, por sua vez, não são percebidos como tais, mas revelam-se por algo concreto.

Procuraremos desenvolver essa tese mediante o esquema que nos foi transmitido pela TRADIÇÃO DA RAÇA BRANCA.

SISTEMA SEFIRÓTICO

A essência de cada objeto, de acordo com a Lei da Triplidade, se manifesta, antes de tudo, pelo ternário do tipo do Grande Arcano.

A primeira manifestação possui, como o próprio objeto, que imaginamos integrado, o caráter neutro, andrógino. Esta constatação é suficiente para poder determinar o tipo de triângulo, formado pelas três manifestações iniciais. Nele, a segunda manifestação tem um caráter ativo; a terceira, passivo, conforme o esquema: Ponto-Iod-He.

Este ternário superior reflete-se duas vezes em forma de ternários do tipo de triângulo descendente.

O sistema inteiro sintetiza-se de um modo concreto na décima manifestação da mencionada essência do objeto. De acordo com a lei da síntese, essa manifestação possuirá, naturalmente, o androginato.

Em geral, teremos o esquema apresentado na figura 34. As dez manifestações nela marcadas são chamadas de Sephiroth do objeto.

“Sephiroth” é o plural de “Sephira”. O significado da palavra Sephira corresponde a “número”, a “radiação” e a “visível”.

Disso decorre que em cada objeto podemos descobrir dez manifestações ou, em outras palavras, que cada objeto possui dez aspectos visíveis. Para ilustrá-lo, tomemos o exemplo de uma lanterna que, possuindo dez lados de vidro, diversamente coloridos, apresentaria dez aspectos diversos da mesma luz.

As dez Sephiroth do objeto constituem uma espécie de família.

ESSENCIA DO OBJETO



-	N	+
	1	
3		2
5		4
	6	
8		7
	9	

10

Figura 34

Dentro dessa família a Cabala judaica distingue:

- a) O Andrógino Superior (nº 1 da figura 34) ou Macropropso (um termo grego) tradução da palavra hebraica que significa “de rosto comprido”.
- b) O Pai (nº 2).
- c) A Mãe (nº 3).

- d) O Filho ou Microprosopo (de rosto curto) que inclui em si a totalidade de seis Sefhiroth (4, 5, 6, 7, 8 e 9) e possui o androginato. Seu centro funcional de atividade é a 6ª Sefhira, e seu órgão de atividade, a 9ª Sefhira.
- e) A Esposa ou Noiva do Microprosopo: 10ª Sefhira.

Sabemos que na cadeia da causalidade, para cada família em separado sempre haverá uma família anterior, e assim sucessivamente, recuando até o Princípio Primordial.

Os Cabalistas judeus recuavam somente até a família do sistema inicial sephirótico do Universo, considerando esse sistema como a manifestação de alguma Essência Inacessível, chamada por eles **Ain-Soph** (ain = sem; soph = fim; tradução literal de Ain-Soph = sem fim).

Os Rosacrucianos permitiram-se ir além dos primeiros Sefhiroth do Universo, a uma Família que eles colocavam entre o Ain-Soph e as dez Sefhiroth. Assim, no esquema Rosacruciano, o Princípio Não-Alcançável, o Infinitamente Homogêneo, o Infinitamente Harmônico, o Totalmente Bem-aventurado quis expressar-se ativamente por um Iod, que chamaremos o **Amor Transcendental**. Esta manifestação será o Pai da Primeira Família do esquema Rosacruciano.

Este Pai, devido a própria vontade de expressar-se ativamente, possui um caráter de irradiação o qual, por sua vez, causa a existência de uma certa Passividade, exatamente proporcional à Atividade que a criou. Essa Passividade que chamaremos **Vida Transcendental**, corresponde ao primeiro He da Primeira Família do Esquema Rosacruciano. Este He, ao inverso do radioso Iod, é caracterizado por uma certa qualidade de sombra. É uma penumbra, pronta para receber em Si o influxo radioso do Inalcançável. Daí o seu nome latino "Restrictio".

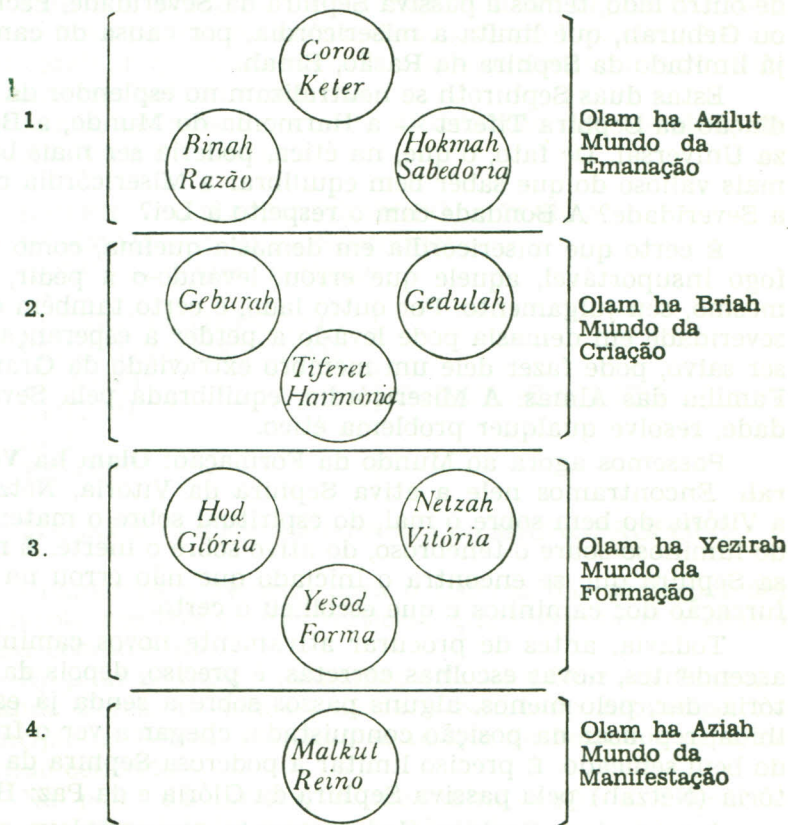
É a Restrição da Luz Infinita pelo meio-ambiente de sombra.

Assim, o Amor Transcendental — o Primeiro Pai — fecunda a Vida Transcendental — a Primeira Mãe.

Essas Entidades Místicas dos Rosacrucianos dão nascimento ao **Logos**, o Verbo Transcendental, o Grande Arquitecto do Universo, "sem Quem nada existe".

O Logos emana o segundo He da Primeira Família. Este He manifesta-Se por dez Sefhiroth que constituem a Segunda Família, e manifesta-se assim por intermédio da primeira delas: a Sefhira Keter, o Macroprosopo do Universo, chamado também a **Sefhira da Coroa**.

As dez Sefiroth formam os QUATRO MUNDOS (figura 35).



(+)

Figura 35

Como vemos nesta figura, o Mundo da Emanação — Olam ha Azilut — é constituído pela Sefhira Andrógina Keter, o Macroprosopo, manifestando-Se como convém a uma Mentalidade equilibrada, por um lado, pela totalidade daquilo que aspira ao conhecimento: a Sefhira da Sabedoria, Hohmah; e, por outro lado, pela totalidade daquilo que pode ser conhecido: a Sefhira da Razão, Binah. Esta última, naturalmente, limita a Sefhira precedente.

No Mundo da Criação — Olam ha Briah — encontramos, de um lado, a Sefhira ativa da Misericórdia, Chesed, * que é o reflexo da aspiração ao conhecimento, ou seja, o reflexo da expansividade da Sefhira da Sabedoria Hohmah; de outro lado, temos a passiva Sefhira da Severidade, Pechad ou Geburah, que limita a misericórdia, por causa do campo já limitado da Sefhira da Razão, Binah.

Estas duas Sefhiroth se neutralizam no esplendor da radiação da Sefhira Tiferet — a Harmonia do Mundo, a Beleza Universal. De fato, o que, na ética, poderia ser mais belo, mais valioso do que saber bem equilibrar a Misericórdia com a Severidade? A Bondade com o respeito à Lei?

É certo que misericórdia em demasia queima, como um fogo insuportável, aquele que errou, levando-o a pedir, ele mesmo, seu julgamento. Por outro lado, é certo também que severidade em demasia pode levá-lo a perder a esperança de ser salvo, pode fazer dele um membro extraviado da Grande Família das Almas. A Misericórdia, equilibrada pela Severidade, resolve qualquer problema ético.

Passemos agora ao Mundo da Formação: **Olam ha Yezi-rah**. Encontramos nele a ativa Sefhira da Vitória, Netzah, a Vitória do bem sobre o mal, do espiritual sobre o material, do luminoso sobre o tenebroso, do ativo sobre o inerte. É nessa Sefhira que se encontra o iniciado que não errou na bifurcação dos caminhos e que escolheu o certo.

Todavia, antes de procurar ativamente novos caminhos ascendentes, novas escolhas corretas, é preciso, depois da vitória, dar, pelo menos, alguns passos sobre a senda já escolhida, repousar na posição conquistada, chegar a ver o fruto do bem semeado. É preciso limitar a poderosa Sefhira da Vitória (Netzah) pela passiva Sefhira da Glória e da Paz: Hod.

A misteriosa Sefhira Hod apresenta um complexo aparentemente paradoxal: a ausência de movimento e a presença da vida. Viver, para nossa compreensão, limitada pelo plano físico, quer dizer mover-se, encontrar novas encruzilhadas, etc. A Sefhira Hod nos apresenta algo como se fosse a concentração de vida sem nenhum movimento. Isso é um grande mistério que pode ser apreendido somente em estado de êxtase.

A Vitória e a Glória se neutralizam na Sefhira Yesod, Sefhira da Forma andrógina e concluída, a base de tudo que

* Nas palavras Chesed, Pechad, assim como em outros nomes e palavras hebraicas o "ch" deve pronunciar-se como o h gutural do árabe ou o "ch" do alemão.

é concreto, materializado (“Fundamentum omnium rerum”). De fato, para que a Forma possa existir, ela deve ser **escolhida, destacada** (a Vitória, na escolha), sancionada e consolidada (Glorificação, Paz).

Este é o processo da formação da 9ª Sefhira, Yesod, cujo reflexo no mundo materializado, Olam ha Aziah, é a Sefhira Malkut, que contém em si o estado embrionário do mundo concreto, habitado por nós.

Assim, teremos a seguinte distribuição dos Membros da Segunda Família mística:

KETER — o MACROPROSOPO, a COROA
 HOKMAH — o Pai, a Sabedoria
 BINAH — a Mãe, a Razão

CHESED ou GEDULAH
 PECHAD ou GEBURAH
 TIFERET
 NETZAH
 HOD
 YESOD

O MICROPROSOPO

MALKUT — a Esposa ou Noiva do MICROPROSOPO.

Chamamos a atenção para o sistema das projeções dos Sefhiroth nos três pilares verticais, que muito pode ajudar a nossa compreensão.

No pilar do meio — o neutro (N) — o Sopro de Logos, a Grande Coroa, projeta-se, desde o Nome do Arquétipo, no princípio da **Beleza**. A Beleza se reflete na **Forma**, e esta, no mundo concreto.

No pilar da direita, o masculino (+), a Sabedoria ensina a **Misericórdia** e prepara a **Vitória**.

No pilar da esquerda, o feminino (—), a **Razão** das coisas, ensina a **Justiça** (ou Severidade) e conduz à **Paz** (ou Glória).

Cada uma das Sefhiroth da Segunda Família pode ser analisada separadamente, por si mesma, pois, cada uma constitui, por sua vez, um sistema fechado e possui suas próprias manifestações sephiróticas. Essas manifestações, de novo, podem ser analisadas segundo o esquema sephirótico, e assim por diante. Com base nisso, podemos servir-nos deste sistema como de um padrão para analisar os elementos que encontramos no decurso de nossos estudos do esoterismo.

Antes de passar aos exemplos de tais análises, falemos um pouco daquilo que os cabalistas chamam de “**caminhos**”

do sistema sephirótico” ou seja, passagens possíveis de uma Sefhira a outra. Há vinte e dois destes caminhos, correspondendo ao número dos signos do alfabeto hebraico e os cabalistas distribuem-nos segundo um dos esquemas seguintes (figura 36 e 37):

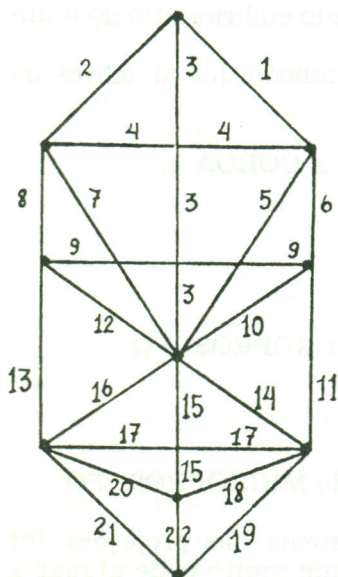


Figura 36

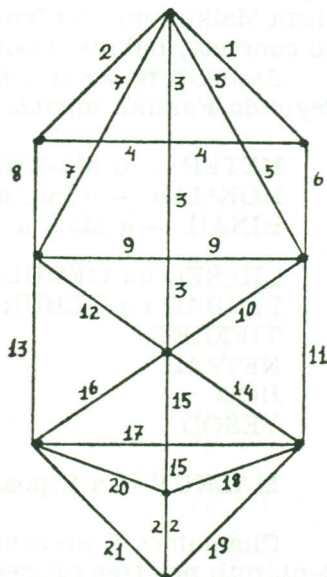


Figura 37

Esboçemos alguns processos “diabáticos”*, métodos que permitem realizar passagens difíceis de uma Sefhira a outra, mediante Sefhiroth intermediárias. Estes processos podem ser ascendentes ou descendentes. Tomemos exemplos de ambos.

1º Exemplo

Processo diabático normal, descendente ou criação de um mundo.

A idéia geral do conhecimento (Coroa) se divide em campo da ânsia de conhecer (Sabedoria) e em campo a ser conhecido (chamado Razão das coisas). Em cada sistema da criação do mundo, o último campo é delimitado e, por isso mesmo, delimita o primeiro. A descida, nesse processo, começa

* Palavra de origem grega, significando: passar através de.

pelos caminhos 1 e 4. Percorrendo mais uma vez o caminho 4, voltamos à Sephira da Sabedoria (Hokmah). Descendo pelo caminho 6, refletimos a Sabedoria pela Misericórdia (Gedulah), o que devemos imediatamente equilibrar pela Sephira da Justiça (ou Severidade): Geburah, utilizando para isso o caminho 9. Então, passando pelo caminho 12, poderemos criar a Harmonia e a Beleza. A aspiração à beleza absoluta, conduzir-nos-á facilmente (pelo caminho 14) às Vitórias constantes na escolha acertada das formas. Aparecerá o desejo (pela ligação 17) de fruir da Glória — resultado da Vitória — ou simplesmente o desejo de repousar, gozando determinadas formas. Estas continuarão a chegar a nós (pelo caminho 20) e conduzir-nos-ão à Sephira Yesod. Completamos o processo, envolvendo as formas, isto é, tornando-as concretas, o que corresponderá a descida (pelo caminho 22) à Sephira Malkut.

2º Exemplo

Um processo diabático normal, ascendente.

Estudando o mundo concreto (o Reino), o homem alcança a Sephira das Formas (Yesod), isto é, ele não mais necessita manipular o denso, pois passa a manipular, em sua imaginação, as formas intrínsecas. Assim, ele percorre o caminho 22. Todavia, precisa vivificar essas formas, mantendo-as num ambiente exaltado, iluminando-as pela luz da Glória. Ele passa, assim (pelo caminho 20), à Sephira Hod. A iluminação dessas Formas, permitir-lhe-á distinguir nelas as polaridades do bem e do mal, do claro e do escuro, do sutil e do denso, etc. Fazendo-o, ele seguirá o caminho 17 e preparará a Vitória da Sephira Netzah. Essa Vitória, ou seja, a avaliação correta das Formas, de suas polaridades e do relacionamento destas o levará (pelo caminho 14) à aspiração de criar Harmonia (Sephira Tiferet) entre ditas polaridades, isto é, neutralizar os binários. Um nítido conhecimento dos últimos, encaminhará o homem (pelo caminho 12) à Sephira da Severidade (ou Justiça). A primazia dada aos polos positivos, que caracteriza um Vencedor, lhe permitirá equilibrar a Justiça com a Misericórdia (caminho 9). No entanto, ele terá de levar em conta, simultaneamente, os dois elementos: Justiça e Misericórdia. Isso o obrigará a voltar (pelo caminho 9) à Justiça e a compreendê-la plenamente, como sendo um severo respeito à Lei. Meditando sobre a Lei, descobrirá que a edificação dos esquemas do Universo, ordenados estritamente conforme a Lei, **determina o finito** das esferas materializadas. Isso o transportará (pelo caminho 8) à Sephira da Ra-

zão (Binah). A meditação sobre aquilo possível de ser conhecido, o fará comparar o mundo subjetivo com o mundo objetivo, conduzindo-o, sem que perceba (pelo caminho 4), à Sefhira Hohmah: procura do conhecimento. Daí, levado por sua aspiração à Sabedoria em geral, ele entrará com facilidade no caminho 1, elevando-se a Sefhira Keter, a Coroa do poder mental. Além da Coroa podem existir apenas tentativas de captar um raio de Luz Eterna da Primeira Família.

3º Exemplo.

Subida pelos caminhos centrais.

Um cientista, estudando no plano denso, eleva-se gradualmente (pelo caminho 22) ao estudo das Formas. O pleno conhecimento destas, mesmo na ausência do elemento da inspiração, pode levá-lo a compreender o princípio da Beleza (Sefhira Tiferet). Essa passagem, difícil mas possível, chama-se o caminho do poder astral. Mais adiante, vem a subida à Coroa do Mundo das Idéias — Keter — pelo caminho 3, que poderia ser chamado o leito pelo qual flui o manancial da criatividade astral. Neste caminho, o homem, lidando constantemente com as Leis, pode, às vezes, captar os Princípios.

Pensamos que estes exemplos são suficientes para que cada um possa tentar esboçar outros meios de passagens pelos caminhos. Essa ocupação faz parte das mais úteis meditações. Os rabinos da Idade Média se consagravam a ela com grande assiduidade.

Passemos agora aos exemplos da divisão dos sistemas fechados nos seus atributos sephiróticos.

Exemplo do campo da Teurgia.

Plano Mental.

Chamamos atuação teúrgica uma tentativa bastante séria, planejada e racional de agir no plano do Arquétipo sobre os fluxos mentais do Universo, com a finalidade de produzir ou acelerar determinadas formações astrais ou manifestações físicas. Em outras palavras, a “mens” do teurgo entra em contato com o Arquétipo, para realizar, através Dele, algo astral ou concreto.

O tipo mais elementar de uma operação teúrgica é aquilo que chamamos **oração**.

As orações são mais ou menos complicadas, conforme a cosmovisão daquele que reza e a finalidade da prece. A oração que não contém pedido particular, pois procura somente

um contato com o Arquétipo a fim de poder receber Influxos Superiores para todos os planos das manifestações vitais, reflete a cosmovisão da pessoa que ora. Poderíamos dizer que, neste caso, ela apresenta uma **fotografia teúrgica do Microcosmo operante**. Conseqüentemente, a oração de um cabalista apresentará um sistema fechado, divisível segundo o esquema Sefhirótico do Universo. Tal é a Oração do Senhor.

PATER NOSTER QUI ES IN COELIS, a invocação: Pai Nosso que estás no Céu, corresponderá, por analogia, ao mais alto, ao que está além de todas as Sefhiroth da Segunda Família. O próprio termo "in coelis" (no céu) aponta "o lugar" Daquele a Quem é dirigida a prece, lugar mais elevado do que o chamado "Horizon Aeternitatis" (Horizonte da Eternidade).

Essa invocação está conforme a tese básica da teurgia, ao afirmar que cada oração se dirige ao Ain-Soph e não a uma das Sefhiroth ou algum órgão de uma Sefhira. A oração **ascende** através de todas as Sefhiroth do Universo. Às vezes ela pode ser reforçada por um apelo a um intercessor, mas esta intercessão desempenha o papel de um pequeno riacho juntando-se ao rio e fluindo também na direção do incomensurável oceano de Ain-Soph.

SANCTIFICETUR NOMEN TUUM (santificado seja Teu Nome), o primeiro pedido que significa: santificada seja tua Coroa (Keter), isto é, o Grande Arcano de Tua Manifestação Emanacional no plano metafísico. "Santificado seja" quer dizer que os místicos, na sua busca, não perdem de vista o ápice do Triângulo Evolutivo.

ADVENIAT REGNUM TUUM (venha a nós o Teu Reino), o segundo pedido, isto é, o reino da Harmonia das Formas (Sefhira Tiferet) tanto no coração de quem ora, como no astrosoma do Universo.

FIAT VOLUNTAS TUA SICUT IN COELO (que Tua vontade seja feita no Céu) terceiro pedido que significa: inclino-me diante da Grande Lei Iod-He-Vau-He do mundo metafísico, o meu mental aspirando participar na aplicação dessa Lei (a esfera da Sefhira Binah que contém em si a Razão das coisas, regida pela Lei mencionada).

... **ET IN TERRA** (como na Terra), quarto pedido, que quer dizer: ... e na criação astral de manifestações éticas, conforme a Lei, da Sefhira da Justiça (Geburah).

PANUM NOSTRUM QUOTIDIANUM DA NOBIS HODIE (o pão nosso de cada dia dai-nos hoje), quinto pedido. O

que é o “pão de cada dia”? O “pão” é a possibilidade de conhecer a vida através da forma, das experiências “de cada dia”. “Hoje”, quer dizer, desde a última escolha do caminho (do Arcano VI) e até a escolha seguinte. O pedido, como podemos ver, refere-se à vida na Sefhira Hod, o período de repouso que se segue às tentações e à Vitória.

ET DIMITTE NOBIS DEBITA NOSTRA (e perdoa as nossas faltas) o sexto pedido significa: aplique a nós o Princípio da Sabedoria expansiva (Sefhira Hohmah) ...

... SICUT ET NOS DIMITTIMUS DEBITORIBUS NOSTRIS (assim como nós perdoamos aos nossos devedores), o sétimo pedido cuja significação é: ... que esta possa se refletir em nossos astrosomas, como Misericórdia para com nosso semelhante (Sefhira Chesed).

ET NE NOS INDUCAS IN TENTATIONEM (e não nos deixeis cair em tentação), oitavo pedido, ou: livrai-nos dos encontros demasiadamente freqüentes com o Arcano VI, tão perigosos para o resultado da nossa encarnação (Sefhira Netzah) ...

... SED LIBERA NOS A MALO (mas livrai-nos do mal, o nono pedido, dizendo: e mesmo livrai-nos, se possível, do contato freqüente com clichês que poderiam atrair-nos à senda negativa (o mal), no campo do mencionado Arcano VI (Sefhira das Formas e clichês: Yesod). O “mal” neste pedido é simplesmente uma personificação da tendência de deturpar ao infinito os reflexos do Absoluto. O “diabo” esotérico, o “pai da mentira” é o pretexto que permite criar, complicar e “aperfeiçoar” sempre mais a mentira. Mais adiante aprenderemos que tal “aperfeiçoamento” da mentira não pode ser levado até o infinito, que é possível incorrer na mentira, na maldade, na depravação, apenas até certos limites; que o processo da imersão progressiva na mentira conduz obrigatoriamente a uma volta à Verdade. No entanto, o caráter ilusório do “diabo” não lhe impede de possuir seus servidores. Este fato é ilustrado pelas mitologias de todas as raças, nas quais encontramos diversas personificações do pólo oposto da Verdade e do Bem Absoluto.

Nessa análise vemos que a Oração do Senhor é uma passagem através das nove Sefhiroth; o esquema dessa análise (figura 38) baseia-se no primeiro sistema (figura 36) dos caminhos sephiróticos.

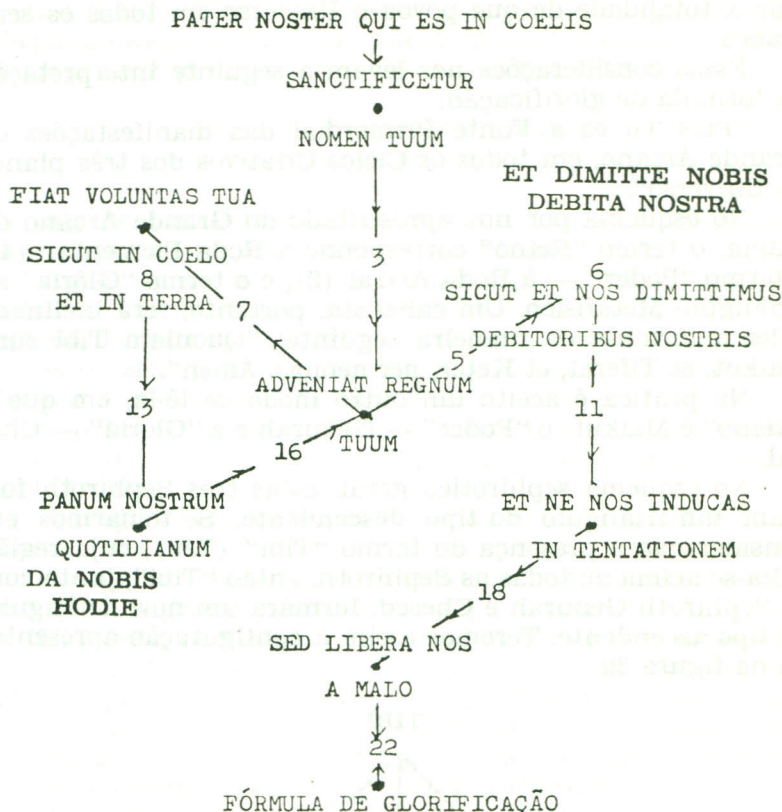


Figura 38

A Igreja Ortodoxa conclui a Oração por uma fórmula de glorificação, dada, muito provavelmente, pelo Apóstolo João, e que simboliza a manifestação da Coroa (Keter) na décima Sefhira (Malkut), completando assim uma realização mágica do Grande Arcano Metafísico. O texto dessa fórmula, traduzido do grego para o português, diz: “Pois Teus são o Reino, o Poder e a Glória nos Eões. Amém”.

O termo “Eões” é encontrado nos ensinamentos dos Gnósticos. Ele se refere a determinados ciclos, separados e personificados, de uma série básica e dinâmica, constituindo o esquema da criação de tudo quanto existe. É uma série de sistemas individualizados, fechados, cada par possuindo polarizações positiva e negativa, e multiplicando-se conforme a lei Iod-He-Vau-He ou, para ser mais exato, Iod-He-Iod-He. A totalidade de todos os Eões, no sentido acima explicado, equi-

vale à totalidade de que povoa o Universo em todos os seus planos.

Essas considerações nos levam à seguinte interpretação da fórmula de glorificação:

“Pois Tu és a Fonte Primordial das manifestações do Grande Arcano, em todos os Ciclos Criativos dos três planos do Universo”.

No esquema por nós apresentado do Grande Arcano da Magia, o termo “Reino” corresponde à Roda Elementar (4), o termo “Poder” — à Roda Astral (2), e o termo “Glória” ao Triângulo Metafísico. Um cabalista, portanto, será inclinado a ler a fórmula da maneira seguinte: “Quoniam Tibi sunt Malkut, et Tiferet, et Keter, per aeonas. Amen”.

Na prática é aceito um outro modo de lê-la, em que o “Reino” é Malkut; o “Poder” — Geburah e a “Glória” — Chesed.

No esquema sephirótico geral, estas três Sephiroth formam um triângulo do **tipo descendente**. Se tomarmos em consideração a presença do termo “Tibi” (Teu), cuja região acha-se **acima** de todas as Sephiroth, então “Tibi”, junto com as Sephiroth Geburah e Chesed, formará um novo triângulo, de **tipo ascendente**. Teremos assim a configuração apresentada na figura 39.

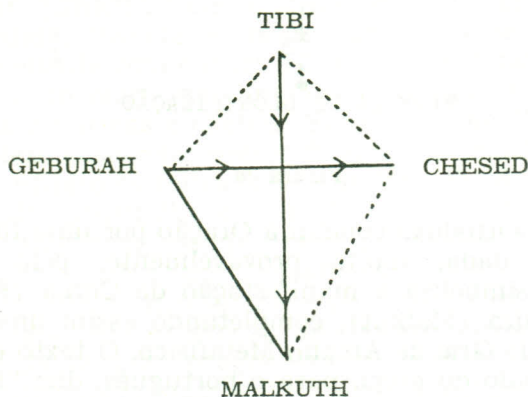


Figura 39

Os quatro termos dessa figura formam uma cruz, cuja projeção sobre uma pessoa que ora, se faz do modo seguinte: o vértice (Tibi) é projetado sobre a testa; Malkut — sobre o plexo solar; a terceira ponta da cruz (Geburah) no ombro, à esquerda; e a quarta ponta (Chesed) no ombro, à direita. Podemos, também, delinear o signo da cruz em nós mesmos,

pronunciando simultaneamente a fórmula de glorificação. Chegando às palavras "per aeonas. Amen" é costume juntar as mãos num gesto expressando a concentração.

Exemplo do campo da magia. Plano Astral.

Apresentamos já, no Arcano V, um breve esboço do processo de auto-sugestão, segundo o método alemão.

Agora, como exemplo da análise sephirótica dos sistemas fechados, vamos aplicá-la ao processo geral de sugestão, quer seja ela dirigida ao astrosoma do próprio operador, aos astrosomas de seus órgãos particulares e respectivas células, ou aos astrosomas de outras pessoas.

O papel da Primeira Família, neste processo, será desempenhado pela livre vontade do operador, na sua qualidade de Pentagrama.

A própria idéia da sugestão corresponderá a Keter do esquema. Essa idéia, contendo em si a concepção da manifestação que queremos obter, será a Hokmah do processo, e o campo a que a sugestão é dirigida, ou seja, a quem ou a que a sugestão é feita — o Binah da operação. Estas três Sephiroth, juntas, constituirão a parte mental do processo volitivo que está se operando. O conteúdo da sugestão agirá sobre o aspecto emocional do plano astral da sugestão, criando uma emoção que, devido ao próprio poder da sugestão, transmitir-se-á ao paciente. Isso corresponderá a Chesed.

Todavia, uma emoção, em geral, como conseqüência de uma sugestão, se desenrola diversamente em pacientes diferentes, podendo divergir não apenas em sub-tons emocionais mas mesmo na sua composição básica. Aquilo que fará alguém zangar-se, poderá apenas surpreender um outro e, num terceiro, provocará uma disposição meditativa afável. Essa reação emocional subjetiva, junto com as leis que a dirigem, será o Geburah do processo analisado.

As duas Sephiroth — Chesed e Geburah — devem ser, naturalmente, neutralizadas por sua Tiferet, isto é, pela imagem geral da totalidade emotiva do processo, perceptível pela "mens" do operador como desenrolando-se no presente e não no futuro (lembramos o que foi dito no Arcano V).

Passemos agora à parte da sugestão relativa à forma. A Netzah da operação será tudo que constitui um impedimento na transmissão da sugestão, e que deverá ser vencido, seja na natureza do paciente, seja no seu ambiente.

A Sephira Hod corresponderá ao grau da Vitória obtida na Sephira precedente ou, em outras palavras, corresponderá

àquilo com que nos contentaremos na realização da nossa sugestão. Um exemplo explicará melhor: sugerindo a um doente que ele pode mover o pé, até então imobilizado, devemos imaginar com qual demonstração de mobilidade nos contentaremos, com qual resultado terminaremos a sessão ou o ciclo de cura.

De acordo com a Lei do Ternário devemos neutralizar as últimas duas manifestações — a da Sefhira Netzah e a da Sefhira Hod — por uma imagem geométrica, clara e exata, da realização do sugerido. Isso corresponderá à Sefhira Yesod. Essa imagem, torno a repetir, deve se referir ao **presente**, ao atual, e não ao futuro.

Falta-nos ainda constatar a presença da concreta Malkut. Sabemos, pelo que foi dito anteriormente, que essa última parte do processo é constituída por elementos de manifestação vocal, voz alta ou sussurro, gestos ou movimentos (por exemplo: trocar de lugar) feitos pelo operador. A síntese dessas manifestações, acessíveis aos órgãos dos sentidos, será a décima Sefhira — a Malkut do nosso processo de sugestão.

Exemplo de caráter realizador

O plano astral inferior é adjacente ao físico e, com respeito às manifestações, inseparável dele.

Imaginemos um pentagrama encarnado, atuando por emanção e receptividade de seus centros magnéticos, ódicos. Estes centros estão inseparavelmente ligados a certos centros físicos do corpo humano.

O ponto do meio, entre as sobrancelhas, corresponde à magnética Keter. O processo de meditação, em sua parte física, está ligado ao aspecto passivo. Quando utilizamos ativamente o olhar central, operamos através de dois eixos de fixação: o da nossa Hokmah (olho direito) e o da nossa Binah (olho esquerdo), unidas pela atividade mental de Keter.

Se quisermos, poderemos, com o nosso olhar central, atacar apenas a Hokmah de nosso adversário, paralisando a atividade da sua Keter; ou apenas Binah, paralisando sua receptividade. Podemos também, defender-nos contra o olhar central alheio com um olhar nos olhos do adversário, subjugando Binah alheia com a nossa Hokmah e submetendo voluntariamente a nossa Binah à Hokmah alheia, deixando assim a vitória à mais poderosa das duas Keter, a dele ou a nossa, que atuam através de seus órgãos polarizados (Hokmah e Binah). Se quisermos, na esfera dos três centros mágicos, receber uma

sugestão alheia, abaixamos os olhos e concentramo-nos passivamente, submetendo a nossa Keter à atuação do operador.

O acima dito refere-se à polarização masculina dos fluidos, e nestes casos o magnetismo da mão direita corresponde a Sefhira Chesed; o magnetismo da mão esquerda — a Geburah. O reservatório magnético do plexo solar será a Tiferet. Deste reservatório dos fluidos positivos e negativos poderemos nos utilizar quando quisermos. A Sefhira Netzah corresponderá à ação de impedir o desgaste das radiações do pé direito (negativas), a fim de utilizar de um outro modo as energias assim poupadas. A operação inversa em relação ao pé esquerdo (positivo) será a Sefhira Hod. O papel desempenhado pelo reservatório da energia ódica dos órgãos sexuais corresponderá à Sefhira Yesod. Quanto a Sefhira Malkut, sua correspondência será a receptividade magnética da nuca e das costas, em direção dos quais freqüentemente são dirigidos o olhar central do operador e as emanações ódicas de suas mãos.

É preciso também mencionar o umbigo que, em nosso esquema, corresponde à região central do canal que une Yesod a Tiferet. O umbigo não é um centro emanante, mas ele é extraordinariamente vampírico, tanto em relação às emanações positivas, quanto as negativas de um emanador ódico que com ele entre em contato (por exemplo: um dedo). Essa característica do umbigo é utilizada para fins terapêuticos.

Um ponto emanante do curador é posto em contato com a região do umbigo do doente, e um outro ponto emanante do curador, mas de polarização oposta, é também posto em contato com um outro centro sephirótico do doente, estabelecendo assim uma corrente. A escolha do segundo ponto, como a da direção da corrente, depende do mal que está sendo combatido. Essa escolha se faz conforme as indicações cabalísticas.

Aplicação da análise sephirótica a uma complicada manifestação de caráter ético geral

Já mencionamos que a análise sephirótica pode ser aplicada a um órgão particular, fazendo parte de algum sistema fechado maior se, por sua vez, este órgão puder ser considerado como sendo também um sistema fechado, sob um ou outro ponto de vista. Diremos mais: qualquer esfera, qualquer

região pode ser analisada sephiroticamente, na medida em que for considerada como um sistema fechado, mesmo não podendo ser chamado de uma “entidade”.

Experimentemos aplicar uma análise sephirótica àquilo que na linguagem comum se chama “virtude” e que, geralmente, é considerado como uma concepção abstrata.

Estudemos como o grande hermetista Henrique Kunrath a decompunha sephiroticamente.

Segundo ele, Keter da manifestação “Virtude” seria a Pureza que, naturalmente, possui um caráter sintético. O pólo positivo — Hokmah — desta Keter será a Bondade. A Bondade sofrerá limitação pelo pólo negativo de Keter (Binah), e será a Prudência.

No mundo seguinte da Árvore Sephirótica — o mundo Olam ha Briah — a Bondade será refletida como o elemento Misericórdia (Chesed), e a Prudência — como o elemento Coragem (Geburah). O binário destes últimos elementos fará nascer o termo médio — a Tiferet do sistema, que será a Paciência. Assim, teremos todo o Olam ha Briah do sistema, ou seja, Chesed, Geburah e Tiferet.

Que a Bondade se reflita como Misericórdia no esquema de Kunrath, não é surpreendente.

Que a Pureza, em seu pólo positivo se manifeste como Bondade, e, no seu pólo negativo como Prudência, também não é difícil de compreender. A Bondade pode ser vista como desejo de proteger um outro ser do perigo da queda, e a Prudência — como idéia de se proteger a si mesmo.

Se a Prudência tem como fonte a Pureza, então a auto-proteção pode ir até o manifestar-se como coragem na auto-defesa. A composição da Paciência é fácil de compreender.

Passemos ao mundo seguinte — Olam ha Yezirah — do sistema.

A Sephira Hod será constituída pelo reflexo da Coragem nos planos astrais, isto é, planos das Formas. Segundo Kunrath, ela se manifestará como Humildade (Humilitas). A Sephira Netzah, segundo ele, manifestar-se-á como Justiça (naturalmente no sentido de atribuir a cada um aquilo que lhe cabe). O papel do elemento neutralizador Yesod, será desempenhado pela Temperança, que bem merece ser chamada a filha do casal Justiça — Humildade.

A concreta Malkut deste esquema, Kunrath vê como sendo o Temor de Deus.

Acabaremos nossa série de exemplos com a declaração de que neste curso, na medida de nossas capacidades e possibilidades, procuraremos analisar sephiroticamente os assuntos abrangidos por nossos estudos. Assim o faremos tanto por causa das reais vantagens deste sistema, como pelo nosso desejo de dar a este ensino um caráter cabalístico.

Deixaremos por enquanto de lado a decomposição $10 = 1 + 9$, que já nos deu um material tão abundante, para dirigir a nossa atenção a outras interpretações aritméticas do X Arcano Maior.

$10 = 2 + 8$. A Gnose (2), ou seja, o nosso estudo do Absoluto, pode e deve influenciar o lado formal e legal (8) da nossa Cabala. Isso será claramente visto quando estudarmos o esquema geral construtivo do Tarô.

$10 = 8 + 2$. O meio-ambiente estabelecido (ou legalidade) (8), seja ele geral, seja particular, influi, não apenas sobre as formas do estudo, mas também sobre a sua essência. Em outras palavras, as escolas ou ensinamentos pertencentes a um ambiente particular introduzem amiúde nos sistemas gerais, as concepções formadas na esfera mais limitada do seu próprio ambiente. No caso de estudos cabalísticos, essa decomposição pode ser interpretada como o uso de um sistema particular de cálculos cabalísticos, dentro do sistema iniciático geral que estamos estudando. Como exemplo, vamos citar a onomantia ou aplicações cabalísticas aos alfabetos cujo número de letras difere do hebraico.

$10 = 3 + 7$. Essa é a divisa das Escolas Teosóficas que procuram desenvolver, em primeiro lugar, nos seus adeptos, a intuição mental em relação às causas primordiais (3) para que isso, automaticamente lhes permita orientarem-se ulteriormente dentro do campo das causas secundárias (7).

$10 = 7 + 3$. Divisa das Escolas Mágicas que recomendam, em primeiro lugar, conhecer a esfera de atividade das causas secundárias (7), como base para a passagem ulterior às causas primárias (3).

$10 = 4 + 6$. Essa fórmula aritmética expressa a seguinte tese: as quatro Sefirot da coluna central têm primazia sobre as seis Sefirot polarizadas. De fato, para caracterizar brevemente o processo do surgimento do Universo, basta enumerar as quatro Sefirot do meio: a Coroa, a Harmonia, a Forma, e o germe do Mundo Concreto. As seis Sefirot res-

tantes não nos permitem compreender o relacionamento dos elementos do Universo, enquanto não levamos em consideração, para cada par, a Sefhira do meio.

$10 = 6 + 4$. Isto quer dizer que, na Cabala, o Hexagrama de Salomão (6) é superior à Rota Elementar (4) ou, em outras palavras, que a essência do assunto não está na realização dos símbolos, mas sim, na sua interdependência astral. Não importa que alguém possua as 22 lâminas do Tarô, uma outra pessoa — as 22 letras do alfabeto hebraico, e uma outra ainda — os 22 hieróglifos; o importante é que, pelos métodos determinados e semelhantes, tanto uma como a outra pessoa, saibam relacionar estes signos entre si, com a plena compreensão de sua essência.

$10 = 5 + 5$. Isto significa: 5 oposto a 5, e expressa uma certa ligação, um certo relacionamento entre duas partes de uma totalidade. As dez Sefhiroth da Segunda Família, como sabemos, agrupam-se em cinco Pessoas Místicas: o Macroprosopo, o Pai, a Mãe, o Microprosopo e sua Esposa (ou Noiva).

Estas, por sua vez, refletem suas influências ou, poderíamos dizer, possuem seus plenipotenciários, em todos os sistemas fechados do Universo, e por isso mesmo, também em cada entidade individual da atual humanidade, ou seja, da humanidade decaída, isto é, que se afastou da sua pureza inicial.

Quando chegarmos à história dessa queda, veremos que outrora, no estado primordial, buscávamos um ponto de suspensão nas alturas radiantes, e não, como acontece agora, um ponto de apoio no mais denso, na matéria, esse aglomerado de ilusões.

Sendo assim, não devemos nos surpreender pelo fato de que, no diagrama cabalístico tradicional, que apresenta o modo com que as Pessoas Místicas Superiores se refletem na composição do homem individual, atual, estes reflexos se encontrem numa ordem hierárquica invertida.

Na composição do homem, o Macroprosopo se reflete no elemento Nephesh (fig. 40) que corresponde à região limítrofe entre o sistema nervoso (o plano físico) e a receptividade inferior astral (plano astral). O Pai se reflete no elemento Ruach — a alma, no seu sentido próprio, ou seja, o complexo de paixões e desejos, unido à capacidade de criar formas e de apreendê-las e classificá-las.

A Mãe se reflete no elemento Neshamah, ou aquilo que, na linguagem comum, chamamos de razão, de intelecto, de humanitarismo idealístico, etc.

O Microprosopo se reflete no elemento Chaiah — esta parte do homem que pode levá-lo à vivência da bem-aventurança espiritual.

A Esposa (ou Noiva) é refletida no elemento Yehidah — aquilo que une o homem ao Divino.

Vemos que na enumeração cabalística dos elementos que compõem o ser humano não entram os puramente materiais: o seu corpo, a força vital do sangue, etc. A enumeração limita-se a abranger apenas aquilo que determina o caráter da circulação do fluido nervoso, ou seja, o elemento chamado “Nephesh” — a “alma animal”, o mais inferior de todos os elementos enumerados. Assim, a Cabala está permeada pela idéia de que o homem, embora decaído, encontra-se mais fortemente ligado ao Céu (pelo elemento Yehidah) do que com a Terra (pelo elemento Nephesh).

Para uma ilustração mais clara do exposto, apresentamos no quadro II estes elementos e suas características.

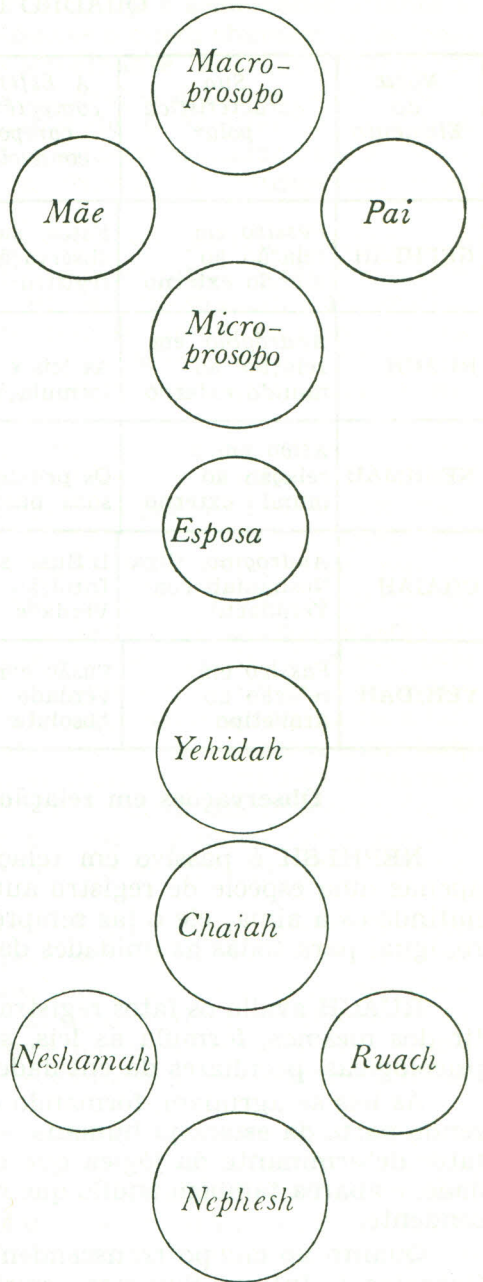


Figura 40

QUADRO II

Nome do Elemento	Sua característica polar	A Esfera da competência no campo do conhecimento	Manifestações no ser humano (termos geralmente usados)
NEPHESEH	<i>Passivo</i> em relação ao mundo externo	Fatos, sua observação e registro	Espécie
RUACH	<i>Andrógino</i> em relação ao mundo externo	As leis e sua formulação	Personalidade
NESHMAH	<i>Ativo</i> em relação ao mundo externo	Os princípios e suas bases	Mentalidade Humana
CHAIHAH	<i>Andrógino</i> (liga Neshamah com Yehidach)	Influxo superior. Intuição da Verdade.	Emanações dos Princípios Divinos
YEHIDAH	<i>Passivo</i> em relação ao Arquétipo	Fusão com a Verdade Absoluta	Identificação com o Arquétipo

Observações em relação ao quadro II

NEPHESEH é passivo em relação ao mundo externo; é apenas uma espécie de registro automático dos fatos, transmitindo-os à alma; ele o faz sempre do mesmo modo rotineiro, igual para todas as unidades da mesma espécie.

RUACH avalia os fatos registrados por Nephesh e, a partir dos mesmos, formula as leis, segundo as características psicológicas, peculiares da entidade receptora.

As leis se agrupam, formando concepções e opiniões, fazendo parte da esfera já humana — o NESHAMAH. Este é o fator determinante da lógica que é comum a toda humanidade, e abarca também aquilo que chamamos o campo transcendente.

Quanto ao campo transcendental, nele aparecem já influências do Influxo Superior, espiritual — CHAIHAH, que pode levar o homem a reconhecer em si mesmo o elemento YEHIDAH.

Numa mesma espécie, o Nephesh é semelhante quanto a todos os seus indivíduos. Naqueles a quem chamamos de “pessoas parecidas” o Ruach é semelhante. A argumentação lógica torna-se possível somente graças à presença do Neshamah, comum a toda a humanidade. A compreensão mútua e a solidariedade fraternal dos bem-aventurados deve-se à semelhança, neles, do elemento Chaiah. A Reintegração final é possível graças a Yehidah.

Na Cabala, o Neshamah (no seu sentido limitado), o Chaiah e o Yehidah — os três em conjunto — são freqüentemente chamados simplesmente de “Neshamah”, no sentido amplo deste termo. Este Neshamah amplo corresponde, na terminologia por nós adotada, à “Mens” ou ao mental. O Ruach corresponde ao que chamamos de “astrosoma”, e Nephesh — ao “fantasma”.

Tendo finalizado as decomposições aritméticas do Arcano, voltemos à sua imagem simbólica: a lâmina.

Sua parte central está ocupada por uma roda. Essa roda sintetiza várias representações, a mais típica das quais, para um profano, é a representação daquilo que chamamos “o moinho do mundo”. Este mói, no plano físico, os elementos das diversas vidas para que, a partir das mesmas, outras vidas possam crescer; às vezes ele tudo nivela; às vezes, pelo contrário, eleva um ser ou um país, em detrimento de outro. É uma roda implacável agindo rigorosamente conforme a Lei, no entanto, lamentavelmente ilusória; tão ilusória como todo o plano no qual atua. Um verdadeiro Hermetista observa o girar da roda com um sorriso de desdém. Ele se serve dela, se for preciso, para realizar sua Obra Alquímica, considerando-a como a “Rota Elementar” de Azoth, Enxofre, Sal e Mercúrio.

Todavia, na roda do Arcano X oculta-se também a Roda Astral. O seu movimento pode ser percebido e observado somente por pessoa cuja sensibilidade já se tenha refinado, tanto na especulação metafísica quanto no Hermetismo Ético. Essa roda, por seu girar, causa todas as modificações e transformações visíveis ou sutís e profundas do gigante complexo da vida no mundo.

Como já dissemos, para que os ensinamentos da Cabala pudessem ser conservados e transmitidos às futuras gerações, foram sintetizados e, sob forma de baralho, confiados tanto aos iniciados como aos profanos. Este baralho contém 78 cartas e chama-se Tarô ou Tarot dos Boêmios. Dele nos ocuparemos agora.

Entre essas cartas, 56 fazem parte dos chamados “Arcanos Menores” e as 22 restantes, dos “Arcanos Maiores”.

Os Arcanos Menores, em sua totalidade, desenrolam o esquema Iod-He-Vau-He no mundo de criação das formas, da Humanidade ainda **não decaída**. Para essa humanidade, a realização da Grande Obra era uma tarefa natural, um labor normal e costumeiro; um trabalho conscienciosamente realizado em todas as suas fases. Os Arcanos Maiores, pelo contrário, são relatos e mostram o caminho do Homem decaído que somente com o suor de sua testa, purificando sua concepção do mundo e transformando-se a si mesmo, pode voltar à Lei Iod-He-Vau-He, que para ele se tornara obscura. A humanidade atual tem que separar o joio do trigo e, pagando por seus erros, chegar às verdades relativas. Somente pela senda espinhosa destas relatividades, ela pode se elevar laboriosamente em direção do Absoluto, singrando a passagem estreita entre a Scylla do seu orgulho e a Charibda de seu desânimo.

Assim, podemos ver que apenas por um mal-entendido o termo "Menores" foi dado à série de 56 Arcanos.

Os Arcanos Menores, metafisicamente, são mais puros do que os Maiores. Além disso, podem, facilmente, ser divididos no sentido metafísico. O esquema de sua construção é bem claro. Um matemático diria que essas variáveis se acham numa estrita interdependência funcional.

Nos **Arcanos Maiores**, ao contrário, tudo parece confuso. Eles dão nascimento uns aos outros, seguindo algumas leis obscuras. São comparáveis às notas de um piano que podem ser afinadas em uma escala de terças, de quintas ou de oitavas, levando ao mesmo tempo em consideração que o afinador utiliza, para verificar a qualidade do seu trabalho, o ouvido humano imperfeito.

Abreviando, poderíamos dizer que, nos Arcanos Menores o clichê Iod-He-Vau-He se desenrola corretamente e que, nos Maiores, este desenrolar apresenta uma imagem confusa, deformada, adaptada ao mundo das ilusões e da compreensão limitada.

Ocupemo-nos, primeiramente, dos Arcanos Menores.

As 56 cartas do Tarô se dividem em quatro naipes, cada um contendo 14 cartas:

- Paus simboliza o Iod.
- Copas simboliza o primeiro He.
- Espadas simboliza o Vau.
- Ouros simboliza o segundo He.

Onde e em que Família podemos encontrar estes elementos?

Estabelecendo uma relação entre os quatro naipes e as quatro pessoas da Primeira Família (a Transcendental), acharemos que:

Paus corresponde à influência do Iod Superior — o Amor Transcendental. Essa influência se reflete em todas as Sephiroth da Segunda Família. Estudaremos o reflexo dessa, assim como de outras influências, apenas na Sephira Hohmah, onde, antes da queda, permaneciam as nossas almas, formando a síntese da humanidade — o Homem Universal.

Paus, portanto, são os relatos do que, nas almas, corresponde a este Iod, ou seja, ao Amor Ativo, descendente, que fecunda com sua radiação. Este Amor é o primeiro impulso para qualquer começo, dentro de qualquer sistema individualizado, fechado. Na Sephira Hokmah, ele será o impulso inicial das almas, em qualquer direção.

Copas corresponde ao reflexo do primeiro He — a Vida Transcendental, o Amor Superior, ascendente, atrativo — que ocupa o segundo lugar no baralho.

Espadas, o reflexo de Vau, a influência do Logos, traz de novo o elemento Amor, mas o Amor Andrógino, Amor que cria a nova vida, segundo a semelhança do seu próprio nascimento. O Vau, assim, manifesta-se como Arquitecto do Universo. Ele provém da união do Amor Ativo com o Amor Passivo, emanados do Ponto sobre o Iod, pela sua polarização. Movido pelo seu Amor ao que está acima, e agindo na semelhança do Ponto sobre o Iod, decidiu amar ativamente o que lhe está abaixo, tornando-se assim o Arquitecto do Universo. Espadas, portanto, simboliza a transmissão, pelo Logos, da Vida da Mãe, pelo poder do Amor, Amor este semelhante ao do Pai.

Ouros representa a influência do segundo He sobre as almas. O segundo He da Primeira Família é caracterizado pela emanção dos dez Sephiroth da Segunda Família. A emanção foi o primeiro estágio daquilo que, no plano físico, chamamos “realização”. Não esqueçamos no entanto, que a “realização” física constitui apenas uma tosca analogia da Emanção Primordial. O Transcendental manifestou-se pelo Transcendente; o Transcendente se fez conhecer pela Forma; a Forma condensou-se, fazendo surgir o denso. Para nossa comodidade, usaremos o termo “realização”, referindo-nos a Ouros.

Em cada um dos quatro naipes temos, primeiramente, quatro figuras. Elas simbolizam pessoas ativas, transmitindo a idéia do naipe. Além das figuras, cada naipe inclui outras dez cartas com valores, desde o um — o ás — até o dez. Essas cartas correspondem às dez Sephiroth da influência deste naipe.

Ocupemos-nos, primeiramente, das figuras dos quatro naipes. Cada naipe tem o seu Rei (o Iod), a sua Dama (o primeiro He), o seu Cavaleiro (o Vau) e o seu Valete (o segundo He). Este último é o servidor que transmite a influência do naipe. Nos baralhos modernos, os Cavaleiros foram suprimidos; há apenas o Rei, a Dama e o Valete.

Cada uma dessas figuras atua no campo de cada um dos dez Sephiroth do seu naipe, o que resulta em $4 \times 10 = 40$ combinações de influências. Portanto, o número de combinações para o baralho inteiro do Tarô será de 160, se, como foi proposto, nos limitarmos à análise dos reflexos da influência da Primeira Família, exclusivamente na Sephira Hokmah. Se analisássemos estes reflexos em todas as dez Sephiroth, teríamos 1600 tipos de influência.

No estudo presente daremos apenas uma breve explicação do papel das 16 figuras, assim como os "títulos" das cartas sephiróticas de valores numéricos de todos os quatro naipes.

Análise das 16 figuras das cartas

P A U S

1. O REI recebe o título de Pai, pois, ele é o chefe hierárquico, o ponto de partida de manifestação do PODER.
2. A DAMA é a esposa do Pai, indispensável para dar nascimento ao Cavaleiro.
3. O CAVALEIRO é o agente ativo que transmite o poder e opera através do Valete.
4. O VALETE é o servidor do PODER.

C O P A S

2. A DAMA é a carta principal deste naipe, pois ela representa o PRINCÍPIO DE ATRAÇÃO.
1. O REI é apenas o esposo da Dama, indispensável para dar nascimento ao Cavaleiro.
3. O CAVALEIRO é o intermediário que atrai à obra os elementos externos. Opera com a ajuda do Valete.
4. O VALETE é o servidor da ATRAÇÃO.

E S P A D A S

3. O CAVALEIRO é a carta principal deste naipe; é o agente que ativamente transmite a VIDA.
1. O REI é apenas o Pai do Cavaleiro.
2. A DAMA é apenas a Mãe do Cavaleiro.
4. O VALETE é o servidor na transmissão da VIDA.

O U R O S

4. O VALETE ou “SERVIDOR DOS FILHOS” é a carta principal do seu naipe. Não esqueçamos que a realização é avaliada segundo os resultados que traz.
1. O REI, ou o Pai Realizador e
2. A DAMA, ou a “DONA DOS FILHOS”, juntos, deram nascimento ao Cavaleiro.
3. O CAVALEIRO, agente ativo, unifica as individualidades que compõem os organismos complexos. As três últimas figuras permanecem no segundo plano, dando lugar de destaque ao Valete, o “trabalhador braçal”:

Figura 41

	Iod ou Paus	1.º He ou Copas	Vau ou Espadas	2.º He ou Ouros
IOD	Rei dos Paus ou Paus dos Paus	Rei das Copas	Rei das Espadas	Rei dos Ouros
HE	Dama dos Paus	Dama das Copas	Dama das Espadas	Dama dos Ouros
VAU	Cavaleiro dos Paus	Cavaleiro das Copas	Cavaleiro das Espadas	Cavaleiro dos Ouros
HE	Valete dos Paus	Valete das Copas	Valete das Espadas	Valete dos Ouros

Análise das cartas de valores numéricos

PAUS

1. O AS — representa KETER do naipe de Paus. É a síntese metafísica do AMOR ATIVO, irradiando para baixo. Essa idéia pode ser ilustrada pela Roda do Tarô, que não se põe em movimento sem o Primeiro Impulso do Amor Ativo. Sem este não haveria Universo, não haveria Tarô ou, para ser mais exato, a Roda dos Arcanos existiria apenas potencialmente, mas sem girar e não haveria ninguém para ser tocado por ela.

2. O DOIS — a Hokmah do naipe de Paus — corresponde à SABEDORIA do Primeiro Impulso e sua expansão, tal como é refletida na Sephira das Almas Humanas. Segundo Eliphaz Levi, isso representa a “ajuda do Salvador”. Ele se refere, sem dúvida, ao Grande clichê Iod-He-Shin-Vau-He, do qual já falamos.
3. O TRÊS — BINAH do naipe de Paus — é a RAZÃO DAS COISAS, limitando a sabedoria do Primeiro Impulso. Em outras palavras é o total do que esperamos do Clichê Redentor Iod-He-Shin-Vau-He, ou seja, a Reintegração.
4. O QUATRO — CHESED do naipe de Paus — corresponde à MISERICÓRDIA do Primeiro Impulso. É o reflexo do clichê Iod-He-Shin-Vau-He no campo da ética, no plano das Egrégoras e das finalidades astrais. É a influência Iod-He-Shin-Vau-He, expressando-se como centro da Egrégora, como Pai da Igreja.
5. O CINCO — PECHAD do naipe de Paus — é o aspecto SEVERIDADE, CONFORMIDADE à LEI do Primeiro Impulso, limitando sua misericórdia. Podemos nos perguntar o que limitará, por exemplo, a expansão mística, salvadora de uma Igreja ou uma comunidade de crentes. São as razões de caráter ético, talvez o desejo de fortalecer sua Egrégora, talvez um esforço para elevar o nível moral de seus membros, o que, em determinadas épocas poderia ser realizado.
6. O SEIS — TIFERET do naipe de Paus — é a HARMONIA, a BELEZA do Primeiro Impulso. É o filho nascido da totalidade unificada dos crentes que compõem uma Igreja e do valor ético da mesma. Isso expressa-se como apoio e reconforto que a Egrégora fornece aos seus adeptos. Tomando, como exemplo, a Igreja Cristã, encontramos nela muitos episódios impressionantes pela sua beleza, e provando a harmonia que reinava nos corações de seus mártires e outros seguidores abnegados. Esses episódios traziam um maior número de conversões do que a metafísica, pois o homem é mais atraído por Tiferet do que por Keter de uma Egrégora.
7. O SETE — NETZAH do naipe de Paus — é a VITÓRIA do Primeiro Impulso, ou seja, a vitória da Lei Hierárquica, a introdução da Hierarquia em tudo e por toda parte, isto é, o reconhecimento da única Medida de Grandeza.
8. O OITO — HOD do naipe de Paus — a PAZ, a GLÓRIA do Primeiro Impulso corresponde àquilo sobre o que se pode repousar após ter estabelecido o princípio hierárquico. Realizar essa paz, equivale a admitir o papel do

vértice no triângulo de Fabre d'Olivet, isto é, admitir a existência da Providência no Universo. A Providência, em cada ser humano, expressa-se pela voz da consciência. Tendo admitido o poder hierárquico, precisamos atender a voz da consciência; não podemos ignorá-la.

9. O NOVE — YESOD do naipe de Paus — é a FORMA do Primeiro Impulso, o resultado da coerência entre a admissão da Hierarquia, e a Paz, dada pela consciência. Yesod se manifesta pela ORIENTAÇÃO que adquirimos na vida, quando atendemos à voz da consciência, considerando-a como direção divina a nos guiar por intermédio dos seres nos diversos graus da escala hierárquica.
10. O DEZ — MALKUT do naipe de Paus — é a concretização do Primeiro Impulso, a encarnação da síntese dos elementos contidos em todas as Sephiroth; a síntese que nos possibilita elevarmo-nos do mundo denso à Idéia do Impulso Primordial.

COPAS

1. O AS — KETER do naipe de Copas — é a síntese metafísica de tudo o que introduz a VIDA TRANSCENDENTAL na Sephira Hokmah da Segunda Família; é a VITALIDADE, atraindo e captando o Primeiro Impulso.
2. O DOIS — HOKMAH do naipe de Copas — é a SABEDORIA DO AMOR ATRATIVO; o anseio de captar, através da Vitalidade, o Influxo Superior ou, em outras palavras, o anseio de se salvar.
3. O TRÊS — BINAH do naipe de Copas — limita essa aspiração; é a Bondade Divina expressa pelos elementos de Salvação, por Ela dados a nós.
4. O QUATRO — CHESED do naipe de Copas — é o reflexo do anseio de ser salvo. Este reflexo é expansivo e expressa-se como desejo de praticar o bem.
5. O CINCO — PECHAD do naipe de Copas — restringe a expansão acima referida; dá a continuidade em fazer o bem, todavia, sem ampliá-lo; dá a noção do dever, levando a não abandonar o já beneficiado. Faz avaliar exatamente as nossas afeições e saber claramente que e o que, e a quem e a que, nos sacrificaríamos em caso de necessidade.
6. O SEIS — TIFERET do naipe de Copas — é a paciência no trabalho altruísta que, por seu lado, é o fruto da união das duas Sephiroth precedentes.
7. O SETE — NETZAH do naipe de Copas — é a VITÓRIA, no campo do altruísmo, do sutil sobre o denso e do idealismo no amor.

8. O OITO — HOD do naipe de Copas — é a firmeza e constância do idealismo no amor.
9. O NOVE — YESOD do naipe de Copas — é a FORMA, já moldada, para o Amor atrativo.
10. O DEZ — MALKUT do naipe de Copas — é a síntese concretizada de todas as Sefirot deste naipe; é a realização da ação atrativa.

ESPADAS

1. O AS — KETER do naipe de Espadas — é o ponto de partida do processo de TRANSMISSÃO DA VIDA, da fecundação com os elementos vitais recebidos.
2. O DOIS — HOKMAH do naipe de Espadas — é a plena consciência das finalidades com que se transmite a vida.
3. O TRÊS — BINAH do naipe de Espadas — é o conhecimento nítido do sistema fechado (do moinho) ao qual se transmite a vida.
4. O QUATRO — CHESED do naipe de Espadas — é a equanimidade nas manifestações de transmissão da Vida. Essa equanimidade é o reflexo da consciência da finalidade dessa transmissão.
5. O CINCO — PECHAD do naipe de Espadas — é o planejamento dos efeitos da transmissão da Vida; este é o reflexo do conhecimento claro do sistema fechado ao qual a Vida é transmitida.
6. O SEIS — TIFERET do naipe de Espadas — é a beleza da Vida transmitida.
7. O SETE — NETZAH do naipe de Espadas — é a vitória do impulso transmissor da Vida sobre a inércia do meio-ambiente no qual ela é implantada.
8. O OITO — HOD do naipe de Espadas — é a adaptação dos resultados da vitória às características gerais do meio-ambiente.
9. O NOVE — YESOD do naipe de Espadas — são as formas do desenvolvimento da Vida transmitida.
10. O DEZ — MALKUT do naipe de Espadas — é a encarnação da Vida transmitida.

OUROS

1. O AS — KETER do naipe de Ouros — é o ponto de partida para a realização. É a **Matéria Primordial** (no campo alquímico); o **Astrosoma Primordial** (no campo Hermetismo Ético)
2. O DOIS — HOKMAH do naipe de Ouros — é a polarização da matéria (no campo alquímico); o grandioso **biná-**

- rio do Destino e da Vontade (no campo do Hermetismo Ético).
3. O TRÊS — BINAH do naipe de Ouros — é o princípio da **neutralização** dos polos (no campo alquímico); o **Triângulo de Fabre d'Olivet** (no campo do Hermetismo Ético).
 4. O QUATRO — CHESED do naipe de Ouros — é a **condensação** segundo a Lei Dinâmica (na alquimia); o **Quaternário Hermético**, simbolizado pela Cruz (no Hermetismo Ético).
 5. O CINCO — PECHAD do naipe de Ouros — é o **predomínio do princípio energético** (a quintessência) sobre os quatro elementos (na alquimia); o **nascimento do Pentagrama** (no Hermetismo Ético).
 6. O SEIS — TIFERET do naipe de Ouros — é o **estabelecimento de duas correntes**: a evolutiva e a involutiva (na alquimia); o **problema dos dois caminhos** (no Hermetismo Ético).
 7. O SETE — NETZAH do naipe de Ouros — é a **penetração do sutil no denso** (na alquimia); a **vitória do Três sobre o Quatro**, ou seja, do Espírito sobre a Forma (no Hermetismo Ético).
 8. O OITO — HOD do naipe de Ouros — é o **estabelecer dos períodos de formação**, ou seja, fases do aparecimento da Pedra Filosofal (na alquimia); a **lei condicional e o Karma natural** (no Hermetismo Ético).
 9. O NOVE — YESOD do naipe de Ouros — é o esquema geral da **evolução da matéria** (na alquimia) que se revela durante o processo chamado **sublimação**; o **quadro geral da Iniciação**, revelado pela transmissão por sucessão do **Influxo Superior** (no Hermetismo Ético).
 10. O DEZ — MALKUT do naipe de Ouros — é a **transmutação concreta da matéria** (na alquimia), isto é, a utilização do **Pó Vermelho**, já preparado, na transmutação da liga; a volta do Iniciado ao mundo, para se dedicar à **transmutação ética da sociedade humana** (no Hermetismo Ético).

Todos, com certeza, já perceberam que os Arcanos de valores numéricos do naipe de Ouros se assemelham muito, pelos seus títulos, aos dez primeiros Arcanos Maiores do Tarô, já por nós estudados.

A explicação disso é que o naipe de Ouros é a refração do Valete da Primeira Família e serve de "órgão" criador dos Arcanos Maiores, à semelhança dos Arcanos Menores.

Poder-se-ia dizer que os Arcanos Menores do naipe de Ouros correspondiam ao esquema do mundo, tal como este se apresentava diante da Humanidade antes de sua queda, en-

quanto que os dez primeiros Arcanos Maiores correspondem à compreensão das nossas verdades pela Humanidade já **decaída**.

Se pudéssemos purificar os primeiros dez Arcanos Maiores, tirando deles o envoltório que se formou ao seu redor, obteríamos os Arcanos de valores numéricos do naipe de Ouros, em sua sucessão natural.

Voltemos, mais uma vez, aos Arcanos Maiores, enumerando-os segundo a ordem natural das letras do alfabeto hebraico e indicando, ao mesmo tempo, o valor numérico e o hieróglifo que a cada um deles foi atribuído pelas antigas Escolas Iniciáticas. Estes hieróglifos permitir-nos-ão, mesmo que isso seja feito de um modo breve e incompleto, desenrolar o sistema dos títulos dos Arcanos, que ainda não foram estudados nos campos do Ternário Teosófico. Os títulos são indispensáveis para compreender o quadro geral das especulações cabalísticas. Apresentaremos também alguns exemplos de tais especulações.

Os títulos dos primeiros dez Arcanos Maiores já foram dados. Procuraremos, portanto, compreender o significado dos hieróglifos restantes, para deles poder deduzir os títulos que lhes correspondem (Ver o quadro abaixo)

Número	Nome do signo	Valor numérico	Hieróglifo
1	Aleph	1	Ser humano
2	Beth	2	Boca humana
3	Ghimel	3	Mão que agarra
4	Daleth	4	Seio que alimenta
5	He	5	Respiração
6	Vau	6	Olho, ouvido
7	Zain	7	Flecha em movimento reto
8	Cheth	8	Campo para cultivo
9	Theth	9	Telhado — proteção
10	Iod	10	O dedo indicador
11	Kaph	20	Mão apertando algo
12	Lamed	30	Mão aberta
13	Mem	40	Uma mulher
14	Nun	50	O fruto
15	Samech	60	Flecha em movimento circular
16	Ain	70	Uma ligação material
17	Phe	80	Boca com língua
18	Tzade	90	Cobertura opressora
19	Cuph	100	Um machado
20	Resh	200	Cabeça humana
21	Shin	300	Flecha em movimento oscilante
22	Thau	400	Um peito aconchegante

O Arcano XI tem, como hieróglifo, a **palma da mão apertando algo com força**. É uma clara indicação da FORÇA. Essa força, no campo do Ternário Teosófico dá os títulos “Vis Divina”, “Vis Humana” e “Vis Naturalis” (Força Divina, Força Humana e Força da Natureza), o que dispensa comentários.

O Arcano XII tem por hieróglifo **uma mão aberta** que, junto com o braço ligeiramente dobrado se assemelha à letra Lamed, e expressa o desejo de expansão, talvez mesmo às custas do equilíbrio da figura que estende a mão. Isso faz surgir em nós a idéia do **sacrifício**, de oferecer algo, mesmo contrariamente aos próprios interesses, de ceder a própria força vital. O sacrifício do Arquétipo dá o título “Messias”; o sacrifício humano expressa-se pela caridade — “Caritas”; o sacrifício da Natureza — pela energia oferecida a nós pelo sol, daí o título: “Zodiacus”.

O hieróglifo do Arcano XIII — a mulher — evoca, por associação, a idéia da morte e do renascimento. A mulher é o meio, no qual se efetua o processo da vida uterina do filho, que, morrendo para esta vida uterina, nasce para uma vida na atmosfera. A idéia da morte e do renascimento, no plano do Arquétipo, nos dá o título “Imortalitas” ou “Permanentia in Essentia”. No plano do Homem, faz surgir a imagem “Mors et Reincarnatio” (Morte e Reencarnação). No plano da Natureza que, pelo poder da energia e suas múltiplas transformações, se renova eternamente em formas diferentes, o título será “Transmutatio Virum” (usando a terminologia de Helmholtz).

O Arcano XIV tem como hieróglifo **o fruto**, ou aquilo que é obtido através da mulher e com sua ajuda, e o que é resultante do Arcano XIII. A imutabilidade das teses metafísicas básicas traz como fruto a possibilidade de estabelecer sistemas dedutivos; daí o título “Deductio”. O fruto da sequência das encarnações do ser humano é a modelagem hermética das almas, ou seja, sua harmonização, dando, no plano do Homem, o título “Harmonia Mixtorum”. As leis de transformação e conservação da energia na Natureza estão estreitamente ligadas à questão da reversibilidade dos processos; daí o título “Reversibilitas”.

No Arcano XV, seu hieróglifo — uma flecha a se mover ao redor de uma circunferência — logo evoca a idéia de que cada vez que tentarmos ultrapassar essa circunferência, encontraremos a inexorável flecha. Tais flechas, para um ser humano, são inevitáveis nos três planos do Ternário Teosófico. O Arquétipo não nos quer deixar sair do círculo encantado da lógica do nosso sistema metafísico; daí o título “Logi-

ca". O astrosoma humano contém em si elementos de paixões e tendências, sobre os quais ele próprio tropeça em seus esforços de expansão e sutilização. Este círculo encantado é a serpente bíblica "Nahash" (o segundo título), o tentador tradicional. A Natureza nos circunda com um anel de manifestações predestinadas que, às vezes, constituem impedimentos insuperáveis durante toda uma encarnação. É o "Fatum" — o terceiro título do nosso Arcano.

Notemos que o Arcano XV resulta, de um modo natural, do XIV: a lógica baseia-se na dedução; o Hermetismo Ético não pode ignorar a técnica da luta contra as paixões; as leis que regem a reversibilidade dos processos estão estreitamente ligadas às manifestações do destino.

O hieróglifo do Arcano XVI é uma **ligação material** ou mesmo, usando a linguagem da mecânica, **uma ligação em estado de tensão**, caracterizada pela existência nela de determinada **reação**. O Arcano precedente tinha, como finalidade principal, o estabelecimento de tais ligações. Passemos à explicação dos títulos. Pelo raciocínio lógico, podemos eliminar definitivamente uma ou outra hipótese; isso é "Eliminatio Logica"; a formação de certos turbilhões, obriga um determinado astrosoma a manifestar-se em forma já fixada; isto é, "Constrictio Astralis", a base de toda a Magia Cerimonial. A fatalidade implacável pode destruir as obras, as mais sólidas no mundo concreto; isto é "Destructio Physica", o terceiro título.

O hieróglifo do Arcano XVII é uma boca com língua, uma boca que fala. É preciso apenas saber ouvi-la. Conhecemos bem a linguagem do Arquétipo, chegando a nós em forma de esperança — "Spes" (1.º título) — mesmo quando tudo ao redor de nós se cala ou prognostica o infortúnio. Se formos suficientemente sensíveis, ouviremos também a voz da intuição humana, que amiúde nos pode prevenir, proteger e salvar; daí o segundo título — "Intuitio". Os povos da antiguidade, levando uma vida simples e em contato com a Natureza compreendiam melhor a linguagem desta e, para entendê-la, não precisavam recorrer aos métodos complicados que hoje em dia chamamos astrologia, fisiognomonía, quiromância, frenologia, etc. Daí, o terceiro título: "Divinatio Naturalis".

O Arcano XVII é um complemento passivo, natural, ao ativo Arcano XVI. Não basta chegar, pela lógica, a uma convicção; amiúde a esperança também é necessária. Não é suficiente poder constranger no astral; é preciso também possuir o tato e a intuição para saber se tal ação é útil e que forma lhe deve ser dada. Não é suficiente saber que a fatalidade

é inexorável no plano físico, é preciso também poder determinar, através dos métodos divinatórios, em que forma essa fatalidade se manifestará.

O hiéroglypho do Arcano XVIII é de novo (como no Arcano VIII) um telhado, porém, não mais como símbolo da proteção, mas de algo que limita, que oprime, que esmaga e que impede a visão do mundo. Podemos observar que os Arcanos, tornando-se progressivamente sempre mais concretizados e densos, alcançaram um grau em que se sente a compressão pelo próprio peso da matéria. Estudamos já, nos Arcanos anteriores, a linguagem do Ternário Teosófico e sabemos que neste Ternário existem elementos a nos limitarem. A esperança é necessária, mas devemos compreender que “esperar algo”, podemos somente daquele que nos é superior na escala hierárquica; daí o título “Hierarchia Occulta”. A intuição nos presta grandes serviços, mas ela nos faz também compreender que temos inimigos ocultos — “Hostes Occulti”. A adivinhação que, às vezes, pode nos dar uma indicação clara de determinado perigo, mais freqüentemente desperta a nossa vigilância geral, avisando-nos de alguma ameaça: “Pericula Occulta”.

O Arcano XIX, pelo símbolo do machado, nos fornece as possibilidades de abrir uma passagem no telhado, permitindo a chegada da luz, isto é, mostra-nos a possibilidade do aperfeiçoamento e reintegração ao mundo dos Arcanos Menores. Podemos nos perguntar o que simboliza este “machado”? É a Lei Hierárquica que nos permite ultrapassar o “telhado da dialética” e elevar-nos à Luz da Verdade frutífera, “Veritas Fecunda”. O desejo de não ter inimigos nos fará burilar, em nós mesmos, todas as facetas do altruísmo que podem tão formosamente refletir aquilo que se chama “Virtus Humana” (Virtude Humana). O perigo do desperdício da matéria nobre que possuímos, perigo de destruição prematura do corpo, etc., obrigar-nos-á a pensar na Pedra Filosofal e no Elixir da Vida. Assim, o terceiro título do Arcano será “Aurum Philosophale” (Ouro dos Filósofos).

O Arcano XX tem por hiéroglypho uma cabeça humana, cabeça que deve apropriar-se da Luz que lhe chega através da abertura no telhado, feita pelo machado do Arcano precedente. A influência do Arquétipo, pelo seu poder atrativo, nos impele à evolução; daí o primeiro título “Attractio Divina”. Pelo nosso próprio esforço hermético alcançamos o renascimento astral que nos permite bem utilizar os dons humanos. Este renascimento ou transformação interna chama-se “Transformatio Astralis”. A Natureza que, de acordo com a Lei, acompanha nossos esforços internos, causando mudan-

ças no plano físico, ajuda-nos na direção do aperfeiçoamento, o que explica o terceiro título: "Mutationes in Tempore".

O Arcano XXI é chamado, por muitas pessoas, o "Arcano Zero" por causa de seu conteúdo excepcional e completamente diferente de todos os outros. Ele tem como hieróglifo uma flecha, progredindo numa direção determinada, mas por meio de um movimento oscilante. Os Arcanos anteriores mostraram a possibilidade de elevar-nos à Luz. No entanto, quando estamos cercados por um muro e tapados por um telhado, apenas saber que podemos nos libertar, não é suficiente. Devemos saber também como praticar a abertura no telhado para não sermos esmagados pelos destroços que cairão e para deixar intacta a parte que não precisa ser demolida. Para isso, devemos conhecer os segredos da construção do telhado. Em outras palavras, conhecer o mistério da realização, da ação e da proteção. A fase da evolução humana, apresentada no Arcano XXI não é tão perigosa como a do Arcano XV, quando se tentava ultrapassar o círculo. Ela é o campo no qual pisaremos mais cedo ou mais tarde. As "flechas", aí, se movimentam em ambas as direções. Feliz daquele que souber aproveitar o movimento da flecha que dele se afasta; amarga será a experiência daquele que se achar no caminho de uma flecha que venha ao seu encontro. O Arcano Shin pertence aos mistérios primordiais e tem sua origem na emanção, pelo Arquétipo, do mundo Olam ha Aziluth; por isso, o primeiro título deste Arcano será "Radiatio" (em relação ao Valete da Primeira Família). No campo do Homem, o Arcano Shin se realiza quando o astrosoma humano vincula-se ao símbolo, egregoricamente criado por uma corrente de pentagramas e, por isso mesmo, possuindo um poder realizador. Assim, o segundo título será "Signum", no sentido de símbolo astral estável. O Arcano Shin não é estranho à atividade da Natureza; ela o realiza quando "materializa as formas. O terceiro título do Arcano será, portanto, "Materia".

O Arcano XXII apresenta a síntese dos resultados da aplicação do conhecimento dos Arcanos precedentes. É o Arcano da "Obra Magna", a permitir a passagem ao mundo do naipe de Paus dos Arcanos Menores. Seu hieróglifo é um peito, no sentido de algo que tudo abarca. Seu significado é tão claro que não precisa comentários. Fazemos notar apenas que a nossa passagem dos Arcanos Menores aos Maiores se efetuou pelo naipe de Ouros. A passagem dos Maiores aos Menores se faz através dos quatro últimos Arcanos Maiores que sintetizam os frutos da sabedoria da vida. Os títulos do Arcano XXII, nos três planos, são fáceis de compreender. No mundo do Arquétipo, o Arcano corresponde ao triângulo su-

perior no esquema do Grande Arcano (fig. 16, pág. 58), ou seja, o Absoluto Místico — “Absolutum”. No mundo do Homem, ele corresponde ao hexagrama do meio, do mesmo esquema, representando a ação bipolar sobre o astral, ou seja, aquilo que poderia ser chamado de aplicação da Grande Obra ao astral, ou “Adaptatio Operis Magni”. No mundo da Natureza, o Arcano expressa a onipotência natural da Rota Elementar — “Omnipotentia Naturalis”.

Queremos ainda ressaltar o fato de que vários Arcanos possuem hieróglifos semelhantes. Isso, no caso de um estudo abreviado, nos permite limitar o exame a 16 Arcanos apenas. Essa redução não é desejável no trabalho iniciático, mas é bastante aclaradora do ponto de vista filológico. Os Arcanos correspondentes aos signos do alfabeto cuja pronúncia é:

- “b” ou “ph” têm, como hieróglifo, a boca
- “g” ou “kh” têm, como hieróglifo, a palma da mão
- “d” ou “th” têm, como hieróglifo, o peito (seio)
- “z” ou “s” têm, como hieróglifo, uma flecha
- “t” ou “tz” têm, como hieróglifo, um telhado.

Essa semelhança entre os hieróglifos de Arcanos permite supor que terá havido uma época na qual o hieróglifo “boca” correspondia aos dois sons labiais semelhantes; o hieróglifo “palma da mão” — aos dois sons guturais; os hieróglifos “peito” (seio) e “telhado” — aos dois tipos de sons dentais; a “flecha” era sempre o símbolo preferido dos sons sussurantes e sibilantes.

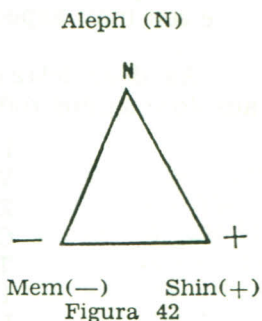
A Cabala divide os signos do alfabeto hebraico em três grupos essenciais: as três letras-mães, as sete letras duplas e as doze letras simples.

As letras-mães — Aleph, Mem e Shin — simbolizam os aspectos básicos, metafísicos do Ternário. Aleph corresponde ao termo neutro (n); Mem, ao pólo negativo (—); Shin, ao pólo positivo (+).

O triângulo do Grande Arcano, neste sistema de notação, apresenta-se como na figura 42.

Qualquer combinação destas três letras pode ser interpretada em termos do Ternário.

Atribuindo a estas letras correspondências no campo dos elementos e escrevendo: Mem — Shin — Aleph, Aleph significará condicionalmente o “Ar”; Shin, o “Fogo” e Mem, a “Água”. Obteremos



assim a seguinte frase: a água, colocada em cima do fogo, evapora-se, assumindo um estado gasoso, semelhante ao do ar. Servindo-nos dos termos herméticos mas de modo metafísico, a mesma combinação das letras poderá ser lida: se no espaço (Mem), observamos fenômenos, ou seja, modificações da energia (Shin), notaremos também a passagem do tempo (Aleph). Na interpretação mística, a combinação Mem-Shin-Aleph poderá ser lida como: o elemento inerte, isto é, o profano (Mem), incentivado pela energia (Shin) nele elaborada ou para ele transferida — torna-se um mago e um ser andrógino (Aleph).

O segundo grupo — as sete letras duplas — correspondem simbolicamente às sete Causas Secundárias. Se as letras-mães podem ser chamadas de metafísicas, as sete letras duplas poderão ser chamadas de planetárias ou astrais. Suas respectivas correspondências são as seguintes:

Beth	—	Lua
Ghimel	—	Vênus
Daleth	—	Júpiter
Kaph	—	Marte
Phe	—	Mercúrio
Resh	—	Saturno
Thau	—	Sol

Essas letras foram chamadas “duplas” pelas seguintes razões:

1. Do ponto de vista etimológico, elas inicialmente possuíam dois modos de pronúncia: B e BH, G e GH, D e DH, K e KH, P e PH, R brando e R duro, TH e S.
2. Do ponto de vista esotérico, sabemos que cada uma das influências planetárias possui tanto um lado bom como um mau. O bom aspecto de Júpiter, por exemplo, expressa-se pela afabilidade, capacidade de lidar com o povo, etc. e seu mau aspecto, redundando no orgulho jupiteriano, etc.

As doze letras simples correspondem astrologicamente aos doze signos zodiacais:

He	—	Carneiro
Vau	—	Touro
Zain	—	Gêmeos
Cheth	—	Câncer
Teth	—	Leão
Iod	—	Virgem
Lamed	—	Balança

- Nun — Escorpião
- Samech — Sagitário
- Ain — Capricórnio
- Tzade — Aquário
- Quph — Peixes

Como se sabe, os doze signos zodiacais, no plano da Natureza, simbolizam as doze fases de um ciclo solar completo, isto é, um ciclo do sacrifício que, no nosso sistema planetário é feito pelo Sol, em prol da Terra, enviando-lhe seus fluidos astrais.

No campo ético, o Arcano XII — Lamed — simboliza o sacrifício do homem ao Homem, à Natureza ou ao Divino. Este sacrifício pode ser feito **somente por um pentagrama encarnado**. No plano do Arquétipo, o Arcano XII é o Arcano do Messias. Isso faz surgir de novo a idéia de encarnação, portanto, do plano físico, mostrando-o como plano de sacrifício. Podemos também, invertendo, considerar o sacrifício como algo estreitamente ligado ao plano físico.

	ⴢ		ⴡ		ⴢ		ⴡ
	+	-	+	-	+	-	N
ⴢ	1	4	7	10	13	16	19
ⴡ	2	5	8	11	14	17	20
ⴢ	3	6	9	12	15	18	21(°)
ⴡ	4	7	10	13	16	19	22

Figura 43

A figura 43 apresenta o esquema dos Arcanos Maiores como um desenrolar da Lei Iod-He-Vau-He. Notemos que o sistema dos Arcanos Menores interpreta-se do mesmo modo. A diferença consiste em que as cartas de valores numéricos dos Arcanos Menores realizam exata e totalmente essa interpretação. Os Arcanos Menores poderiam ser comparados a

um instrumento musical perfeito, enquanto que os Arcanos Maiores corresponderiam a um instrumento imperfeitamente afinado, e segundo intervalos apenas aproximadamente semelhantes. Um dos instrumentos — o exato — era destinado à Humanidade não-decaída; o outro — o imperfeito — à confusa visão do mundo da humanidade decaída.

Da distribuição dos Arcanos da coluna Iod já falamos no Arcano VII. Nas colunas He e Vau a distribuição é a mesma. Quanto à coluna do segundo He, seus Arcanos andróginos constituem, na sua totalidade, a passagem do sistema dos Maiores ao dos Menores. Eles poderiam ser considerados como o “organismo” que dá nascimento aos Arcanos Menores. Lembremos-nos que, falando da passagem na direção inversa, chamamos os Arcanos Menores do naipe de Ouros, também de um “organismo” que deu nascimento aos Arcanos Maiores.

Revisemos brevemente as fases do desenvolvimento de um homem encarnado, segundo o quadro dos Arcanos Maiores.

Um homem que procura o autoconhecimento (1) cria a ciência (2), toma-a como esposa, e graças a ela torna-se produtivo (3), com isso adquirindo autoridade (4). Essa autoridade (4) conduz ao nascimento, nele, do pentagrama humano (5). Logo que este é formado, deve enfrentar o problema dos dois caminhos (6). Ele escolhe a senda certa, tornando-se, assim, Vencedor (7).

Com este Arcano termina a primeira fase, a de Iod, ou seja, da formação da personalidade no campo das idéias.

O Vencedor inicia o segundo ciclo, o da auto-educação no campo das formas, instituindo a legalidade (8) no ambiente em que deverá trabalhar. O estabelecimento dessa legalidade assegura ao ambiente um certo nível ético que servirá como um trampolim, para que o homem possa dar um salto aos planos mais elevados da ética, no campo da forma. Sua aspiração e esforços de aperfeiçoamento serão coroados pela Iniciação (9). Após a Iniciação, segue-se um aprofundamento em algum “sistema fechado” (10).

Este “sistema fechado” pode ser o mundo externo ao qual o Iniciado voltará periodicamente para exercer influência sobre seus semelhantes. Este “sistema” pode ser também a Cabala, na qual o Iniciado se aprofunda para poder aperfeiçoar, através da compreensão, o conjunto dos clichês que o circundam. Finalmente, este “sistema” também poderá consistir em dedicar-se à meditação quanto àquilo que se chama “Testamentum”. O aprofundamento num “sistema fechado” (10), levará o Iniciado a formar uma Corrente-Força (11).

Nesta, surgirá claramente a necessidade do sacrifício (12), tanto interno (para fortalecer a corrente), como externo (em prol da Humanidade). A consumação do sacrifício levará à mudança do plano (13).

O desenvolvimento no campo das formas é seguido por um contato efetivo com os elementos de todos os três planos.

Cada morte (13) é, ao mesmo tempo, um nascimento para uma nova vida, trazendo a compreensão da reversibilidade de certas manifestações energéticas (14). Se a nossa mudança de plano foi alcançada por uma exteriorização, traremos conosco, do plano astral, os clichês de reversibilidade deste processo. Cada mudança de plano acarreta um certo poder sobre os turbilhões astrais (15) ou, analogamente, o poder lógico (no plano mental), ou ainda, a capacidade de aproveitarmos as manifestações do destino (no plano físico) (15). O Arcano XV manifestar-se-á envolvendo-se numa das formas pertencentes ao Arcano XVI. Manifestar-se-á, portanto, quer seja pelo poder da lógica, através de progressiva exclusão de outras hipóteses, quer pelo poder de constranger determinadas entidades astrais ou, finalmente, pela capacidade de, fisicamente, utilizar seres de três planos mediante um aproveitamento hábil das condições proporcionadas pelo destino. O Arcano XVI termina o primeiro ciclo da coluna Vau do nosso esquema.

Com o mesmo Arcano XVI inicia-se um novo meio-ciclo, o da aplicação ativa de um ou outro poder (16). Para isso, o Arcano XVI precisa de "esposa", que será encontrada em forma de utilização de alguma **capacidade divinatória** (17). Esta permitirá ao homem orientar sua atividade. O conhecimento do seu próprio poder e a experiência neste campo levá-lo-ão a descobrir poderes de outras entidades, não unicamente amigáveis mas também hostis. Saberá que existem **inimigos em todos os planos** (18). Angustiado e perseguido, ele procurará um meio de unir-se à Luz. Este meio esboçar-se-á diante dele como a necessidade de realizar em si a Obra Magna da transformação Hermética (19).

Com isso termina o ciclo Vau. Os restantes e últimos quatro Arcanos apresentam a mencionada transformação Hermética. Os que passam por estes estágios, já se acham no caminho da Reintegração.

O ciclo do segundo He inicia-se pela consideração dessa tarefa Hermética (ainda 19). O primeiro passo será a profunda convicção de poder contribuir, tanto para o seu próprio renascimento, como para o de outros seres (20). A necessidade absoluta da transformação interna, levará o ser humano a penetrar nos mistérios do Arcano Shin (21), o Arcano

realizador, no sentido estrito desta palavra. Para poder sutilar o denso, isto é, os coagulos, é preciso, antes, saber como eles se formaram; é preciso, até certo ponto, saber coagular. O domínio de tudo isso, permitirá ao ser humano realizar a Grande Obra (22), e por isso mesmo, passar diretamente para o naipe de Paus dos Arcanos Menores.

ADIÇÃO DOS ARCANOS

Se não levarmos em consideração a desigualdade dos intervalos existentes entre dois Arcanos contíguos, na gama inteira dos Arcanos Maiores, poderemos tomar qualquer um deles, como ponto de partida da contagem, segundo uma escala de nossa conveniência. Em outras palavras, se admitimos que o Arcano III, por exemplo, decorre do Arcano II, exatamente como o II decorre do Arcano I, e o V do IV, então poderemos dar a qualquer Arcano, um número que corresponda àquele que o Arcano possui no ciclo normal, isto é, o ciclo que se inicia com o Arcano I. Tais operações numéricas chamam-se "adição dos Arcanos".

Adicionar o Arcano "a" ao Arcano "b", significa progredir na ordem circular até o Arcano correspondente ao "a + b", ou, se este não existir, a um dos Arcanos cujo número corresponda ao número "a + b", segundo o módulo 9. Assim, a soma dos Arcanos VII e XVIII será o Arcano VII ou XVI, pois, $7 + 18 = 25 \rightarrow 7$, e também 16, pois a soma de 1 e 6 da 7.

Para que este sistema fique mais claro, colocaremos os números dos Arcanos ao redor de uma circunferência, terminando a série com o Arcano XVIII, que ficará contíguo ao Arcano I (fig. 44). Tomaremos apenas 18 Arcanos, como sendo o ciclo completo dos Arcanos Maiores, pois os 4 últimos são considerados como suplementares, constituindo uma passagem para os Arcanos Menores.

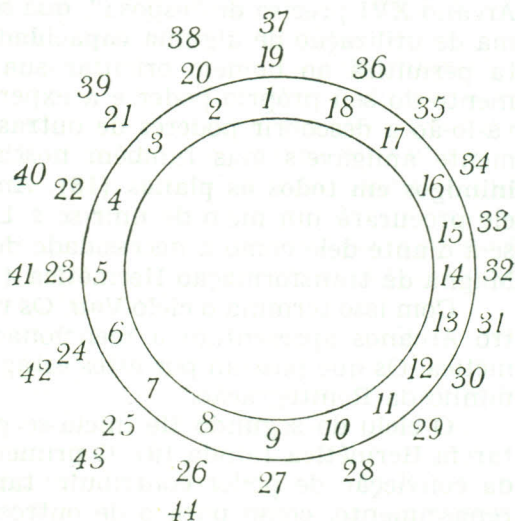


Figura 44

O Arcano XIX é apenas uma ampliação do Arcano I e do Arcano X ($19 \rightarrow 10 > 1$); o Arcano XX, uma ampliação do II ($20 \rightarrow 2$); o XXI, do Arcano III ($21 > 3$) e o XXII, uma ampliação do Arcano IV ($22 > 4$).

Adicionaremos, como exemplo, o Arcano V ao X, tomando para ambos seus títulos no plano do Homem, ou seja: "Pentagrama" e "Cabala". O nosso ponto de partida será o Arcano V, e deste prosseguiremos ao redor da circunferência, contando 10 intervalos, isto é, procuraremos o décimo Arcano, mas a partir do "He" e não do "Aleph", como de costume. O "Pentagrama", junto com a "Cabala" e expressando-se através dela, nos dará o Arcano XV: "Nahash", isto é, um turbilhão astral cabalisticamente criado pelo Pentagrama. Naturalmente, a vontade humana consciente, junto com o conhecimento do plano astral, trará este resultado.

Podemos, evidentemente, obter a mesma soma — 15 —, adicionando "Cabala" e "Pentagrama" na ordem inversa, ou seja, $10 + 5 = 15$. Neste caso começamos a contagem do Arcano X e, adicionando 5 intervalos, procuraremos sua manifestação como Pentagrama (5). Veremos que as leis da Cabala, expressando-se por meio de uma entidade volitiva, consciente, manifestar-se-ão como serpente Nahash, toda-poderosa no astral, ou seja, novamente o Arcano XV.

Experimentemos adicionar o Arcano XIII ao VII, isto é, procurar a Vitória no Arcano da Morte. Obteremos a soma de 20, o Arcano do Renascimento. Acharíamos o mesmo resultado adicionando os Arcanos na ordem inversa ($7 + 13$); em outras palavras, procurando descobrir o que dará a Vitória, inevitavelmente ligada à Morte, isto é, à mudança de plano. Acharemos de novo o Renascimento.

Se adicionarmos o Arcano XIX ao XI, ou seja, conferirmos a força (11) àquele que busca a Luz Superior (19), obteremos $30 \rightarrow 3$, o Arcano da Produtividade (Criatividade). Os comentários são desnecessários.

Outros exemplos seriam supérfluos, pois já tivemos casos parecidos estudando a decomposição aritmética dos valores numéricos dos Arcanos.

MULTIPLICAÇÃO DOS ARCANOS

Comparando as cartas de valores numéricos do naipe de Ouros, com os dez primeiros Arcanos Maiores, poderemos concluir que, assim como as cartas de valores numéricos são manifestações sephiróticas do seu Keter — o Ás de Ouros — do mesmo modo é nos lícito considerar o primeiro Arcano Maior

como sendo Keter e os nove seguintes como suas manifestações sephiróticas. Assim, cada uma das Sephiroth corresponderia a um dos números da nossa circunferência na sua ordem natural, sendo separado do seguinte por um só intervalo. Deste modo, Keter corresponderia a 1; Hokmah, 2; Binah, 3, etc.

Querendo achar as manifestações sephiróticas, mas em relação ao Arcano II, BETH, teremos que passar cada vez por dois intervalos.

Assim, tomando Beth (2) como Keter do sistema, seu Hokmah seria o Arcano correspondente ao número 4; Binah, ao 6, Gedulah, ao 8, etc.

Aplicando o mesmo sistema ao terceiro Arcano, como sendo Keter, seguiremos os números da circunferência, saltando cada vez três intervalos. As dez Sephiroth corresponderiam então aos números 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e 30.

Em geral, aplicamos saltos de "a" intervalos para achar as Sephiroth do Arcano "a". Poderemos assim estabelecer a seguinte regra: A Sephira "b" do Arcano "a" será representada pelos Arcanos cujos números correspondem ao resultado "ab", segundo o módulo 9.

Tomemos alguns exemplos:

1. Procuremos a 7ª Sephira do Arcano II: $2 \times 7 = 14$, ou em outras palavras, procuremos achar em que consiste a Vitória (7ª Sephira) do sutil sobre o denso, no campo da ciência (Gnosis, Arcano II). Obteremos o Arcano XIV, o da reversibilidade dos processos e da harmonia interna do astrosoma. É compreensível. Pode ser dito que $14 \rightarrow 5$. Será exato também, pois a formação do Pentagrama não pode se realizar sem a participação do Arcano XIV. É claro que será o Pentagrama cujas três pontas estejam dirigidas para cima.
2. Procuremos a 8ª Sephira do Arcano XV, ou seja, a Glória, a Paz do elemento Nahash. Teremos $15 \times 8 = 120 \rightarrow 12 \rightarrow 3$. Obteremos em primeiro lugar o Arcano do Sacrifício (12) que, ao mesmo tempo, é o Arcano do Zodíaco (12) isto é do plano físico. De fato, por um lado, através do sacrifício, o turbilhão torna-se tão sutilizado a ponto de se elevar ao ápice de suas possibilidades, ao limite do plano astral. Por outro lado, ele encontra seu campo de trabalho no plano físico (12). Quanto ao número 3 da nossa fórmula, está a indicar que a Glória do turbilhão astral resulta em Produtividade (Criatividade) — o Arcano III — que lhe concede a plenitude.

3. Procuremos a Severidade (Sephira V) nos elementos adivinhatórios no campo da Natureza (Arcano XVII). Teremos: $17 \times 5 = 85 \rightarrow 13 \succ 4$. A Severidade, a Justiça implacável do destino leva-nos, em primeiro lugar, ao Arcano da morte ou transformação da energia (13). Não é difícil compreender que nada se fará sem isso. Todavia, na nossa equação temos também 4. Este número corresponde à Forma ou a presença dos quatro elementos ou quatro estados de matéria. É claro que sem forma e sem presença dos elementos, não haveria manifestação na Natureza.

Estes exemplos são suficientes para compreender o seguinte: as operações numéricas sobre os Arcanos e Sephiroth não dão uma resposta exata à nossa pergunta, mas sim uma indicação que nos facilita achar a resposta.

O grande hermetista Raymond Lulle, numa de suas obras, "Ars Magna" (A Grande Arte), propunha aos seus leitores, para se convencerem da utilidade das operações sobre os Arcanos Maiores e as Sephiroth, se exercitassem em achar, por este meio, argumentos e respostas aos assuntos pouco claros, discutidos em reunião.

Se for necessário, podemos procurar a resposta à nossa pergunta na fileira do círculo suplementar, tal como apresentado na figura 44. Às vezes também, por exemplo, em lugar do plano do Homem, teremos de tomar o plano do Arquétipo ou da Natureza ou, vice-versa. As associações, geralmente serão fáceis de estabelecer.

Em nosso estudo "Arquétipo — Homem — Natureza", um interesse especial deve ser dado aos privilégios tradicionais da Humanidade pois esta, no Ternário Teosófico, ocupa o lugar do meio.

Antes da queda, como já explicamos, a tarefa natural do Homem era a Grande Obra, que ele realizava sem dificuldades. Os títulos do Arcano X que estamos estudando, são para nós um indício de certos privilégios que a humanidade decaída ainda guardou.

O **privilégio mental** da humanidade é "TESTAMENTUM" (O Testamento) que lhe foi dado pelo Arquétipo e equivale à Sua promessa de sempre permanecer como a "barra vertical do Stauros". A "barra horizontal" corresponde à inércia do homem, em seu estado atual.

A **LINGUAGEM**, atributo exclusivamente humano, é considerada pela Tradição como privilégio no **plano astral**.

Isto requer certa explicação. A confusa cosmovisão do Homem atual pode ser englobada e expressa por 22 teses sin-

téticas dos 22 Arcanos Maiores. Estes, em sua totalidade, se assemelham também à barra horizontal de Stauros. O papel da barra vertical, nessa representação, seria desempenhado pelo alfabeto simplificado Iod-He-Vau-He que, participando do esquema construtor, fecunda continuamente, poder-se-ia dizer, o mundo inerte e confuso dos Arcanos Maiores, com o princípio de atividade, de clareza e de exatidão dos Arcanos Menores. Neste sentido, o termo "linguagem" equivale ao termo "Cabala". Desenvolvamos essa idéia.

Se a linguagem não é apenas um conjunto fortuito de sinais convencionais, mas foi criada segundo leis determinadas, então todas as raízes dessa linguagem corresponderão a algo existente no Universo. A totalidade das raízes, utilizadas na linguagem, expressará a concepção total do mundo da pessoa que fala. As leis que ligam as raízes entre si e que determinam seus complexos, apresentarão uma analogia das leis que um determinado microcosmo tem a possibilidade de formular a respeito dos componentes do Universo. Para este microcosmo, o papel de elementos do Universo é desempenhado pelos Arcanos Maiores. Os elementos da linguagem serão as letras do alfabeto iniciático. Para o nosso estudo atual utilizamos as do alfabeto hebraico.

Cada atuação e acontecimento no Universo, ao serem registrados, exigem, obrigatoriamente, o uso correspondente (análogo a essa atuação ou acontecimento) das palavras, das raízes e, finalmente, dos próprios signos do alfabeto. Sendo assim, a Cabala ou, para ser mais exato, o lado passivo da Cabala, pode ser definido como "O ESPELHO REFLETOR DE TUDO QUE ACONTECE NO UNIVERSO".

Contudo, não podemos esquecer que, de acordo com a Lei da Analogia, cada processo a exercer influência é reversível. Todas as influências são recíprocas. Se a atividade do cérebro repercute nas ramificações periféricas do sistema nervoso, a atividade das ramificações também reflete nos centros cerebrais. Se o governo exerce sua influência sobre a sociedade, essa também influirá sobre as decisões do governo. Se um professor, ao ensinar, transmite sua influência aos alunos, estes, por sua vez, levam o professor a adaptar-se às necessidades dos alunos. Isso nos leva à conclusão de que, se mudamos a posição das letras, alterando as raízes e as palavras, essas modificações refletir-se-ão de um modo determinado no campo dos acontecimentos mundiais. Este é o ASPECTO ATIVO DA CABALA.

É evidente que, para que isso possa corresponder à realidade, a operação cabalística deve possuir a VITALIDADE necessária e ser efetuada com plena consciência do microcosmo

operante. Do mesmo modo, tratando-se do aspecto passivo da Cabala, é certo que só as manifestações portadoras de vitalidade necessária, não condicionadas em seu relacionamento, refletir-se-ão na Cabala, como num espelho. Se alguém receber um título fictício, não correspondente a grau algum de poder real, ou se ganha um pouco jogando baralho, é duvidoso que este acontecimento possa ser cabalisticamente previsto ou registrado. No entanto, se alguém, possuindo poder e conhecimento, atua cabalisticamente sobre os signos e fórmulas, essa atuação reflete nos acontecimentos do plano físico, altera os clichês astrais e pode até influenciar os fluxos mentais. Essa é a manifestação do lado ativo da Cabala e a razão do seu amplo uso na magia e na teurgia.

Existe um antigo adágio: "a letra mata, mas pode-se também matar a letra".

A "letra mata" expressa o poder de uma operação cabalística. "Matar a letra", quer dizer que se pode superar, sobrepujar ou destruir uma atuação cabalística alheia, agindo diretamente no plano das idéias, ou no mundo físico, desprezando totalmente o mundo das formas (o astral). Não esqueçamos nunca que o Filho do Homem é o "Senhor do Sabbat".

O símbolo que, segundo a tradição, corresponde, no plano físico, aos dois privilégios da Humanidade, por nós citados, é o ritual da circuncisão. Este ritual, como algo de obrigatório, imposto pela tradição, pode ser simbolizado pelo Stauros.

A linha vertical, fecundadora, representa a tradição. O elemento horizontal da figura representa a passividade humana, sua tendência de permanecer tal como nasce. Contudo, o ritual da circuncisão é interessante também sob um outro ponto-de-vista e que, igualmente, faz surgir a comparação com o Stauros. Na execução física da cerimônia, explicada como sendo uma medida puramente higiênica, podemos ver também o símbolo do sacrifício de uma parcela da carne (correspondendo à inércia) a fim de alcançar uma certa libertação, ou seja, capacidade ativa. Assim temos de novo o símbolo de Stauros ou Lingam, como triunfo da atividade sobre a inércia, e também a alusão ao plano físico como sendo o plano do sacrifício.

Olhemos agora um pouco a construção do antigo idioma iniciático, cujo reflexo deturpado e materializado chama-se, hoje-em-dia, língua hebraica e que seria mais certo chamar de aramaico.

As raízes desse idioma possuem, em geral, duas consoantes ou, para os ocultistas, são constituídas de dois Arcanos. Os sons vocais, que correspondiam à pronúncia das palavras

mudaram, com o passar do tempo e mesmo diferiram, segundo as diversas localidades.

As raízes compostas de três letras se explicam pela junção de duas raízes de duas letras, quando a mesma letra termina a primeira raiz e inicia a segunda. O caráter de prefixos e sufixos é determinado pela consoante (ou consoantes), isto é, de novo pelos Arcanos Maiores que os compõem.

A totalidade dos Arcanos Maiores é 22; portanto, o número de todas as possíveis combinações de dois Arcanos seria:

$$\frac{22 \times 21}{2} = 231$$

Levando em consideração a possibilidade de inverter a ordem de dois signos, o número máximo das combinações será 462. Se acrescentarmos a este número ainda os 22 casos em que o mesmo Arcano se opõe a si mesmo, mas em dois campos diferentes, teremos:

$$462 + 22 = 484,$$

o número total das raízes. Essas 484 combinações, em sua totalidade, apresentam cabalisticamente a cosmovisão aproximativa e caótica da humanidade decaída. Juntando essas raízes em palavras mais complexas, formamos apenas combinações dos elementos já estabelecidos, fazendo o mesmo quando juntamos as palavras para formar uma frase.

A compreensão subjetiva do mundo de um ser humano, particular, não abarca, em geral, a totalidade desses 484 complexos. Esta é a razão da diminuição progressiva das raízes em uso.

Naturalmente, o mesmo conjunto de Arcanos poderá ser interpretado diferentemente nos diversos planos do Ternário Teosófico. Todavia, as raízes tendem a se materializar. Na linguagem iniciática, em seus primórdios, elas correspondiam a determinadas concepções metafísicas; com o tempo, as raízes foram sendo aplicadas a concepções análogas, mas já no campo das formas e, finalmente, passaram a ser usadas em relação às manifestações do mundo concreto. Por essa razão, a compreensão e interpretação literal dos textos antigos, baseada na significação contemporânea das palavras hebraicas, conduz a grandes perplexidades e desentendimentos. Daremos alguns exemplos:

1. A combinação Aleph-Beth (ab), segundo sistema iniciático da interpretação dos Arcanos é lida como: uma entidade de três planos completa e equilibrada (Aleph) dese-

ja manifestar-se pela divisão ou polarização (Beth). Tornando essa combinação um pouco mais acessível à nossa compreensão, chegaremos facilmente as duas interpretações seguintes, especialmente se substituirmos o aspecto geral por um particular:

- a) Uma entidade de três planos, completa e equilibrada, manifesta-se dando nascimento a uma outra entidade.
 - b) Um ser humano completo dá nascimento a um outro, por um processo semelhante ao de separar, de si mesmo, uma parte. O último sentido do conjunto Aleph-Beth é interpretado, na linguagem contemporânea, como "pai".
2. A combinação Aleph-Mem (AM, AME ou AMA) permite, do mesmo modo, as interpretações seguintes:
- a) O mundo dos três planos, integral (Aleph), manifesta-se mediante o Arcano da Morte e do Renascimento (Mem).
 - b) Num meio ambiente equilibrado (Aleph) algo se forma, para morrer nesse ambiente e renascer em um novo (Mem).
 - c) Um ser humano — mulher — carrega em si o filho, que morre para a vida intro-uterina, nascendo para a vida externa. A tradução comum desta combinação é a palavra "mãe".
3. A combinação Ain-Tzade (AATZ ou ETZ) dá as interpretações:
- a) A restrição (Ain) das funções do organismo, resulta em uma vida muito limitada e cheia de perigos (Tzade).
 - b) Vida vegetativa.
 - c) Árvore (passando do sentido geral ao particular).
4. A combinação Ghimel-Nun (GAN) significa:
- a) Um nascimento (Ghimel) associado à reversibilidade, a moderação ou às proporções (Nun).
 - b) Um sólido geométrico.
 - c) Uma cerca.
 - d) Jardim (na Bíblia).
5. A combinação Resh-Mem (ROM) corresponde a:
- a) Renascimento (Resh) através da Morte (Mem).
 - b) Renascimento para o ambiente, devido a morte da personalidade.

- c) Formação de um ambiente homogêneo através da assimilação por ele dos elementos externos.
- d) Formação de um meio ambiente nutridor pela absorção do material externo.
- e) Sangue.

6. A combinação Lamed-Lamed (LEL ou LIL) significa:

- a) Sacrifício em contraposição ao sacrifício.
- b) Expansividade em contraposição à expansividade.

Quando, à combinação Lamed-Lamed for acrescentada, no centro, a letra Iod, ou seja, um “sistema fechado”, a palavra significa “noite”, o que é interpretado do seguinte modo: o espaço fechado (Iod) é cercado por todos os lados pelo “sacrifício da luz”, como por viseiras. Assim é obtida a escuridão completa, ou seja, a noite.

7. A combinação Resh-Teth dá:

- a) Renascimento (Resh) sob a direção do elemento restritivo (Teth).
- b) Um novo fluxo dirigido por algo.
- c) Corrente de água através de um tubo.
- d) Canal, tubo ou avenida, ou ainda um passeio (cujo caminho é delimitado como no caso de um vale).

MÉTODOS DE CÁLCULOS CABALÍSTICOS

A análise e a síntese cabalísticas consistem em vários métodos e manipulações dos Arcanos e seus valores numéricos. Falaremos apenas dos mais usuais.

1. NOTARIKON é um sistema baseado no princípio de acróstico. Várias modalidades são usadas, por exemplo:

- a) Desenvolver cada letra, que entra na composição de uma palavra, em uma palavra independente e que começa com a letra em questão;
- b) Formar uma nova palavra, composta das primeiras letras das palavras que entram na composição de uma frase;
- c) Substituir as letras pelo seu nome, usado no alfabeto ou ainda outros métodos particulares.

Tomemos exemplos de alguns desses métodos.

a) Desenvolvimento de uma palavra em complexo de palavras. Exemplo: a palavra MELECH (Rei) pode ser ampliada em três palavras: Mov (cérebro), Leb (coração) e Kaban (fígado), que formam um tipo de “ternário análogo”, semelhante ao estudado por nós — Cabeça, Torax e Abdôme. O lugar central da letra Lamed, na palavra Melech, confirma as teses por nós estudadas e relativas ao termo médio do Ternário, sendo que a própria palavra sublinha a importância dos órgãos mencionados nas três partes do corpo humano.

b) Formação de uma nova palavra com as letras iniciais das palavras de uma frase.

No primeiro livro de Reis (II, 8) David diz que Simel o amaldiçoou com uma maldição terrível: NIMERTZETH. Os cabalistas procuram explicar essa palavra como sendo composta das letras iniciais de vários outros amaldiçoamentos:

Noeph	—	Adúltero
Mobai	—	Moabita
Rotzeach	—	Assassino
Tzores	—	Violento
Thoeb	—	Cruel

c) Substituição da letra por seu nome, usado no alfabeto; por exemplo:

A letra Aleph é substituída por letras A, L, E, P, H. Assim, à própria significação da letra Aleph é acrescentada a idéia da entrega ao sacrifício (Lamed), de esperança, de intuição e de adivinhação (Phe).

Beth, desenvolvido em B, E, T, H, acrescenta ao Arcano do conhecimento, a idéia de um sistema fechado (Iod) e a idéia da Grande Obra (Thau).

Iod, desenvolvido em I, O, D, à idéia de um sistema fechado que se prepara para uma manifestação, acrescenta a idéia da escolha dos caminhos (Vau) e a idéia da autoridade (Daleth).

He, desenvolvido em H, E, à idéia da vida, acrescenta a idéia de seus três planos (Aleph).

O procedimento de dividir uma palavra em seus componentes é também um dos métodos de NOTARIKON. Assim, por exemplo, a palavra que inicia a Gênese — BERESHITH (no princípio) — é decomposta em “BARA” (criou) e “SHI-

TH" (seis) e interpretada como criação em seis dias simbólicos.

O sistema de NOTARIKON, apesar de sua ingenuidade aparente, está estruturado no princípio cabalístico de que o sentido da palavra se baseia no significado dos Arcanos Maiores que a compõem.

2. GEMATRIA (corrupção da palavra geometria) é um método de comparar o sentido das palavras que possuem a mesma soma numérica das suas letras. Deste modo a palavra Samech-Beth-Aleph (velho), por exemplo, é aproximada da palavra Nun-Beth-Iod-Aleph, pois, o valor numérico da primeira é $60 + 2 + 1 = 63$ e o da segunda, $50 + 2 + 10 + 1 = 63$. Do mesmo modo podemos aproximar a palavra Aleph-Cheth-Daleth (união) com a palavra Aleph-He-Beth-He (amor), pois o valor da primeira é $1 + 8 + 4 = 13$ e o da segunda, $1 + 5 + 2 + 5 = 13$.

O método da Gematria aproxima não apenas as palavras do mesmo valor numérico, mas também as palavras cujos valores são correspondentes, segundo o módulo 9. Ainda alguns exemplos:

a) Tomemos, por um lado, o grande nome Iod-He-Vau-He ($10 + 5 + 6 + 5 = 26 \rightarrow 8$); e, por outro lado, a estática do Tirângulo Ascendente, simbolizada pela configuração Aleph-Mem-Shin, onde Aleph representa o termo neutro (n); Mem, o pólo negativo (—) e Shin, o pólo positivo (+). Essa configuração "EMESH" tem o valor numérico $1 + 40 + 300 = 341 \rightarrow 8$. Daí a dedução cabalística da equivalência dos sistemas estáticos Aleph-Mem-Shin, com os ciclos dinâmicos Iod-He-Vau-He. A estática se origina da dinâmica, e também vice-versa.

Como podemos ver, a tese é muito profunda.

b) A palavra Aleph-Daleth-Mem (ADAM) corresponde ao valor numérico $1 + 4 + 40 = 45$, ou seja, nono elemento, segundo o módulo 9. Por outro lado, o esquema da Cruz Mística das Iniciações Superiores de caráter metafísico, contém os signos Iod-He-Vau-He e o Aleph que, somados, dão o valor $27 \rightarrow 9$. Daí a aproximação do pantáculo do nome Adam com o esquema da Cruz referida.

A Gematria é amplamente usada como um meio de ajuda para uma avaliação definitiva de uma palavra, previamente analisada pela decomposição em Arcanos Maiores. O valor numérico da palavra determina sua explicação definitiva. Geralmente é utilizada sua menor soma, porém, às ve-

zes, as outras somas o são também, como indicação auxiliar. Assim, os clichês Aleph-Mem-Shin (8) e Iod-He-Vau-He (8) corresponderão ao Arcano da Legalidade (8); o clichê Aleph-Daleth-Mem (9) ao Arcano da Iniciação (9); o clichê Shin-Teth (Seth, o nome bíblico Sif), cujo valor é $300 + 400 = 700 \rightarrow 7$ — ao Arcano da Vitória (7); o clichê Aleph-Nun-Vau-Shin (Enos), isto é, $1 + 50 + 6 + 300 = 357 \rightarrow 15 \rightarrow 6$, aos Arcanos XV e VI, etc.

Sem Gematria não se pode dar um passo na Cabala. Este método é o mais aceito pela Raça Branca, para as suas especulações metafísicas. É aconselhável estudar suas adaptações, para mais tarde poder lidar com os textos originais da linguagem Iniciática.

Para os exercícios iniciais do Notarikon e da Gematria, podem ser utilizados os dez nomes hebraicos das Sephiroth e os dez Nomes Sagrados (Nomina Divina) que lhes correspondem, e dos quais falaremos ainda neste Arcano.

Apliquemos agora a Gematria aos três grupos de letras do nosso alfabeto iniciático.

Letras Mães (O mundo metafísico das Causas Primordiais)

Aleph, que nos ternários corresponde ao termo “n” = 1
 Mem, que nos ternários corresponde ao termo “n” = 40
 Shin, que nos ternários corresponde ao termo “+” = 300

Total 341 → 8

A Lei, portanto, caracteriza este mundo.

Letras Duplas (O mundo astral das Causas Secundárias)

Beth (Lua)	2
Ghimel (Vênus)	3
Daleth (Júpiter)	4
Kaph (Marte)	20
Phe (Mercúrio)	80
Resh (Saturno)	200
Thau (Sol)	400

Total 709 → 16 → 7

O mundo das Causas Secundárias é, portanto, caracterizado pelo Arcano XVI (a força que constrange) e pelo Arcano VII (a Vitória). Em outras palavras, as influências planetárias são utilizadas tanto para agir sobre outro (Magia) como para vencer a si mesmo (Hermetismo Ético).

Letras Simples (O mundo zodiacal, concreto.)

He (Carneiro)	5
Vau (Touro)	6
Zain (Gêmeos)	7
Cheth (Caranguejo)	8
Teth (Leão)	9
Iod (Virgem)	10
Lamed (Balança)	30
Nun (Escorpião)	50
Samech (Sagitário)	60
Ain (Capricórnio)	70
Tzade (Aquário)	90
Quph (Peixe)	100

Total 445 → 13 → 4

Como vemos, o plano físico é caracterizado pelos Arcanos:

- a) da **Morte** (13); é certo que no plano físico tudo é transitório;
 - b) dos **Elementos** ou da **Adaptação** (4); no plano físico é preciso adaptar-se a tudo, às influências das fases zodiacais, aos estados da matéria, etc. O plano físico, chamado também "o terceiro plano", é um plano DO TEMPO e é importante que nele o tempo não seja desperdiçado.
3. **THEMURAH**: este método consiste na troca de lugar e substituição das letras, por suas correspondências e o estudo do relacionamento entre as palavras assim formadas. As principais modalidades de aplicação do Themurah, são:
- a) **GILGUL**, no qual se estabeleceu um quadro completo de todas as combinações possíveis da ordem das letras numa palavra determinada. Aplicando, por exemplo, o Gilgul ao nome Iod-He-Vau-He, teremos:

1. Iod-He-Vau-He	5. He-Vau-Iod-He	9. Vau-Iod-He-He
2. Iod-He-He-Vau	6. He-He-Iod-Vau	10. He-Iod-He-Vau
3. Iod-Vau-He-He	7. Vau-He-Iod-He	11. He-Iod-Vau-He
4. He-Vau-He-Iod	8. Vau-He-He-Iod	12. He-He-Vau-Iod

Os elementos deste quadro estabelecido para o nome Iod-He-Vau-He, são chamados "HAVIOTH". Encontrá-los-emos mais adiante, no Arcano XII.

b) TZIRUPH: é uma substituição sistemática de umas letras por outras, segundo regras determinadas e mudando a ordem das letras no alfabeto. O número de tais sistemas é muito grande; mencionaremos apenas os mais usados.

1. O alfabeto ATHBASH: o alfabeto é escrito em duas linhas. Na primeira, as letras seguem da direita para a esquerda; na segunda, da esquerda para a direita.

Para analisar uma palavra, segundo este sistema, procuramos cada uma de suas letras na linha de cima, e a substituímos pela letra que lhe corresponde na linha de baixo. Assim, o Aleph será mudado em Thau, o Beth em Shin, etc. Daí, vem o próprio nome do alfabeto: "Athbash" (Aleph-Thau-Beth-Shin). Para simplificar o trabalho, podemos, naturalmente, limitar-nos a escrever somente a metade de cada linha, procurando a letra em uma das meia-linhas e substituindo-a pela sua correspondente da outra meia-linha. Aplicando o Athbash ao nome Iod-He-Vau-He, obteremos a palavra MASRAS (Mem-Tzade-Phe-Tzade), cujo valor numérico é $40 + 90 + 80 + 90 = 300 \rightarrow 3$, indicando claramente o plano metafísico. A palavra EMESH (Aleph-Mem-Shin), pelo mesmo método, transformar-se-á em Theeb ($400 + 10 + 2 = 412 \rightarrow 7$), indicando que o Ternário Superior — Emesh — possui em si a capacidade de produzir o Septenário das Causas Secundárias. A palavra BEN (Filho), composta de Beth-Nun ($2 + 50 = 52 \rightarrow 7$) relacionada, portanto, com o Septenário, se transformará em Shin-Teth (Shet), cujo valor é $300 + 9 = 309$ 12 correspondendo ao duodenário, isto é, ao zodíaco ou plano físico.

2. O alfabeto ALBATH (Aleph-Lamed-Beth-Thau). Seu esquema é dado pelas linhas:

Kaph-Iod-Teth-Cheth-Zain-Vau-He-Daleth-Ghimel-Beth-Aleph

Mem-Num-Samech-Ain-Phe-Tzade-Quph-Resh-Shin-Thau-Lamed

As letras da palavra analisada são procuradas numa das linhas e substituídas pelas letras que lhes correspondem na outra linha. Assim, Iod-He-Vau-He, mudar-se-á para Nun-Quph-Tzade-Quph tendo o valor $50 + 100 + 90 + 100 = 340 \rightarrow 7$. Isso se interpreta: o Septenário é o produto da Lei Dinâmica.

3. O alfabeto **ALBAM** (Aleph-Lamed-Beth-Mem). O esquema da substituição é dado pelas linhas seguintes:

Kaph-Iod-Teth-Cheth-Zain-Vau-He-Daeth-Ghimel-Beth-Aleph

Thau-Shin-Resh-Quph-Tzade-Phe-Ain-Samech-Nun-Mem-Lamed

O modo de proceder é o mesmo que no alfabeto precedente. O nome Iod-He-Vau-He transforma-se em Shin-Ain-Phe-Ain (Shaphe), recebendo o valor numérico $300 + 70 + 80 + 70 = 520 \rightarrow 7$. O que dá de novo o Septenário das Causas Secundárias.

Podemos inventar quantos alfabetos quizermos, semelhantes aos que foram apresentados.

O VALOR DA CABALA PARA UM OCULTISTA

Podemos nos perguntar, para que serve toda essa cogitação cabalística? Seria, talvez, apenas para exercitar a perspicácia intelectual? Com certeza, o alvo não é este, e o intelecto é apenas uma ajuda na aquisição da sabedoria.

A finalidade do estudo da Cabala é dupla:

1. Este estudo permite-nos aprofundar o sentido dos escritos em linguagem hieroglífica-iniciática, desvelando não somente tudo que neles foi encerrado por seus autores, mas também tudo que pode ser deduzido das teses que estes escritos apresentam. Isso pode ser realizado por meio da especulação mental, do trabalho dos elementos mercurianos da personalidade humana.
2. Ele nos permite, através do uso da palavra, criar, pelo nosso poder inventivo, pantáculos que revestem nossos impulsos volitivos com uma forma. Da pronúncia das palavras neles usadas, surgem os mantrans e — o que é importante —, mantrans reais para nós, isto é, mantrans cuja composição compreendemos e que estão em sintonia conosco, tendo sido criados por nós mesmos ou recebidos das correntes Egregóricas com as quais estamos em contato.

A Cabala, em geral, possibilita o estudo da TRADIÇÃO, esclarece os sistemas Teogônicos, Androgônicos e Cosmogônicos e indica a seus adeptos os meios de realização.

O próprio nome "QABALAH" ($100 + 2 + 30 + 5 = 137 \rightarrow 11 \rightarrow 2$) corresponde ao Arcano da Força (11) e ao da Ciência (2) o que, por si mesmo, pode servir de resumo a tudo o que acaba de ser dito. Etimologicamente, a palavra "QABALAH" se traduz por TRADIÇÃO.

CÓDICE CABALÍSTICO DA ESCOLA OCIDENTAL

O código da Escola Ocidental se compõe das seguintes obras monumentais de conteúdo indubitavelmente cabalístico:

1. O livro "SEIPHER IEZIRAH" (Shin-Phe-Resh-Iod-Tzade-Iod-Resh-He), atribuído a Abraão e contendo o código completo da **parte estática** da metafísica cabalística, isto é, o relacionamento mútuo entre as Três Causas Primordiais, as Sete Causas Secundárias e o mundo zodiacal do plano físico, englobados em um sistema unitário.
2. O livro da VIDA: "SEIPHER BERESHITH" (Shin-Phe-Resh-Beth-Resh-Aleph-Shin-Iod-Thau) e os outros livros restantes do Pentateuco de Moisés que contém o código das teses básicas da teogonia, androgonia cosmogonia e uma parte da história da transmissão, por sucessão, da Tradição da Raça Branca.
3. Outros livros do Velho Testamento em que, ao lado de textos exclusivamente exotéricos, encontram-se capítulos puramente cabalísticos, como, por exemplo, os capítulos I e X de Ezequiel, alguns capítulos do profeta Daniel e outros.
4. O livro "SEIPHER HA ZOHAR (Shin-Phe-Resh-He-Zain-Vau-He-Resh ou He-Zain-He-Resh) que consiste em um amplo conjunto de comentários avulsos, de vários autores, cujos nomes, na maioria, são desconhecidos. O Zohar, além dos comentários sobre a Bíblia e o Sepher Iezirah, contém um código quase completo da **parte dinâmica** da metafísica cabalística. Aí, encontramos aplicações de vários métodos cabalísticos aos textos sagrados, assim como tratados sobre a assim chamada PNEUMÁTICA, que é o ensinamento a respeito das almas, dos métodos de agir sobre os astrosomas, das condições em que se realiza a mudança dos planos de vida, das operações teúrgicas, etc. O Zohar foi impresso pela primeira vez em Mântua, no ano de 1559. Quanto à época em que foi composto, sempre houve controvérsia. Com isso, não nos ocuparemos.
5. Os livros de Talmud, nome familiar a todos. Muitos dentre eles não possuem dados cabalísticos, no entanto, sua estrutura, o esquema da divisão do seu material, o modo de sintetizar, têm, sem dúvida, um caráter cabalístico. Por

causa disso, os livros de Talmud não devem ser omitidos nessa enumeração dos escritos cabalísticos, herdados do passado.

6. As assim chamadas “Clavículas de Salomão”, que chegaram até nós numa tradução latina do Rabi Abognazar e que consistem em uma coleção de talismãs, de pantáculos, de conjurações e de preces utilizadas na Magia Cerimonial. Encontramos lá também uma série de indicações astrológica-cabalísticas. O prefácio é constituído por um texto intitulado “Recomendações do Rei Salomão ao seu filho Roboan”. Pode-se dizer que as “Clavículas” apresentam uma coleção de receitas cabalísticas.
7. Todo o Novo Testamento e, especialmente, os livros do Apóstolo João, são ricos em textos que, em parte ou na totalidade, permitem uma interpretação cabalística. No Apocalipse encontramos descrições salteadas de diversos Arcanos Maiores de Tarô. O Evangelho de São João contém 21 capítulos que correspondem aos Arcanos Maiores, desde o Aleph até o Shin, inclusive.

Todo este códice cabalístico foi interpretado durante a Idade Média por numerosos cabalistas clássicos de diversas Escolas e nacionalidades e que, por sua vez, nos deixaram muito material suscetível de meditação e ao qual podemos aplicar este “Mercúrio do Esoterismo” que se chama especulação cabalística.

OS NOMES DAS SEPHIROTH E OS NOMES SAGRADOS A QUE ELAS CORRESPONDEM

A mais breve exposição da Cabala seria muito incompleta se, mesmo num nível elementar como este, os dez Nomes Divinos não fossem mencionados. Estes Nomes, assim como os nomes das Sephiroth, poderão servir de material para os primeiros exercícios de Notarikon e Gematria.

Como exemplo, analisaremos em linhas gerais, os primeiros três Nomes Divinos, assim como, os nomes das Sephiroth que lhes correspondem.

1. O nome “EHIEH” (Aleph-He-Iod-He) pelo método de Notarikon, se decompõe em dois “matrimônios”: Aleph-He e Iod-He, o que nos permite a seguinte interpretação: Assim como uma individualidade triplânica, equilibrada (Aleph) fecunda os elementos passivos (He), do mesmo modo, um sistema fechado ativo (Iod) pode fecundar um sistema passivo (He) que lhe convém.

- O valor numérico deste nome ($1 + 5 + 10 + 5 = 21 \rightarrow 3$), indica o plano metafísico (3) e, ao mesmo tempo, o misterioso processo da passagem aos planos inferiores (21). O nome da Sefhira que lhe corresponde — Keter — (Kaph-Thau-Resh) se decompõe no Arcano da Força (Kaph-11), no Arcano da aplicação da Grande Obra (Thau-22) e no Arcano do Renascimento (Resh-200). O valor numérico da soma ($11 + 22 + 200 = 233 \rightarrow 8$) nos permite acrescentar: “tal é a Lei do mundo”. Como vemos, a análise do nome da Sefhira — Keter — caracterizou o meio no qual se desenrola o processo determinado pelo Nome Divino “Ehieh”.
2. O Nome Divino “IAH” (Iod-He) é a fórmula de uma união normal, gnóstica, de duas polaridades do mesmo nível. Seu valor numérico $15 \rightarrow 6$ indica o papel desempenhado nessa união pelo turbilhão astral (15) e adverte contra os perigos do Arcano VI, pois, a união pode ter tanto um caráter evolutivo como involutivo.
- O nome da Sefhira Hokmah Cheth-Kaph-Mem-He pode ser interpretado como ambiente de Legalidade (Cheth-8), cultivando a Força (Kaph-11) que, depois da mudança de plano (Mem-40), determina os elementos de uma vida nova (He-5). O valor numérico da soma (10) indica um ciclo de transformações, fechado, independente e ativo. De novo, o Nome Divino indica o processo, e o nome da Sefhira — as condições nas quais se desenrola.
3. O nome de Iod-He-Vau-He é a fórmula de uma família normal, de um ciclo dinâmico normal. Seu valor numérico é 8, o que sublinha a Legalidade do ciclo.
- A Sefhira Binah (Beth-Iod-Nun-He, ou seja, $2 + 10 + 50 + 5 = 67 \rightarrow 13 \rightarrow 4$) nos diz que o Conhecimento (Beth) conduz a um sistema fechado, completo (Iod), em que a Vida (He) é possível nas condições de reversão dos processos (Nun) ou também, em condições de moderação (Nun). Este ambiente convém totalmente à manifestação da Lei Dinâmica. O valor numérico (13) nos faz lembrar o princípio da transformação da energia, e o “4” — a indispensabilidade de aplicá-la ao mundo dos elementos, para realizar o ciclo Iod-He-Vau-He.

Aconselhamos que os estudantes apliquem a mesma análise rápida a todas as dez Sephiroth. Fazendo-o, convencer-se-ão de que os Nomes Divinos correspondentes as Sephiroth da coluna feminina (a da esquerda — no esquema Sephótico) contém elementos **limitadores e determinadores** em

relação aos processos causados pelos Nomes Divinos correspondentes às Sephiroth da coluna masculina (a da direita) — dos mesmos subplanos. Assim, por exemplo, o nome “IAH” (Iod-He) correspondendo à Sephira da coluna masculina, Hokmah, evoca o processo de **UNIÃO** e o nome Iod-He-Vau-He, correspondendo a Sephira Binah, da coluna feminina (ambas pertencendo ao mesmo mundo Aziluth), é uma **fórmula de família**, que delimita e determina a qualidade da união, estruturando-a em forma de família.

Além dos dez Nomes Sagrados, dos nomes Sefiróticos e do termo hebraico AIN-SOPH, dado ao Inatingível, superior a todas as Sephiroth, seria útil “cabalizar”, de vários modos, as palavras “AB” (pai) e “AGLA” (Aleph-Ghimel-Lamed-Aleph) que têm uma ampla aplicação na Magia Cerimonial e na Teurgia. A palavra “AGLA” se compõe de Aleph que significa o equilíbrio nos três planos, alcançado pela plena compreensão metafísica da existência; Ghimel, correspondente a criatividade do Amor Universal, reunificando tudo o que, em qualquer tempo, tenha ficado separado; Lamed, simbolizando a ilimitada expansividade da disponibilidade para o sacrifício; os três signos, juntos, levam, de novo, ao princípio de unicidade — Aleph. Esta é a razão de se traduzir “AGLA” por “TRI-UNO” e a razão de que a essa palavra seja atribuído um poder mântico, mesmo quando pronunciada por um profano.

Pensamos que agora pode ser percebido o papel dos dez Nomes em Teurgia e Magia. Estes Nomes correspondem aos ciclos separados do Grande Processo Diabático da Vida Universal. A **totalidade** íntegra dos Nomes abarca tudo o que foi manifestado e tudo que pode ser manifestado. É o reflexo completo, poder-se-ia dizer, da compreensão subjetiva dos Mistérios do Universo, pelo Homem Coletivo; compreensão expressa através dos signos do Alfabeto Iniciático e dos sons da Língua Iniciática deste Homem Coletivo.

Toda cerimônia Teúrgica e muitas Mágicas são acompanhadas pela pronúncia ritualística de alguns ou de todos estes Nomes, de acordo com as Sephiroth que participam no esquema da ascensão da oração ou da invocação.

Um bom conhecimento dos Nomes Divinos e das Sephiroth é indispensável mesmo para um aluno principiante. Este domínio lhe permite obter indicações cabalísticas, mentais, a respeito de um ou outro ramo do processo diabático universal, independentemente de qualquer obra escrita, e lhe dá a possibilidade de afirmar seus impulsos volitivos pelas fórmulas que o ligam à Egrégora Imortal da Grande Corrente dos Portadores e Guardiões da Cabala da Raça Branca.

LÂMINA XI

Vasto gramado. Sobre o fundo de um céu azul, destaca-se claramente, de pé, uma moça, que parece ser quase menina, de tal modo são puros e inocentes os traços de seu rosto, de tipo marciano-venusiano. Os cabelos, ouro-cobre, estão soltos. Acima de sua cabeça brilha, trançado com feixe de luz, o signo do infinito. Ela olha para cima, o seu rosto sério expressando devoção e esperança. Está vestida com uma túnica branca, até os pés. Pode-se notar o joelho esquerdo ligeiramente dobrado. Sobre o peito, ela traz um grande pentagrama de ouro, seguro por uma corrente composta de pequenos pentagramas de prata. Jogado nos ombros, um manto de cor púrpura viva, forrado de lilás.

Diante da moça, um leão com mandíbulas entreabertas. As mãos da jovem estão entre os dentes do leão, como se ela, sem nenhuma dificuldade, estivesse abrindo ou fechando a boca da fera.

A posição do leão não tem importância. Importante é a expressão de pureza devocional da moça, que lhe deu a força incrível de amansar o leão.

Os contornos são claros, as linhas bem destacadas.

Como já foi dito, o signo do Arcano XI — Kaph — tem valor numérico 11 → 2, significando que a força pode ser utilizada de duas maneiras. A correspondência astrológica do Arcano é o planeta Marte.

Os títulos do Arcano, no campo do Ternário Teosófico, são: “VIS DIVINA”, “VIS HUMANA” e “VIS NATURALIS” ou, em outras palavras, três modos de manifestação da força.

O título da lâmina é “LEO DOMINATUS” (Leão Dominado) ou “FORÇA”.

A lâmina representa uma jovem que, sem esforço e com inteira segurança está abrindo (ou fechando) as mandíbulas de um leão. A luz astral forma, acima da moça, o signo do infinito.

É fácil compreender o sentido da lâmina: apresenta as condições indispensáveis para que possam se manifestar e serem utilizadas as forças evolutivas. Estas condições seriam: o conhecimento astral (o signo do infinito), a pureza de finalidade (a virgem é o símbolo da pureza) e a confiança em si mesmo (a atitude convicta da moça).

A análise aritmética do Arcano nos dá certas indicações quanto a criação da força e o mecanismo de sua aplicação.

$$11 = 1 + 10 \quad \text{e} \quad 11 = 10 + 1$$

Na primeira decomposição, a mônada (1) rege um sistema fechado (10). Traduzindo-o para a linguagem comum, diremos que somente uma vontade deve reger uma corrente, formada por elos individuais. Esta é a fórmula das entidades coletivas regidas pela Hierarquia.

A segunda decomposição nos diz que uma corrente (10) composta de entidades individuais deve manifestar-se exteriormente como uma única unidade (1). Isto é, para que uma coletividade seja forte, deve, obrigatoriamente, existir, em todos os planos, a sintonia das finalidades de seus membros.

$$11 = 2 + 9 \quad \text{e} \quad 11 = 9 + 2$$

A primeira fórmula nos diz que a incapacidade humana de neutralizar os binários (2) leva os Iniciados (9) a trabalhar e manifestar sua força (11).

A segunda fórmula será lida assim: a força (11) dos Iniciados (9) consiste na utilização, para as suas finalidades, da incapacidade alheia em neutralizar os binários (2).

$$11 = 3 + 8 \quad \text{e} \quad 11 = 8 + 3.$$

A primeira versão é: a força (11) consiste em ser produtivo (3), dentro da Lei estabelecida (8). A segunda versão dá: a força (11) está na preservação da Lei (8), dentro da produtividade (3) já existente.

$$11 = 4 + 7 \quad \text{e} \quad 11 = 7 + 4.$$

A dependência dos elementos (4), qualquer que seja a interpretação deste termo, faz surgir no homem a ação das causas secundárias (7) e, por isso mesmo, torna-o forte (11). Ou: as causas secundárias (7) regem os elementos (4) e isso resulta em força (11). Essa última interpretação indica, claramente, a necessidade da participação, na corrente mágica, além dos pentagramas, também dos elementais (4) que, conhecendo os mistérios do mecanismo da involução, ajudam na realização das finalidades da corrente. Estes elementais, porém, devem ser submetidos aos elementos pentagramáticos da corrente, os quais, por sua vez, são apoiados por influências planetárias (7).

$$11 = 5 + 6 \quad \text{ou} \quad 11 = 6 + 5.$$

A primeira decomposição é a fórmula clássica de uma cerimônia mágica: o microcosmo (5) atua no macrocosmo (6). A segunda decomposição é a fórmula comum da adivinhação astral, de caráter puramente passivo: o macrocosmo (6) informa o microcosmo (5) receptivo. Essas duas últimas formulas ocultam uma parte dos mistérios da força.

Agora falaremos, brevemente, da etiologia e da história de alguns exemplos de realização da força através da atuação de correntes mágicas, regidas por Egrégoras determinadas.

Uma forma típica de tais correntes seria uma coletividade que professasse alguma determinada religião. Sendo assim, tentaremos dar um esboço geral da formação e do desenvolvimento das correntes religiosas.

Isso obrigar-nos-á a explicar, brevemente e, de modo mais simples possível, o ensinamento dos Iniciados relativo à Queda e à Reintegração do Homem.

Começaremos por lembrar a composição da Primeira Família, ou seja, o grupo transcendental, superior a todas as Sefiroth.

Como já estudamos, os Membros dessa Família são o Amor Transcendental, a Vida Transcendental, o Logos (ou Adão Kadmon) e o Servidor (ou Valete) do Logos. O último emana a Coroa da Segunda Família.

A segunda Família se compõe das seguintes Pessoas Místicas:

1. A Sefhira Keter na qual permanece o Macroprosopo da Família.
2. A Sefhira Hokmah na qual deveria permanecer o Pai da Família e onde, em estado primordial, achava-se o Complexo Andrógino das Almas Humanas, formando um único organismo chamado ADÃO PROTOPLASTA (Adam Protoplastes).
3. A Sefhira Binah é o lugar natural de permanência da Mãe da Família e o lugar primordial da permanência do Complexo dos Anjos. As Almas deviam realizar o **trabalho evolutivo** do Triângulo do Fogo: tudo sutilar, tudo elevar, mantendo ininterrupta a corrente ascendente do grande Sistema Fechado das dez Sefhiroth do Universo. A atividade dos Anjos, limitando a esfera da atividade das Almas, correspondia à **tarefa involutiva** do Triângulo da Água. Os Anjos concretizavam o sutil, coagulavam-no, regendo a totalidade do fluxo descendente do Sistema Fechado da Segunda Família.
4. As 6 Sefhiroth: Chesed, Geburah, Tiferet, Netzah, Hod e Yesod servem, em sua totalidade, como lugar de permanência do Microprosopo da Família. O Microprosopo é andrógino. O centro do seu organismo é a Sefhira Tiferet. E os órgãos através dos quais ele age sobre a Esposa constituem a Sefhira Yesod. O lado direito do Microprosopo contém dois órgãos positivamente polarizados: Chesed (a Misericórdia) e Netzah (a Vitória). Estes dois órgãos do Microprosopo são constituídos pelas Almas e utilizados com finalidades evolutivas. O lado esquerdo do Microprosopo contém órgãos negativamente polarizados: Geburah (a Severidade) e Hod (a Paz), ambos criados pela influência dos Anjos, e destinados a fins involutivos. Assim, do Pai, o Microprosopo recebeu as possibilidades evolutivas que a Mãe limitou pelas involutivas. A personalidade do Microprosopo se determinou na Sefhira Central — Tiferet. Sua atividade, em direção descendente, na Sefhira Yesod. Isso nos torna mais compreensível a finalidade do Microprosopo. Seu campo de atividade é **toda a esfera do conhecimento** (em latim "COGNITIO", em hebraico "DA-ATH"). Essa esfera é neutralizada pela Harmonia e deve ser considerada como sendo andrógina.

Sua estrutura é muito complicada e, portanto, seu funcionamento pode ser facilmente deturpado. Um organismo ou complexo puramente passivo ou puramente ativo nunca exige tanto cuidado, tanta destreza no seu manejo quanto os andróginos. O mesmo pode ser dito dos mecanismos de ação dupla: eles funcionam perfeitamente enquanto todas as regras forem rigorosamente observadas; a menor infração, porém, a essas regras, provoca grandes distúrbios.

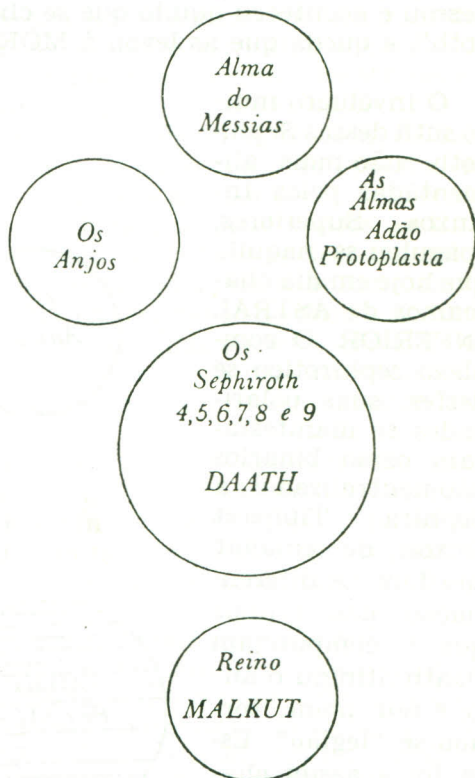
5. A Sephira Malkut é o lugar de permanência da Esposa do Microprosopo. É o campo de aplicação das realizações elementais, que dependem estritamente da criatividade e do estado do Microprosopo.

A figura 45 apresenta o esquema primordial relativo a distribuição dos elementos da estrutura do Universo entre as Sephiroth da Segunda Família. Este esquema é chamado "INSTITUTIO".

Mais tarde ocorreram as quedas. A esfera Daath (as Sephiroth do Microprosopo), na sua qualidade de complexo andrógino, refletia de um modo análogo, tanto aquilo que recebia do Logos e do Seu Servidor (o Valete), quanto o que provinha de um nível ainda superior, o do Androginato Perfeito do Ponto Superior acima do Primeiro Iod.

A diferença entre as manifestações dessas Três Unidades Andróginas consiste nisso:

- a) O Ponto Superior nada recebe; somente envia um Fluxo Transcendental;



ESQUEMA "INSTITUTIO"

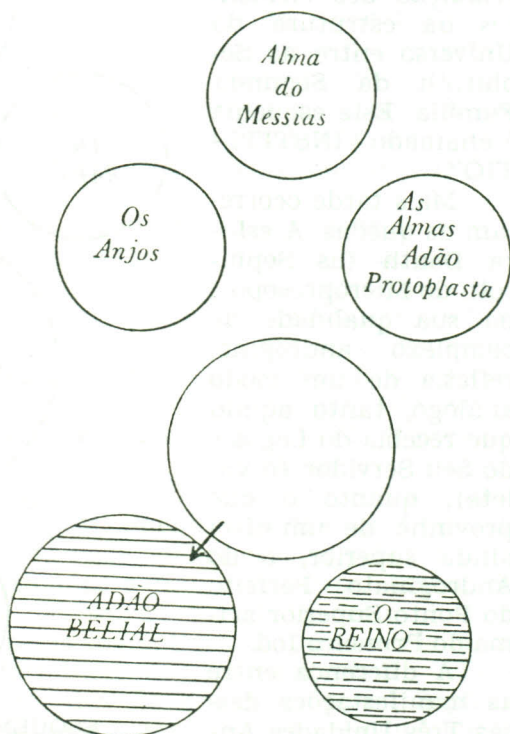
Figura 45

- b) O Logos nutre-se com o Influxo Transcendental e, por sua vez, envia o Fluxo Transcendente;
- c) As Sephiroth do Microprosopo recebem o Influxo Transcendente, já envolto numa forma levemente nebulosa, e o transmitem, ainda mais condensado à esfera de formas definidas, ou seja, **ao mundo da formação dos princípios seminais** ("Formae Seminales").

O Ponto Superior é auto-existente; o Logos é independente; o Daath é apenas harmônico; e o Malkut somente denso.

As Sephiroth de Daath quiseram tornar-se **independentes**. Para isso precisavam da **liberdade**, sem a qual não pode haver vida independente; ser liberto significava recusar o alimento transmitido pelo Influxo Superior. Esta recusa se processou e aconteceu aquilo que se chama "Queda das 6 Sephiroth", a queda que as levou à **MORTE CABALÍSTICA**.

O invólucro muito sutil dessas Sephiroth, não mais alimentadas pelos Influxos Superiores, coagulou-se naquilo que hoje em dia chamamos de **ASTRAL INFERIOR**. O complexo sephirótico se desfez, suas polaridades se manifestaram como binários não-neutralizados, a Sephira Tipheret deixou de emanar sua Luz. A diferenciação das células que compunham Daath atingiu o auge e seu nome tornou-se "legião". Esta foi a assim chamada "QUEDA DOS ANJOS", que revelou ao Universo o **MISTÉRIO DA MORTE** (figura 46).



ESQUEMA DA I FASE DA ÉPOCA
"DESTITUTIO"
(caíram as Sephiroth do meio)

O conteúdo da Sefhira Malkut, ou seja, da Esposa de Daath, coagulou-se também de um modo correspondente, continuando, todavia, a servir como campo de manifestação da decaída “legião” Daath. Em outras palavras, Malkut tornou-se o campo das mais densas manifestações dos binários não-neutralizados. Simbolicamente, pode ser dito que em Malkut, naquela época, se plantou a **ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL**.

Embora o conteúdo das 6 Sephiroth do Microprosopo tenha decaído, os princípios que regiam a construção sephirótica permaneceram imutáveis, do mesmo modo como um código de leis permanece em vigor mesmo se for transgredido por todos os cidadãos, sem exceção.

Nesta nova situação, diante das Almas e dos Anjos, surgiu uma outra tarefa: a de povoar os lugares que ficaram desabitados, com formas que, fecundando Malkut, poderiam salvá-la e, através dela, salvar também seu Esposo, Daath decaído. Daath, no entanto, não quis perder sua liberdade no processo de restabelecimento da Árvore da Vida, ou seja, da Luz astral da Tiferet. Sendo assim, o Daath seduz o lado passivo da Sefhira das Almas (Heva), levando-a a experimentar os binários da Sefhira Malkut — os elementos mais densos do Universo — que apresenta-lhe como pontos de apoio adequados para realizar o poder pessoal. Heva, deixando-se seduzir, experimenta o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Tendo-se familiarizado com o sistema dos binários, Heva (o lado passivo) transmite-o para o lado ativo das Almas, o lado chamado Adão. Assim, a esposa oferece ao esposo o mesmo fruto.

O lado ativo das Almas, antes de tudo, aplica a base binária ao conteúdo da própria Sefhira Hokmah: Adão e Heva admitem ser polaridades de um binário não-neutralizado, ou seja, não mais um casal, mas um par de opostos. Daí o pudor e a necessidade subsequente de se cobrirem com roupas, isto é, novas cascas ou coagulações.

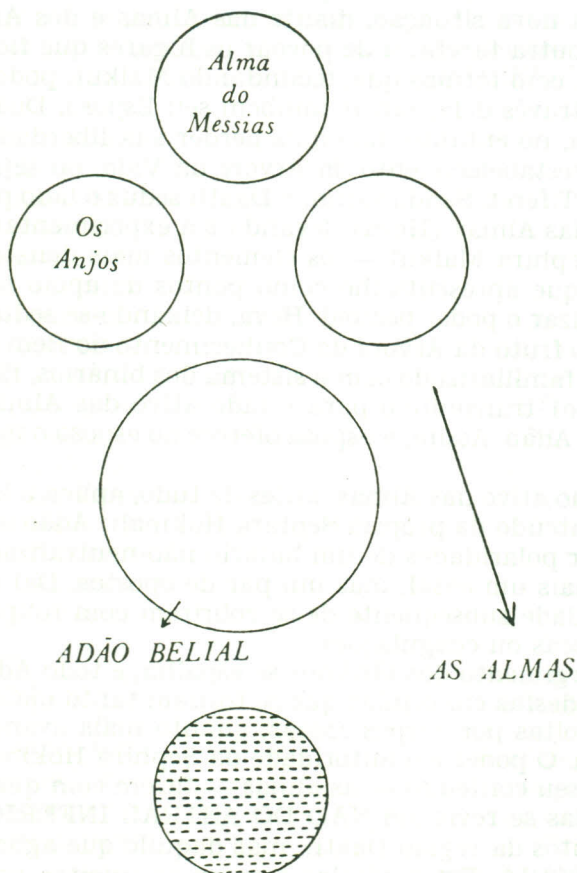
O surgimento dos binários se espalha, e todo Adão Protoplasta se desfaz em células que se tornam tanto mais compactas e envoltas por corpos-cascas, quanto mais avança a diferenciação. O poder e a autoridade da Sefhira Hokmah e a sutileza do seu conteúdo — as almas — fazem com que essas almas-células se revistam **NÃO DO ASTRAL INFERIOR**, como os elementos da região Daath, mas daquilo que agora chamamos **MATÉRIA**. Estas células tornam-se sujeitas ao tempo e ao espaço e nisso consiste sua **escravidão**. Afastando-se do Fluxo Superior, caem sob o domínio do tempo e do espaço. Devido a essas alterações, o esquema sephirótico do Universo, trans-

forma-se de "Institutio" (Figura 45) em "Destitutio" (Figura 47), desorganização, desagregação.

O que podiam fazer as Sephiroth superiores, cuja harmonia ficou afetada pela queda das Almas?

A coletividade dos Anjos, gerando entidades chamadas "Spiritus Directores" espalha através dos mesmos sua influência sobre todos os subplanos do astral. Imbuída por sua tarefa involutiva, gera elementais, penetrando assim em Malkut, pois os elementais possuem corpos materiais que constituem a base física do Universo.

Existe uma expressão popular afirmando que os Anjos materializam o Reino (Malkut) para que os diabos astrais não possam aí se alegrar.



ESQUEMA DA SEGUNDA FASE, A FINAL, DA ÉPOCA "DESTITUTIO"

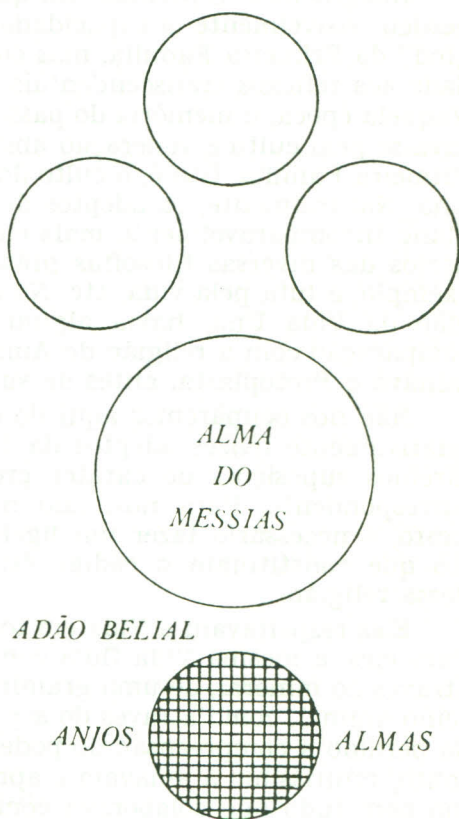
Figura 47

O conteúdo de Keter, chamado "ALMA DO MESSIAS", sendo andrógino, se espalha por toda a região do Microprosopo, recriando as Sefhiroth, para poder, mais tarde, fecundar Malkut através de uma Encarnação Redentora. Este é o plano representado pelo esquema chamado "CONSTITUTIO" (Figura 48).

Assim a encarnação do Messias deve incentivar as Almas, despertá-las do seu sono dentro da matéria e chamá-las ao esforço evolutivo. As almas encarnadas, sendo entidades de três planos, possuem predominância mágica sobre Daath decaído que, no mundo físico, pode manifestar-se apenas mediante os empréstimos mediúnicos.

As Almas, aspirando reintegrar-se à Sefhira Hokmah, progressivamente sutilizam, não apenas seus invólucros, mas também toda a Sefhira Malkut em que trabalham. E, seguindo a elevação da Esposa (Malkut), o Esposo — Daath decaída — eleva-se também. Deste modo, as Almas trabalham, a fim de realizar o ideal, o assim chamado "RESTITUTIO", ou restabelecimento completo do estado primordial do sistema sephirótico da Segunda Família.

Passemos agora à história da QUEDA DA HUMANIDADE. Esta queda não se fez instantaneamente. O adensamento dos invólucros da Humanidade processou-se gradativamente, sendo acompanhado pelo esquecimento progressivo da perfeição passada e pela lenta adaptação ao novo estado depl-



ESQUEMA DA ÉPOCA "CONSTITUTIO"

Figura 48

rável. Naturalmente, este esquecimento e adaptação não se apresentava de modo igualmente fácil a todas as individualidades, ou seja, a todas as células do Adão Protoplasta.

Para nós, agora, importa o que pode ser esquecido e o que deve ser lembrado da grandeza passada.

Imaginemos o período em que a humanidade decaída perdeu visivelmente a capacidade de receber o influxo do "Iod" da Primeira Família, mas conservou ainda a receptividade aos reflexos transcendentais de caráter menos elevado. Naquela época, a memória do passado — a religião — expressava-se pelo culto e veneração abstrata do "Primeiro He" da Primeira Família, isto é, o culto do Grande Princípio da Vida Una. Naturalmente, os adeptos dessa religião ocupavam um plano incomparavelmente mais elevado do que os dos partidários das diversas filosofias práticas, modernas, como, por exemplo, a luta pela vida, etc. No entanto, mesmo já na religião da Vida Una, havia algum ofuscamento da Luz, em comparação com a religião do Amor Transcendental que iluminava o Protoplasta, antes de sua queda.

Não nos ocuparemos aqui do continente onde viviam os relativamente felizes adeptos da religião da Vida Una, nem faremos suposições de caráter cronológico quanto à época correspondente. Para nós, isso não é o essencial. No entanto, é necessário fazer um ligeiro esboço dos Mandamentos que constituíam o código ético-natural dos seguidores dessa religião.

Eles respeitavam a Vida em todas as suas manifestações. Para eles, a mesma Vida fluía com sua força poderosa tanto através do mineral, de uma graminha, do menor exemplar do reino animal, como através do ser humano. Não tinham ainda perdido a compreensão do poder evolutivo da Vida e, portanto, muitíssimo a amavam e apreciavam, considerando como bem tudo que colaborava com o fluxo da Vida, e como mal, tudo que o contrariasse.

A Tradição transmite-nos os Mandamentos daquela época como sendo os seguintes:

1. Confessar o princípio metafísico da Vida Una.
2. Não fracionar essa Vida metafisicamente, ou seja, não multiplicá-la em princípios mentais.
3. Não fracioná-la astralmente, isto é, não aplicar o mistério do ciclo dinâmico na direção divergente da direção hierárquica usual.
4. Não obscurecê-la no plano físico pelo esquecimento da Origem, por Emissão, de toda Vida.

5. Respeitar os que lhe deram a Vida (inclusive os pais no plano físico).
6. Transmitir a Vida, conscientemente e com sabedoria.
7. Não atentar contra uma vida individual no plano físico.
8. Não atentar contra uma propriedade ligada a uma vida individual, no plano físico.
- 9 e 10. Não atentar, no plano astral, contra o que está ligado com alguma Vida individual, nem passivamente (9) pela mentira, nem ativamente (10) pela cobiça.

Passemos agora ao segundo período da queda humana e à segunda religião.

Embora a humanidade daquela época já tivesse perdido o culto da Vida Transcendental, não havia ainda se afastado da concepção do Logos, o **Grande Arquiteto do Universo**. Neste estágio da queda não mais existia a intuição da Unicidade da Vida, mas permanecia a fé na Única Fonte **de todos os ideais**. Como todos os ideais provinham do Logos, não podia haver qualquer oposição entre eles. Num momento difícil ou num momento de tomar uma decisão importante, um seguidor da Religião do Logos implorava sua ajuda, na forma de um ideal que pudesse salvá-lo.

No estágio seguinte da queda, apaga-se dos corações humanos a imagem do Logos, mas mantêm-se ainda a imagem do "Segundo He" (o Valete) da Primeira Família, ou seja, **os próprios ideais**. Não há mais ninguém a Quem implorar, mas existindo os ideais, a salvação pode ainda ser tentada.

Essa religião do Segundo He passa, imperceptivelmente, de Transcendental a Transcendente. A compreensão interna, até lá sussurrada pela intuição, petrifica-se gradativamente num **rígido esquema de teses metafísicas transcendentais**. A fé no "Segundo He" da Primeira Família, desce lentamente ao nível da religião do Macroprosopo da Segunda Família, ou para ser mais exato, ao Ponto Superior acima do seu Iod.

E depois?

Depois surge uma religião transcendente do Pai da Segunda Família. Esta religião limita-se à memória da Sephira Hokmah, isto é, à memória da permanência nela de todas as Almas, na qualidade de células do único ser — o Adão Protoplasta. Nessa religião manifesta-se claramente a compreensão do princípio da **Fraternidade Humana**, tendo, no entanto, desaparecido a compreensão da Fraternidade do Homem com as entidades do fluxo involutivo — os Anjos. Neste nível, Keter é esquecida, e é esquecido também que Hokmah

e Binah são suas duas manifestações que deveriam realizar, numa colaboração fraterna, o trabalho do ciclo de Vida da Segunda Família.

Quando, no nível seguinte, mesmo a compreensão da Fraternidade Humana fica esquecida, então a situação torna-se perigosa. Começa a reinar o egoísmo, o que leva à anarquia e até à predominância das forças das trevas, à luta contra a forma normal dos processos dinâmicos evolutivos e mesmo até ao **fracionamento da própria personalidade humana** numa “legião” de paixões, fortemente análoga à “legião dos diabos” do astral inferior.

Toda a Humanidade, em **todas as suas raças e nacionalidades**, passou, passa e passará por todos os enumerados tipos de religião e, infelizmente, mesmo pela última fase descrita, a do fracionamento anárquico das personalidades.

Naturalmente, outrora, na época em que ainda não havia sido perdida nem deturpada a religião primordial da Vida Única — religião não complicada mas profundamente sábia —, a tarefa da Reintegração apresentava-se mais claramente e era mais fácil de realizar-se.

Contudo, quaisquer que fossem as circunstâncias e tentações a afastarem gradualmente a maioria dos homens da sua religião, sempre apareciam seres humanos que se esforçavam para trazer a humanidade de volta à antiga sabedoria. Com muita razão, eles chamavam a si mesmos “Iniciados” e os que se tinham afastado do culto da Vida Una — “Profanos”. Os primeiros, de fato, tinham preservado, um certo contato com o puro reflexo do “Primeiro He”, enquanto que os segundos haviam-no obscurecido e deturpado, ou em outras palavras, o profanaram. Os primeiros não eram santos; eles também decaíram na sua qualidade de células do Protoplasta, mas, todavia, permaneceram **próximos à Luz e à Santidade**.

As tentativas dos Iniciados para fazer voltar os homens ao caminho da Verdade, expressava-se em esquemas mais ou menos complicados, dependendo do grau de declínio do ambiente e, mais tarde, também das condições de vida das nacionalidades que constituíam este ambiente. Estas tentativas podem ser chamadas por um nome comum: “**FUNDAÇÃO DAS RELIGIÕES**”

Freqüentemente, os Instrutores que instituíam as religiões, lidavam com um ambiente onde a maioria das pessoas estava em vias de perder até mesmo a concepção da Fraternidade Humana, isto é, perder a memória da Sephira Hokmah. Portanto, os Instrutores deviam:

1. Lembrar aos homens a Fraternidade das Almas.

2. Restabelecer a compreensão do grande fluxo involutivo-evolutivo, ou seja, da Escada de Jacob, na qual, pelo lado esquerdo descem os Anjos (Binah), pelo direito sobem as Almas (Hokmah) e em cima, em seu trono, permanece sempre o Radiante Macroprosopo (Sephira Keter).
3. Ensinar a reverência para com seus Instrutores, cujo papel apresenta uma analogia com o “Segundo He” da Primeira Família, o qual, misteriosamente e por emanção, transmite o Influxo Superior à Segunda Família.
4. Levar os homens a perder sua pretensão orgulhosa de querer transformar o Universo, segundo sua comodidade pessoal e convencê-los da necessidade do contrário, isto é, da transformação hermética de sua própria personalidade, modelando-a à semelhança — mesmo que bem remota — da imagem andrógino-harmônica do Logos.
5. Procurar purificar os caracteres, em nome do “Primeiro He” da Primeira Família, ou seja, tentando levar os homens a compreender e aplicar as diretrizes da Vida Una, acima enumeradas.
6. Trabalhar para que a humanidade, purificada pela Verdadeira Religião, possa de novo tornar-se capaz de receber o Influxo do “Iod”, de sutilarizar seus invólucros e, havendo elevado a Sephira Malkut e seu Esposo (o Microprosopo), recriar para si mesma a Unicidade Coletiva, isto é, o Adão Protoplasta, dentro da Sephira Hokmah. Isso constituiria a plena Reintegração da Humanidade.

Para que estas metas pudessem ser alcançadas, os Iniciados realizavam o Arcano da Força, juntando-se em correntes, dirigidas pelos princípios Egregóricos.

Os núcleos mentais dessas Egrégoras são e sempre foram formados pelo aspecto total, ou apenas uma parte, dos princípios da Única Religião Primordial. A parte astral da Egrégora nasce quando os princípios mentais, mencionados, envolvem-se com uma forma. O corpo físico da Egrégora corresponde à manifestação do culto no plano físico. Naturalmente, o “corpo físico” da Egrégora depende estritamente do seu astrosoma e do ambiente em que a religião é fundada e no qual se nutre. A mesma Egrégora, manifestando-se em diferentes países, pode dar nascimento a cultos diferentes.

Baseando-se nestes dados, deduziremos que a fundação de uma religião pode ser comparada à formação de um **turbilhão coletivo**. A atividade deste turbilhão dependerá da dinâmica de seus ciclos Iod-He-Vau-He. Desses ciclos, o mais importante para nós é o primeiro, aquele que se inicia no Ponto acima do Iod. Contudo, não deve ser esquecido que a

religião, por assim dizer, “**encarna**” com a finalidade de encontrar, para si mesma, adeptos; por causa disso, ela deve possuir, além dos elementos do ciclo dinâmico Iod-He-Vau-He, algum tipo de “ímã” (Shin), capaz de **granjear seguidores** ou, em outras palavras, facilitar-lhe a penetração e divulgação no plano físico. Este “ímã”, além de atrair à Egrégora os que com ela estiverem em sintonia, deve também servir de “**vínculo**” para reter aqueles que, pentagramaticamente, estariam tentados a romper o elo já estabelecido e se afastar da Egrégora.

Assim, o primeiro ciclo de um turbilhão religioso pode ser expresso pela fórmula “Ponto-Iod-He-Shin-Vau-He” e definido como materialização do aspecto total ou parcial do ensinamento provindo da Única Fonte da Verdade, a fim de espiritualizar um determinado ambiente.

O simbolismo dos termos do primeiro ciclo de um turbilhão religioso pode ser explicado pelo seguinte esquema, que poderia ser também chamado de “plano” de uma religião:

1. O “Ponto acima do Iod” corresponde às finalidades da criação de uma Egrégora. Estas, obrigatoriamente, devem ser desinteressadas, no sentido mais alto dessa palavra.
 2. O “Iod” corresponde ao **conteúdo metafísico**, que é um reflexo geral ou particular da Filosofia Una.
 3. O “Primeiro He” é constituído pelo **estado e as condições** do meio no qual a religião é fundada.
 4. O “Shin” é o aspecto da Egrégora capaz de **lhe atrair e conservar adeptos**.
 5. O “Vau” e o **próprio culto** — o filho do ambiente — fecundado pelo princípio da Unicidade Esotérica.
 6. O “Segundo He” representa o elo final do primeiro ciclo, elo que une os elementos precedentes em uma família e determina a influência desta família, isto é, a influência da **totalidade da corrente sobre o mundo externo**.
- Este elo pode ser chamado de “política” de uma religião.

Perguntemo-nos agora quais os elementos necessários para formar uma corrente egregórica viva. Estes elementos são:

1. “Ponto acima do Iod”, ou seja, a existência de um esquema de idéias e formas egregóricas.
2. “Iod” — a pessoa do Instrutor, possuindo um poder místico e astral.
3. “Primeiro He” — um ambiente preparado.
4. “Shin” — a **possessão**, pela corrente, de um certo contingente de fatos concretos ou clichês astrais atraentes que possam assegurar-lhe o proselitismo e constituir uma ga-

- ...rancia contra um cisma ou afastamento de seus seguidores.
5. "Vau" — um conjunto de discípulos de valor ao redor do Instrutor.
 6. "Segundo He" — uma comunidade de bons crentes.

Não entraremos nos pormenores a respeito do nascimento astral da Egrégora. Trataremos disso no Arcano XV. As condições necessárias para a "vida" de uma Egrégora, as causas de sua "doença" ou "morte" já foram mencionadas em linhas gerais. Agora diremos apenas algumas palavras quanto a necessidade de introduzir, na corrente egrégorica, além da energia das entidades pentagramáticas de tipo evolutivo (seres humanos vivos e desencarnados) também a energia dos **elementais** (Espíritos Diretores e mesmo Anjos), pois não se deve esquecer que a Egrégora usa primeiramente a corrente involutiva para transmitir o ensinamento à Terra; somente mais tarde ajuda a **evolução** de seus adeptos. Na linguagem popular diz-se que uma corrente mágica é formada de homens vivos, homens mortos e elementais de diversos tipos.

A respeito de como deve ser a personalidade do **Instrutor-Realizador**, podemos encontrar informações suficientes estudando a história das religiões e de seus fundadores.

Quanto ao ambiente, fica este preparado, na maior parte das vezes, pelos infortúnios éticos (mais raramente, materiais) experimentados e que despertaram nele a compreensão da necessidade do aperfeiçoamento. As nações atravessam épocas em que sua própria degradação e maldade se lhes tornam insuportáveis, e começam então a ansiar por uma renovação e por um Instrutor.

O elemento Shin de uma corrente consiste mais frequentemente em profecias que se realizaram ou nos assim chamados "milagres" do Instrutor ou de seus discípulos. Às vezes, num meio de nível elevado, esses elementos são substituídos pela forma em que é ensinada a Filosofia da Religião Una, e mesmo, às vezes, pelo próprio conteúdo dessa filosofia. Estes casos raros exigem um meio de alto nível ético e cultural e, geralmente, asseguram à Egrégora um longo período de vida.

Os discípulos são de duas categorias:

1. **Discípulos Principais**, que poderiam ser chamados "Apóstolos da Doutrina" e, em sua totalidade, deveriam representar os 4 tipos herméticos: o da **Águia** ou pensadores audaciosos; o do **Leão** ou naturezas ardentes; o do **Homem** ou mentes claras, lógicas e previdentes; o do **Touro** ou trabalhadores perseverantes.

2. Discípulos Secundários que, em seu conjunto, deveriam possuir:

- a) O elemento ativo (Iod) que, neste caso, é a dedicação, até o extremo, à metafísica da Corrente.
- b) O elemento passivo (He) manifestando-se como intuição e extrema sensibilidade, quase histórica.
- c) O elemento andrógino (Vau), ou seja:
 - a capacidade de transmitir aos seus semelhantes a simpatia e o interesse para com o ensinamento;
 - a habilidade de infundí-lo e espalhá-lo por métodos pessoais indo até o exagero.
- d) O elemento servidor (Segundo He), introduzindo a disciplina e seguindo os preceitos éticos da doutrina, até a aspiração do auto-sacrifício total.

Passemos ao conjunto dos **Crentes**. Deveria ser assegurada a possibilidade de observá-los, avaliando sua psique e suas qualidades, para poder, entre eles, escolher como discípulos os que se destacam do nível geral e possam, ativamente, servir a Egrégora. É muito prejudicial, à Corrente, impedir a aproximação ao seu Centro Iniciático, às Células cuja dedicação e energia se manifestem consciente e intensamente. Isso é tão nefasto para a Corrente como seria, no plano físico, dificultar artificialmente a alimentação dos órgãos essenciais do corpo pelo fluxo sanguíneo sadio.

Concluindo, falaremos dos perigos que ameaçam uma corrente religiosa, já formada ou em fase de formação.

No **plano mental**, a religião é prejudicada pelo acréscimo da escolástica à sua teologia. Isso representaria a involução de seu aspecto ideológico.

No **plano astral**, ela pode sofrer seriamente pela adição ao seu ritual das formas puramente estéticas. A corrida atrás da beleza dos símbolos é feita às custas de sua **pureza**. Seria a involução da religião no plano da forma.

No **plano físico**, a religião é prejudicada pelas manifestações **emocionais**, sancionadas por seu próprio código. Diversos cultos que estimulavam tais manifestações durante suas reuniões religiosas, não tiveram vida longa.

Revisemos, na ordem cronológica, algumas correntes espirituais*, ocupando-nos principalmente de sua **etiologia**.

* Omitimos a análise de algumas correntes religiosas da antiguidade, isto é, das de Krishna, de Fo-Hi, de Hermes, de Zoroastro, de Orfeus, de Moisés e de Buda, sendo que hoje em dia existem livros tratando de cada uma dessas religiões.

OS TEMPLÁRIOS

No início da época das Cruzadas, a influência marcante da corrente gnóstica nas escolas da Arábia e da Palestina, serviu de inspiração a vários expedicionários Cruzados, levando-os a formar uma das mais poderosas Egrégoras — a Egrégora Templária.

O ponto acima do “Iod” do esquema Templário era constituído pelo grandioso ideal de criar um império universal, perfeito e equilibrado em todos os planos, e que introduziria, por toda parte, a **penetração do sutil no denso**. Neste império, o Influxo Superior, vindo do plano do Poder Místico, devia vivificar o Poder Astral e, instruindo e regendo o Poder Realizador, criar a prosperidade, a felicidade e a possibilidade do trabalho evolutivo, isto é, facilitar a salvação para todas as classes sociais, independentemente das nacionalidades a que pertencessem. Todavia, deviam ser levados em consideração os costumes locais e as condições dos ambientes nacionais. Este formidável esquema incluía todos os sonhos: coibir os abusos do poder papal, elevar e aperfeiçoar todas as classes da sociedade humana, desenvolver a indústria e o comércio no mundo inteiro e acabar com a perda de energia, gasta nas lutas entre as nacionalidades, as classes sociais ou os indivíduos particulares, lutas causadas pela má vontade ou incompreensão mútua. Em suma, era o sonho da realização do Reino-de-Deus na Terra, acalentado por homens conscientes e inteligentes, por almas cunhadas no cavalheirismo e que, para realizá-lo, contavam com o apoio de seus corpos sadios e de suas riquezas, honestamente adquiridas.

O elemento “Iod”, no esquema dos Templários, era constituído pelo ensinamento de Hermes Trimegistos, bafejado pela influência sadia do gnosticismo.

O “Primeiro He”, como dissemos, era constituído pelo ambiente dos Cruzados, provendo a nova Egrégora com seus elementos mais capazes, mais fortes, puros e espiritualizados.

O elemento Shin da nova corrente formou-se da beleza do ideal, da perspectiva atraente do futuro poder, em todos os planos, de seus adeptos e da possibilidade que os mesmos teriam em utilizar este poder, de um modo geral ou particular, na realização dos ideais que lhes eram caros.

O elemento “Vau” dos Templários era constituído por aquilo que hoje em dia é denominado “Culto de Baphomet”. A palavra “Baphomet”, lida, cabalisticamente, da direita para a esquerda, é o resultado de um modo particular de adaptação do Notarikon (ver Arcano X) à frase: “templi omnium hominum pacis abbas” que, traduzida, significa: “o pai do

templo da paz para todos os homens". Este nome corresponde a uma personificação da maneira pela qual os Templários contavam realizar seus ideais, e que consistia em criar, com os impulsos volitivos da Corrente, um poderoso turbilhão astral. Por causa disso, nas cerimônias secretas dos Templários, um papel importante era desempenhado por uma estátua representando Baphomet, símbolo do turbilhão astral Nahash, do qual falaremos no Arcano XV.

O "Segundo He" dos Templários correspondia à política de caráter teocrático, com a preservação tradicional da lei hierárquica e do princípio de centralização completa. Os grupos de "Comendadorias" dos Templários formavam "Prioratos"; estes, "Grandes Prioratos"; os grupos de "Grandes Prioratos" constituíam "Línguas", isto é, grupos que se utilizavam do mesmo idioma. Acima de todas as "Línguas" havia o Grão-Mestre. Este, na aplicação de seu poder pentagramático, pautava-se unicamente pelo lema geral dos Templários: "Misericórdia e Conhecimento".

Nessas bases, no ano 1118, formou-se a Ordem do Templo. Já mencionamos sua dissolução posterior, no ano 1312, por bula papal, e, anteriormente a esta, no dia 13 de outubro de 1307, o fim trágico do Grão-Mestre dos Templários, Jacques de Molay e de seus mais íntimos colaboradores.

Os poderosos elementos "Iod" e "He" da Egrégora Templária, juntamente com seu magnético "Shin", levaram a Ordem ao cume do florescimento em todos os planos. Seus inimigos, invejosos deste êxito e cobiçando as riquezas da Ordem — vastos territórios pertencentes ao Templo — procuraram meios de destruí-la. Recuando diante do poder mágico da Corrente, escolheram uma arma oculta — a calúnia — atacando o "Vau" da Egrégora e acusando os Templários de praticar a magia negra, organizar orgias e adorar Baphomet.

Traçando uma verdadeira rede de intrigas, alcançaram finalmente seu objetivo: a destruição da Ordem (no plano físico).

Podemos nos perguntar o que tenha acontecido aos cavaleiros do Templo que não pereceram? Quem se arriscou a acolhê-los, a ser fraterno para com eles?

Respondendo a essa pergunta, devemos lembrar que, paralelamente ao aparecimento dos Templários, duas outras correntes se criaram e fortaleceram na Europa: A Hermética, que aspirava a realização da "Grande Obra", e a dos construtores das catedrais góticas, chamados Maçons Livres, que professavam o culto do seu trabalho, preservando na arquitetura o simbolismo tradicional. Essas duas correntes aproximaram-se, criando associações compostas de dois tipos de

elementos: trabalhadores no plano mental e trabalhadores no plano físico. O elo que os ligava era o plano astral, o mundo dos símbolos iniciáticos tradicionais, vivificados pelo trabalho dos Hermetistas e coagulados e expressos em forma acessível aos sentidos, pelo trabalho dos Maçons.

Foram estes "Maçons Livres", oficialmente reconhecidos por Roma no ano de 1277, que decidiram acolher e aceitar como irmãos os Cavaleiros Templários, salvos da destruição de sua Ordem e que se tornaram, assim, "MAÇONS ACEITOS".

Isso se refere ao plano físico, mas o que aconteceu com o astrosoma da Corrente, a sua poderosa Egrégora?

As grandes Egrégoras não se dissolvem devido a um desastre no plano físico. Mesmo carecendo do ponto de apoio na Terra, elas têm a possibilidade de purificação e aperfeiçoamento no plano astral. Poder-se-ia dizer que as "cascas" dessas Egrégoras, cascas que se formaram dos erros de seus adeptos no plano físico, se dissolvem ou se sutilizam, permitindo que a Luz interna apareça com maior intensidade. A possibilidade de tal aperfeiçoamento é privilégio apenas das Egrégoras que, falando em termos por nós adotados, possuem o "ponto acima do Iod" muito puro e o sistema fechado de um poderoso "Iod" bem nitidamente determinado.

A Egrégora Templária purificou-se no astral durante, aproximadamente, 80 anos e depois fez nascer na Terra um movimento que chamaremos, condicionalmente, de "ROSA-CRUZ INICIAL".

ROSACRUZ — MAÇONARIA — MARTINISMO

Não queremos impor a ninguém a crença de que tenha existido, efetivamente, uma Fraternidade fundada por Christian Rosenkreuz (1378 - 1484) e composta de um pequeno conjunto de místicos castos; queremos, apenas, afirmar o fato do aparecimento no astral de uma forma apresentando, nitidamente, os ideais e caminhos de aperfeiçoamento dos quais, bem mais tarde, tratou a famosa obra "FAMA FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS". Nela, esses ideais foram registrados em forma de um código; mas o despertar da Egrégora aconteceu numa época bem anterior.

Estudemos como se apresenta para nós a Egrégora da Rosa-Cruz inicial, segundo a obra acima citada e também conforme o "CONFESSIO FIDEI R+C". É claramente visível que essa poderosa Egrégora atraiu a si os fluidos de três importantes e amplos fluxos da Verdade: o Gnosticismo, a Cabala e o Hermetismo da Escola Alquímica.

O "Ponto Superior acima do Iod" deste novo aspecto da Egrégora Templária foi constituído pelo ideal do trabalho teúrgico, visando a vinda do "Reino de Elias Artista" e por uma fé inabalável de que este Reino virá no futuro.

O que quer dizer isso? Quem é "Elias Artista"?; de onde surgiu "Elias" e por que "Artista"?

Na Bíblia, Elias e Enoch são símbolos de algo que é **levado vivo ao céu**. No entanto, o caminho direto para o Empíreo da metafísica está aberto somente aos fluxos da Verdade Absoluta. Os Arcanos Menores do Livro de Enoch fazem parte de tais fluxos. Elias, por sua vez, é como uma imagem mais concreta de Enoch, está mais próximo de nós. Portanto, "Elias" e não "Enoch".

Como é este Elias? Por quais caminhos pode ele nos levar aos Arcanos Menores, à Reintegração Rosacruziana? Seria este o caminho dos Bem-aventurados, caminho dos corações humildes e plenos de amor, das mentes simples e sem malícia, mas possuidoras de uma fé infinita?

Não. A Egrégora não era para eles. Era para os que haviam experimentado o refinado sabor do conhecimento e já não podiam a ele renunciar. O "Elias Rosacruziano" conduz seus seguidores aos Arcanos Menores pelo caminho difícil de um estudo minucioso e profundo dos Arcanos Maiores, uma análise engenhosa, constituindo verdadeira arte; daí o nome "Artista".

O poderoso "Iod" com o qual a Egrégora modelava seus adeptos expressou-se pelo símbolo imortal da Cruz+Rosa. Seja qual for a moldura que acompanhe este símbolo, sejam quais forem os acréscimos, sua parte central e essencial, permanece sempre a mesma.

A Cruz — símbolo da auto-renúncia, do altruísmo ilimitado, da submissão total às Leis Superiores, é um dos seus polos. A Rosa perfumada de Hermes, símbolo da ciência e do aperfeiçoamento nos três planos, envolve a Cruz.

Os vinculados ao símbolo da Rosa+Cruz, podem carregar a Cruz, mas não poderão remover dele a Rosa. Mesmo se os espinhos do conhecimento os fizerem sofrer, não renunciarão à atração de seu perfume. A Rosa é o segundo pólo do binário.

A tarefa de um Rosacruziano é neutralizar este binário com sua própria personalidade; harmonizar em si mesmo a Ciência e a Auto-Renúncia; fazê-las servir a um mesmo ideal. Um Rosacruziano deve assemelhar-se ao terceiro símbolo que consta no pantáculo da Rosacruz — o Pelicano, cujas asas permanecem largamente abertas e que, sacrificando-se por

seus filhotes, alimenta-os com seu próprio corpo — seu sangue e sua carne.

No emblema, os filhotes do Pelicano são de **cores diferentes**. Nos emblemas primitivos havia apenas três filhotes, simbolizando as três Causas Primordiais; nos emblemas posteriores há sete, simbolizando as sete Causas Secundárias, sendo cada um dos filhotes de uma cor planetária diferente. Isso indica que o sacrifício deve ser feito conforme a **ciência das cores**, ou seja, cada um dos filhotes necessita um tratamento específico.

Esse “Iod” apresenta um tema a ser meditado por parte de cada um dos verdadeiros Rosacrucianos.

O “Primeiro He” do Rosacrucianismo inicial era constituído por um grupo de naturezas raras e excepcionais, capazes de unir o misticismo à mais elevada intelectualidade.

O “Shin” do esquema Rosacruciano revestiu-se de uma certa auto-apreciação, em consequência natural de se considerarem **instrumentos escolhidos**. Havia tão poucas pessoas, capazes de satisfazer a essas exigências, que a convicção da superioridade introduziu-se por si mesma. Ela acentuou-se ainda mais, devido as severas regras da ética Rosacruciana, que os eleitos introduziram em seu viver.

O culto — o elemento “Vau” — expressava-se pela meditação sobre os símbolos, especialmente sobre o grande pântaculo da Rosa + Cruz e, em parte, pelas cerimônias místicas durante as reuniões periódicas dos Rosacrucianos.

O “Segundo He”, a “política” da Escola, constituiu-se numa atividade que, de acordo com suas convicções, os Rosacrucianos consideravam indispensável ao progresso da Humanidade. Devido a necessidade da prudência, tanto essa atividade quanto as pessoas dos membros da Corrente, eram envolvidas num estrito anonimato. Nesse “Segundo He”, podia-se perceber facilmente a reação, ainda não dissolvida no astral puro, do violento ressentimento dos Templários contra a Igreja Romana, ressentimento que chegou a criar os elementos formais do Protestantismo. Note-se que na “Fama Fraternalitatis” e no “Confessio”, o Papa é comparado ao Anti-Cristo; dentre os sacramentos, apenas dois são reconhecidos, etc.

O Rosacrucianismo inicial, como já sublinhamos, não podia, naturalmente, contar com muitos adeptos, pois exigia deles características que, em geral, se excluem mutuamente.

Mais tarde, no século XVI, da Escola inicial surge gradualmente aquilo que poderia ser chamado de “Rosacrucianismo Secundário”. Se o primeiro era acessível somente a pouquíssimos, o segundo podia ser seguido por todos os ho-

mens conscientes. Se o primeiro exigia quase fanaticamente de seus seguidores que adotassem regras rígidas de auto-aperfeiçoamento, o segundo era caracterizado por uma tolerância maior em todos os campos da mente e do coração.

O “Ponto acima do Iod” e o próprio elemento “Iod” permaneceram os mesmos. Visivelmente, mudou o “Primeiro He”. O ambiente dos séculos XVI, XVII e, parcialmente, do XVIII, fecundado pelos ideais Rosacrucianos, era o dos **Enciclopedistas**, no melhor e mais amplo sentido dessa palavra. Do adepto da nova Rosa+Cruz exigia-se uma multiplicidade de facetas intelectuais, capacidade de especulação científica, amplitude do horizonte mental e dedicação aos ideais. Na Corrente Rosacruciana entravam tanto as naturezas altamente místicas, como fervorosos pantefistas ou pessoas de mentalidade prática. Todavia, tornamos a repetir, eram aceitas unicamente pessoas notáveis por sua inteligência e erudição, pessoas possuindo uma vontade desenvolvida e concepções claras a respeito do trabalho a desenvolver para a elevação da humanidade.

(A publicação do elemento Shin não foi autorizada pelo Mestre).

O elemento “Vau”, em linhas gerais, permaneceu idêntico ao da Rosacruz inicial. Segundo os vários ramos da Escola, apareceram pequenas diferenças no ritual de recepção dos novos membros, nos rituais dos graus ou nas cerimônias, durante as reuniões dos conselhos superiores. No elemento “Vau” devem ser também incluídos os métodos de transformação astral e de treinamento da personalidade, acrescentados à prática básica de meditação. A introdução desses métodos era devida, em grande parte, à influência de várias escolas orientais.

O “segundo He” ou a “política da Escola”, expressou-se pela orientação de exercer sua influência na sociedade contemporânea. No começo, essa influência tinha um caráter puramente ético; mais tarde, fortemente realizador. Os ramos e sub-ramos do Rosacrucianismo Secundário possuíam seus programas políticos particulares. Estes mudavam, naturalmente, com o passar do tempo, visando sempre as reformas políticas e religiosas mais necessárias. Não obstante, a Egrégora Templária, portadora do impressionante clichê da destruição no plano físico da Corrente de Jacques de Molay, vibrava na direção da **prudência** cada vez que o Rosacrucianismo se preparava para dar um passo decisivo no mundo externo, causando a escolha do modo de ação mais seguro. Em conseqüência de uma dessas vibrações foi criada a **ORDEM MAÇÔNICA**.

O astral muito sutil do Rosacrucianismo, apropriado ao ensino, não possuía qualidades necessárias para lidar com problemas práticos e adaptar-se aos condicionamentos e brutalidade dos homens. Podia ficar prejudicado em sua base. A fim de evitá-lo, ao redor da Rosa+Cruz, foi criado um invólucro mais material, melhor adaptado a contatos e trabalhos externos: a MAÇONARIA.

A Maçonaria, isto é, a Maçonaria legítima do Rito Escocês, com interpretação ético-hermética do simbolismo tradicional, tornou-se a guardiã de "sua alma", a Rosa+Cruz. Ela implantava, tanto no seu próprio ambiente, como no mundo externo, o respeito para com os símbolos tradicionais e para com seus intérpretes, os Rosacrucianos. Os Maçons espalhavam ao redor de si a convicção de que o exemplo irrepreensível de suas vidas e seu alto nível moral, tinham suas bases nos ensinamentos iniciáticos.

A Maçonaria realizava as reformas decididas pelos Rosacrucianos, protegendo-os, com suas próprias pessoas, contra a possível hostilidade e as perseguições humanas no plano físico.

Os fundadores da Maçonaria, entre os quais ocupa um lugar proeminente ELIAS ASHMOLE (1617-1692), com muita habilidade adaptaram para seu uso, o sistema dos graus dos Maçons Livres, fazendo dele a base de seus próprios três primeiros graus, os "simbólicos", da Iniciação Maçônica. Este trabalho se iniciou em 1646, e em 1717 existia já um sistema dos Capítulos da Maçonaria Escocesa, plenamente organizado.

Assim, a Maçonaria tornou-se um instrumento indispensável no trabalho do Iluminismo Rosacruciano, cuja "política" (o "Segundo He") recebeu o nome de "Maçônica", nome que guardou até agora. Os efeitos da política Rosacruciana, alcançados pelos Maçons no mundo externo, receberam o nome de "tiros de canhão". Entre outros, como "tiros de canhão", foram consideradas as reformas religiosas de Lutero e de Calvino, assim como a libertação dos Estados Unidos da América do Norte da dependência britânica (Lafayette e seus oficiais Maçons). Os Rosacrucianos se utilizavam dos Maçons, tanto mais que entre eles escolhiam os que mereciam ser iniciados no Iluminismo Cristão.

Contudo, cada medalha tem seu reverso. Enquanto a Maçonaria foi uma organização submetida ao Rosacrucianismo, enquanto praticava o princípio da Sucessão Hierárquica por transmissão, ela cumpria sua tarefa e não havia problemas. Infelizmente, diversos ramos bastante fortes resolveram introduzir o método de eleger seus dirigentes, rejeitando as-

sim o princípio hierárquico tradicional. Em decorrência, o trabalho maçônico começou a mudar seu caráter e, de **evolutivo**, passou a ser quase revolucionário. Um momento importante neste novo rumo foi a dissidência de Lacorne e seus seguidores (em 1773) que, numa cisão, separaram-se da Maçonaria legítima e fundaram uma nova associação que passou a ser conhecida sob o nome de "Grande Oriente da França".

Com isto concluiremos o nosso breve esboço relativo à Maçonaria e passaremos ao fim do século XVII, para analisar uma das correntes, ainda existente, do antigo Iluminismo Cristão.

Ao redor do ano de 1760, o famoso Martines de Pasqualis (ou Pasqually) fundou uma fraternidade de "Seletos Servidores do Sagrado", os "ELUS COHENS", com nove graus hierárquicos. Os três graus superiores eram Rosacrucianos.

A Escola de Martines era mago-teúrgica, com forte predominância de métodos puramente mágicos. Após a morte de Martines, seus dois discípulos preferidos, Willarmooz e Claude de Saint Martin, alteraram o caráter dessa Corrente.

Willarmooz lhe deu um colorido maçônico e Claude de St. Martin, um escritor conhecido sob o pseudônimo "Le Phil. Inc." encaminhou a Corrente para o lado místico-teúrgico. Contrariamente a Willarmooz, ele favorecia uma Iniciação liberal e não as regras das Lojas Maçônicas. A influência de Saint Martin predominou e criou uma Corrente chamada "MARTINISMO".

A Egrégora do Martinismo que possuía sua Maçonaria, isto é, seu círculo externo "encarnou" solidamente em todos os países da Europa. Ela era constituída, aproximadamente, do seguinte modo:

O "Ponto acima do Iod" correspondia à harmonização ética, interna, do ser humano. O "Iod" baseava-se na filosofia espiritualista das obras de St. Martin, que variava, um pouco, segundo diversas épocas da vida do escritor. O "Primeiro He" era constituído por um conjunto de pessoas muito puras e desinteressadas, possuindo aspirações místicas mais ou menos pronunciadas, pessoas prontas a qualquer trabalho filantrópico. O elemento "Shin" era inexistente, provavelmente devido ao caráter do "Primeiro He". Os idealistas puros que aspiram a harmonia interna, não necessitam de um ímã para atrair adeptos. O elemento "Vau" se limitava a um ritual muito simples — a oração — e a cerimônia de Iniciação, notável por sua simplicidade. É verdade que alguns Maçons, entre os Martinistas, davam mais importância ao ritual e este, em certas Lojas, tornou-se até imponente por

sua magnificência; todavia, nós frisamos agora o Martinismo puro, independente de qualquer acréscimo maçônico. No Martinismo todo valor era dado à meditação, à formação interna do “Homem de Aspiração” e não ao ambiente mágico, como foi o caso no “Martinesismo” ou “Willarmoozismo”. O “Segundo He” do Martinismo consistia nas ações filantrópicas de seus membros — ajuda aos necessitados e sofredores, evitando toda manifestação espetacular; na recusa de qualquer compromisso ético ao deparar-se com as influências externas e, em uma modéstia, simplicidade e presteza no adaptar-se a quaisquer condições externas de vida. Essas qualidades impressionavam fortemente todas as classes sociais contemporâneas.

Embora a Iniciação Martinista na época do Primeiro Império e, posteriormente, até a oitava década do século XIX, se transmitisse por um liame muito tênue, o Martinismo contava em suas fileiras pessoas de alto valor, como Chaptal, Delage, Constant e outros.

Aproximadamente, na oitava década, o bem conhecido Stanislas de Guaita, querendo recriar uma corrente mais esotérica, fundou a “Ordem Cabalística da Rosa + Cruz”, obedecendo o esquema seguinte:

O “Ponto acima do Iod” consistia numa conciliação da ciência acadêmica oficial com os ensinamentos esotéricos acessíveis, objetivando criar um trabalho frutífero, em conjunto, dos representantes dos dois aspectos do conhecimento.

O “Iod” resumia-se em uma síntese de todos os conhecimentos, acessíveis tanto pela pesquisa científica, quanto pelo estudo da Tradição.

O “Primeiro He” era de novo o ambiente dos Enciclopedistas, mas infelizmente, Enciclopedistas fracassados. Em nossa época, as pessoas capazes progridem rapidamente dentro de sua profissão ou especialização e, muitas vezes, faltam o tempo para se desenvolver em outros sentidos, enquanto os que fracassaram em sua direção particular, procuram geralmente um derivativo no Enciclopedismo, que lhes forneça uma compensação. Para um observador superficial, tais pessoas podem aparentar possuírem uma inteligência de muitas facetas, assemelhando-se, através disso, às pessoas realmente excepcionais como o foram os membros do Rosacruzanismo inicial.

O elemento “Shin” da nova Egrégora era a perspectiva, atraente para os fracassados, de receber, devido ao prestígio da Rosacruz, a mesma consideração que os reconhecidos luminares da ciência oficial.

O elemento "Vau" era o trabalho de reeditar, traduzir e comentar as obras clássicas relativas ao ocultismo, que naquela época tornaram-se raridades bibliográficas, de preços quase inacessíveis, mesmo às pessoas bem situadas materialmente. Neste campo, os Rosacrucianos de Paris fizeram um trabalho muito útil e mereceram uma profunda gratidão dos que reverenciavam os grandes monumentos deixados pela Tradição.

O pior elemento do sistema revelou-se o "Segundo He", manifestado como uma política oportunista, a fim de atrair o mundo universitário. As teses tradicionais, na sua explanação, eram alteradas para fazê-las concordar com as últimas obras científicas, perdendo assim o seu valor. O empenho de certos Rosacrucianos em obter a aprovação dos representantes da ciência oficial, prejudicava naturalmente o prestígio da Escola. Por outro lado, as tentativas de uma parte de seus membros, para atenuar as teses Rosacrucianas, a fim de não contrariarem demais a Igreja Romana, levaram a uma cisão dentro da própria Escola (o afastamento de Peladan). Em geral, ainda no tempo de S. de Guaita, a situação tornou-se precária. Foi feita, por isso, uma tentativa de aproximação com a Maçonaria, o que, deturpando as finalidades da Ordem, precipitou sua queda. Ela existe ainda, mas bastante enfraquecida.

Paralelamente com a fundação da Ordem Cabalística da Cruz + Rosa, S. de Guaita procurou dar uma nova e grande amplitude à Corrente Martinista. O "Neo-Martinismo" de S. de Guaita, tornou-se bem diverso da corrente inicial; todavia, o Neo-Martinismo adotou o ritual Martinista da Iniciação ao grau de S . . . I . . . e neste ritual baseou seu simbolismo.

Os ideais de Claude de St. Martin e a formação interna do "homem da aspiração" não podiam satisfazer o enérgico de Guaita, atraído demais para os resultados visíveis. Ele não admitia nenhuma interrupção voluntária da atividade externa, mesmo quando necessária para magnetizar o ambiente. Nas obras de S. de Guaita encontram-se mesmo, muitas vezes, palavras irônicas a respeito de tais interrupções.

Para que a quase renascida Egrégora de Martines Paganis pudesse trazer à nova Ordem da Cruz + Rosa adeptos escolhidos entre os mais capazes S . . . I . . . do novo Martinismo, foi preciso introduzir no esquema do mesmo uma grande tolerância no campo dogmático.

O "Ponto acima do Iod" permaneceu, como antes, a harmonização ética interna.

A escolha do elemento "Iod" foi deixada ao livre arbítrio de cada membro da Corrente Neo-Martinista. Naturalmente, as obras de St. Martin conservavam o seu papel de linha mestra.

O elemento "He", como consequência da livre escolha do elemento "Iod", veio a ser constituído por círculos de diversas tonalidades e valores. Aí podiam ser encontrados os cansados da busca religiosa, os decepcionados com a ciência oficial, os que não conseguiram ingressar na Maçonaria e procuravam algo equivalente, os impressionados pelo uso dos emblemas místicos, os que se deleitavam em debates versando temas do ocultismo durante as reuniões, os simplesmente curiosos e mesmo as mulheres histéricas (a Ordem aceitava mulheres), sempre prontas a ingressar nas organizações "misteriosas". Havia também aqueles que chegaram à conclusão de que era preferível tornar-se membro de qualquer corrente, a permanecer sem nenhuma proteção egregórica.

Como a Ordem da Cruz+Rosa recebia e recebe até agora somente os que passaram pelos três primeiros graus do novo Martinismo, entre os últimos podiam ser sempre encontradas algumas pessoas adequadas a se tornarem instrutores na corrente Martinista e orientar o desenvolvimento de seus membros. Foi isso que sustentou e vivificou o Martinismo que cresceu consideravelmente depois de S. de Guaita, e conta agora com um grande número de adeptos. Atualmente*, seu Conselho Superior está chefiado pelo Dr. Gerard Encausse, escritor e propagador do ocultismo, mais conhecido sob o pseudônimo "Papus".

Devido a diversidade das tendências e dos níveis evolutivos de seus membros, o "Shin" da nova Corrente Martinista foi formado por vários elementos. A uns atraía o ritual, a outros a solidariedade existente entre os membros da Corrente. A uns, a possibilidade de desenvolvimento interno; a outros, a pureza da transmissão do poder, etc.

O elemento "Vau" além das cerimônias místicas, a unirem os Martinistas, consistia em meditação obrigatória acerca de temas determinados e, facilitando essas meditações, palestras dos instrutores abordando assuntos iniciáticos.

O "Segundo He" consistia numa política, bastante passiva, de aguardar o progresso ético da sociedade, colaborando neste sentido com o exemplo de uma **vida em acordo com sua consciência**. Muitos círculos Martinistas acrescentavam, a esse modo de viver, um elemento mais ativo, filantrópico ou

* 1911

algum outro. Todavia, estas atividades particulares não devem ser levadas em consideração numa análise dos princípios Egregóricos.

Não analisaremos outras Correntes contemporâneas; citaremos apenas os nomes de algumas sociedades secretas, cujos membros, eventualmente poderiam ser encontrados por um ou outro estudante. Da Maçonaria, além do Rito Escocês legítimo de 33 graus, mencionaremos o rito de Memphis (97 graus), o Rito de Misraim (96 graus), e o Rito Francês (7 graus). Citaremos ainda a Ordem Iluminista Alemã (filantropia e política nacional), cujo esquema é parecido com o da Maçonaria; a Rosacruz Asiática (um sólido conhecimento do esoterismo e uma audaciosa política internacional); a Rosacruz Esotérica Inglesa (estudo do esoterismo e prática de um estrito ritual Rosacruciano). Existem muitos outros círculos de tipo mais ou menos Rosacruciano. Alguns não vale a pena mencionar por não possuírem nenhuma influência, outros não o podem ser devido ao desejo categórico de não revelar o rigoroso segredo de sua existência. As Fraternidades do último tipo, na sua correspondência, usam só iniciais e a ninguém se revelam os nomes de seus dirigentes.

LÂMINA XII

Acima de uma floresta clara e limpa, um céu azul.

No primeiro plano, dois troncos de árvores, cortados à altura de 3 a 4 metros. Em cada tronco podem ser vistos os vestígios dos pontos onde seis galhos foram podados. Uma trave, apoiada nos troncos, forma com os últimos a figura da letra Thau.

Na trave, de cabeça para baixo, pendurado pelo pé esquerdo, vemos um homem nu, apenas com um pedaço de pano ao redor dos rins. Sua perna direita, dobrada, forma uma cruz com a perna esquerda. As mãos estão amarradas atrás das costas de tal modo que os braços e a cabeça formam um triângulo invertido.

O rosto é o mesmo do homem da Lâmina I, mas com a expressão de um Cristo crucificado.

O cabelo, solto, pende e, ao espalhar-se, transforma-se em raios de ouro que, ao atingirem a terra, condensam-se em moedas de ouro.

A posição geral da figura delinea claramente o símbolo da Grande Obra, ou seja, a cruz acima do triângulo invertido.

O signo do Arcano XII é Lamed; seu valor numérico: 30; a correspondência astrológica: o signo da Balança. O hieróglifo do Arcano é o braço, numa extensão que utiliza todas as articulações. É um poderoso impulso do homem cuja personalidade já adquiriu direitos e que quer utilizá-los. É como se fosse um novo Aleph; todavia, não somente equilibrado nos três planos, mas já também rico em experiências da vida.

Analisemos o que nos pode dar a decomposição aritmética do número do Arcano.

$12 = 1 + 11$. Esta fórmula nos indica que, obtido o domínio do Arcano XII, a individualidade equilibrada (1) rege o Arcano da Corrente (11). É a fórmula de um chefe de Escola e mais a própria Escola. Este esquema mostra que Aleph — entidade de três planos — enriqueceu o mundo, dando nascimento a uma Corrente Egregórica. Este Aleph, descendo de subplanos superiores não desprezou as realizações no plano físico; ele se encarnou, no sentido real ou figurado dessa palavra.

A decomposição acima nos dá os títulos do Arcano nos campos do Ternário Teosófico.

No caso de encarnação do Arquétipo, o termo correspondente, segundo a Escola Judaica, será "MESSIAH".

Em se tratando de um Aleph menos elevado, pertencendo ao plano do Homem, um ser equilibrado e harmonioso que pela sua própria vontade criou em seu astrosoma o desejo de ajudar seus semelhantes, então a ação de tal homem será definida pela palavra CARITAS (Misericórdia), ou seja, amor ao próximo, segundo o entendimento dos Cristãos. Será, também, o caso de um ser humano integrado, voltado aos assuntos sérios, e que por sua própria vontade aceita ocupar-se com as ninharias alheias que, para ele mesmo, já seriam totalmente supérfluas.

Como, no entanto, achar a analogia disso no plano da Natureza? Qual será o exemplo da manifestação do sutil no denso, da dispersão do uno em diferenciado, exemplo do cen-

tro nutrindo a periferia? Não precisamos procurar longe um tal exemplo; encontra-se em todas as mitologias: é o sol sustentando os planetas. O movimento ilusório do sol pela eclíptica deu origem ao Zodíaco e sua divisão em doze signos. Assim a palavra "ZODIACUS" será o terceiro título do Arcano.

$12 = 11 + 1$. O "11" colocado antes do "1" significa que a unidade sacrifica-se para o bem daquilo por ela criado. Significa que a Corrente (11) assimilou temporariamente o "1". Se a Corrente (11) foi criada pelo Grande Princípio do Testamento, então o aparecimento do Messias expressa o sacrifício do Arquétipo em prol da salvação da Humanidade. Se é o Homem que ativamente expressa a misericórdia, esta manifestação oculta o sacrifício voluntário dos interesses do benfeitor em prol dos beneficiados. Se é o Sol que envia ao nosso planeta emanções vitalizantes, neste processo há o elemento de sacrifício da vitalidade do Sol em prol da vitalidade da Terra.

A Lâmina XII ilustra esse tipo de processo. Vemos nela uma figura de cabeça para baixo, pendurada pelo pé esquerdo. A perna direita, dobrada no joelho sobre a perna esquerda, forma uma cruz. As mãos estão unidas atrás das costas de tal modo que os braços e a cabeça formam um triângulo invertido. A trave, que suporta a figura, apoia-se sobre dois troncos de árvores com ramos podados. São doze os ramos cortados: seis em cada tronco.

Quem é este pendurado e o que ele fez ou está fazendo? Seus pés voltados para cima e cabeça virada para a terra, significam que seus melhores dons são oferecidos à terra e nesta concentra sua atenção. Ele tem um **ponto de suspensão e não de apoio**; é um **enviado** do plano superior para o plano inferior; do mental ao físico. Simboliza a ultimação do processo involutivo, do processo do triângulo invertido, da involução do Princípio Superior dentro da matéria, afim de sutilizar e fazer renascer a própria matéria. Nele, o triângulo involutivo, invertido, está coroadado pela cruz das virtudes herméticas, indicando o modo de realizar este sacrifício. A moldura ao redor da figura, formada por dois troncos e uma trave, se assemelha ao signo sintético de Thau.

Na idéia do **sacrifício** oculta-se misteriosamente a idéia de algo conclusivo. Na lâmina XII é o número dos nós dos galhos cortados, símbolo do plano físico, ou seja, da finalização do processo involutivo. Nessa lâmina tudo simboliza o sacrifício do Superior para salvar o inferior.

$12 = 2 + 10$. O conhecimento (2) prevalece sobre o sistema do Moinho Universal (10). Onde estará o sacrifício aqui? Esta é a fórmula dessas mentes corajosas que, duran-

te uma ou mesmo algumas encarnações, sacrificam conscientemente as alegrias da vida pessoal, talvez os prazeres do plano físico, até mesmo uma parte de suas aspirações místicas para dedicar-se à pesquisa científica, a favor do futuro da humanidade. Elas acreditam que a neutralização sábia dos binários terrestres — pelo esforço científico e altruísta — vencerá a tendência involutiva do astral do nosso planeta. A vida toda dessas pessoas é um ato de sacrifício.

12 = 10 + 2. Não — dizem outros — a nossa idealização do futuro é melhor. A ciência é uma inimiga da humanidade. O Moinho Universal é seu melhor amigo. A única ciência (2) útil é aquela cujas conclusões se enquadram na Roda da Esfinge. Que essa Roda nos ensine! Que as células fracas do nosso planeta não lutem contra o poderoso fluxo astral do organismo inteiro; que elas se submetam às transformações gerais da totalidade do sistema e descansem satisfeitas durante as épocas estáticas. Abaixo os ideais civilizadores! Abaixo o esforço pentagramático, subjugando os impulsos naturais! A vida em conformidade com a Natureza é a chave da salvação. As tradições que glorificam a luta pela cultura, a vitória sobre os elementos, devem ser sacrificadas. Então o gesto do braço estendido do Lamed será integrado no total da figura; não se trata de poder movimentar esse braço, mas de nos movermos juntamente com ele.

12 = 3 + 9. O desenvolvimento metafísico (3) determina o grau de poder sobre a lâmpada de Trismegisto, o manto de Apolônio e o bastão da prudência humana; resumindo: determina a Iniciação (9) e a aplicação dos elementos iniciáticos à vida. Isto é, este desenvolvimento leva a uma modificação dos sistemas iniciáticos e ao sacrifício de seus métodos antiquados, quando o triângulo que nos rege — Aleph-Mem-Shin — apareceu-nos sob uma luz diferente, ou seja, quando a nossa lógica absoluta se aperfeiçoou.

12 = 9 + 3. É melhor — dizem outros — seguir a tradição estabelecida da transmissão em cadeia, do ensinamento; melhor utilizar as prescrições sábias da antiguidade, até que, com o tempo, o elemento metafísico-criador (3) se aperfeiçoe através do método e da rotina dos sistemas antigos e comprovados. É a fórmula das Escolas estabelecidas (9) que preparam geração após geração, para que cada pessoa, com o tempo e o crescimento natural do elemento criador, possa se tornar produtiva (3). Nessa fórmula as possibilidades, oferecidas pela época, ficam sacrificadas aos princípios rotineiros.

12 = 4 + 8. É a primazia da autoridade: fórmula em que a autoridade (4) cria as leis (8); em que a legalidade das manifestações é sacrificada ao princípio hierárquico.

$12 = 8 + 4$. Aqui, pelo contrário, há a primazia da lei (8) logicamente deduzida das condições de vida de uma época determinada. A essa lei, são sacrificadas as autoridades individuais, mesmo as mais solidamente estabelecidas.

$12 = 5 + 7$. Que o trabalho interno sobre a personalidade (5) leve à vitória do sutil sobre o denso (7). Todavia o "7" (a vitória imediata do sutil (3) sobre o denso (4)) deve ser sacrificado ao processo da formação do princípio pentagramático (5).

$12 = 7 + 5$. Não — dizem outros —, pelo contrário: a vitória do espírito sobre a forma (7) deve ser o ponto de partida da formação do pentagrama (5). Que o trabalho sobre o princípio individual (5) seja sacrificado ao princípio simbolizado pela Sephira Netzah (7).

$12 = 6 + 6$. Esta fórmula é a síntese das polêmicas desperadas de todas as decomposições precedentes; polêmicas cujos aspectos negativos são tão bem apresentados por Stanislas de Guaita, no V capítulo de sua obra "La Clef de la Magie Noire" (A Chave da Magia Negra). "6" contra "6" — é o atrito decorrente da diferente compreensão do Arcano VI por dois indivíduos diversos. É a luta de duas consciências, não iluminadas pelo princípio superior da filosofia unitária e, portanto, não podendo manifestar-se totalmente em seus portadores; luta de duas inteligências nutridas com diversas **verdades relativas**; de duas sabedorias adquiridas parcialmente em campos diferentes da experiência vital; de duas intuições refletindo de um modo diferente o mesmo clichê etc. Efetivamente, essa fórmula corresponde a uma imagem confusa que dá bastante matéria para meditação. Não é fácil achar nela os sacrifícios que devem e podem ser feitos; contudo, cada um de nós deveria procurar descobri-los e compreendê-los.

Após esta análise por divisão em dois componentes, passemos a desdobrar o número 12 em mais elementos. Estes desdobramentos revelar-nos-ão o PLANO ZODIACAL, que pode ser chamado de "plano físico" e, com mais sabedoria, de "plano do sacrifício".

Cada realização ou trabalho, seja a transmutação dos metais comuns em metais nobres, seja o esforço de ensinar a ciência abstrata a um aluno estulto e preguiçoso, pertence ao hemicíclo involutivo. É uma descida, um **sacrifício do sutil ao denso**, afim de estabelecer neste denso o ponto de apoio para a futura subida, para o início do hemicíclo evolutivo; é a base para o trabalho que irá enobrecer e sutillar o denso. Este é o motivo pelo qual, no simbolismo hermético, a fase final da Grande Obra é representada pelo **Triângulo Descen-**

dente que, tanto mais, ainda, está **oprimido pela Cruz do Quaternário**. Este símbolo é a “**estrela condutora**” de todas as encarnações do princípio Logóico, mesmo se a manifestação nos pareça ser insignificante.

Não poderemos expor aqui todas as decomposições possíveis do número doze. Analisaremos apenas as seguintes:

$$12 = 4 + 4 + 4$$

$$12 = 3 + 3 + 3 + 3$$

$$12 = 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2$$

A primeira destas figuras interpreta-se como sendo um ternário de quaternários; a segunda, um quaternário de ternários; a terceira, um conjunto de seis binários, formando um duodenário bipolarizado. Analisemos estas decomposições uma a uma.

$12 = 4 + 4 + 4$. É um ternário, Apliquemo-lo, p. ex., ao esquema da Libração Superior: “Aleph-Mem-Shin”, e procuraremos em cada uma das pontas deste triângulo os 4 elementos: Fogo, Terra, Ar e Água. Isso fornecer-nos-á a interpretação completa dessa decomposição. Aplicando-a ao caso de uma encarnação humana, teremos as três fases seguintes:

1. Fase “Aleph”: o quadro geral dos recursos de que o homem dispõe na sua encarnação. Essa fase se subdivide, por sua vez, segundo a astrologia, nos 4 elementos seguintes:
 - a) A saúde, ou seja, a provisão geral das forças vitais (Vita);
 - b) Recursos materiais (Lucrum);
 - c) Ambiente e composição da família em que nasce o ser humano (Fratres);
 - d) O pai e seu “status” (Genitor).

É preciso notar que o primeiro item corresponde ao elemento sutil, ativo — o Fogo; o segundo — ao passivo e denso — a Terra; o terceiro — ao Ar que agita e ativa como o “Iod”; e o quarto — ao elemento transmissor da tradição, o “Vau”, que corresponde à Água.

2. Fase “Mem”: as realizações humanas evolutivas durante a encarnação. Essa fase pode ser, também, subdividida nos 4 seguintes elementos:
 - a) Geração dos filhos (Nati);
 - b) O apoio fornecido pelo estado de saúde (Valetudo), pelos servidores, amigos e outros auxiliares;

- c) O casamento (Uxor) — Esposa;
 - d) Tudo o que está relacionado com a própria morte (Mors) e a morte dos seus ancestrais.
3. Fase “Shin”: a transformação evolutiva de sua vida, transformação que pode ser conseguida por esforço próprio e que depende de:
- a) Concepções religiosas (Pietas) — devoção;
 - b) Atividade individual, social ou política (Regnum);
 - c) Todos os aspectos que a pessoa sabe criar para sustentar a atividade supra (Benefacta);
 - d) Todos os entraves que lhe dificultam suas realizações, isto é: inimigos, perigos, limitações da liberdade, etc. (Carcer).

Aconselhamos aos estudantes a meditar, particularmente sobre as fases “Mem” e “Shin”, relacionando-as com os elementos herméticos — Fogo, Terra, Ar e Água — que lhes correspondem.

$12 = 3 + 3 + 3 + 3$. Aqui lidamos com um quaternário, cujos elementos podem ser estudados um por um, quer como um ternário estático, quer como um ciclo gnóstico, dinâmico: Iod-He-Vau.

Entre muitos exemplos, podemos tomar o quaternário da primavera, verão, outono e inverno, dividindo cada uma destas estações em três meses. É preferível, contudo, analisar de novo o exemplo da encarnação humana, agrupando os títulos já enumerados, desta vez em quaternário.

1. O primeiro elemento do quaternário será constituído pelas **condições**:
- a) “Vita” — vida (Iod);
 - b) “Lucrum” — as condições materiais (He);
 - c) “Fratres” — irmãos (Vau).

Note-se que o primeiro fator já existe dentro de nós mesmos; o segundo, pode por nós ser criado ou “fecundado”; o terceiro nos é dado pelo destino, mas podemos influenciá-lo e, por sua vez, sofrer sua influência também.

2. O segundo elemento — a **transformação gnóstica da vida**, se subdivide nos seguintes fatores:
- a) “Genitor” — o pai — que, de novo, devido às leis da hereditariedade, vive parcialmente em nós mesmos;

- b) "Nati" — os filhos — cuja existência depende parcialmente de nosso desejo de tê-los;
- c) "Valetudo" — a saúde (e, no sentido figurativo, os servidores e ajudantes) — nos é dado parcialmente pelo destino.
3. O terceiro elemento — "Fratres" — natural e inevitavelmente nos influencia e por nós é influenciado. Nele encontramos os seguintes fatores:
- a) "Uxor" — a esposa — que conosco se confunde;
- b) "Mors" — a morte — que depende parcialmente do nosso modo de despendar as forças vitais;
- c) "Pietas" — devoção — que é, até certo ponto, a expressão de gratidão da natureza humana pela existência.
4. O quarto elemento nos permite avaliar a amplitude das realizações durante a encarnação. Aqui há também 3 fatores:
- a) "Regnum" — reino — que potencialmente se oculta em nós mesmos;
- b) "Benefacta", ou seja, tudo que é adquirido;
- c) "Carcer" — o cárcere — os impedimentos e limitações impostos pelo destino. É certo que podemos combatê-los, mas eles nos restringem.

Seria bom memorizar estes títulos, úteis no estudo da astrologia. Podem ser facilmente lembrados na forma de hexâmetros tradicionais das escolas medievais:

Vita, lucrum, fratres, genitor, nati, valetudo,
Uxor; mors, pietas, regnum, benefactaque carcer.

$12 = 2 + 2 + 2 + 2 + 2 + 2$. Essa decomposição nos dá o esquema de 6 pares do tipo Iod-He, numa ordem cíclica, geral. Para sermos conseqüentes, aplicaremos este esquema ao exemplo por nós analisado.

O primeiro par será constituído pelos elementos "Vita" e "Lucrum". A reserva das forças vitais do indivíduo vivifica e "fecunda" seu ambiente material. Um ser humano, para desenvolver sua atividade, necessita de meios materiais, do mesmo modo como um marido necessita da esposa. Conforme as necessidades do indivíduo, sua reserva de forças vitais cria um ambiente material adequado, do mesmo modo que um "Iod" forma um "He" que lhe corresponde. No entanto, é preciso não esquecer que o ambiente material sem o "dono" que o rege, seria completamente estéril.

O segundo par é constituído por “fratres” e “genitor”. O termo “fratres”, pelo seu sentido, obriga-nos a recuar ao termo “genitor”, como sendo o “Iod” condicional que cria o “He” correspondente. Muitas vezes, os “fratres” que encontramos, despertam em nós o interesse pelo “genitor” da família.

O terceiro par — “Nati” e “Valetudo” — tem, como elemento “Iod”, o processo da continuação da família, e como elemento “He” — o ambiente que ajuda a realização dessa continuação e assegura a preservação das entidades geradas. São, portanto, os servidores que ajudam na criação e proteção dos filhos.

O quarto par “Uxor” e “Mors” — coloca a esposa (ou esposo) como sendo o pólo positivo do binário, cujo campo é limitado pelo elemento da morte. Em outras palavras, o casamento garante um trabalho comum e uma solidariedade durante toda a encarnação, sendo, todavia, limitado pelo Arcano da mudança do plano: a morte.

O par seguinte (“Pietas” e “Regnum”) é muito edificante. A religiosidade serve de medida para a capacidade de receber influxos superiores, e a atividade prática humana (“Regnum”) — de medida para a transmissão desses influxos para baixo. O quadro geral da realização humana (“Vau”) é esboçado pelo entrelaçamento desses dois processos.

O último par — “Benefacta” e “Carcer” — nos fornece o quadro das limitações do êxito na vida, por aquilo que chamamos **impedimentos kármicos**.

Com isso não se esgota a interpretação do esquema de bipolarização do duodenário. Podemos repartir seus elementos de um modo diferente e obter, de novo, 6 “casamentos” ou, se nestes a união não foi realizada, então seus binários.

Juntando o primeiro elemento com o sétimo, isto é, “Vita” com “Uxor”, teremos, por um lado, a vida de uma individualidade separada; por outro, a união com uma outra individualidade. Se estas duas unidades conservam sua independência, teremos o binário Adão (+) e Eva (—), ou seja, o antagonismo dos sexos; se os cônjuges se fundirem, formando uma só unidade, o binário mencionado torna-se realizado e então, em vez da oposição dos polos, teremos uma poderosa unidade, indivisível e andrógina: JODHEVA.

Agregando o segundo elemento “Lucrum” ao oitavo — “Mors” — obteremos o misterioso e deprimente binário da riqueza terrestre (+) e da inevitável lei da morte (—) que escarnece do rico e confirma que o poder da riqueza terrestre é apenas uma ilusão. Este binário pode ser neutralizado se a riqueza terrestre é utilizada, não para fins egoístas mas cri-

ando, no plano material — com a aspiração e esforço consciente — pontos de apoio para o trabalho das futuras gerações em prol da humanidade. Esta é uma condição indispensável.

Confrontemos os elementos “Fratres” e “Pietas”. Por um lado teremos o ambiente e o estado evolutivo da nossa própria geração; de outro, a tradição, a transmissão hierárquica dos Influxos Superiores. Mais uma vez, a neutralização destes elementos dependerá de nós mesmos.

O binário seguinte, “Genitor” — “Regnum” nos faz compreender que somos, sob certo aspecto, uma manifestação do Arcano III (temos um pai — “Genitor”), mas que, também, somos o “Iod” no campo da nossa própria atividade (“Regnum”).

Em seguida vem o binário “Nati” — “Benefacta”, isto é, por um lado a transmissão da vida, no sentido de transmitir algo de si mesmo, uma parte de suas próprias forças vitais, e por outro, a recepção de fluidos, a condensação de forças, a obtenção de êxitos na vida.

O duodenário acaba com o binário que é, talvez, o mais difícil de neutralizar: o binário “Valetudo” — “Carcer”, ou seja, ajuda — obstrução.

Todas essas decomposições, em nossa análise, foram aplicadas a uma encarnação humana. Para que o estudante possa metafisicamente generalizar o esquema do duodenário, tomaremos o exemplo da configuração clássica dos signos zodiacais. A figura 49, em sua parte central indica a polaridade (positiva ou negativa) do signo. Os símbolos astrológicos dos signos são colocados nas cúspides, isto é, nos pontos iniciais dos arcos da eclíptica que lhes correspondem. Nos setores dos próprios signos, está indicado o elemento hermético ao qual o signo pertence (Fogo, Terra, Água ou Ar). Em letras latinas estão escritos os nomes hebraicos dos 12 meses do calendário solar, mágico. O começo do ano mágico, como já foi dito, corresponde ao equinócio vernal, isto é, da primavera, no hemisfério norte. Assim, por exemplo, o mês de Nisan começa aproximadamente no dia 21 de março e acaba ao redor de 21 de abril, etc. A figura, além das indicações sobre a composição do duodenário, apresenta também o esquema das regências planetárias. No momento, interessa-nos apenas a parte externa da figura, isto é, a distribuição dos planetas nos signos que regem.

O Sol e a Lua estão colocados, respectivamente, nos signos de Leão e de Câncer. O Sol ocupa a direita, e a Lua a esquerda da figura. Dos dois lados, ou seja, tanto do lado do

Sol como do da Lua, os planetas estão distribuídos do seguinte modo: os signos adjacentes ao do Sol ou ao da Lua, pertencem a Mercúrio, o planeta mais próximo do sol, no nosso sistema solar. Os dois signos seguintes pertencem a Vênus, o segundo planeta na ordem de sua distância do sol. Em seguida, temos dois signos pertencendo a Marte, depois a Júpiter e, finalmente, dois signos contíguos — a Saturno, obedecendo assim a ordem da distância dos planetas relativamente ao Sol. As partes sombreadas da figura são chamadas domicílios noturnos dos planetas, e as partes em branco — domicílios diurnos. O Sol possui um só signo — diurno, e a Lua também um só signo — noturno. Todos os planetas possuem dois domicílios: um diurno e um noturno. A seqüência dos signos sombreados e dos em branco, divide o círculo em seis pares ou binários do duodenário, dos quais três binários são relativamente positivos, (domicílios diurnos dos planetas) e três relativamente negativos (domicílios noturnos).

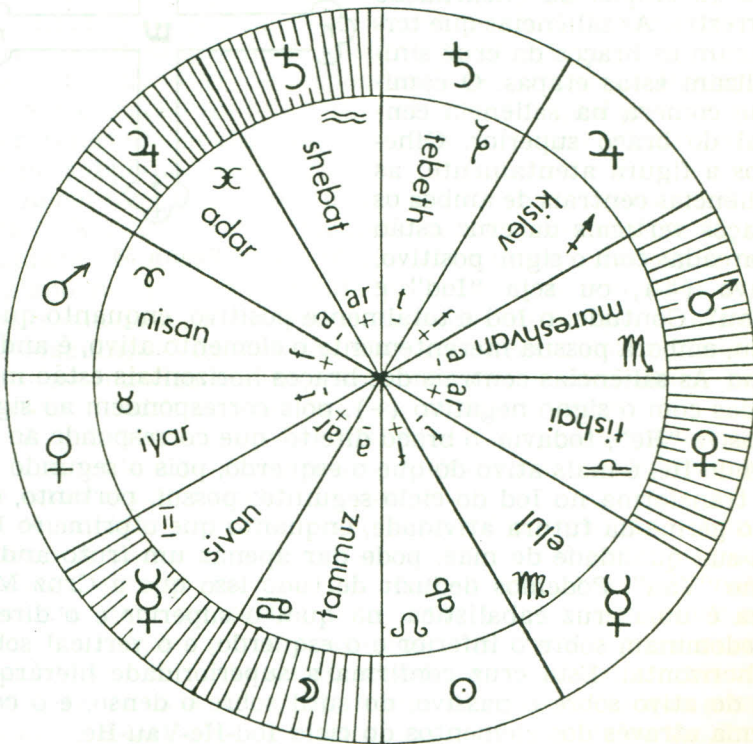


Figura 49

Como exercício prático, aconselhamos aos estudantes, no duodenário da vida humana por nós analisado, procurar interpretar os binários “Vita” — “Lucrum”, “Nati” — “Vale-tudo” e “Pietas” — “Regnum” como positivos, em relação aos três restantes: “Fratres” — “Genitor”, “Uxor” — “Mors” e “Benefacta” — “Carcer”. Fazendo-o, poderão perceber claramente a força predominante dos setores de luz (domicílios diurnos).

A meditação sobre o esquema do duodenário é tão importante para o processo de auto-iniciação da individualidade que encarnou, que este esquema deu início a um dos mais conhecidos pantáculos: a “Cruz Mística” (Fig. 50).

O instrutor coloca a imagem dessa cruz sobre a frente do discípulo que inicia ou já iniciou, como símbolo da bênção para o caminho espinhoso das 12 etapas da encarnação terrestre. As saliências que terminam os braços da cruz simbolizam estas etapas. O caminho começa na saliência central do braço superior. Olhe-mos a figura atentamente: as saliências centrais de ambos os braços verticais da cruz estão marcadas com o signo positivo, ativo (+), ou seja “Iod” e

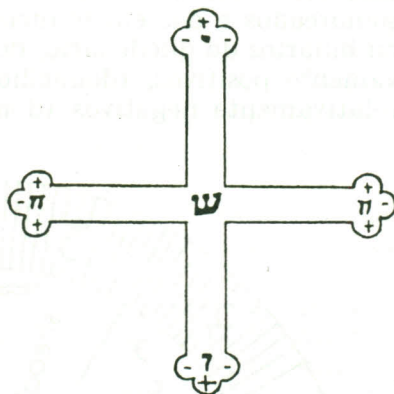


Figura 50

“Vau”. Contudo, o Iod é totalmente positivo, enquanto que o Vau, embora possua inerentemente o elemento ativo, é andrógino. As saliências centrais dos braços horizontais estão marcadas com o signo negativo (-), pois correspondem ao signo passivo “He”; todavia, o braço direito, que corresponde ao segundo He, é mais ativo do que o esquerdo, pois o segundo He se transforma no Iod do ciclo seguinte; possui, portanto, em si o germe da futura atividade, enquanto que o primeiro He, na sua qualidade de mãe, pode dar apenas um fruto andrógino “Vau”. Podemos deduzir de tudo isso que a Cruz Mística é uma cruz cabalística, na qual o superior e o direito predominam sobre o inferior e o esquerdo, e o vertical sobre o horizontal. Esta cruz confirma a superioridade hierárquica do ativo sobre o passivo, do sutil sobre o denso, e o confirma através dos elementos do ciclo Iod-He-Vau-He.

No entanto, essa é apenas a explicação do esquema astral da Cruz Mística. Resta-nos explicar cabalisticamente o

simbolismo das 12 saliências. Para fazê-lo, colocamos o signo Shin no centro da cruz. Assim, ela se transforma em Clichê Redentor "Iod-He-Shin-Vau-He". É o esquema da força hermética (Shin) atuando no mundo (Yod-He-Vau-He) com o fito de realizar nele aquilo que é simbolizado pelo Shin, isto é, aquilo que está inevitavelmente ligado à Lei do Sacrifício. O sacrifício pode ser feito no plano do "Testamento", no campo da misericórdia humana ou, ainda, no plano físico, como p. ex., o sacrifício da vitalidade do Sol em benefício da Terra.

No centro da Cruz poderia ser colocado o signo Aleph, em lugar de Shin. Neste caso, a Cruz assumiria um significado diferente: se transformaria num esquema sintético dos três planos do Universo; diríamos mais: em um esquema da plena compreensão destes planos, conforme a lei de Hermes Trismegisto. O Aleph, no centro, representa uma mentalidade equilibrada; os quatro braços — a grande lei (Iod-He-Vau-He) das criações astrais, e as saliências que terminam os braços — os doze arcos do zodíaco no plano físico. Em outras palavras é um esquema da complicação e da multiplicação que regem cada passagem ao denso. A soma dos valores numéricos do Tetragrama e do signo Aleph é $9 (10 + 5 + 6 + 5 + 1 = 27 \rightarrow 9)$, correspondendo ao Arcano da Iniciação.

A meditação sobre a Cruz Mística, em qualquer de suas interpretações cabalísticas, faz sempre surgir idéias fecundas no subplano respectivo.

Repetimos que, para poder penetrar no significado do Arcano XII, devemos convencer-nos intimamente ou da necessidade de sacrifício no plano físico, ou da limitação deste plano no qual, na descida progressiva às camadas mais densas, chega-se inevitavelmente a um muro, que é o limite da "coagulação" do ilusório. Este muro serve como ponto de apoio ao impulso em direção contrária, a da subida, para atravessar todos os subplanos no sentido inverso.

A primeira dessas possibilidades é mais compreensível aos que sentem profundamente o Evangelho; a segunda, aos que estão mais próximos do Budismo.

No âmbito do Arcano XII, o complexo chamado "individualidade humana" é como um visitante estranho no plano terrestre, alguém que está fora de seu lar. O visitante, naturalmente, deve ser cortês, deve estar pronto para ceder seu lugar a qualquer outro convidado; não deve criticar nem o alimento que lhe está sendo servido, nem quaisquer das acomodações da casa. Contudo, nunca deve esquecer que possui seu próprio lar, nem descuidar dos interesses desse lar. Deve lembrar que qualquer gabolice ou má conduta em casa alheia, acarretará conseqüências negativas ao seu próprio lar e que

cada mau uso de seus talentos, no campo social, pagará com as privações em seu próprio lar. As festas e recepções podem ter um certo valor como ponto de apoio de trabalho construtivo, mas em si mesmas não passam de pura ilusão e nada têm de valor real. Podemos, revestidos do nosso precíval invólucro físico, distrair-nos em fúteis passatempos sociais, coagulando o Malkuth, mas, se formos suficientemente desenvolvidos, não devemos esquecer a inevitável e benéfica hora de voltar à casa, a hora da morte, tão bem simbolizada pelos atributos da Loja dos Mestres na Iniciação Maçônica.

Quanto a essa hora, em que o ser humano retoma seus direitos a uma vida puramente astral e quanto aos diversos estados transitórios entre os dois modos de existência e a etapa posterior à encarnação, falaremos no Arcano seguinte (XIII).

LÂMINA XIII

Fundo: uma planície. Um céu de outono, cinzento. Na planície, avançando da direita para a esquerda, caminha um esqueleto: a Morte. Ele empunha uma foice e vai ceifando tudo que está no seu caminho. Seu pé esquerdo calca o rosto de uma cabeça feminina, ceifada.

Um pouco mais à esquerda, uma cabeça masculina, coroadada.

Por toda parte as cabeças, também cortadas pela foice da Morte, entremeiam-se pela grama e flores cortadas. No entanto, atrás da Morte, no campo já ceifado, do solo surgem mãos e pés infantis. O total é de 13 “brotos”.

A impressão geral é triste e pesada. As cores monótonas e deprimentes, quase apagadas.

Na figura da Morte, nenhuma expressão.

O signo do Arcano XIII é Mem; seu valor numérico, 40. Ele não possui nenhuma correspondência astrológica.

O hieróglifo do Arcano é uma figura feminina, em sua qualidade de mediadora na mudança do plano da vida. A mulher é o ambiente em que se realiza a passagem do seu fruto — o filho — da vida intra-uterina para a vida na atmosfera terrestre.

A lâmina do Arcano apresenta a Morte, em sua forma tradicional, a de um esqueleto com uma foice na mão, e sublinha o papel da Morte como instrumento da **VIDA UNA**, no campo da multiplicidade das formas. Coroadas ou não, as cabeças caem sob sua foice. No entanto, após sua passagem, novas mãos e pés despontam da terra. O desaparecimento causado pela morte é ilusório. A morte muda apenas a aparência. Sua atividade não pode ser assemelhada ao queimar de cédulas velhas para substituí-las por novas, mas sim ao fundir de moedas velhas, para utilizar o mesmo material em moedas novas. Na lâmina, a apresentação da morte é parcial; todavia, seu sentido está analiticamente completo.

Dois pormenores do quadro merecem atenção: a morte é apresentada como **esqueleto ativo**. O que é um esqueleto, sob o ponto de vista simbólico? É a parte mais coagulada e que menos muda em nosso corpo; a parte na qual se concentra a máxima dureza, a estrutura à qual se acrescentam outros elementos do corpo. Como conseqüência, podemos deduzir que o princípio da morte está inseparavelmente ligado ao processo da **coagulação densa** e, logicamente, dela decorre. Morremos, porque num tempo passado quisemos coagular-nos. Essa lei é imutável, matemática. É regida por Saturno, como o são todos os processos lógicos e inexoráveis, decorrentes duma causa. É esta a razão pela qual nos talismãs de Saturno figura um esqueleto com uma foice. Também o crânio e os ossos cruzados representam, com freqüência, o lema "memento mori". Paradoxalmente, a parte do corpo que se decompõe mais lentamente, serve para nos fazer lembrar a futura decomposição desse corpo.

Uma representação completa da transformação causada pela morte seria o quadro de uma nova vida. Uma representação incompleta sublinha somente uma única fase: a mudança que costumamos chamar "morte". O quaternário lúgubre de ossos cruzados é o símbolo da última mensagem dos gnomos — o princípio coagulante — às salamandras — princípio sutilizante; é o último estágio de encarceramento do astrosoma dentro do corpo físico, cabendo ao fantasma a tarefa de destruir o mesmo no seu devido tempo. Os ossos recordam ao astrosoma em vias de libertação, que graças a eles, possuiu um ponto de apoio no mundo físico onde pôde atuar e que ainda permanece relativamente ligado ao referido ponto de apoio enquanto não forem devolvidos à Natureza os elementos coagulados; recorda que há um período transitório entre a vida nos três planos e a vida nos dois planos, e que a passagem não é instantânea.

Este é o simbolismo da lâmina. É útil meditar sobre isso.

Voltaremos ainda a esses assuntos mas por enquanto começaremos o estudo do Arcano pela descrição do processo da morte humana, tal como, em geral, se desenrola. Tomemos como exemplo um corpo humano que se tornou incapaz de manter as funções vitais do plano físico, seja devido à sua própria vontade (suicídio), seja pela vontade de um outro pentagrama (morte infligida) ou por outras causas (lei natural), talvez a própria imprudência, ou até o gasto das forças vitais a serviço de um ideal, etc. O astrosoma luta contra as falhas das funções físicas, a tudo se agarra para prolongar a vida no plano físico (a agonia), mas finalmente é forçado a deixar o corpo que se tornou um mecanismo inadequado para a vida, e começar uma existência biplânica, ou seja, um novo período chamado de **intervalo entre as encarnações**. A passagem ao outro plano, contém diversas fases. Neste curso elementar não vamos nos aprofundar no significado teórico e prático que cada uma dessas fases possui para um iniciado que deseja, naturalmente, tanto preparar a si próprio para a morte, como facilitar essa passagem aos seus semelhantes, por uma atuação mágica, específica. Estes assuntos pertencem a um curso especial de magia e, em grande parte, não podem aqui ser revelados.

No nosso curso presente, gostaríamos apenas de responder a três eventuais perguntas:

1. De que meios dispomos para estudar o processo da morte?
2. Qual deveria ser, de um modo geral, uma boa preparação de si mesmo para a passagem ao outro plano?

3. Quais são os meios de ajudar às pessoas que **estão morrendo**, se compreendemos essa expressão de acordo com os ensinamentos iniciáticos?

Começaremos por responder à primeira pergunta.

Antes de tudo dispomos do testemunho de pessoas sensitivas por natureza, ou cuja sensibilidade foi artificialmente estimulada pela sugestão ou auto-sugestão, para que pudessem observar pelo 6.º sentido o processo da morte. Temos também a Lei da Analogia, a nós permitir, pelo estudo de um processo menos sutil e, portanto, mais acessível aos órgãos dos sentidos físicos, isto é, o nascimento (ou seja, a passagem do feto da vida intra-uterina para a vida de criança no mundo) estabelecer as analogias existentes nos dois processos. O estudo dessas analogias facilita a formulação das perguntas que faz um operador aos sensitivos ou, o próprio sensitivo — a si mesmo. É importante, não apenas observar o processo da morte mas também saber no que concentrar a nossa atenção, o que guardar na memória e que diferenciações estabelecer.

Além desses recursos, temos os métodos cabalísticos de estudo **a priori**, com a ajuda do alfabeto iniciático, o que, por sua vez, nos conduz a formular determinadas perguntas e diferenciar fases diversas no observado processo da morte.

Os sensitivos dão testemunhos de que o processo da morte, do ponto de vista oculto, **começa** justamente no momento em que os médicos **constatam a morte**. O parar das batidas do coração e o início do resfriamento do corpo correspondem à primeira fase da exteriorização definitiva do astrosoma. Os sensitivos vêm, primeiramente, a separação do astral nas extremidades (especialmente inferiores). Em seguida, vêm a separação dos elementos astrais do tronco e, finalmente, a exteriorização na parte craniana. O sensitivo observa a formação da figura astral e seu afastamento do corpo, com o qual ela permanece ligada por um fio que lembra o cordão umbilical e cujo ponto de saída se acha no lugar chamado “abertura de Brahma”, na parte superior da cabeça. Segue-se, lentamente, a este “cordão umbilical”, o que poderíamos chamar de “placenta” astral. Tudo isso nos dá o direito de estabelecer a acima mencionada analogia entre os dois processos, o do nascimento e o da morte.

O processo da morte, ou seja do “nascimento para o astral” leva, para um homem adulto, cerca de 48 horas. Todavia, durante este tempo e também ao longo dos 10 até 40 dias que se seguem, o “morto” deve passar por muitas experiências e adaptar-se a inúmeras condições novas.

De início, isto é, no período que se segue imediatamente à agonia, o defunto experimenta as dificuldades da separação do seu astral. Estas dificuldades são tanto maiores quanto menos ele aprendeu, durante a sua encarnação, a separar, através da meditação, o seu ser interno do invólucro físico que o continha. O sofrimento neste estágio tem o caráter de uma penosa separação daquilo que a pessoa se acostumou a considerar como o mais real em sua existência. Durante o mencionado período, desmorona-se o complicado edifício das ilusões que lhe eram caras. Quando se houver familiarizado com tal desmoronamento e aceito a inevitabilidade da passagem ao mundo de novas experiências, o "defunto" começa a sentir o desconforto dessa mudança. Antes de tudo, tem que enfrentar as formas astrais dos elementais. Aí vem a divisão da atividade do astrosoma em atividade do "Ruash" (a alma) e a atividade do "Nephesh" (o fantasma). Este tem por tarefa a devolução dos componentes do antigo corpo físico aos elementos da Natureza ou, em outras palavras, a tarefa de decomposição progressiva desse corpo. O "Ruash" deve analisar os clichês criados, tanto por impressões vitais recebidas (elemento "-"), como por impulsos ativos (elemento "+") de sua personalidade, durante a encarnação recém acabada. Quando essa análise é concluída, a alma (Ruash) passa a estudar os clichês das correntes planetárias que poderiam, em encarnações futuras, corrigir os erros de suas encarnações passadas e contribuir para a formação de um ser mais aperfeiçoado.

Como podemos ver, as tarefas do fantasma (Nephesh) e da alma (Ruash) formam um binário que deve ser neutralizado, através da meditação, no campo biplânico do mundo astral. Nos primeiros tempos, essa meditação é muito dificultada pelo próprio ambiente astral.

Quando o elementar (o defunto) se liberta do Nephesh e ultrapassa a camada das formas elementais que agora lhe parecem muito feias e só evocam nele a composição do seu antigo corpo e sua escravidão aos elementos, entra na esfera onde os elementares inferiores (animais, plantas, minerais) unidos em correntes egregóricas, trabalham no aperfeiçoamento dos seus futuros órgãos físicos. Para eles, apressados em poder de novo encarnar, esse trabalho é muito importante.

O elementar humano deve se preparar para passar rapidamente por essa região, pois nela pode aprender apenas como aperfeiçoar os **órgãos dos sentidos físicos** da futura encarnação. Isso, para ele, não é o principal. O principal é seu aperfeiçoamento hermético. A primeira vista isto não parece

ser uma tarefa difícil, porque o Ruash, separando-se de Nephesh, purificou sua capacidade de auto-crítica objetiva. Porém, o Ruash tem que passar agora pelo vórtice das tentações, o vórtice das trevas; tem que enfrentar o fluxo involutivo do Astral Terrestre. É uma corrente que serve as finalidades involutivas do Planeta e que possui, como ponto de apoio, o próprio corpo da Terra. O Ruash que apenas acabou de perder seu ponto de apoio pentagramático — o corpo físico — precisa enfrentar agora a corrente involutiva da própria Terra.

Pode-se objetar que o Ruash, sendo de essência mais elevada, deveria prevalecer às forças do próprio planeta e que o encontro com o fluxo involutivo terrestre não o poderia prejudicar. Isto é verdade quanto a um pentagrama muito evoluído, mas se for um ser que não purificou, no devido tempo, o campo de seus desejos e de sua receptividade, no caso de seu nível astral não haver ultrapassado o do planeta, aquele fluxo vingará-se á cruelmente da participação do “defunto” nas atividades evolutivas terrestres. É como se o planeta lhe dissesse: “Como elo da grande corrente evolutiva dos homens da Terra, lutaste comigo, mas como indivíduo nem sempre foste puro e fiel aos ideais professados e, por vezes, te aproveitaste da solidariedade da corrente para promover teus fins egoístas. Agora, portanto, que estás no campo da minha influência, e sem apoio no plano físico, estarás sujeito à Lei da atração dos semelhantes. Pelos desejos inferiores que ainda existem em ti, serás atraído ao vórtice onde eles se acham condensados, serás contaminado, para que te tornes meu aliado temporário no trabalho involutivo. Talvez esses desejos levar-te-ão a criar para ti mesmo um novo fantasma, pior que o precedente; talvez abandonarás as tuas aspirações às esferas superiores; talvez cederás à tentação, e ingressarás na minha escola onde aprenderás novos meios para realizar gozos egoístas. Espero que concluirás um pacto comigo e encarnarás para promover as minhas finalidades involutivas”.

Infeliz aquele que não souber vencer a tentação da Grande Serpente do Planeta. Ele se encarnará mais rapidamente, mas para servir a involução.

Se, pelo contrário, o elemento humano vence a prova do fluxo involutivo, então, apurando no astral suas capacidades, poderá tornar-se um estudante digno daquela Universidade Mundial na qual se elaboram os planos do trabalho redentor e da ascensão à Verdade Absoluta.

Estas são as experiências pelas quais passa o moribundo e o morto em um tempo relativamente curto.

Logo poderá surgir a pergunta se todos estes dados foram captados exclusivamente através do sexto sentido.

Não. Este meio não seria suficiente para afirmar o acima descrito. Nessa pesquisa ajudou muito a Cabala, que nos permite penetrar nos mistérios do além quando sabemos aplicar seus métodos.

Neste nosso curso não podemos nos aprofundar no estudo da assim chamada "Pneumática", que trata desses assuntos. Podemos dizer, todavia, que uma sábia cabalização do livro Sepher Yetzira e o estudo profundo dos amplos comentários originais de Zohar nos dão muitos esclarecimentos sobre o assunto da morte.

Além dos meios de conhecimento acima referidos, existe um outro, do qual falaremos nos capítulos ulteriores, e que são as nossas próprias e freqüentes exteriorizações no plano astral médio. O modo de realizá-las e as vivências durante tais exteriorizações divergem apenas em pormenores do processo comum da morte.

Passemos à nossa segunda indagação: como um adepto do esoterismo pode preparar-se para a morte.

Primeiramente, ele não deve esquecer que ela é inevitável; não deve fechar os olhos ao contínuo espetáculo da permanência da vida.

Na Maçonaria, um mestre-maçom recebe a recomendação de lembrar-se da morte. Se olharmos para toda a encarnação humana como uma preparação para a morte, compreenderemos a importância deste treinamento iniciático que, embora não possuindo uma utilização prática no mundo tridimensional, é uma preparação importante para a existência no mundo de dois planos. Chegar, pela meditação, a diferenciar o que constitui o verdadeiro ser humano daquilo que é apenas seu invólucro no plano físico, é o ABC da preparação para a morte e a existência no astral, pois permite saber que a vida humana, real, transcorre no astral e não no plano daquilo que é seu invólucro físico. Pela palavra "saber" não temos na mente apenas uma simples admissão intelectual da vida no astral, nem uma convicção lógica da independência do nosso "eu" interno do seu invólucro físico; temos em mente algo mais: a consciência constante da diferença entre o corpo e o ser interno. Este último pode manifestar-se fortemente mesmo num corpo fraco e sofredor. A própria fraqueza e o sofrimento podem até aumentar a consciência da diversidade entre os dois. A fraqueza física constitui um impedimento apenas no campo de realizações, mas nunca no campo da ética ou de auto-conhecimento. A verdadeira pátria do ser humano são aquelas correntes planetárias às

quais ele aspira, e nunca o ambiente em que se encontra o corpo físico. A alma não se sente "em casa" dentro do corpo. Por sua natureza, ela é estranha aos coagulatos que tão imperfeitamente correspondem às formas mais perfeitas do astrosoma. Estas, embora sutis, são bem mais duráveis e intensas em suas manifestações.

Na vida, é preciso acostumar-se a dar sempre preferência aos estados mais sutis, por exemplo: ao estado líquido em relação ao denso; ao gasoso, em vez do líquido, ao irradiante ao invés do gasoso. É preciso aprender a sentir que a forma intrínseca — a estrutura interna — nos é mais afim do que a matéria densa que circunda e preenche essa forma.

Tendo-nos acostumado a meditar sobre estes assuntos e ajudados pela leitura das obras clássicas relativas à Cabala e à Magia, e pelo intercâmbio mental com pessoas que trabalham no mesmo sentido, poderemos iniciar uma preparação sistemática ao processo de exteriorização do nosso astrosoma.

Antes de tudo, precisaremos ocupar-nos com a parte puramente física do nosso treinamento. Expressaremos uma tese geral de que **todos os exercícios que levam a superar as reações normais de um ou outro órgão, de um ou outro grupo de órgãos ou superar o intercâmbio normal entre o corpo e a natureza externa, preparam a exteriorização ulterior.**

Por exemplo, fazem parte de tal treinamento, os exercícios de retenção da respiração, de alteração voluntária dos batimentos cardíacos, da insensibilização de alguma parte do corpo, de abstenção do sono ou, pelo contrário, de adormecer conforme a vontade, chegar a ouvir sem ver nem sentir impressões táteis, de receber somente percepções visuais sendo insensível às acústicas, de perceber pelos órgãos dos sentidos apenas determinadas cores ou determinados sons, de ouvir exclusivamente a voz de uma certa pessoa, de ver unicamente os objetos de uma determinada forma ou cor, etc.

O papel de tais exercícios será talvez mais compreensível se acrescentarmos que a exteriorização — voluntária ou involuntária — em geral, se produz somente nos estados de caráter letárgico ou cataléptico.

Naturalmente, provocar em si ou em outra pessoa um estado de catalepsia pelo esforço de vontade ou por narcóticos é insuficiente para chegar à exteriorização do astrosoma. Para a exteriorização, o principal não são as influências externas mas a vontade e a capacidade da própria pessoa em sair do seu corpo, isto é, de já conhecer seu "eu" interno e ter aprendido a separá-lo de todos os elementos pertencentes ao plano físico. No momento da exteriorização, um simples pen-

samento acerca de um objeto de uso cotidiano, uma reminiscência de um sabor ou de um perfume, a conscientização do bem-estar físico, etc. podem facilmente comprometer seu êxito.

De qualquer modo indicaremos um esquema de exercícios que podem levar a uma saída astral, considerando-o como o melhor método para se familiarizar com a morte e conhecer a primeira fase de seu processo, e às vezes, também, suas fases mais avançadas.

Estes exercícios podem ser divididos em vários grupos. Nunca preconizamos um sistema rígido e idêntico para todos. Cada estudante sério e preparado saberá modificar e completar o sistema geral, conforme as realizações que já tenha alcançado, as dificuldades que encontrou e, também, conforme o estado físico do seu corpo e as características individuais da interrelação entre o seu corpo e o astrosomo.

Primeiro grupo de exercícios:

1. Chegar ao super-cansaço dos órgãos físicos, sem ceder às suas reações.
2. Saber contrariar seus gostos físicos e mesmo as necessidades normais.
3. Saber ficar voluntariamente decepcionado com gozos físicos no momento exato em que se os experimenta.
4. Saber evocar a sensação de tais gozos sem que, na realidade, os órgãos físicos os experimentem.
5. Saber, em decorrência de volição, dissociar os atributos dos objetos físicos; p. ex. num cubo de madeira, ver somente sua forma geométrica, separando-a da cor, do tipo de madeira, etc.

Os exercícios deste grupo ajudam a delimitar no homem o pentagrama consciente que, no futuro, vai ser separado.

Segundo grupo de exercícios:

1. Imaginar acontecimentos que, conforme a nossa lógica, estão se desenrolando longe de nós no tempo ou no espaço.
2. Imaginar com pormenores os acontecimentos dos quais temos conhecimento por uma percepção sensorial incompleta. Vemos p. ex. que, ao longe, estão abatendo árvores; imaginamos os movimentos dos braços, o levantar do machado, etc. o que de longe não podemos ver claramente.
3. Imaginar com pormenores p. ex., viagens imaginárias, vivenciando-as especialmente no que se refere ao uso do nosso corpo (movimentos dos braços, das pernas, percepção visual clara dos objetos ao redor, etc.).

4. Evocar um outro tipo de existência, perdida por nós, e em que não estávamos limitados pelo tempo ou pelo espaço. O meio mais fácil para essa meditação é o seguinte: sentado ao lado de uma janela ou melhor ainda, deitado de costas num fim de tarde de um belo dia de verão, num campo ou jardim, olhando para o céu, pensar acerca do tempo e espaço, tomando uma atitude de desligamento tanto em relação a estes como a seu próprio corpo. Um tal estado de relaxamento impede reações que poderiam afastar-nos dessa meditação.

Os exercícios do segundo grupo têm como finalidade a elaboração, no ser humano, de um “estar além” em relação ao plano tridimensional. Nos dois primeiros exercícios do segundo grupo, procuramos superar as experiências sensoriais; no terceiro, ultrapassar a noção do espaço; no quarto, a do tempo.

Terceiro grupo de exercícios:

1. Exercitar-se em telepatia, isto é, procurar transmitir a uma pessoa distante formas geométricas, estados anímicos e mesmo idéias. Dos exercícios telepáticos falaremos detalhadamente no Arcano XV. Aqui, limitar-nos-emos a afirmar que a telepatia é um contato astral, e portanto, já é um caso particular de exteriorização de certos gânglios astrais.
2. Praticar uma concentração monoidéica no tocante ao desejo de ver em sonho algo bem determinado. O “monoidéismo” é um estado de voltar constantemente a um assunto escolhido, e claramente definido, durante a meditação do dia, da tarde ou da noite, dando temporariamente a esse assunto uma importância predominante com relação a todos os outros interesses. Neste nosso exercício, a pessoa, várias vezes ao dia, deve concentrar-se, p. ex. num assunto para o qual, no sonho, deseja receber uma resposta; em algum processo que procura compreender, ou numa entidade que deseja encontrar.
3. Praticar a auto-sugestão — por um dos métodos dados por nós no Arcano V — da capacidade de se exteriorizar.
4. Fazer algum trabalho teúrgico elementar, p. ex. uma simples oração sincera e ardente, para tornar-se capaz de se exteriorizar.
5. Invocar a ajuda de uma Egrégora poderosa.
6. Tentar entrar em estado cataléptico. Se a pessoa se preparou adequadamente pela prática da meditação, poderá, começando pelos pés, provocar em si um estado catalépti-

- co progressivo. Chegando à região do coração, sua exteriorização tornar-se-á possível. Muitas pessoas entram em estado cataléptico pelo simples método de se convencerem que gradualmente se está exteriorizando o astral das pernas, em seguida o astral da região abdominal. Ao ultrapassar o plexo solar, o fenômeno pode, de fato, realizar-se.
7. Utilizar algum narcótico para provocar um estado semi-letárgico. O menos prejudicial é a inspiração de vapores de éter sulfúrico ou a ingestão de uma diluição aquosa ou alcoólica de gotas de éter. Naturalmente, estes meios, como outros semelhantes, são contra-indicados a certos organismos e, em geral, não aconselháveis. Não fazem parte dos meios indicados pelo Grande Arcano da Magia.
 8. Recriar, pela meditação, um quadro que, no passado, já provocara uma exteriorização involuntária. Em outras palavras, favorecer o costume de se exteriorizar em determinadas condições astrais.
 9. Recriar no plano físico o ambiente e as circunstâncias que, no passado, já tenham provocado uma exteriorização inconsciente ou ajudado uma exteriorização consciente, isto é, procurar habituar o corpo físico em liberar o astral sob determinadas condições físicas. Se alguém, p. ex., exausto por uma longa caminhada, exteriorizou-se durante o sono, poderá procurar cansar-se de novo, de modo semelhante e concentrar-se, antes de adormecer, acerca do seu desejo de exteriorizar-se.
 10. Pedir a alguém que, pela hipnose ou pelo magnetismo, lhe sugira a exteriorização.
 11. Tomar parte numa reunião de pessoas que formam uma corrente mágica. Este método é adequado aos indivíduos mediúnicos que já se tenham exteriorizado sob a influência da mesma corrente.

O êxito dos exercícios do 3º grupo, como podemos deduzir, depende do treinamento prévio, isto é, da prática dos do 1º e do 2º grupos.

Não falaremos separadamente da exteriorização tradicional provocada por determinados setrans e mantrans, pois o uso de setrans faz parte dos meios de exteriorização mencionados nos itens 4 e 8, e o uso dos mantrans — dos itens 4 e 5 da última enumeração.

A pessoa que praticar corretamente os exercícios por nós apresentados acabará por realizar uma exteriorização voluntária, no momento por ela escolhido, ou uma involuntária, talvez no momento em que menos a espera. Durante sua exteriorização, se a pessoa desenvolveu em si uma atenção ati-

va em relação ao que lhe está acontecendo, dar-se-á claramente conta do processo de separação do astrosoma do corpo. Verá, ou pelo menos, **discernirá pelo sexto sentido** a presença do seu corpo físico, como algo externo que não faz parte do seu "eu". Em seguida, perceberá ou sentirá o "cordão umbilical" astral que une a entidade energética exteriorizada com o elemento, também energético, mas ligado às funções vitais do corpo. Este último elemento energético já foi chamado por nós de "placenta astral".

As pessoas que aprenderam a se exteriorizar, e que, depois de ter voltado ao seu corpo, traduzirem para a linguagem de percepções visuais as impressões recebidas durante a exteriorização, afirmam ter visto o "cordão umbilical", unindo-as ao corpo, entrando nesse corpo, não pela "abertura de Brahma" como no caso da morte, mas na proximidade do plexo solar. Muitas pessoas avaliam pormenorizadamente a "espessura" desse cordão. Deduzimos que a "espessura" torna-se tanto mais delgada quanto mais elevado for o subplano astral alcançado na exteriorização. Uma pessoa treinada e atenta, depois de ter notado a posição do seu corpo e do "cordão umbilical" durante a exteriorização, perceberá a presença dos astrosomas de objetos que rodeiam seu corpo, e logo dos elementais, cujas formas achará feias e esquisitas. Esta é a opinião do elemento "Ruach", ao observar o grosseiro e imperfeito elemento "Nephesh". Em seguida estabelece-se o contato com o subplano dos elementares dos animais que trabalham, como já foi dito, no aperfeiçoamento de seus órgãos para as futuras encarnações. Essa esfera já não provoca repulsa, mas também não atrai. Temos que compreender que o aperfeiçoamento dos órgãos físicos não objetiva a harmonia astral mas sim o seu emprego no mundo físico. Portanto, essa região não pode atrair o astrosoma que sente já uma superioridade em relação ao plano físico.

A seguir, dá-se o encontro com o poderoso fluxo involutivo do astrosoma terrestre. A pessoa que se preparou seriamente para a exteriorização, a luta com essa corrente não deveria ser muito difícil. É comum, no entanto, que alguém tenha superado apenas parcialmente diversos **aspectos particulares do seu egoísmo**. Amiúde, um filho da Terra, apesar de já ter travado conhecimento com sua verdadeira natureza, não chegou ainda a renunciar a todas as tentações da vida terrestre. Às vezes, é difícil romper a atração, mesmo sabendo quanto ilusório é seu objeto.

Aquele que fracassa no encontro com a Serpente do planeta, fica alijado ao "cone tenebroso" onde percebe suas fraquezas, uma por uma, consciente de sua incapacidade em

vencê-las totalmente. Essa experiência é bastante deprimente e causa, depois da exteriorização e por muito tempo, um esmorecimento da fé em si mesmo. Isto pode expressar-se em misantropia e melancolia que, muitas vezes, cedem lugar à malevolência, podendo mesmo conduzir ao desejo de se oferecer conscientemente ao serviço da involução. Neste último caso, costuma-se dizer que a pessoa concluiu um pacto com o “cone tenebroso”.

Se, pelo contrário, a pessoa vence a Serpente astral, alcança o astral médio do nosso sistema solar. Aí se faz o estudo de todos os fluxos planetários e de suas diversas combinações. Aí ocorre também a clara compreensão da harmonia que deve ser realizada dentro do nosso ser, do que nos está faltando para essa realização, daquilo que em nós é unilateral e do que carecemos totalmente. Começa então o planejamento das condições que, no plano físico, irão facilitar a futura harmonização.

Até onde vão as nossas possibilidades de conhecer, durante a vida, o plano astral e de aprender mais acerca das experiências “post-mortem”?

A Escola Rosacruziana ensina que um adepto, que sincera e desinteressadamente se esforça para desvelar esses mistérios, pode chegar, na sua iniciação astral, até o limiar da “segunda morte”.

O que é a “segunda morte”?

Para compreendê-lo, precisamos analisar a estrutura humana. O Homem é um ser em três planos. Conforme a Lei dos Reflexos, cada plano possui seu reflexo — poderíamos dizer “seu representante” — nos outros dois planos; portanto, o ser humano se compõe de 9 elementos:

Plano mental:

- Elemento mental no próprio plano mental
- Reflexo do elemento astral no plano mental
- Reflexo do elemento físico no plano mental

Plano astral:

- Reflexo do mental no plano astral
- Elemento astral no seu próprio plano
- Reflexo do físico no plano astral

Plano físico:

- Reflexo do mental no plano físico
- Reflexo do astral no plano físico
- Elemento físico no seu próprio plano

Este esquema nos permite uma análise lógica a priori. Contudo, na prática, mesmo ajudados pela lógica, não somos capazes de discernir todos os 9 elementos. A imperfeição do sexto sentido nos torna difícil o discernimento entre, p. ex. o reflexo do elemento físico no astral, e o do astral no físico. Do mesmo modo nos é difícil separar o reflexo do físico no mental e o reflexo do elemento mental no físico. A última dificuldade se deve, provavelmente, à imperfeição das nossas funções mentais.

Sendo assim, um adepto treinado discerne praticamente no ser humano apenas 7 elementos:

1. Mental no mental
2. Astral no mental
3. Ligação do físico com o mental
4. Mental no astral
5. Astral no astral
6. Ligação do físico com o astral
7. O próprio físico

Num ser humano, encarnado, todos os sete elementos se interpenetram. Quando o 7º elemento — o corpo físico — extingue-se, e não mais pode servir de ponto de apoio aos elementos superiores, então acontece a **primeira morte**, por nós atualmente estudada. O 7º elemento torna-se um cadáver, e o 6º, não mais servindo de elo, torna-se o fantasma. Os cinco elementos superiores continuam a existência no astral e novamente aprendem a elaborar, com a ajuda de turbilhões, os princípios-sementes do 6º e 7º elementos, isto é, encarnam de novo e de novo passam pela primeira morte. O processo se repete até que o 5º elemento humano torna-se tão evoluído a ponto de não mais ser atraído pelo vórtice que conduz à nova encarnação. Uma unidade andrógina que **alcançou a plenitude e a harmonia** é imune às tentações. Para essa unidade, a existência no astral não mais consistirá no planejamento da futura vida física, mas na sutilização do quinto elemento através da influência que exerce sobre ele o quarto elemento. Criando formas (5º elemento) sempre mais sutis, sempre assemelhando-se mais a idéias (4º elemento), a individualidade humana elimina pouco a pouco os atributos que causam o retorno à forma física. O terceiro elemento — o elo da ligação do mental com o plano físico — começa a se desintegrar, pois não pode subsistir quando os elementos 5º e 4º tornam-se demasiadamente sutis. Esta desintegração conduz à “segunda morte”. O papel do “defun-

to” dessa morte é desempenhado pelo 5º elemento e o do seu fantasma — pelo 4º elemento. Para poder imaginá-lo um pouco mais claramente, tomemos o exemplo no campo da história da arte: às vezes desvanece um estilo plenamente harmônico (5º elemento) e com ele desaparece seu fantasma (4º elemento), isto é, a idéia condutora que o criou.

A nova entidade, já quase uniplanar, composta dos elementos N° 1 (mental no mental) e N° 2 (astral no mental), constitui um dos polos da futura célula andrógina de Adam Protoplasta reintegrado. Dizemos “um dos polos” e não “uma célula” pois, para constituir uma célula andrógina, a nossa entidade deve esperar a segunda morte de sua “alma gêmea”, se a união dessas duas polaridades não teve lugar já no astral, o que é o caso mais freqüente. Muitos não admitem mesmo que a segunda morte possa acontecer antes das almas masculina e feminina efetuarem sua união. De fato, logicamente, é difícil imaginar que o 5º elemento possa alcançar uma plena harmonia, sem antes se tornar andrógino.

Neste Arcano falamos apenas da **percepção no plano astral**, isto é, da receptividade (—) durante as exteriorizações. Das realizações, ou seja, da atividade (+) durante as exteriorizações, falaremos no Arcano XV.

Seria errado pensar que uma boa preparação para a morte consiste na prática de exteriorizações. O mais importante é que a pessoa saiba ou creia profundamente que determinadas experiências a esperam após a morte, na passagem para uma nova existência. Uma profunda fé pode substituir a experiência.

Travando conhecimento com a região dos elementais descobrimos nossa passada escravidão aos elementos; o conhecimento da região do aperfeiçoamento orgânico dos animais e vegetais nos dá a compreensão da nossa **futura** escravidão aos mesmos elementos, durante as próximas encarnações; a luta com a Serpente nos faz compreender que, mais cedo ou mais tarde, importa renunciarmos completamente ao nosso egoísmo, tão propiciado pelas condições da vida terrestre; finalmente, a contemplação dos clichês do astral médio levamos a compreender a imprescindibilidade do aperfeiçoamento hermético.

Os que possuem uma fé profunda no seu coração, saberão estabelecer, durante a encarnação, um forte laço com uma das poderosas Egrégoras evolutivas, que os **dirigirá** através de todas as etapas “post-mortem” e os libertará do poder da Serpente. Crer e orar, muito ajudam na preparação para a morte.

Falemos agora de como um homem, possuindo fé e conhecimento, pode aliviar a outrem as penosas experiências da morte.

A ajuda pode ser dada de três modos: **ensinar, preparar e sustentar.**

Se alguém tem em nós confiança ilimitada, então não será difícil contar-lhe aquilo que estamos estudando. Se essa pessoa medita longamente sobre o relatado, facilitará consideravelmente para si mesmo a orientação nas experiências da hora da morte.

Possuindo competência e tempo e consagrando-o ao desenvolvimento metódico da intuição do nosso semelhante, da sua sensibilidade interna e de sua capacidade de se sentir uma individualidade imortal, com certeza teremos feito para este nosso irmão mais do que no caso anterior, pois o teremos levado a descobrir por si mesmo uma parte daquilo que estamos estudando.

Suponhamos agora que desejamos ajudar, na passagem para o outro mundo, alguém que não pudemos preparar previamente. Teremos então o direito e o dever (devido à solidariedade fraternal de todas as células do Adam Protoplasta) de ajudar o nosso irmão, seja pela atuação mágica sobre seu corpo (se possuímos o conhecimento necessário) a fim de sustentar a atividade do seu astrosoma, seja pela atuação teúrgica, pedindo que se acenda diante dele a Luz da Verdade.

Os pormenores desses procedimentos fazem parte de um curso especial de Magia, mas aqui pode ser dado um pequeno esboço geral do método de prestar a ajuda referida.

Não esqueçamos ter o processo da morte, do ponto de vista oculto, seu início quando a medicina declara que a pessoa faleceu. Para não dificultar e não atrasar o processo do nascimento para o astral, o corpo não deve ser nem tocado, nem puxado, nem incomodado ou manipulado de maneira alguma, pelo menos durante 6 horas após o falecimento. Além disso, deveria ser impedida a aproximação de pessoas cujos fluidos, em vida do defunto, não lhe houvessem sido simpáticos, pois isso poderia dificultar o trabalho do seu astrosoma. Perto do corpo não se deve conversar a respeito de problemas materiais, pois as conversas poderiam ser captadas não somente pelo sexto sentido do "morto" mas também pela contra-parte sutil de seus órgãos físicos — o seu fantasma.

Durante o segundo período, também de 6 horas no mínimo (freqüentemente mais prolongado), a pessoa que se propôs a ajudar o falecido deve imaginar-se acompanhando-o na viagem que ele é obrigado a fazer para o outro plano

mas para a qual precisa de um afetuoso “adeus” por parte dos que possuem ainda um ponto de apoio no corpo físico. O “morto” que agora compreendeu sua passada dependência dos elementais, ficará reconfortado sabendo e sentindo que um seu irmão, atuando magicamente, **apóia-se neste mesmo plano dos elementais**, para libertá-lo mais rapidamente dessa esfera.

Durante o período posterior e até 40 dias após o falecimento, aconselharíamos, devido a limitação deste curso, apenas uma coisa: orar pelo morto, sentir-se solidário com suas necessidades mas evitar o desespero e a aflição. Pior ainda, e até quase criminoso, seria entregar-se aos lamentos por causa dos prejuízos materiais causados a nós pela morte do nosso próximo. Isso poderia prejudicá-lo fortemente durante a sua luta com a Serpente.

Nas orações e na atuação mágica importa sintonizar-se cuidadosamente com o diapasão das Egrégoras evolutivas com as quais o “morto” se sentia em afinidade.

Ao falar-se da morte como do processo de diminuição do número dos planos que compõem o ser humano, é preciso também consagrar algumas palavras ao processo inverso: o aumento do número desses planos, ou seja, o processo conhecido como “encarnação de um elementar”.

Suponhamos que o elementar tenha terminado sua estada no astral médio do sistema solar ou mesmo apenas no cone tenebroso; que as correntes individualizadas dos seres biplânicos que regem a involução, e às quais damos o nome de “Spiritus Directores” ou “Arcontes”, já completaram o quadro das experiências redentoras destinadas a esse elementar. Em outras palavras, sua atração para o astral inferior não mais está mitigada pelo estudo, no astral médio, do que lhe seria necessário para a próxima encarnação. Ele recai nos turbilhões do astral inferior e, de acordo com o que tenha aprendido e decidido, fica atraído e absorvido por um determinado turbilhão-funil, formado pela operação mágica de “coitus” de seus futuros pais terrestres. A atração é criada pelos elementos astrais dos pais e pelas características zodiacais de seus corpos físicos. A escolha das influências planetárias é importante para que o novo ser humano possa manter, durante sua encarnação, a direção por ele escolhida no tempo do seu estudo no astral médio. A escolha zodiacal é importante na determinação dos atributos físicos — bons ou precários — do futuro corpo, de acordo com o Karma do determinado elementar. Atraído pelo funil, o elementar forma definitivamente seu Nephesh que, em linhas gerais, já foi delineado no astral. A facilidade de formar o Nephesh é con-

dicionada pelas já mencionadas afinidades com seus futuros genitores. Por sua vez, a formação do corpo físico, ou seja, o trabalho do Nephesh, é facilitado pelo período da vida intra-uterina do feto, durante o qual a luta com as influências adversas é limitada ao mínimo, devido à proteção energética do astrosoma da mãe e à proteção física do seu organismo, que abastece o feto de elementos apropriados.

O momento do nascimento, isto é, o início do conflito com as influências externas, é muito importante para o ser humano, pois o fato da **inexperiência total** do recém-nascido torna-o, mesmo que só por um instante, inteiramente receptivo às influências planetárias e fluxos zodiacais, que não mais são repelidos pelo astrosoma da mãe. Por isto a astrologia dá a este momento uma importância primordial.

Após essa análise do processo da morte de um ser humano, um dos assuntos pertencentes ao Arcano XIII, passaremos aos títulos do Arcano.

O primeiro título, na linguagem comum é “a Foice”; na linguagem mais erudita — “a Morte”.

Já observamos que a idéia da morte, mesmo na apresentação da lâmina, está ligada à idéia de **renascimento**. Em relação ao Arquétipo, este Arcano nos esclarece que o Arquétipo, (que no triângulo de Fabre d'Olivet corresponde ao presente) nunca morre, pois está continuamente renascendo em sua essência. Daí vem o título “**Immortalitas in Essentia**” ou “**Permanentia in Essentia**”.

A adaptação do Arcano ao campo do Homem já nos tinha levado à análise detalhada do título “**Mors et Reincarnatio**”.

Quanto à Natureza, nela sempre renasce, em uma forma nova, tudo que desapareceu. O que será esse princípio de renascimento constante que, apesar das inúmeras transformações de formas, guarda o valor coletivo dos seus sistemas fechados? Este princípio é a **energia**. O terceiro título do Arcano será, portanto, “**Transmutatio Energiae**” ou, segundo a terminologia de Helmholtz — “**Transmutatio Virium**”. É interessante notar que o princípio de preservação da energia foi formulado pela primeira vez por um homem cuja profissão o obrigava a estudar as fases das doenças e da morte (Dr. Meyer).

Passemos agora à análise aritmética do Arcano.

$13 = 1 + 12$. Um ser de três planos (1) e a necessidade de sacrifício no plano físico (12) levam à idéia de morte (13). Essa análise alude à possibilidade da morte voluntária, aceita como sacrifício.

$13 = 12 + 1$. Aqui não é uma entidade triplânica que renuncia voluntariamente ao terceiro plano mas, ao contrário, a vida zodiacal (12) causa a morte, privando a entidade (1) desse terceiro plano.

$13 = 2 + 11$. A polaridade do bem e do mal (2), utilizando-se da força (11) pode causar a morte (13). Essa é a fórmula da morte violenta.

$13 = 11 + 2$. A força (11), plenamente realizada, deve escolher, um dos dois polos (2). Essa é a fórmula de Kadosh: "se possues força, sê quente ou frio".

$13 = 3 + 10$. O conhecimento da metafísica criativa de Hermes (3), unido à compreensão das finalidades superiores do Moinho do Mundo (10) conduz a uma completa reconciliação com a idéia de morte (13). Esta é a fórmula de uma morte natural como continuação de um processo evolutivo.

$13 = 10 + 3$. Essa é novamente uma fórmula de morte natural mas vista de um ponto diametralmente oposto e puramente empírico. A Roda da Esfinge (10) girou e este movimento criou (3) um novo estado (13).

$13 = 4 + 9$. O poder da autoridade (4) na Iniciação (9) é devido ao conhecimento dos mistérios da morte (13).

$13 = 9 + 4$. Galgar os graus da Iniciação (9) destitui de valor qualquer autoridade (4) de caráter terrestre, pois revela estar essa autoridade sujeita à impermanência e à morte (13).

$13 = 5 + 8$. O pentagrama (5) que domina as leis (8) impermanentes necessita um grande campo de atividade e, portanto, deve mudar de plano (13). Ou, pode também ser: o sentido religioso (5), possuindo primazia sobre o sentido cívico (8) denota a presença da conscientização da morte (13).

$13 = 8 + 5$. A primazia dada à legalidade (8) oprime o pentagrama, privando-o (13) de ponto de apoio.

$13 = 6 + 7$. O problema do bem e do mal (6) conduzindo à vitória do sutil sobre o denso (7), contém em si o germe de apreciação dos valores perenes da vida futura (13).

$13 = 7 + 6$. Um vencedor (7) que, apesar de sua vitória, evoca ainda a questão do bem e do mal (6), o faz para ressaltar a analogia do sutil com a vida astral e do denso com a vida física, ou seja, ele preserva a consciência da morte (13).

Aconselhamos aos estudantes, como exercício, fazer uma análise aritmética do Arcano, não apenas no campo do Homem como acabamos de fazer, mas também nos dois outros campos ou, pelo menos no terceiro — o da Natureza. Para isto, basta um conhecimento elementar da física e da química.

Queremos acrescentar ainda que muitas pessoas acham serem as decomposições aritméticas do Arcano XIII correspondentes aos diversos **tipos de morte**, ou seja, diversas manifestações do Karma. Dar-lhes-emos portanto, essas correspondências para que cada qual, por si mesmo, possa verificar se o índice está completo. A tonalidade de cada correspondência é dada pelo último componente da fórmula.

- 13 = 1 + 12. Sacrifício voluntário da vida por um ideal.
- 13 = 2 + 11. Morte infligida.
- 13 = 3 + 10. Morte natural.
- 13 = 4 + 9. Morte de Adepto pelo rompimento do cordão durante a exteriorização.
- 13 = 5 + 8. Morte pela força da lei (p. ex. execução do condenado).
- 13 = 6 + 7. Morte em luta, trazendo vitória do ideal.
- 13 = 7 + 6. Morte numa luta desigual.
- 13 = 8 + 5. Morte como expressão da vontade do pentagrama, isto é, **suicídio**.
- 13 = 9 + 4. Morte prematura, devido a condições inadequadas de vida.
- 13 = 10 + 3. Morte durante o parto.
- 13 = 11 + 2. Morte devido à conscientização de uma trágica situação dupla.
- 13 = 12 + 1. A passagem do Adepto para o outro plano, devido ao término de sua tarefa na Terra. O Instrutor que vai sustentar a Egrégora no plano astral. Na França se diz que a pessoa "se deixa morrer".

Com isso acabamos o estudo do Arcano XIII.

LÂMINA XIV

Fundo: um céu de verão, intensamente azul.

Sustentada por duas asas, como as de um cisne, para no ar, perpendicularmente ao horizonte, uma luminosa figura humana.

O rosto é andrógino, nem masculino, nem feminino, de tipo solar.

Cingindo a testa — uma fita de ouro. Ao redor do quadril — um largo cinto também de ouro, sustentando um estreito saiote branco que desce até a metade das coxas. Na mão direita, * a figura segura um cântaro de ouro, virado para baixo, do qual jorra um líquido de sete cores, caindo dentro de um outro cântaro, de prata, que a figura segura na mão esquerda. As cores vivas de arco-íris, esmaecem e perdem o brilho aproximando-se da vasilha de prata.

Toda a figura é muito luminosa e bem destacada, formando um contraste com o intenso azul do céu.

* A imagem não é refletida.

O signo do alfabeto correspondente a este Arcano é NUN, cujo valor numérico é 50. Sua correspondência astrológica: signo do Escorpião. O hieróglifo do Arcano é o fruto, ou seja, aquilo que amadurece **nas entranhas da Mulher do Arcano XIII**.

A convicção da imortalidade do Arquétipo traz, como fruto, uma cosmovisão que não poderia existir se não houvesse fé na indestrutibilidade da essência metafísica. O conhecimento do processo **da morte e reencarnação** traz, como fruto, a compreensão da necessidade de realizar a harmonia hermética dos elementos passivos e ativos, filtrados pela personalidade humana. O estudo aprofundado das transformações energéticas faz surgir diversas questões, entre as quais, a mais importante é a **reversibilidade ou não reversibilidade** dos processos. Assim, os três títulos do Arcano XIV são: “Deductio”, “Harmonia mixtorum” e “Reversibilitas”.

A lâmina do Arcano XIV apresenta um gênio solar. A cabeça e o quadril estão cingidos de ouro. Do cinto desce um saio branco, luminoso.

O gênio está despejando, sem perder sequer uma gota, um líquido de um recipiente de ouro para um de prata.

Na linguagem erudita esta imagem é chamada “Ingenium Solare”, e na linguagem comum — “A Temperança”. O que quer ela dizer?

O gênio solar simboliza, naturalmente, a influência do Sol, **que representa a síntese**. Portanto, o domínio desse Arcano, seu fruto é a capacidade de sintetizar.

A dedução, que no começo de cada estudo, tem um caráter analítico, deve conduzir à síntese. O esforço de realizar a harmonia astral da personalidade em cada encarnação separada, isto é, realizar a harmonia de todas as influências planetárias atuantes nessa determinada encarnação, tem naturalmente por finalidade a síntese solar dos resultados da totalidade das encarnações. Os que estudam a reversibilidade dos processos isolados de transformação de energia, procuram a fórmula que abranja todas essas transformações dentro de um sistema fechado.

O ouro da fita e do cinto, assim como o branco luminoso, são símbolos solares e dispensam maiores explicações. O fluxo ininterrupto do líquido entre os recipientes de ouro e de prata alude ao nivelamento constante dos elementos ativos e receptivos.

A finalidade da dedução é equilibrar a racionalidade de todas as nossas conclusões, estabelecer um sistema completo de associações, dispensando a necessidade de procurar as causalidades isoladas.

O equilíbrio entre a receptividade e os impulsos volitivos é necessário para a harmonia do astrosoma, isto é, para criar um mundo interno, completo, no âmago do ser humano, andrógino.

Após essa introdução, passemos à análise aritmética do Arcano, correntemente chamado "A Temperança".

$14 = 1 + 13$. Hermes Trismegisto (1), possuidor do princípio da imortalidade (13) apresenta um grandioso quadro geral da dedução (14).

Um ser humano tridimensional (1), utilizando com sabedoria suas encarnações (13), acaba realizando a harmonia hermética (14).

O estudo da Natureza como "Natura Naturans" (1) e a síntese dos estudos no plano físico da transformação da energia (13) dão a compreensão correta das transformações reversíveis da energia (14) dentro de um sistema fechado.

Fazemos notar que a inversão da ordem dos valores numéricos na análise aritmética do Arcano não muda o quadro; muda apenas a ordem do aparecimento dos componentes. Analisando portanto um Arcano tão sintético como o XIV, limitar-nos-emos a uma só ordem dos componentes.

$14 = 2 + 12$. A polaridade (2) no ser humano e as leis da misericórdia para com os seus semelhantes (12) são as chaves da harmonia hermética (14). Lembremo-nos que Geburah e Chesed dão nascimento a Tiferet.

$14 = 3 + 11$. A criatividade (3) e a força das Egrégoras (11) transmitem a harmonia (14) aos órgãos separados do Protoplasta.

$14 = 4 + 10$. A capacidade intuitiva de quem representa a autoridade (4) e a iniciação à Cabala (10) abrem o caminho à harmonia hermética (14).

$14 = 5 + 9$. A formação do Pentagrama (5) e sua Iniciação (9) levam à harmonia hermética (14).

$14 = 6 + 8$. O livre arbítrio (6), unido ao respeito da Lei (8) conduzem à harmonia hermética (14).

$14 = 7 + 7$. A harmonia hermética (14) é realizada equilibrando a vitória da atividade (7) com a vitória da intuição (7). Se nossa receptividade se enriqueceu com algo novo, devemos também alargar o campo da nossa atividade.

Na física, a reversibilidade (14) pode ser vista como duas fases (7) do mesmo ciclo.

Como vemos, a ação do Arcano assemelha-o à atividade do Gênio Solar. É relativamente fácil perceber sua influência e constatar sua indispensabilidade mas é extremamente difícil descobrir os pormenores de sua atuação. Para poder descobri-los é preciso ser rico em fluidos, como o é o Gênio Solar. Para nós esses fluidos consistem em compreensão metafísica, desenvolvimento ético e experiência no plano físico.

O fundo é formado por nuvens escuras em forma de turbilhões, monótonas em seu colorido cinzento; aglomerando-se na parte inferior do quadro, formam um hemisfério terrestre cor de chumbo.

No meio da curvatura do arco terrestre vemos, firmemente inserido, um cubo no qual está sentado o Baphomet. Sua cabeça é de bode, chifres bem erguidos, orelhas horizontais e uma barba pontiaguda, formando assim a figura de um pentagrama em sentido involutivo. No entanto, na sua testa vemos um pentagrama em posição reta, evolutiva. Entre os chifres acha-se um castiçal com três chamas, unindo-se, superiormente, numa única.

Os olhos de Baphomet são ternos, o torso, coberto de escamas; o peito, feminino. Nas costas, duas grandes asas aquilinas. O braço esquerdo, masculino, no qual lemos a palavra "solve", está levantado, apontando para uma clara foice de lua crescente. O braço direito, feminino, com a palavra "coagula", está abaixado e aponta para uma foice escura de lua minguante. Suas pernas, caprinas, estão cruzadas e os cascos se apoiam sobre a esfera terrestre.

Da virilha se eleva um caduceu com duas circunvoluções; nele, as serpentes são de prata e o resto, de ouro. A esfera, da parte superior do caduceu, acha-se na altura do pleixo solar de Baphomet.

De frente para o Baphomet (mas com um deslocamento de 1/4 na posição de seus corpos) encontram-se duas figuras. A direita vemos um homem nu. Suas mãos estão cruzadas nas costas e sua cabeça abaixada em movimento a expressar desespero. Ao redor do seu pescoço há uma corrente de ferro que o liga a uma mulher nua, de tipo lunar, de pé, ao lado esquerdo do quadro. A corrente enrola-se como um cinto ao redor de sua pelve. Estes dois seres humanos, por toda sua atitude, expressam escravidão e desespero.

O quadro dá uma impressão geral profundamente triste e desalentadora.

ARCANO XV — — SAMECH

A letra do alfabeto, correspondente ao Arcano XV, é Samech. Seu valor numérico, 60. Correspondência astrológica: Sagitário.

O hieróglifo do Arcano é uma flecha contornando a superfície de uma circunferência. Não é mais a flecha do Arcano VII que seguia uma linha reta e podia, eventualmente, nos ferir. O encontro com a flecha do Arcano XV é inevitável e nos espera ao procurarmos ultrapassar o limite do círculo. No entanto, esse encontro fornece duas possibilidades: ou seremos nós mesmos atingidos pela flecha, ou seremos obrigados a utilizá-la contra outros. É o turbilhão constante, fora do qual não há vida, não há movimento em nenhum dos planos.

No plano do Arquétipo, o turbilhão representa a lógica imutável a reger todas as concepções metafísicas, até alcançar e incluir a região transcendente dos Sephiroth da Segunda Família. A região transcendental não é submetida à sua influência. Daí vem o primeiro título do Arcano: “Lógica”.

No campo da Humanidade, o turbilhão se manifesta pelas intensas atrações que, segundo leis inexoráveis do plano astral, despertam e instigam os desejos. A fonte desses desejos é o Nephesh coletivo que a própria humanidade criou desde sua queda. O poderoso turbilhão, ou torna-se uma arma na mão do homem — arma que este deve utilizar contra outros — ou, imperceptivelmente, faz do homem um escravo de outros pentagramas que souberem colocar-se nos níveis superiores ao turbilhão e podem de lá observar e utilizar sua força.

O campo da atividade do turbilhão é a Humanidade Universal. Em cada planeta, nos planos mais elevados do turbilhão, há um Gênio a trabalhar para a evolução da humanidade desse planeta. Os planos inferiores do mesmo turbilhão são a esfera da influência da Serpente da involução planetária que procura atrair as almas ao “cone tenebroso”. No caso da Terra, esta influência se manifesta na forma do turbilhão circular do qual falamos no Arcano XIII.

A denominação geral desse fator universal é NAHASH, e este nome será o segundo título do Arcano XV. Ele é a serpente que seduziu Eva.

O campo da Natureza está também sujeito aos turbilhões implacáveis a regerem todas as suas manifestações, desde as menores. Seu nome geral é "Fatum", que será o terceiro título do Arcano. A essência destes turbilhões não é diferente da essência de Nahash.

A influência do Arcano XV é involutiva, pois seus turbilhões iniciam-se nos planos superiores e descem aos inferiores. Essa é a razão pela qual o Arcano recebeu nomes negativamente polarizados: o erudito, "Tiphon" e o comum, "Diabo".

Estudemos agora a lâmina do Arcano. Sua parte superior é ocupada pelo tradicional Baphomet dos Templários, que está sentado sobre um cubo, firmemente implantado num globo. Diante do Baphomet, de pé sobre o globo, há duas figuras: à direita, um homem; à esquerda, uma mulher, ambos completamente nus e acorrentados um ao outro. A corrente se enrola ao redor do pescoço do homem e, passando à mulher, enrola-se ao redor de seu quadril.

Assim, o Baphomet, no mundo de suas realizações (o cubo de realizações está inserido na esfera terrestre), separou as polaridades de androginato humano. Essa imagem é impressionante pela simplicidade da apresentação da queda de Adão-Eva, tal como empiricamente pode ser encarada. A receptividade de caráter involutivo — Eva — iniciou a queda: a atividade de caráter involutivo — Adão — a completou. Eva e Adão — intuição e a realização acabaram por se separar pelo próprio fato da materialização da vida (há um segmento do globo entre eles). Todavia, embora separados, os dois permanecem acorrentados pelo liame comum da escravidão ao Baphomet. Esta escravidão tornou-se um jugo para o princípio ativo — o homem — impedindo seu ímpeto. A mesma corrente envolve também o corpo feminino na região onde amadurece o filho, o fruto de sua receptividade. Essa região simboliza a receptividade intuitiva que se transforma e se manifesta em beleza e harmonia. Se Adão ficou limitado em sua liberdade de ação, Eva o ficou em sua liberdade imaginativa, criativa.

Como poderiam eles libertar-se dessa escravidão? Como poderiam unir-se de novo, em um poderoso androginato primordial? A lâmina nos fornece a resposta. É preciso sutillar e atravessar a matéria do globo, indo ao encontro um do outro; penetrar intrepidamente em Baphomet, apoderar-se de sua vida orgânica, alcançar e desmaterializar seus chi-

fres e, elevando-se até a chama, queimar sua própria personalidade no Fogo Uno que domina o deus astral — Baphomet. Eis aí o caminho de Reintegração para os que querem libertar-se das cadeias inerentes à parte inferior do mundo de Baphomet; para os que não têm medo de penetrar, eles mesmos, dentro do monstro andrógino alado. Este, era o caminho dos Templários; é, ainda, o caminho dos que pela força se apoderam do céu para libertar-se do jugo da Terra.

Daí podemos deduzir a importância do estudo da natureza de Baphomet.

Para sutilizar a matéria que, como acabamos de dizer, separou a atividade da receptividade, devemos tornar-nos conscientes do caráter ilusório do mundo físico; devemos aprender a desprezar os obstáculos que o mesmo coloca no caminho do nosso auto-aperfeiçoamento.

Vamos supor que o “globo” já ficou sutilizado, e se tornou tão transparente que a atividade pode perceber a intuição e vice-versa. O que importa fazer depois?

Vem, depois, a tarefa de galgar o grande cubo de Adaptação. É a capacidade de adaptar-se ao ambiente, quando entra em jogo o não-essencial, e o poder de **adaptar o ambiente a si, quando entram em jogo assuntos essenciais.**

Não esqueçamos que o “cubo de adaptação” é também o **cubo da autoridade.**

Prossigamos. O grande andrógino, sentado no cubo, é portador dos símbolos dos **Quatro Elementos**, e portanto, é também possuidor das quatro “virtudes herméticas”. O globo — a Terra — está sob seus pés; as escamas de peixe — simbolizando a Água — cobrem seu peito; as asas — símbolo do Ar — despontam de suas costas, e as chamas do Fogo se elevam do tríplice castiçal fixado à sua cabeça. Notemos que a região do Fogo já está regida pelo Grande Ternário Metafísico...

Assim, podemos constatar que o mundo do Baphomet; no seu plano superior, é regido pelo princípio ternário, e no plano inferior, pelo quaternário do esquema do Grande Arcano. No entanto, é o plano médio — o binário — que está especialmente acentuado.

O braço esquerdo é masculino; sobre ele está escrita a palavra “solve” (dissolve). Este braço aponta para uma clara foice de lua crescente. O braço direito é feminino e sobre ele vemos a palavra “coagula” (densifica). Ele aponta para uma foice escura de lua minguante.

É importante notar que a lua minguante acha-se no nível inferior da figura, e a lua crescente no nível superior, de modo que o braço masculino está levantado e o feminino,

abaixado. A figura tem seios femininos. Da virilha, eleva-se um Caduceu de duas circunvoluções. As cabeças das serpentes apoiam-se contra a esfera localizada no nível do plexo solar da figura.

Seria difícil reunir um maior número de indicações da bipolaridade do turbilhão astral assim como do campo de sua influência.

Notemos que o número do Arcano é 15, e que a soma de seus algarismos é 6; este Arcano, por conseguinte, deve estar misteriosamente ligado (assim como o é a parte central do esquema do Grande Arcano) ao problema do Bem e do Mal, problema dos dois caminhos. Se a esfera do Caduceu, achando-se à altura do plexo solar do Baphomet, alude à Árvore da Vida (Sephira Tiferet), então devem existir também alusões à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Olhemos atentamente para a divindade astral. Seus chifres, orelhas e barba delineiam um pentagrama invertido, isto é, involutivo. Este é o aspecto do Mal que achamos na figura. No entanto, o ternário do triplo castiçal domina sobre os chifres, formando com eles um pentagrama na posição reta, evolutiva. Muitas pessoas não o percebem e por causa disso, para maior clareza, na testa da figura coloca-se geralmente um outro pentagrama, evolutivo, adicional.

A figura tem pés caprinos apoiados sobre o globo terrestre. Por que? Os que compuseram o Tarô queriam, com isso, sublinhar que, havendo decaído, sujeitamo-nos à influência do pentagrama invertido, involutivo, o de bode, e agora precisamos do globo terrestre como ponto de apoio para evoluir.

Por que os pés estão cruzados de tal modo que o casco direito está do lado esquerdo do globo, e o casco esquerdo — do lado direito? Isso é uma alusão ao sentido invertido em que percebemos o astral, pois percebemo-lo como a nossa imagem refletida pelo espelho. As pessoas que não se acham suficientemente treinadas na transmissão, para a linguagem física, de suas percepções astrais, invertem-nas. Os clarividentes e sonâmbulos que vêm à distância, dizem sempre ter visto à esquerda o que, na realidade, se encontra à direita, e vice-versa.

O profeta Ezequiel que durante uma exteriorização contemplou o clichê de um dos quaternários herméticos, apresentou-o como seu **reflexo no espelho** e não na sua colocação real. O mesmo pode ser dito do quaternário do Apóstolo São João. Somente os que são treinados na observação dos clichês astrais, adquirem a capacidade de interpretá-los no seu sentido correto em relação ao plano físico.

Tudo que acaba de ser dito prova-nos que a figura do Arcano XV é uma representação completa do grande turbilhão astral, inclusive de sua influência superior (a tríplice chama do ternário metafísico), e do modo invertido de transmissão dos clichês astrais para o plano físico (os pés cruzados).

O Arcano XV recebeu o nome sinistro de "Typhon" porque, no esquema dos três septenários, em que os Arcanos Maiores do Tarô acham-se classificados segundo o grau de densidade, a influência deste — o XV — foi considerada mais como obscurecedora do que iluminadora.

Interpretando a figura da lâmina, permitimo-nos usar o termo templário "Baphomet". Isso nos obriga a explicá-lo.

A palavra "Baphomet", uma vez lida da direita para a esquerda nos dá "Temohpab". É o Notarikon da frase: "Templi omnium hominum pacis abbas" que, traduzida do latim, significa: "o abade do templo da paz para todos os homens".

Com este termo os Templários designavam a personificação do turbilhão astral, geral, que, bem dirigido, pode conduzir a humanidade pelo caminho da paz e do auto-aperfeiçoamento. Não esqueçamos que a Ordem Templária sonhava estabelecer na Terra o reino da paz e da união entre todos os povos e, a fim de realizá-lo, utilizava os poderosos turbilhões de sua corrente astral.

A descrição da imagem de Baphomet foi feita por nós, não segundo as representações templárias (essas foram completamente destruídas pelos agentes da Inquisição do Papa Clemente V e delas nada sobrou), mas sim segundo a gravura de Kunrath "O Grande Andrógino" que, por sua composição simbólica, corresponde ao Baphomet.

A fim de que o deus astral possa ser melhor imaginado, consideramos útil transcrever a descrição de suas características nos Versos Esmeraldinos. Essa descrição segue imediatamente os versos transcritos por nós no estudo do Arcano VI;

"Pater ejus est Sol, mater ejus Luna; portavit illud Ventus in ventre suo; nutrix ejus Terra est. Pater omnis Telesmi totius mundi est hic. Vis ejus integra est, si versa fuerit in Terram. Separabis terram ab igne, subtile a spisso, suaviter, cum magno ingenio. Ascendit a terra in coelum, iterumque descendit in terram, et recipit vim superiorum et inferiorum".

O que, na tradução ao pé da letra, é: "o sol é seu Pai, a Lua — sua mãe; O Vento o traz em seu seio; a Terra é sua nutriz; Ele, a fonte de tudo que é completo no universo. Sua força é plena quando for dirigida à Terra. Separarás a terra do fogo, o sutil do denso, suave e engenhosamente. Eleva-te

da terra ao céu, e de novo, retorna a terra e carrega-te com a força dos superiores e inferiores”.

Isso pode ser comentado do seguinte modo:

Baphomet nasce, de acordo com o grande Lei Gnóstica, de um “Iod” ativo e um “He” passivo, que a este Iod corresponde; vampiriza o ambiente mundial e estabelece seu ponto de apoio nos coágulos mais densos. As entidades volitivas, nascidas de quaisquer seres do Universo, são inteiramente formadas de sua substância. Quando estiver envolvido pela crosta dos coágulos físicos, suas atuações tornam-se mais concretas. Precisarás discernir bem quais os elementos ativos e quais os passivos de cada atuação. Ele (o Baphomet) é um duplo turbilhão, cujo movimento ascendente recebe a energia do ponto de apoio nos coágulos, e o descendente — do seu ponto de suspensão nos princípios metafísicos superiores.

Eis a matéria para a meditação sobre o Arcano XV. A primeira vista, este Arcano não parece acrescentar elementos novos aos que já possuíamos. Mas, se meditamos bem sobre o conjunto apresentado pela imagem da grande divindade astral, acharemos respostas a muitos mistérios da realização.

Tentemos, pela análise aritmética, familiarizar-nos com o caráter geral das adaptações do Arcano XV.

$15 = 1 + 14$. Essa é a fórmula da Essência Divina (1) que rege a dedução lógica (14), do homem de três planos (1) que harmoniza seu astrosoma (14); da Natureza ativa (1) que leva sua entropia (14) a um valor numérico determinado. Em outras palavras, é a fórmula do Arcano Samech quando regido do Alto, agindo sobre os órgãos mais nobres de seu sistema ganglionar.

Essa imagem é tão completa, tão satisfatória em sua universalidade, que muitos encontram nela seu caminho. Uns procuram sua felicidade e aperfeiçoamento, simplesmente, contemplando-a (escolas contemplativas de união com a Natureza); outros — penetrando no turbilhão universal, como uma de suas células passivas (certas escolas hindus); outros ainda procuram introduzir o governo de uma elite para melhorar — pela mesma fórmula $1 + 14$ — o “status” social e político dos povos. Este é o caminho dos sinarquistas da China, da Índia e do Ocidente Europeu. Faremos uma rápida apreciação dessas possibilidades de progresso.

Se um ser humano se aprofunda na contemplação passiva do poderoso quadro simbolizado pela fórmula $15 = 1 + 14$, de forma imperceptível e pelo próprio fato de se encontrar nesse campo magnético, magnetizar-se-á de modo análogo, adquirindo harmonia e paz interna e realizando em si mesmo a supremacia do sutil sobre o denso. Em outras pala-

vas, a prática dessa contemplação conduzirá o contemplador ao domínio do Arcano VII, e isso sem os esforços extenuantes que, geralmente, acompanham a vitória do “três” sobre o “quatro” na experiência do próprio Arcano VII.

No entanto, a iniciação no Arcano VII completa somente o primeiro passo, o de “aprendiz” na iniciação maçônica. Para uma célula do grande Adão Protoplasta não é suficiente sintonizar-se apenas com a nota evolutiva. É preciso, além disso, que ela tome conhecimento exato do trabalho de outras células do mesmo organismo, para com elas estabelecer um relacionamento adequado. Certas Escolas, por isso, procuram efetuar o segundo passo, ensinando seus seguidores para que, tanto na meditação metafísica como nos exercícios astrais e na atividade no plano físico, vivenciem cada hora, cada minuto, cada instante, o lema “estou unido com todos e com tudo; desejo somente aquilo que está em acordo com o grande turbilhão evolutivo da humanidade; quero seguir somente aquilo que representa a metafísica do Triângulo Ascendente; desejo fazer somente aquilo que propicia os desígnios do Karma da Natureza. Compreendo claramente, que minha tarefa é a de ser uma engrenagem que correta e eficientemente transmita o movimento do Mecanismo Universal; nessa transmissão não quero provocar atritos com minhas fantasias pessoais”. Essas são as Escolas do assim chamado Naturalismo Evolutivo.

Todavia, além desse segundo passo — o “He”, que na maçonaria corresponde à tarefa do “Companheiro” — existe um terceiro: o do “Mestre-Maçom. Esta terceira tarefa procura realizar o “Vau”, nascido do magnetismo sadio de um “pai”, e nutrido pela Natureza sadia de uma “mãe”.

A realização desse “Vau”, no campo da política mundial, constitui o sonho dos **Sinarquistas**. Eles almejam estabelecer os Estados Unidos de todas as nações civilizadas, regidos por três grandes parlamentos: o espiritual, o legal e o econômico. Sob a responsabilidade do parlamento espiritual estaria a lógica da dedução coletiva, no campo das aspirações religiosas, filosóficas e científicas das Nações Unidas. Esse parlamento seria composto pelos representantes dos diferentes credos e correntes filosóficas, assim como da maçonaria legítima.

O parlamento jurídico, regendo o Nahash das aspirações nacionais e individuais, elaboraria normas jurídicas que harmonizariam essas aspirações e, prevenindo qualquer infração à lei, garantiriam no planeta uma paz durável. Ao parlamento econômico caberia a gerência das riquezas nacionais e particulares, assegurando o melhor nível econômico para a humanidade, permitido pelo “Fatum” daquela época deter-

minada. A base das operações deste parlamento seria o completo conhecimento do princípio de **reversibilidade** dos valores.

Poder-se-ia objetar que na lógica, com freqüência, é escolhida a primeira premissa; também, que na tarefa de unificação de diferentes desejos, existe uma escolha entre diversas combinações, e que a teoria de probabilidade aplicada à reversibilidade de valores, igualmente permite uma escolha entre diversas possibilidades.

Os sinarquistas a isso respondem que, existindo divergências, cada organismo necessita de uma mônada volitiva para tomar decisões. O parlamento espiritual seria chefiado, portanto, por um Patriarca; o parlamento jurídico — por um Monarca, e o econômico — por um Economista-Geral.

Os demais pormenores quanto ao sistema sinárquico, o método da constituição dos parlamentos, da nomeação dos hierarcas etc., não entram em nosso presente estudo. Falamos de sinarquia apenas para dar um exemplo geral da influência da linha Contemplativa — Naturista sobre as mentes atraídas pela política. Os interessados no assunto poderão encontrar maior material nas obras de St. Yves d'Alveydre.

$15 = 14 + 1$. A dedução lógica (14) limitada pelas influências de uma época determinada abafa no ser humano a Essência Divina (1). Esta é a fórmula do lastimoso quadro do ateísmo baseado sobre conclusões pseudo-científicas, em moda no século XVIII. Não falaremos muito dessa corrente. Ela conta, ainda hoje em dia, com muitos representantes, mas felizmente já não inclui a maioria das mentes mais destacadas.

Uma falsa harmonia de desejos (14), baseada no convencionalismo, abafa os impulsos elevados, inteligentes e práticos dos indivíduos (1), que se submetem voluntariamente à moralidade relaxada da época. Essa influência faz nascerem as deploráveis correntes da literatura, as obras pornográficas e anti-estéticas que inundam as livrarias e cujos autores são, muitas vezes, pessoas talentosas mas sempre de vontade fraca.

Os processos de transformação da energia (14) na Natureza servem de medida para seus recursos criativos (1). Esta é a fórmula do determinismo no campo dos fenômenos físicos, e este, quando mais acentuado, conduz a um completo fatalismo. O fatalismo talvez ajude certas pessoas a viver alguns anos mais, devido ao reduzido desgaste dos fluídos vitais na atividade volitiva; todavia, a história nos mostra que o fatalismo restringe a vida dos povos, e faz perderem-se as capacidades individuais.

$15 = 2 + 13$. Conhecer o mistério da Substância Divina (2), aceitá-lo como base e, em espírito de serviço, uni-lo ao mistério da imortalidade (13) dos princípios metafísicos, é dominar a lógica do mundo Aziluth (15).

Conhecer o mistério da receptividade humana (2) e o da reencarnação das almas (13) significa reger a poderosa serpente Nahash, no campo da sua influência sobre os homens (15).

$15 = 13 + 2$. Buscar os princípios metafísicos permanentes (13) e tornar-se sensível à substância (2) é dominar a lógica da Segunda Família.

Chegar, através de muitas encarnações (13), a sentir o sutil (2), significa iniciar-se no Nahash (15), isto é, compreender os pormenores do seu modo de ação.

$15 = 3 + 12$ e $15 = 12 + 3$. Compreender as grandes palavras dos Versos Esmeraldinos que afirmam que o Baphomet (15) desce:

do céu metafisicamente criativo (3), à Terra zodiacalmente materializada (12);

do conhecimento da Lei Gnóstica de criatividade (3) à compreensão do princípio do sacrifício (12);

da Natureza divina (3) ao mistério da Encarnação do Verbo (12),

e não esquecer, com isso, que o mesmo turbilhão poderoso eleva-se em sentido contrário — da Terra para o Céu, significa obter o conhecimento de um dos aspectos do Arcano XV. É necessário compreender que se, por um lado, Deus deu o Testamento a Abraão, por outro lado, a sincera busca metafísica de Abraão atraiu magneticamente esse dom.

$15 = 4 + 11$ e $15 = 11 + 4$. A união da Forma (4) e da invencível força (11) do Triângulo Metafísico, determinam nossa lógica (15).

A autoridade (4) unida aos recursos da corrente (11), abrange tudo que criamos no campo do útil e do racional (15).

A adaptação ao ambiente (4), unindo-se aos princípios misteriosos, chamados Forças da Natureza (11) determina as manifestações do "Fatum" (15).

$15 = 5 + 10$ e $15 = 10 + 5$. A ciência do Bem e do Mal (5) e o conhecimento do Testamento (10) criam o quadro da Lógica Absoluta (15). A formação do pentagrama (5) e o conhecimento da Cabala (10) revelam o mistério de Baphomet (15). A religião (5) — memória do passado da Natureza — e o implacável Moinho do Mundo (10) determinam o "Fatum" do mundo fenomenal.

Demoremo-nos um pouco sobre as últimas fórmulas.

Já falamos, no Arcano V, da formação do Pentagrama, e no Arcano X, da compreensão do Universo através da Cabala. Gostaríamos de acrescentar algumas palavras sobre o papel do elemento “+” que une os dois componentes de um dos termos da equação. Este “+” nas últimas fórmulas desempenha o papel de um elemento neutralizante entre os dois movimentos do turbilhão — o ascendente e o descendente — unindo-os numa totalidade. Sendo assim, o elemento “+” possui um caráter andrógino particular que chamaremos de “pentagramático-cósmico” ou “cósmico-pentagramático”. O mistério desse “+” consiste em que a Cabala (10) deve, em parte, ser criada pelo pentagrama (5) mas, por outro lado, o pentagrama (5) deve ter sido formado de um modo cabalístico (10), e não de qualquer maneira.

A magia dos Templários tinha, como ponto de apoio, uma lógica comum à toda a humanidade e utilizava em suas operações o poder ativo da Serpente Nahash. Aproveitava todas as circunstâncias favoráveis criadas pelo “Fatum”, isto é, planejava cuidadosamente sua atividade, utilizando o poder dos desejos humanos e valendo-se imediatamente das situações favoráveis. Tal magia é possível somente quando um pentagrama for nutrido pela Cabala e esta é, por sua vez, marcada pela vontade do mesmo pentagrama. Aqui, é indispensável que haja um “Sábado” para o “Filho do Homem” e que, ao mesmo tempo, o “Filho do Homem” seja o senhor do “Sábado”.

Se puzermos à disposição de um ser humano, em particular, ou de uma corrente de seres humanos todos os manuscritos relativos à metafísica das Escolas antigas e modernas, todos os pantáculos e escritos mágicos, e se essa pessoa ou essa corrente, a eles não acrescentar **sua própria** compreensão, sua participação individual, sua própria e inteligente utilização do material recebido, tudo isso permanecerá estéril e nenhuma operação mágica poderá ser realizada por essa pessoa ou corrente. Se temos um alimento, não basta olhá-lo ou segurá-lo para aumentar a provisão da nossa energia orgânica; é preciso ingeri-lo e assimilá-lo e, para isso, geralmente, é necessário prepará-lo e cozinhá-lo previamente. Essa verdade básica é freqüentemente ignorada pelos chamados “profanos”. Somente a compreensão própria e o trabalho adequado permitem alcançar resultados positivos. A mera posse dos materiais elaborados por outros é insuficiente.

Para poder estabelecer a harmonia, em qualquer sistema, através do uso do mantram “Emesh”, devemos ter realizado, em nós mesmos, os três tipos de equilíbrio: o metafísico, o hermético e o da submissão ao Karma. Se os temos rea-

lizado de uma forma incompleta ou unilateral, então os efeitos da nossa operação serão também incompletos ou unilaterais. Se, para manifestar dinamicamente nossa vontade, escolhessemos o Grande Nome Iod-He-Vau-He, então os efeitos da nossa atuação estariam a provar claramente, até que ponto aplicamos na nossa vida particular, o grande princípio da fórmula gnóstica. Suponhamos que alguém viva plagiando; nesse caso, o mantram, em vez de trazer os efeitos por ele esperados, poderá acarretar manifestações diferentes, devido a interferência de outros pentagramas do ambiente que o rodeia. Se alguém adota superficialmente as idéias alheias, sem as “digerir” e assimilar, a manifestação será parcial ou incabada. Suponhamos ainda, que o elemento “Vau” da pessoa seja fraco, isto é, que ela não ponha em prática as idéias teoricamente aceitas; então o turbilhão **se formará** mas permanecerá **sem força**. Suponhamos, finalmente, que o “segundo He” da pessoa não esteja formado, isto é, que ela ainda não sintetizou tudo que adquiriu, não o transformou ainda num instrumento adequado de realização; aqui a manifestação poderá, externamente, ser muito bela, mas não servirá de base a qualquer realização séria. Será como um fogo de artifício que logo se extingue, sem deixar vestígios.

Ninguém deveria tentar exteriorizar-se, sem primeiramente ter a convicção de que é uma entidade independente do seu invólucro físico. É preciso estar bem consciente de que se procura a exteriorização do próprio “eu” e não de algo a ele alheio.

Não devemos tentar agir sobre outrem se não estamos convencidos de que se trata da **nossa própria influência**, e não de alguma influência externa.

Não deveríamos tentar uma atuação teúrgica se a oração for para nós apenas uma repetição banal de palavras segundo um molde estabelecido por outros, se proferimos essas palavras apenas com os lábios, se ainda não aprendemos a orar **em nosso coração**, se ainda não condensamos aí nossas ressonâncias individuais, isto é, se não ouvimos ainda a voz do nosso “Leão Hermético”.

Não deveríamos usar pantáculos alheios se neles não sentimos a nossa própria cosmovisão; se os signos cabalísticos desses pantáculos não nos parecem ser órgãos **do nosso próprio ser astral**, se os limites desses pantáculos não são sentidos por nós como contornos formados por nossos próprios fluidos ativos.

Repito ainda que uma Cabala imperfeita mas autenticamente nossa é melhor do que uma perfeita mas alheia, não vivida por nós, não estudada por nós profundamente. É me-

lhor usar uma frase sem sentido cabalístico que por alguma razão interpretamos a nosso modo e que consideramos como um mantram, do que servirmo-nos do mais sábio conjunto de elementos cabalísticos que nem sequer compreendemos, e sobre os quais nem nos demos o trabalho de meditar.

Eis a sabedoria que podemos deduzir do desdobramento do Arcano XV em 5 e 10.

$15 = 6 + 9$ e $15 = 9 + 6$. A Lei da Analogia (6) e a Proteção superior (9) na escolha dos pontos de apoio para essa Lei, garantem a pureza da lógica absoluta (15).

O livre arbítrio (6) e a iniciação tradicional (9) condicionam o controle de nossas paixões e a utilização das paixões de outros (15).

O conhecimento do ambiente (6) e a prudência (9) asseguram a escolha de um momento carmicamente propício (15).

Estas profundas mas simples verdades, quase dispensam comentários.

$15 = 7 + 8$ e $15 = 8 + 7$. A vitória (7) da idéia sobre a forma e o conhecimento da lei do equilíbrio no mundo (8) garantem a lógica do pensamento (15).

A vitória (7) sobre si mesmo e o conhecimento de leis condicionantes (8) permitem explorar as paixões alheias (15).

A compreensão dos direitos de propriedade (7) e da lei de retribuição (8) explica a atuação do "Fatum" (15).

Esta é a parte teórica da análise do Arcano. Passemos à sua aplicação prática, dividindo-a em dois aspectos: o **ativo** e o **passivo**.

Os estados passivos obtidos pela compreensão do Arcano XV consistem na sintonização dos turbilhões, que normalmente regem o sistema ganglionar do astrosoma humano, com as vibrações dos turbilhões de uma amplitude consideravelmente maior.

Procuremos imaginar o plano astral como algo vivo, isto é, considerar tudo que nele acontece como modificações dentro de um só organismo, vasto e uniplânico. Este organismo é o "Baphomet" dos Templários, ou seja o astrosoma do Macrocosmo, mais a soma dos astrosomas de todas as entidades pentagramáticas evolutivas, involutivas e neutras que não pertencem ao Malkut. Por outro lado, imaginemos claramente o nosso próprio astrosoma, como sendo um microcosmo astral, regido por nossa mente, e possuindo já o domínio do Arcano de Adaptação. Dependerá de nós sintonizá-lo com uma ou outra vibração macrocósmica escolhida. No sentido evolutivo, essa escolha é ilimitada. É claro, todavia, que para sintonizar-nos com uma vibração muito alta, precisa-

mos elevar também as nossas próprias vibrações através de um treinamento prolongado, que leva às vezes muitas encarnações.

Quanto às vibrações menos elevadas do que as nossas é muito fácil sintonizar com elas. Entretanto, ao invés da subida, a descida é **limitada**, pois a condensação dos fluidos não vai além de certo ponto.

Entrar em contato com um dos órgãos do Baphomet, significa afinar o nosso ressonador, ou melhor, o nosso sistema de ressonadores astrais ao diapásão do determinado órgão de Baphomet. Este órgão pode ser altamente elevado (como, p. ex., o astral sutil da egrégora dos Irmãos Reintegrados da Cruz + Rosa) ou de um nível médio (p. ex., a síntese de clichês de uma determinada corrente artística) ou ainda de um tipo inferior (p. ex., a síntese dos clichês deturpados da egrégora de alguma das correntes chamadas "satanistas"). Naturalmente, a sintonização do nosso sistema de ressonadores com determinadas vibrações, exige em geral, um trabalho prolongado e constitui uma tarefa particular, necessária para a realização de algum plano geral, mais amplo. Se o alvo é alcançado, o nosso astrosoma integra-se e fortalece a sinfonia das vibrações do órgão correspondente do Baphomet. Diz-se, neste caso, que o nosso astrosoma **uniu-se a uma determinada egrégora**. Do ponto de vista de Baphomet, pode-se também dizer que a egrégora vampirizou astralmente o nosso astrosoma.

Perguntemo-nos agora de que meios dispomos para realizar a tarefa acima descrita, seja numa escala particular, seja num plano geral. Para sermos exatos, diremos que existe um só meio: o **monoideismo**. Se, de duas idéias, consideramos uma mais importante do que a outra, a criação de formas que lhe correspondam será mais fácil do que a criação de formas correspondendo à outra. Se, no campo inteiro de atividade da nossa "mens", dermos primazia a uma determinada idéia, criaremos formas que correspondem a essa idéia **mais facilmente**, do que a quaisquer outras. As pessoas que alcançaram o grau "Templário" da iniciação maçônica, podem constatar por si mesmas **até que ponto é imenso** o nosso poder de criar as formas astrais correspondendo às idéias assim por nós privilegiadas.

É útil mencionar — embora isso se refira mais ao Arcano XXI do que ao XV — que, se aplicarmos o mesmo sistema de primazia, não às idéias mas às **formas**, então tudo que foi dito acima quanto à criação das formas, referir-se-á à manifestação no plano físico; no entanto, já haverá uma certa

limitação da força. As regras dessa limitação nos são dadas por determinadas teses da iniciação maçônica.

O que nos ocupa agora, não são as manifestações no plano físico mas a **criação de formas**; todavia, não de formas externas, mas sim de formas no astral do **nosso próprio microcosmo**.

O método de monoideísmo consiste em ter e colocar em primeiro lugar um alvo (ou alvos) determinado, até o momento de sua realização em um ou outro plano. Essa é a **essência** do monoideísmo; quanto à sua **substância**, sabemos apenas o que já foi dito no Arcano XI a respeito da formação das unidades coletivas. O astral ou seja a “**monoforma**” de uma determinada idéia deve ser formado de “**células**” do nosso próprio astrosoma. Usamos a palavra “**células**” no sentido figurativo, pois realmente trata-se de turbilhões elementares com o acréscimo dos elementos astrais de organismos alheios que conseguimos vampirizar e, às vezes, mesmo sem a ajuda de tal acréscimo.

Podemos dizer que a natureza do monoideísmo assemelha-se à natureza de Baphomet (ver a nossa citação dos Verdes Esmeraldinos). Assim, o turbilhão da monoforma, desce do plano da monoidéia até seu ponto de apoio no plano físico e, por impulso de retorno, eleva-se de novo ao plano da idéia, sustentando-a e sendo, ao mesmo tempo, por ela vivificado.

Agora podemos compreender melhor o papel dos exercícios respiratórios, ligados a uma ideação mental e formal de adquirir alguma capacidade ou realizar algum estado (ver Arcano V). A mesma lei rege a criação de pensamentos-forças.

O método sephirótico de auto-sugestão (Arcano V) é apenas um modo mais pormenorizado de fazer passar a monoidéia através de diversos subplanos de sua existência.

É necessário acrescentar aqui que, sendo a natureza da monoforma análoga à natureza de Baphomet, ela possui a mesma tendência de preencher as eventuais lacunas na sua construção. Devido a essa tendência, a auto-sugestão pode ser realizada mesmo quando não for claramente delineada. Mais ainda: não é indispensável que o operador mantenha a monoidéia em mente, sem interrupção. É claro que ele deve voltar a ela com frequência, especialmente se não tiver muita prática em magia, para sustentar a vitalidade dessa idéia. Aqui, entram em jogo o grau do domínio do Arcano VIII e outras considerações; repito, todavia, que a monoforma vive e desenvolve-se por si mesma. Podemos até nem mesmo acreditar no êxito da nossa auto-sugestão e, no entanto, ela se

realizará com a condição de, todavia, não criarmos, conscientemente, contra-formas.

Tudo até agora citado, concernente à aplicação passiva do Arcano XV, é bastante importante nos exercícios elementares da forma passiva de telepatia e psicometria. Será ainda mais importante nos casos em que, conscientemente, permitirmos sermos magnetizados por um operador, com qualquer outra finalidade, p. ex. terapêutica.

A forma passiva de telepatia consiste no estado receptivo às percepções e sensações que podem ser luminosas (p. ex. figuras), auditivas (p. ex. frases), olfativas (odores), gustativas (sabores) ou táteis, ou ainda estados psíquicos tais como tristeza, alegria, surpresa, temor, etc. ou então um determinado desejo como, p. ex., efetuar um movimento ou receber um conselho do operador que pode se achar num lugar bem distante. A finalidade mais nobre e valiosa do cultivo da receptividade telepática à distância é tornar-se apto a receber ensinamentos (receptividade às idéias) ou de se curar de uma fraqueza física ou moral (receptividade para a transferência da força psíquica e nervosa). Este processo de "telegrafia sem fio" exige uma grande sintonização do astrosoma do paciente com o do operador, para que todas as vibrações emitidas por este último sejam total e corretamente captadas. Isso pode ser conseguido por meio de um contato monodéico entre os dois, em horários aprazados. As vezes, a monodéia desse contato é fortalecida pela monofôrma. O paciente imagina, p. ex., estar ligado ao operador por um tubo ou fio de arame, ou que o operador o está visitando. Muitas pessoas, para receber um clichê telepático, limitam-se a uma simples concentração passiva, submetendo ao operador seu aparelho astral e deixando a ele a iniciativa e a tarefa de carregá-lo com sua influência. Naturalmente, quanto mais freqüente for o contato astral entre duas pessoas — independentemente do tipo desse contato — tanto mais fácil será a sintonização. Se um lado cultiva sempre a forma passiva (discipulado, submissão), desenvolver-se-á, nele, a receptividade em relação ao outro.

A psicometria, como sabemos, consiste num contato com o astrosoma de um determinado objeto, com a finalidade de captar os clichês astrais das influências que o impregnaram. Por conseguinte, o êxito das experiências psicométricas depende da existência, na pessoa receptora, de ressonâncias individuais às vibrações de determinados clichês. Essa é a razão pela qual, geralmente, se consegue melhores resultados na psicometria com pessoas que possuem um vasto campo de interesses, do que pessoas com limitado campo de interesses.

A possibilidade da sensibilização de um astrosoma às influências externas foi empiricamente comprovada por experiências clínicas pertinentes à submissão da vontade de um ser à de um outro. Diversos graus dessa submissão foram estudados. As experiências feitas pelo Dr. Charcot, com muita boa-fé mas bastante superficiais, permitiram distinguir três fases:

1. LETARGIA. Os sintomas externos são a flexibilidade do corpo do paciente, falta de controle do paciente sobre seu corpo e uma respiração regular e profunda. É um estado que se assemelha a um profundo sono físico.

2. CATALEPSIA, cujos sintomas físicos consistem numa extrema tensão muscular, ausência da flexibilidade das extremidades, do tronco e do pescoço, a capacidade do corpo todo em permanecer numa postura artificialmente imposta, a fixação do olhar em um único ponto (que pode ser escolhido pelo operador) e a incapacidade de ouvir uma conversa (mesmo mantida em voz muito alta). Este é um quadro de isolamento e alheamento total do paciente relativamente ao mundo físico externo.

3. SONAMBULISMO com clarividência. Neste estado o paciente responde às perguntas, fala de moto-próprio mas não sabe onde se encontra. Muitas vezes pensa achar-se em algum outro lugar e vê o que lá está acontecendo. Frequentemente, chega a transferir sua consciência, conforme o desejo do operador. Em geral, obedece ao mesmo, executa suas ordens, não apenas durante o estado sonambúlico mas também após este, nos momentos previamente determinados pelo operador. Nestes últimos casos, executando as ordens, o paciente fica por um certo tempo como se estivesse inconsciente, agindo de um modo puramente automático, perdendo enquanto isso a sensibilidade e o sentido das circunstâncias reais. Ele não apenas faz tudo que lhe foi ordenado, mas até vê e ouve tudo o que lhe for sugerido pelo operador. Considerar-se-á uma outra pessoa que não existe, se esta foi a ordem, e agirá de acordo com esta troca de personalidade. Saliente-se, no entanto, que em casos de ordens extremamente estranhas às circunstâncias usuais ou nas sugestões criminosas, observa-se, em geral, uma luta do pentagrama com a sugestão, luta que pôde resultar em não cumprimento da ordem. As ações feitas sob a influência da sugestão, assim como as impressões recebidas, são ou não esquecidas, conforme as instruções do operador.

Como já dissemos, as pesquisas de Charcot foram incompletas. O Coronel de Rochas, através de experiências clínicas,

aumentou para treze o número das fases da sugestão. Eis uma breve relação descritiva das mesmas.

1. **Estado de confiança** do paciente em relação ao operador. Neste estágio o operador, por uma simples conversa, pode persuadir ao paciente alguma coisa que, até então, ninguém conseguiu fazer. Este estado equivale, em geral, ao de um aluno em relação a um professor amado.

2. **Letargia** — assim como foi caracterizada por Charcot.

3. **Catalepsia** — semelhante à já descrita. De Rochas acrescenta a observação da tendência do paciente a **imitar automaticamente** os movimentos do operador.

4. **Letargia** — semelhante à do item 2 mas apresentando já um aspecto de sono menos profundo.

5. **Sonambulismo** — semelhante ao descrito por Charcot, com seus sintomas característicos.

6. **Letargia** — apresentando um estado de sono mais leve do que no item 4, já semelhante ao sono normal, sadio.

7. O assim chamado "**estado de relacionamento**" ("état de rapport"), caracterizado pela afinidade típica do astrosoma do paciente com o astrosoma do operador. Este estágio tem duas fases: na primeira, o paciente é sensível às recepções provenientes de outras fontes, além da própria pessoa do operador, mas avalia-as como sendo desagradáveis. Assim, ao tocar, p. ex., uma outra pessoa, afirma que a constituição desta é **diferente** da dele e, portanto, lhe é repulsiva. Na segunda fase, o paciente perde por completo a receptividade a tudo que não for ligado a alguma manifestação energética do operador. Não ouve, p. ex., os sons de um piano, tocado por uma outra pessoa; não obstante, assim que o operador puser sua mão no ouvido do paciente, este começa a ouvir o piano. Em geral, o paciente precisa se valer da vista do operador, mesmo para enxergar os objetos existentes ao seu redor. A reação cutânea causada pelos objetos postos em contato com o operador são, em geral, **agradáveis** ao paciente. O mesmo toque, mas de objetos não ligados ao operador, deixa o paciente **completamente insensível**, e pode mesmo lhe causar uma intensa dor. Estas duas fases do "estado de relacionamento" são também caracterizadas pelo contentamento do paciente e seu desejo de continuar na mesma situação. Neste estado muitos pacientes são capazes de avaliar a intensidade e a polarização dos fluidos do operador-magnetizador, discernindo as cores dos fluidos positivos e negativos.

8. **Letargia branda**, com pulsações enfraquecidas e diminuição da elasticidade do sistema muscular.

9. **Estado de simpatia pelo contato** (“sympathie au contact”). O paciente se sente em contato apenas com o operador e com as pessoas que este tocar. Se uma das pessoas sente dor ou algum desconforto, o paciente sente o mesmo, sem, contudo, relacioná-lo com as funções do seu organismo.

10. **Letargia ainda branda.**

11. **Estado de lucidez** — O paciente adquire o dom de ver os órgãos internos das pessoas com as quais, através do operador, foi posto em contato, e faz um diagnóstico bastante razoável das doenças e anormalidades de diversos órgãos, pela comparação desses órgãos com os seus próprios. Neste estágio, além disso, o paciente demonstra capacidades psicométricas, indicando, inequivocamente, a pessoa, dentre aquelas com que está em contato, que tocou determinado objeto.

12. **Letargia.**

13. **Estado de simpatia, à distância** (“Sympathie à distance”). Manifestações idênticas às do estado de lucidez mas sem que o operador tenha necessidade de tocar o paciente.

A capacidade de **ser receptivo às sugestões** surge já no início, na fase N° 1, intensifica-se e atinge o ponto máximo na fase N° 3 (catalepsia) e, em seguida, decresce lentamente, desaparecendo de todo na fase N° 7.

Estes são os resultados das pesquisas clínicas referentes ao processo de sintonização do astrosoma do paciente com o do operador.

É interessante notar que essa sintonização que, como veremos mais adiante, na maioria dos casos, é o resultado do esforço da vontade do operador, enfraquece a ligação do astrosoma do paciente tanto com seu próprio corpo físico, como com o seu mental. O enfraquecimento progressivo da ligação com o corpo manifesta-se no paciente pela perda da consciência das condições e do ambiente da sua vida normal, diária. As dificuldades neste sentido aparecem já no estágio N° 7 (estado de relacionamento) e aumentam muito no estágio N° 9 (simpatia pelo contato). Podemos dizer que sua encarnação presente perde para o paciente o sentido real; ele esquece mesmo seu nome e profissão. O enfraquecimento da ligação entre o astrosoma e o mental do paciente é consequência da limitação da “mens” do paciente ao campo dos contatos. Todavia, este último enfraquecimento não é tão pronunciado como o primeiro, pois as faculdades lógicas do paciente permanecem após terem desaparecido nele os conhecimentos empíricos adquiridos durante sua vida. Ele não se lembra mais da tabuada de multiplicação mas compara inteligentemente seus órgãos com os das pessoas com as quais entra em contato.

Passemos à aplicação ativa dos mistérios do Arcano XV.

Cada microcosmo tem a possibilidade de enriquecer o campo de suas vibrações, tornando-as, poder-se-ia dizer, mais persistentes. Com essa persistência, o microcosmo-operador não apenas atrai ao campo de sua própria influência os astrosomas que possuem o mesmo tipo de vibrações (embora menos pronunciadas) mas também causa a sintonia com a sua própria vibração das vibrações alheias similares. Quanto mais ampla for a escala vibratória do microcosmo operador, tanto maior será o número dos órgãos do Baphomet sobre os quais estender-se-á, potencialmente, o vampirismo desse microcosmo, pois os referidos órgãos têm a faculdade de adaptar-se às tonalidades alheias, semelhantes às suas. Além disso, quanto mais vigorosa for a vibração própria do microcosmo, tanto mais longe (no sentido figurado) ela penetrará e, portanto, novamente atrairá a seu próprio campo organismos alheios. Nos dois casos, o operador aumentará sua provisão de energia e, conseqüentemente, seus recursos realizadores. Aqui plenamente se confirma a "Parábola dos Talentos".

No trabalho, por nós denominado "passivo" **uníamo-nos** às egrégoras; no trabalho "ativo", poder-se-ia dizer, **nós mesmos criamos** as egrégoras.

Analisemos agora essa parte "ativa" da aplicação do Arcano XV nas operações das quais falamos.

Na **sugestão telepática**, o operador, ou seja o lado ativo, intensifica suas vibrações num determinado campo (p. ex. imagina nitidamente um quadro, um estado psíquico etc.) Além disso, atrai do astral as entidades apropriadas, remagnetizando-as para que vibrem em uníssono com ele, assim formando com elas uma corrente, regida pela monofonia egrégorica da sugestão. Utilizando a energia de suas próprias vibrações e a da corrente formada, ele sintoniza de um modo adequado o astrosoma do paciente, tornando-o receptivo à sugestão desejada. Enquanto isso, o Baphomet desce, e torna a subir (conhecemos já o esquema sefirótico do duplo processo diabático da sugestão). Como ponto de apoio físico da operação podem servir representações materiais, tais como imagens, figuras geométricas, fotografias, etc. contempladas pelo operador, ou então, gestos correspondendo a determinados estados psíquicos que o operador procura transmitir, etc.

Na **psicométrie** é importante aumentar em si a capacidade de ressonância a diversos tipos de clichês, eventualmente encontradiços na aura do objeto que está sendo psicometrado. Justamente por causa do caráter fortuito desses clichês, é recomendado tornar-se tão sensitivo quanto possível

a qualquer tipo de vibração. Seria como adaptar um bom microfone ao seu aparelho telefônico. Essa é a finalidade da concentração ativa que precede o contato psicométrico com os objetos.

No caso da aplicação *ativa* do assim chamado “magnetismo” (forças e radiações ódicas), a preparação consiste não somente no desejo de obter êxito na atuação mas também no prever minuciosamente todas as possibilidades que podem surgir na descida e subida do turbilhão astral. Como já dissemos, podemos contar com a ajuda de Baphomet, devido à sua natureza de preencher as lacunas e tornar ininterrupta a formação dos turbilhões. Contudo, precisamos também avaliar devidamente a nossa própria força; não podemos esperar que um impulso demasiadamente fraco seja transmitido além de determinados limites.

Quanto mais poderoso e treinado for o astrosoma do operador, menor será a necessidade de delinear os pormenores do esquema da sugestão.

De tudo que acaba de ser dito, decorre que seria muito útil um estudo pormenorizado de todos os elementos da construção sefirótica da assim chamada “entidade volitiva” da sugestão. Seria útil, também, o estudo particularizado do processo astral das emanações do próprio operador. Quanto à sua mente, presumimos que seu funcionamento esteja conforme às leis gerais da lógica dedutiva.

Passemos ao estudo do astrosoma do operador.

No Arcano V foi dado um esquema pentagramático de repartição de fluidos no ser humano (fig. 20 e 21) e no Arcano X esse esquema foi ampliado num esquema decimal — o sefirótico. A figura 51 que é o lado inverso do Grande Pantáculo de Salomão (do lado frontal já falamos no Arcano VI, fig. 22) nos dá o quadro completo dessa repartição dos fluidos no ser humano.

Sephira Keter corresponde a uma determinada região da testa, acima da base do nariz (fluidos do tipo “n”, ou seja, neutro); Sephira Hokmah — ao olho direito (emanações sutis, ativas, do tipo “+”); Binah — ao olho esquerdo (emanações sutis, passivas, do tipo “—”); Chesed ou Gedulah — à mão direita masculina (fluidos mais densos do tipo “+”); Pechad ou Geburah — à mão esquerda (mesmo grau de densidade mas do tipo “—”); Tiferet corresponde ao plexo solar, fluidos neutros (tipo “n”); Netzah corresponde à reserva de fluidos negativos do pé direito (tipo “—”); usamos a expressão “reserva” pois é raro utilizarmos **consistentemente** as emanações dos pés, geralmente guardando-as para serem transferidas aos outros centros, através dos gân-

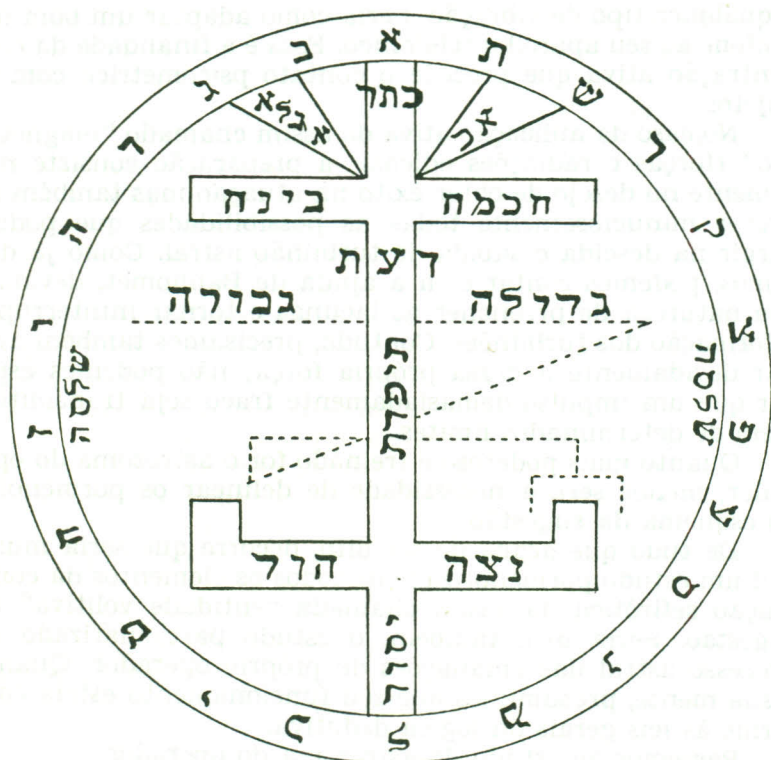


Figura 51

glios andróginos da parte central do esquema sefirótico. Essa é a razão pela qual, na figura 51 as extremidades da barra inferior da cruz estão voltadas para cima, diferenciando-se assim da barra superior que é reta e corresponde aos centros de emanção dos olhos; Hod corresponde à reserva dos fluidos positivos do pé esquerdo do astrosoma masculino (+); Yesod — às emanções dos órgãos sexuais que, teoricamente, são andróginas mas nas quais, na prática, predominam fluidos quer ativos quer passivos. O nome da Sefhira Malkut não consta no pantáculo pois essa Sefhira corresponde aos pontos de apoio físicos, constituindo todo um pequeno mundo, em geral muito passivo (inércia da matéria) em comparação com outras Sefhiras. Contudo, sua construção interna é andrógina, completa e capaz de produzir manifestações mais elevadas. Na fig. 51 este pequeno mundo está representado pela faixa que envolve o pantáculo e que contém, como símbolo da queda humana, o alfabeto de 22 Arcanos.

Comentando o pantáculo, salientamos ainda as seguintes particularidades:

1. Na cruz não existe uma barra especial para Gedulah e Geburah, isso por ser grande a mobilidade das mãos durante a terapia magnética, contrastando com a escassa mobilidade dos outros pontos de apoio físicos dos centros de emanções ódicas.

2. Um ângulo, como se fosse uma cunha, penetra no pantáculo de cada lado de Keter. O da direita tem uma inscrição "Ab", o da esquerda — "Aglá". Isso significa que Keter, polarizando-se em Hokmah-Binah, fica iluminada por uma dupla apreensão intuitiva: a da elevada origem e união primordial da Humanidade, e a da diferenciação dos seres humanos em apenas três tipos básicos, ou seja, os tipos "Aleph", "Ghimel" e "Lamed", tendo todos os três a mesma tarefa de reunificação. Os dois ângulos penetrantes desempenham o papel de "talismãs" que devem proteger Hokmah e Binah face a atuações involutivas.

3. Um pouco abaixo da barra superior da cruz vemos a palavra "Daath" — o nome global das Sefiras médias decaídas. É um aviso de que é necessária a prudência ao passarmos da utilização das emanções sutis das Sefiras superiores à utilização das emanções mais densas, centralizadas no plexo solar e abaixo dele.

4. De cada lado do pantáculo há uma inscrição "Shlomoh" — o nome do rei Salomão. Seria de interesse para os estudantes cabalizar este nome.

5. Acima da extremidade Netzah vê-se o que poderia ser chamado de pequeno estribo, suspenso numa linha horizontal que conduz os fluidos desde Netzah, para a esquerda. Aí, a linha desce um pouco, por um traço vertical, para logo ascender, em diagonal à direita, passar por Tiferet até Gedulah e daí, horizontalmente, à Geburah, onde termina. Para que o traçado dessa linha em ziguezague seja compreensível, diga-se que, em geral, uma transmissão de fluidos **ativos** (+) ao ambiente, causa no operador uma perda parcial e temporária de fluidos **positivos** (+). Quanto à emanção de fluidos **negativos**, esta corresponde ao vampirismo, seja do meio ambiente, seja de uma entidade particular, causando enfraquecimento ou impedimento de suas funções normais, isto é, **prejudicando-os**. A linha ziguezague nada mais é do que um esquema muito antigo daquilo que hoje em dia se chama "lançamento de bolas astrais" ao adversário, a fim de prejudicar sua saúde ou paralisar sua atividade. O ziguezague de

Salomão ensina a fazê-lo do seguinte modo: concentrar a maior provisão possível de fluidos negativos no astral do pé direito (o pantáculo está construído como se visto num espelho); acrescentar, a estes, todos os fluidos negativos que possam ser fornecidos pelos gânglios secundários da parte esquerda do corpo e pelo plexo solar que é andrógino. Ao mesmo tempo, procurar concentrar nas mãos o máximo de fluidos normalmente polarizados. Em seguida, fazer convergir para a mão esquerda todos os fluidos negativos do corpo, e lançá-los sobre o inimigo, através dos dedos e da palma da mão esquerda. Evidentemente, os fluidos serão de tipo denso e o ataque dificultará ao inimigo a realização de uma operação de nível inferior. Este procedimento foi praticado já em um passado remoto para fazer, por exemplo, parar um animal atacante ou sustar a mão de um homem que se levantava contra seu semelhante. Hoje em dia, essa atuação foi levada ainda mais adiante, pelo uso das emanções negativas de Binah. Neste caso toma-se, como ponto de apoio do lançamento, o olho esquerdo e a têmpora esquerda. Essas "bolas modernas" produzem resultados mais duráveis e, geralmente, provocam no adversário dor de cabeça ou qualquer outro distúrbio nervoso.

Terminaremos a descrição do pantáculo de Salomão indicando as cores que o compõem. A cor do fundo, bem como a parte central — azul; a cruz inteira e os sagrados ângulos superiores — dourado (atividade); o círculo (Malkut) — prateado, ou então rosa ou verde (Vênus) mas com contornos prateados (passividade). As inscrições, para maior comodidade, são em preto; a linha do zigzague é prateada pois conduz fluidos negativos, passivos.

Na terapêutica pelo magnetismo, as emanções negativas são utilizadas nos casos em que seja preciso moderar a atividade ou a faculdade de absorção de algum centro. As emanções positivas, ao contrário, são utilizadas quando um centro deva ser ativado.

Limitar-nos-emos a essas breves informações quanto à terapêutica pelo magnetismo. Os que nisso estiverem interessados, poderão encontrar maiores informações na obra de Kramer (Magnetismo Terapêutico) ou no livro de Brandler-Praht "O Ocultismo".

Mencionaremos agora alguns requisitos no plano físico que podem assegurar ao operador uma melhor distribuição dos recursos astrais entre os gânglios do corpo. Recomenda-se moderação na alimentação e no uso de estimulantes; se possível, continência na vida sexual; freqüentes exercícios de irradiação ódica, mesmo que seja sobre objetos, no caso de

não haver pacientes; suficientes horas de sono e um ambiente que não provoque nervosismo e descontentamento.

Abordemos agora o assunto de vampirização do ambiente. Esta é feita pela afinação do maior número possível de elementos do ambiente ao diapasão do operador. O próprio turbilhão deve ser sintonizado com a vibração do operador mas, para ter **vitalidade** e poder penetrar no organismo astral geral, deve ser formado segundo o esquema próprio ao Baphomet, e a ele se assemelhar.

Indubitavelmente, não houve finalidade egoísta alguma por parte dos Princípios Mentais que, ao condensarem-se na periferia, deram nascimento ao turbilhão astral, universal — o Baphomet. Portanto, o mesmo princípio deve reger a formação do pequeno turbilhão da entidade volitiva humana, isto é, os ideais e impulsos do operador devem ser os mais elevados e desinteressados. Pode-se objetar que isso não é tão fácil, pois um turbilhão individual quase não pode ser isento de desejo pessoal, devido ao caráter volitivo dos turbilhões. De fato assim é, e por isso os turbilhões por nós criados têm, em geral, uma vida curta. Todavia, essa duração aumenta na proporção em que se eleva o nível de sua finalidade e decresce o caráter pessoal. Uma base puramente mística criará manifestação astral muito duradoura; uma finalidade científica causará resultados menos duráveis; o altruísmo filantrópico terá uma durabilidade ainda menor, e o patriotismo — menor ainda. Baseada no egoísmo familiar, a manifestação astral, mesmo quando conseguida, será muito passageira, e quanto ao egoísmo pessoal, material, é extremamente raro que algum resultado seja obtido.

Tudo isso explica-nos porque as pessoas que procuram utilizar magia para melhorar sua situação financeira, muitas vezes não somente fracassam mas perdem também sua reputação de ocultistas sérios.

Repetimos: o mundo Aziluth refletiu-se no mundo Briah não porque o “queria para si” mas por necessidade de estabelecer as fases do processo diabático.

Uma atuação mágica pode ser tentada somente quando indicada pela consciência e não quando dela se espera algum benefício a favorecer o operador ou seus familiares. O futuro poderá revelar ter essa operação acarretado inúmeros benefícios ao operador ou outras pessoas, mas isso é um assunto à parte. O importante é que o impulso seja puro e desinteressado.

Quanto mais baixo for o plano de um procedimento mágico, tanto menos necessárias são as nossas advertências, mas tanto menor, também, será sua força vital. Ler, por dinheiro,

as cartas do baralho, pode trazer algum benefício satisfatório. O tratamento pelo magnetismo já exige um desinteresse maior e quanto mais profundo for o distúrbio do doente, tanto mais importante é a ausência de honorários para o magnetizador. Ensinar, por dinheiro, a prática da magia, é do ponto de vista oculto, uma verdadeira temeridade.

Tudo que acabamos de dizer se refere ao aspecto mental, chamado "céu" de um turbilhão. Passemos agora ao seu nível médio.

Aqui, seria difícil abranger com palavras todos os modos de atuar. Geralmente, estes são ditados pela intuição do operador. O instrumento principal é sua imaginação. A plasticidade do pensamento condiciona a plasticidade da formação; a clareza e estabilidade do pensamento determinam a qualidade racional e útil da formação. Existem naturalmente algumas técnicas reservadas, relativas à formação da parte média de um turbilhão astral, tanto dentro de nós mesmos, como externamente. Estas técnicas, assim como os elementos físicos que lhe servem de pontos de apoio, não podem aqui ser revelados. Fazem parte do segundo grau da iniciação Templária. Todavia, cada ser humano que segue o caminho de **auto-iniciação** chegará, no devido tempo, através do sexto sentido e da dedução lógica, ao conhecimento dessa parte oculta. Estes não são **segredos** mas **arcanos**.

Passemos agora aos pontos de apoio físicos das operações astrais, pontos dos quais podemos falar sem restrição.

Já enumeramos as 13 fases constatadas por de Rochas. Essas 13 fases surgem em consequência da transmissão de fluidos positivos do operador ao paciente, pelo menos foi o caso das experiências efetuadas por de Rochas. Ele conseguia fazer passar os pacientes mais sensíveis de uma fase à fase seguinte, mais profunda, impondo sua mão **direita** sobre a testa ou a parte superior do crânio do paciente. Para obter a passagem inversa, isto é de uma fase mais pronunciada a uma não tão profunda, de Rochas utilizava a mão **esquerda**. Além disso, de Rochas fez experiências de imposição da mão esquerda sobre sujeitos em estado de vigília normal, e assim obteve três fases negativas: a fase de excitação, a fase de edema dos membros e a fase de uma paralisia geral. Isso provocou no operador uma impressão tão deprimente que não quis continuar as experiências.

É muito importante notar o seguinte: a imposição da mão direita na cabeça do paciente não é o único meio de transmissão dos fluidos positivos. O mesmo resultado pode ser conseguido por:

1. Participação do paciente num grupo de pessoas em cír-

culo e cujos corpos se tocam, formando assim uma corrente.

2. Sujeição do paciente à circulação dos fluidos do operador. Isso pode ser feito de diversos modos: um olhar central; uma concentração enérgica do olhar sobre o Hokmah do paciente (fixação de sua pestana direita); o sustentar a mão esquerda do paciente na mão direita do operador e, simultaneamente, a mão direita na mão esquerda do operador; há também uma variante: segurar com a mão esquerda o polegar da mão direita do paciente e, com a mão direita, o polegar da mão esquerda do paciente; a utilização de passes normais, de cima para baixo, ao longo do lado anterior do corpo do paciente (começando-se pela cabeça e descendo pelo menos ao nível do abdome) ou passes transmitidos por mãos cruzadas ao longo do lado posterior do corpo, começando pela nuca e passando pelas costas do paciente; o segurar de ambos os polegares do paciente na mão esquerda do operador, a mão direita do operador fazendo simultaneamente passes rápidos, de cima para baixo, na parte anterior do corpo do paciente; outras combinações dos procedimentos enumerados neste tópico.
3. Uma sugestão direta do operador ao paciente, feita de perto ou de longe, para que este receba seus fluidos positivos.
4. Provocação no paciente de um contato mais direto com os fluidos universais do Baphomet, pelo enfraquecimento parcial da ligação entre o mental e o astral ou entre o astral e o físico do paciente. O primeiro se obtém pela meditação profunda do paciente acerca de assuntos místicos ou filosóficos muito abstratos; o segundo, por uma série de procedimentos chamados de **puramente hipnóticos**, diferindo dos magnéticos ou mistos.

As constatações que acabamos de apresentar, permitem concluir que um paciente, colocado dentro do campo de circulação dos fluidos, tanto do turbilhão universal como do turbilhão de uma corrente em particular (p. ex., a de uma sessão espírita, onde os médiuns-sensitivos gradualmente passam da fase N^o 1 até a do N^o6, inclusive) ou ainda no campo de circulação dos fluidos de um determinado operador, está, por sua natureza, **mais capacitado a absorver fluidos positivos** do que negativos. Em outras palavras, evoluirá com mais facilidade em direção às fases positivas enumeradas por de Rochas, do que às negativas por ele obtidas. Os últimos estados se assemelham à falta do desejo, por parte do paciente, de aceitar as leis gerais da vida.

A tendência humana de assimilar mais facilmente fluidos positivos do que negativos, poderia ser chamada de **instinto de auto-preservação astral** ou, melhor ainda, de instinto de imitar algo sadio, edificado segundo um ciclo dinâmico normal, sem querer introduzir anarquia no seu próprio astrosoma.

Seria proveitoso meditar sobre essa tendência, inata no ser humano.

Havendo falado da influência dos passes longitudinais, isto é, feitos ao longo do corpo, é preciso mencionar também os passes transversais (feitos ao nível do peito). Estes têm uma ação contrária. Se a ação dos primeiros se assemelha à da mão direita do operador, a destes últimos se parece com a influência da mão esquerda.

Voltemos agora aos procedimentos “puramente hipnóticos” que têm por finalidade aumentar o contato do astrosoma do paciente com o astral universal, através do enfraquecimento da ligação entre o corpo físico e o astral do paciente. Enumeremos estes procedimentos:

1. **Um ponto brilhante.** O paciente fixa seu olhar num objeto brilhante (p. ex., um diamante sobre um fundo preto, um botão niquelado, um pequeno espelho, etc.) posto diante do centro de sua fronte.
2. **Um espelho giratório.** O espelho é colocado à distância de meio metro diante do paciente, ao nível de seus olhos. O paciente permanece sentado numa poltrona, a nuca confortavelmente apoiada.
3. **Uma batida de gongo.** O paciente, repousando comodamente numa poltrona, ouve súbita e inesperadamente um forte ruído (batida de um gongo, um forte grito, etc.) e entra numa das fases enumeradas por Charcot.

Nesses casos a rotina das funções costumeiras do sistema nervoso, como intermediário entre o corpo e o astrosoma, fica bruscamente interrompida de modo inusitado, afrouxando assim a ligação entre os dois.

É preciso classificar como hipnóticos todos os procedimentos, gestos e olhares do operador, que usualmente acompanham a atuação magnética, desde que sejam feitos de modo mecânico, sem uma específica concentração volitiva ou com o desejo, apenas, de conseguir a manifestação externa da operação. Em tal caso, o astrosoma do operador desempenha o mero papel de um órgão da Natureza, facilitando o contato do paciente com a mesma. Os olhos, as mãos, as palavras do operador substituem o espelho ou o gongo.

As manifestações sonoras provocam efeitos hipnóticos mais rápidos. Uma batida de gongo ou um forte grito dão resultados quase imediatos. A repetição de sons monótonos faz adormecer o paciente em 10 a 15 minutos. Entre os métodos ópticos, o mais eficiente é a fixação de um ponto brilhante; o paciente adormece em 3 a 10 minutos. O espelho giratório causa o mesmo resultado em meia hora.

Em geral a atuação magnética dá resultados mais rápidos do que a hipnótica.

Ao hipnotismo são sujeitos aproximadamente 40% dentre os homens e 64% das mulheres. Não falaremos aqui dos métodos para testar antecipadamente a sensibilidade das pessoas à hipnose. São pormenores demasiadamente específicos. Preferimos, ao invés disso, dizer algumas palavras a respeito dos meios de fazer passar o paciente da fase da primeira letargia à da primeira catalepsia e à do sonambulismo.

Para fazer passar o paciente da letargia (fase N° 2) à catalepsia (fase N° 3), o operador geralmente abre, com os seus dedos, os olhos do paciente. A passagem da catalepsia (N° 3) diretamente ao sonambulismo (N° 5) é freqüentemente obtida por um sopro nos olhos do paciente ou por um ligeiro esfregar de sua fronte. Estes meios de atuação são menos suaves do que a aplicação dos passes longitudinais ou a imposição da mão direita. Podemos comprová-lo pelo fato da passagem direta do paciente da catalepsia (N° 3) ao sonambulismo (N° 5), sem passar pelo estágio da letargia (N° 4).

Passemos aos métodos de despertar o paciente que se ache em qualquer dos estados analisados.

1. **Ordem de despertar.** Ao paciente que se encontre na fase de sonambulismo é dada uma ordem de despertar, dentro de um tempo determinado ou depois que o operador execute um gesto combinado, pronuncie uma frase ou palavra, conte até um certo número, bata palmas, etc. Para maior segurança exige-se, em geral, que o paciente, após ter recebido a ordem, prometa executá-la. Este procedimento pode também ser aplicado a um paciente que se encontre na fase da letargia N° 1, mas nesse caso sua ação será menos rápida.

2. **Sopro entre os olhos.** Aplica-se a todas as fases.

3. **Passes.** Estes são especialmente aplicados nos estágios profundos. Aplicam-se passes prolongados, com a mão direita apenas, ou com as duas mãos (neste último caso, indo do centro do corpo em direção aos lados). Começam-se os passes ao nível do peito e, em seguida, ao nível da fronte. Este é o método mais indicado para despertar, embora seja o mais lento.

4. Olhar. O "Keter" do paciente é magneticamente focalizado pelo "olhar central", sugerindo o despertar, sem nada pronunciar. É aplicado nos casos onde haja dificuldade para despertar.

5. **Combinação dos métodos enumerados.** Ao paciente que se encontra em fase de sonambulismo, sugere-se verbalmente que despertará ao receber um sopro entre os olhos. Quando é preciso despertá-lo, o operador sopra no lugar indicado, fazendo simultaneamente rápidos passes na fronte (com as duas mãos) indo do centro em direção às têmporas. Quando o paciente já está despertando, mais uma vez sopra-se fortemente no seu rosto.

Na prática clínica surgem, às vezes, dificuldades para despertar um paciente imerso numa das profundas fases de letargia. Estas fases quase excluem a receptividade à sugestão; portanto, para despertar um paciente em tal estado, procura-se primeiramente fazê-lo passar à fase de catalepsia ou de sonambulismo, para só depois despertá-lo pelos métodos acima indicados.

Essas informações relativas ao hipnotismo não são dadas objetivando estimular o desejo de experimentá-lo. Ao contrário, empenhamo-nos em aconselhar aos sensíveis à hipnose, utilizem suas forças psíquicas para sugerir a si mesmos a imunidade que os protegeria contra uma possível intromissão alheia na orientação de sua vida.

Até agora, falando das aplicações ativas do Arcano XV, levamos em consideração apenas o predomínio da vontade de um ser humano relativamente à de um outro, predomínio quase sempre devido a uma superioridade de amplitude vibratória. Não tocamos ainda no assunto da influência de um ser humano, individual, sobre uma corrente de homens, ou órgão da Natureza. Em ambos os casos, o poder energético e a amplitude vibratória da entidade receptora podem ser maiores do que os do operador.

A influência de um indivíduo sobre uma coletividade continua ainda escassamente estudada nas Escolas Ocidentais. Mesmo no campo da psicologia, o ramo menos conhecido é a **psicologia das massas**.

Quanto a isso, possuímos apenas conhecimentos confusos. Maior ainda é nossa ignorância da **psicurgia das massas**.

Sabemos que na corrente formada num círculo espírita comum, seu participante mais ativo pode utilizar os fluidos dos presentes para agir sobre um dos mesmos. Sabemos também que um orador que fala à massa de pessoas que formou um círculo ao redor dele, leva-a rapidamente ao "estado de confiança". Estes, no entanto são conhecimentos esparsos que

ainda não constituem uma ciência. Nos centros iniciáticos da Índia o estudo da psicurgia das massas está muito mais adiantado.

Quanto ao relacionamento de um ser humano com a Natureza, existem dois caminhos principais:

1. Aprender a depender o menos possível dos recursos ilusórios do Macrocosmo, o que permite não ser mais seu escravo, mas colocar-se no seu próprio nível.

2. Aprender a agir sobre determinados órgãos do Macrocosmo, repentinamente e de surpresa, nos momentos em que, envolvidos em alguma tarefa que age sobre seus plexos, encontrem-se enfraquecidos, e aproveitar essa situação para obrigá-los às manifestações por nós desejadas.

Já falamos do primeiro método, e ainda a ele retornaremos. Do segundo método falaremos no estudo do Arcano XVI.

Analisando o Arcano XV, podemos verificar que o ser humano precisa, às vezes, adaptar-se às condições externas e, às vezes, adaptar essas condições a sua vontade.

Notaremos também como parece ser artificial a linha que separa o trabalho astral "IMO" (criação do "Iod" no próprio ser) do trabalho astral "OBITO" (criação do "He" em si mesmo). Os termos "Imo" e "Obito" foram por nós explicados durante o estudo do Tridente de Paracelso, no Arcano IV.

Veremos, finalmente, que nem o "Pai" nem a "Mãe" se manifestam visivelmente no Arcano XV, mas o andrógino "Cavalheiro", e assim mesmo, apenas por intermédio do seu "Valete".

Uma das manifestações mais interessantes e mais reais do domínio do Arcano XV e, talvez, a única que pode ser chamada de verdadeiramente mágica — a **manifestação da energia à distância** — somente é conseguida por meio da realização do completo androginato das duas capacidades, ou seja, "Imo" e "Obito". Para que a exteriorização do nosso astrosoma seja útil, precisamos não apenas saber nos orientar no astral, mas também exercer ali a nossa influência.

A capacidade de orientar-se no astral fica em dependência estreita da capacidade de saber claramente, na vida, o que se quer; é, poder-se-ia dizer, uma capacidade que se adquire pelo conhecimento bem fundado de um setor de determinado subplano.

No mundo astral, mundo das **formas das manifestações energéticas**, mundo onde os clichês são vivos, a competência adquirida pelo conhecimento de algum setor está invariável-

mente ligada ao poder no mesmo setor. No astral não existem entidades que, dotadas de um perfeito conhecimento num campo determinado, não possuam nele poder e autoridade. Tais contradições encontram-se unicamente no mundo físico.

Já dissemos anteriormente que o plano físico é o mundo dos fatos, o astral — o mundo das leis, e o mental — o mundo dos princípios. Portanto, é lógico que no mundo das leis, as leis nunca sejam infringidas; no mundo das formas, rege a forma. Lidando com o astral, com a vida bioplânica, temos de nos submeter às leis e à forma.

Pode acontecer que algo nos interesse muito e queiramos achar no astral o clichê correspondente. Isso não é tão fácil, pois, além de diversas outras dificuldades, habituados que estamos ao plano físico, no qual tudo fica segregado pelo tempo e pelo espaço de três dimensões, teremos de procurar o clichê desejado num mundo multidimensional onde tudo se interpenetra.

Alguém pode também inquirir se é fácil exteriorizar-se num subplano predeterminado. Para consegui-lo, é preciso vencer nossa preferência por um plano inferior ou superior àquele que desejamos alcançar. É preciso também conservar, simultaneamente, plena consciência da manifestação da nossa própria individualidade em todos os subplanos de existência nos quais ela se manifeste. Se perdermos a consciência da manifestação de nossa individualidade nos subplanos inferiores, perderemos o nosso ponto de apoio e, juntamente com ele, o nosso poder (aspecto ativo) e a memória de nossas experiências (aspecto passivo). Se nos escapar a consciência da manifestação de nossa individualidade nos subplanos superiores, **careceremos da compreensão** daquilo que estamos experimentando e, neste caso, não nos ajudarão nem o nosso poder pentagramático, nem a nossa memória.

Podemos, finalmente, nos perguntar em que consiste o “Valete” do nosso “Cavalheiro”. Consiste num sistema exato e rigoroso em tudo que empreendamos. O valor de um tal sistema poderá ser melhor apreciado nos momentos de luta com os fatores externos, assunto que estudaremos no Arcano seguinte — o XVI.

LAMINA XVI

Fundo: um campo arado. Em cima, um céu coberto de nuvens pretas, ameaçadoras. No meio do campo, uma alta torre de pedra, sem nenhuma janela. A torre está sendo atingida por raio e sua parte superior se desmorona. Junto com os destroços caem dois seres humanos. O primeiro, mais perto da terra, é coroadado; está caindo de cabeça para baixo, braços estendidos e pernas abertas, formando assim uma representação gráfica da letra Ain. Outro homem, sem coroa, cai sem formar qualquer figura simbólica.

O quadro dá impressão de uma destruição definitiva, catastrófica.

O signo do alfabeto correspondendo ao Arcano XVI é AIN, cujo valor numérico é 70. O hieróglifo do Arcano é uma conexão já existente que se materializa e que se acha mesmo em “estado de tensão”, no sentido usado na mecânica. Essa conexão causa sempre uma **reação**. A reação, que por si mesma não é uma força, em certos casos pode ser utilizada como tal. Em geral, isso acontece quando existem, simultaneamente, outras forças. Este é o caso do Arcano XVI que somente pode atuar na presença do Arcano XV. O Arcano XVI é o “valete” da família cuja mãe é o Arcano XIV, e o filho andrógino, o Arcano XV (ver fig. 43). Em outras palavras, a mãe — a dedução — convencida da indispensabilidade da lógica, aplica-a para a demonstração das teses. No entanto, a tese é geralmente demonstrada pela exclusão lógica de outras possibilidades. Essa exclusão é condicionada pelas **reações** metafísicas das leis básicas do pensamento, que desempenham aqui o papel de “conexão em estado de tensão”.

Do mesmo modo, a necessidade de harmonia astral sentida por um pentagrama, isto é, seu desejo de equilibrar sua atividade com sua intuição, leva-o a criar um turbilhão do tipo Nahash. Este turbilhão, aproveitando-se das ligações astrais e do “estado de tensão” em que se acha, atua por **constrangimento astral**, ativando a vitalidade de uma das formas, à custa da vitalidade de outras.

O processo complicado das transformações de energia no Universo, põe em movimento o agente chamado “FATUM” que, mediante as reações físicas das ligações em “estado de tensão”, sobrepuja uma realização à custa de uma outra que, amiúde, parecia ter as mesmas possibilidades de se manifestar.

Agora compreenderemos melhor os 3 títulos do Arcano: “Eliminatio logica”, “Constrictio astralis” e “Destructio physica”.

Na linguagem erudita, o Arcano é chamado “Turris destructa” ou “Turris fulgurata”; na linguagem comum, “Casa de Deus”.

A correspondência astrológica do Arcano é o signo de Capricórnio. Sua lâmina apresenta uma torre que se desmorona, atingida por um raio. Junto com os destroços da torre, caem por terra dois homens: um coroadado; outro, sem coroa. Os braços e pernas de um deles dispuseram-se de modo a formarem a letra Ain. A lâmina ilustra o terceiro título do Arcano que, pela lei da analogia, nos faz lembrar os dois outros. A destruição física é bem visível: a torre está se desmoronando. Mas, além da destruição da torre, caem dela dois homens que **queriam** permanecer nas alturas e que, sem nenhuma consideração para com qualquer autoridade terrestre (um deles é coroadado) são precipitados para baixo por uma manifestação energética (descarga elétrica).

Esta é a imagem de um constrangimento astral, regido por uma força superior, que não se importa com privilégios mundanos.

Essa imagem pode também nos ajudar a compreender melhor o que é a eliminação lógica.

Passemos à análise aritmética para poder, através das características particulares do Arcano, descobrir o seu significado geral.

$$16 = 1 + 15 \quad \text{e} \quad 16 = 15 + 1.$$

O indivíduo (1) aplica o Arcano XV e este, por sua vez, transfere a ação a um outro indivíduo. É uma indicação clara de que o Arcano XVI pode entrar em jogo somente quando existe o "operador" e o "paciente". Estas duas palavras devem ser compreendidas no sentido mais amplo possível.

$$16 = 2 + 14 \quad \text{e} \quad 16 = 14 + 2.$$

A substância metafísica (2) e a dedução (14) determinam a eliminação lógica (16). É claro que sem a substância necessária, nada poderá ser feito.

A polaridade da natureza humana (2) e a aspiração de harmonizá-la (14) levam à utilização do constrangimento astral (16). Em geral, sentimos a necessidade de agir a fim de manifestar aquilo que em nós penetrou, graças a nossa receptividade.

$$16 = 3 + 13 \quad \text{e} \quad 16 = 13 + 3.$$

A poderosa criatividade (3) do mundo metafísico e a permanência (13) dos valores do mesmo, juntas, justificam as teses da eliminação (16).

O nascimento (3) e a inevitabilidade da morte (13) nos levam a utilizar o período entre os dois, ou seja, a existência física, como ponto de apoio para realizar constrangimentos astrais (16).

A criatividade da Natureza (3) e as transformações da energia (13), juntas, resultam em frequentes destruições (16).

$$16 = 4 + 12 \quad \text{e} \quad 16 = 12 + 4.$$

A inevitabilidade da existência da forma (4) no pensamento e a fé na possibilidade da encarnação dos Princípios Superiores (12) condicionam a correção das deduções lógicas (16) no campo da filosofia.

A autoridade (4) junto com a misericórdia (12) são um poderoso estímulo para os constrangimentos astrais (16).

A adaptabilidade (4) e a existência de diversas facetas da Vida Zodiacal (12) tornam inevitável a destruição das realizações (16).

$$16 = 5 + 11 \quad \text{e} \quad 16 = 11 + 5.$$

O magnetismo universal (5) junto com a força dos princípios metafísicos (11), por si mesmos criam teses (16).

O pentagrama (5) apoiando-se nas Egrégoras das correntes (11) constringe astralmente (16).

A religião (5) e a conformação às forças da Natureza (11) fazem aceitar a inevitabilidade de destruições físicas (16).

$$16 = 6 + 10 \quad \text{e} \quad 16 = 10 + 6.$$

A Lei da Analogia (6) e a Revelação (10) bastam para determinar o conjunto de teses (16) de uma filosofia normal.

O livre arbítrio (6) e o conhecimento da Cabala (10) dão o poder dos constrangimentos astrais (16).

As leis da Vida de determinado ambiente (6) e a implacabilidade do Moinho do Mundo (10) determinam as destruições físicas (16).

$$16 = 7 + 9 \quad \text{e} \quad 16 = 9 + 7.$$

Se em nós o espírito predomina (7) sobre a forma, e não somos privados da Proteção Superior (9), então construiremos um complexo de teses filosóficas (16).

Se formos vencedores (7) na prova dos dois caminhos e alcançarmos a iniciação (9), nos será dado o poder de constrangimentos astrais (16).

$$16 = 8 + 8.$$

O confronto de uma tese (8), comparativamente a uma outra (8), o predomínio condicional de uma situação (8) oposto ao predomínio condicional de uma outra situação (8), um karma individual (8) contraposto a um outro karma individual (8), tudo isto deve levar à aplicação do Arcano XVI no campo do Ternário Teosófico.

Esta breve análise aritmética indica claramente a presença do elemento da luta no Arcano analisado e — o que é

importante — de uma luta inteligente, travada com plena avaliação tanto das próprias forças como das do adversário e, no momento oportuno, levando em consideração a influência dos Influxos Superiores, bem como o condicionamento do elemento forma e o papel dos pontos de apoio, físicos.

Não nos ocuparemos, no nosso estudo presente, nem da eliminação lógica das teses metafísicas, nem da destruição física. Limitar-nos-emos aos assuntos relativos ao constrangimento astral.

No Arcano XV, falamos pouco da luta com a Natureza. Agora, daremos a essa luta o primeiro lugar, pois o significado do Arcano XVI é melhor revelado pelo exame dos recursos da assim chamada “Magia Cerimonial”.

Através desta, o operador, sozinho ou assistido por uma corrente, tendo escolhido o momento e as condições propícias, obriga um determinado órgão de Baphomet às manifestações desejadas.

Uma operação em Magia Cerimonial, pode ser comparada a um ataque de um perito em “Jiu-Jitsu” contra uma entidade astral que o teria facilmente vencido, não havendo condições propícias para o atacante.

Para efetuar uma Cerimônia Mágica precisa-se geralmente de um operador apto, de instrumentos mágicos, do pantáculo, de certa contribuição de energia mediúnica, da ajuda de mantrans ou setrans e, como acabamos de mencionar, do lugar e tempo propícios para a atuação.

Estes fatores principais e outros, secundários, são muito bem esquematizados no que se chama “o pantáculo da operação”. Tudo que é necessário à operação, e que acabamos de enumerar, tem sua correspondência em tal pantáculo.

Os pantáculos das operações astrais têm, em geral, uma forma circular. O círculo é traçado, ou por uma espada mágica não isolada da mão, ou por um carvão ou giz consagrados. Um operador experimentado pode traçá-lo também com a **mão astral**, isto é, fazendo-o em sua imaginação, de um modo bem firme, com todos os pormenores necessários e unindo-o a um ato de vontade, o que causa uma emanção de fluidos. A presença desses fluidos é importante e, por causa disto, quando o círculo mágico é traçado pela mão física, usa-se o metal (que é bom condutor dos fluidos) ou algum material absorvente, tal como carvão ou giz.

O que significa o círculo?

O círculo representa simbolicamente o campo dentro do qual o operador se sente plenamente apto, e portanto, totalmente protegido. Nesse campo, pertencente ao operador, nenhum inimigo pode penetrar. Dentro do círculo podem ma-

nifestar-se somente as suas próprias influências, as das entidades que o ajudam ou das que lhe são total e perenemente subordinadas, e também as influências das Correntes ou dos Protetores que o autorizaram a efetuar essa operação mediante uma iniciação correspondente, uma bênção, uma ordem ou uma permissão. A circunferência desempenha o papel de uma barreira sutil a isolar o operador das influências estranhas. Os sensitivos percebem, na escuridão, essa circunferência como uma cerca de fogo.

Vejamos agora qual é o campo em que o operador se sente "em casa". Este campo deve fazer parte da cosmovisão metafísica permanente do próprio operador. Sua mônada deve estar cônica da fonte de sua existência (o que corresponde ao signo Alpha) e da finalidade da mesma (signo Omega). Se o operador tem em mente, p. ex., a Queda e o plano da Reintegração Humana, ele traçará sobre a face desse círculo que, como veremos, será o interno, uma grande cruz de braços iguais, simbolizando o Quaternário Hermético. O ponto central será reservado ao operador. Na extremidade oriental da cruz coloca-se a letra Alpha; na extremidade ocidental, Ômega.

Além da cosmovisão metafísica permanente, existindo na sua consciência, a mente do operador deve estar concentrada em alguma aspiração ou convicção. Esta, unida à consciência da plena liberdade pentagramática de sua vontade, constituirá o ponto de partida — o mental — da operação mágica. Ao redor do primeiro círculo — o central — traça-se um outro, concêntrico a ele, mas de um diâmetro maior. É o limite simbólico do planejamento mental da operação.

Como poderia ser caracterizado cabalisticamente o conteúdo mental da operação? Naturalmente, pelos nomes divinos, como manifestações sefiróticas da atividade do pentagrama nas fases anteriormente escolhidas do processo diabático universal. Temos à nossa escolha 11 nomes divinos: Ehieh, Iah, Iave, El, Elohim, Eloha, Sabbaoth, Shaddai, Adonai, Ab e Agla, e mesmo 12, se admitirmos o uso do nome Elhai. Quatro desses nomes são escolhidos e colocados nos quadrantes do círculo, delimitados pelos prolongamentos dos braços da cruz hermética do círculo interno. As vezes, esses 4 quadrantes são separados, um do outro, por pequenas cruces. A escolha dos três nomes divinos para a operação é determinada por uma cuidadosa análise dos mesmos, pelos métodos de notarikon e da gematria. A escolha do quarto nome divino, adaptado aos três primeiros, e a distribuição desses nomes nos 4 quadrantes do círculo estão longe de ser arbitrárias, pois são submetidas a duas leis, das quais falar-se-á minucio-

samente no curso especial da iniciação mágica. A primeira dessas leis orienta a distribuição dos nomes de acordo com a finalidade da operação; a segunda, determina a escolha do quarto nome de tal modo que o círculo forme cabalisticamente o princípio da liberdade pentagramática do operador. O pantáculo da fig. 52 é utilizado para a invocação das entidades permanentemente ativas no astral, isto é, o pantáculo serve a uma operação mágica que utiliza, poder-se-ia dizer, os elementos "prontos" do plano astral.

Além da parte mental da operação é preciso também orientar e reger sua parte astral. Importa saber quais as principais egrégoras do Macrocosmo a serem atingidas por essa operação. Elas serão cabalisticamente simbolizadas dentro do terceiro espaço circular, formado pelo acréscimo de uma terceira circunferência, destinada a proteger face as influências astrais daninhas. Traçando as 2 primeiras circunferências, o operador se concentra no princípio mental, em si mesmo e no da operação; traçando a terceira, se concentra na influência que terão as Causas Secundárias, tanto nele próprio, como na operação em preparo.

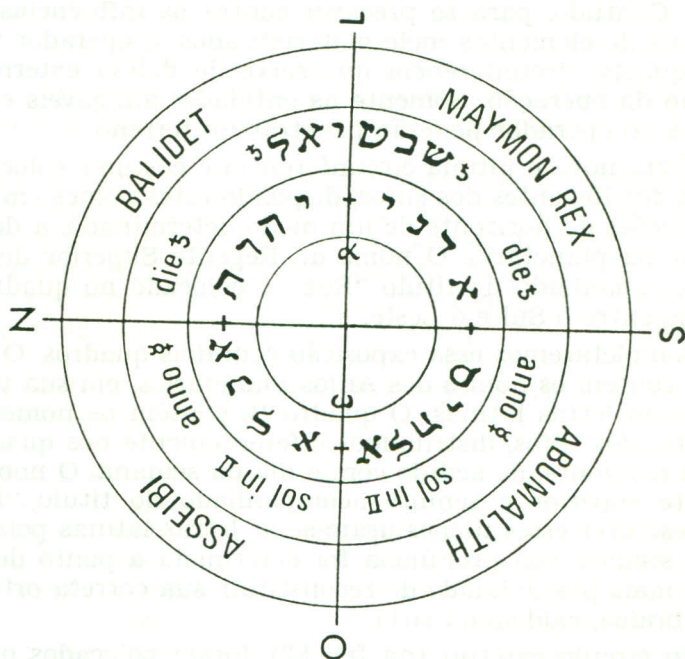


Figura 52

O papel das Causas Secundárias na cerimônia é importante. Por conseguinte, o momento da operação deve ser bem escolhido, no sentido do dia e da hora planetários propícios. Assim, dentro do círculo astral, além dos nomes dos Anjos, inscrevem-se também a hora, o mês e o ano planetário. Na fig. 52 foi inscrito o nome Shebtaiel — o Anjo de Saturno e marcados: a hora de Saturno, dia de Saturno, mês planetário (Sol em Gêmeos), ano de Mercúrio. Frequentemente, marca-se também a fase lunar. Esta não consta na figura 52. Este pantáculo foi composto para invocar o astrosoma da Causa Secundária Saturnina, sábado, dia 26 de maio de 1912 (calendário Juliano) na hora de Saturno.

Na atuação da magia cerimonial, procura-se não apenas um contato sutil mas também uma manifestação das entidades invocadas, manifestação acessível aos 5 órgãos sensoriais físicos. Em outras palavras, procura-se a **materialização** das entidades invocadas. Essa materialização depende de um processo complicado de vampirização de tipo inferior, na qual desempenham um papel importante os elementais. Em condições usuais de invocação, a participação ativa dos silfos ou das correntes de elementais próximas a eles é a mais importante. Contudo, para se precaver contra as influências prejudiciais de elementos meio-materializados, o operador traça uma quarta circunferência que serve de defesa externa ao terreno da operação. Somente as entidades amigáveis e obedientes ao operador poderão penetrar no terreno.

Nesta nova e última circunferência é costume colocar os nomes dos Regentes dos silfos, dispondo estes nomes em quatro direções do horizonte de um modo determinado, a depender do dia planetário. O nome do Regente Superior dos silfos, acompanhado do título "Rex" é colocado no quadrante situado entre o Sul e o Leste.

Completaremos essa exposição com dois quadros. O quadro A contém os nomes dos Anjos Planetários, em sua transcrição em letras latinas. O quadro B, contém os nomes dos regentes dos silfos, distribuídos diferentemente nos quadrantes do horizonte, de acordo com o dia da semana. O nome do regente superior é sempre acompanhado do título "Rex". Para escrever esses nomes usam-se as letras latinas pois, durante séculos, sua pronúncia foi deformada a ponto de não haver mais possibilidade de reconstituir sua correta ortografia hebraica, caldéia ou síria.

No círculo externo (na fig. 52) foram colocados os nomes dos regentes dos silfos, na ordem adequada para o sábado e a hora da cerimônia.

QUADRO A

Saturno	Cassiel ou Shebtaiel
Júpiter	Sachiel ou Zadkiel (Zedekiel)
Marte	Kemael
Sol	Michael
Vênus	Haniel
Mercúrio	Raphael
Lua	Gabriel

QUADRO B

	Este/Norte	Norte/Oeste	Oeste/Sul	Sul/Este
Domingo	Cynabal	Andas	Thus	Varcan Rex
Segunda	Abuzaha	Mistabu	Bilet	Arcan Rex
Terça	Paffran	Ismoli	Carmax	Sammy Rex
Quarta	Aercus	Sallales	Suquinos	Modiath Rex
Quinta	Zebul	Gutriz	Maguth	Guth Rex
Sexta	Flæf	Abalidoth	Amabiel	Sarabotes Rex
Sábado	Balidet	Asseibi	Abumalith	Maymon Rex

Tendo explicado o nosso pantáculo em linhas gerais, procuraremos agora deduzir dele outros elementos da operação.

O operador (ou operadores) deve colocar-se dentro do círculo interno. A tradição admite **um**, **três** ou **nove** operadores. Nos dois últimos casos **falará apenas um**, apesar de que os instrumentos podem ser manejados pelos outros. Se o operador principal é virgem, um hermafrodita ou uma criança, então duas pessoas, em lugar de três, podem estar presentes dentro do círculo. Uma, ou mesmo algumas pessoas, podem ser substituídas por animais amarrados dentro do círculo ou treinados para não sair dele.

Estas são as exigências tradicionais para a cerimônia chamada "Grande Operação". Fazem-se também "Pequenas Operações", efetuadas por um operador que não sai do círculo, e um ajudante que tem o direito de entrar e sair do círculo. Existem ainda "Operações Andróginas", efetuadas seja por um hermafrodita, sozinho, seja por um homem e uma mulher que, antes da operação mágica tenham permanecido por um tempo prolongado em contato mental, astral e em **matrimônio físico**.

Supõe-se que o operador ou os operadores tenham sido iniciados no quaternário hermético (a Cruz do pantáculo) e no tema da Queda e Reintegração humana (o “alpha” e o “omega” no pantáculo).

Para tudo isso é obrigatoriamente necessário uma preparação mística, anterior, do operador (ou operadores), mediante atuações teúrgicas preparatórias durante 3 até 40 dias antes da cerimônia, segundo sua importância.

No caso de animais, é necessária uma cerimônia mística preliminar, com orações purificadoras e aspersão com água benta.

O círculo interno é símbolo da liberdade pentagramática do operador (ou operadores) e de sua preparação monodéica por intermédio de meditações prolongadas.

O círculo astral (o segundo) indica a necessidade da preparação astral, ou seja, a correção dos defeitos, treinamento da imaginação pelo jejum astral, isto é, pelo silêncio ou meio-silêncio, esforço para superar em si, mesmo temporariamente, as influências planetárias más ou simplesmente impróprias para a operação. O prolongamento, no círculo astral, dos quatro braços da cruz central, faz lembrar os 4 principais instrumentos do mago: o **bastão**, para coagular os fluidos dispersos; o **cálice**, para concentrar as imagens puras, anteriormente criadas e que servirão de apoio à imaginação; a **espada**, para dispersar as coagulações indesejáveis, e o **pentagrama**, para fazer lembrar ao operador sua própria liberdade. A espada é indispensável. O pentagrama é muito necessário, podendo no entanto ser substituído pelo lado inverso do grande pantáculo de Salomão que, por seu esquema de distribuição de fluidos, lembra também a liberdade. O cálice e o bastão são raramente necessários.

O círculo externo — o dos elementais — indica que o operador deve se preparar para a cerimônia por um **regime físico adequado**: jejum, abluções, fumigações do corpo, preservação de um bom estado físico para o dia da cerimônia, treinamento para desenvolver a auto-mediunidade, etc.

Este é o esquema geral da preparação do operador. Podemos ainda acrescentar ser importante que o operador impeça a intromissão, durante o desenrolar da cerimônia, de pessoas ou outras entidades que lhe sejam hostis. Isso é simbolizado por 4 pentagramas, colocados fora do círculo externo, nos 4 lados do pantáculo, no meio de cada quadrante. Os pentagramas têm 3 pontas para fora, e duas, para dentro, simbolizando o afastamento das intervenções indesejáveis.

São, por assim dizer, sentinelas avançadas ao redor da fortaleza.

Não é menos importante, em cada cerimônia, saber de que lado aparecerão os coagulatos, perceptíveis à visão física. Para isso, o operador fixa, antes de começar a cerimônia, o lugar dos aparecimentos, traçando, fora do círculo, na direção Leste, um triângulo equilátero, cujo ápice aponte para fora do círculo. Dentro do triângulo escreve-se o grande nome Iod-He-Vau-He pertencente à Superior Sephira involutiva e, portanto, coagulante.

Falamos, até o momento, do operador e do que ele precisa, independentemente do caráter da operação. Passemos agora aos interesses da entidade invocada.

Sabemos já ser necessário escolher um momento astrologicamente adequado. Além disso, no mundo das Causas Secundárias existem outros fatores que também devem ser levados em consideração. Importa saber escolher a cor da roupa, os metais e pedras que usará o operador, assim como os mantrans ou setrans, o aroma produzido pelas plantas queimadas ou os extratos evaporados num defumador. Este será colocado sobre um pequeno pantáculo especial, no lado Sul, fora do último círculo. Finalmente, deve ser escolhida também a cor de raio de luz, produzido por uma lanterna e que será dirigido ao espaço acima do triângulo Iod-He-Vau-He. A própria lanterna será colocada do lado Sul-Oeste, fora do último círculo.

Essas preparações das cerimônias mágicas incitaram os adeptos do ocultismo a criar uma literatura especial ("Grimoiros"), manuscrita e impressa, que dá os pormenores dos rituais de diversas cerimônias. É útil analisar tais "grimoires" para se dar conta de como seus autores compreendiam as finalidades e a composição das cerimônias mágicas. Todavia, as regras lá encontradas não podem ser consideradas rígidas, pois a mesma cerimônia é sempre diversamente compreendida por dois operadores diferentes e que não se prepararam juntos para efetuá-la.

O poder das cerimônias mágicas se estende não apenas sobre as entidades biplânicas, mas também nos seres encarnados. Nas condições propícias, podem ser chamados à cerimônia e obrigados a cumprir algo determinado, os astrosomas de seres humanos vivos, uma egrégora de uma corrente que possui representantes encarnados, etc.

Outros tipos de procedimentos mágicos, embora não possam ser chamados de cerimônias, possuem em si, no entanto, sementes ou certas correspondências da magia cerimo-

nial. Sempre existem pontos de apoio no plano físico, sempre há fórmulas especiais, meios para criar ou tomar emprestado elementos mediúnicos, sempre existe a indispensável concentração sobre o caráter específico, mental e astral da operação e sempre há medidas para a proteção do operador contra o imprevisto ou os golpes de retorno.

A preparação e o ambiente de uma sessão espírita podem servir como exemplo de uma forma involuída da magia cerimonial. Numa sessão espírita, as circunferências mágicas são substituídas pela circulação de fluidos na corrente formada pelas pessoas de mãos dadas. O perigo do rompimento da circulação desses fluidos caracteriza, suficientemente, a corrente como um círculo protetor dos participantes. O papel do bastão que condensa os fluidos, é desempenhando pela mesa. As vezes há também uma espada e um defumador. As fórmulas cantadas das cerimônias são substituídas por algum instrumento musical, a facilitar a transmissão da energia e determinar, até um certo ponto, a forma dessa transmissão. Frequentemente, usam-se conjuramentos e neste caso, um único operador fala. Em geral, nessas sessões falta a preparação adequada dos participantes. Este fato e seu resultado — a ausência de unificação das vontades dos participantes, agravada pelas impressões que os mesmos possam ter recebido imediatamente antes da reunião — causam geralmente uma certa desordem nos fenômenos, durante a sessão.

Finalizando o estudo do Arcano XVI, acrescentaremos que, se o Arcano XV mobilizava um turbilhão astral, o XVI dá a possibilidade de utilizá-lo, para agir sobre outros seres. O Arcano XVIII (“Tzade”), por sua vez, levar-nos-á ao campo do mau uso da capacidade de criar turbilhões astrais. Os Arcanos XVI e XVIII são separados por um Arcano bastante importante — o XVII — que nos facilita a compreensão de todas as manifestações da vida e, por isso mesmo, diminui tanto o perigo de tornar-nos vítimas de más intenções alheias, como o de deixar-nos levar por nossa própria presunção orgulhosa, ao descobrir nosso poder astral.

LAMINA XVII

Céu noturno com 7 estrelas de 8 pontas, a maior e mais brilhante no centro e as 6 menores em torno dela, formando uma coroa. Embaixo, um deserto de areia.

No primeiro plano, uma moça nua, de tipo mercuriano, com um joelho apoiado no solo despeja de duas jarras — uma de ouro na mão direita e uma de prata na mão esquerda —, fluxos regulares de líquido sobre a terra.

Ao redor da moça, o deserto está se transformando em um jardim florido. Vemos rosas, lírios e lótus. Uma borboleta, como um ponto luminoso, prepara-se para pousar numa rosa.

A iluminação da cena é fraca: os contornos mais se advinham do que se destacam.

O signo do alfabeto correspondente ao Arcano XVII é Phe; seu valor numérico, 80. A correspondência astrológica do Arcano é o planeta Mercúrio; o hieróglifo, uma boca com língua, isto é, **uma boca que fala**.

Como se manifesta a linguagem do Arquétipo? Como chega a nós sua voz, mesmo quando em redor tudo se cala ou há apenas constrangimento? Essa linguagem é a Esperança que, infalivelmente penetra em cada um que preste atenção à voz do Arquétipo. Esperança é um grande dom celestial.

A Humanidade poderia, por suas próprias forças, orientar-se no labirinto dos turbilhões a impelirem-na e prever os perigos astrais que a ameaçam, se não tivesse negligenciado sua capacidade inata — a intuição. Quando, graças a esforço próprio começamos a recuperá-la, ela nos parece ser valiosa dádiva que fazemos a nós mesmos.

A Natureza também possui sua linguagem vivente que era melhor compreendida por nossos antepassados, nos tempos de vida simples e primitiva. Hoje em dia, procurando entender essa linguagem, utilizamos os meios de adivinhação natural. A Natureza fala ainda aos que a sabem ouvir.

O Arcano XVII tem os títulos: “Spes” (Esperança), “Intuitio” (Intuição) e “Divinatio Naturalis” (Adivinhação Natural) e, devido a imagem da lâmina, chama-se, tanto na linguagem comum como na erudita: “Stella Magorum” (Estrela dos Magos).

De fato, na parte superior da lâmina vemos uma grande estrela de 8 pontas, rodeada por menores, semelhantes. Embaixo, sobre a terra, uma moça nua rega o deserto com duas jarras, uma de ouro, outra de prata. Um pouco atrás, uma borboleta pousando sobre uma rosa.

No meio da aridez e da desolação, aparece uma consoladora — a Esperança —, eternamente jovem, eternamente virginal, para regar a terra com duas jarras — as polaridades gnósticas. No deserto do desespero metafísico, a Esperança tudo renova ao redor do homem. O fluido da jarra de prata — o pólo receptivo — dá ao homem o ânimo de esperar o Influxo Superior; a jarra de ouro — pólo ativo — faz com que

o homem readquirir a confiança em si. A Esperança vem da mesma fonte que a Consciência, e esta nos mostra tudo sem véus. Se desenvolvermos nossa intuição, isto é, devolvermos a nós mesmos o dom que os nossos ancestrais possuíam em alto grau, saberemos discernir, como o faz a borboleta da lâmina, pousando na rosa. Se não fecharmos os olhos ao espetáculo da Natureza e darmos-nos ao trabalho de devassar seus segredos, descobriremos que os astros no céu podem — pela Astrologia — ensinar-nos as Leis (as estrelas da lâmina têm 8 pontas) do equilíbrio, do condicionamento e do Karma. Estas leis acham-se escritas não apenas no céu ou no grandioso organismo do sistema solar mas, pela Lei da Analogia, em qualquer organismo, mesmo o menor, em qualquer órgão desse organismo, em qualquer de suas células.

Assim, a lâmina proclama que a Esperança (simbolizada pelo ápice do triângulo de Fabre d'Olivet) nunca nos abandona; que podemos evitar o distanciamento da Intuição (a ponta direita desse triângulo) e que o karma (a ponta esquerda) revela-nos a cada instante seu mistério através do céu estrelado (Astrologia), do crânio (Frenologia), do rosto (Fisiognomonía), da mão (Quiromancia), de cada um de nossos movimentos ou de nossas atividades (Grafologia, Cartomancia, etc.) das reações sensitivas do nosso sistema nervoso (adivinhação pela água, cristais, etc.) e mediante tudo em que concentrarmos-nos.

Passemos à análise aritmética do Arcano:

$$17 = 1 + 16.$$

A Essência Divina (1) juntamente com a exclusão lógica (16) do Mal, a fim de fazer triunfar o Bem no campo metafísico, fazem nascer a Esperança (17).

O homem triplanar (1) que sabe excluir (16) as formas astrais desnecessárias, para examinar melhor as que o interessam, desenvolve a Intuição (17).

A Natureza ativa (1) e a destruição das formas (16) deixam marcas que nos permitem decifrar (17) os mistérios do Destino.

$$17 = 16 + 1.$$

A oração para o Bem exclui (16) metafisicamente o Mal e aproxima do Único (1), fazendo nascer a Esperança (17).

Os procedimentos do constrangimento astral (16), aplicados a um ser humano (1), podem obrigá-lo a não enganar nossa Intuição (17) e dizer a verdade, quando evocarmos seu astrosoma.

$$17 = 2 + 15 \text{ e } 17 = 15 + 2.$$

A substância metafísica (2), juntamente com a lógica pura (15), dão a Esperança (17) no triunfo do sutil, demonstrando o poder penetrante da dedução.

O mistério da relação dos sexos (2), junto com a compreensão da formação dos turbilhões (15), resulta em uma intuição superior (17) do Amor Universal. Elevando-nos a este, galgamos muitos degraus, o primeiro dos quais é a união experimentada no matrimônio.

O mundo das realizações (2) e o Karma (15) destas realizações, deixam traços decifráveis (17).

$$17 = 3 + 14 \quad \text{e} \quad 17 = 14 + 3.$$

A compreensão da natureza gnóstica do Arquétipo (3) e a capacidade de servir-se da dedução (14) estabelecem firmemente no homem a Esperança (17) de manifestações favoráveis dos aspectos inferiores do Arquétipo.

O princípio da multiplicação (3) de seres humanos no plano físico e a aspiração (14) das almas reencarnadas para realizar a harmonia interna, desenvolvem nelas a intuição (17) que se torna, pelo menos, igual à atividade.

$$17 = 4 + 13 \quad \text{e} \quad 17 = 13 + 4.$$

A existência da forma (4) nas manifestações do Arquétipo e a permanência deste (13) levam à Esperança (17).

A aspiração em adquirir a autoridade (4) e a consciência da morte inevitável (13) levam o homem a desenvolver em si a intuição (17).

As leis da adaptabilidade (4) e o princípio da transformação da energia (13) criam o mundo da Natureza (17), tal como o vemos.

$$17 = 5 + 12 \quad \text{e} \quad 17 = 12 + 5.$$

A ciência do Bem e do Mal (5) e a espera do Messias (12) equivalem à Esperança (17).

O pentagrama (5), que admite plenamente o dever do sacrifício (12), possui a Intuição (17).

A religião natural (5), aplicada ao ciclo zodiacal (12), revela os mistérios da Astrologia (17).

$$17 = 6 + 11 \quad \text{e} \quad 17 = 11 + 6.$$

A Lei da Analogia (6), junto com a convicção da existência das Forças Superiores (11), dão a Esperança (17).

O livre arbítrio (6), junto com o poder das correntes egregóricas (11), levam à Intuição (17).

$$17 = 7 + 10 \quad \text{e} \quad 17 = 10 + 7.$$

A vitória do espírito sobre a forma (7) e a aceitação do Testamento (10) dão a Esperança (17).

A vitória no teste dos dois caminhos (7) e o conhecimento da Cabala (10) provam a plena intuição (17) do adepto.

$$17 = 8 + 9 \quad \text{e} \quad 17 = 9 + 8.$$

Quem souber que o ponteiro da grande balança metafísica pode inclinar-se tanto para a direita como para a esquerda (8) e quem, ao mesmo tempo, tiver fé na Proteção Superior (9), terá Esperança (17) de ir para a direita.

Quem conhecer a lei condicional (8) e for iniciado na incondicional (9), possui a Intuição (17).

Diversos ramos de estudo fazem parte do Arcano XVII.

A **Esperança** nos é ensinada pela consciência (no sentido usado na religião). A **Intuição** pode ser desenvolvida pelos esforços pessoais. Aprendemos a **Ler na Natureza** pelo conhecimento dos dados de caráter empírico e pelo conhecimento dos dados tradicionais do grande código das Revelações Iniciáticas.

Examinemos alguns modos de adivinhação, começando pela Astrologia que, desde há muitos séculos tanto penetrou em todos os ramos do ocultismo, que mesmo um discípulo principiante precisa conhecer algo de suas bases.

ASTROLOGIA

Os interesses do Universo triplanar, assim como os de qualquer organismo, são a síntese dos interesses de todos os seus órgãos.

No Karma da Natureza podemos perceber os esboços da manifestação do Arquétipo e os traços deixados pela atuação da vontade humana.

O destino do ser humano, seja na série de suas encarnações, seja dentro dos limites de uma só delas, é claramente influenciado pelos acordos concluídos com o Arquétipo e pelos fenômenos kármicos da Natureza. O mesmo pode ser dito do destino de uma corrente egregórica encarnada, de um organismo artificialmente criado e mesmo de um conjunto de fenômenos de uma determinada época. No Universo, tudo está estritamente ligado e entrelaçado.

Querendo prever o futuro de um grupo de manifestações, devemos encontrar e acompanhar os fios principais que ligam essas manifestações ao complexo de fenômenos acessíveis a nosso conhecimento. Quanto mais fios essenciais encontrarmos, mais seguro será o nosso prognóstico. Todavia, uma tal previsão exige mente penetrante, capaz de sintetizar, capaz de imergir na essência do tema, achando métodos

específicos para estudá-lo, ou seja, mente que saiba adaptar-se ao diapasão particular do assunto. No entanto, nossas mentes, em geral, são preguiçosas; preferem, como dizem os matemáticos “a solução analítica do problema”; querem criar, uma vez para sempre, um alfabeto geral, aplicável a todos os casos. Preferem uma resposta parcial mas dada por métodos já estabelecidos e que consideram bem elaborados. Aceitam não sejam tocadas todas as notas do problema, contentando-se com uma oitava conhecida.

Falemos um pouco, portanto, dessa “oitava” bem conhecida na Astrologia.

Os corpos relativamente importantes do Universo, isto é, os “astros” exercem naturalmente uma grande influência sobre o nosso mundo. Sob o nome de “astros” entendemos um complexo das Causas Secundárias, possuindo pontos materiais de apoio, isto é, corpos físicos cujas posições e movimentos são estudados pela astronomia e cuja composição, pela astrofísica. A Astrologia limita-se ao estudo das influências que exercem sobre a vida na Terra as sete egrégoras planetárias e a dos sons adicionais, dados pelas chamadas “estrelas fixas” e, especialmente, as pertencentes, à região zodiacal.

A grande Lei da Analogia pode servir de justificativa às afirmações astrológicas. Se a iluminação das faces, no mundo físico, guarda relação direta às coordenadas angulares das fontes da luz, por que não admitir que as mesmas leis regem as influências astrais? Se existem corpos comparativamente importantes chamados “planetas”, por que não presumir o influxo proveniente das egrégoras astrais, apoiadas nesses corpos? E por que não presumir também a influência adicional de outros astros da faixa zodiacal? Na Astrologia, cada fator adicional deve ser levado em consideração, pois modifica as influências já conhecidas. Assim, um bom astrólogo, em geral, interessa-se por todos os astros da faixa zodiacal da abóbada celeste.

Perguntemo-nos agora: qual será o campo da vida terrestre sujeito às influências astrais?

Naturalmente, o plano do Arquétipo está além disso. Quanto ao homem, este freqüentemente mal utiliza seu privilégio inato, o livre arbítrio e, assim, escraviza-se às Causas Secundárias. Então, as conseqüências tornam-se, até certo ponto, previsíveis. É preciso, todavia, considerar também a teoria da probabilidade.

O destino freqüentemente é chamado de “cego”, porque suas manifestações dão a impressão de não poderem ser alteradas. Assim é, de fato, quando na vida humana não fo-

rem ativas as duas restantes pontas do triângulo de Fabre d'Olivet (ver Arcano III). A Astrologia, apegando-se à ponta do destino (ou Karma) arrisca-se a fazer predições. Se estas se referem, por exemplo, ao tempo meteorológico, às erupções vulcânicas ou outros fenômenos da Natureza, impressionam por sua exatidão e nos fazem admirar a ciência dos astrólogos. Mesmo se as predições se refiram a um ser humano, regido pelo fatalismo, elas, em geral, revelar-se-ão muito exatas e, no caso, as pessoas dirão: "tudo estava escrito nos astros". No entanto, quando se trata de pessoas que treinaram sua vontade, então as predições poderão revelar-se erradas, pois "os astros inclinam, mas não impelem".

Se, tomando um caso extremo, o astrólogo quer fazer predições ou dar conselhos a um homem inteiramente consagrado ao Divino, um homem que não procura discípulos e, portanto, não precisa instruí-los segundo seus temperamentos planetários, ou mesmo, que tem discípulos mas os conduz não pelo caminho da Rosacruz mas pelo caminho dos "Mendigos do Espírito", ele lhe responderá que não se importa com o futuro. Seu olhar se fixou no ápice do triângulo, donde emana a Luz Permanente, Luz que permite ver claramente a Senda Direita. Sua determinação o faz seguir essa Senda, seja qual for a disposição dos astros. Ele sabe que todas as Causas Secundárias, apesar de tudo, o ajudam em sua evolução. Saturno lhe dá a oportunidade de aceitar de bom grado os golpes do destino; Júpiter sustenta sua voz e sua autoridade na defesa do Bem; Marte lhe dá a intrepidez e a força de suportar pacientemente o sofrimento e aceitar o martírio; o Sol lhe oferece algo, a que pode renunciar em prol do seu semelhante; Vênus o conduz aonde alguém precise de sua ajuda ou de seu consolo; Mercúrio o presenteia com os dons do Espírito Santo, permitindo-lhe empregar a linguagem compreensível a outrem; a Lua lhe dá a capacidade de não resistir a maltratos. Para ele, as predições do astrólogo não têm nenhuma utilidade, pois ele segue unicamente a Luz do seu Eu Superior.*

O horóscopo astrológico pode ser levantado para uma vida humana particular, para um império ou um país, para um

* Nota da tradutora: Existindo atualmente muitos livros versando a astrologia e o modo de levantar e interpretar horóscopos, omitimos a tradução deste capítulo, adiantando, todavia, algumas indicações que podem apresentar matéria de interesse aos espiritualistas, pois se referem às influências planetárias a predisporer a uma ou outra modalidade de trabalho espiritual.

processo jurídico, para as condições meteorológicas de um determinado dia ou mês, para uma corrente egregórica, para uma época histórica, etc. . .

Quando se trata dos estágios iniciáticos avançados, seria desejável a síntese harmoniosa de todas as influências astrais. Nos outros casos, as seguintes influências devem ser levadas em consideração:

- para as pessoas que desejam tornar-se instrutores do esoterismo — fortes Saturno, Mercúrio e Vênus são indispensáveis. A presença do Sol e, às vezes, de Marte, são desejáveis.
- para os graus superiores da Maçonaria e uma atividade eficiente nesse setor: Júpiter, Vênus e Marte.
- para um mago: Saturno, Mercúrio e Marte.
- para um teúrgo: Sol e Vênus.
- para um cabalista teórico e um astrólogo: Saturno e Mercúrio.
- para a clarividência, psicometria, cartomancia, etc., a influência da Lua é básica.

Nas experiências mediúnicas, sensitivas, etc. recomenda-se escolher pessoas que possuam uma forte influência de Vênus e Lua, sem acréscimo de outras influências. Se não for possível encontrá-las, então serve um puro tipo venusiano. Tais pessoas são muito receptivas às influências sutis.

Nos centros iniciáticos, entre os alunos, há sempre muitos jovens com influência predominante da Lua. Estes alunos, no começo, progridem bem, obedecendo a seus instrutores mas, geralmente, em pouco tempo afastam-se da corrente pois, devido à ação da Lua, estão muito sujeitos a influências externas.

O ramo espiritual mais adequado a um tipo solar, é ser sacerdote, mas excluindo o ensino.

Para um Jupiteriano, convém ocupar-se da história do esoterismo.

Naturalmente, tipos puros quase inexistem. Na escolha do ramo é preciso considerar o conjunto das influências atuantes sobre o ser humano.*

* **Nota da Tradutora:** pelas mesmas razões alegadas quanto a astrologia, omitimos as páginas referentes a quiromancia e outros métodos divinatórios.

LÂMINA XVIII

Fundo: uma planície desnuda, deserta, confundindo-se, sem que seja perceptível a linha do horizonte, com a penumbra de um céu sem estrelas. Bem longe, mal se destacando da neblina envolvente, duas pirâmides, uma de cada lado da cena.

A lua, já decrescendo, mas ainda quase cheia, ilumina, com seus raios de prata, a planície e permite divisar uma senda estreita e tortuosa que, como uma fita clara, atravessa toda a paisagem, perdendo-se na neblina entre as duas pirâmides. Na senda, destacam-se, claramente, manchas escuras. São poças de sangue.

No primeiro plano, bem no meio, uma lagoinha. À sua beira, um caranguejo preto com presas cerradas. Apenas saiu da poça, já a ela retorna. Um pouco mais atrás vê-se, sentados de cada lado da senda, um cachorro à direita, e um lobo à esquerda. Os dois uivam para a lua.

O quadro causa uma impressão lúgubre. Suas tonalidades são sombrias. Apenas o lobo, o cachorro, o caranguejo e as manchas de sangue no caminho destacam-se claramente. Todo o resto está semi-escurecido.

A letra do alfabeto correspondente ao Arcano XVIII é Tzade; seu valor numérico, 90; correspondência astrológica: o signo de Aquário.

O hieróglifo do Arcano é **uma cobertura**, porém não no sentido de proteção contra intempéries, mas de uma tampa que se fecha sobre nós como um alçapão, algo que nos oprime, nos priva do ar livre, limita a nossa liberdade e nosso horizonte. Querendo erguer-nos, batemos a cabeça contra esse obstáculo; nem bem aparece alguma alegria, imediatamente vem a ameaça dele; apenas inciamos algo, sentimos sua opressão.

O nome erudito do Arcano é “O Crepúsculo”, seu nome comum: “A Lua”.

A lua, no alto do quadro, envia seu feixe de luz; mas é preciso lembrar que a luz lunar é apenas uma **luz refletida**.

Onde procurar a luz direta?

A lâmina indica que, estando sujeitos à Lei Hierárquica, não temos direito à luz direta. A única luz a nós acessível é a transmitida a cada um de nós pelo núcleo hierárquico mais próximo. Devemos nos contentar com aquilo que recebemos, não esquecendo de que, devido à queda, ficamos voluntariamente imersos no mundo ilusório da multiplicação dos binários.

Isso explica o primeiro título do Arcano que é “Hierarquia Oculta”.

Na obscuridade do segundo plano da lâmina, vemos o binário das pirâmides (às vezes, torres). Entre essas pirâmides passa o caminho tortuoso de nossa vida, caminho este recoberto por uma areia quase branca, talvez para que possam melhor se destacar as numerosas **manchas de sangue**.

O que quer dizer este sangue tão estranho? Alguém, seguindo este caminho, estava perdendo sua força vital. Alguém pagou com seu próprio sangue os valores densos e ilusórios da vida. É, sem dúvida, uma loucura. A visão de suas conseqüências nos impressiona. Os valores da vida, tão apreciados por nós, parecem pertencer-nos de direito e, por outro lado, sua própria consistência permite que qualquer um os

use como ponto de apoio às suas operações dirigidas contra nós, maquinações que podem nos destruir, que nos fazem perder o sangue, pois é através do **nosso sangue** que podemos ser enfeitçados. Isso nos angustia e queremos saber quem pode enfeitçar-nos. Achamos a resposta no primeiro plano da lâmina. Aí vemos apresentados, invertidamente, como o reflexo visto num espelho, um lobo à esquerda e um cachorro à direita. O lobo, sempre e abertamente tem sido um inimigo do homem. O cachorro é nosso amigo ou, pelo menos, representa aquele que ainda ontem era nosso amigo. O perigo, portanto, a nos ameaçar, pode vir dos dois: inimigos declarados e falsos amigos.

Podemos nos perguntar se acaso estariam satisfeitos com seu modo de agir. Não! Algo os perturba, pois estão uivando. É a lua que os molesta, isto é, a representação hierárquica que nos transmite a Luz. Então, se eles pagam suas ações com a infelicidade, por que temos tanto medo deles? Porque somos semelhantes ao caranguejo que, apenas sai da sua poça, já a ela regressa. Essa tendência a recuar é que nos torna sujeitos a enfeitçamento.

Assim, o segundo título do Arcano é "Hostis occulti" (Inimigos ocultos).

Existem os mesmos perigos na Natureza? Sim! Na Natureza, o papel de opressor do Arcano XVIII é desempenhado pelas calamidades, a nós também ocultas. O terceiro título do Arcano será, portanto, "Perigos ocultos".

Passemos ao exame aritmético.

$$18 = 1 + 17 \quad \text{e} \quad 18 = 17 + 1.$$

A Essência Divina (1) e a Esperança (17), vindas do plano metafísico, são suficientes para determinar a existência da Lei Hierárquica (18). O Princípio Único Ativo (nada se poderia esperar de um princípio inativo) cria os órgãos para sua atividade, conforme a graduação hierárquica e segundo seu afastamento progressivo da Fonte Primordial.

O homem triplanar (1), possuindo intuição (17), percebe claramente os perigos astrais que o ameaçam (18).

A Natureza ativa (1), quando sabemos ler suas advertências (17), revela-nos a iminência de seus perigos (18), que permanecem ocultos a um ignorante.

$$18 = 2 + 16 \quad \text{e} \quad 18 = 16 + 2.$$

A substância metafísica (2) e o método da exclusão lógica (16), determinam a constituição da Hierarquia (18) no mundo das idéias.

O princípio da polarização (2) e a possibilidade de constrangimento astral (16), revelam o mistério do enfeitçamen-

to (18). O último é possível apenas quando o sujeito é passivo, e o operador, ativo.

A possibilidade da destruição física (16) das formas criadas pela Natureza (2) constitui o denominado "perigo" (18).

$$18 = 3 + 15 \quad \text{e} \quad 18 = 15 + 3.$$

A triplicidade do Princípio Único (3) e a lógica da construção metafísica (15) da Segunda Família, determinam as Leis Hierárquicas (18) para o nosso mundo. A formulação dessas Leis está ligada ao mistério da Trindade e a aplicação lógica desse mistério.

Os mistérios do nascimento (3) e os recursos do elemento Nahash (15) são componentes do processo do enfeitamento (18).

A criatividade da Natureza (3) e a Lei do Karma (15), influenciando sobre essa criatividade, constituem a totalidade dos perigos físicos (18).

$$18 = 4 + 14 \quad \text{e} \quad 18 = 14 + 4.$$

Os processos da formação (4) e da dedução (14), determinam a constituição da Hierarquia (18).

O princípio da autoridade (4) e a capacidade de equilibrar sua atividade e sua passividade (14), fazem com que um homem se torne adversário de um outro (18).

$$18 = 5 + 13 \quad \text{e} \quad 18 = 13 + 5.$$

O conhecimento do Bem e do Mal (5), juntamente com a permanência dos Princípios Superiores (13), bastam para o estabelecimento da Hierarquia (18).

O caráter pentagramático do ser humano (5) e sua sujeição às leis da morte (13) possibilitam o enfeitamento (18).

$$18 = 6 + 12 \quad \text{e} \quad 18 = 12 + 6.$$

A compreensão da Lei da Analogia (6) e a espera do Messias (12) obrigam o homem, mesmo superficial, a admitir a Lei Hierárquica (18).

A primazia dada à liberdade (6) em relação à misericórdia (12) pode levar o homem a praticar o enfeitamento (18).

No entanto, a primazia dada à misericórdia (12), em relação à liberdade (6) da vontade humana (por exemplo, orar pelos inimigos), desfaz todas as armadilhas dos adversários (18).

$$18 = 7 + 11 \quad \text{e} \quad 18 = 11 + 7.$$

A essência da Hierarquia (18) consiste em que nela o sutil rege o denso (7) e possui o poder (11) de permeá-lo.

A possibilidade da agressão astral (18) consiste em que o homem que já haja obtido vitória (7) sobre si mesmo, utilize tanto sua própria força, como a da corrente (11) no promover seus fins.

Consideramos como perigo (18) a possibilidade de perder aquilo que pretendemos possuir como propriedade (7) e cuja destruição pelas forças da Natureza (11) é normal.

$$18 = 8 + 10 \quad \text{e} \quad 18 = 10 + 8.$$

A libração da Balança do Mundo (8), junto com o Grande Testamento (10), dão a chave da Lei Hierárquica (18).

Os condicionamentos da vida ética do homem (8) e o conhecimento da Cabala (10), tornam possível utilizar-se do enfeitamento (18).

$$18 = 9 + 9.$$

A graduação hierárquica (18) é a consequência do encontro entre dois protetores (9 + 9), um menos e outro mais elevado. O menos elevado protege os interesses de algum órgão particular; o mais elevado, os interesses do organismo geral, traçando, para isso, a seu subordinado, diretrizes determinadas que podem não ser vantajosas ao órgão sob o cuidado do primeiro protetor. A Lei Hierárquica confere a primazia aos interesses gerais em relação aos particulares e, assim, determina o triunfo de um "9" sobre um outro "9".

Um ser humano iniciado (9) apenas na auto-proteção, pode ser facilmente enfeitado (18) por outro, iniciado (9) nos mistérios do Baphomet.

Um organismo particular poupa seus recursos físicos, servindo-se do cálculo da probabilidade (9). A Natureza, que possui o conhecimento de todos os dados, calcula as certezas (9). O segundo "9" vence o primeiro "9", e isso se chama "perigo no plano físico" (18).

Essa análise nos dá alguns pontos de apoio para melhor compreensão do Arcano. Não nos ocuparemos dos perigos físicos. Limitar-nos-emos à Lei Hierárquica e ao processo de enfeitamento.

A LEI HIERÁRQUICA

A cosmovisão unitária das escolas espiritualistas tem como base a seguinte tese: os **Princípios** manifestam-se em **Leis**; as **Leis**, em **Fatos**.

Indubitavelmente, as vestimentas, sem o portador, não possuem a capacidade vital. No máximo, podem servir por

um certo tempo, como espantinho de pássaros, mas mesmo estes notarão, finalmente, a ausência de vida.

As escolas materialistas sustentam o contrário, isto é, que um conjunto de fatos cria uma lei e que um complexo de leis cria um Princípio. Em outras palavras, segundo elas, uma mônada volitiva de uma corrente é criada por uma série de fatos que se desenrolam dentro dessa corrente. Para os materialistas, uma célula é mais real do que um órgão, e um órgão é mais real do que um organismo.

Segundo as escolas espiritualistas unitárias, a vida fica oculta atrás de suas manifestações visíveis e, por vezes, até mesmo independe dessas.

Os materialistas afirmam que a vida provém da matéria, do inanimado. No unitarismo, ao contrário, o texto orientador são as palavras: "Sou o Deus de Abrão, de Isaac e de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos mas dos vivos". (Matheus, 32). Seus partidários admitem a existência de uma Hierarquia, pois admitem a existência da Causa Primordial. Existe o Arquétipo; portanto, podem existir o Homem e a Natureza. Se há um regente, há também servidores que ele tenha escolhido. O regente determina o que deve ser feito, e seus servidores o realizam. Onde houver um instrutor, deve existir também a escola. Do mesmo modo existe a mônada mental a formar para si um astrosoma, a este, por sua vez, forma um corpo físico.

Se tudo existisse apenas um único instante, os dois sistemas seriam igualmente aceitáveis.

Os materialistas proclamam que um ser humano representa apenas a síntese de suas células. Dizem que a afirmação dos espiritualistas de que o astrosoma do feto vampiriza os elementos, a ele necessários, do ambiente físico em que se desenvolve, confirma que, sem a existência desse ambiente, a encarnação não poderia se efetuar. Dizem ser a consciência individual apenas consequência direta das interrelações dos elementos do ambiente; e que, em cada coletividade, e em função da existência dessa coletividade, aparece um chefe.

Agora, em vez de falar de uma vida em particular — fenómeno de duração apenas efêmera — falemos de um período mais prolongado: p. ex. uma época inteira.

Estudando a história das massas humanas e a história das coletividades hierarquizadas, verifica-se que o **predomínio da massa** leva sempre às **divergências**, à desagregação da coletividade, à morte. O sistema **hierarquizado**, pelo contrário, leva à consolidação da coletividade, à união, à busca de um **alvo comum**. Pela massa passam **ondas desordenadas**; nas coletividades hierarquizadas circulam as correntes ordenadas

do Telesma*. Num parlamento cujos membros são escolhidos por votação, as oposições aparecem desde o início e, durante a existência do parlamento, não apenas os partidos lutam entre si, mas também as frações desses partidos. Nenhum parlamento no mundo concede poderes reais ao seu presidente. Encarrega-o apenas de garantir determinados regulamentos e, mesmo estes, são logo infringidos pelos próprios parlamentares. Comparemos essas manifestações anárquicas com a vida de uma família normal e sadia ou de uma coletividade baseada no princípio patriarcal, ou seja, organizada segundo a Lei Hierárquica, e na qual cada membro está pronto a sacrificar algo de si em prol de sua comunidade. Conta-se que até mesmo uma raposa cuja pata ou rabo tenha ficado preso numa armadilha, corta-o com seus dentes a fim de salvar o mais importante: a vida.

Poder-se-ia dizer que as duas filosofias — a dos espiritualistas e a dos materialistas — formam um grandioso binário. Na história da humanidade podemos mesmo encontrar tentativas no sentido de neutralizá-lo.

Os espiritualistas dizem que tudo provém do Alto; que tudo foi criado pelo Triângulo Ascendente; que o Sol é o Pai de tudo. Os materialistas afirmam que tudo provém de Baixo, do Triângulo Descendente, criando-se através da adaptação; que a Lua é a Mãe de tudo.

Nessa discussão entram os panteístas, dizendo: “a solução se encontra no centro da Estrela de Salomão, no Stauros, este símbolo da lei gnóstica, da fecundação do passivo pelo ativo. Os dois Triângulos existiam antes de nós. Encontramo-los já como instrumentos para a nossa utilização. A chave do nosso poder está no Stauros; depende de como agirmos com o Telesma, esta substância transmissora tanto da construtividade do Ativo, como da reação do Passivo. Os dois oponentes têm razão, pois o Pai do Baphomet é o Sol, e a Mãe, a Lua; mas é o vento que o carrega em seu bojo, este mesmo vento que nos permite respirar e graças ao qual tudo pode viver. Nós não buscamos o princípio de todos os princípios, não pretendemos resolver qual é o começo e qual o fim. Não nos importamos com a origem, com os pais. Vivemos e precisamos aprender a viver no campo da ação do filho andrógino”.

A qual das três correntes devemos nos unir? Espiritualista, materialista ou panteísta?

* Telesma (da palavra grega “Telos”), substância primordial da qual tudo foi feito e que, segundo Hermes Trimegistos é, no mesmo tempo, o “céu” e a terra”, isto é, o sutil e o denso.

Seguiremos o exemplo das escolas egípcias. Inclinar-nos-emos diante de Hermes Trismegisto, isto é, adotaremos a síntese das três correntes filosóficas. Seremos materialistas, apoiando-nos firmemente no plano físico. Para o mago, o plano físico é um precioso ponto de apoio a lhe permitir **criar Fatos a partir de outros Fatos**.

Seremos panteístas quando quisermos que as Formas criem outras Formas, quando quisermos afirmar nossos direitos de Pentagrama, não como escravos da Natureza mas como **filhos livres de Deus**. Entretanto, tão logo sentirmos que o nosso "eu" se apaga diante de Algo Maior manifestando-se pela Unicidade, logo que ultrapassarmos nossa atração pela Forma e sermos atraídos ao mundo das idéias, tornarmos-emos audaciosamente espiritualistas, pois então pertenceremos ao reino do Pai, ao "Sol", ao "Iod".

Podemos nos perguntar a qual desses três planos o homem pertence, segundo a essência de sua natureza. O que é, essencialmente, o homem? O corpo, a personalidade? Ou sua aspiração ao Alto, esse Alto onde o homem parece dissolver-se no Universal e Infinito?

Não podemos responder a tal pergunta. Podemos oferecer apenas palavras, e estas não são capazes de dar tal resposta. Cada um tem de procurá-la por si mesmo. Quanto a nós, só podemos dizer que o corpo é mais impermanente e possui menor poder do que a personalidade; que as personalidades se unem com base nas idéias comuns e que, às vezes, em prol dessas idéias um ser humano desempenha, voluntariamente, o papel de pata ou rabo da raposa mencionada.

Em relação a esses problemas, seria bom, e mesmo necessário meditar sobre o que foi dito no Arcano XI a respeito da queda das almas.

Acrescentaremos ainda que um espiritualista puro será, sem dúvida, um absolutista em sua concepção da Hierarquia; a um panteísta, será cara a idéia do reino da mônada espiritual, reino este limitado pela reação da matéria; segundo um materialista, finalmente, cada assunto essencial do Universo e tudo o que acontece no tempo e no espaço, resulta de "votação" das respectivas células.

As regras externas, relativas às realizações da Hierarquia Espiritual, já foram formuladas no estudo do Arcano III.

ENFEITIÇAMENTO

Se alguém quisesse caracterizar os três graus simbólicos da iniciação maçônica, exclusivamente do ponto de vista da capacidade de influência sobre um outro ser, diria que o grau

de “aprendiz” ensina a ser forte dentro de si, isto é, lutar contra suas próprias fraquezas, superando-as gradativamente. Este grau objetiva desenvolver, em si, o lado ativo. Diria que o grau de “companheiro” ensina a descobrir e saber explorar as fraquezas alheias (quando já aprendermos a superar as nossas próprias); ensina a saber tirar proveito da ignorância e inércia alheias. Diria, finalmente, que o grau de “mestre” ensina que somente podem ser empreendidas as operações em que o nosso conhecimento e poder ativo opuzerem-se, no mesmo campo, à ignorância e à inércia do adversário. Em outras palavras: se formos intelectualmente capazes e possuímos o conhecimento necessário, escolheremos a confrontação com o nosso adversário no campo intelectual, sabendo ser ele, aí, mais fraco do que nós, e conseqüentemente, o levaremos aonde quisermos. No entanto, evitaremos uma luta física com ele, pois seus músculos podem ser mais fortes do que os nossos. Se conhecermos bem a técnica de algum procedimento, será neste campo determinado que procuraremos enfrentar o nosso adversário, evitando assim outras eventuais contendas.

Estes princípios gerais são especialmente importantes nos processos de enfeitiçamento que definiremos como exploração pela força de recursos astrais e físicos de um ser humano encarnado por um outro ser humano encarnado.

Imaginemos, por um lado, alguém que descuide de suas posses, deixando-as sem nenhuma supervisão, ou um império que, possuindo colônias em diversos continentes, deixa-as sem qualquer organização ou proteção. Imaginemos, por outro lado, alguém a guardar e cuidar bem de suas propriedades, ou um país a administrar perfeitamente suas colônias, estando com elas em contato contínuo e sempre preparado a protegê-las contra qualquer agressão. Vamos supor que o segundo homem ou o segundo país, queira tirar proveito da situação do primeiro. É claro que o conseguirá facilmente. Mesmo estando os dois lados igualmente passivos e desorganizados, se um deles tornar-se por algum tempo ativo e agredir o outro, obterá vantagem. É verdade que o outro pode também despertar de sua inércia e repelir o ataque, mas então já terá sofrido perdas.

Nisso consiste todo o segredo do êxito de um enfeitiçamento.

O enfeitiçamento liga-se sempre ao plano físico ou subplanos astrais inferiores. Enfeitiça-se para despertar uma paixão, causar doença ou morte, uma ruína material ou outra qualquer, impossibilitar ou dificultar um trabalho útil, etc. Estando essas atividades ligadas aos subplanos inferiores do Universo, o próprio termo “enfeitiçar” já soa mal. É

sempre uma operação muito desprezível e densa, a exigir um sólido ponto de apoio.

O processo é o seguinte: cria-se uma entidade volitiva, segundo o esquema sefirótico. O mundo Aziluth dessa entidade pertence, em sua totalidade, ao operador. A influência desse mundo deve penetrar nos mundos Briah, Iezirah e Aziah da vítima. Todavia, o mundo Aziluth do operador está ligado aos seus três outros mundos. Sendo assim, o operador deve conseguir ligar seus Briah, Iezirah e Aziah com os mundos correspondentes da vítima, aproveitando-se para isso de uma inércia passageira do mundo Aziluth desta. Assim, os três mundos inferiores da vítima serão como órgãos temporários de uma nova entidade, composta do operador e da vítima.

Depois disso, a tarefa do operador consiste em uma **determinada auto-sugestão**. O operador sugere, por exemplo, uma “doença ética” àquela parte do novo Briah composto que, anteriormente, pertencia ao Briah independente da vítima; **uma doença da forma**, àquela parte de Iezirah comum que, antes, compunha o Iezirah independente da vítima e uma **doença física** à parte correspondente ao Aziah.

Poderíamos indagar se é possível apoderarmo-nos da totalidade dos três mundos alheios. Responderemos que o aposar-se da totalidade não é necessário. Basta que o operador subjuguue apenas uma mínima parte e a contagie com uma doença, deixando que esta se espalhe por outros órgãos, anteriormente pertencentes à vítima, protegendo, ao mesmo tempo, os próprios órgãos que agora também entram na composição da entidade comum. É sabido que uma transgressão ética, causada por alguma razão particular, pode destruir a harmonia na alma de um indivíduo fraco; que um pequeno defeito de formação pode estragar o total da forma e que um microbio, ao penetrar numa célula, pode contagiar o organismo inteiro.

De tudo o acima mencionado, pode-se deduzir que a matéria, em poder do operador, intencionalmente contagiada deve possuir em si, para que ocorra o contágio, alguns elementos importantes da vítima ou de um de seus órgãos principais, ligados funcionalmente aos fenômenos que o operador deseja provocar. Em outras palavras, para enfeitiçar no plano ético, p. ex., um homem orgulhoso, é importante apoderar-se dos elementos ligados ao seu amor-próprio. Para enfeitiçar, no plano da forma, alguém cuja característica principal é a sensibilidade estética, é importante introduzir no seu mundo Iezirah, o elemento de deformidade. Para provocar paixão ou causar doença ou morte, enfeitiçando o mundo Aziah da vítima, alguns de seus glóbulos vermelhos dão

maior resultado do que algo mais superficial, como, p. ex., um fragmento de epitélio.

É importante também que esses elementos, por si mesmos insignificantes mas provindos da pessoa envolvida, sejam artificialmente ligados ao organismo inteiro, mesmo mediante uma operação feita num plano diferente daquele ao qual pertencem os elementos em posse do operador. Assim, possuindo alguns cabelos da vítima, o operador faz um boneco de cera, representando-a, e fixa os cabelos sobre a cabeça do boneco. O material do mundo Aziah, por si mesmo insuficiente, é completado através do mundo Iezirah.

Suponhamos que o operador, por alguma razão, queira sugerir ao paciente uma sensação permanente de medo; no entanto, não sabe do que o paciente tem medo, sabendo, todavia, o que o assusta. Então, o operador prepara toda a entidade composta — a sua e a da vítima — para sentir o susto e, na medida em que isso lhe é possível, provoca medo em si mesmo. Este penetrará também no organismo da vítima. Quando o medo se impregnou bem na pessoa, o operador se auto-liberta, tanto do medo como do susto. Ele o conseguirá sob a condição de **que não seja, ele próprio, sensível ao susto**. No caso contrário, inocular-se-á com o medo que havia associado à facilidade de se assustar.

O assim chamado “golpe de retorno”, no processo de enfeitiçamento, resulta de uma tentativa de inocular em alguém uma fraqueza à qual o próprio operador é mais sensível do que a vítima. Neste caso, tudo recairá sobre ele mesmo. Um homem que teme pela sua própria segurança, receberá o “golpe de retorno” se tentar enfeitiçar um outro para alguma desgraça no plano físico. Um homem que facilmente se apaixona, enfeitiçando um outro para provocar o amor, apaixonar-se-á loucamente e sem nenhuma esperança de reciprocidade, etc.

O operador assegura-se contra o golpe de retorno colocando uma segunda vítima no esquema mental do enfeitiçamento (já falamos disso). Contudo a escolha dessa segunda vítima deve ser muito adequada quanto às suas características astrais e físicas, pois, como já explicamos, ela deve ser, nos três mundos inferiores do sistema sefirótico, mais susceptível de receber a carga do enfeitiçamento do que o próprio operador.

Agora, podemos compreender melhor porque o feiticeiro precisa de algumas gotas de sangue, de um dente, de uma unha, do suor, do sêmen, etc. da pessoa que pretenda enfeitiçar. Estes elementos são introduzidos na composição do ponto de apoio físico da operação. Muitas vezes os elementos que

pertenciam à vítima são misturados com elementos correspondentes do operador. Em certos casos o operador usa um boneco, uma fotografia ou alguma outra **representação** da vítima, introduzindo nela algumas células realmente provenientes do organismo desta. Em outros casos, o operador prefere servir-se de um **organismo vivo** (p. ex., um sapo), procurando vinculá-lo à vítima, dando-lhe o mesmo nome ou usando algum outro procedimento. No caso de uma transmissão **puramente energética**, tal como fazer cair alguém na rua, o operador segue a vítima passo-a-passo, imitando seu modo de andar. Tropeça voluntariamente, procurando transmitir à vítima sua própria perda de equilíbrio, mas contendo-se, ele mesmo, no último instante, para não cair.

Todos os procedimentos dos feiticeiros, macumbeiros, magos negros, etc. baseam-se nos mesmos princípios, e todos criam um karma muito pesado a seus promotores ou executores. A própria operação, bastante fácil, é profundamente abjeta e repugnante, e sua chave está sempre no poder ativo de um dos lados e na passividade do outro.

O meio para ser imune às agressões, qualquer que seja o seu plano, é sempre o mesmo: ser ativo, não permanecer semi-adormecido, estar ocupado, concentrado em algo. Um homem vigilante dentro de casa, logo percebe que um ladrão quer nela penetrar.

É preciso ser ativo no plano mental. É preciso orar, especialmente **orar por seus inimigos**. Quem ora por seus inimigos, não forma planos de vingança, e quem não forma planos de vingança, perde o hábito de atribuir tais planos aos seus semelhantes. Quem não atribui maus pensamentos a outrem, não fica sujeito, ele mesmo, ao medo. Uma tal pessoa bem dificilmente será enfeitçada.

É preciso ser ativo no plano astral, concentrado em determinadas formas, por nós mesmos escolhidas ou criadas. Assim, as formas criadas por outrem não nos poderão ser impostas. É preciso saber claramente **o que queremos**, para que na nossa confusão não venham se implantar desejos alheios. Se amamos sinceramente um ser escolhido por nosso coração, um enganoso simulacro de amor não nos poderá ser imposto. Se nós nos unimos a uma egrégora que plenamente corresponde às nossas aspirações espirituais, não seremos impedidos a uma outra, estranha, que talvez viesse até a nos ser prejudicial.

Ser ativo no plano físico é treinar o nosso corpo para que elabore uma qualidade e quantidade de força vital adequada a determinados fins, e para que nossos órgãos possam se

desenvolver de um modo monofuncional. Dessa maneira, eles opor-se-ão a qualquer enfeitiçamento.

Lembremo-nos, uma vez por todas, que um ser humano inativo e amorfo, um ser que dissipe sua vida em todos os três planos da existência, estará mais susceptível de ser enfeitiçado do que qualquer outro. Um trabalhador no campo das idéias, no campo da forma, ou no campo do esforço físico está protegido por uma sólida couraça contra qualquer agressão. Nele, o mundo Aziluth permeia os três outros; ele é **individualizado**, se assemelha a um sistema fechado. Para o mundo externo ele é sempre um "Iod". Torna-se "He" somente quando, de acordo com sua vontade, fica receptivo ao Influxo Superior.

Na vida não se pode agir como o caranguejo que recua para sua poça. Se soubermos bem o que queremos, se formos ativos, não temeremos então nem o lobo nem o cão e, no caminho, não deixaremos cair nosso sangue que alguém poderia utilizar contra nós. Limitaremos nossa submissão apenas ao binário das pirâmides e submeter-nos-emos, consciente e voluntariamente, à Hierarquia dos raios Lunares. **Conhecendo a proveniência dessa luz refletida**, aprenderemos a venerar, através dela, a Fonte Primordial.

É isso que nos ensinam a Tradição e a experiência oculta. Vejamos o que nos diz a ciência profana.

Desde o ano de 1891, o coronel de Rochas dedicou-se à pesquisa quanto ao que foi chamado de "exteriorização da sensibilidade" das pessoas imersas no estado de profunda hipnose.

É fácil constatar que a primeira fase do processo do enfeitiçamento tende a estabelecer, entre o operador e a vítima, algo a lembrar o "estado de contato", observado pelo coronel de Rochas (ver Arcano XV).

O coronel de Rochas, por uma ação magnética, dirigida especialmente à região dos centros visuais do paciente e consistindo em curtos passes ao longo da testa, ou circulares na testa ou perto dos olhos, chegou aos resultados seguintes: a superfície da pele do paciente tornava-se insensível; a sensibilidade, na medida em que continuavam os passes, transportava-se gradualmente aos **níveis em derredor do corpo do paciente**, e distantes entre si de 5 ou 6 centímetros. O primeiro nível, isto é, o mais próximo ao paciente, achava-se à distância de 3 cm. da sua pele. Nos intervalos entre dois níveis, o paciente não demonstrava nenhuma sensibilidade. O número das camadas sensíveis aumentava à medida que o trabalho de magnetização prosseguia, de modo que a última camada sensível chegava a ser encontrada a alguns metros do pacien-

te. A picada com um alfinete no nível sensível provocava uma dor no paciente. Um copo de água colocado no sistema dos níveis produzia aquilo que de Rochas intitulou de “sombra ódica”, isto é, atrás do copo a sensibilidade de alguns níveis, anteriormente sensíveis, desaparecia, como se, nesse lugar, ficasse **dissolvida pela água**. Além disso, a água parecia absorver a sensibilidade, pois levando o copo para longe do paciente e “picando” a água, provocava-se lhe dor; resfriando-a, provocava-se lhe um calafrio. Aproximadamente os mesmos resultados foram obtidos colocando, em lugar da água, no nível sensível, um **boneco de cera**. Todavia, as “picadas” na água, enquanto esta achava-se no nível da sensibilidade, provocavam dor naquele lugar do corpo do paciente situado mais próximo da água, enquanto que, colocando o boneco no mesmo lugar onde havia a água, e picando-o na parte superior, a dor era sentida na parte superior do corpo do paciente. Picando a parte inferior do boneco, a dor repercutia na parte inferior do corpo do paciente.

As experiências feitas com o copo de água e o boneco davam resultados positivos somente quando sua distância do paciente não ultrapassava um determinado limite. Contudo, este limite se estendia bem mais longe do que a distância entre o corpo do paciente e o último nível sensível.

Os clarividentes presentes no local das experiências, viam que os níveis da sensibilidade eram luminosos, como geralmente é luminosa, para eles, a pele de um homem cuja sensibilidade não esteja exteriorizada.

Os resultados dessas experiências foram publicados em 1892.

Tentou-se tirar fotografias dessas experiências, colocando o negativo, no primeiro caso, junto à pele de um paciente **não hipnotizado** e, no segundo caso, no nível da sensibilidade exteriorizada, de um paciente **hipnotizado**. No primeiro caso as tentativas de atingir o paciente através da fotografia, não deram resultado algum, o que se explica pela condição mais positiva de um sujeito não hipnotizado e pela ausência do “estado de contato”. No segundo caso, o toque na fotografia era sentido pelo paciente, e as arranhaduras no negativo provocavam nele estigmas sob forma de uma coloração cutânea avermelhada.

Essas experiências foram feitas na presença de dois médicos e de um matemático e confirmam a existência de uma base real no enfeitamento.

LÂMINA XIX

Um muro semicircular feito com cubos de mármore, bem ajustados, limita um gramado.

Pela grama correm, de mãos dadas, duas crianças de 7 anos de idade, aproximadamente — um menino e uma menina. Nenhuma influência planetária marca seus rostos, inocentes e puros.

O sol despontou atrás do muro, no meio do quadro, e seus raios, inundando o espaço, transformam-se em uma chuva de ouro.

Os olhos das crianças seguem e admiram estes raios. O menino levantou o braço e quer alcançar um raio ainda não condensado em ouro. A menina inclina-se para frente, estendendo a mão no apanhar, na grama, uma moeda de ouro.

Todo o quadro sugere muita luz e ar, alegria, pureza, e primavera.

ARCANO XIX — P — CUPH

O signo do alfabeto correspondente ao Arcano XIX é Cuph; seu valor numérico, 100. Correspondência astrológica: signo de Peixes.

O hieróglifo do Arcano é **um machado**, ferramenta esta para fazer uma abertura no telhado do Arcano anterior, dando acesso à luz.

O título erudito da lâmina é “Lux Resplendens” (Luz Resplendente); seu nome comum, “O Sol”.

A lâmina do Arcano apresenta duas crianças brincando num espaço circundado por um muro **de pedras** e iluminado por fortes raios de luz que se transformam, perto da terra, numa chuva de ouro.

Os três títulos deste Arcano: “Veritas fecunda”, “Virtus humana” e “Aurum Philosophale”, já foram suficientemente explicados no Arcano X.

Passemos à decomposição aritmética.

$$19 = 1 + 18 \quad \text{e} \quad 19 = 18 + 1.$$

A essência do Uno (1) e os mistérios da Hierarquia (18), juntos, são a escada que leva à Verdade Criadora (19).

O homem triplanar (1), conhecendo os mistérios do enfeitamento (18) protege-se contra inimigos, cultivando em si a verdadeira virtude (19).

$$19 = 2 + 17 \quad \text{e} \quad 19 = 17 + 2.$$

A Substância Divina (2) e a Esperança (17) levam à Verdade (19).

A polaridade da natureza humana (2), juntamente com a Intuição (17) criam a Virtude (19). Isto é: se compreendermos (pólo receptivo) o valor do Bem e formos ativos (outro pólo), **praticaremos o Bem**.

$$19 = 3 + 16 \quad \text{e} \quad 19 = 16 + 3.$$

A triplicidade da natureza metafísica (3) juntamente com o método da exclusão lógica (16) conduz à Virtude (19).

A compreensão do mistério do nascimento (3) e do mistério do constrangimento astral (16) levam às Verdades frutíferas (19).

A compreensão gnóstica do princípio da criatividade (3) e da necessidade da destruição física (16) determina as fases

básicas do processo alquímico (19), isto é, a fase da “cabeça do corvo”. Primeiro, apodrecimento; em seguida, renascimento.

$$19 = 4 + 15 \quad \text{e} \quad 19 = 15 + 4.$$

A forma (4) juntamente com a lógica (15), levam às verdades frutíferas (19).

A autoridade (4) e o conhecimento do Baphomet (15) fazem triunfar a Virtude (19), (mesmo apesar de procedimentos como os de Clemente V e Felipe IV).

$$19 = 5 + 14 \quad \text{e} \quad 19 = 14 + 5.$$

O conhecimento do Bem e do Mal (5) leva, pela dedução (14), às Verdades frutíferas (19).

O Pentagrama (5) que realizou a harmonia (14) em si, torna-se virtuoso (19).

$$19 = 6 + 13 \quad \text{e} \quad 19 = 13 + 6.$$

Conscientizar-se da permanência dos Princípios Superiores (13) aplicando a Lei da Analogia (6) leva às verdades frutíferas (19).

O conhecimento do ambiente (6) e das transformações energéticas (13), dá a chave da alquimia (19).

$$19 = 7 + 12 \quad \text{e} \quad 19 = 12 + 7.$$

Se acreditarmos no Messias (12) e dermos mais valor ao espírito do que à forma (7), então possuiremos verdades frutíferas (19).

Se vencermos a nós mesmos (7) pela severidade, e formos misericordiosos para com os outros (12), então seremos virtuosos (19).

$$19 = 8 + 11 \quad \text{e} \quad 19 = 11 + 8.$$

Se observarmos a libração (8) metafísica da Grande Balança e admitirmos a força (11) dos Influxos Superiores, então possuiremos verdades frutíferas (19).

Se dirigirmos a força (11) moral da humanidade ao cumprimento das Leis (8), seremos virtuosos (19).

$$19 = 9 + 10 \quad \text{e} \quad 19 = 10 + 9.$$

Um iniciado (9) cabalista (10) é, sem dúvida, virtuoso (19).

O Testamento Divino (10) e os Guardiães (9) nos protegem dos erros e conduzem às verdades frutíferas (19).

Estas são as indicações gerais quanto ao campo de ação do Arcano. Agora, tentaremos caracterizar, apenas breve e superficialmente, os três processos misteriosos, a saber:

— o alcançar as verdades frutíferas, o que corresponde à “Obra Magna” no campo das idéias;

- o adquirir as Virtudes Herméticas (a “Obra Magna” do hermetismo ético);
- o realizar a Pedra Filosofal (a “Obra Magna” da alquimia).

FILOSOFIA HERMÉTICA

Os extratos dos “Versos Esmeraldinos”, citados nos Arcanos VI e XV, já muito nos esclareceram. Estudemos mais alguns desses versos, pois têm relação direta com o Arcano XIX.

“Sic habebis gloriam totius mundi. Ideo fugiet a te omnis obscuritas. Hic est totius fortitudinis fortitudo fortis: quis vincet omnem rem subtilem omnemque solidam penetrabit. Sic mundus creatus est. Hinc erunt adaptationes mirabiles, quarum modus est hic. Itaque vocatus sum Hermes Trismegistus, habens tres partes philosophiae totius mundi. Completum est quod dixi de operatione Solis”.

Traduzindo:

“Deste modo possuirás toda a glória do mundo e quaisquer trevas afastar-se-ão de ti. Nisso consiste o poder poderoso de todo poder; vencerá todo o sutil e penetrará todo o denso. Do mesmo modo o Universo é criado. De lá vêm as realizações maravilhosas, e seu mecanismo é o mesmo. É por isso que sou chamado Hermes Trismegistus, possuindo poder sobre os três aspectos da filosofia universal. O que eu disse da Obra Solar encerra tudo”.

Examinemos estas palavras do ponto de vista do 1º título do nosso Arcano, ou seja, relativo às verdades metafisicamente frutíferas.

Os versos que acabamos de citar são os que seguem diretamente a característica de Baphomet. Nessa característica aconselha-se procurar os elementos da glória do mundo e de quaisquer conhecimentos. Em outras palavras, os mistérios da Estrela de Salomão e a cosmovisão gnóstica são a chave da oniciência metafísica.

Como compreendê-lo? Eliphaz Levi, no cap. 19 do seu livro “Dogmas da Alta Magia” diz, com muita espiritualidade que a Pedra Filosofal, no plano metafísico, tem forma cúbica, aconselhando-nos a examinar, duas faces opostas por vez, os seis lados deste cubo. No primeiro par estão escritos o nome de Salomão (em hebraico) e um nome divino. No segundo, os nomes Adão e Heva (em hebraico). No terceiro, de

um lado: A, Z, Omega e Thau; e de outro lado: INRI. O autor quer dizer com isso que a chave das Verdades frutíferas é dada pelos três graus da Iniciação Templária. O primeiro grau, o do ciclo cabalístico, revela o mistério do relacionamento mútuo do Arquétipo e do homem Iniciado (Salomão). O nome divino, propositadamente, não está indicado; a razão disso é familiar aos iniciados. O segundo grau — o do ciclo mágico — revela o mistério da ação do Ativo sobre o Passivo. O terceiro grau — o do ciclo Hermético — revela o mistério do Solvente Universal (AZOTH) e do Renovador Universal (INRI).

Isso é tudo que podemos e temos a licença de dizer quanto a esse aspecto do Arcano XIX.

HERMETISMO ÉTICO

Conhecemos já a tarefa do Hermetismo Ético. Cada ser humano é composto de uma substância cuja disposição e fixação numa ordem adequada fazem com que a pessoa se torne virtuosa. O “pai” da virtude é a atividade (o Sol) do sujeito; sua “mãe”, a passividade (a Lua).

Durante o período embrionário, essa virtude é “carregada pelo Vento”, ou seja, o ambiente astral. Nutrida ela é pela “mãe” — a Terra — pois terá de se manifestar no mundo do sacrifício — o mundo zodiacal. Todavia, causar o processo da gestação, do nascimento e da adaptação pode somente o Telesma que é o invólucro da Vontade. Em outras palavras, é o próprio Pentagrama que cria sua virtude.

Do mesmo modo que, para formar convicções no campo da Filosofia Hermética, seria preciso primeiramente separar a fé do conhecimento, para depois sintetizá-los numa totalidade harmoniosa, assim, no Hermetismo Ético seria preciso estar cômico de quais os impulsos que provêm do Triângulo Superior e quais do Triângulo Inferior. É preciso desenvolver em si uma receptividade consciente em relação aos princípios vindos do Alto e uma capacidade de avaliação das manifestações densas do Baixo. Do Alto vem a nós o preceito “ama o teu próximo”. Mas como, e o que amar nele? Que fazer em benefício dele? A resposta é “amar como a si mesmo”. No entanto, só podemos compreender plenamente o “amar a si mesmo”, no plano da involução, no plano do Triângulo Inferior.

Assim, precisamos conhecer os ideais elevados e a aspiração à Reintegração e, paralelamente, observar e estudar o nosso próprio egoísmo rasteiro para poder, depois, ligá-los pe-

las grandes leis da ética. É absolutamente necessário saber elevar-se da Terra para o Céu, e voltar, de novo, do Céu para a Terra, buscando os princípios nas suas fontes, no Alto, e na sua manifestação, no Baixo. Então a nossa virtude adquirirá sua plena força e quaisquer trevas desaparecerão do coração. Aptos a assimilar tudo o que é sutil, tornar-nos-emos mais virtuosos. Por meio das correntes que formaremos e, através delas, essa Virtude penetrará em tudo o que é denso, vencerá a inércia egoísta das massas e, mesmo contra sua vontade, incutir-lhes-á os princípios éticos.

No plano puramente mental do Hermetismo, o intelecto oscila entre o Céu (princípios) e a Terra (fatos) isto é, prática a dedução e a indução. O mesmo deve ser feito pelo **coração**.

No plano mental, a recompensa é a **compreensão das Causas**. No plano dos sentimentos — uma paz completa no próprio coração, uma plena **harmonia** do astrosoma que se manifestará ativamente como misericórdia e justiça, à medida em que o homem perceber os desejos e necessidades de seu semelhante. No primeiro campo, a mente aprende a resolver problemas abstratos, ou seja, a “vencer o sutil” e, também, a “penetrar no denso”, isto é, conhecer a razão dos fatos. No segundo campo, o coração participa na formação da Fraternidade da Virtude, influencia e eleva o nível ético da sociedade.

Em ambos os campos encontraremos “maravilhas”, estreitamente ligadas com a cosmogonia (“sic mundus creatus est”). Em ambos, existem os três grandes princípios: o “Enxofre” (ativo) da aspiração às Alturas; o “Mercúrio” (passivo) do conhecimento das planícies, e o “Sal” (neutro), produto da harmonização dos dois elementos precedentes.

Nos dois campos existem quatro elementos. Na metafísica estes são: 1) a busca da Verdade; 2) a aspiração em transmiti-la; 3) a aspiração em assimilá-la; e 4) o desejo de sintetizá-la num sistema harmonioso. Os dois primeiros elementos são o “Iod” e o “Vau”. Os dois últimos, os dois “He”.

No Hermetismo Ético, o “Iod” corresponde à atividade evolutiva; o “Vau”, à involutiva. O primeiro “He”, à emotividade passiva; o segundo “He”, às emoções positivas.

Tanto no campo da mente, como no do coração existe o quinto elemento, ativo, que é o próprio operador, **no centro do quaternário**. Em metafísica, o quinto elemento corresponde à inteligência do Adão decaído, o Adão que adquire a experiência do Bem e do Mal na Grande Balança que mantém o equilíbrio do mundo. No Hermetismo Ético, o quinto elemento é a quintessência, isto é, a Vontade que rege a Cruz

Hermética. Nos dois existe a Mônada, capaz de alcançar a glória universal (“sic habebis gloriam totius mundi”).

ALQUIMIA

As frases finais do texto da “Tábua Esmeraldina” afirmam que:

- o poder de Hermes estende-se por todos os três planos;
- a Obra Solar concluiu-se, isto é, foi realizada não somente nos dois planos superiores, mas também no **plano físico**.

Não falaremos aqui da confirmação histórica da obra alquímica. Os interessados no assunto podem procurar o livro de Papus, “A Pedra Filosofal”. Esboçaremos apenas um quadro geral da alquimia, em que as fases da transformação correspondem às fases superiores da transformação hermética do ser humano. Isso ajudar-nos-á a compreender melhor as obras clássicas da alquimia. Cada verso da Tábua Esmeraldina contribuirá para tal.

O primeiro verso proclama a Lei da Analogia, o que nos permite estabelecer uma analogia entre as fases superiores do Hermetismo e a alquimia.

O segundo verso proclama a unicidade da substância universal e, conseqüentemente, a unicidade da matéria física.

O terceiro verso indica claramente a participação do “Ouro” (Sol) e da “Prata” (Lua) na “Obra Magna”. O mesmo verso sublinha a importância do meio em que a Obra se processa, assim como do ponto de apoio material (a Terra).

O quarto verso alude à influência do **magnetismo do operador** no processo da “Obra”. Os alquimistas modernos supunham que esse agente astral poderia ser substituído por um **Kabir elétrico natural**.

O quinto verso trata do estado **sólido** da Pedra Filosofal, ou seja, do Pó.

O sexto verso aponta claramente um dos ensinamentos básicos da alquimia, ao afirmar que todos os metais conhecidos podem ser classificados, no sentido de sua bipolaridade, em escala progressiva. Um dos polos da perfeição corresponde à **prata** (ou platina); o outro, ao **ouro**. Nestes dois metais acham-se ligados, de modo mais perfeito, dois princípios: o “enxofre” e o “mercúrio”. A ligação, existente na prata, permite a manifestação mais perfeita das qualidades “mercurianas”; e, no ouro, das do “enxofre”. Outros metais são consi-

derados como não tendo alcançado a perfeição da prata, no que se refere às qualidades negativas, ou a perfeição do ouro, quanto às qualidades positivas.

Daí decorre logicamente que cada metal (e até cada corpo simples) é uma liga de “enxofre” com “mercúrio”; todavia essa liga é hermeticamente perfeita somente no ouro e na prata.

Para transmutar algum metal em prata ou em ouro, seria preciso desfazer primeiramente a ligação imperfeita, existente nesse metal, isto é, separar o sutil (“enxofre” ou “fogo”) do denso (“mercúrio” ou “água”). Somente depois disso pode ser realizada uma ligação nova e perfeita, seja do tipo passivo ou do ativo, dependendo em qual dos metais nobres procura-se transmutar o não-nobre. É dessa separação do sutil e do denso que nos fala a “Tábua Esmeraldina”.

Os princípios “enxofre” e “mercúrio” (respectivamente, ativo e passivo) são neutralizados pelo terceiro, o “sal” (neutro), formando, os 3 juntos, o “azoth dos sábios”.

Na prática o “sal” é sempre o agente da manifestação dos corpos e o “azoth dos sábios” — o agente da liberação dos princípios presos pelo “sal”.

O sétimo verso da Tábua Esmeraldina sublinha a importância da transformação da própria matéria da obra, do seu estado de elemento mais sutil — o “fogo” — para um mais denso — a “terra”. Esse verso refere-se à destilação do composto.

O oitavo verso anima, simplesmente, o alquimista para que continue a obra.

O nono verso afirma a unicidade básica de toda e qualquer matéria obtida pelo processo alquímico. O “filho” — o resultado — é sempre o filho, embora possua, em seus vários estágios da transmutação, atributos diferentes. O método da preparação de um pó que irá enobrecer uma liga não-nobre transmutando-a em prata, ou de um pó que a transmuta em ouro, pesando 10 ou mesmo 1000 vezes o peso do pó utilizado, é sempre o mesmo. A qualidade e a quantidade de pó obtido depende apenas do tempo que leva a “obra” e não da diferença dos métodos. A essência da “Pedra” é sempre a mesma, varia apenas o estágio de seu amadurecimento.

O décimo verso nos fala da existência de ouro e de prata na Terra. Diz que a Natureza, pelos seus próprios recursos, levou diversas combinações químicas a vários graus de perfeição. Na natureza há ouro e prata, ou seja, metais que alcançaram os polos da perfeição; por que então não tomar metais imperfeitos e tentar levá-los à perfeição? Por que não imitar o Criador, separando dois princípios, fazendo-os voltar ao es-

tado anterior e reuni-los, de um modo perfeito? Para estimular o alquimista, o verso acrescenta: "Existem adaptações maravilhosas da mesma obra". Isso faz surgir na nossa mente os quadros tradicionais: o rejuvenescimento pelo uso interno da Pedra Filosofal, o Elixir da Vida, a estimulação do crescimento rápido de plantas, etc.

Dos versos onze e doze já tratamos.

Sabendo que na obra alquímica existem também três princípios ("enxofre", "sal" e "mercúrio") e quatro estados de matéria (radiante, gasoso, líquido e denso), podemos abordar o ciclo dinâmico da "Grande Obra" o qual contém quatro fases.

1.^a fase: preparação da "obra"

Esta fase consiste na preparação do "mercúrio dos filósofos" chamado também "azoth dos sábios" ou ainda "solvente universal".

É a luz astral que provém da condensação dos turbilhões bipolarizados. Para obter este agente, utiliza-se um mineral particular, chamado "magnésio dos sábios" ou "marcassita dos sábios". O "azoth" é obtido desse "magnésio" por meio de uma misteriosa aplicação de eletricidade ou de magnetismo pessoal, o que deu origem à expressão "aço dos filósofos" ou "imã dos filósofos".

2.^a fase: a "Obra"

O ouro e a prata metálicos, comuns, são submetidos à ação do "azoth dos sábios" para liberar deles o "sol vivo" ("enxofre") e a "lua viva" ("mercúrio") em quantidades máximas. É também possível operar sobre metais não nobres ou somente sobre ouro, mas nestes casos o desenrolar do trabalho seria mais lento.

Os princípios liberados na forma de dois fermentos, são encerrados num vasilhame de vidro chamado "ovo" e submetidos a um lento aquecimento em chama fraca de uma lamparina de óleo, num aparelho chamado "atanor".

O tempo e o calor causam, dentro do "ovo", uma série de fenômenos físicos e químicos. Nas primeiras semanas da carbonização, a matéria assume tonalidades indefinidas. Este período chama-se "reino de mercúrio". Mais tarde, a massa chamada "Rebis" torna-se esverdeada e, finalmente, preta. No começo, a cor preta é observada somente na superfície. É a "cabeça de corvo". Em seguida, toda a massa torna-se pre-

ta. Começa o “reino de Saturno”. A massa morre para renascer, semelhante ao Maçom, no ritual da iniciação no grau de mestre. A cor preta, após um tempo bastante prolongado, passa para as tonalidades marrons, freqüentemente com reflexos azuláceos. Pode ser observada a formação de vapor que torna a cair sob forma de chuva. Isso é o “reino de Júpiter”. Em seguida vem o “reino de Diana”, caracterizado por uma cor branca, ofuscante, da massa. Se o resultado desejado for um pó para uma **transmutação branca**, isto é, em prata, a segunda fase da operação **estará concluída**. Se, pelo contrário, procura-se uma **transmutação vermelha** — em ouro — é preciso continuar a aquecer, sem prestar atenção às passagens da massa (“Rebis”) de estados líquidos a sólidos e vice-versa. A massa torna-se verde, azul e vermelho escuros. Tudo isso é o “reino de Vênus”. Em seguida a massa toma uma tonalidade alaranjada e, depois, colora-se à semelhança do rabo de um pavão, isto é, toma simultaneamente todas as cores do arco-íris. É o “reino de Marte”. Finalmente, no “ovo”, acima da massa, aparecem vapores rubros. Estes se densificam, a massa seca e torna-se incandescente. É o último período, chamado “reino de Apolo”. Quando o “ovo” se resfria, formam-se pequenos grãos de cor vermelha. O “ovo” então é quebrado. Dentro, encontra-se um pó cristalino, muito pesado, rubro e com cheiro de sal marinho queimado. Este pó, após duas horas de fervura com uma quantidade de mercúrio ou de chumbo derretido, cujo peso é 10 vezes maior do que o peso do próprio pó, transmuta a mistura em ouro.

3.^a fase: multiplicação do poder da “pedra”

A “pedra”, ou é novamente submetida à ação do “azoth dos sábios” ou, o que é mais simples, colocada e fechada dentro do “ovo”, junto com uma quantidade de ouro cujo peso é 100 vezes maior do que o peso da própria pedra. O “ovo” é submetido mais uma vez a ação do fogo.

As cores recomeçam a mudar na mesma ordem, mas muito mais rapidamente. A nova “pedra vermelha” pesa muito mais do que a mistura colocada no “ovo”, isto é, a “pedra” anterior e o ouro derretido que lhe foi acrescentado. Seu poder de transmutação é 10 vezes maior do que o da primeira pedra. Uma nova operação aumenta o coeficiente até 100 vezes em relação à primeira intervenção. Geralmente, a multiplicação se faz três vezes, de modo que a pedra assim obtida pode transmutar, em ouro, o mercúrio ou o chumbo derretido cujo peso é 10.000 vezes maior do que o seu próprio.

4.^a fase: A “projeção” da pedra, ou seja, sua utilização.

Toma-se, ou o mercúrio líquido, ou o chumbo, ou ainda o estanho derretido, em quantidade correspondente ao poder da “pedra”. Caso se disponha de uma grande quantidade da “pedra”, utiliza-se de cada vez, somente uma parte. Os cristais da “pedra” são triturados e transformados num pó fino. Pequenas quantidades desse pó são cuidadosamente colocadas dentro de pastilhas de cera que, por sua vez, são colocadas num vasilhame adequado, contendo um metal não-nobre. Ferve-se tudo. No caso de pó “vermelho” — para obter ouro — a mistura é fervida durante duas horas ou duas horas e meia. No caso de pó branco — para obter prata — basta ferver durante um quarto de hora.

A antiga “lareira imortal” ou “atanor”, é composta de 3 partes. Na parte inferior colocava-se uma lâmpada a óleo. Do início da operação, até a fase “cabeça de corvo”, usava-se um pavio de 4 fios. Em seguida, um pavio de quatorze fios e, finalmente, já na fase de “Diana”, um de 24 fios. A parte central do “atanor” possuía saliências que sustinham uma espécie de frigideira ou pires. Neste recipiente colocava-se areia, na qual enfiava-se o “ovo” até um terço do seu diâmetro. O nível de massa “rebis”, dentro do “ovo”, alcançava apenas um quarto da altura do diâmetro do mesmo.

A parte superior do “atanor” consistia em uma cúpula de vidro a refletir o calor para dentro do aparelho.

Repetimos ainda que na segunda fase da “obra” não é indispensável utilizar simultaneamente ouro e prata. Muitas pessoas submeteram somente o ouro à ação do “azoth dos sábios” e obtiveram um “rebis” satisfatório.

Para os que tencionam ler a literatura no tocante a alquimia, acrescentamos que, na nossa terminologia, o “enxôfre” corresponde ao “pai”; o “mercúrio”, à mãe e o sal ao “filho andrógino”. Se em alguma literatura for afirmado que o “sal” é a “mãe” e o “mercúrio”, o “filho andrógino”, isso quer dizer que, sob a palavra “mercúrio”, entende-se não o “mercúrio princípio”, mas o “mercúrio solvente”, ou seja, o “azoth dos sábios”, obtido do “magnésio dos sábios”, como o filho provém da mãe. O magnésio, contudo é uma matéria que existe, por conseguinte, algo em que os dois princípios são equilibrados **em estado de vida**. No entanto, somente o “sal” poderia equilibrá-las, e de fato, na “magnésia dos sábios” predomina o “sal” vivo.

Agora podemos compreender melhor a lâmina do Arcano. O Sol ativo esparge a Luz que se materializa, até formar

uma chuva de ouro. No quadro vemos, de mãos dadas, dois meninos, ou um menino e uma menina, e esta última representação significa que o “rebis” pode ser preparado de várias maneiras. Essas crianças estão muito vivazes e alegres. São vivificadas pela Luz que as ilumina. O lugar está circundado por um **muro de pedra** a delimitar o campo no qual concentra-se o dom do Céu, apresentado na lâmina.

Assim, o machado Cuph nos dá acesso à Luz. Resta-nos usufruirmos desse acesso com sabedoria, renovando-nos, a nós mesmos e apoiando nosso trabalho por realizações sólidas que nos permitirão o triunfo da passagem ao mundo dos Arcanos Menores.

Da renovação de nós mesmos tratará o Arcano XX; do estabelecimento dos pontos de apoio à passagem mencionada, o Arcano XXI e do saber se orientar em nosso próprio triunfo, o Arcano XXII.

LÂMINA XX

Fundo: um campo arado e um céu com nuvens ligeiras.

A tonalidade geral do quadro é lilás-violeta.

No céu paira um anjo branco como a neve, tocando uma trombeta de ouro. Seu braço esquerdo estende-se num gesto de convite.

No primeiro plano, um túmulo descerrado. A lápide tumular foi removida e da terra sai uma família humana. O homem, já de pé ao lado do túmulo, estende os braços ao anjo. A mulher, que só de meio corpo saiu da terra, levanta para o alto uma criança que procura, com suas mãos, atingir o anjo. As três figuras estão desnudas. Ao redor delas, uma aura lilás, mística.

O quadro está iluminado pela luz branca e ofuscante do anjo.

O signo do alfabeto correspondente ao arcano XX é Resh, cujo valor numérico é 200. A correspondência astrológica é o planeta Saturno. O hieróglifo do Arcano — uma cabeça humana, cabeça consciente do valor do machado recebido no Arcano precedente; uma cabeça que emerge da abertura feita no telhado pelo machado, cabeça que vê e que já saberá orientar as passagens conscientes de uma fase a outra da vida humana.

O nome erudito do Arcano é: “Resurrectio mortuum” (Ressurreição dos mortos); seu nome comum: “O Julgamento”.

Na lâmina vemos um anjo trombeteando no céu. O som de sua trombeta simboliza o poder atrativo da chamada do Arquétipo à evolução. O Arcano XX representa o mistério da atração que exerce sobre a vida humana (He) o Amor Divino (Iod). Daí o primeiro título do Arcano: “Atração Divina”.

Embaixo vemos um homem, uma mulher e uma criança, transformados pela aspiração e renascendo para uma nova vida. Isso explica o segundo título do Arcano: “Transformação astral”.

Temos aí os dois pólos da Humanidade (Iod e He) e o elo neutralizador (Vau) — a criança. No trabalho de auto-aperfeiçoamento astral, como sabemos, devem participar a atividade e a intuição. Este trabalho é avaliado, tanto por nós mesmos, como por nossos semelhantes, segundo os frutos andróginos que acarreta. A evolução da própria personalidade sutiliza também seus impulsos e suas realizações volitivas. É por isso que, junto com o pai e a mãe, vemos o filho.

As três figuras saíram do túmulo. Testemunham isso a lápide virada e o jazigo aberto. Para essas criaturas houve uma mudança total nas condições de existência. Daí o terceiro título: “Mutationes in tempore” (Transformações no tempo).

Cada esforço para libertar-se da prisão Tzade do Arcano XVIII, causa, antes de tudo, mudanças internas; porém, não traz ainda a libertação. Essa vem somente depois.

O pássaro encerrado numa gaiola, começa por debater-se contra as grades até convencer-se completamente da impossibilidade de escapar. O mesmo acontece conosco.

Por muitas encarnações procuramos o modo mais agradável de desempenhar o nosso papel na vida. Se algo não é como queríamos, esperamos o novo corpo, novas células, para perceber então que esse novo corpo é uma prisão, semelhante a anterior. Procuramos novas condições e novos lugares no plano físico, mas, apesar de tudo, continuamos escravos do Plano Zodiacal. Finalmente, descobrimos que nós — o pássaro preso — devemos mudar a nós mesmos para podermos escapar da escravidão. Começamos então a nossa auto-transformação astral. Transformando-nos, sutilizamos simultaneamente a Natureza. Ouvimos melhor o som da trombeta do Arquétipo. No tremendo tumulto do mundo, impelidos pela Roda da Fortuna, não podíamos ouvir essa voz, a não ser nos raros instantes do completo silenciar de nossas paixões. Agora esse som se nos torna mais e mais audível.

É certo que a própria vida se encarrega de transformar-nos continuamente. Mas precisamos transformar-nos **consciente e evolutivamente**. Esta deve ser nossa meta. Quando no horizonte não percebemos subida alguma, é preciso avançar horizontalmente, esperando até que ela surja. Às vezes é preciso mesmo descer, se tivermos firme convicção de que lá encontraremos uma ingreme subida. Tal é o caminho daquele que busca.

Examinemos agora algumas decomposições aritméticas do Arcano.

$$20 = 1 + 19 \quad \text{e} \quad 20 = 19 + 1.$$

A essência metafísica (1) e a criatividade de suas verdades (19) atraem poderosamente para cima (20).

O homem triplânico (1) que realiza a tarefa do Hermetismo Ético (19) transforma-se astralmente (20).

A Natureza ativa (1), transmutando os minerais (19), causa transformações na crosta terrestre (20).

$$20 = 2 + 18 \quad \text{e} \quad 20 = 18 + 2.$$

A única Hierarquia (18) da Substância Una (2) atrai-nos poderosamente à Fonte Primordial (20).

O mistério das polaridades (2) e a existência de inimigos no astral (18) obrigam-nos a nos defender por meio da transformação (20).

$$20 = 3 + 17 \quad \text{e} \quad 20 = 17 + 3.$$

A compreensão do grande Ternário da Natureza Divina (3), juntamente com a Esperança (17), explicam a atração para o Alto (20).

A compreensão da utilidade da multiplicação dos encarnados (3) e a intuição humana (17) são estímulos à transformação astral (20).

A compreensão do princípio gnóstico da criatividade (3) e a capacidade de ler a Natureza (17) dão o quadro completo das transformações no tempo (20).

$$20 = 4 + 16 \quad \text{e} \quad 20 = 16 + 4.$$

O revestimento de idéias em formas (4) e a exclusão lógica (16) de certas formas, determinam a atração metafísica (20) às formas restantes.

O império sobre si mesmo (4) e o mecanismo de auto-sugestão (16) determinam a transformação astral (20).

A adaptação (4) e a destruição (16) são elementos de transformações na Natureza.

$$20 = 5 + 15 \quad \text{e} \quad 20 = 15 + 5.$$

A aplicação lógica (15) do conhecimento do Bem e do Mal (5) causam a atração para o Alto (20).

O pentagrama (5) que domina os mistérios de Baphomet (15) transforma o astrosoma (20).

A religião natural (5) e a compreensão do Karma (15) fazem aceitar as mudanças na Natureza (20).

$$20 = 6 + 14 \quad \text{e} \quad 20 = 14 + 6.$$

A aplicação da Lei de Analogia (6) e a dedução (14) provam a existência da atração para o Alto (20).

A consciência do livre arbítrio (6) e a harmonia interna (14), provam a transformação astral (20).

$$20 = 7 + 13 \quad \text{e} \quad 20 = 13 + 7.$$

O reconhecimento da permanência do Arquétipo (13) e a primazia dada ao espírito sobre a forma (7) asseguram a atração ao Alto (20).

A vitória (7) sobre si mesmo no fim da encarnação (13) é uma garantia do aperfeiçoamento do astrosoma (20).

$$20 = 8 + 12 \quad \text{e} \quad 20 = 12 + 8.$$

A compreensão da libração da Balança Universal (8) e a fé no Redentor (12) são estímulos a atraírem para o Alto (20).

A observância da Lei (8) e a prática da compaixão (12) provam a transformação astral da pessoa (20).

O Karma (8) do Plano Zodiacal (12) condena o ser humano a contínuas transformações (20).

$$20 = 9 + 11 \quad \text{e} \quad 20 = 11 + 9.$$

O reconhecimento da Proteção Superior (9) e do poder desta (11), determinam a atração para o Alto (20).

A força moral (11) e a Iniciação (9) transformam o astrosoma (20).

$$20 = 10 + 10.$$

A seriedade das promessas feitas pela Humanidade ao Arquétipo (10) e a perfeição do Testamento (10) determinam o poder da atração para o Alto (20).

Uma Cabala (10) interna e rigorosa, em resposta à Cabala (10) externa, transforma o astrosoma (20).

Resumindo o que foi dito, podemos afirmar não ser sem razão que Saturno rege astrologicamente este Arcano. Percebemos a passagem do tempo pelas modificações ocorrentes nos agrupamentos de fenômenos; mas, por outro lado, re-colocamos os mesmos dentro do tempo.

LÂMINA XXI

Montanhas rochosas. Do lado esquerdo, uma escarpa na qual se esconde um enorme lagarto verde a olhar para cima, esperando uma vítima, boquiaberto.

Por entre as rochas, um homem dirige-se diretamente a essa escarpa. Avança da direita para a esquerda e sua sombra estende-se à sua frente. Está andrajoso, suas vestes sem forma nem cor definidas. Um cão, correndo atrás do homem, arranca a parte inferior de sua roupa, desnudando-lhe a perna. A mão esquerda do homem empunha, ao meio, um bastão que paira horizontalmente no ar. Com a outra mão, apoia sobre o ombro uma vara comprida em cuja ponta traseira está amarrado um pesado fardo informe. Na cabeça do homem, uma carapuça. O rosto, virado para o fundo, está invisível, a cabeça ligeiramente alevantada, como se ele olhasse alguma coisa no céu.

Os contornos do quadro surgem sob forma de arestas vivas, suas linhas bem destacadas, as cores não de todo pronunciadas.

ARCANO XXI ou 0 —  — SHIN

O signo do alfabeto correspondente a esse Arcano é Shin, cujo valor numérico é 300.

Não há correspondência astrológica. O hieróglifo do Arcano é **uma flecha em movimento oscilante**. Este símbolo nos sugere algo de limitado e que seria incompreensível sem uma preparação prévia mediante estudo das fases mais prolongadas, menos limitadas, do movimento da mesma flecha, em contradas já nos Arcanos VII e XV.

No Arcano VII, a flecha seguia **uma linha reta**, segundo as leis físicas intelectualmente compreensíveis. No Arcano XV, ela traçava **uma circunferência** ou, para ser mais exato, seguia ao longo de uma espiral traçada pelos redemoinhos de um turbilhão astral. No Arcano XXI, o mais misterioso de todos, este movimento transforma-se em **oscilante**.

O movimento oscilatório pode ser condicionalmente incluído nos tipos de movimento ao longo de um circuito fechado, considerando-o como um caso muito particular desse movimento. Isso não nos impede de atribuir, a essa particularidade, grande importância no campo prático das manifestações.

O nome erudito do Arcano, "Furca" (forcado) é uma simples alusão à forma da letra Shin; seu nome comum, "O Louco", refere-se unicamente à lâmina.

Procuramos na lâmina a verdadeira explicação do Arcano ou, pelo menos, algumas indicações do seu significado.

Abeirando-se à rocha, dirige-se, rapidamente, a um precipício, uma figura humana. Sua cabeça está coberta por capapuça. O homem não olha diante de si, mas sim encara um ponto no céu, onde nada se vê. Não percebe o monstro de boca aberta a esperá-lo atrás de uma escarpa. Maltrapilho, não se importa com a aparência de sua roupa que, ainda mais, está sendo dilacerada por um cão. Na mão esquerda o peregrino insensato tem um sólido bastão que não usa nem como apoio, nem como defesa frente ao cão. Com a mão direita o "louco" segura pela ponta um pau comprido que se apoia em

seu ombro e traz, na outra extremidade, um fardo voluminoso e pesado.

Quem seria este peregrino?

A figura, sendo humana, indica a personificação das forças às quais se refere o Arcano. Mas como são utilizadas essas forças?

Um homem físico, logicamente, é criado para a vida no plano físico. No quadro, ele se dirige ao precipício à beira do qual, além de tudo, o espera a fauce de um monstro.

A finalidade da roupagem é cobrir e proteger o corpo. Aqui, não desempenham seu devido papel. O mesmo pode ser dito do bastão que para nada serve. O homem caminha mas não se dá conta de que, livrando-se do peso da carga, e afastando o cão, avançaria mais facilmente. Sua conduta estranha é incompreensível ao espectador. Seu comportamento parece sugerir que ele está na expectativa de uma intervenção milagrosa e que, para que essa seja melhor demonstrada, o peregrino renunciou a utilizar os recursos a seu dispor e que lhe seriam úteis.

O efeito da lâmina é obtido por contrastes estranhos e falta completa da lógica normal, reguladora da conduta humana.

Procuremos melhor compreensão do Arcano pela decomposição aritmética. Mas qual o número que devemos admitir: o zero ou o 21?

O algarismo "0" deve ser compreendido como indicador da situação excepcional ocupada por esse Arcano em relação aos demais.

Tomemos o número 21 que torna a compreensão mais fácil.

$$21 = 1 + 20.$$

O elemento equilibrado, capaz de se manifestar (1), introduz no mundo novas condições, modifica o estado existente das coisas (20). Tomemos exemplos: do Arquétipo emana uma categoria mental; uma idéia toma forma por intermédio de um processo que escapa à nossa compreensão; uma manifestação volitiva causa, misteriosamente, determinados fatos no plano físico.

Segundo essa decomposição, estabeleceremos os títulos do Arcano nos campos de manifestação do Ternário Teosófico.

No campo das manifestações do Arquétipo, o Arcano Shin reflete o altamente misterioso processo de emanção do Mundo Aziluth. O Princípio puramente espiritual manifesta-se através de algo irradiante — as 10 Sephiroth primordiais — cujas irradiações, no entanto, são já mentais, isto é, densas

em alto grau uma vez confrontadas com a Essência do Arquétipo. Este processo é intitulado "Radiatio" (radiação). No campo da Humanidade, o Arcano Shin reflete o processo não menos misterioso, da transformação das manifestações puramente mentais da Humanidade em algo que poderia ser chamado de "signo" ou "sinalização astral". Sob este termo entendemos a capacidade, inerente no ser humano, de adquirir conhecimento formal de algo que exista num outro ser humano, por meio do "sexto sentido" ou receptividade astral. As impressões assim recebidas expressam-se por uma linguagem mais acessível, seja como uma determinada cor, figura geométrica ou impressão acústica, olfativa ou tátil. No momento, não nos importa como o "signo astral" se manifesta à percepção humana, mas sim o próprio mistério do surgimento do signo, como invólucro da idéia. Assim, o segundo título do Arcano é: "Signo".

Quanto ao plano da Natureza, desde o começo do curso interessava-nos o assunto da transformação da energia astral concentrada em atributos da matéria física. O mistério da transformação de uma determinada quantidade de energia cinética em atributo de **dureza**; o mistério de poder provocar um determinado movimento no paciente pelo uso da energia imaginativa de um operador, são assuntos dos quais já falamos diversas vezes e que fazem parte da manifestação do Arcano Shin no plano da Natureza.

A existência dessa grande ilusão que chamamos "mundo material" — o enigma "Shin" no plano da Natureza — nos dá o terceiro título do Arcano: "A Matéria".

A ordem inversa da mesma decomposição ($21 = 20 + 1$), apresenta o esquema da situação de uma personalidade (1) equilibrada, capaz de realizações construtivas mas que está tolhida pela atuação do Arcano XX, isto é, pelo processo do renascimento. A finalidade de sua vida mudou e a pessoa não ordenou ainda suas novas tarefas, muito diferentes das antigas. Ela caminha, porém sem olhar aonde vai, embora posua olhos para ver; não se apoia no bastão das realizações iniciáticas que possui, não o utiliza nem mesmo para se precaver contra agressões e dificuldades puramente externas, deixando que estas lhe dificultem o progresso. Abandonou a lógica e imagina-se ser protegida por alguns privilégios inexistentes. Considera-se vestida, mas sua veste inadequada não lhe assegura nem calor nem decência. Cuidadosamente carrega ainda nas costas, pendurado na ponta de uma vara comprida, um fardo pesado de antigas superstições, preconceitos e condicionamentos que não mais harmonizam com seu amadurecimento e com sua tarefa de transformação astral.

Como vemos, a lâmina apresenta justamente este lado negativo do Arcano, simbolizado pela ordem invertida da primeira decomposição aritmética.

O Arcano XXI abrange os maiores e mais perigosos mistérios iniciáticos. Seria demais arriscado indicar, mesmo apenas simbolicamente, o mecanismo de atuação desse Arcano. No entanto, ele integra uma série de estudos iniciáticos e alguma explicação deve ser dada. Assim, os instrutores decidiram representar na lâmina o que não se deve fazer, a fim de que o estudante sério, graças a seus próprios esforços, possa descobrir o que deve ser feito.

Como, então, orientar nossa meditação para iniciar-nos no aspecto positivo desse Arcano?

Um cabalista começará por estudar outras decomposições aritméticas do número 21 na ordem positiva de aparecimento do Shin. Procuremos fazer o mesmo, aprofundando atentamente as seguintes decomposições:

$$21 = 2 + 19.$$

O mistério Shin (21) baseia-se no conhecimento da Lei da Analogia, Lei dos Opostos (2) e do mistério da Obra Magica (19).

$$21 = 3 + 18.$$

O conhecimento do mistério Shin (21) exige uma cultura metafísica completa (3), o conhecimento do poder absoluto da Hierarquia, do poder das forças ocultas, e de suas possibilidades de ação adversa no plano físico (18).

$$21 = 4 + 17.$$

Para dominar o Arcano Shin (21) é preciso um estudo profundo, tanto das manifestações físicas e químicas (4) como das influências astrais na Natureza e das bases mentais das mesmas (17).

$$21 = 5 + 16.$$

Querendo aplicar o Arcano Shin (21) urge estar cioso de sua própria incomensurável liberdade humana, do poder da sua própria vontade (5), e lembrar que a mesma liberdade pode causar a queda e desagregação, consequência inevitável da materialização (16).

$$21 = 6 + 15.$$

Saibamos que por toda parte há duas sendas (6) e que por toda parte podemos nos tornar o senhor ou o escravo do grande Baphomet (15).

$$21 = 7 + 14.$$

Quando consideramo-nos vencedores (7) é preciso moderar e harmonizar (14) as manifestações de nossa força.

$$21 = 8 + 13.$$

Se trabalhamos no campo da legalidade estabelecida (8), saibamos e lembremos que o alvo final do nosso trabalho é a preparação para a mudança do plano de existência (13). Se formos capazes de planejar nossa vida, deveremos escolher como finalidade uma digna preparação para a morte, isto é, para o nascimento à vida astral. Ao cuidarmos de uma mulher grávida, precisamos escolher a alimentação e o modo de viver adequados durante o relativamente curto período de gravidez, preparando seu futuro filho para a longa vida que o espera. Cuidando de uma criança, não devemos esquecer que um dia ela precisará de instrução; dando-lhe a instrução, devemos lembrar que o aluno de hoje tornar-se-á amanhã o membro ativo da Humanidade. Importa lembrar também o inverso, isto é, entrando em contato com um elementar (um desencarnado), lembrar que ele já foi encarnado; encontrando um homem adulto, levar em consideração as influências prévias (escola, família, etc.) que agiram sobre ele.

$$21 = 9 + 12.$$

Quem quiser dominar o grande mistério Shin (21) deve iniciar-se (9) nos planos correspondentes e estar pronto para o sacrifício (12).

$$21 = 10 + 11.$$

Aquele que domina o mistério Shin (21) apoia-se, por um lado, no funcionamento automático do Moinho do Mundo (10), e por outro, nos recursos das poderosas correntes (11) dos planos respectivos.

Este é o esquema geral das meditações do ocultista desajustado em devassar o mistério e aplicações do Arcano Shin.

O número correspondente a Shin é 300, isto é, um três, porém um três ampliado, um três que penetrou no mundo complexo da *décima Sefhira* em sua *décima* manifestação.

Queremos acrescentar ainda algumas palavras quanto a este misterioso Arcano dos mecanismos da evolução e involução.

É importante não se dirigir **pela própria vontade** ao precipício onde nos espera a goela aberta do monstro; importa desfazer-se a tempo e por si mesmo do fardo, afastar o cão, apoiar-se no bastão, prover-se de roupa decente, lançar fora a carapuça e olhar diante de si. Então não mais estaremos sujeitos à atuação alheia do Shin involutivo. Ao contrário,

quando precisarmos atuar em subplanos inferiores ao nosso, saberemos pôr a carapuça sobre a cabeça dos que empegam o trabalho evolutivo.

É bom dizer também que a lâmina apresenta, intencionalmente, o aspecto negativo do Arcano Shin, não apenas para que o ocultista não deixe que os outros lhe ponham uma carapuça na cabeça, não somente para que ele mesmo aprenda a enfeitar com essa carapuça a cabeça dos que o merecem, mas também para que saiba usar, ele mesmo, quando for preciso, essa vestimenta na própria cabeça, imitando a figura da lâmina.

Um ser evoluído está sempre cômico do caráter ilusório dos valores e prazeres, geralmente tão apreciados na Terra. Ele sente o peso de seu invólucro físico, mas, apesar disso, não tem direito de livrar-se dele antes de um tempo determinado. O karma lhe delinea um programa de proações e de sacrifícios durante sua encarnação e ele deve percorrer este caminho em toda sua extensão.

Em certos momentos difíceis é útil saber fechar os olhos à permanência do plano físico, saber despertar em si o interesse para as alegrias da vida, inculcar em si uma ilusão de felicidade que, efetivamente inexistente no mundo.

Seria uma tal imitação do bobo um completo e voluntário esquecimento do que foi absorvido na Iniciação? Não. Seria apenas um descanso momentâneo no difícil caminho da vida.

É certo que o peregrino deve aprender a progredir resoluta e intimoratamente; mas deve, também, saber prever e repartir razoavelmente os momentos de repouso para restauração de suas forças.

Diremos ainda mais: quem nunca deixa de ser sábio, quem esqueceu completamente os prazeres egoístas, não mais saberá apreciar os pequenos sacrifícios que se fazem um ao outro na vida, não saberá proporcionar prazer algum a seus semelhantes. Foi dito que devemos amar o semelhante como a nós mesmos, e isto quer dizer, também, proporcionar-lhe aquilo que nós mesmos apreciaríamos, caso esquecéssemos nossa sabedoria.

Conforme foi mencionado, o "mecanismo" da involução é análogo ao do processo inverso, ou seja, do renascimento. Todavia, a queda é metafisicamente rápida e o renascimento metafisicamente lento. Acrescente-se de propósito a palavra "metafisicamente", pois não se trata do tempo físico, mas sim do fato de que o processo do renascimento é realizado, em geral, segundo diversas fases planejadas e consecutivas, enquanto na queda contam somente as causas e suas conse-

quências. Devido a isso, as tentativas de uma análise cabalística da queda humana dão a impressão de serem complicações desnecessárias, ao passo que o esquema do renascimento do homem por meio do Hermetismo Ético é facilmente compreendido e aceito. O profano entende e estuda sem receio o Evangelho mas fica aturdido tentando analisar o Velho Testamento.

Podemos ver que o Arcano Shin é bastante aterrador. Uma vez aplicado sem suficientes conhecimentos e fora do tempo apropriado, causa o atraso da evolução universal. Devido a isto provoca medo em muitas pessoas e, as vezes, até mesmo nos Iniciados. E, no entanto, o pentagrama Iod-He-Shin-Vau-He é o mais elevado, mais poderoso, mais abrangente pentagrama do astral, isso por causa de seu signo Shin que possibilita a encarnação, ou seja, o estabelecimento do ponto de apoio no plano físico, para o trabalho de redenção das coletividades humanas e, conseqüentemente, da Reintegração do Homem ao seu estado primordial e perfeito.

No rumo ao poder realizador e à Iniciação, poderemos avançar sem temores se, durante as orações, suplicamos conhecer o Arcano XXI não por subterfúgios, não por métodos capciosos, não a preço de um pacto com o astral inferior, mas por via hermética, honesta e pura, e após termos dominado os vinte Arcanos anteriores. Assim ele não nos levará a erros daninhos, às máculas kármicas, mas ao triunfo consciente da Reintegração Rosacruziana, mediante a completa e triplíce realização do grande Arcano de Magia.

LÂMINA XXII

No meio do quadro, uma elipse na vertical, formada por Uroboros — a serpente egípcia, verde-esmeralda. Com a cabeça para baixo, abocanha sua própria cauda.

Dentro da elipse, sobre um fundo resplandecente de ouro, uma moça desnuda está dançando. Os dedos do seu pé direito apoiam-se ligeiramente sobre a cabeça da serpente, seus cabelos castanhos, soltos, caem ao longo do corpo. O rosto é alegre e triunfante. Os braços estão ligeiramente dobrados e as mãos seguram, na mesma altura e paralelamente uma à outra, duas varetas de nogueira, perfeitamente iguais.

Nos quatro cantos da lâmina, fora da elipse, sobre um fundo branco, vemos as cabeças dos quatro animais herméticos: em cima, à direita, a cabeça da águia; à esquerda, a do touro; embaixo, à direita, a do leão e, à esquerda, um austero rosto de anjo. Todos dirigem o olhar ao centro da lâmina.

ARCANO XXII —  — THAU.

O signo correspondente ao Arcano XXII é Thau; seu valor numérico, 400. Seu hieróglifo é um peito, no sentido abrangente, que em si tudo encerra. Este Arcano sintetiza todos os anteriores e sua correspondência astrológica é o Sol, o centro e a síntese das manifestações astrais do nosso sistema solar.

Como podemos ver, tudo aqui indica a unificação de todas as aquisições em uma só totalidade.

Comecemos pela análise da lâmina que pelos eruditos é chamada “Coroa mágica” e, na linguagem comum, “O mundo”.

No centro do quadro, apenas tocando a terra com um pé, dança triunfalmente uma moça desnuda. Isto, na metafísica, simboliza as Verdades Absolutas, não mais cobertas por véus, pois estes nada poderiam ocultar diante daquele que alcançou a Verdade. Das manifestações do Arquétipo, acessíveis à mente humana, é a mais alta. Daí o primeiro título do Arcano: “O Absoluto”. Sublinhamos que não se trata de fragmentos ou teses absolutamente verdadeiras, e tão pouco de saliências rochosas que nos facilitam a difícil ascensão ao mistério do grande Arcano Metafísico, mas sim do próprio Arcano, ou seja, da síntese das **bases metafísicas da Vida Universal**. Em suma, é o Triângulo Superior do “matrimônio” Iod-He, no esquema por nós apresentado no Arcano IV.

Todavia, essa síntese não é algo de concluso, de ultimado pelas aquisições nos planos superiores. Ela continua viva e sempre frutífera. A figura da lâmina é feminina e é na mulher que se desenvolve uma nova vida. O fluxo de vida transmite-se misteriosamente aos subplanos inferiores.

Olhemos a figura: ambas mãos estão no mesmo nível e cada uma empunha uma varinha, vertical à terra e paralela a outra. Isso simboliza o domínio dos binários. A serpente — o “Uroboros” dos antigos, símbolo do plano astral — domada, obedece à vontade da moça e forma uma elipse perfeita ao redor da figura. Esta opera com o binário das compensações, domina o poderoso e temível plano astral, criador das formas, e apoia-se, com um pé, sobre o plano físico. O poder da

moça provém do mais alto: do mental; estende-se pelo astral inteiro e possui um ponto de apoio nas realizações já alcançadas no plano físico. Este é o esquema apresentado na lâmina.

A manifestação astral da figura corresponde, para a humanidade, ao total do que esta já realizou da Grande Obra. É a parte central do símbolo composto, apresentado no Arcano IV, ou seja, o hexágono, o "Vau". É a capacidade de utilizar sua Vitória Hermética. Daí vem o segundo título do Arcano: "Adaptatio Operis Magni" (Adaptação da Obra Magna).

Mas voltemos à lâmina. Em cada um de seu ângulo vemos um dos quatro animais sagrados. É o quaternário da Esfinge, ou seja, o lema conhecido: ousar, saber, calar e querer. São, uma vez mais, os mesmos 4 elementos, apresentados de modos tão diferentes, segundo diversos graus da Escola Hermética.

Seus nomes mais antigos e mais comuns são: **Ar, Água, Terra e Fogo.**

Estes elementos, em suas múltiplas manifestações constituem aquilo que denominamos "Reino da Natureza". Aquele que os domina, as Leis da Natureza tornam-se instrumentos para as realizações desejadas. Fracassar ele não pode, pois **nunca quererá** algo contrário a essas Leis, algo alheio à absoluta legalidade metafísica, astral ou física. Seu ser vibra em **uníssono absoluto** com a nota evolutiva da Natureza e, por isso, ele é onipotente pois deseja tudo que lhe venha através da corrente evolutiva universal, e exclusivamente isso. Assim, o terceiro título do Arcano é "Omnipotentia Naturalis" o mesmo nome dado à corrente universal acima-mencionada.

O valor numérico do Arcano é 400. Sua afinidade com o número dos elementos — 4 — confirma o simbolismo dos ângulos da lâmina.

Vejamos o que nos daria uma breve análise aritmética do Arcano e o que ela acrescentaria ao resumo, com o qual seria natural concluir o ciclo de 22 fases de receptividade ao Universo, acessíveis à Humanidade decaída.

$$22 = 1 + 21.$$

O Aleph (1), completo e harmonioso, domina a realização Shin (21). É exatamente esta a análise feita na apresentação da lâmina do Arcano XXII.

$$22 = 21 + 1.$$

O mesmo Aleph (1) submete-se, voluntariamente, à exploração pelo Arcano Shin (21), por si mesmo ou devido a influência de outras entidades. Todos os que sofreram na vida por causa de seus próprios preconceitos, imprudências, ce-

gueiras voluntárias, etc., sabem perfeitamente como importa não se deixar cair numa exploração semelhante por parte de outrem.

Os estudantes deveriam meditar seriamente a respeito do tema: acaso seria aconselhável, às vezes, que um ocultista se encarregue voluntariamente do “fardo de superstições” e não utilize o bastão de prudência, fechando os olhos e deixando-se levar num doce abandono? Quando isso e em quais circunstâncias? Um adepto do esoterismo, mesmo muito evoluído, será sempre um infeliz na face da Terra, se não tiver solucionado este assunto satisfatoriamente. Sem dúvida, é preciso ver, mas, por vezes é melhor fechar os olhos. É bom ser prudente, mesmo que uma imprudência possa não ser má. É certo que um instrutor não deve ter apegos, condicionamentos, superstições ou preconceitos, porém estas distrações tornam a vida, às vezes, mais agradável. Passemos às outras decomposições:

$$22 = 2 + 20.$$

A ciência (2) e o conhecimento exato do valor da regeneração (20) possibilitam o domínio do Grande Arcano e tornam o homem um verdadeiro Rosacruz. Não é fácil adquirir, em toda a sua plenitude, o primeiro componente, nem guardar a fé e o coração puro do segundo componente. Mais difícil, ainda, será unir estes dois.

$$22 = 20 + 2.$$

O inverso, isto é, adquirir a ciência (2) quando no coração reina o princípio da regeneração (20) é, talvez, um processo ainda mais difícil do que o primeiro.

$$22 = 3 + 19.$$

A produtividade (3) rege a Obra Magna (19).

$$22 = 19 + 3.$$

Uma regeneração hermética (19) resulta em produtividade (3).

Na história conhecemos exemplos desses dois esquemas de Adeptado. Pitágoras pode servir como exemplo do primeiro; Orfeu, do segundo.

$$22 = 4 + 18.$$

A autoridade (4) conjugada com o poder oculto (18) vem a ser o esquema geral da formação de um **Mago Branco**.

$$22 = 18 + 4.$$

O poder oculto (18) propiciando autoridade (4), é o esquema da formação de um **Maçom-Realizador**. Há na história numerosos exemplos do caminho escabroso desse tipo de mi-

litantes, seja no campo religioso (p. ex., as reformas de Lutero e Calvino) seja no político (p. ex., a luta pela independência nos Estados Unidos da América do Norte).

$$22 = 5 + 17.$$

O autoconhecimento adquirido no trabalho de elaboração dentro de si mesmo, da quintessência (quinta-essência) (5), juntamente com iniciações nas Leis da Natureza (17) levam ao Adeptado, pois realizam a harmonia entre o microcosmo e o macrocosmo.

$$22 = 17 + 5.$$

Essa ordem da mesma decomposição assemelha-se um pouco ao naturalismo. Este, realizado em toda a sua plenitude, leva aos mesmos resultados da ordem precedente.

$$22 = 6 + 16.$$

Conhecer a existência dos dois caminhos e basear a escolha do certo (6) no conhecimento das leis da Queda (16), parece ser um método melhor para chegar ao Adeptado do que o da ordem inversa, ou seja:

$$22 = 16 + 6.$$

Em que a escolha do caminho certo (6) resulta da experiência das quedas (16) na vida presente e nas encarnações anteriores.

$$22 = 7 + 15.$$

A primazia do espírito sobre a forma (7) no campo estático, juntamente com o conhecimento dos processos dinâmicos (15) que, todavia ocupam o segundo lugar, levam ao Adeptado do Iluminismo.

$$22 = 15 + 7.$$

Uma personalidade que iniciou sua carreira pelo contato prático com o astral (15), e que, talvez durante provações difíceis haja caído muitas vezes, mas que por meio de autoanálise e com ajuda da Proteção Superior, chegou à Vitória (7). A respeito dessa pessoa pode ser dito que a Magia Negra levou-a à Magia Branca. O resultado final é o mesmo; porém, nesse caminho, a pessoa encontra, no começo, algumas satisfações pessoais, mas na fase final passa por terríveis sofrimentos e provações dolorosas sabendo que somente através de tremendos sacrifícios pode chegar à Luz.

$$22 = 8 + 14.$$

A legalidade (8), predominando sobre a moderação (14), — o “Fiat justitia, pereat mundus” — é o caminho do severo

Geburah, em relação a si mesmo e aos outros. É o caminho de Moisés.

$$22 = 14 + 8.$$

Aqui a moderação (14) nas manifestações domina a legalidade (8). É o caminho dos instrutores que, pouco a pouco e com cuidado, compensam as fraquezas em si mesmos e nos outros, se permitem um curto repouso; que admitem, fora das fases de progresso incontestável, períodos intermediários de um aperfeiçoamento humano relativo. Este é o caminho de bons Cristãos-Maçons; o caminho de Ashmole, de Willarmooz, do bondoso teurgo Claude de St. Martin.

$$22 = 9 + 13.$$

A iniciação (9) faz mudar de plano (13).

$$22 = 13 + 9.$$

A mudança de plano (13) leva à Iniciação (9). Essas duas fórmulas são compreensíveis a todos. A escolha entre as duas ordens nem sempre depende da nossa vontade.

$$22 = 10 + 12.$$

A atividade implacável do Moinho do Mundo (10) faz surgir em nós a idéia do Sacrifício (12).

$$22 = 12 + 10.$$

A aspiração ao sacrifício (12) numa alma que procura Deus Espírito Santo faz com que diante dela sejam revelados os mistérios dos Sistemas Fechados (10). Não importa se a Cabala (10) leva ao Sacrifício (12), ou o Sacrifício à Cabala, o resultado é o mesmo, isto é, o Adeptado.

$$22 = 11 + 11.$$

Confrontemos uma força (11) com outra força (11); a nossa e a alheia; a de uma Corrente com a de outra; a de uma convicção com a de outra convicção. Fazendo-o sempre e em relação a tudo, achar-nos-emos, sem perceber, na situação da figura que segura as duas varinhas (22). Contudo, na nossa "dança", não esqueçamos de apoiar-nos, pelo menos com um pé, sobre a Terra. Então a Serpente astral não mais será para nós um perigo e sim, formará, obedientemente, em nosso derredor, uma elipse regular.

Analisando profundamente a nossa vida, perceberemos o papel desempenhado na nossa evolução pelos quatro animais sagrados. Então não mais temeremos ficar desnudos, isto é, mostrar-nos tais como somos na realidade, pois nada teremos a ocultar.

Vamos supor que um profano nos pergunte quais as vantagens adquiridas graças ao domínio dos 22 Arcanos.

A literatura medieval da Escola Cabalística responde a essa questão enumerando, de modo enigmático, as 22 VANTAGENS DO MAGO SOBRE UM HOMEM COMUM. Procuraremos apresentá-las numa linguagem mais acessível.

1. VANTAGEM “ALEPH”: O MAGO VÊ DEUS FACE-A-FACE, ESTANDO AINDA EM VIDA E CONVERSA, DE MODO NATURAL, COM OS SETE GÊNIO PLANETARIOS.

Como compreender este texto? Ele significa que:

- no plano mental, apesar do contato perfeito com o Fluxo da Unicidade, o Iniciado conserva seu próprio tipo de alma, enquanto isso é possível. Entende-se sob a expressão “tipo de alma” o caráter mental da Mônada quer seja esta do tipo “Aleph”, isto é, uma alma anelante no campo metafísico, quer seja do tipo “Ghimel” — uma alma acolhedora que reúne e protege, ou ainda uma alma do tipo “Lamed”, ou seja, servidora, aspirando ao sacrifício.
- no plano astral, o mesmo Iniciado contemplando o todo-abrangente clichê Iod-He-Shin-Vau-He e transmitindo para baixo a atuação desse clichê, oferece-se a fim de manter até determinado tempo sua personalidade e permanecer sob as influências planetárias.
- no plano físico, o mesmo Iniciado, embora plenamente cômico do ilusório da vida terrestre, não destrói voluntariamente nem seu corpo, nem as condições em que este corpo se encontra.

2. VANTAGEM “BETH”: O MAGO PERMANECE ALÉM DE TODAS AS TRISTEZAS E DE TODOS OS TEMORES.

Isto quer dizer que:

- no plano mental, não se perturba com empecilhos de ordem metafísica ou lógica;
- no plano astral, não desanima pela separação de sua alma gêmea, nem pela lentidão com que progridem seus discípulos;

— no plano físico, não teme sofrimento e morte, nem para si, nem para outros.

3. VANTAGEM “GHIMEL”: O MAGO REINA JUNTAMENTE COM AS FORÇAS DO CÉU; O INFERNO O SERVE.

Isso significa que:

- no plano mental, participa no trabalho dos fluxos evolutivos, na qualidade de **Teurgo**;
- no plano astral é um **Mago**, no sentido estrito dessa palavra; conduz os turbilhões do Baphomet, desde o “céu” (as suas origens mentais) até o “inferno” (as coagulações astrais dos subplanos inferiores);
- no plano físico, ele é um **Iniciado-Maçom**, utilizando as fraquezas, cegueiras e outros “Shin” dos homens para encaminhá-los às virtudes.

4. VANTAGEM “DALETH”: O MAGO REGE SUA VIDA E SUA SAÚDE E, TAMBÉM, A VIDA E SAÚDE DE OUTROS.

Isso quer dizer que:

- no plano mental, rege os fluxos filosóficos da sua época;
- no plano astral, aperfeiçoa suas características planetárias e as de sua Corrente, influenciando as tendências evolutivas e a **arte de sua época**;
- no plano físico, pode utilizar seu magnetismo animal no curar-se a si mesmo e aos demais.

5. VANTAGEM “HE”: O DESTINO NÃO PODE TOMAR DE SURPRESA O ADEPTO, O INFORTÚNIO NÃO PODE ABALÁ-LO NEM OS INIMIGOS VENCÊ-LO.

Isto quer dizer que conhece:

- as reações das leis básicas da lógica (o destino metafísico);
- os paralogismos humanos (infortúnios metafísicos);
- os sofrimentos humanos (inimigos metafísicos).

Isto quer dizer também que ele conhece o karma de sua encarnação, as leis da evolução do seu próprio astral e os mistérios da contra-ação equivalente à ação. Isso quer dizer ainda que não teme as alternativas da existência no plano físico, e a destruição daquilo que sabe ser efêmero.

6. VANTAGEM “VAU”: O ADEPTO CONHECE O “RATIO” DO PASSADO, DO PRESENTE E DO FUTURO. Isto quer dizer que sua intuição, abarcando os três planos, possui

o conhecimento das causas, no plano metafísico, da Lei Gnóstica, no astral e da teoria de probabilidade, no plano físico.

7. VANTAGEM "ZAIN": O MAGNO CONHECE O MISTÉRIO DA RESSUSCITAÇÃO DOS MORTOS E POSSUI A CHAVE DA IMORTALIDADE. Isso quer dizer que, metafisicamente, ele pode viver a vida da Humanidade não decaída (ressuscitação), sem alterar as teorias enunciadas (chave da imortalidade); significa também que estabelece novas fórmulas astrais e clichês (baseados na composição elementar dos antigos) ressuscitando assim esses últimos, e fixa as formas astralmente criadas por sua Corrente; significa ainda que, apoiando-se na Tradição, ressuscita continuamente os elementos do simbolismo desta Tradição, realizados no plano físico, estabelecendo sólidos pontos de apoio operacionais do tipo de Fênix Imortal.

As sete vantagens do Mago enumeradas acima são chamadas "GRANDES" pelos Cabalistas. Em seguida, vêm sete vantagens "MÉDIAS".

1. VANTAGEM "CHETH": O ADEPTO DOMINA O MISTÉRIO DA PEDRA FILOSOFAL. Na nossa linguagem, isto significa que domina o Arcano XIX nos três campos do Ternário Teosófico.
2. VANTAGEM "TETH". O ADEPTO POSSUI O PODER DA TERAPÊUTICA UNIVERSAL. Isto quer dizer que tem a capacidade de crítica absoluta no plano mental, a capacidade de desfazer o enfeitiçamento no plano astral e a capacidade de curar pelo magnetismo no plano físico.
3. VANTAGEM "IOD": O ADEPTO REALIZA O "PERPETUUM MOBILE" E A QUADRATURA DO CÍRCULO, o que, na nossa linguagem, significa o poder de criar turbilhões bipolares e de fazer girar a Roda Elementar.
4. VANTAGEM "KAPH": O ADEPTO TRANSFORMA EM OURO NÃO APENAS OS METAIS MAS TAMBÉM QUALQUER REFUGO. Isto quer dizer que, em metafísica, à Verdade Absoluta conduzem-no não apenas as verdades relativas, mas também os erros alheios; que, no plano astral, pode não apenas rematar as formas incompletas, mas tem também o poder de utilizar as erradamente refletidas; que, na atividade Maçônica, ele não apenas termina o correta-

mente iniciado, mas tem também o poder de utilizar o erroneamente começado. Essa tese envolve um sentido literal no campo da alquimia.

5. VANTAGEM "LAMED": O MAGO TEM PODER SOBRE OS ANIMAIS. Além do sentido literal, isso refere-se também ao domínio sobre os elementais, ao poder de expulsar as larvas, etc.
6. VANTAGEM "MEM": O ADEPTO DOMINA A ARTE DO NOTARIKON QUE LHE REVELA TODOS OS MISTÉRIOS. Em outras palavras, domina a Cabala.
7. VANTAGEM "NUN": O ADEPTO POSSUI O DOM DE FALAR COM SABEDORIA E CONVICÇÃO SOBRE TODOS OS TEMAS, SEM PREPARAÇÃO. É uma alusão direta àquilo que Lulle chama "Ars Magna" (Ver no Arcano X a multiplicação dos Arcanos, etc.).

As vantagens a seguir chamam-se "PEQUENAS". São elas:

1. VANTAGEM "SAMECH": O MAGO AVALIA UM SER HUMANO À PRIMEIRA VISTA (intuição, adivinhação).
2. VANTAGEM "AIN": O MAGO POSSUI PODER SOBRE A NATUREZA (Magia Cerimonial e ciências naturais).
3. VANTAGEM "PHE": O MAGO PREVÊ OS ACONTECIMENTOS QUE DEPENDEM DO DESTINO.
4. VANTAGEM "TZADE": O MAGO PODE CONSOLAR A TODOS E A RESPEITO DE TUDO, ASSIM COMO DAR BONS CONSELHOS EM TODOS OS CASOS NA VIDA.
5. VANTAGEM "CUPH": O MAGO TEM A CAPACIDADE DE SUPERAR TODAS AS DIFICULDADES.
6. VANTAGEM "RESH": O MAGO CONTROLA EM SI O AMOR E A IRA.
7. VANTAGEM "SHIN": O MAGO CONHECE O MISTÉRIO DA RIQUEZA; SABE SER SEU SENHOR, NUNCA É SEU ESCRAVO. PODE MESMO ESCOLHER A POBREZA SEM JAMAIS CAIR NA INSIGNIFICÂNCIA.

Existem tentativas, provindas de círculos externos aos Cabalistas, de resumir todas as citadas vantagens do Adepto, na seguinte vantagem "Thau", do Arcano XXII.

VANTAGEM "THAU". O MAGO IMPRESSIONA TODOS OS PROFANOS POR SEU PODER DE DOMINAR OS ELEMENTOS, CURAR DOENTES, RESSUSCITAR MORTOS, ETC.

Com isso concluímos nosso curso enciclopédico. Para uns, ele apenas permitiu tomar conhecimento do conteúdo e da metodologia de diversos ramos tradicionais da sabedoria, os quais por longo tempo atraíram o interesse da Humanidade. Outras pessoas tentarão, talvez, introduzir na sua vida algo do aprendido, sem mudar, todavia, o seu rumo básico. É possível que haja também algumas que darão um novo caráter ao seu trabalho e à sua vida, introduzindo modificações aparentemente incômodas mas que desenvolvem a força de vontade e a capacidade de aprofundar o material iniciático, além de ajudarem na transformação interna.

Este terceiro grupo compreenderá que tudo apresentado neste curso pode servir apenas de alfabeto, necessário para aprender o idioma cuja literatura é tão rica e vasta a ponto de seu estudo exigir não somente uma, mas várias encarnações.

ANEXO

O Arcano XXII fecha o ciclo, transformando-se num "Aleph" do ciclo superior e formando assim uma voluta da espiral. A espiral caracteriza, em geral, todo movimento evolutivo. A experiência de cada Arcano, vivida de novo, pode parecer uma repetição; no entanto é diferente, pois vivida num nível superior ou em um outro aspecto.

Nas Escolas Iniciáticas, o estudo dos Arcanos se faz em grupos separados, isto é, o ensinamento é dado de acordo com o grau evolutivo dos alunos. Na medida do desenvolvimento dos mesmos, o estudo é retomado, cada vez num aspecto mais profundo e mais esotérico. As Escolas Iniciáticas fechadas praticam, em geral, um tríplice estudo de cada Arcano.

O texto do livro presente corresponde aos estudos básicos, gerais.

Permitimo-nos acrescentar a dois Arcanos — o XIV e o XXI — algumas palavras, ditas em outros círculos: Ao Arcano XIV — muito breve no livro presente — para delinear seu papel com um pouco mais de clareza; ao Arcano XXI, a fim de permitir ao leitor entrever e meditar quanto aos aspectos desse Arcano, diferentes do interpretado no livro.

COMPLEMENTO AO ARCANO XIV.

A energia pode tomar a forma de matéria e esta, de novo, transformar-se em energia. São processos reversíveis da passagem do sutil ao denso e vice-versa, representados na lâmina pelo fluxo que passa da jarra de ouro para a de prata e, novamente, retorna à de ouro. Algo de análogo acontece com o ser humano. Neste sentido, o Arcano XIV pode ser considerado como continuação do XIII, pois os estados sutis e densos — desencarnados e encarnados — seguem-se na existência do ser humano, até este alcançar a Reintegração.

O estudo mais aprofundado do Arcano XIV abrange o ensinamento referente à Mônada, ao androginato, aos três tipos básicos de almas e, finalmente, à diferenciação septenária, planetária. Desta última dependem as características da personalidade encarnada isto é, do pentagrama imerso na matéria. Por causa disto, o Arcano XIV é, amiúde, chamado

Arcano da personalidade. Constitui um reflexo do Arcano V. Seu valor numérico (14 > 5) e sua correspondência à letra hebraica Nun (valor 50) o confirmam.

O título do Arcano no plano do Homem — “Harmonia mixtorum” — indica sua ação harmonizadora, tanto nas coletividades — pela integração e completamento mútuo de seus membros — como na personalidade humana que, também, é um conjunto de diversos componentes. A plenitude da personalidade adquire-se pela multiplicação e polimento de todas as suas facetas, pela transmutação de seus atributos planetários inferiores em superiores e pelo desenvolvimento do androginato interno, por meio de cultivo das qualidades da polaridade oposta de cada planeta, especialmente do dominante. A harmonização abrange os três planos: o mental, o astral e o físico. Somente a realização de uma síntese completa e perfeita permite à personalidade ultrapassar o seu próprio plano — o da personalidade — e alcançar o da individualidade imortal.

Existe ainda um outro aspecto do Arcano XIV, puramente místico, no qual a jarra de prata simboliza a alma humana, recebendo o fluxo divino da jarra de ouro.

COMPLEMENTO AO ARCANO XXI

Um dos aspectos importantes deste Arcano é o problema do real e do ilusório, da aparência muitas vezes enganosa sob a qual pode se manifestar tanto o real quanto o ilusório e, também, da relatividade dos dois, em dependência do ponto de vista do qual estejam sendo percebidos.

Para cada ser humano, o conceito do “real” e do “ilusório” depende do plano no qual se encontre o centro de sua consciência.

Os três títulos do Arcano — “Radiatio”, “Signum” e “Materia” correspondem aos três graus de densificação da Substância Única, desde sua Fonte até o estado denso. O plano intermediário — o dos símbolos ou o astral — é, às vezes, chamado de “espelho universal”, pois nele se refletem as emanções superiores (“Radiatio”) e forma-se tudo (“Signum”) que se manifestará no plano denso (“Materia”). Todavia, descendo, a Realidade perde uma parte de sua força e de sua pureza, e essa perda será tanto maior quanto mais baixo for o plano de sua manifestação.

O símbolo é mais real do que sua manifestação densa, pois existe no plano astral antes de aparecer no físico e existirá ainda no astral após o desaparecimento de sua manifestação no plano físico. A forma astral é a condição “sine

qua non” de qualquer aparecimento no plano físico e, portanto, é mais real do que a forma densa. Daí podemos deduzir que, quanto mais baixo for o plano da manifestação, mais efêmera será a mesma.

Importa muito compreender que o conceito do “real” e do “ilusório” tem um sentido apenas na confrontação dos diversos planos. É um conceito relativo e não absoluto. Ele muda progressivamente, na medida da subida ou da descida na escada de Jacó.

Naturalmente, o mundo divino, sendo o mais elevado, é absolutamente real; no entanto, cada plano, visto dentro de seus próprios limites, parece ser o único real.

Essa “realidade” deve ser levada em consideração enquanto vivermos num determinado plano, sem esquecer, todavia, seu caráter efêmero comparativamente aos planos superiores.

Não são as circunstâncias da vida terrestre que podem influir negativamente na alma, mas a importância que a mesma pode lhes atribuir, considerando-as como a única realidade. Em tal caso, a graduação torna-se invertida, e são os planos superiores que parecem ser ilusórios. Em tais condições, todo o esforço da vida é dirigido para a aquisição dos valores terrestres. Entre estes, ocupam o primeiro lugar os bens materiais e o sexo inferior. O aspecto ligeiramente mais sutil dos valores terrestres é o desejo da fama, do êxito social e, também, da felicidade familiar. Na medida em que o homem evolui, suas metas tornam-se mais elevadas. Contudo, enquanto a busca não for dirigida ao plano do Eu Superior, sempre haverá nela algo de ilusório.

Quanto mais alguém se aprofunda no estudo do Arcano XXI, tanto mais aspectos descobrirá, totalmente novos e inesperados.

A lâmina apresenta apenas um aspecto negativo do Arcano XXI; no entanto, mesmo nessa apresentação podemos discernir, também, duas facetas: “a real” e “a ilusória”.

A Humanidade comum verá um “bobo” ou “louco” que, seguindo algo de ilusório, cava sua perdição. Isto é o “real” para a sociedade humana. Para o “bobo”, subjetivamente, o real é diametralmente oposto. Ele não mais dá valor ao que os homens, em geral, tanto apreciam, pois percebe algo de “real”, invisível a outros. Avança resolutamente e nem o precipício, nem o monstro podem detê-lo ou fazê-lo recuar. Talvez para ele não haja outro caminho na aproximação do seu “real”, e ele está pronto a tudo arriscar e, se for preciso, tudo sacrificar. Medite-se um pouco quanto as palavras do Evangelho: “Quem quiser conservar a sua vida (ou sua “alma”,

em certos Evangelhos) perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida (ou a “alma”) por Minha causa, achá-la-á.”

É possível, também, que o “precipício” e o “monstro” não mais tenham poder sobre o peregrino, caso este já saiba serem eles apenas ilusórios.

O “bobo” não se preocupa com sua própria aparência, não se incomoda em ser considerado bobo, não rejeita a carapuça, mesmo que fosse fácil fazê-lo. As suas posses são ínfimas em quantidade e em valor. Seu ambiente, seus amigos e a opinião pública o criticam acerbamente — é o cão que o ataca — julgando segundo sua própria medida. Para os mesmos, ele não possui juízo, pois não procura “viver bem”. O peregrino, se quisesse, poderia defender-se e mesmo castigá-los; tem meio para fazê-lo, possui um bastão — o poder — mas não quer utilizá-lo para esse fim. Tal é a sua vontade.

O “real” da humanidade comum é desprezível e “ilusório” para o peregrino. O “real”, subjetivo, do peregrino é inconcebível e ignorado pela humanidade que, na conduta do mesmo, vê somente loucura.

Acrescentamos ainda que o ensinamento oriental concernente a “Maia” do mundo físico pertence totalmente ao campo do Arcano XXI. O Hermetismo ressalta, contudo, a diferença entre o conceito da “natureza ilusória” do mundo físico e a “inexistência” desse mundo, considerando o último conceito como sendo uma deformação da Verdade, podendo conduzir ao desprezo da vida e à negação do valor de qualquer trabalho no mundo físico.